Hermann

Broch

A MORTE DE VIRGÍLIO



Benvirá

Hermman Broch

A Morte de Virgílio

Tradução de
Herbert Caro

Digitalização de
Luis Felipe

Nova Fronteira
1982

Títilo original:
DER TOD DES VERGIL

© 1958 by Rhein Verlag, Zurique

Todos os direitos reservados pela
Suhrkamp Verlag, Fankfurt em Main

Capa
Edição Benvirá, 2013
(Editora Saraiva)

Brock, Hermann.
A Morte de Virgílio/Hermann Broch; tradução de Herbert Caro. — Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982

(Coleção Grandes Romances)

ENTRADA NO ALUMBRAMENTO

A singularidade do romance alemão, que o distingue de toda a arte romanesca ocidental, inclusive da russa, apresenta duas faces. A primeira é a do romance de formação (Bildungsroman), gênero fundado por Goethe com o Wilhelm Meisters Lehrjahre *(*Os Anos de Aprendizagem de Wilhelm Meister*). Esta espécie de romance-paidéia alcançou o seu punto oro no* Der gruene Heinrich (O Verde Henrique)*, de Gottfried Keller e, modernamente, no* Glasperlenspiel (O Jogo de Vidrilhos), *de Hermann Hesse. A outra face é a do super-romance (Usberroman, como o classifica Ernest Robert Curtius). Criou-o Thomas Mann, com* Der Zaubergerg (A Montanha Mágica)*, ele próprio o elevou às alturas supremas com o* Doktor Faustus*. O super-romance não se confunde com o roman-fleuve dos franceses - o romance de Proust, Romain Rolland, Roger Martin du Gard, Jules Romains. Em lugar da extensão, típica do romance-rio o super-romance caracteriza-se precisamente pelo oposto da distensão. A sua marca é a concentração, a condensação, o encapsulamento. Ele centraliza, não dispersa. Compacta, não se realiza por cornubação: cresce por saturação. Os super-romances são súmulas civilizatórias, sínteses enciclopédicas de um determinado tempo social e humano, nas quais o grande personagem é a cultura (cultura tanto no sentido humanístico do termo, quanto no sentido etno-antropológico). A cultura de uma época, de uma sociedade, eis a sua matéria.*

Depois de Thomas Mann nos ter dado os dois maiores exemplares desse romance comandado por uma espécie de verticalismo gótico, esse tipo de romance que inventaria civilizações, esse polirromance, esse romance coral encontrou os seus maiores cultores entre os autores austríacos: em Robert Musil, com Der Mann ohne Eingenschaftem *(*O Homem sem Qualidades*), visão enciclopédica da vida social, econômica, política e cultural de Viena e da Áustria por volta de 1910; em Elias Canetti, com* Die Blendung (Auto-de-fé)*, panorama da Viena do fim da Monarquia Dual, período em que a impotência do humanismo abstrato se mostrou em toda a sua nudez; em Heimito von Doderer que, em três romances independentes,* Strudelhofstiese *(nome intraduzível, por ser a designação de um trevo, de um cruzamento de ruas em Viena),* Die Daemonen (Os Demônios) *e* Die Wasserfaelle von Sunj (A Cachoeira de Sunj) *, nos dá um cosmorama da capital vienense e da antiga Áustria entre*

1910/1930. Ao lado desses austríacos há ainda a assinalar Frank Thiess - em Die Verdammten (Os Condenados) *oferece-nos o amplo mural de sua terra báltica, a Letônia, entre o czarismo e o bolchevismo.*

Ora bem, voltemos aos austríacos. Entre Musil, Doderer e Canetti, há um romancista tão grande quanto eles: precisamente o autor de Der Tod des Vergil.

Hermann Broch (Viena, 1886 - New Haven, 1951) em seu romance de estréia Die Schlafwander (Os Sonâmbulos)*, editado pela primeira vez em Zurique, pela Rhein Verlag, em 1932, apesar.da influência que nele se pode detectar de Musil, distanciou-se do super-romance, procedendo de forma contrária à de Thomas Mann, Doderer, Canetti e Musil. Ele preferiu a técnica da descentralização romanesca, da horizontalização do romance, em lugar da verticalização. Recorreu ao recurso da trilogia, adotado por Wassermann que, no ciclo Maurizius, nos dá o painel da Alemanha wilhelminiana e da Alemanha da República de Weimar; de Doeblin que, em* November 1918*, surge como o muralista da Revolução espatarquista; de Heinrich Mann que, no trio comandado por* Der Untertan (O Súdito), *retoma o tema da insurreição espartaquista, mas para focalizá-lo sob o ângulo da perseguição ao proletariado e ao socialismo alemães. Esse recurso cíclico o próprio Thomas Mann usou, na tetralogia de José. Também ao contrário do que ocorre com Musil, Doderer e Canetti, não é a Áustria que fornece a matéria-prima ficcional com a qual foi elaborada* Os Sonâmbulos*, mas a Alemanha. A trilogia de Broch, composta de* Pasenow oder die Romantik, Esch oder die Anarquie *e* Huguenau oder der Realismus*, é um panorama da sociedade germânica entre 1888 e 1918 - uma radiografia monumental da vida prussiana, particularmente da Berlim imperial. A ação do primeiro romance da trilogia, Broch a situou no mesmo período em que Dostoievski alojou a ação de* Os Possessos*. E no livro de Broch aparece o problema da possessão demoníaca representado pela paixão do jovem tenente Pasenow por Ruzena, uma prostituta tcheca, que o leva a descobrir o lado irracional da alma humana. Esse problema da irracionalidade volta no segundo volume da trilogia, visto através das relações de Esch, um pequeno-burguês, com uma jovem de origem húngara, Iolana. A carga irracionalista atravessa o volume que completa o ciclo – e aqui insinua-se a grande meditação que atingirá o seu cume em* A Morte de Virgílio*. Mas não o anuncia apenas do ponto de vista temático. Também do ângulo técnico. Em*

Huguenau oder der Realismus *já nos defrontamos com a desintegração da arquitetura romanesca. A derrocada dos valores é, em Huguenau, simétrica ao desabamento arquitetônico do romance, como construção narrativa clássica.*

Em 1933 Broch publica uma pequena novela - Die Umbekannte Groosse (A Grandeza Desconhecida*) - que é de capital importância para a compreensão de sua obra. É a estória de Richard Hieck, um cientista, um matemático, como o próprio Broch o fora, que descobre o amor e, ao descobri-lo, descobre simultaneamente que o mundo não é apenas racional – que, por trás do seu irracionalismo, há um hiper-racionalismo, que as ciências físicas e matemáticas, o saber exato, não alcançam. Esse hiper-racionalismo é, na verdade, a dimensão mística – e Broch foi um místico que ignorou essa condição.* A Grandeza Desconhecida *ajuda mais do que* Os Sonâmbulos *a compreensão da grande temática de Broch: o conflito em que ele se consumiu, na busca de conciliar irreconciliáveis.*

Esta procura do absoluto percorre toda a sua obra de ficção.

Ela volta a enformar Die Schuldlosen (Os Inocentes)*, publicado em 1950, no qual o romancista prolonga o painel de* Os Sonâmbulos*, levando-o à fixação da vida alemã até 1933. E em* Der Versucher (O Tentador)*, editado em 1951, em que se enlaçam poesia e metafísica. Saliente-se que* Os Inocentes *não é um romance, mas uma coleção de onze narrativas camponesas, dentre as quais a centralizada em* Zerline**.** *Hannah Arendt considera a mais bela estória de amor de toda a literatura alemã. Decerto ela seria a mais bela estória de amor da literatura germânica, se não existisse, precedendo-a,* Die Novellen um Claudia (Os Romances em Torno de Cláudia)*, de Arnold Zweig, publicado em 1912.*

Em 1938, quando os nazistas ocuparam a Áustria, Broch caiu nas garras da Gestapo. É preso em Altausse. Seus amigos mobilizam-se e conseguem libertá-lo. Nesse mesmo ano ele se exila na Inglaterra, onde chega na mais absoluta indigência. É ali que, sob o impacto da experiência do cárcere, começa a escrever o seu grande livro, que concluiria nos Estados Unidos. Esse livro é: Der Tod des Vergil. Foi publicado, pela primeira vez, em New York (The Death of Virgil)*, pela Pantheon Books, na tradução de Jean Starr Untermeyer, em 1945. A Sra. Untermeyer trabalhou quase cinco anos nessa tradução, auxiliada pelo próprio Hermann Broch. A edição alemã de* A Morte de Virgílio *só apareceu dois anos depois*

(1947), na Suíça, lançada pela sua antiga editora: a Rhein Verlag, de Zurique.

Esta - A Morte de Virgílio - *é a sua obra-prima, livro consignado à absoluta beleza. Não é o super-romance, de Thomas Mann, Robert Musil ou Heimito von Doderer ou ainda de Elias Canetti. Nem o romance cíclico, do tipo de* Os Sonâmbulos*. Nem o romance-ensaio, espécie de enciclopédia novelada, que engloba todas as formas ficcionais, inclusive as manifestações extraliterárias. Tampouco é um romance alegórico-metafísico, nos moldes de Franz Kafka. Pertence a um gênero que nasceu com Broch e que até agora não teve sucessor: o romance-poema, o qual se distingue do romance poético tradicional. Este poetisa as coisas, defraudando, não raro, a substância das próprias coisas, sejam elas objetos ou relações humanas. Em* A Morte de Virgílio*, Broch constrói o romance poematicamente, emprestando-lhe as leis tectônicas do grande canto lírico. Mas um canto lírico que é capaz de arrebanhar fronteiras, transpor limites, transformar o pátio de forças da realidade num recanto de mistério, e não num sítio de problemas.*

Ou, melhor dizendo: Broch lida com metaproblemas, ao fazer jorrar sobre a aporia insolúvel de questões como a morte, a eternidade e a personalidade (a pessoa humana), inaudita luz, na tentativa de arrancar tais questões da condição de enigmas. Em A Morte de Virgílio *vemos a vida comum acontecendo, mas num clima de delírio, projetada numa região que é um arsenal de símbolos, um repertório de signos, que a tudo impõe o dever de espanto e da pergunta – aquele assombro que está, segundo a preclara lição grega, na raiz do ato filosófico. O livro narra as últimas dezoito horas de Virgílio – desde sua chegada ao porto de Brundísio, no Adriático, vindo de Atenas, em cujas claridades fora procurar os nutrientes espirituais que lhe permitissem concluir a* Eneida*, até o instante de sua morte, às primeiras horas da tarde seguinte, no palácio de Augusto.* A Morte de Virgílio *é o enfrentamento do poeta com a sua vida, a própria vida e a vida do seu tempo: um tempo que também está morrendo, mas que já traz no seu bojo as luzes indecisas de uma nova época. Como toda vida humana está vinculada à sua circunstância histórica, da confrontação de Virgílio consigo mesmo resulta um estupendo diálogo do poeta com todas as correntes intelectuais que deram vida ao Império Romano, no século que precede o nascimento de Cristo, correntes que fizeram de Virgílio o precursor do cristianismo.*

Vate, aquele que vaticina. Na Roma antiga assim eram chamados os poetas, e Broch segue esta tradição, quando dá a Virgílio o estatuto de profeta. Vater des Abenlandes, "pai do Ocidente", assim chamou Theodor Haecher a Virgílio, e é assim que o trata Hermann Broch. É consabido que, desde a Idade Média, a IV Écogla *é considerada como o anúncio da vinda de Jesus - nela Virgílio celebra o nascimento de uma criança que viria dar uma nova ordem e uma nova beleza ao mundo. A antevisão da* IV Écogla *obriga a que se inclua Virgílio entre os grandes utopistas do Ocidente - Morus, Campanella, Bacon - aos quais inclusive precedeu, com o seu sonho de uma Astas Aurea para a humanidade. Esta imagem, da Idade de Ouro, está nas* Bucólicas*, utopia lírica; nas* Geórgicas*, utopia social; e na* Eneida*, utopia humanística. Em Enéias, Virgílio plasma um novo modelo de herói: o herói ético. Na perspectiva da* Eneida *o herói celebrável não é, como em Homero, o das armas, mas o da força moral.*

É em A Morte de Virgílio *que Broch se projeta por inteiro.*

Seus biógrafos informam que, no seu exílio, Broch não cuidava de si, mas dos outros. Tal como Enéias, que não teve direito de viver para si, mas para o serviço dos seus semelhantes. Broch carregou o destino de Enéias que, merecendo a vitória, foi derrotado pelo destino. Esta palavra estranha - Destino - percorre todo o livro de Broch. Na epopéia virgiliana Enéias é uma configuração do menino celebrado na IV Écogla*, como* A Morte de Virgílio *é uma metáfora dos ideais de Broch - ele também foi um utopista.*

Hannah Arendt, no magistral ensaio que escreveu sobre Broch, diz que a tragédia central de sua vida foi sua luta para não ser poeta. Neste sentido, A Morte de Virgílio *é uma grande capitulação. Nele, Hermann Broch rende-se à poesia. A poesia que ele transforma em cosmogonia, cosmologia e humanologia. O tcheco Erich Kahler, numa passagem de* The Tower and the Abyss*, diz que Broch em* A Morte de Virgílio *mostra como o poeta romano, ao morrer, renegou a sua arte porque o culto da beleza e da perfeição artística o impediu de cumprir a missão humana básica: o humilde serviço de seus semelhantes. O canto de Broch celebra esse gesto, motivo pelo qual* A Morte de Virgílio *assume a dimensão de testamento espiritual.*

No livro de Broch, esse testamento reveste-se da forma monológica: A Morte de Virgílio *é um gigantesco monólogo, construído à base do fluxo da consciência. Por ter-se utilizado desta técnica, a crítica*

internacional - exceção de Guenter Bloeker - insiste em comparar Hermann Broch com James Joyce. A comparação é absurda, exceção feita à grandeza de Ulysses *à de* A Morte de Virgílio*. A comparação é absurda, mas do ponto de vista técnico: a estruturação do monólogo interior, nos dois romances, é totalmente diferente uma da outra. Em Joyce, o monólogo interior é uma justaposição e uma contraposição pontilhista de fragmentos da consciência; em Broch, ele irrompe como um comentário lírico - comentário, no preciso sentido musical do termo: no seu texto a poesia contraponteia com a poesia. Esse contraponto exigiu, inclusive, de Broch, o uso da intertextualidade, como a absorção, no corpo fremente de seu poema, de tópicos das* Geórgicas*, das* Bucólicas *e da* Eneida*, numa interação que permite apresentar a consciência de Virgílio em estado de criação contínua, em perpétua ação criativa. "Um poeta é um homem que possui a dádiva de dominar a sua loucura e guiá-la", diz Broch, numa passagem do seu poema sobre Virgílio.*

É essa possessão órfica, elevada ao mais intenso grau lírico, que vai levar agora, através de A Morte de Virgílio*, o leitor brasileiro ao pórtico do alumbramento.*

FRANKLIN DE OLIVEIRA

IN MEMORIAM STEPHEN HUDSON

...fugitivo pelo destino...
VIRGÍLIO: ENEIDA 1,2

..."Permite, ó pai, permite
que eu aperte tua mão direita,
e não te esquives do meu abraço".
Enquanto assim falava, regava o rosto
com copiosas lágrimas.
Três vezes tentou ali cingir o pescoço (do pai)
com os braços, três vezes a imagem
em vão agarrada fugiu-lhe das mãos,
igual aos leves ventos
e mui semelhantes ao sono volúvel.
VIRGÍLIO: ENEIDA VI, 697-702

Meu guia e eu entramos nesta vereda oculta,
a fim de retornarmos ao luminoso mundo,
e sem pensarmos em nenhum repouso, subimos,
ele primeiro e eu em seguida, até que eu visse,
através de uma abertura redonda,
as belas coisas que o céu nos mostra.
De lá saímos para rever as estrelas.
DANTE: A DIVINA COMÉDIA,
INFERNO XXXIV, 133-139

A Morte de Virgílio

I

Água - A chegada

Azuladas, leves, movidas por uma branda, quase imperceptível brisa contrária, as ondas do Adriático haviam fluído ao encontro da armada imperial, quando esta, à esquerda das baixas colinas da costa calabresa, que aos poucos se avizinhavam, dirigia-se ao porto de Brundísio, e neste momento em que a solidão do mar, ensolarada e todavia prenunciadora de morte, convertia-se na plácida alegria de atividades humanas, neste momento em que as águas suavemente abrilhantadas pela proximidade de existências e moradas dos homens povoavam-se de navios de toda espécie, alguns que, tal e qual a frota, buscavam o porto e outros que dele acabavam de sair, neste momento em que os barcos pescadores de velas pardas já abandonavam em toda a parte os protetores molhezinhos de um sem-número de aldeias e lugarejos, ao longo da beira irrigada de branca espuma, a fim de se encaminharem ao apanho noturno, o mar tornara-se liso, quase como um espelho. Acima dele abria-se, madreperolada, a concha do céu. Anoitecia, e notava-se o cheiro dos fogos de lenha das lareiras, cada vez que os sons da vida, marteladas ou um grito, chegavam dali, trazidos pela aragem.

Das sete naus acasteladas, que se seguiam em linha desenvolvida, somente a primeira e a última, ambas delgadas penteras providas de esporões, faziam parte da frota de guerra. As cinco outras, mais lerdas e mais imponentes, com dez ou doze fileiras de remos, ostentavam o suntuoso feitio que correspondia ao estilo da corte do Augusto. Na do meio que era a mais pomposa, com o esplendor dourado da proa blindada de bronze, com o brilho jalde das cabeças de leões aplicadas sob a amurada, e que nas fauces carregavam argolas, e com as flâmulas coloridas da enxárcia, erguia-se, solene e grandiosa, abaixo das velas purpúreas, a barraca do César.

Porém, na nave que a seguia imediatamente, encontrava-se o autor da Eneida e o signo da Morte achava-se traçado em sua fronte.

Vítima de enjôos, mantido em contínua tensão pela constante iminência deles, não ousara mexer-se o dia inteiro; mas, embora preso ao leito que haviam montado para ele no centro do convés, o poeta sentia a si mesmo ou melhor a seu corpo, a sua vida corpórea, que havia muitos anos mal e mal conseguira reconhecer como sua própria, sentia-os como uma única reminiscência tateante, evocadora da relaxação que subitamente o percorrera, quando tinham alcançado a zona costeira, mais calmosa, e esse cansaço fluente, sereno e. serenizante talvez se tivesse convertido numa felicidade virtualmente completa, não houvessem aparecido mais uma vez,

apesar do efeito saudável dos revigorantes ares marinhos, a tosse penosa, a prostração causada pela febre de todas as noites, e a angústia que sempre o acossava ao entardecer. Assim jazia ele ali, ele, o autor da Eneida, ele, Públio Virgílio Marão, jazia ali num estado de diminuída consciência, quase que envergonhado do seu desamparo, quase que furioso em face de tal destino, cravando os olhos na redondez madreperolada da redoma celeste. Por que, por que cedera à insistência do Augusto? Por que, por que saíra de Atenas? Com isso, extinguira-se a esperança de que o céu plácido, sagrado de Homero pudesse secundar e favorecer a conclusão da Eneida; extinguira-se qualquer esperança na imensidão de coisas novas, que em seguida deveriam ter começado, a esperança numa vida distanciada das Artes, liberta da Poesia, entregue à Filosofia e à Ciência; na cidade de Platão; extinguira-se a esperança no milagre do conhecimento e na cura pelo conhecimento. Por que renunciara a isso? Espontaneamente? Não! Houvera algo como uma ordem das irresistíveis forças da vida, daquelas forças imperiosas do destino, que jamais desaparecem totalmente, .ainda que temporariamente submerjam em esferas subterrâneas, invisíveis, insondáveis, continuando mesmo assim presentes, intatas, como uma ameaça inescrutável de poderes aos quais jamais logramos subtrair-nos e sempre devemos render-nos; era o destino. O poeta deixara impelir-se pelo destino, e o destino impelia-o em direção ao fim. Não fora este sempre o seu modo de viver? Vivera ele diferentemente em qualquer época? A madreperolada redoma do céu, o mar primaveril, o canto dos montes, e aquilo que dolorosamente cantava em seu próprio peito, o som da flauta do deus - será que isso em algum instante significara para ele outra coisa que não uma ocorrência, que, igual a um receptáculo das esferas, em breve o acolheria, para levá-lo ao infinito? De origem, ele era camponês, um homem que adora a paz da existência terrena, ao qual teria sido adequada uma vida singela, sólida, na coletividade rural, e que todavia, em virtude de uma sina superior, não pôde permanecer em sua terra, que jamais o largou. Tal sina enxotara-o, para fora daquela coletividade, adentro da mais nua, da mais maligna, da mais selvagem solidão do formigueiro humano; expulsando-o do ambiente simples das suas origens, empurrara-o ao longe, rumo a uma sempre crescente multiplicidade, e se assim algo se ampliara ou aumentara, apenas se tratava da distância que o separava da vida verdadeira, pois, na verdade, unicamente a lonjura tornara-se maior. Ele caminhara apenas à beira de seus campos, vivera tão-somente à beira da sua vida;

transformara-se num ser irrequieto, fugindo da morte, buscando a morte, buscando a obra, fugindo da obra, amoroso e todavia acossado, errante através das paixões íntimas e externas, só temporariamente alojado em sua vida. E hoje, quase ao fim de suas forças, ao fim de sua fuga, ao fim de suas buscas, após ter terminado a luta e se ter aprontado para a despedida, após ter alcançado a prontidão por meio da luta, quando estava prestes a aceitar a derradeira solidão e a iniciar o retorno íntimo que o conduzisse a ela, o destino com seus poderes mais uma vez se apossara dele; mais uma vez lhe vedara a singeleza e as origens :e o imo; novamente afastara dele o regresso; encurvando o caminho, convertera-o no da multiplicidade externa; forçara-o a voltar ao mal que lhe ensombreara toda a vida. Sim, parecia que o destino lhe deixava apenas uma única solução simples, a simplicidade da morte. Acima do poeta, as vergas rangiam no cordame. Entrementes ouviam-se abafados estrondos vindos das velas. Ele escutava o roçar das escumas da esteira e o jato prateado, que se punha a jorrar, cada vez que se levantavam os remos; escutava como estes guinchavam pesadamente nos toletes. Sentia como o navio dava saltos suaves, regulares ao compasso das centenas de remos. Via como a orla marítima agaloada de branco deslizava a seu lado, e pensava nos corpos de escravos silenciosos, acorrentados nos fundos fedorentos, sufocantes, do casco atroador. No mesmo compasso espasmódico, surdos estrugidos, acompanhados de golfadas argênteas, ressoavam dos dois navios vizinhos, do mais próximo e do que o seguia, semelhantes a um eco, que repercutia em todos os mares e ao qual vinham respostas de todos os mares. Pois, em toda a parte, as embarcações avançavam desta maneira, carregadas de homens, carregadas de armas, carregadas de trigo e outros cereais, carregadas de mármore, azeite, vinho e especiarias, carregadas de seda, carregadas de escravos. Em todo o mundo, havia a navegação, a permutar e comerciar, um dos piores vícios entre os muitos que assolam a terra. É bem verdade que, no caso em apreço, não eram transportadas mercadorias e sim comilões, o pessoal da corte. Toda a metade traseira da nave, até à popa, ficara requisitada para a sua alimentação; desde a madrugada ressoavam dali ruídos provenientes do ato de comer, e ainda cercava uma multidão de vorazes o refeitório, aguardando que esvaziasse um lugar num triclínio, preparados para se atirarem nele, na disputa com rivais, ávidos de recostar-se finalmente, a fim de iniciarem por sua vez a comezaina ou de terem ensejo para recomeçá-la. Os taifeiros, rapazes lestos, ajanotados, entre os quais se via bom número de bonitões,

andavam a esta hora suados e exaustos, não conseguiam resfolegar, e seu sempre sorridente chefe, com a mirada fria nas comissuras dos olhos e com as mãos cortesmente abertas na expectativa de uma gorjeta, fazia-os correrem de cá para lá. E ele mesmo precipitava-se do convés para baixo e novamente para cima, já que, além do movimento do festim, era preciso atender com a mesma solicitude aqueles que, por milagre, já pareciam satisfeitos e a essa altura divertiam-se de outra maneira, alguns perambulando, mãos postas sobre a barriga ou atrás das nádegas, outros, porém, discutindo com exaltados gestos, ao passo que vários cochilavam ou roncavam em suas espreguiçadeiras, o rosto coberto pela toga, e ainda outros estavam sentados ao redor de um tabuleiro; toda essa gente requeria incessantes cuidados e atenções, exigia petiscos que, ao longo dos conveses, eram servidos em grandes bandejas de prata e continuamente oferecidos, em consideração de uma fome que a qualquer instante pudesse manifestar-se novamente, em consideração também daquela gula, cuja expressão ficava gravada, inapagável e inequivocamente, nas fisionomias de todos eles, tanto dos obesos como dos macilentos, dos lentos e dos ágeis, dos caminhantes e dos sentados, dos despertos e dos dorminhocos; expressão essa que às vezes parecia lavrada a cinzel, às vezes modelada, podendo ser dura ou branda, mais maldosa ou mais bonachona, semelhante à de lobos, raposas, gatos, papagaios, cavalos ou tubarões, mas sempre concentrada em algum gozo medonho, que tinha seu fim em si, sempre à cata de regateios em torno de mercadorias, dinheiro, cargos e honrarias, sempre ávida de fortunas jamais suficientes, sempre almejando a atarefada inatividade da abastança. Em todos os recantos havia quem enfiasse algo na boca, em toda a parte estavam latentes a cupidez, a avareza, desprovidas de raízes, prestes a engolir, devorando tudo; seus vapores bruxuleavam por sobre o convés; o compasso espasmódico dos remos levava-os consigo, inesquiváveis, irremovíveis; todo o navio estava envolto nas chamas da gana. Ah, esses sujeitos bem mereceriam ser descritos assim como eram! Cumpria dedicar-lhes o cântico da gana! Mas que adiantaria isso? O poeta não tem nenhum poder, não pode remediar mal algum, somente é ouvido, quando encomia o mundo, não, porém, quando o apresenta como ele é na realidade. Unicamente a mentira produz a glória, a percepção não o consegue! Em face disso, seria então concebível que a Eneida pudesse obter melhor efeito? Ai dela, hão de elogiá-la, já que sempre elogiavam tudo quanto ele escrevia, já que também da leitura da obra aproveitariam tão somente o que

lhes convinha e não havia nem o perigo nem a possibilidade de que quaisquer advertências pudessem ser ouvidas. Ai dele, era-lhe vedado iludir-se a si próprio ou deixar que outros o iludissem; ele conhecia demasiado bem a esse público, ao qual o duro, o verdadeiro trabalho do poeta, o trabalho atormentado pelo conhecimento, não arranca maior atenção do que a faina amarga, pesada dos escravos remadores e para o qual ambos tinham exatamente o mesmo valor, a saber o de um tributo devido e pago ao aproveitador, recebido e considerado como um merecido quinhão! Mas aqueles que a seu redor se espreguiçavam e ruidosamente comiam não eram em absoluto meros parasitas, posto que o Augusto tivesse que aturar em seu séquito bom número desses também; não, muitos deles já haviam realizado atos meritórios, elogiáveis de toda espécie, porém daquilo que em outra ocasião fora sua índole tinham-se desvencilhado quase que totalmente durante a inatividade da viagem, ostentando um autodesnudamento deveras voluptuoso, e o que lhes sobrava era apenas a cega arrogância, enquanto ali vegetavam na sua gana confusa, cheios de cobiça no seu cochilar. Lá embaixo, na penumbra das regiões ínferas, labutavam, turma por turma, grandiosas, ferozes, subumanas, as massas domadas dos remadores. Os que se achavam lá embaixo não o entendiam e não se preocupavam com ele; os de cima afirmavam que o adoravam, sim, e até acreditavam no que diziam, porém, fosse isso como fosse, não importava se pretendiam, em virtude de alguma hipocrisia esnobe, gostar das obras dele ou se, não menos mendazes, demonstravam sua reverência ao amigo do César. Ele, Públio Virgílio Marão nada tinha em comum com esses indivíduos, se bem que o destino o tivesse arrastado até à sua roda. Eles lhe causavam asco, e não houvesse a brisa costeira começado a soprar, saudando os prenúncios do pôr-de-sol e enxotando do navio o fedor do banquete e da cozinha, mais uma vez o teriam acossado enjôos. Ele se certificou de que a mala com o manuscrito da Eneida se achava intacta a seu lado, e mirando, de olhos piscos, o astro que descia cada vez mais no Ocidente, puxou o manto até o queixo. Estava com frio.

De tempo em tempo, tinha vontade de virar-se, apesar dos pesares, em direção àquela barulhenta chusma que estava lá atrás. Sentia quase curiosidade de saber o que ainda inventariam, mas não o fez; era melhor não fazê-lo; sim, cada vez mais se convencia de que isso lhe ficava positivamente proibido.

Permanecia assim deitado calmamente. Os primeiros sinais do crepúsculo estendiam-se, nítidos, pelo céu, cingindo delicadamente o mundo, quando as embarcações alcançavam a entrada de Brundísio, estreita como um rio. O tempo tornara-se mais fresquinho, mas também mais brando; a aragem salgada mesclava-se com os ares mais ricos da terra, em cujo canal os navios, um após outro, diminuindo a velocidade, punham-se a penetrar. De cor de ferro, de chumbo tingia-se o elemento de Posêidon, já não encrespado por nenhuma onda. Nos pináculos dos castelos à esquerda e à direita do canal, os contingentes da guarnição estavam enfileirados em homenagem ao César, talvez também para lhe apresentarem as primeiras felicitações de aniversário, uma vez que Octaviano Augusto regressava para festejá-lo. Dentro de dois dias, sim, já depois de amanhã, haveria festejos em Roma, e o Octaviano, que ali navegava, à sua frente, faria quarenta e três anos. Roufenhos saíam os gritos de salve das gargantas da tropa postada nas beiras; em movimentos bruscos, os porta-bandeiras nas alas dos manípulos erguiam, alertados por comandos, disciplinada e rapidamente o vexilo vermelho, para em seguida abaixá-lo perante o soberano, mantendo a vara obliquamente em direção ao chão; em suma, o que ali ocorria era a cerimônia sóbria, vigorosa da saudação, assim como a prescrevia o regulamento do exército, perfeitamente correta na sua rudez militar, e todavia parecia ela estranhamente temperada, singularmente penumbrosa; quase que poderíamos caracterizá-la de produto de um sonho, a tal ponto e tão extremamente abafado diluía-se o clamor na imponência da luminosidade, a tal ponto e tão extremamente outonal murchava o vermelho das flâmulas, obumbrado pelo firmamento que, apagando-se, tornava-se cinza. Maior que a terra é a luz, maior que o homem é a terra, e jamais poderá ° homem durar, enquanto não aspirar o ar da querência, regressando à terra, retornando terrenamente à luz, recebendo na terra terrenamente a luz, sendo recebido pela luz unicamente graças à terra, que se faz luz. E nunca se encontra a terra em mais íntima proximidade da luz, nunca a luz se liga mais familiarmente à terra do que ao início do crepúsculo, nas duas divisas da noite. Por ora, a noite dormia ainda nas profundezas das águas, mas com miúdas, silenciosas ondas, principiava a vir lentamente à tona; por toda a parte, no espelho do mar, sem que se pudesse distinguir o que estava acima ou abaixo, surgiam as mudas, veludosas ondas do fundo noturno, as ondas do segundo infinito, do superinfinito prenhe, germinante, e aos poucos começavam a exalar calma por sobre a cintilante superfície. A luz já

não vinha de cima, estava suspensa em si mesma, e assim suspensa, ainda lampejava, mas cessara de iluminar algo, de modo que a própria paisagem sobre a qual pendia dava a impressão de ficar restrita a uma estranha luz, oriunda dela mesma. Cricris de grilos, de miríades deles, contudo condensados num único, ininterrompido tom, penetrantes e todavia plácidos pela uniformidade, enchiam com seu zunido a terra crepuscular e não tinham fim. Abaixo das fortificações, descendo até à beira pedreguenta, as encostas estavam cobertas de ralo capim, e por escasso que este fosse, havia paz também em seus brotos, havia a tranqüilidade da noite, havia a escuridão da terra, espalhada sob a luz que se despedia. Em seguida, a vegetação ficava mais consistente, com maior variedade de plantas, mais cheia de colorido, e, pouco após, viam-se também arbustos entremeados nela, enquanto nos cumes das colinas, lá no alto, por entre os retângulos de rústicos muros, apareciam as primeiras oliveiras, cinzentas como a débil neblina do crepúsculo, que se intensificava. Ah, quão irresistível não se tornava então o desejo de estender a mão em direção a essas beiras por demais distantes, de agarrar com ela as trevas do arvoredo, de sentir entre os dedos a ramaria brotada da terra, de segurá-la para sempre! O desejo vibrava nas mãos do poeta; em seus dedos palpitava esse anelo, movido pela irreprimível avidez de verdes folhagens, das flexíveis hastes de folhas, das orlas de folhas, agudas e todavia macias, da matéria viva, rija de folhas. Nostalgicamente, ele saboreava tudo isso, era só fechar os olhos, e se tratava de uma saudade como que sensual, sensual na sua simplicidade, agarradora como sua manzorra ossuda, máscula de camponês, sensualmente prelibadora, afetuosa, como o revelava a sensibilidade quase feminina do fino pulso. O capim, ó folhagem, ó lisura e aspereza de cascas, ó vitalidade do processo de brotar, ó múltiplas trevas da terra, ramifica das em si e feitas corpóreas! O mão que sente, tateia, recebe, abrange, ó dedos e pontas de dedos, ásperos e tenros e macios, ó pele viva, superfície mais extrema das trevas da alma, descerradas pelas mãos erguidas! Sempre notara ele aquela pulsação esquisita, quase vulcânica nas mãos, sempre o acompanhara o pressentimento de uma estranha vida própria dessas mãos, pressentimento ao qual uma vez por todas ficava vedado atravessar o limiar do conhecimento, como se neste se ocultassem indistintos perigos, e quando o poeta, como fazia neste momento, dava, segundo seu hábito, voltas ao anel de sinete, que trazia na mão direita, jóia essa de finíssima lavra, quase que efeminada pela delicadeza do feitio, parecia-lhe que assim pudesse ser

conjurado aquele mal indistinto e se lhe tornasse possível amainar com tal movimento a saudade das mãos, imprimindo desta forma a elas uma espécie de autodisciplina, surdinando a angústia, a nostálgica angústia de mãos rústicas, às quais nunca mais seria dado agarrarem arado ou sementes e que assim tinham aprendido a conceber o inconcebível, a vaticinante angústia de mãos, a cuja vontade de plasmar, privada da terra, nada restara a não ser sua vida própria, num universo esquivo, passando e provocando perigo, apanhando as profundezas do nada e apanhada pela periculosidade dele, a tal ponto que a sensação da angústia, elevada, por assim dizer, acima de si mesma, convertia-se em um esforço invencível, o afã de fixar a unidade da vida humana e de conservar a unidade da nostalgia humana, a fim de evitar desse modo que elas se esfacelassem num sem número de vidas parciais, isoladas, de pequenas saudades e saudosas pequenezes; ora, insuficiente é a saudade das mãos, insuficiente é a dos olhos, insuficiente a do ouvido, visto que suficientes são apenas as saudades do coração e do pensamento na sua mutualidade, na anelada inteireza dos infinitos interiores e exteriores, mirando, escutando, captando, resfolgando na unidade da dupla respiração; pois, somente a essa mutualidade é permitido superar a turva, desesperadora cegueira do angustiado isolamento, unicamente nela se produz o desenvolvimento duplo, oriundo das raízes do conhecimento do ser; e o poeta sentia isso, sentira-o em todos os tempos - ah, essa nostalgia de quem sempre é hóspede, de quem nunca pode ser outra coisa que não hóspede! – sempre fora isso o seu vaticinante escutar, seu respirar e pensar, cheios de intuições, escutas, respirações, pensamentos incorporados na flutuante luz do universo, no conhecimento inalcançável do universo, na aproximação jamais realizável à infinidade do universo, da qual até mesmo a orla extrema é inalcançável, de modo que a mão desejosa, sôfrega não ousa sequer tentar tocar nela. Contudo, existia aproximação, permanecia aproximação, e seu pensar prosseguia sendo escuta palpitante, cheia de expectativa, a sondar o duplo abismo das esferas de Posêidon e Vulcano, ambas fundidas, porque acima delas se estende a abóbada do céu de Júpiter. Expandidos, deslizantes conservavam-se a luz crepuscular e o ar respirável, tão deslizantes como a flutuação na qual mergulhavam as querenas, banho líquido do interior e do exterior, banho líquido da alma, o respirável a fluir deste mundo ao além, desvendado portão do conhecimento, mas nunca este, e no entanto já o pressentimento do saber, pressentimento da entrada, do caminho, pressentimento penumbroso de uma jornada crepuscular. Mais

adiante, na proa, cantava um músico escravo. Provavelmente, a roda ali reunida, cujos clamores se tinham diluído na calma do entardecer, chamara a si o rapaz, ela mesma a prelibar o retorno, e após uma breve pausa destinada ao afinamento da lira, seguida por um momento de espera, como o requeria a arte, a anônima canção do anônimo rapaz começara a ressoar, vinha soprada pela brisa, canção suavemente fulgurante, cujo hálito pairava no céu noturno como as cores de um arco-Íris, suavemente fulgurante também o som das cordas, delicado qual marfim, produto humano a canção, produto humano o som das cordas, mas elevados acima da origem humana, distanciados dos homens, desligados dois homens, ar das esperas, que canta para si mesmo. Escurecia ainda mais; os rostos tornavam-se menos nítidos, as beiras desbotavam, restava apenas a voz, que ficava mais clara, mais predominante, como se quisesse dirigir o navio e o ritmo de seus remos; esquecia-se a origem da voz e todavia fazia-se dirigente a voz de um garoto escravo; a canção indicava o caminho, repousando em si mesma e justamente por isso indicadora da rota, justamente por isso aberta à eternidade; pois somente o que repousa é capaz de servir de norte, somente o que é único, o que foi retirado, ou melhor, redimido do fluxo das coisas, somente o que se segurou com firmeza – ai dele, será que ele em algum momento realizara tal ato de segurar, suscetível de indicar um caminho? – sim, somente o que se segurou com absoluta firmeza, nem que fosse apenas por um único instante no mar de milhões de anos, torna-se canto orientador, torna-se liderança; oh, um só momento de vida, ampliado rumo à totalidade, ampliado até formar o círculo do conhecimento total, aberto em direção ao infinito; alto acima da fulgurante canção, alto acima do fulgurante crepúsculo respirava o céu, cuja doçura outonal, clara, acre repetira-se, inalterável, no curso de milênios e ainda se repetirá, inalterável, milênios a fio, única apesar disso no seu aqui e agora, e o luminoso, sedoso esplendor de sua cúpula estava embaciado pelo silêncio da incipiente noite.

A canção guiava-os, mas já não por pouco tempo; a viagem por entre as orlas estava perto do fim, e a canção apagava-se na azáfama geral, que se espalhava a bordo, quando se abria a baía interna do porto; seu espelho plúmbeo acabava de assumir um brilho negro, e a cidade estendida num semicírculo de leque ao redor da bacia tornava-se visível com sua multidão de luzes, resplandecendo, qual firmamento, nas brumas do crepúsculo. Subitamente começou a fazer calor. A esquadra detinha-se, a fim de deixar a precedência à nau do César, e nesse momento – também

este fato ocorrido sob a branda inalterabilidade do céu outonal merecia ser memorado na sua infinita unicidade –, nesse momento, cautelosas manobras tiveram início, para que a frota pudesse passar sem danos por entre os barcos, veleiros, cúteres de pescadores, tartanas e cargueiros, ancorados em toda a parte; quanto mais a frota avançava, mais se estreitava o canal livre, mais densamente se aglomeravam os cascos das embarcações que o ladeavam, mais cerrado se tornava o emaranhamento de mastros, cordames e velas ferradas, mortas na sua rijeza, vivas na sua quietude, raizame estranhamente sombrio, entrecruzado, enredado, que crescia, tenebroso, da cintilante, oleosa, escura superfície d'água, erguendo-se rumo à claridade imóvel do céu da tardezinha, preta teia de aranha, feita de madeira e cânhamo, a espelhar-se fantasmagoricamente embaixo, nas águas, atravessada fantasmagoricamente, em cima pelo bruxuleio feroz das tochas de boas-vindas, que em todos os conveses os homens brandiam, ululando; igualmente fantasmagórica era a pompa das luzes da praça do porto, que dela penetrava, pois na fila dos edifícios portuários janelas e mais janelas estavam iluminadas, até ao sótão; iluminadas estavam também as tascas sob as arcadas; ao longo da praça estiravam-se dois cordões de soldados, ombro a ombro; carregavam tochas, cujo clarão fazia os elmos brilharem; evidentemente lhes coubera a incumbência de desembaraçar o caminho do atracadouro à cidade. A luz dos archotes alumiava os armazéns da aduana e os galpões alfandegários junto aos molhes; era um gigantesco recinto resplandecente, abarrotado de corpos humanos, imenso, lampejante receptáculo de uma expectativa tão grandiosa quanto imoderada, ressoante de um rumor causado por centenas de milhares de pés, que sobre o calçamento de pedra se arrastavam, roçando, pisando, rangendo; uma enorme, efervescente arena, ecoante de um zunido obscuro, em crescendo e diminuindo, o qual porém emudeceu de repente, esfriado pela tensão, quando a nave imperial, apenas impelida por uma dúzia de remos, alcançava numa suave viragem o cais e quase sem nenhum ruído atracava no lugar predestinado, onde a aguardavam as autoridades municipais, em meio ao retângulo formado pelos soldados archoteiros. Então, sim, chegara o momento tão esperado pela massificada, inerte besta humana, ávida de soltar seus berros jubilosos, e logo estes explodiam, sem pausa e sem fim, triunfantes, arrebatadores, indômitos, temíveis, grandiosos, submissos, venerando a si próprios na pessoa do ser único.

Essa era, portanto, a massa em prol da qual vivia o César, para a qual nascera o Império, tivera de ser conquistada a Gália, fora derrotado o reino dos partos e travara-se a guerra contra os germanos; essa era a massa, em cujo interesse se instituíra a grande paz do Augusto e que, através de tal pacificação, devia ser reconduzida à disciplina e à ordem pública, à fé nos deuses e a uma ética divina tanto como humana. E essa era a massa sem a qual seria impossível tratar de política e na qual o próprio Augusto teria de apoiar-se, desde que desejasse manter-se no poder; e obviamente o Augusto não nutria outro desejo que não este. Sim, esse era o povo, o povo romano, cujo espírito e cuja honra ele, Públio Virgílio Marão, ele, filho de autênticos camponeses de Andes, perto de Mântua, não descrevera, não, mas tentara glorificar! Glorificara-os, sem descrevê-los; eis o erro que cometera, ai dele, e esses aí eram os ítalos da Eneida! Calamidade, um turbilhão de calamidade, um imenso turbilhão de indizível, inimaginável, inconcebível calamidade fervilhava no receptáculo da praça, cinqüenta mil, cem mil bocas soltavam aos berros a calamidade, passavam-na aos berros de uma a outra, sem a perceberem, sem saberem dela, e todavia desejavam sufocá-la, ensurdecê-la pelo clamor infernal, gritando e estrugindo. Que saudação de aniversário! Seria ele, o poeta, o único a notar isso? Pesada como pedras a terra, pesadas como chumbo as águas, e aí rugia a demoníaca cratera da calamidade, escancarada pelo próprio Vulcano, estrugidora cratera à beira dos domínios de Posêidon. Ignorava o Augusto que aquilo não era nenhuma saudação de aniversário e sim coisa muito diferente? Uma sensação de atormentada condolência surgia na alma do poeta, condolência essa que se destinava tanto a Octaviano Augusto como às massas humanas ali aglomeradas, tanto ao governante como aos governados, e ela vinha acompanhada por outra sensação, a de uma não menos atormentada e no fundo insuportável responsabilidade, a cujo respeito ele mal e mal lograva prestar contas a si mesmo, sabendo apenas que ela pouca semelhança tinha com uma carga igual àquela que o César tomara a si; tratava-se, pelo contrário, de uma responsabilidade de caráter inteiramente diverso; pois inalcançável para quaisquer medidas oficiais, inalcançável para qualquer poder terreno, por maior que fosse, talvez até inalcançável para os deuses era essa calamidade misteriosa, desconhecida, que fervilhava no lusco-fusco, não abafada por nenhum clamor da massa, antes talvez surdinada por aquela débil voz anímica que se chama canto e proclama, além do pressentimento da calamidade, também os prenúncios da salvação,

visionando conhecimento, prenhe de conhecimento, apontando conhecimento como toda canção genuína. A responsabilidade do vate, sua responsabilidade perceptiva, que ele, apesar de tudo, jamais consegue suportar e cumprir... oh, por que não lhe fora dado avançar além do pressentimento até ao verdadeiro saber, do qual se pudesse esperar a salvação! Por que o obrigara o destino a retornar a esta terra? Nada existia nela a não ser morte, nada que não morte e mais morte! Com os olhos arregalados em face do horror, O poeta se soerguera, mas em seguida deixou-se cair sobre o leito, tanto o assoberbavam o pavor, a aflição, o afã de responsabilidade, o desamparo, a fraqueza; o que sentia com relação à massa não era ódio, não era nem sequer desprezo e tampouco antipatia; jamais, em nenhum instante, queria ele distanciar-se do povo e ainda menos elevar-se acima dele; mas aparecera um fenômeno novo, algo que ele, apesar de todos os contatos que tivera com o povo, jamais quisera notar, embora em qualquer parte que estivesse, tanto em Nápoles como em Roma ou Atenas, houvesse numerosas oportunidades para isso; porém, a essa altura, em Brundísio, isso se lhe impunha com surpreendente força: era o fenômeno do dom abismal, peculiar dO' povo, de provocar calamidades em toda a sua extensão, a degradação do homem, a ponto de converter-se em vulgacho metropolitano, e em conseqüência dela, a transformação do homem no anti-humano, causada pelo esvaziamento do ser, pela metamorfose do ser, que se tornava vida na superfície, meramente impelida pela cobiça, desprovida e separada das suas raizes primordiais, de modo que nada sobrava que não a sinistramente isolada vida própria de uma simples e obtusa exteriorização, pejada de calamidade, de morte, ah sim! pejada de uma conclusão dubiamente infernal. Seria esta a lição que o destino desejava ministrar-lhe, quando o forçara a voltar à multiplicidade, a retornar ao caldeirão deste mundo atrozmente revolvido? Seria esta a punição da sua cegueira anterior? Nunca antes experimentara o poeta de modo tão direto a calamidade oriunda da massa; nesse instante, porém, ficava forçado a percebê-la, a senti-la nas derradeiras profundezas das raízes do próprio ser, uma vez que a cegueira é, ela mesma, parte da calamidade. Uma e outra vez, sempre de novo, ressoava o lúgubre berreiro do auto-atordoamento; archotes eram brandidos; ordens ribombavam através do navio; num baque surdo, um cabo arremessado da terra caiu sobre as tábuas do convés; e a calamidade estrugia e o tormento estrugia e a morte estrugia; estrugia o mistério prenhe de calamidade, insondável e todavia indisfarçado,

onipresente. Em meio ao tropel de numerosos pés apressados, o poeta jazia imóvel; sua mão segurava firmemente a alça da mala de couro, que continha o manuscrito, para que ninguém lha pudesse arrancar; mas, farto da barulheira, farto da febre e da tosse, farto da viagem, farto do porvir, conjeturava que essa hora de chegada facilmente se podia converter em hora da morte, e isso quase que se fazia desejo, ainda que (ou talvez porque) sentisse claramente que o tempo para isso ainda não despontara; sim, era quase um desejo, ainda que (ou porque) se tratasse então de uma morte singularmente indisciplinada, estranhamente barulhenta, e no entanto ela não lhe parecia inaceitável; seria quase digna de ser desejada; pois, forçado a mirar o chamejante inferno, forçado a ouvi-lo, seu coração era obrigado a tomar conhecimento daquilo que fervilhava nas regiões ínferas do subumano.

Ora, por mais sedutora que fosse a idéia de deixar-se carregar, num estado de desfalecimento, para assim se subtrair ao alvoroço, ao berreiro da multidão, ao vulcânico e subterrâneo tumulto que ininterruptamente, como se jamais quisesse terminar, achegava-se em vagarosas ondas, vindas da praça, tal fuga lhe era vedada e ainda menos devia acabar na morte, em face da excessiva força da tarefa de fixar, de incorporar na memória qualquer parcela minúscula da época, qualquer parcela minúscula do acontecimento, como se isso pudesse ser conservado assim através de todas as mortes, para todos os tempos; o poeta agarrava-se à consciência, agarrava-se a ela com todas as forças de quem previsse a aproximação do momento mais importante de sua vida terrena e sentisse medo de que pudesse deixá-lo fugir, a consciência mantida desperta pelo medo vigilante obedecia à vontade dele: nada lhe escapava, nem os gestos solícitos nem o amparo improfícuo, prestado pelo jovem médico assistente, moço peralta, de fisionomia vazia, e que, por ordem do Augusto, permanecia a seu lado; não lhe escapavam tampouco os rostos obtusos, pasmados, dos carregadores, que acabavam de içar uma liteira a bordo, para transportarem a ele, o enfermo, o desvalido, como se se tratasse de uma frágil e preciosa mercadoria; o poeta observava tudo, carecia fixar tudo; atentava na mirada encarcerada dos olhos; gravava os mal-humorados grunhidos, por meio dos quais se entendiam os quatro homens, enquanto colocavam a carga em seus ombros; notava o cheiro agressivo, ruim dos corpos suados; mas percebia igualmente que seu manto ficara atrás e que um menino de aparência infantil e cabelos crespos, escuros; aproximara-se

velozmente, para apanhar a veste e segui-lo com ela. Na verdade, o manto tinha menos importância que a mala com o manuscrito, carregada por dois homens, aos quais ele dera ordem para andarem bem perto da liteira, porém uma pequeníssima parte da vigilância que ele, não obstante todos os acessos de cansaço e toda a avidez de cochilar, sentia-se obrigado a impor-se e realmente se impunha, essa parcela bem podia ser tributada ao manto também; e o poeta se perguntou a si próprio, de onde podia ter surgido o garoto, que se lhe afigurava singularmente conhecido e familiar, mas que em nenhum momento da viagem lhe chamara a atenção. Era um rapaz pouco bonito, um tanto desajeitado, à maneira de camponeses; certamente não era escravo nem tampouco servente, e quando ali se quedava junto ao corrimão, muito juvenil, com os olhos claros no rosto trigueiro, aguardando, porque havia congestionamentos em toda a parte, o menino lançava de tempo em tempo para cima, em direção à liteira, um olhar furtivo, meigo, curioso, para logo desviá-lo timidamente, quando se sentia observado. Jogo de mirada, jogo de amor? Será que ele, o poeta enfermo, mais uma vez ia sofrer a atração do aflitivo jogo daquela vida doce e tola, será que ele, homem prostrado, poderia ser novamente seduzido pelo jogo dos sadios? Ah, na plenitude de sua posição ereta, estes ignoram a que ponto a morte está entremesclada em seus olhos e em suas fisionomias, recusam tomar conhecimento dela, querem apenas continuar jogando o jogo de seus engodos e enlaçamentos, o jogo que precede seus beijos, o imergir tolo, ameno, de olhares mútuos, e não sabem que todo o ato de deitar-se para o amor é sempre também o de deitar-se para a morte. Porém ele, o irremediavelmente prostrado, bem sabe disso e quase que se envergonha de ter outrora andado ereto, de ter participado outrora – quando foi? foi há tempos imemoriais, foi há meses apenas? – do jogo da vida, jogo amenamente crepuscular, amenamente cego; sim, e o menosprezo com que os que estão envolvidos nesse jogo encaram o que agora já fica impedido de tomar parte dele e jaz aí desamparado, esse menosprezo quase lhe parecia elogio. Pois a verdade dos olhos não reside no embaimento; não, somente pelas lágrimas eles se tornam clarividentes, somente no sofrimento se transformam em olhos que vêem, somente por suas próprias lágrimas enchem-se das lágrimas do mundo, imbuídos de verdade, graças ao líquido do olvido de todo ser! Ah, somente para quem despertar entre lágrimas, o ato de morrer deste lado do mundo, ato esse que ocupa os enredados no jogo e ao qual se apegam, converter-se-á em vida que visiona a morte, que

visiona tudo. E justamente por isso seria melhor que o menino - a quem se assemelhavam as feições dele? vinham elas de um passado imemorial ou de uma época recente? - justamente por isso seria melhor que ele desviasse o olhar e não quisesse prosseguir num jogo que, como passatempo, já não era oportuno; por demais incoerente era o fato de esse olhar conseguir sorrir, esquecido de também estar entretecido na morte aquele que o lançava; por demais incoerente era o fato de dedicar-se tal olhar a um homem prostrado, cujos olhos já não podiam, já não queriam – ai dele! – responder; por demais incoerentes eram a tolice, a amenidade, a aflição, em meio a um inferno de barulheira e labaredas, repleto de cega azáfama, percorrido por criaturas humanas e exausto por elas. Do navio ao cais, três pontes tinham sido colocadas; a da popa ficava reservada aos passageiros, sem ter, nem de longe, capacidade para suportar a repentina afluência, ao passo que as duas outras se destinavam à descarga de mercadorias e bagagens; e enquanto os escravos designados a esse trabalho caminhavam em longa fila, amiudadamente ajoujados aos pares, como cães, mediante gargalheiras e correntes, gente de todas as cores, de olhar humilhado, ainda humana e já não humana, vultos de camisas esfarrapadas ou seminus, os corpos lustrosos de suor, à luz crua das tochas – que espetáculo horroroso, atroz! – enquanto assim pela ponte central se encaminhavam, correndo, a bordo, para em seguida abandonarem o navio pela da proa, o corpo tão encurvado sob o peso de caixas, sacos, malas que quase se formava um ângulo reto, enquanto tudo isso acontecia, os capatazes, que os fiscalizavam e dos quais sempre se achava um a cada extremidade dos pontilhões, brandiam a esmo o curto látego, ferindo os troncos que desfilavam, sem escolha, simplesmente ao acaso, golpeando com a absurda, já não desumana crueldade inspirada pelo irrestrito poder, sem nenhum propósito verdadeiro, já que os homens de qualquer jeito se apressavam, até não mais poderem, mal sabendo o que lhes acontecia, e nem sequer se abaixavam, quando a correia sibilava em cima deles, senão antes faziam caretas escarninhas; o siriozinho moreno, que apanhara logo no momento em que acabava de alcançar o convés, endireitava com indiferença, sem se importar com o vergão, os farrapos que colocara sob a gargalheira, para que esta lhe esfolasse o menos possível as clavículas, e se limitava a sorrir, sorrir sardonicamente em direção à liteira alçada: – Desce, ó grande rei, desce para provares o que nós comemos! – Como resposta veio mais uma chibatada, mas o baixinho, que a previra, deu um salto veloz, a corrente de

acoplamento esticou-se bruscamente, e o golpe caiu, zunindo, sobre a axila do companheiro acorrentado, empuxado para a frente pelo violento tirão; era um robusto parto, ruivo, de barba hirsuta, e que virou a cabeça, como que admirado; então se via, na metade exibida do rosto, em meio a um emaranhado feio de cicatrizes (talvez se tratasse de um prisioneiro de guerra), um olho vermelho, ensangüentado, esbugalhado, arrancado ou ferido por uma flecha ou uma estocada, arregalado, apesar da cegueira, com uma expressão de real surpresa, pois, antes que o homem fosse empurrado para a frente, pela fila que de trás se precipitava nessa direção, com o som dos tinidos das correntes, mais uma vez, porque já não fazia diferença, um segundo golpe zunira ao redor da sua cabeça, fendendo-lhe a orelha com um corte sangrento. Tudo isso não levara mais tempo que um breve latejo do coração, e, no entanto, o tempo suficiente para fazer com que o coração cessasse de palpitar; era ignominioso observar aquilo e não empreender sequer a menor tentativa para intervir, por sentir-se incapaz e talvez até avesso a tal intervenção; era até ignominioso querer registrar tal acontecimento; ignominiosa seria a memória que gravasse isso para sempre! Imemoriado, o siriozinho esboçara aquele sorriso sardônico, imemoriado, como se nada existisse a não ser o assolado, violado presente, sem futuro e logo também sem passado, sem nada que viesse depois e portanto ainda sem nada que tivesse ocorrido antes, como se esses dois homens ligados pela corrente jamais houvessem sido meninos, a brincar nas paragens da juventude, como se em sua terra natal não existissem montanhas, pradarias, flores, nem sequer um arroio, a escutar e murmurar de tardezinha, no vale longínquo... ah, ignominioso era entregar-se às próprias reminiscências, procurá-las e cultivá-las! O recordação. imperdível recordação, cheia de ondulantes trigais, cheia de campos, cheia de florestas com seus farfalhantes sussurros, com sua sombra fresquinha, cheia de bosques percorridos na mocidade, com os olhos inebriados de manhã, com o coração inebriado de noite; ó trêmulo verde, ó cinza que some, tremido; ó conhecimento da origem e do retorno, esplendor das reminiscências! Porém lá havia o vencido vergastado, o jubiloso berreiro dos vencedores, o pétreo recinto onde isso acontecia, ardente o olho, ardente a cegueira... Para que vivência insondável valeria ainda a pena manter-se desperto? A que porvir se dirigiria ainda o indizível esforço de recordar? Em que porvir deveria ainda entrar a recordação? Haveria ainda porvir?

As tábuas do pontilhão oscilavam, rígidas, quando a liteira, no comedido compasso dos carregadores, passava por elas; embaixo, vinha, cadenciado, o chape-chape das águas pretas, estreitadas entre o negro, pesado casco do navio e a negra, pesada amurada do cais, o elemento liso, viscoso, respirando a si mesmo, exalando imundície, detritos, folhas de legumes, melões podres, tudo quanto boiava lá embaixo, lânguidas ondas do hálito grave, adocicado da morte, ondas de uma vida em decomposição, da única que pode subsistir entre as pedras, viva apenas na esperança do renascimento oriundo da podridão. Eis o que se via lá embaixo; em cima, porém, os varais da liteira, imaculadamente lavrados, dourados, adornados, pesavam sobre os ombros de bestas de carga com corpos humanos, bestas de carga, alimentadas como homens, falando como homens, dormindo como homens, pensando como homens, e no assento da liteira, imaculadamente confeccionado, esculpido, com o espaldar e os braços decorados de estrelas recortadas de lâminas de ouro, repousava um enfermo afligido por máculos, no qual já morava, latente, a putrefação. Em tudo isso, havia a mais extrema incoerência, escondia-se a arcana calamidade, a rigidez de acontecimentos mais perfeitos do que o homem, embora seja ele mesmo quem constrói muros, esculpe, martela, tece as tiras de couro do açoite, forja correntes. Impossível fechar os olhos diante disso, impossível esquecê-lo. E por mais que se quisesse esquecer, isso voltava sempre e sempre, sob formas renovadas da realidade, retornava sob a configuração de olhos novos, barulho novo, chicotadas novas, rigidez nova, cada qual a exigir para si um espaço próprio, um estreitando e superando ao outro, num contato terrível, e todavia estava tudo entretecido de modo sumamente estranho, sem coerência. Incoerente, tal qual o contato das coisas entre si, tornara-se também o decurso do tempo; os lapsos avulsos já não harmonizavam uns com os outros; nunca antes o agora ficara tão nitidamente distanciado do outrora; um abismo profundo, intransponível por nenhuma ponte, fizera com que esse agora se tornasse algo independente, separara-o inevitavelmente do outrora, da viagem marítima e de tudo quanto a precedera, apartara-o de toda a vida anterior, e mesmo assim, em face do suave balouço da liteira, o poeta teria sido incapaz de dizer se a viagem ainda continuava ou realmente já estavam em terra firme. Lançava olhares por cima de um mar de cabeças, pairava acima de um mar de cabeças, rodeado pela maré humana; verdade é que por enquanto se encontrava somente à orla dela, uma vez que as primeiras tentativas de

vencer a resistência ondulante tinham, todas elas, fracassado. Por aí, no ancoradouro das naves da comitiva, o controle policial era muito menos rigoroso do que lá onde o Augusto era recebido; posto que alguns passageiros tivessem conseguido, em rápido ímpeto, abrir caminho até ali, de modo que ainda pudessem incorporar-se no solene cortejo, que se formava no recinto fechado pelo cordão e se destinava a guiar o César até à cidade e ao palácio, tal procedimento seria simplesmente inviável para o transporte de uma liteira; o criado imperial, a quem coubera a incumbência de acompanhar, chefiar e, por assim dizer, proteger o pequeno séquito, era demasiado idoso, corpulento, molengo e provavelmente por demais bonachão para arriscar furar o bloqueio por meios violentos; era impotente, e, por ser impotente, precisava limitar-se a protestos contra a polícia, que admitia essas aglomerações da ralé e pelo menos deveria ter destacado para ele uma guarda adequada; e assim o grupo terminou sendo impelido e arrastado quase sem rumo pela praça; às vezes ficava impossibilitado de mover-se, outras o empurravam ou puxavam-no de cá para lá. A circunstância de o menino tê-los acompanhado resultou num alívio inesperado; como se ele – era mesmo muito esquisito – houvesse tomado conhecimento da importância da mala do manuscrito, cuidava para que os carregadores da mesma sempre se mantivessem bem perto da liteira, e enquanto ele próprio em nenhum momento se afastava do lado dela, e com o manto atirado por cima do ombro, não admitia a menor separação, às vezes seus olhos transluzentes lançavam para cima, piscando, miradas, que revelavam, ao mesmo tempo, folgança e reverência. Das fachadas das casas e das vielas vinha a seu encontro um opressivo mormaço, afluindo em largas vagas diagonais, dilaceradas uma que outra vez pelo interminável clamor, berreiro, urro, zunido da palpitante besta humana e todavia imóveis; bafo d'água, bafo de plantas, bafo da cidade, fetidez única, grave da vida apertada entre blocos de pedra e da sua putrefata, fictícia vitalidade, humo do ser, próximo da decomposição, a subir em imensas quantidades dos superaquecidos desfiladeiros pétreos, a subir em direção aos astros frios, pétreos, com os quais começava a adornar-se a mais recôndita redoma celeste, enquanto se tingia de suave e intensa negrura. De inacessíveis profundezas brota a vida, laboriosamente penetrando a rocha, agonizante já nessa parte do caminho, agonizante, apodrecendo, esfriando já na subida, já na subida se volatilizando; mas, de inacessíveis alturas desce, frio como a pedra, o inelutável, aura de luz sombria, que descai, irresistível no seu

contato, a transformar-se, enrijecendo, nas pedras das profundezas, rochas em cima tanto como embaixo, como se estas fossem a derradeira realidade do mundo... E entre tais fluxos e antifluxos, entre a noite e a antinoite, embraseadas embaixo, nitidamente cintilantes em cima, nessa redobrada noturnalidade, pairava o poeta em sua liteira, como se esta fosse um barco, a mergulhar nas cristas das ondas do vegetal-animalesco, a ser levantado até à aura do frio inevitável, carregado adiante rumo a mares tão misteriosos, tão ignotos que isso parecia um retorno; pois, onda por onda, as vastas áreas já sulcadas por sua carena, áreas das ondas da memória, áreas das ondas dos mares, não se tinham tornado transparentes, nelas nada se desvelara, fazendo-se conhecido, somente sobrara o enigma, e enigmático estendia-se o passado, para além das suas beiras, até adentro do presente, de modo que o poeta, em meio à resinenta fumaceira das tochas, em meio ao opressivo bafio da cidade, em meio à fedentina exalada por corpos semelhantes aos de' feras, de hálito pútrido – em meio à praça, com seus desconhecidos recantos, sentia o cheiro inapagável, inequívoco do mar e sua existência grandiosa, eterna; atrás dele encontravam-se os navios, estranhas aves do ignoto, ainda ressoavam ali frases de ordens, em seguida ouvia-se o intermitente rangido de um cabrestante de madeira, depois o som grave, vibrante, de pratos percutidos, a continuar ressoando, como o último eco do astro do dia, submerso no mar, e atrás há os vastos domínios da brisa marítima, há a inquietude de bilhões de cristas brancas, o sorriso de Posêidon, continuamente preparado para converter-se em estrondosa gargalhada, sempre que o deus açular seus cavalos, e atrás do mar, mas, ao mesmo tempo, cercando-o,. há as terras por ele banhadas, todos esses países que o poeta percorreu, por cujo humo, por cujas rochas andou, participando da vida de plantas, homens, animais, entretecido em tudo aquilo, desorientado em face de tanta coisa ignorada, incapaz, de captá-la, enredado em ocorrências ou coisas e perdido entre elas, enredado e perdido entre as terras e suas cidades; quão submerso ficou tudo aquilo e no entanto quão próximo, coisas, terras, cidades, como não se estendem atrás dele, a seu redor, dentro dele, quão intimamente não lhe pertencem, ensolaradas e obumbradas, ruidosas e noturnas, conhecidas e enigmáticas, Atenas e Mântua e Nápoles e Cremona e Milão e Brundísio, ah sim, e Andes também – tudo chegava trazido até ele, estava junto a ele, inundado pela confusão das luzes da praça do porto, exalado pelo bafo irrespirável, rodeado pelo berreiro incompreensível, unido para formar uma única unidade, na qual a

distância, sem nenhum esforço, transformava-se em proximidade, assim como a proximidade em distância, e fazia com que ele, o que pairava acima disso, chegasse, sem nenhum esforço, a um estado de levitada vigília; tendo diante dos olhos o fervilhar do submundo e tomando conhecimento dele, reconhecia também sua vida, sabia-a carregada pelo fluxo e antifluxo da noite, nos quais se entrecruzam o passado e o futuro, sabia que ela se encontrava nessa encruzilhada, no presente da praça à beira-mar, mergulhada em chamas, cingida de chamas, entre passado e futuro, entre mar e terra, ele mesmo no centro da praça, como se alguém tivesse tencionado levá-lo ao ponto central do seu próprio ser, à encruzilhada de seus mundos, ao âmago do mundo que lhe foi designado pelo destino. Porém, na realidade, isso era apenas a praça do porto de Brundísio.

E mesmo que fosse o ponto central do mundo, de modo algum teria sido possível permanecer nesse lugar; cada vez mais gente vinha afluindo das vielas, cujas embocaduras estavam engalanadas de transparentes painéis alegremente iluminados; a multidão irrompia na praça, e, cada vez mais, os carregadores voltavam a ser arredados da parte central da praça, de modo, que não havia mais nenhuma possibilidade de alcançar o cordão dos soldados e o cortejo do Augusto, que se pusera em movimento, sob o som das fanfarras. Ali, o barulho aumentara bastante, e, a essa altura, a música tinha a incumbência de sobrepujá-lo por meio dos seus bramidos, clangores e assobios, e com o crescendo da barulheira aumentavam igualmente a violência e a desconsideração dos empurrões e das tropelias, que quase chegavam a ser finalidade em si e motivo de divertimento próprio; mas, apesar de toda essa impetuosidade, tinha o poeta a impressão de que a falta de esforço e a produção fácil da levitada vigilância que cativava a ele próprio, se houvessem transmitido a toda a praça, como uma segunda iluminação, que acabasse de juntar-se à primeira, avistada pelos olhos, e sem nada modificarem da dura crueza das sombras bruxuleantes, até a aprofundassem revelando contudo outro nexo existencial na presença visível das coisas, o nexo existencial, entre onírico e desperto, da distância, que fica ainda inerente a qualquer proximidade, até mesmo à mais palpável e à mais imediata. E como se fosse necessário demonstrar a evidência de um segundo nexo, na facilidade da distância, achava-se o menino subitamente na ponta do séquito, sem que ninguém tivesse notado claramente quando isso ocorrera, e brandindo levemente, quase brincando, um archote, que provavelmente tirara das mãos de um vizinho qualquer,

usava-o como arma, a fim de abrir por meio dele um caminho através da multidão.

- Dai passagem a Virgílio! – ordenava jovialmente à massa. – Dai passagem a vosso poeta!

E se a gente só se afastava, talvez, porque ali carregavam alguém que pertencia à comitiva do César, ou porque o brilho febril dos olhos naquele rosto amarelo-escuro lhe parecia sinistro, devia-se ao pequeno guia a proeza de ter despertado de algum modo a atenção dessas pessoas, possibilitando assim um precário avanço. É bem verdade que houve engarrafamentos que nem o descarado sossego do jovem carregador do manto nem a chama de sua tocha conseguiam desfazer, e em casos de tais impasses, não adiantava tampouco o misterioso aspecto do homem doente; antes pelo contrário, os que inicialmente tinham apenas desviado o olhar, por indiferença ou num impulso de defesa, descambavam cada vez mais para demonstrações de manifesta repugnância, que lhes causava o fenômeno sinistro; intensificavam-se então os murmúrios metade tímidos, metade agressivos, criando-se um ambiente quase ameaçador, para o qual um brincalhão entre bem-humorado e malévolo encontrou a definição certa, ao bradar: - Um Mago! O mago do César!

Ao que o menino respondeu, também gritando:

- Claro, seu bobalhão! Tu nunca viste em tua vida tola um mago como este! Ele é nosso maior mago, o maior de todos os magos!

Logo se levantavam algumas mãos com os dedos distendidos, para protegerem as pessoas contra o mau-olhado, e uma meretriz, o rosto arrebicado de branco, a peruca loura colocada obliquamente no crânio, ganiu em direção à liteira: - Me dá um filtro para o amor!

E imitando a voz dela, em falsete, um rapagão trigueiro, com cara de ganso macho, evidentemente um marujo, completou a frase: – Pois sim, entre as pernas, e com gosto!

Em seguida, agarrou-a com os braços tatuados de azul, e apertando com ambas as mãos o traseiro da mulher, que dava uns gritinhos agudos de prazer e ternura, acrescentou: - Esse filtro te posso fornecer à vontade! Basta pedir!

- Dai passagem ao mago, dai passagem! - ordenou o garoto, e com uma cotovelada enérgica tirou o ganso macho do caminho; numa decisão rápida, um tanto inopinada, deu uma volta à direita, rumo à beira da praça; os carregadores da mala seguiram-no obedientemente, ao passo que

os serventes incumbidos da vigilância demonstravam certa oposição; mas, finalmente, seguiram-nos a liteira e os demais escravos, como que puxados, atrás do menino, por uma corrente invisível. Aonde os conduzia o rapaz? De que regiões remotas, de que profundezas da memória emergira? Qual o passado, qual o futuro que o haviam designado? Que necessidade misteriosa o fizera vir? E de que arcano do passado era ele mesmo carregado até ao arcano do futuro? Não lhe acontecia pelo contrário uma contínua flutuação num presente imensurável? A seu redor havia as bocas gulosas, as bocas berrantes, as cantantes, as pasmadas, as bocas abertas em fisionomias fechadas; todas elas ficavam abertas, escancaradas, cheias de dentes, atrás de lábios rubros, pardos, pálidos, e estavam armadas de línguas; olhando para baixo, o poeta enxergava as cabeças redondas, lanosas, musgosas dos escravos carregadores, via a seu lado as mandíbulas e a borbulhosa tez das faces, sabia da existência do sangue que nelas corria, da saliva que eles tinham de engolir; sabia também alguma coisa dos pensamentos que nessas toscas, desajeitadas, indômitas máquinas de comer e movimentar músculos nascem e perecem, pensamentos perdidos, na verdade, e todavia eternamente imperdíveis, delicados e obtusos, diáfanos e vagos, caindo gota por gota, as gotas da alma; sabia da nostalgia que nunca sossega, nem sequer na mais dolorosa, mais desenfreada agitação do cio e da carne, inata a todos, ao ganso macho tanto como à sua meretriz, a inextinguível nostalgia do homem, aquela que nunca se deixa destruir e, quando muito, pode ser desviada para a malvadez e a hostilidade, mas sempre permanece nostalgia. Distanciado e contudo indizivelmente próximo, levitando em estado de vigília, porém impregnado de toda espécie de obscuridade, percebia a obtusão desses corpos que ejaculavam e absorviam sêmen, que não tinham rostos; percebia as intumescências e as ereções dos membros deles, via e ouvia as manifestações secretas das vicissitudes dos cios casuais dessa gente, o selvagem, bronco, belicoso júbilo de suas cópulas e o murchar tolo ou sábio de sua velhice, e quase parecia que tudo isso, todo esse conhecimento lhe fosse comunicado pelo nariz, aspirado junto com o múltiplo cheiro das bestas humanas e de seus alimentos diariamente coligidos, diariamente mastigados e canalizados através de seus organismos; mas, a essa altura, quando finalmente, mediante intensa luta, haviam logrado abrir um caminho por entre os corpos e a multidão, igual às luzes vizinhas da beira da placa, começava a tornar-se mais rala, para diluir-se por fim, esvaindo-se nas trevas, seu bafio, posto que ainda presente no ar,

foi substituído pelo fedor oleoso, viscoso, pútrido das bancas do mercado de peixe, que delimitavam esse lado da praça do porto, silenciosas e abandonadas a essa hora da noite. Adocicado, porém não menos pútrido, juntava-se a ele ainda o cheiro do mercado de frutas, impregnado das emanações da fermentação, de modo que já não se podia distinguir o aroma das uvas avermelhadas, das ameixas amarelas como cera, das maçãs douradas' e dos figos de subterrânea negrura, pois tudo isso se mesclara e se tornara indistinguível, em virtude do apodrecimento comum, e as lajes do calçamento brilhavam, escorregadias, devido à matéria úmida, pisada e esmagada. Muito distante ficara a essa altura o centro da praça, lá atrás, muito distantes os navios no cais, muito distante o mar, muito distante, ainda que não sumido definitivamente. Dos uivos humanos, sobrava apenas um zumbido longínquo, e o som das fanfarras não se ouvia mais.

Com extraordinária segurança, como que norteado pelo mais completo conhecimento da região, o garoto pilotara seu séquito através do labirinto de barracas, para então penetrarem na zona dos armazéns de mercadorias e dos estaleiros, a qual, com seus edifícios sombrios, não iluminados, beirava imediatamente com o recinto do mercado e, mal identificável, apenas perceptível na escuridão, prolongava-se vastamente. E ali se modificou mais uma vez a exalação: cheirava-se toda a atividade do país, cheirava-se a imensa quantidade de víveres ali estocados, preparados para o intercâmbio dentro dos domínios do império, mas sempre destinadas a forçar, depois de venda e compra, qualquer dia, em qualquer lugar, seu caminho através de corpos humanos e suas serpeantes entranhas; cheirava-se a doçura seca dos cereais, cujos montões se erguiam diante dos negros silos, aguardando que as pás os levassem para dentro; cheirava-se a poeirenta secura dos sacos de trigo, de aveia, de espelta; cheiravam-se a suave acidez dos tonéis e das cubas de azeite, como também a cáustica acridão dos depósitos de vinhos, que se prolongavam pelos cais; cheiravam-se as oficinas dos carpinteiros, a quantidade de toros de carvalhos, empilhados algures na escuridão, e cuja madeira nunca morre; cheirava-se a sua casca, mas também a resistência maleável do cerne; cheiravam-se os falquejados blocos, nos quais continuava preso o machado, assim como o operário o deixara, ao largar o serviço, e junto com o cheiro das novas, bem alisadas pranchas de navios, junto com o dos chanfros e da serragem, sentia-se o odor cansado do madeirame arrancado de embarcações velhas, pedaços branco-esverdeados, resvaladiços, decompostos, cobertos de

conchas, que, amontoados ali, aguardavam o dia em que fossem queimados. O círculo da criação! Infinita paz respirava no ambiente noturno dos trabalhos, imbuído dessas exalações, a paz de um país operoso, paz de campos, parreirais, bosques, olivedos, a paz rústica, na qual se originara ele, o poeta, filho de camponeses, a paz da sua constante nostalgia e da sua saudade ligada à terra, voltada para a terra, constante como a terra, a paz à qual sempre e sempre se dedicara o seu canto; ah, essa paz saudosa, inalcançável! E como se tal inalcançabilidade devesse refletir-se nesse lugar também, como se tudo, em toda a parte, precisasse converter-se na imagem de seu ser, a paz achava-se igualmente apertada entre pedras, domada e violada em prol da ambição, do lucro, da venalidade, da azáfama, da exteriorização, da escravatura, da discórdia. Interior e exterior são uma e a mesma coisa, são imagem e contra-imagem, e todavia ainda não representam a unidade, que é o conhecimento. Em todos os lugares, o poeta encontrava-se a si próprio, e se devia e também podia captar tudo, se conseguia apanhar a multiplicidade do mundo, segundo a tarefa que lhe coubera e a cujo cumprimento se sentia impelido, entregue a ela, sonhando ou acordado, a ela pertencendo naturalmente e apoderando-se dela sem nenhum esforço, então acontecia isso porque ela fora desde sempre propriedade sua, ainda antes de qualquer ato de vislumbrar, escutar, experimentar; pois, recordar e captar não são jamais outra coisa que não o eu próprio, a lembrar-se de si mesmo, e o antanho próprio, a ser evocado pela memória, um antanho, no qual se bebeu o vinho, se apalpou a madeira, se provou o azeite, ainda antes de existirem azeite, vinho e madeira; era o ignoto reconhecido, uma vez que a pletora de caras e caraças, com seu cio, sua cobiça, sua luxúria, sua avareza fria, seu ser corpóreo, animalesco, mas também com sua grande saudade noturna uma vez que todas elas, quer as tenha visto em algum momento quer não, quer hajam vivido em alguma época quer não, achavam-se incorporadas nele desde os seus próprios primórdios, como o caótico, proto-humo do seu próprio ser, como sua própria luxúria, seu próprio cio, sua própria cobiça, sua própria caraça, mas também como sua própria saudade; e por mais que essa sua saudade se tivesse modificado no decorrer das andanças pela terra, encaminhando-se ao conhecimento, a tal ponto que por fim, cada vez mais dolorosa, mal e mal podia ser qualificada de saudade e nem sequer de saudade de saudade, e apesar de isso lhe ter sido imposto pelo destino, desde os inícios, como uma expulsão e uma segregação, aquela pejada de desgraça, esta prazerosa

e salvadora, mas ambas quase insuportáveis para uma criatura humana, mesmo assim isso se conservara, imperdível permanecera o que lhe era inato, imperdível o proto-humo do ser, o solo do conhecer e reconhecer, do qual se nutre a memória e ao qual retoma, proteção contra felicidade e desdita, proteção contra o insuportável, derradeira saudade, saudade de tamanha força que quase fisicamente vibrava em quaisquer buscas no fundo da memória, por propícias que fossem ao conhecimento, e as acompanhava perpétua, eternamente. Era realmente uma saudade corpórea, era inextinguível. O poeta mantinha os dedos convulsivamente entrelaçados; sentia o anel, que lhe comprimia duramente a pele e a carne, sentia, duros como pedras, os ossos da mão, sentia o sangue, sentia as profundezas das reminiscências de seu corpo, as obumbradas profundezas do passado remoto, tornado uno com o clarão próximo do presente, iluminador do presente, e lembrava-se da infância passada em Andes, recordava a casa, os estábulos, os galpões, as árvores, evocava os olhos luzentes no rosto materno, sempre risonho, sempre um pouco tostado pelo sol, o rosto da mãe, de cabelos escuros, atarefada no interior da casa – ah, sim, ela se chamava Maja, e nenhum outro nome soaria mais estival, nenhum outro harmonizaria melhor com ela... E via-a a espalhar com seu alegre trabalho calor humano em todo o ambiente, imperturbável na sua bem-humorada operosidade, mesmo que devesse permanentemente prestar alguns serviços ao avô sentado em seu quarto, e que a chamava. sem cessar, para solicitar esta ou aquela ajuda; não se incomodava tampouco quando, o que ocorria também freqüentemente, tinha de tranqüilizar o ancião e sua furiosa, estentórea gritaria, que assustava as crianças, essa gritaria desejosa de ser sossegada, que o velho soltava a cada instante, fosse qual fosse a ocasião, mas especialmente quando se tratava dos preços do trigo ou do gado e ele, o encanecido Mago Pala, oscilando entre generosidade e avareza, invariavelmente, na compra tanto como na venda, sentia-se logrado pelos negociantes; ah, quantas reminiscências poderosas não evocavam essa barulheira e quantas recordações meigas não evocavam à calma, que em seguida, uma e outra vez, era devolvida ao lar pela quase divertida jovialidade da mãe! E o poeta lembrava-se do pai, que somente após o casamento pudera tornar-se um autêntico camponês e cujo trabalho anterior, numa olaria, afigurara-se muito modesto ao filho, se bem que fosse muito bonito escutar as narrativas noturnas, a descrever a elaboração dos bojudos tonéis de vinho e dos elegantemente arqueados cântaros de azeite, que o pai

outrora criara, narrativas a falar do polegar que plasmava o barro, das raspadeiras, do zumbido do torno e da arte de cozer, essas belas narrativas interrompidas de vez em quando por antigas canções de oleiros. Ó semblantes do tempo, arraigados no tempo, ó semblante da mãe, recordado como um rosto jovem e depois cada vez mais esvaecido, submerso, a tal ponto que na morte já se encontrara além de tudo quanto é um rosto e quase que se transformara numa paisagem eterna; ó semblante do pai, inicialmente não recordado e depois mais e mais crescido, tornando-se expressão da vida humana, assumindo o caráter de uma imagem, até que na morte se convertesse num rosto humano imperdível, modelado em barro consistente, rijo, pardo, bondoso e valente no último sorriso, semblante inesquecível! Oh, só pode chegar à realidade, pela maturação, aquilo que tenha raízes na memória; nada é concebível para o homem a não ser o que lhe haja sido designado desde o início, ensombreado pelas visões da mocidade. Pois a alma sempre se encontra no seu início, apega-se à grandeza de seu despertar inicial, e o próprio fim tem para ela a dignidade do princípio; nenhuma cantiga se perderá que jamais tiver tangido as cordas da sua lira, e predisposta à prontidão eternamente renovada, conserva a alma qualquer som que jamais a tenha feito vibrar. Isso é imperecível, volta sempre, e também estava presente neste lugar; e o poeta aspirava o ar, a fim de apanhar e introduzir nos seus pulmões doloridos o olor fresco dos cântaros de barro e dos tonéis empilhados, que saía em negras e leves golfadas de algumas portas entreabertas dos galpões. Logo depois, porém, teve um acesso de tosse, como se tivesse feito qualquer coisa nociva ou proibida. Entrementes, os sapatos dos carregadores prosseguiam em seu trote, com os pregos das solas chocalhando nas lajes de pedra ou rangendo no saibro; a tocha do jovem guia, que se virava às vezes, para enviar um sorriso à liteira, fulgia e iluminava a rua; a essa altura, dava para avançarem bem rapidamente; caminhavam depressa, depressa demais para o criado idoso, grisalho, que no serviço confortável da corte se tornara obeso e agora seguia atrás, bamboleando-se, qual pato, e dando ruidosos suspiros. O emaranhado dos telhados de armazéns e silos erguia-se em múltiplas formas, pontudos alguns, outros rasos e ainda outros levemente inclinados, em direção ao céu densamente estrelado, se bem que ainda não fosse noite cerrada. Gruas e armações lançavam sombras ameaçadoras sob a luz que desfilava. Passavam ao lado de carroças vazias ou carregadas; algumas ratazanas lhes cruzavam o caminho; uma bruxa errante pousou no espaldar

da liteira e ficou presa nele; aos poucos manifestavam-se novamente a fadiga e o sono; seis pernas tinha a mariposa e muitas, embora não tantas que não se pudesse contar, a equipe de carregadores, à qual estavam confiados a liteira e também o próprio poeta, junto com a bruxa, como carga distinta e frágil; já estava ele a ponto de voltar-se, para ver se talvez, apesar dos pesares, pudesse conferir o número dos escravos carregadores, que o seguiam, e o de suas pernas, mas antes que lhe fosse possível realizar tal intenção tinham chegado a uma apertada passagem entre dois galpões, e logo depois encontravam-se mui inopinadamente de novo diante dos casarões da cidade; estavam parados ao pé de uma viela muito íngreme, bem estreita, ladeada por cortiços bastante decaídos, de cujas fachadas pendia muita roupa lavada. Realmente, estavam parados, uma vez que o garoto detivera abruptamente os carregadores, que sem isso provavelmente teriam prosseguido em seu trote - agora eram de fato apenas quatro, como antes -, e essa súbita interrupção, ligada à vista inesperada, tinha o efeito de produzir o regozijo de um reencontro, efeito tão surpreendente, tão pasmoso, que todos eles, amo e criado e escravo, deram uma sonora gargalhada, tanto mais que o garoto, instigado por esse riso, inclinava-se levemente e, com um altivo gesto indicador, convidava-os a entrar na viela.

Mas, no fundo, existia pouco motivo para hilaridade; a garganta dessa viela não o oferecia de modo algum. A escadaria de rasos degraus jazia nas trevas, povoada de toda espécie de sombras, antes de mais nada enxames de crianças, que apesar da hora avançada se precipitavam escada acima ou abaixo, - sombras bípedes, aos quais se juntavam, visíveis para quem aguçasse a vista, também quadrúpedes, já que em toda a parte ao longo dos muros havia cabras amarradas em estacas, com cordas mais ou menos curtas; pretas, as janelas sem vidraça e na maioria das vezes também sem venezianas miravam a garganta, igualmente pretas as abóbadas das vendas em porões, que pareciam escuras cavernas; delas ressoavam as charlas de vulgares regateios, regateios da pobreza, regateios que visavam às necessidades das próximas horas e nem sequer do dia seguinte, enquanto na casa vizinha se processava com agudo ruído o trabalho de artesãos, marteladas, matraqueados, tinidos, labuta miserável de gente miúda, executada por sombras, destinada a sombras, e que evidentemente para sua realização não necessitava em absoluto de luz; pois, até mesmo nos casos em que o clarão de uma lamparina vil ou de um toco de vela ousava aparecer, as criaturas humanas permaneciam escondidas na sombra. Vida

cotidiana na mais mísera das misérias, desligada de qualquer acontecimento externo, ocorria nesse lugar, ocorria quase afastada do tempo, como se a festa imperial fosse celebrada a milhas de distância dessa viela, como se os habitantes da mesma nada soubessem do que acontecia em outras partes da cidade, e por isso se deu que a chegada do cortejo da liteira não causasse nenhum assombro e sim a impressão de uma amolação sumamente desagradável ou mesmo hostil. Aquilo começou com meras diabruras da parte das crianças e até das cabras, já que tanto umas como as outras passavam por entre as pernas dos carregadores, sem se esquivarem deles; os quadrúpedes balavam, os bipedezinhos, que saíam inopinadamente de todos os recantos escuros, soltavam gritos estridentes e logo voltavam a esconder-se; aquilo começou de fato, quando a criançada tentou arrancar a tocha ao jovem guia, embora sem êxito, em face da furiosa valentia do garoto; isso, no entanto, não teria sido o pior, pois, mesmo assim, conseguiam avançar, posto que devagar, e degrau por degrau, escalavam a viela da miséria; não, o que mais molestava não eram esses estorvos e sim as mulheres; o pior eram elas que se inclinavam para fora das janelas, apertando os seios nos peitoris, deixando bambolearem, como serpentes, os braços nus com as mãos dardejando, e ainda que sua tagarelice apenas se convertesse em invectivas e loucos ganidos, logo que avistavam o cortejo, tratava-se de uma demência agressiva, grandiosa como toda demência, exagerada até tornar-se acusação, tornar-se verdade, por ser afronta. E nesse momento em que uma casa após a outra soltava pela bocarra escancarada de seus portões o fedor bestial de fezes, nesse canal de decaídas moradias ao longo do qual transportavam o poeta numa liteira levantada bem alto, de modo que ele podia, devia avistar os míseros quartos; ferido pelas pragas que o mulherio lhe lançava raivosa, estupidamente na cara, ferido pela choradeira dos lactentes enfermiços, deitados em trapos e farrapos, e que estavam presentes em toda a parte, ferido pela fumaceira de gravetos de pinho fixados em paredes gretadas, ferido pelo ranço dos fogões e das velhas, sapecadas, enlambuzadas frigideiras, ferido pelo aspecto atroz dos anciãos quase desnudos, esclerosados, que estavam de cócoras em todos esses pretos, cavernosos casebres, nesse lugar, começou a ser acossado pelo desespero; nesse lugar, entre as tocas da sevandija, nesse lugar, diante da mais extrema degradação e do mais sórdido apodrecimento, nesse lugar, em face de tal encarceramento mais profundamente terreno, à vista desse ambiente de partos cruelmente dolorosos e mortes cruelmente abjetas, onde

entrada e saída da vida se entreteciam na mais estreita fraternização, uma que outra sombrio presságio, uma que outra anônima no sonho obscuro de males desligados do tempo, nesse lugar da mais anônima tenebrosidade e lascívia, nesse lugar viu-se o poeta pela primeira vez forçado a cobrir o rosto, teve que fazê-lo sob o estridor das jubilosas gargalhadas do mulherio, teve que recorrer à cegueira proposital, enquanto o carregavam, degrau por degrau, pela escada da viela da miséria.

– Ó seu bobalhão, ó seu imbecil na sua liteira!... Esse cara pensa que é coisa melhor que a gente!... Esse ricaço no seu trono!. Se você não tivesse dinheiro, deveria andar a pé! ... Precisa ser carregado para o trabalho! - berravam as mulheres.

Como era absurda a saraivada de insultos que se abatia sobre ele, absurda, absurda, absurda e todavia justa, todavia exortadora, todavia verdadeira, todavia loucura que, no excesso, se tornava verdade; e cada injúria arrancava da sua alma um pedacinho de arrogância, a ponto de deixá-la nua, tão nua como os lactentes, tão nua como os anciãos esfarrapados, nua perante as trevas, nua perante a falta de memória, nua perante a culpa, chegada à flutuante nudez do indistinguível...

…degrau por degrau, percorriam a viela da miséria, parando em cada patamar...

…dilúvio de existências nuas de criaturas, espalhado por sobre a palpitante terra, estendido sob o palpitante céu da alternação de dia e noite, cingido pelas invariáveis bordas dos milhões de anos, o rio dos desnudos rebanhos da vida, rolante em seu vasto leito, brotando do humo do ser, uma e outra vez esvaindo-se nele, a inescapável união de todas as coisas criadas ...

…– Quando esticas, vais feder como qualquer outro... ó carregadores, por que não atiram esse sujeito ao chão? Deixem o cadáver cair! ...

… montes do tempo, vales do tempo, ah, miríades de criaturas levadas por cima deles pelos eões, e que sempre de novo estão sendo levadas pelo mesmo caminho na torrente crepuscular, na infinita torrente da sua coletividade; e entre elas não existia nenhuma que não tivesse pensado, que não fosse pensar que ia pairar eternamente como alma imortal no espaço desligado do tempo, em liberdade desligada do tempo, apartada da torrente, distanciada do tropel, inabalável, já não criatura, senão apenas uma flor diáfana, solitariamente crescida até às estrelas, serpeando às alturas,

segregada e desprendida, com o coração a tremer, qual corola transparente numa trepadeira que ficou invisível ...

…transportado através das invectivas da viela da miséria, degrau por degrau...

…ah, o que está em jogo é essa idéia maluca do desligamento do tempo, e também sua vida, brotada do caótico humo das trevas do anonimato, trepada para cima em inúmeras voltas, presa aqui e ali, em matéria impura e pura, perecível e imperecível, em objetos, posses, homens e mais homens, em palavras e paisagens, essa vida sempre desprezada e sempre de novo vivida... Ele abusara dela, abusara a fim de elevar-se acima de si mesmo, ultrapassando todos os limites, ultrapassando os domínios do temporâneo, como se para ele não houvesse possibilidade duma queda, como se não tivesse de retornar ao tempo, dentro do encarceramento terrestre, retornar à existência das criaturas, como se não se escancarasse o abismo, prestes a tragá-lo ...

… - Ó nenê! Molhaste as fraldas? Cagaste na cama?… Te comportaste mal e precisas ser carregado para casa!… Vão te fazer uma lavagem e te colocar no penico! - E de todas as janelas estridulavam saraivadas de riso...

…na viela ecoavam os escárnios do mulherio, mas era impossível esquivar-se deles; só muito devagar, degrau por degrau, avançavam...

…porém as vazes que ali o insultavam com merecidas zombarias e revelavam a ilusão estéril dele, pertenciam essas vozes realmente ainda às mulheres? Não era aquilo que lá urrava mais forte do que as vozes de mulheres terrenas, do que as vozes de seres terrenos, do que as vozes de criações da loucura terrena? Oh, o que zombeteiramente o apostrofava era o próprio tempo, o tempo a correr irrevogavelmente com toda a multiformidade de suas vozes e com toda a força sugadora, inerente a ele e só a ele; nas vozes das mulheres, o tempo tomara corpo, para que o seu nome, o de Virgílio, ficasse obliterado por meio daquelas invectivas, enquanto ele, o poeta, despojado do nome, despojado da alma, despojado de qualquer canto, recaísse nas trevas indizíveis e no humo do ser, sofrendo a humilhação do mais amargo constrangimento, que é o derradeiro resto de uma memória extinta ...

... ó sabedoras vozes do tempo, ó vós que sabeis da inevitabilidade e das inelutáveis garras do destino! Ah, sim, as vozes sabiam que ele mesmo tampouco lograra escapar à sina inalterável, que

existia um navio no qual tivera que embarcar, desafiando todas as ilusões, e que o transportou de volta, fatalmente: sabiam da torrente de existências das criaturas, que lerdamente trilha seu caminho, desnuda por entre orlas desnudas, ladeada pelo barro primordial das mesmas, não debruada por nenhuma vegetação, não navegada por nenhum barco, evidente ilusão e todavia realidade como sina, a invisível realidade da ilusão; e sabiam que qualquer ser, assim como lhe predetermina o destino, deverá novamente mergulhar na torrente, sem conseguir dizer a diferença entre o lugar do mergulho e aquele onde outrora pensava emergir; pois cabe ao retorno completar o círculo do destino...

... - Ainda vamos te pegar, pelo caralho, seu moleirão! berravam...

... no entanto eram somente vozes de mulheres, escarnecendo-o, como se ele não fosse na realidade outra coisa que não uma criança travessa, que tivesse andado em busca de uma liberdade enganosa e agora quisesse coar-se na casa, ou melhor: que precisasse ser levada de volta, por desvios complicados e até perigosos, sendo então necessário censurá-la por causa de tal jornada sinistra, sim, unicamente por causa dela; mas, ao mesmo tempo, eram urros, as graves vozes das mães, enchidas das trevas do tempo; sabiam que a órbita da via do destino encerra o abismo do nada, sabiam de todos os desesperados, todos os desviados, todos os exaustos, que irremediavelmente caem no abismo do centro, logo que se vêem forçados a interromper a caminhada antes da hora... Ah, haveria alguém neste mundo que não se visse forçado a isso? Conseguiria realmente alguém percorrer todo o caminho?… E, de modo sumamente angustiado, vibrava na furiosa acusação também o eterno desejo das mães, o desejo de que toda criança continuasse sempre naquela nudez em que nasceu, nuamente encarcerada no seu primeiro abrigo, inserida na flutuação das épocas da terra, parte da torrente das existências das criaturas, suavemente alçada à tona e suavemente sumindo de novo, quase que sem destino ...

...ó bicho nu, ó bicho nu, ó bicho inteiramente nu!...

...impossível esquivar-se da mãe!... O que induziu o menino guia a escolher esse caminho? Não fracassará ele agora? Enfeitiçado pelo chamado materno, estacava o cortejo, como se nunca mais devesse pôr-se em movimento, ficava parado em horrorosa espera, mas em seguida, novamente solto, prosseguiu na caminhada, escalando, degrau por degrau, a viela da miséria...

...não bastaria, portanto, a força das vozes das mães para criar amarras eternas? Seria seu saber tão deficiente, tão incompleto que carecessem libertar outra vez o enfeitiçado? O fraqueza da mãe, que é, ela mesma, nascimento e por isso nada sabe, nada quer saber do renascer, incapaz de compreender que nascimento, para ser válido, requer renascimento, mas que ambos, tanto o nascimento como o renascimento, nunca mais poderiam ocorrer, se não acontecesse a seu lado o nada, se não se conservasse atrás deles eterna, inevitavelmente, o nada como derradeiro ato de procriação, sim, que tão-somente em virtude dessa ligação insolúvel de ser e não ser, em silenciosa, segredeira fraternização, começa a raiar, grandiosa, a ausência de tempo, a liberdade da alma humana, a proferir inequivocamente sua canção perene; nenhuma ilusão, nenhuma arrogância, senão o nunca ridículo destino do homem, a terrível magnificência da sina humana...

…ah, sim, eis o divino fado do homem, eis o que os seres humanos podem vislumbrar do destino dos deuses; é desígnio irrevogável de ambos serem dirigidos uma e outra vez ao caminho do renascimento, é a indelével, fatal esperança de ambos poderem tornar a percorrer a órbita, para que o depois se converta em antes e cada ponto da jornada reúna em si todo o passado e todo o futuro, mantendo-se imóveis no cântico da unicidade presente, levando consigo o instante da liberdade total, o instante em que se cria um deus, esse nada de tempo que é um instante, a partir do qual, mesmo assim, se abrange o universo como uma única recordação despojada de tempo...

…essa raivosa viela da calamidade, que não queria ter fim, que talvez não devesse ter fim, antes de ela entregar a última parcela de insultos e pecados e maldições; e cada vez mais devagar, degrau por degrau, passavam por ela...

…ó revelação da culpa nua, ó demência da verdade desnuda...

…ah, essa sina irrevogável, humana, do deus, o fado de ter de descer, descer ao encarceramento terrestre, ao mal, à esfera do pecaminoso, para que primeiramente na região terrena se esgote a calamidade, para que primeiramente nos domínios da terra se remate o círculo, encerrando cada vez mais estreitamente a impenetrabilidade do nada, o inescrutável fundo existencial do nascer, que um dia se converterá no fundo existencial do renascer de toda a criação, quando deus e homem tiverem cumprido sua missão...

…ah, esse irrevogável, fatal dever imposto ao homem, o dever de aplanar docilmente o caminho do deus, o caminho livre de escárnios, o caminho do renascer despojado do tempo, que deus e homem almejam, unidos, emancipados da mãe...

...mas, o que havia por aí era a viela da miséria, a ser escalada, degrau por degrau; aí existiam a atrocidade das pragas, a atrocidade do merecido sarcasmo, vomitado pela miséria; ah, ele, o poeta, obcecado pela miséria, obcecado pelas maldições, sim, ele, de cabeça coberta, tinha que ouvir aquilo, por mais que se esquivasse. Por que o haviam conduzido a esse lugar? Queriam, acaso, demonstrar-lhe que não lhe fora outorgado o dom de rematar o círculo? Que, ao estender o aro da sua vida mais e ainda mais desmedidamente, apenas aumentara o nada central, ao invés de diminuí-lo? Que, por meio de tal infinidade fictícia, de tal intemporalidade ilusória, de tal segregação imaginária somente se distanciara cada vez mais da meta do renascer, tornando-se crescentemente exposto ao perigo da queda? Seria isso aí uma advertência? Ou talvez uma ameaça? Ou se tratava realmente já da queda definitiva? A culminância de sua órbita por demais ampliada não passara da ficção de uma sublimidade divina, loucamente dilatada em direção a júbilo e ebriedade, à grandiosa experiência do poder e da glória, dilatada nessa direção através daquilo que ele, na sua loucura, chamara sua poesia e seu conhecimento, imaginando que bastasse captar tudo, para obter a plenitude das recordações de um presente infindo, a infinda continuidade da infância divina; e neste instante, evidenciava-se que era apenas ilusão pueril aquela sublimidade divina, obsceno esforço de arrogar-se a si tal sublimidade, exposto a risadas de toda espécie, às cruas gargalhadas do mulherio, ao riso das mães burladas e todavia perspicazes, a cuja custódia ele, por falta de força, não conseguira subtrair-se; e mais fraco ainda se mostrara na tentativa infantil de bancar o deus! Ah, nada se pode opor à crueza do riso, nenhuma contra-risada sabe resistir ao escárnio, não resta outra solução que não a de cobrir a própria nudez, a nudez do próprio rosto, e de rosto coberto jazia o poeta na poltrona da liteira, coberto ainda quando o cortejo finalmente, apesar de todas as paradas, avançando lentamente, degrau por degrau, e realmente contra todas as expectativas, ficava liberado da selvageria infernal das gargalhadas e a oscilação menos violenta da liteira revelava que haviam começado a trilhar caminhos mais planos.

É bem verdade que nem por isso o avanço se tornara muito mais veloz; novamente progrediam apenas passo a passo, mais devagar talvez do que antes, se bem que, como se percebia nitidamente, já não houvesse obstáculos criados por má vontade; mas, desta vez, como se podia depreender dos murmúrios e do cheiro de criaturas humanas, tanto como do bafio cada vez mais espesso de corpos quentes de homens, aumentara de novo a multidão e evidentemente continuava aumentando. Porém o poeta, embora escapado ao alcance imediato da viela da miséria, tinha a impressão de ouvir como dantes o estridente ganido das invectivas; sim, quase que lhe parecia que elas seguiam especialmente a ele, quais erínias, para o acossarem e torturarem como um animal caçado, mas também para se fundirem com a barulheira das massas, que estrondeava ao redor e rapidamente se intensificava, indicando a novamente atingida proximidade da festa imperial, a fim de que o suplício da aperreação, aliado a toda essa balbúrdia jubilosa de poder e ebriedade, continuasse agindo com vigor integral, e enquanto ele se dava conta disso, sem defesa contra a multidão de vozes internas e externas, a tal ponto que o brutal tormento das mesmas quase o fazia desfalecer, a luz, com igual irresistibilidade, também se tornou tão insuportavelmente berrante, tão insuportavelmente ofuscante que penetrava, aguda, as pálpebras ainda cerradas e as obrigava a dar piscadelas, cuja hesitação inicialmente involuntária bem depressa se transformou em horror dos olhos arregalados: aquilo lhe fulgia na cara como os fogos dos Ínferos, fulgia a partir da saída da rua não muito larga, pela qual a multidão apinhada avançava aos empurrões; horrorosamente agressiva, a luz vinda dali feria os olhos do poeta, resplandecendo como um mágico clarão, a converter tudo quanto lá se movia num fluxo quase obrigatório, automático; até se podia pensar que a própria liteira navegasse automaticamente nessa torrente, como que arrastada por ela, mal e mal carregada, e a cada passo, a cada metro que ela avançava, ficava mais sensível a potência daquela força de atração misteriosa, sinistra, absurdamente grandiosa, ficava mais temível, mais insistente, mais premente, acercava-se do coração, chegava cada vez mais perto dele, crescendo, crescendo, até que enfim, de chofre, se desvendasse inteiramente; isso se deu no momento em que a liteira empurrada, puxada, carregada nas alturas de seu deslizante boiar, subitamente se encontrava na embocadura da rua; pois abruptamente aparecia nesse lugar o palácio imperial cingido de labaredas, cercado de alvoroço, desprovido de qualquer

sombra de luz, desprovido de qualquer sombra de som, ofuscante, porque nada suavizava a luz e o barulho, o palácio imperial, metade edifício urbano, metade fortaleza, elevado, numa iluminação vulcânica, infernal, acima de uma praça quase circular, abaulada, qual escudo, e essa praça era um só turbilhão de arrebanhadas criaturas, borbulhante barro humano, que já tomara forma ou estava a ponto de formar-se; era um sem-número de olhos esbraseados ou miradas fogosas, que, todos eles, fitavam, fervorosos, firmes, como que destituídos de qualquer outra aspiração, aquela meta única, exclusiva, que lá fulgurava, sem nenhuma sombra; era candente tropelia humana, ávida de invadir essa orla faiscante. Assim se erguia o castelo, rodeado das chamas dos archotes, fascinante, magnético, norte significativo para esse enxame de uma coletividade inelutavelmente atraída, que lá se comprimia, bufava, espezinhava, alvo de sua indomável avidez de arrojar-se nessa direção, mas, precisamente por isso, também imagem de uma pavorosa, enigmática, cintilante, inidentificável potência, incompreensível ao bicho isolado, incompreensível ao indivíduo, ah, tão incompreensível que a pergunta acerca do sentido e da causa de tal atração ultra-poderosa, dali oriunda, talvez preocupasse a cada componente da massa, ansioso, esperançoso de receber a resposta, e, ainda que nenhum. deles soubesse realmente dá-la, seria até a mais humilde, a menos satisfatória de todas as respostas suscetível de enchê-los de esperança, salvação de sua consciência, salvação de seu valor humano e de sua alma, salvação de seu ser, e que valia a pena propalar orgulhosamente.

Dizia-se: - Vinho! Clamava-se: - Copa franca I

Anunciava-se: - Os pretorianos! Gritava-se: - O César vai falar!

E de repente informou alguém, arfando: - Já estão distribuindo dinheiro!

Desta forma, o castelo irradiava sedução, desta forma instigavam-se eles a si mesmos e aos vizinhos, para que não surgissem neles dúvidas acerca do grande engodo e para que o medo da desilusão certa que os aguardava à beira dos almejados, misteriosos muros não deixasse jamais arrefecer a feroz cobiça, a grande avidez da participação; eram respostas baratas a tamanha esperança, exortações baratas, estímulos baratos, mas cada qual deles provocava um choque na multidão, choque esse que passava pelos corpos, pelas almas, bestial, impudico, irresistível, na vaga busca da meta comum, conglomerado de rugidos e pisoteias, arremetidas e mais arremetidas rumo ao chamejante nada. E, espessamente condensado,

pairava acima das cabeças o cheiro do rebanho, encoberto pela fumaceira das tochas, fumaça causticante, irrespirável, a provocar acessos de tosse, nuvens grossas, pardas, lerdas, que se sobrepunham umas às outras, camada por camada, e ficavam presas no ar imóvel, ah, essas camadas pesadas, indivisíveis, impenetráveis das brumas do Inferno, o teto das brumas do Inferno! Não existia nenhuma possibilidade de escapar dali? Não se podia fugir? Oh, retornemos, retornemos ao navio, para que lá possamos morrer em paz! Onde estaria o garoto? Ele devia indicar o caminho de regresso, tinha de fazê-lo! Quem terá o direito de decidir? Ai dele, para quem estivesse encravado na multidão e no conjunto dos seus movimentos, não existia mais nada a ser decidido, e a voz desejosa de obter uma decisão já não se desprendia da garganta, permanecia muda! Mas o garoto, como se tivesse ouvido o silencioso chamado, enviava-lhe para cima um sorriso, um sorriso de olhos cheios de joviais desculpas, cheios de bem-humorada confiança, cheios daquele consolo folgazão, que sabe que havia muito tempo lhes fora tirada a capacidade de decidir e que a decisão tomada seria a mais certa; e isso causava alegria, apesar dos horrores do porvir. Ao redor, as fisionomias, inúmeras cabeças, caras ordinárias com a sua igualmente ordinária, mas já excessiva vontade de se embebedarem e se empanturrarem; e esse excesso, ultrapassando seus próprios limites, tornara-se uma espécie de fervor transcendente, dirigido a um além brutal, que deixara à distância de mundos remotos a tudo quanto fosse cotidiano e nada mais conhecia a não ser os segundos do presente que os fizesse alcançar a meta luminosa, imponente, ardorosamente almejada, cobiçada, exigida, para que tal momento lançasse sua sombra sobre todo o círculo. de suas existências e os levasse à participação, fazendo-os parceiros n poder, na divinização, na imensidão da liberdade, na infinita grandeza daquele ente único que ali residia no palácio. Aos arrancões, ondulante, laboriosa, explosivamente, arfando e suspirando, a estrutura movimentava-se para a frente, como que enfrentando uma resistência elástica, que indubitavelmente existia, já que se manifestava em igualmente abruptas ondas contrárias, e nesse violento, colossal ondeamento para a frente e para trás, ouvia-se em toda a parte o clamor de pessoas que tropeçavam, eram pisadas, estavam feridas ou talvez agonizassem; não havia compaixão alguma, ninguém lhes prestava atenção, e até zombavam delas; mas, uma e outra vez, jubilosos gritos de salve abafavam os gemidos; furiosos estrugidos sobrepujavam-nos; estalidos de fogueiras rasgavam-nos em

pedaços. Estava em jogo um monstruoso agora, o infinitamente multiplicado agora do rebanho, erigido pelo berreiro das hordas, um agora mergulhado no estrondo e ao mesmo tempo emergido do estrondo, erigido por dementes, por criaturas sem mente, por loucos, sem sentidos, por terem perdido a alma, no entanto, na sua coletividade, com os sentidos a tal ponto intensificados que todo O passado e todo o porvir se achavam entretecidos nesse agora, absorvendo o frêmito de quaisquer profundezas da memória, dando em seu atrôo guarida ao mais remoto passado e ao mais distante futuro. Ó grandeza da multiplicidade humana, ó amplidão da saudade dos homens! E pairando no seu estado de alerta, pairando, erguido, acima das berrantes cabeças, pairando, elevado, acima do jubiloso fervor da estrondeante Brundísio, levitando, mantido nos fluentes instantes do agora, experimentava o poeta a infinita condensação do decurso do tempo no círculo da inevitabilidade: tudo lhe pertencia, tudo lhe era inerente, lhe era inato, assim como lhe fora inato desde os primórdios, numa eterna simultaneidade, e o que estava em chamas ao redor era Tróia, era o incêndio jamais extinguido do mundo; mas ele, que pairava acima das labaredas, era Anquises, cego e vidente numa e na mesma pessoa, ao mesmo tempo criança e ancião, carregado, graças à indizível recordação, nos ombros do filho, ele mesmo o presente do mundo, carregado nos ombros de Atlas, nos ombros do gigante. E assim, passo a passo, aproximavam-se do palácio.

A zona mais próxima do edifício estava isolada por um cordão de policiais; em formação cerrada, com as lanças mantidas horizontalmente, os homens armados detinham o assalto dos vagalhões das massas, oferecendo-lhes precisamente aquela resistência elástica, já percebida na orla da praça pelo fluxo das contra-ondas, que sempre de novo se fazia sentir. Atrás do cordão, porém, a coorte dos pretorianos, que vieram de Roma e cuja chegada evidentemente tinha o significado de um acontecimento todo especial, incumbira-se da guarda de honra, e sua presença resumia-se numa inatividade pomposa, altaneira, a inspirar temores pela apresentação belicosa, com patrulhas, fogueiras de sentinelas e amplas barracas de cantinas, a partir das quais se espalhavam a esperança e o olor de vinho gratuito, esperança ilusória, provavelmente, mas logo generalizada. Até esse lugar, os curiosos conseguiam progredir; mais longe, não. E esse era o ponto onde se equilibravam esperança e decepção, fatídicas e ansiosas como toda decisão entre vida e morte, como qualquer segundo da vida, já que cada segundo abrange ambas, e quando o hálito quente das fogueiras

soprava por sobre a balbúrdia, eriçando os altos penachos dos elmos e intensificando o brilho das armaduras douradas, quando o roufenho e arrogante "Para trás!" do contingente de policiais se opunha energicamente ao ruidoso assalto, aumentava a obsessão como que explosiva, a ponto de tornar-se arfante, e os rostos, de ressequidos lábios e dardejantes línguas, fitavam. rijos e cobiçosos, os efêmeros fogos de artifício da imortalidade, pois para o tempo chegara o momento crítico. B. escusado dizer que o maior tumulto se produzia diante do portão do palácio, especialmente porque, logo após a entrada do César, haviam imprudentemente dissolvido as duplas fileiras, por entre as quais ele desfilara, de modo que nada mais existia que pudesse reprimir os desenfreados; sem nenhuma ordem. como que apanhados por um redemoinho, espessas vagas turbilhonavam em direção a esse portão, o qual, com a densa fila de archotes que o flanqueavam, assemelhava-se a uma chamejante bocarra; turbilhonavam adentro, congestionadas e novamente repelidas, estridentes, obstinadas, rudes, atropelando, raivosas de avidez; isso se parecia mais com a entrada de um circo do que com o portal de uma morada imperial, tão doidas eram a agitação e a hostilidade que ali se manifestavam e com a qual lutavam os fiscais do acesso, tão múltiplos os ardis da gente não autorizada, que tentava enganar ou ultrapassar os funcionários do controle, tão furiosa a gritaria dos que tinham o direito de entrar, mas cuja permissão era posta em dúvida ou dos quais se exigia uma espera excessivamente longa; e quando, em virtude da intervenção de um velho lacaio palaciano, cuja utilidade se revelava somente nesse instante, o cortejo recebia imediatamente licença para passar, a ira daqueles que, sem nenhuma consideração tributada às suas pessoas, viam-se incomodadas pelas formalidades da fiscalização, chegou rapidamente ao ponto de efervescência; elas sentiam-se menosprezadas, devido à discriminação, sentiam o desrespeito a quaisquer instituições e valores humanos, e repentinamente tornavam-se cônscios desse fato, porque para um indivíduo se abria e podia ser aberta uma exceção, e para elas não tinha importância a noção de que se tratava apenas de um privilégio outorgado a um moribundo e à morte. Não há ninguém que não esteja inclinado a desdenhar ao próximo, e no formigueiro de discriminações, que, anônimas e indizíveis, inúmeras vezes acontecem e se vão, vislumbra-se o conhecimento que o homem tem da sua própria incapacidade para a benevolência, de seu angustiado anelo de conservar uma dignidade que lhe foi conferida, sem que ele possa chegar a possuí-la. Desprezo enfrentava a

outro desprezo no estreito, cálido funil do portão de entrada. Não seria, portanto, de admirar que atrás dele, no interior do pátio, o poeta escapado do cobiçoso entrevem, escapado da luz crua, infernal, ofuscante no seu colorido, se imaginasse liberto de todas aquelas afrontas que lá fora, nas vielas e na praça, o haviam perseguido, e o alívio era quase o mesmo que o outro que lhe coubera em sorte depois do sumiço dos enjôos, era a mesma tranqüilização, se bem que o lugar onde desta vez aportava realmente nada tivesse de tranqüilidade, antes pelo contrário, já que o pátio dava a impressão de explodir de tanta confusão. Tal confusão era, contudo, apenas aparente; a criadagem imperial, habituada a acontecimentos desse gênero, conservava a mais precisa disciplina, e em seguida um dos funcionários da corte, provido de. uma lista dos convidados, aproximou-se da liteira, a fim de dirigir-se, com manifesta indiferença, ao servente, o qual lhe sussurrou o nome do hóspede; com igual indiferença, o funcionário tomou conhecimento dele e conferiu-o na lista, tão indiferente e apaticamente que essa atitude tinha de afigurar-se a um célebre poeta claramente insultuosa, insultuosa a tal ponto que ele achasse necessário confirmar e reforçar a informação do servente.

– Sim, Públio Virgílio Marão, assim me chamo! – disse e ficou furioso, porque até isso provocava apenas uma rápida e cortês, mas não menos indiferente mesura, e o próprio garoto, do qual se esperava alguma ajuda, não dava nenhum pio, senão se incorporava obedientemente ao cortejo, que, a um sinal do funcionário, logo se encaminhava ao segundo pátio cingido de arcadas. Verdade é que o agastamento não durou muito tempo; extinguiu-se em face da calma que neste momento da chegada realmente o envolvia, quando carregavam a liteira adentro desse pátio ajardinado, quase totalmente tranqüilo, onde apenas murmurava um chafariz; lá a depositaram diante do mégaron, que o César escolhera para residência de seus convidados; na frente da entrada, os escravos da casa achavam-se enfileirados para acolhê-lo; os carregadores forasteiros foram despachados, e o mesmo tratamento coube ao garoto: tiravam-lhe das mãos o manto, e como ele, não se afastando do lugar onde estava, apenas se limitasse a sorrir, o funcionário da corte perguntou-lhe asperamente:

– Que estás ainda fazendo aí? Vai-te embora e já!

O garoto não se mexeu; conservava-se amável e malicioso, e seu sorriso prosseguia inalterado, seja por causa desse modo rude de retribuir seu trabalho de guia, seja por saber que qualquer tentativa de arredá-lo dali

sempre ficaria baldada. E no entanto, tinha essa sua permanência algum sentido? Seria ela desejável? Que serventia teria o menino para ele, um enfermo fatigado, que necessitava de quietude? Porém, esse esquisito temor de remanescer sozinho, esse esquisito temor de ter que perder nesta situação o jovem guia!

– É meu escriba – disse o poeta, e as palavras foram pronunciadas quase que automaticamente, era como se algo estranho tivesse falado dentro dele, para fora dele, estranho e todavia obscuramente familiar, vontade mais forte que a própria, vontade abúlica, mas coercitiva, irresistível, a noite. Desejo silencioso, poderoso, que se revelou na noite. Silencioso, jazia o pátio ajardinado, silenciosas, as flores exalavam seu perfume, suavemente murmuravam os dois chafarizes; um olor vago, delicado, levemente úmido, de noite de primavera em pleno outono, adejava, fresquinho, qual teia fininha, acima dos canteiros, e entretecida nele, vinha do edifício anterior a aragem da música, como tiras de um véu, ora mais próxima ora mais distante, véus de sons, um após outro, bordados de pontinhos de címbalos, enredados na névoa cinzenta das vozes, pela qual a festa ali celebrada se coava além de seus próprios limites; o que lá era ribombante, metálico, esplendoroso clangor, chegava para cá apenas como branda neblina sonora, que se perdia no imenso espaço noturno; o retângulo celeste, desdobrado acima do pátio, já permitia de novo a visão dos astros, visíveis outra vez na sua luz palpitante, ainda que de quando em quando os encobrissem as nuvens de fumaça, que passavam por baixo deles; mas até nelas se inseriam os suaves rumores da neblina sonora; elas participavam dos nebulosos murmúrios, que impregnavam o pátio, envolvendo tudo, fundindo coisas, perfumes, sons, subindo até ao céu, no sossego da noite; e acolá, junto ao muro, erguia-se uma palmeira, apenas vagamente iluminada, com a espessa fibra do tronco, erguia-se à altura do telhado, abrindo em rígida aspereza o leque negro, inacessível, prenhe de noite também ela.

O astros, ó noite! Sim, era noite, noite, até que enfim! E era a emanação escura, úmida, intensa dos sons noturnos, que ele, com o peito dolorido, aspirava profundamente. Mas já se demorara em demasia, carecia preparar-se para sair da liteira, ficava um tanto agastado, porque a solicitude do César, que no navio lhe enviara o enfadonho médico, não se estendia até aqui, e irritava-o que evidentemente ninguém sabia quão débil ele estava. Acrescia que já haviam levado a mala com a Eneida para dentro da casa, e urgia segui-la a toda pressa.

– Vamos, ajuda–me! - ordenou ao menino, soerguendo-se. Depois, amparado no ombro dele, tentou vencer os primeiros degraus da escada. É bem verdade que notou imediatamente que o coração, o peito e os joelhos fraquejavam, superestimara suas forças; fez-se necessário que dois escravos o carregassem para cima. Subiram três andares, liderados pelo indiferente funcionário da corte, que mantinha o rol dos convidados apoiado no quadril, como um bastão de estratego. Mais atrás, arrastavam-se muitos pés de escravos, que transportavam as bagagens. E quando alcançavam lá no alto o já preparado e bem arejado quarto de hóspedes, era fácil distinguir que este se achava numa espécie de torre, no canto sudoeste do palácio; através das janelas encimadas de arcos redondos, bem acima dos telhados da cidade, passava uma brisa fresca, recordação fresca de terras olvidadas, de mares esquecidos; marinha e terrestre, a aura da noite deslizava pelo recinto; obliquamente inclinadas por ela, as chamas dos círios ardiam nos candelabros de numerosos braços, engrinaldados de flores, e que estavam distribuídos pelo centro da peça; de uma fonte embutida na parede escorria, fresquinho, por sobre os degraus de mármore da sua estrutura, um véu d'água, abrindo um fino leque; a cama sob o mosquiteiro estava aprontada, e na mesa, ao lado dela, haviam colocado petiscos e vinho. Não faltava nada; junto à janela do avarandado, aguardava-o uma poltrona para seu lazer, e num canto do quarto havia uma cadeira-retrete; as bagagens tinham sido arranjadas de tal modo que estivessem logo à mão, e segundo fora solicitado especialmente, a mala com o manuscrito encontrava-se bem perto do leito; tudo decorrera tão perfeita e tão silenciosamente como convinha a um enfermo, mas isso já não podia, na verdade, ser creditado ao Augusto, era apenas o resultado ela hábil solicitude da equipe da corte, capaz de realizar um trabalho irreprochável, e que dispunha de todos os recursos necessários; não representava em absoluto uma demonstração de amizade. Era preciso aceitá-lo, conformar-se com isso, a doença obrigava-o a fazê-lo, era uma imposição infligida pela enfermidade, imposição molesta, de sabor amargo, e, nesse caso, a amargura nem sequer se dirigia em primeiro lugar contra a doença e sim contra o Augusto, sem dúvida porque este possuía o dom de rejeitar terminantemente toda e qualquer gratidão. A amargura com relação ao Augusto – não tinha ela existido desde o começo? Claro, tudo se devia ao Augusto, paz e ordem e a própria segurança; nenhum outro teria conseguido tudo aquilo, e se, em lugar dele, Antônio se houvesse apossado do governo, Roma jamais teria reobtido a paz; claro, mas mesmo assim,

ainda assim, ainda assim prosseguia viva a desconfiança contra esse homem, que a essa altura já entrara na casa dos quarenta, sem que tivesse realmente envelhecido, que nos últimos 25 anos se conservara inalterado e mantinha em suas jeitosas mãos hoje como outrora os fios da política, com a mesmíssima destreza e astúcia; e não se justificava plenamente tal desconfiança contra esse jovem por demais velho, ao qual se devia tudo? O que o distinguia era apenas maciez, macia era sua beleza, macia sua gentileza, que o poeta tanto teria gostado de qualificar de amizade e que todavia não era amizade, senão sempre visava a finalidades egoístas, e toda aI gente deixava-se apanhar em sua rede, nessa rede tão macia! E agora isso se repetia, mais uma vez acontecia aquele arremedo de amizade! Por que motivo oculto aquele hipócrita insistira tanto em carregar em seu séquito um homem enfermo de volta à Itália? Ah, morrer no navio teria sido muito melhor do que ter de jazer aqui, em meio a esse pessoal manhoso da corte, aqui onde tudo estava impecável, demasiado impecável! Entrementes, lá, na festa imperial, sob o fulgor de luzes e sons, o ex-jovem soberano fazia-se homenagear espalhafatosamente. Sob a forma de um estrugido distante, estranho, vinha dali o rumor, impudicamente crescendo e decrescendo, poluindo a aura da noite.

Mas, nessa aura da noite reunia-se tudo, o alvoroço da festa, o silêncio das montanhas e a cintilação do mar, o antanho e o agora e novamente o antanho, um fluindo adentro do outro, um fundido com o outro... Ser-lhe-á dado retornar mais uma vez a Andes? Aí ficava Brundísio, com sua abundância de telhados e suas iluminadas vielas, desdobrada abaixo da janela do avarandado, até à qual ele se fizera transportar e a cuja frente se instalara na poltrona; aí havia apenas Brundísio, e ele escutava os sons que chegavam de fora, da noite, escutava o que vinha da distância do antanho, daquele lugar onde seria bom morrer; não, ele não deveria ter viajado para cá, menos ainda a esse aposento de hóspedes, bem mobiliado, sim, mas desprovido de amizade. Nos círios dos candelabros, com as chamas oblíquas, colava-se, gota por gota, sempre de um só lado, uma barra de cera dentada, que rapidamente se tornava mais grossa.

– Senhor … , – o funcionário da corte achava-se defronte dele.

– Não preciso de mais nada.

O funcionário apontou para o garoto: – Teremos de dar pousada a teu escravo? Ela não estava prevista.

Realmente, esse sujeito maçante tinha razão, ela não estava prevista.

– Mas se quiseres que o instalemos perto de ti, ó senhor, faremos tudo para agradar-te.

– Não é preciso. .. Ele vai descer à cidade.

– Além disso permanecerá esse aí – o funcionário indicou um dos componentes do grupo de escravos – durante a noite no gabinete vizinho, às tuas ordens.

– Está bem... Espero não necessitar dele.

– Posso então afastar–me?

– Pode, sim.

Essas formalidades já se tornavam excessivas. Impacientemente, o poeta entrelaçava os dedos; dando giros nervosos ao anel de sinete, esperava que o homem friamente solícito saísse finalmente do quarto, junto com sua turma; mas, quando isso acontecia, não os acompanhava, contra toda expectativa, o escravo designado pelo funcionário, um indivíduo de narigão oriental na rígida cara de lacaio; estacava perto da porta, como se assim tivessem combinado.

– Manda-o embora! – implorou o garoto. O escravo perguntou:

– Queres ser acordado ao nascer do sol?

– Ao nascer do sol? Para quê? – por um instante parecia que o sol, apesar da hora noturna, ainda estivesse no céu, posto que escondido em regiões ocidentais, mas sempre presente, Hélios, sobrevivendo à noite, superando a noite, mais poderoso do que a mãe de cujo ventre saíra.

Era, no entanto, necessário dar uma resposta ao escravo, que aguardava instruções:

– Não precisas despertar-me. Provavelmente estarei acordado ...

Tinha-se a impressão de que o homem não ouvira a resposta. Ele se quedava imóvel. Que significava isso? Que é que esse homem queria insinuar? Será que para quem não despertasse, não raiaria nenhum dia novo? Era noite, noite maternalmente serena, de amena aura, e amena era a idéia de que ela pudesse durar sempre; não, o escravo era indesejável, tão indesejável como a possibilidade de ser despertado por ele.

– Podes recolher-te.

– Até que enfim – comentou o garoto, quando o escravo acabava de fechar a porta atrás de si.

– Até que enfim, claro... Mas agora vamos tratar de ti, meu pequeno guia ... Que estás ainda fazendo aqui? Queres alguma coisa de mim? Com o maior prazer, satisfarei teus desejos ...

O pequeno guia mantinha-se ali parado, com as pernas escanchadas, abaixando levemente o rosto redondo, um tanto vulgar e – infelizmente devemos admiti-lo – nada bonito, rosto típico de um jovem campônio. Um pouco magoado, sem jeito, avançava o lábio inferior, com um trejeito de amuo:

– Queres mandar-me embora, a mim também?

– Mandei os outros embora, mas não a ti. A ti pergunto apenas...

– Não deves mandar-me embora... – a voz rouca, abafada do menino soava familiar; a pronúncia singularmente rústica recordava o torrão natal. Nessa voz havia uma espécie de entendimento longínquo, dificilmente evocável, entendimento que vinha de um outrora inescrutavelmente distante, materno, cujo conhecimento brilhava também nos claros olhos do garoto.

– Não tenho a intenção de desembaraçar-me de ti, mas suponho que a festa do César te atraiu, como a tantos outros... – A festa não me interessa.

– Todos os rapazes querem ver a festa. Não precisarias envergonhar-te se o desejasses, e minha gratidão por teu trabalho de guia nem por isso ficaria menor.

Mãos nas costas, o menino tentou resistir: – Não quero ir à festa!

– Na tua idade, eu certamente teria ido, e ainda hoje o faria, se minha saúde o permitisse. Mas se tu fosses em meu lugar, seria para mim quase como se eu mesmo participasse dela …, curiosamente contrabandeado em outro corpo. Olha, aqui há flores, tece uma grinalda para ti, para que agrades ao Augusto ...

– Não quero.

– Que pena! E que queres então?

– Ficar aqui, contigo!

A imagem dos salões de festa, nos quais se devesse contrabandear o menino, para que ele se apresentasse ao Augusto, essa imagem evaporou-se.

– Tu queres ficar comigo?

– Sempre.

O noite eterna, na qual governa a mãe, com a criança entregue ao sono, nos domínios do inalterável, dormindo na escuridão o sono que a conduz de trevas a trevas; ó doce imutabilidade do sempre!

– A quem procuras?

– A ti.

O menino estava enganado. O que procuramos está submerso, e não deveríamos procurá-lo, já que o insondável apenas zomba de nós.

– Não, meu pequeno guia, guiaste-me, mas não me procuraste.

– Teu caminho é o meu.

– De onde és?

– Embarcaste em Epiro.

– E tu vieste comigo?

Um sorriso substituiu a resposta afirmativa.

– Epiro, na Grécia... Mas falas a língua de Mântua. Novamente sorria o garoto:

– É tua língua.

– A língua de minha mãe.

– Na tua boca, a língua tornou-se canto.

Canto… Ar das esferas, que se canta a si próprio, ultrapassando tudo o que é humano!

– Eras tu quem cantava no navio?

– Eu escutava.

O canto materno da noite, a atravessar a noite com seu som, ressoando em todo o tempo, sempre procurado, cada vez que despontava o dia:

– Eu tinha a mesma idade que tu tens hoje, quando escrevia meus primeiros versos, muita coisa misturada. .. Sim, naqueles dias era assim, era necessário que me encontrasse ... A mãe acabava de morrer, somente sobrava o som de sua voz. .. Mais uma vez, a quem estás procurando?

– Não preciso procurar, pois tu o fizeste.

– Acho-me portanto realmente em teu lugar, ainda que não queiras ir à festa em vez de mim? Será que também escreves versos, assim como eu fiz?

O rosto familiar do menino mostrava uma mescla de hilaridade e negativa; as próprias sardas na base do nariz pareciam conhecidas havia muito.

– Pois, então, não escreves versos. E eu já suspeitava que fosses daquela gente que insiste em ler-me seus poemas e dramas ...

O garoto dava a impressão de não ter compreendido essas palavras, ou talvez não se importasse com elas:

– Teu caminho é poesia – respondeu –, e tua meta fica além da poesia...

A meta ficava além das trevas, ficava além das paragens do outrora maternalmente protegido. O menino, posto que falasse de uma meta, nada sabia dela; não tinha idade para tanto; guiara, sim, mas não por causa da meta:

– Seja isso como for, vieste ter comigo, porque sou poeta, não é?

– És Virgílio.

– Sei que sou. Além disso gritaste meu nome com bastante clareza aos ouvidos daquela gente na praça do porto. – Mas não adiantou muito.

O bom humor que se refletia na fisionomia do menino produziu uma piscadela; num trejeito cômico, o pequeno torceu o nariz, de modo que a faixa de sardas na base se contraía, formando numerosas ruguinhas; descobriu os dentes brancos, regulares, muito fortes, que brilhavam à luz das velas. Era a mesma jovialidade com que, lá embaixo, na praça, tentara desembaraçar o caminho para o poeta Virgílio, a mesma jovialidade que tinha suas origens num passado muito remoto.

Alguma coisa impelia o poeta a falar, obrigava-o, enfrentando até o perigo de que o garoto não pudesse entendê-lo:

– O nome é como um vestido que não nos pertence. Ficamos nus debaixo do nosso nome, ainda mais nus do que a criança que o pai levantou do solo, para dar-lhe o nome. E quanto mais enchemos de ser ao nome, mais estranho ele se nos torna, mais independente de nós, mais desamparados ficamos nós mesmos. Emprestado é o nome que usamos, emprestado o pão que comemos, emprestados somos nós, desnudos, mantidos dentro de um mundo estranho, e somente quem se despojar de qualquer ouropel emprestado há de avistar a meta, será chamado à meta, para que se reúna definitivamente com seu nome.

– Tu és Virgílio.

– É o que eu era outrora. Talvez o possa ser novamente.

– Ainda não e todavia já – vinha dos lábios do garoto a corroboração.

Isso era um consolo, posto que não passasse do consolo que uma criança é capaz de propiciar, e tal consolo não bastava. – Esta é uma casa de nomes emprestados... Por que me conduziste até ela? É uma casa de hóspedes ...

Mais uma vez aparecia aquele sorriso do entendimento, infantil e quase brejeiro, porém baseado numa intimidade muito grande e até intemporal:

– Vim ter contigo.

E coisa estranha! Desta vez, a resposta era satisfatória, como se proporcionasse consolo suficiente, e também já satisfazia com relação à pergunta ulterior, que – coisa ainda mais estranha! – surgia em seguida, estranha na sua inevitabilidade:

– Vens de Andes? E me levas para Andes?

O poeta não sabia se acabava de pronunciar essa pergunta realmente em voz alta; sabia, no entanto, que não desejava ouvir resposta alguma, nem afirmativa nem negativa; pois não era lícito que o garoto fosse natural de Andes, por enquanto não seria lícito, pois, por demais assustadora teria sido a primeira das alternativas e por demais absurda a segunda. Não, melhor seria que não houvesse nenhuma resposta, e com boa razão não houve mesmo. Mas sumamente forte era o anelo de poder guardar o menino consigo, forte o anelo de poder respirar, respirando passar ao sossego e à intuição; ah, o próprio anelo já era intuição! Oblíquas, as velas ardiam na suave aragem, que, entrando e saindo, fluía como uma saudade fresquinha, tenra, poderosa, vinda da noite, embocando na noite; ao lado do leito, a lâmpada de prata balouçava levemente na corrente comprida, e lá fora, diante da janela, vibrava e evaporava-se por cima dos telhados o bafo da cidade, dissolvia-se em púrpura, um roxo purpúreo no azul-escuro, no preto, no inconcebível, no fluente.

Respirar, repousar, aguardar, calar! Vindo da noite, embocando na noite, manava o silêncio, e passava muito tempo, antes que o poeta o interrompesse:

– Vem cá! Senta-te a meu lado! – Assim fez com que o menino se aproximasse, e, ainda depois de ele ter-se acocorado a seus pés, conservava-se o silêncio, mantinha-os envolvidos, entregues à noite muda. Lá longe continuava o alvoroço, estrondeava a barulheira dos ávidos de sensações, estrugia o tumulto da festa, fervilhava infernalmente o animal humano, sombrio, inexorável, sedutor, impudico, fatal, ao mesmo tempo feroz e

saturado, cego e basbaque, rebanho espezinhador, que, à ilusória luz de archotes e fogueiras, comprimia-se à beira do sinistro abismo do nada, quase desenganado, quase sem possibilidade de salvação, não houvesse, até naquele ambiente, o canto do silêncio, mais audível quanto mais se escutasse com atenção, esse canto inerente desde sempre, inerente para sempre, o toque dos sinos do silêncio, a converter-se, crescendo, no brônzeo repique da noite, repique de todos os rebanhos humanos, canto suave da noite dos rebanhos, suspiros dos rebanhos entregues a seu grande sono; muito abaixo do humo do ser, sussurrando nas sombras, oculta na infância, desligada do destino, desligada do acaso, liberta do impudor, reina a noite, e dela brota a criatura perpassada pelo fluxo das seivas da noite, impregnada de sono, eternamente fecundada pela fonte de toda ternura; dela brotam, em indescritível entretecimento, incorporados uns nos outros, planta, animal, homem, mutuamente ensombrados, pois a maldição do retorno fica abrigada pela bênção do sono, e a benigna coberta da existência, um nada irreal, está estendida por sobre o nada.

Oh, essa esfera terrestre! Mundo etéreo e mundo noturno, na incessante alternação de aspirar e respirar, palrando entre dupla sedução da grandeza da sombra e da falta de sombra, as marés do decurso inelutavelmente encerradas entre os dois pólos da abolição do tempo, da animalesca e da divina ausência do tempo – ah, em todas as veias da vida terrestre, de tudo quanto nasceu da terra, flui a noite para cima, incessantemente transformada em vigilância e consciência, simultaneamente exterior e interior, convertendo o amorfo em forma a conter as trevas e a guardar a sombra, e entre o nada e o ser, levitando em tal levitação, o mundo torna-se escuridão e claridade, toma-se reconhecível na sua faculdade de ser sombra e luz. Sempre ressoam na alma, ora mais suave, ora mais ruidosamente, mas sempre imperdíveis, o toque dos sinos da noite, o toque dos sinos dos rebanhos, o rugido leonino do dia, abalador na luz e no reconhecimento, tempestade dourada, que devora a criatura... Ó conhecimento do homem, ainda não conhecimento, já não sabedoria, subida do humo do ser, subida dos primórdios da vida, subida da sabedoria das mães, alçando-se à nitidez fatal do ultraluminoso, da supervida, içando-se ao ardente reconhecimento do pai, elevando-se ao frio; õ conhecimento do homem, que não tem raízes, eternamente movimentado, nunca nas profundezas e nunca nas alturas, senão sempre pairando na soleira crepuscular entre a noite e o dia, sensação de alívio e resfolego no reino

intermediário do crepúsculo das estrelas, entre a vida do rebanho noturno e a morte do isolamento envolto em luz, entre o silêncio e a palavra, que novamente retorna ao silêncio. Nada que for terreno será realmente capaz de sair do sono, e somente quem jamais se esquecer da noite conseguirá completar a órbita, conseguirá voltar da intemporalidade do começo à intemporalidade do fim, conseguirá empreender sempre de novo o curso circular, ele mesmo sendo astro na imutabilidade do decorrer dos tempos, subindo do crepúsculo, desaparecendo nele, nascendo na esfera noturna e renascendo dela, acolhido pelo dia, cuja clareza se fundiu com a escuridão, o dia que contém a noite; pois assim tinham sido as noites, todas as noites de sua vida, todas as noites através das quais vagara, as noites que passara velando, transido do temor da inconsciência, que nos ameaça sob as horas noturnas, cheio de medo da ausência de sombras, que as encobre, acossado pelo receio de ter de abandonar o Pã, atormentado por um temor ciente do perigo da dupla intemporalidade; realmente, assim tinham sido aquelas noites, pregadas no limiar da despedida dobrada, noites do imutável sono do universo, se bem que nas praças, nas ruas, nas tavernas, absolutamente inalterados em cidades e mais cidades desde os primórdios, os homens rugissem, com suas vozes inaudivelmente ressoando de todas as eras remotas e justamente por isso insistentemente percebidas: também isso era sono, posto que em salões de festas e mais festas os potentados deste mundo se fizessem homenagear, circundados de tochas e de música, alvos de sorrisos e mais sorrisos de pessoas radiantes, requestados por corpos e mais corpos, e eles mesmos sorrindo e requestando; também isso era sono, ainda que ardessem as fogueiras dos guardas, não só à frente das fortalezas mas também lá longe, onde campeava a guerra, nas fronteiras, à beira dos rios negros, tenebrosos, e nas orlas das rumorejantes, sombrias florestas, sob os agressivos, estonteantes uivos dos bárbaros, que impetuosamente rompiam da escuridão; também isso era sono, sono e mais sono, igual àquele dos anciãos desnudos, que, dormindo em fedorentos antros, expulsavam de seus corpos os derradeiros restos de vigilância, igual àquele dos lactentes, que a partir da miséria de seu nascimento entravam, sonhando sem sonhos, na obtusa vigilância de uma vida futura, igual àquele da acorrentada turma de escravos no porão do navio, estendidos, como aturdidos vermes, nos bancos, nas pranchas, nas pilhas de cordames; sono e mais sono, rebanho e mais rebanho, alçados acima da indistingüibilidade de seu solo original, quais cadeias de colinas, que repousem na planície,

inseridos na inalterável esfera maternal, no contínuo retorno, que ainda não é ausência de tempo e no entanto em todas as noites terrenas torna a engendrá-la; realmente, assim tinham sido essas noites, assim continuavam sendo, assim era também esta, talvez para sempre, noite na gangorra limítrofe de intemporalidade e tempo, de despedida e retorno, de comunhão com o rebanho e a mais solitária solidão, de medo e salvação, e ele mesmo, pregado ao limiar, noite após noite aguardando no limiar, a vista turvada pelo lusco-fusco da orla da noite, no crepúsculo das bordas do universo, ele, ciente do que ocorria no sono, fora elevado rumo aos domínios do inevitável, e, ao assumir forma, ele próprio tinha sido arremessado de volta e para cima, adentro da esfera dos versos, adentro do reino intermediário do conhecimento terreno, reino intermediário das mães, da sabedoria, da poesia, adentro do sonho que fica mais além do sonho. e atinge os limites do renascer, meta da nossa fuga, a poesia.

Ó fuga, fuga! Ó noite, hora da poesia! Pois, poesia é intuitiva espera na penumbra, poesia é abismo cheio de prenúncios do crepúsculo, é espera no limiar, é ao mesmo tempo comunidade e solidão, é miscigenação e medo de miscigenar-se, isenta de lascívia na própria promiscuidade, tão isenta como o sonho do rebanho adormecido e todavia perseguida pelo medo de tal lascívia; ah, sim, poesia é espera, ainda não partida, mas incessante despedida. No seu joelho, ele sentia, quase imperceptível, o ombro do garoto acocorado, não lhe via as feições, apenas notava que o rosto estava mergulhado em sua própria sombra, via, no entanto, a cabeleira escura, desgrenhada, na qual cintilava a luz dos círios, e recordava-se daquela noite terrível, ditosa-inditosa, na qual ele mesmo impelido pelo destino, amoroso e acossado também naquele momento, fora ter com Plócia Hiéria e a ela, que lá estava acocorada, hibernalmente esperançosa, hibernalmente indecisa, lera apenas versos... Fora a Écloga da Feiticeira, écloga essa escrita por vontade e incumbência de Asínio Pólio, e que jamais lhe teria saído tão bem-sucedida, não a houvessem inspirado o almejo e a cobiçosa ânsia de possuir a mulher, e que, todavia, somente lhe saíra tão impecável, porque ele sabia, desde o começo, que nunca lhe seria dado afastar-se do limiar e entrar na noite perfeita da comunhão; ai dele! uma vez que lhe for–a perpetuamente imposto o desejo de fugir, tivera de ler a écloga; temor e esperança se haviam consumado, houvera a despedida. E era a mesma despedida, que, mais tarde e em maior escala, foi revivida por Enéias, quando este, instigado pelo misterioso, insondável decurso da

epopéia rumou ao irrevogável com os fugazes navios e afastou-se de Dido, renunciando para sempre a deitar-se ao lado dela, a caçar em sua companhia, perenemente separado dela, que lhe tinha sido doce sombra da realidade e doce sombra do gozo, eternamente distanciado da caverna noturna do amor na tempestade. Sim, Enéias e ele, ele e Enéias tinham debandado, sua partida fora real e não apenas a hesitante despedida da epopéia, tinham fugido do reino intermediário da poesia, como se este não conviesse aos vivos, apesar de ser também o do amor... Aonde conduzia tal fuga? De que profundezas provinha esse medo ao mandado maternal de [uno? Ai deles, o amor já é mergulhar sob a superfície da noite, mergulhar ao noturno fundo primevo, onde o sonho se torna intemporalidade, passando por baixo do limiar de si próprio, rumo ao fundo primevo do disforme, do indistinguível, que aguarda uma oportunidade para irromper de modo destruidor, qual tempestade; somente os dias mudam, somente através dos dias flui o tempo, e no que se move à luz clara do dia, o tempo é avistado pelos olhos; imóvel, porém, na sua grandeza é o olho da noite, em cujas profundezas repousa o amor, o olho que, vazio e ardente e fixo ao brilho das estrelas, inalterável e incessantemente, noite por noite, além de todos os tempos, renova em si a intemporalidade terrena ... criando mundos e devorando mundos, a partir da sua mais profunda profundeza; já não enxergando mais nada, nada a não ser a ofuscadora, relampeante profundeza do nada, acolhe em si todos os olhos, os olhos dos amantes, os olhos dos moribundos, turvados no amor, turvados na morte, o olho do homem, turvado ao vislumbrar a intemporalidade.

Ó fuga, fuga! O dia a criar forma e a noite a dar descanso às formas, ambos visando a ação descansada da intemporalidade! Aos poucos, encrostavam os círios dos candelabros, em torno dos quais enxameavam sem cessar os mosquitos, com seus zumbidos malvadamente monótonos, monstruosamente obstinados; sem cessar murmurava a água da fonte embutida na parede, e o murmúrio era como que parte de um fluxo indizivelmente intemporal, imoto, oceânico; imotos brincavam os cupidos do friso da parede, petrificados num super-sossego, numa super-paz, que quase deixara de ser forma, porém participava da ampla, transcendente, pertinazmente sussurrante calada da noite, na sua perene imutabilidade, que, gerando sombras, impregnada de sombras, erguia-se ao redor, qual caverna das marés dos sonhos, envolta em bafo, silêncio sem forma, acima do qual adejam sem nenhum ruído as aves do trovão sob os desanuviados

astros. Pois, quaisquer seres que repousem na noite, bebendo a paz, bebendo-se mutuamente, repassados de sombras, obumbrando-se mutuamente, alma estreitada por outra alma, esposo e esposa unidos, a moça abrigada nos braços do moço, o garoto nos braços do amante, o que quer que aconteça à noite é reflexo partícipe, escuro, da sua ainda mais intensa escuridão, é imagem os raios que sombriamente a cruzam, é queda no abismo da tempestade, dilacerado o teto do sonho, e ainda que clamemos pela mãe, para que nos proteja contra a procela noturna, ela. permanece tão distante, tão sumida da memória que apenas de vez em vez nos alcançará um sopro dos tremores da infância, sem oferecer-nos consolo ou ajuda, trazendo, no máximo, a aura familiar e todavia já estranha do torrão natal, desaparecido há muito tempo, a aura da calma que precede a tempestade; pois é, assim era, e por morna e branda que soprasse a brisa noturna, por fresquinha que entrasse pela janela, por mais completamente que abrangesse nas suas marés tudo quanto fosse terrestre, olival e medas de trigo, vinhedo e praia de pescadores, envolvendo-os como que num único, unificante, flutuante hálito de terras e mares, carregando-lhes e mesclando-lhes as safras na suave mão do vento, e por mais meiga que se baixasse essa mão macia, acariciando ruas e praças, refrescando os rostos, dissolvendo a fumaceira, acalmando o cio, sim, ainda que esse hálito assoprador, ao encher a forma da noite até à sua mais extrema superfície, ainda que a ultrapassasse, transformado na trêmula, cavernosa cordilheira, que, insondável, quase sem aparência externa, repousa no fundo do seu mais próprio íntimo, o qual, ele mesmo, se converteu em noite – ainda que tudo isso acontecesse ou viesse a ser, não adiantaria; prenhe de sinistros, persiste o sono dos rebanhos, a agitação humana prossegue jamais mitigada, o fogo conserva-se inextinguível, o amor permanece exposto ao esmagador raio do nada, e acima da caverna da noite paira, distante do tempo, a procela.

Ó fuga, fuga! nenhum chamado alcança a mãe. Somos órfãos, lá onde se originam os rebanhos, nome algum que chamemos no sonho é atingido por nossa voz, nenhum tem valor nas trevas da perfeita fusão. E tu, ó pequeno companheIro de minha noite, tu que te uniste a mim como um guia, serias realmente alcançável? Foste-me enviado por teu destino ou pelo meu, para que eu fale contigo? Também te sentes ameaçado pela intemporalidade? Esconde-se ela sob a tua noite também, e será que por isso vieste ter comigo? Ah, encosta-te em mim, meu pequeno irmão gêmeo; ah, encosta-te em mim; afasto meu olhar da ameaça e dirijo-o para ti,

esperando, esperando pela última vez que eu possa retornar do isolamento, retornar contigo àquela abóbada escura que foi erguida em mim como um lar já ignoto; ah, sim, entra comigo nesse recinto familiar, que, por mais estranho que seja, excita minhas veias com renovada intimidade e do qual quero que participes; pode ser que então o que há de mais estranho, que então até eu mesmo deixe de ser estranho para mim; ah, estreita-te em mim, meu pequeno irmão gêmeo, estreita-te em mim, e se pranteares a infância perdida, a perda da mãe, hás de reencontrá-las a meu lado, quando eu te abraçar e te oferecer proteção. Mais uma vez permaneçamos na adejante caverna da noite, somente mais uma única vez, escutando juntos a noite e o adejo de seus sonhos, o "apesar-de-tudo" de seu reino intermediário e da sua doce realidade... Ainda não o sabes, ó meu pequeno irmão, pois és muito jovem, ainda não sabes de que profundezas distantes do âmago do nosso ser sobe a esperança da noite, a tal ponto abrangedora de tudo, tão abrangida pela alma na sua inalterabilidade, promessa feita pela saudade na sua angústia, que necessitamos gastar muito tempo até que a ouçamos, a ela e à sua ansiedade, que se ergue a nosso redor, qual serra de ecos, paredes ecoantes e mais paredes, como uma paisagem desconhecida e todavia como um chamado vindo do nosso próprio coração, sim, apesar de tudo, apesar de tudo, vindo dele tão imperiosamente, como se todo o revérbero de um passado vivido em épocas remotas quisesse resplandecer de novo, e tão confiantemente, apesar de tudo, que parece encerrar em si toda a promissão do definitivo… Ah, meu pequeno irmão, experimentei isso, porque fiquei velho, mais velho que meus anos, porque sinto em mim toda a fragilidade e toda a iminência da putrefação; experimentei isso, porque estou quase no fim; ai de nós, somente ao desejarmos a morte, almejamos a vida, e no meu íntimo operam, solapando e afrouxando a estrutura, todas as ânsias de morrer, sem cessarem, desde que me lembro, palpitando ininterruptamente; sempre senti a presença delas, simultaneamente anelo de viver e anelo de morrer, nas muitas noites em cujo limiar me quedei, nas beiras de noites e mais noites, cujo fluxo passou por mim, enquanto, através do seu murmúrio, intensificava-se em mim o saber da sua essência, o saber da separação, o saber da despedida, que começa na hora do crepúsculo matutino, e o que fluía a meu lado, o que, com a maré crescente, me atingia, me molhava, me envolvia vindo de fora e todavia nascido em mim, era a morte, era minha morte; somente o moribundo reconhece a comunhão, reconhece o amor, reconhece o reino intermediário, somente no crepúsculo

e na despedida reconhecemos o sono, cuja comunhão mais oculta não encerra lascívia, percebemos que à nossa partida jamais deve seguir nenhum retorno, avistamos o germe da lascívia, que se acha inerente ao retorno e somente a ele; ai de nós, meu pequeno companheiro da noite, tu também hás de perceber isso um dia, tu também te encontrarás um dia sentado junto à orla, à beira de teu reino intermediário, à beira da despedida e do crepúsculo, e também o teu navio estará preparado para a fuga, aquela fuga altaneira que se chama despertar e da qual não há retorno. O sonho, sonho! Enquanto poetamos, não partimos; enquanto perseveramos no reino intermediário do nosso dia-noite, presenteamo-nos mutuamente com todos os sonhos esperançosos, todos os almejos de comunhão, toda a esperança de amor, e por isso, meu pequeno irmão, por causa dessa esperança, desses almejos, não te afastes mais de mim; não quero saber teu nome, que te ensombrearia; não te quero chamar, nem para partirmos nem para retornarmos, mas fica comigo, inalcançável e sem ser chamado, para que persista o amor na promessa de sua eternidade, fica comigo no crepúsculo, fica comigo à beira do rio, que queremos vislumbrar, sem nos confiarmos a ele, longe da sua fonte, longe da sua foz, invulneráveis à arquiescura fusão do início, invulneráveis também ao derradeiro, ofuscante isolamento da luz de Apolo; oh, fica comigo, protetor e protegido, assim como eu quero permanecer perenemente a teu lado; mais uma vez o amor! Ouves o que digo? Ouves minha súplica? E será ela ainda capaz de ouvir-te, anuindo a si mesma, escapada ao destino, redimida do sofrimento?

Imóvel jazia a noite, com a rigidez das formas vizinhas e distantes, encerrada neste recinto, encerrada em recintos cada vez mais amplos, desdobrada entre a proximidade imediata do palpável e distâncias mais e mais longínquas, por sobre montanhas e mares, estendida, em eterno fluxo, até às jamais atingíveis abóbadas dos sonhos; mas esse fluxo, brotando do coração, estuando nos limites da abóbada e correndo de volta ao coração, acolhia em seu leito uma vaga de almejos após outra, diluía a própria saudade de saudade, imobilizava o materno, oscilante berço dos astros de seus primórdios, e rodeada dos lampejos dos sombrios raios das profundezas e dos claros raios das alturas, dividida entre luz e trevas, entre negrura e clarão, bicolor a nuvem, dupla a origem, abafada, mormacenta, silenciosa, desprovida de espaço e tempo – ah, estourada caverna dos domínios íntimos e externos, ah, terra na sua grande jornada! – assim escancarou-se a noite, explodiu o sono do ser; arrasados, pelas caladas,

estavam o crepúsculo e a poesia, varrido o seu reino, destroçadas as ecoantes paredes do sonho, e escarnecido pelas mudas vozes da recordação, sobrecarregado de culpa e privado de esperança, inundado de torrentes, levado por torrentes, o aparato colossal da vida afogava-se no mero nada. Já não sobrava tempo; a única solução seria a fuga; o navio estava preparado; levantavam a âncora; era tarde demais.

O poeta permanecia aguardando, aguardando que a noite tornasse a anunciar-se, que lhe sussurrasse mensagens definitivas, confortadoras, que seus murmúrios voltassem a despertar nele a saudade. Mal se podia qualificar isso de esperança, antes seria esperança em esperança; não cabia falar de fuga da intemporalidade, era muito mais fuga da fuga. Tempo, saudade, esperança tinham deixado de existir, para a vida tanto como para a morte; já não havia noite. Mal havia aguarda; havia, no máximo, impaciência a aguardar mais impaciência. O poeta mantinha as mãos entrelaçadas, com o polegar esquerdo a mexer na pedra do anel. Assim se conservava sentado, sentindo no joelho o calor do ombro do garoto, que muito se achegara, sem, no entanto, encostar-se, e ele tinha grande vontade de libertar os dedos cada vez mais comprimidos, a fim de acariciar suave e despercebidamente a caliginosa, desgrenhada cabeleira infantil, que seus olhos enxergavam de cima, e de deixar deslizar por entre os dedos o que brotava na noite, a proximidade humana do macio, farfalhante velo, transido de noturna saudade de saudade. Contudo não esboçou nenhum movimento, e finalmente, por mais que lhe custasse interromper o rigor da espera, disse:

– É tarde demais.

O garoto erguia lentamente o rosto, para olhá-lo tão compreensiva e interrogadoramente, como se o poeta acabasse de lhe ler alguma coisa, cuja continuação devesse seguir logo, e obedecendo a essa pergunta, avizinhando ternamente o próprio rosto do do menino, repetiu bem baixinho:

– É tarde demais.

Era isso ainda que aguarda? Sentia-se ele desapontado, porque a noite já não se movia, porque o garoto se conservava imóvel e somente a mirada pueril, cinzenta, ingênua, fixa, sempre interrogadora continuava pregada nele? A impaciência, cujo advento ele almejara, surgiu subitamente:

– Sim, é tarde ... Vai à festa!

De repente, sentia-se excessivamente velho; anseios exclusivamente terrenos manifestavam-se com a necessidade de cochilar e dormir, com o desejo de poder mergulhar na inconsciência e de esquecer-se do nunca-mais, manifestavam-se através de uma debilidade do maxilar inferior e ainda de uma irritação tão violenta da garganta que o anelo de estar sozinho, inobservado, tornou-se irresistível:

– Vai!… Vai à festa! – conseguiu ele ainda proferir em voz rouca, enquanto sua mão aberta, dirigida para cima, esboçava apenas a tentativa de empurrar, por sobre uma crescente distância, o hesitante garoto com breves repelões em direção à porta.

– Vai!… Vai! – arfou mais uma vez, esbaforido já, e quando por fim estava completamente só, era como se um raio negro lhe perpassasse o peito, do qual irrompia a tosse mesclada de sangue noturno, disforme, espasmódica, tórpida, às escâncaras, em explosões, privando-o da consciência, uma convulsão sufocante à beira do abismo, e o fato de ela não o ter precipitado na voragem, de tudo ter terminado bem, pelo menos desta vez, de ele poder ainda ouvir o murmúrio da fonte e o crepitar das velas, afigurava-se-lhe depois um verdadeiro milagre. Com enorme esforço, arrastara-se da poltrona à cama, deixara-se cair sobre ela e permanecera deitado, imóvel.

Novamente entrelaçando as mãos, sentia mais uma vez a pedra do anel, sentia a forma do gênio alado, talhado no carneol do camafeu, e ficava à espera, não sabendo se o desfecho seria a morte ou a vida. Mas, lentamente, melhorou, lentamente, sim, mui laboriosa, mui penosamente, e tudo voltou, o fôlego, o sossego, o silêncio.

II

Fogo – A descida

Estava deitado. Escutava. De tempo em tempo, posto que em intervalos cada vez maiores e sem novo escarro sangrento, os acessos voltavam a acossá-lo, e ao começo ele até pensara que, apesar de tudo, devia chamar o escravo da sala vizinha, para que este mandasse vir o médico; mas o ato de chamar lhe custaria excessivo esforço, e a amolação causada pelo clínico seria simplesmente insuportável; desejava ficar sozinho, para concentrar em si uma e outra vez todo o ser, tornando-se assim capaz de escutar; era isso o que mais' urgia. Com as pernas soerguidas, rolara para o lado; a cabeça repousava no travesseiro; o quadril afundava-se no colchão; os joelhos estavam postos um em cima do outro como dois entes estranhos, e a uma distância muito grande moravam os tornozelos, da mesma forma que os calcanhares. Quantas vezes, sim, quantas vezes já não tinha ele observado desse modo os fenômenos do decúbito! Sim, era realmente uma vergonha não poder abandonar tal hábito infantil! O poeta lembrava-se nitidamente daquela noite que se lhe afigurara bem singular e na qual, aos oito anos, percebera pela primeira vez que no mero decúbito havia algo digno de nota; isso acontecera em Cremona, na época do inverno; estivera deitado em seu quartinho; a porta, que dava para o silencioso pátio com o peristilo, estava rachada, fechava mal e movia-se um pouco, e isso era misterioso; lá fora, o vento passava, farfalhando, por sobre os canteiros hibernalmente cobertos de palha, e de algum lugar, provavelmente da balouçante lanterna, suspensa acima do portão de entrada, vinha numa oscilação rítmica o débil clarão de uma luzinha, voltava a vir sempre e sempre, vinha como o derradeiro eco de infinitos decursos de tempo, como o derradeiro revérbero de um olho infinitamente longínquo, tão perdido, tão turvo, tão ameaçador pela distância, tão prenhe de distância que era quase uma exortação a questionar a existência ou não-existência do próprio eu... E exatamente como naquele dia, embora com mais intensa conscientização e nitidez, devido à repetição que desde então se realizara noite após noite, exatamente como naquele dia questionava o poeta a existência ou não-existência da sua corporeidade, e também neste momento sentia um por um os lugares em que seu corpo descansava no leito; exatamente como então eram estes lugares cristas de ondas por cima das quais navegava seu barco em leves mergulhos, enquanto entre elas se abriam vales de vagas infinitamente profundos. Claro, o que estava em jogo não era aquilo, e se a essa altura quisera permanecer sozinho, deveras não

fora para ter ensejo de continuar em observações pueris, nas quais muito bem o poderia acompanhar o pequeno companheiro da noite; não, tratava-se de coisas mais essenciais, mais definitivas, de algo cuja realidade devia ser muito grande, tão grande que teria até mesmo de superar a da Poesia e do seu reino intermediário; tratava-se de algo certamente mais real que noite e crepúsculo, e não apenas mais real, senão, por isso, também mais terreno; tratava-se de algo em prol do qual valia a pena concentrar em si todo o ser, e somente era esquisito que não fosse possível reprimir mais completamente o que nisso havia de infantil, irrelevante, que aquilo, com suas imagens e mais imagens, prosseguisse presente como sempre e que na cadeia da memória, à qual estamos acorrentados, os primeiros elos tivessem de ser os mais pesados, como se eles, justamente eles, fossem a realidade mais real. Quase parecia impossível, e ainda mais, quase ilícito o fato de nossa realidade mais real, a última a ser alcançada por nós, contentar-se em ser mera imagem recordada! Entretanto, a vida humana recebe a bênção e a maldição das imagens; somente em imagens consegue captar a si própria; as imagens não se deixam afastar, encontram-se dentro de nós desde os primórdios dos rebanhos, são anteriores ao nosso pensar e mais poderosas do que este, existem na intemporalidade, encerram em si passado e futuro, são dupla reminiscência de sonhos e mais poderosas do que nós: imagem era ele mesmo que aqui jazia, e encaminhando-se à mais real realidade, carregada por ondas invisíveis, mergulhando nelas, a imagem do barco era sua própria imagem, vinda das trevas, submergindo nas trevas; ele mesmo era a imensa nave, que é, por sua vez, imensidade, ele mesmo era a fuga, que visa a tal imensidade, ele mesmo a nave que fugia, ele mesmo a meta, imenso ele mesmo, inabrangível, inconcebível, a infinita paisagem de um corpo, de seu próprio corpo, uma vastamente desdobrada imagem do mundo subterrâneo da noite, de modo que ele, o poeta, desprovido da unidade de vida humana, desprovido da unidade de anelos humanos, havia muito já não se considerava capaz de exercer o governo sobre seu eu, sabendo de todas as regiões e províncias segregadas umas das outras, e nas quais o eu uno, único, desdobrado por sobre o infinito, tivera de subdividir-se, e igualmente sabendo de todos os reinos dos demônios, que, em seu lugar, se haviam incumbido de administrá-las, convertendo sua multiplicidade em distritos diferentes; ai dele! eram os revoltos, lavrados distritos do seu dolorido pulmão, eram os da febre, da sinistra febre, que vem em ondas, partindo das mais ignotas, esbraseadas profundezas e

subindo à pele, eram os distritos dos abismos das entranhas e ainda os mais terríveis da sexualidade, uns que outros cheios de serpentes, entremeados de serpentes, eram os distritos dos membros, com sua desenfreada vida independente, e sobretudo os dos dedos; e todos esses distritos dos demônios, alguns mais próximos dele, outros situados a maior distância, alguns mais amistosos, outros mais inimigos não só entre si como também com relação a ele – mais próximo e também mais próprio dele ficava ainda o que tinha ligação aos sentidos, eram os olhos, os ouvidos e seus distritos – todas essas zonas da corporeidade e do supercorpóreo, dura realidade do pétreo esqueleto, chegavam, em toda a sua estranheza, na sua caduca fragilidade, sua lonjura e sua hostilidade, na sua inconcebível infinidade, a tornar-se conhecidas dele, sentidas e ultrapassando os sentidos; pois, formavam um conjunto, do qual ele fazia parte, como se nisso consistisse o conhecimento recíproco, introduzido naquela grande torrente que vai além de tudo quanto é humanidade e tudo quanto é oceano, naquela torrente pejada de marés, de onduloso vaivém, oscilante para frente e para trás, e cuja rebentação, ao retornar, sempre bate na costa do coração e o faz palpitar ininterruptamente, aliadas realidade de imagem e imagem de realidade, tão altas as ondas que no fundo de seus vales se juntam os elementos mais separados, desunidas ainda, porém unindo-se para o futuro renascer; ó rebentação das costas do conhecimento, sua torrente a subir sem cessar, saturada de germes de todo consolo e toda esperança, ó torrente primaveril, pejada de noite, pejada de germes, pejada de espaço! E ciente dessa poderosíssima imagem de seu eu, sabia ele da superação do demoníaco através de uma certeza da realidade, cuja imagem se encontra no indescritível e no entanto já encerra a unidade do mundo. Pois as imagens estão abarrotadas de realidade, já que realidade, por sua vez, só pode ser representada por realidade... Imagens e mais imagens, realidades e mais realidades, nenhuma verdadeiramente real, enquanto permanecer solitária, porém cada qual símbolo de uma irreconhecibilidade definitivamente real, que é o conjunto de todas. E assim como nos anos passados ele observara com sempre crescente avidez e curiosidade a decadência e a fragilidade, cuja ação sentia em seu corpo, assim como, por causa dessa pasmosa e pasmada curiosidade, voluntariamente aceitara o tormento da doença e das dores, sim – pois, o que quer que fizer o homem, tudo se lhe tornará símbolo mais nítido ou menos distinto –, assim como constantemente nutrira em si o desejo de que sua unidade corporal, que a seus olhos cada

vez mais se transformara numa unidade fictícia, se dissolvesse finalmente, quanto mais depressa melhor, para que acontecesse o extraordinário, para que a dissolução se convertesse em salvação, em nova unidade, em significado conclusivo, e assim como tudo isso o acompanhara e perseguira, desde a mais remota juventude, pelo menos desde aquela noite em Cremona, mas provavelmente já desde a infância vivida em Andes, quer, inicialmente, sob a forma de uma angústia infantil, brincalhona, leve, quer sob a de um temor impetuoso, suscetível de apagar a memória, imemoriais hoje tanto uma como o outro – assim nunca o largara a questão acerca do' sentido de tal atitude; noite por noite, fizera parte dos seus atos de pré-escutar, pré-buscar, pressentir, e exatamente assim como ele outrora, a criança em Andes, o menino em Cremona, estivera deitado na cama, apertando joelho contra joelho, o espírito absorto em pré-sonhos, espírito e corpo encerrados na nave de seu ser estendido por sobre as vastas áreas da terra, ele mesmo montanha, campo, terra, ele mesmo nave, ele mesmo o oceano, a escutar o que vinha da noite dos mundos interior e exterior, adivinhando, talvez desde sempre, que essa escuta já visava a plenitude do conhecimento – exatamente isso lhe acontecia mais uma vez, 'acontecia aqui e agora, acontecia hoje; acontecia-lhe o que em todos os tempos, tornando-se cada vez mais nítido, sempre de novo lhe acontecera; ele agia como agira toda a vida; mas agora sabia a resposta: escutava ao processo de morrer.

Poderia isso ser diferente? Ereto anda o homem, só ele, mas recolhe-se ao sono e ao amor, prostra-se ante a morte... Também nessa tripla alternativa de seu decúbito, distingue-se de todas as demais criaturas. Ereta, destinada a crescer, dilata-se a alma do homem, desde os obscuros abismos das raízes presas no humo do ser até às alturas da redoma astral, inundada de sol, carregando para cima sua sombria descendência de Posêidon e Vulcão, levando para baixo a transparência da sua meta apolínea, e quanto mais cresce, alçando-se, e com isso converte-se em forma impregnada de luz, quanto mais se obumbra, assumindo forma, ramificando-se, qual árvore, e desfraldando-se, mais se torna capaz de unir, sob a sombrosa frondagem de seus galhos, o escuro e o luminoso; mas, quando se prostrar ante o sono, ante o amor, ante a morte, quando ela própria se transformar em estendida paisagem, já não será sua incumbência fundir os opostos, pois, ao dormir, amar, morrer, fecha os olhos e deixa de ser boa ou má, é tão-somente uma única, infinita escuta, alma infinitamente desdobrada,

infinitamente cingida pelo anel dos tempos, infinda no seu repouso e por isso isenta de qualquer crescimento; sem crescimento, tal e qual a paisagem que é, abrange assim todas as épocas, como esfera inalterável, saturnina, espraia-se da Idade do Ouro até à do Bronze, sim, mesmo além dessa, até à volta da do Ouro; e devido ao seu aninhamento na paisagem, ao seu encarceramento na terra e nas paragens terrestres, em cuja área se dividem os domínios da luz do céu e das trevas da terra, é ao mesmo tempo divisa entre as regiões superiores e inferiores, a separar e a ligar as esferas, sempre pertencente, qual Jano, a ambas, à da levitação dos astros tanto como à da gravidade das pedras, às do éter como às dos fogos do Inferno, tal e qual Jano infinidade orientada em duas direções, tal e qual Jano a infinitamente distendida alma, no seu repouso crepuscular, de modo que ao seu atento empenho de saber as esferas superior e inferior, sem se fundirem, podem ser zonas de igual significado; insignificantes, porém, indignas de escuta e exploração, tornam-se para ela as ocorrências em si, já que não as sente nem como desenvolvimento nem como processos de murchar ou ressequir-se, ·nem tampouco como ventura ou moléstia e, sim, vê nelas o contínuo retorno adentro do seu próprio ser, o retorno do todo-abrangente decurso saturnino, no qual as paisagens da alma e da terra se desdobram infinitamente, indistinguíveis nos seus atos de aspirar e respirar, na sua germinação e na sua maturescência, nas suas colheitas e nas suas safras malogradas, no seu perecer e no seu ressuscitar, nas estações da sua carência de limites, entretecidas no perene regresso, cingidas pelo anel da eterna igualdade e por isso estendidas, descansando, para o sono, o amor, a morte – uma escuta da paisagem e da alma, a saturnina auto-escuta do processo de morrer, isento de morte, áureo e brônzeo ao mesmo tempo.

O poeta escutava o processo de morrer; não podia ser de outro modo. A consciência desse fato real viera-lhe sem susto, apenas, talvez, com aquela extraordinária clareza que geralmente aparece com a intensificação da febre. E nesse momento, deitado na escuridão, espreitando adentro da escuridão, compreendia a sua vida e compreendia a que ponto esta fora uma contínua escuta, a observar o avanço da morte, desdobrada a consciência, desdobrado o germe da morte, que a partir dos primórdios se encontra em tudo quanto é vida e lhe é peculiar, desdobramento duplo e triplo, um saindo do outro e desenvolvendo-se nele, cada qual imagem do precedente e justamente por isso tornando-se realidade... Não residiria nisso a força onírica de todas as imagens e sobretudo daquelas que são capazes de

determinar uma vida? Não seria esse também o caso da imagem da noturna caverna dos mundos, que, prodigiosa e angustiante pela ausência de tempo, pejada de astros e prometendo eternidade, abobada a morte acima de todo o ser? Pois o que outrora, nos tempos da meninice, havia sido representação infantil, ingênua, da morte, a idéia da sepultura, na qual se enterra o corpo, convertera-se na grandiosa imagem da caverna, e a construção do mausoléu nas proximidades da baía napolitana representara, por essa razão, mais do que a simples repetição e evidenciação da velha idéia infantil; não, através da sua estrutura expressara-se simbolicamente a abóbada universal da morte, talvez ainda de modo pueril, devido àquela redução terrena e todavia símbolo do poderoso, abrangente espaço da morte, no qual ele, o poeta, conhecendo desde sempre a meta e mesmo assim procurando-a, ele, buscador do caminho na abóbada da morte, passara, sonhando, velando, toda uma vida. Por causa do todo-abrangente poder dessa meta, tentara tanto tempo, excessivo tempo, realmente, encontrar seu verdadeiro destino; por causa dessa meta sempre conhecida, porém nunca enxergada conscientemente, abandonara quaisquer carreiras antes do tempo, insatisfeito com todas elas; não se mantivera nas profissões de médico, de astrônomo, de filósofo erudito, de professor, e ainda menos lograra satisfação através delas; ininterruptamente conservara-se diante de seus olhos a exortadora, irrealizada imagem do conhecimento, a severa imagem do conhecimento da morte, e profissão alguma podia ser adequada a ela, já que não existe nenhuma que não estivesse sujeita exclusivamente ao conhecimento da vida, nenhuma, com a única exceção daquela à qual finalmente se sentira impelido e que se chama Poesia, essa que é a mais esquisita de todas as atividades humanas, a única a dedicar-se ao conhecimento da morte. Somente quem viver no reino intermediário da despedida – oh, este reino jazia atrás dele, e não havia retorno! –, somente quem permanecer à beira do rio, longe das fontes, longe da foz, no crepúsculo, somente aquele há de vislumbrar a morte, somente ele estará atado à morte, e a serviço da morte, assemelhar-se-á ao sacerdote, o qual, em virtude de seu cargo, do cargo sacerdotal, que o eleva acima de qualquer profissão particular, é mediador entre as esferas superior e inferior, tem a obrigação de servir à morte e, devido a isso, fica igualmente confinado num reino intermediário de despedida; sim, sempre se afigurara sacerdotal a tarefa do vate, talvez pela singular solenidade de morte que permanece inerente ao enlevado fervor de qualquer obra de arte, e ainda que antes só

raras vezes tivesse ousado confessá-lo a si próprio e ocasionalmente até houvesse recusado fazê-lo, assim como nos seus primeiros poemas não se atrevera a aproximar-se da morte, mas pelo contrário, recorrendo a força amena, afetiva do sincero amor, esforçara-se por defender-se do espectro ameaçador, já iminente, tivera o poeta de abandonar cada vez mais tal resistência, já que o poder inspirador da morte logo demonstrara sua superioridade, conquistando passo por passo um direito de residência, que, em seguida, na *Eneida*, tornara-se domínio pleno, obedecendo à indicação dos deuses: o domínio marcial, sangrento, incitador, inalterável da morte, que justamente por isso se supera também a si mesmo e se anula a si próprio. Pois na morte está encerrada qualquer simultaneidade; toda a simultaneidade da vida e da poesia fica eternamente conservada em sua anulação total; a morte está repleta de dia e noite, e estes interpenetram-se formando a nuvem bicolor do crepúsculo; ah, sim! a morte está repleta de toda aquela multiplicidade que nasceu da unidade, para novamente encerrar-se na morte, criando outra unidade; está repleta daquilo que os rebanhos sabem dos primórdios e dos individualizados conhecimentos do fim, resumindo-os num único segundo da existência, naquele segundo que já é o do não-ser; pois a morte se encontra em ininterrupta alternância com o decurso do ser, e, incessantemente, o decurso dos tempos, que nela emboca, acolhido por ela, e dela recebe o impulso do regresso, rumo às origens, é transformado em unidade da recordação, em recordação de mundos e mais mundos, em recordação do deus; somente quem aceitar a carga da morte saberá fechar o anel na esfera terrestre, somente a quem procurar o olho da morte não hão de turvar-se os próprios olhos, ao enxergarem o nada; somente quem aguçar os ouvidos, para escutar a morte, não precisará fugir, poderá permanecer, pois suas reminiscências se transformarão na profundeza da simultaneidade, e para quem mergulhar nas reminiscências ressoará o som de harpa daquele momento em que a esfera terrestre se deverá abrir ao infinito ignoto, aberta ao, renascer e ao ressurgir de memória sem fim... Paisagem da infância, paisagem da vida, paisagem da morte, elas são uma e a mesma coisa na sua imutável simultaneidade, evocando a paisagem dos deuses, a paisagem do primórdio e do fim primevo, inalteravelmente unidas pelo arco de sete cores, embaciado pela chuva, e que se estira acima delas; ah, essas paragens dos pais! Muita coisa acontece em prol da memória e finalmente se revela como sendo escuta dirigida à morte, e muita coisa que tenciona visar à morte é apenas

recordação, angustiada, saudosa recordação, temerosamente conservada, para que jamais se perca. Isso e nada mais que isso aplicava-se também ao sepulcro bafejado pela brisa do mar, coberto de verdes folhagens, à sombra primaveril, lá nas proximidades da caverna do Posílipo; aplicava-se a esse lar da morte, erguido de modo quase brincalhão, cheio de recordações, de recordações da infância, que ele, o poeta, sem se dar conta do que fazia, inserira na construção realizada em prazenteiro trabalho de jardinagem, de modo que tudo quanto os olhos de criança haviam visto na granja paterna de Andes se reencontrasse ali em escala reduzida, apenas levemente modificado: por exemplo, a via de acesso ao portão do sítio, agora transformado em caminho principal através do jardim, com a mesma curva dupla, debruado à esquerda pelos mesmos arbustos de louro, conduzindo, à direita, ao pé da colina de seus jogos pueris, embora dessa vez a colina. estivesse encimada apenas de alguns ciprestes em lugar do velho olival, ao passo que atrás de construção, vigorosos, serenos, ecoantes de pios de pássaros, elevavam-se lá como em Andes os olmos, que hoje como então dão resguardo à solidão e à paz, e como outrora, na meninice, podia-se passar a mão carinhosamente por sobre a cerca viva; pois tamanha era a nitidez de tudo quanto evocavam os sonhos, tamanha tinha sido a clareza, inapagável para todos os tempos, e com a qual tudo fora pressentido em sonhos; sonhos dirigidos à morte e ao processo de morrer, à meta de toda a sonhadora escuta, desde os dias da infância, à meta e à fonte de suas reminiscências, claras, imperdíveis, buscadoras de conhecimento, se bem que a imagem do sepulcro representasse apenas um pequeno, demasiado pequeno pormenor da memória, em meio ao fluxo do passado, uma ilha bem palpável, emergida quase casualmente na sua pequena palpabilidade, insignificante e no fundo digna de ser esquecida, em face da amplidão da estrondeante torrente, que lhe acometia a incessante escuta; ininterruptamente chegavam até ele fluxos de experiências jamais perdidas, amplos como a memória e amplos como ondas; constante, suave, grandiosamente vinham as vagas, onda da por ondada de tudo quanto jamais visionara, resplandecendo ao som da harpa, em indescritíveis, contínuos, duradouros acordes... O doce encarceramento da juventude, abrigada e preparada para a libertação!... E era como se todos os regatos e lagos d'antanho se desaguassem nessa torrente das recordações, murmurando por entre cheirosos salgueiros, murmurando entre as beiras orladas de verde, trêmulo junco, inúmeras imagens amenas, elas mesmas

um ramalhete de lírios, goivos e papoulas, de narcisos e dentes-de-leão, colhidos por mãos de criança, imagem da infância numa paisagem eternamente percorrida, eternamente fixada na poesia, imagem das regiões paternas, que ele, o poeta, aonde quer que o impelisse o destino, tivera que procurar em toda a parte, imagem da única paisagem de sua vida, da paisagem da qual nunca se podia afastar, imagem indescritível, inenarrável, apesar da sua extraordinária luminosidade, nitidez e transparência, apesar da clareza multicor, jamais diminuída,' com a qual o acompanhava, tão inefável que, por mais que o descrevesse, ela terminaria ressoando apenas no que não foi dito, apenas onde já não basta a língua, onde esta, dilatando-se além dos seus próprios limites terrenamente mortais e invadindo os domínios do indizível, abandona o que expressa a palavra – e tão somente cantando para si mesma na estrutura dos versos – abre impetuosamente o sufocante, pasmoso abismo de segundos que existe entre as palavras, para mostrar, vislumbrando a morte e abrangendo a vida nessas mudas profundezas, a totalidade do universo, a fluente simultaneidade, na qual repousa a eternidade: õ meta de toda a poesia, quando a língua abre os olhos, quando, muito além de qualquer informação e descrição, anula-se a si mesma; oh, esses momentos da língua, quando ela própria mergulha na simultaneidade, deixando indeciso se a reminiscência brota da língua ou a língua da reminiscência! Sim, fora em tais momentos que a paisagem da infância começara a florescer, afastando-se de si mesma, crescendo acima de si e de 'qualquer reminiscência, acima de todo o começo e de todo o fim, transformada nas singelas regras campestres, pastoris de uma idade de ouro, transformada na paisagem do advento latino, transformada na realidade dos deuses empertigados, dominantes e serventes, certamente ainda não primórdio, ainda não ordem primitiva, ainda não realidade original, mas sim o símbolo deles, certamente ainda não a voz que deverá ressoar da esfera mais ignota, da mais inefavelmente singular, da imutavelmente super-divina, mas sim o símbolo dela, pressentimento de seu ser e quase sua certeza, pressentimento que parece seu eco: símbolo que é realidade, realidade que se torna símbolo, à vista da morte. Eram os momentos da ausência de morte, convertida em som, momentos vivos, libertos de crepúsculo, da vida absoluta, e eram aqueles em que o verdadeiro vulto da morte se manifestava sob a sua forma mais pura, raríssimos momentos da graça, raríssimos momentos da liberdade perfeita, desconhecidos da maioria das pessoas, almejados por algumas, por poucas alcançados; mas, a quem,

de entre essas poucas, caberá em sorte captar tal momento? Quem tiver o dom de apanhar a volátil fugacidade do vulto da morte, quem conseguir, em constante escuta e busca, converter a morte em vulto, há de encontrar junto com a autenticidade desse vulto também a da sua própria figura; dando forma à sua morte, terá configurado a si mesmo e será imune à recaída no humo do informe. A sete cores, divinamente suave, abobada-se o arco-íris da infância por sobre o ser, diariamente visto de novo, diariamente criado de novo, criação comum do homem e do deus, criação originada na força da palavra conhecedora da morte: não fora essa a esperança em prol da qual o poeta tivera de suportar a tortura de uma vida agitada, desprovida de qualquer felicidade serena? Ele lançava um olhar para trás, encarando essa vida de renúncia e de uma abnegação que perdurava até agora, essa vida que não oferecera resistência ao processo de morrer, mas sempre resistira à comunhão e ao amor; seu olhar recuava em direção a tal vida de despedida, que jazia atrás dele à luz crepuscular dos rios, à luz crepuscular da poesia, e mais claramente do que nunca sabia ele nesse momento que aturara tudo isso por causa daquela esperança; talvez merecesse ser ridicularizado e vituperado, porque tamanho investimento de vida por enquanto não resultara em nenhuma realização do esperado, porque a tarefa que quisera solucionar fora excessivamente difícil para suas escassas forças, e, quiçá,' porque os recursos da poesia nem sequer eram adequados para tanto; porém, a essa altura, o poeta sabia também que isso não tinha importância, e mais ainda, que a legitimidade ou ilegitimidade de uma tarefa não dependem em absoluto da sua solubilidade terrena, que ficava indiferente se as próprias forças dele eram ou não suficientes, se nasceria outro homem dotado de maior capacidade ou se um dia surgiria para a solução um campo melhor do que o da poesia; nada disso importava, já que não lhe coubera escolha; certamente, todos os dias, inúmeras vezes em cada dia, tomara decisões e empreendera ações segundo o seu livre-arbítrio, ou pelo menos pensara que se tratasse de decisões livres, mas a grande linha de sua vida não tinha sido livre escolha, baseada em vontade livre, fora uma imposição, um dever coordenado ao bem ou ao mal do ser, um dever determinado pelo destino e todavia superior a qualquer ordem, mandando-lhe que procurasse no vulto da morte sua própria forma, para, dessa maneira, obter a liberdade da alma; pois a liberdade é um dever da alma, cujo bem ou mal sempre está em jogo, e ele obedecera à ordem, submisso à incumbência de seu destino.

Ele se soergueu um pouco nas almofadas, a fim de aliviar o dolorido peito, mui cautelosamente, para que as estendidas paisagens de seu eu, que lhe pareciam garantir clareza, não fossem postas em desordem e se baralhassem, como sói acontecer na posição ereta, e, em seguida, aproximou-se, tateando, da mala com o manuscrito, passando quase carinhosamente a mão por sobre o couro áspero da superfície da tampa: quente e excitante era a sensação de trabalho, a coercitiva sensação da descoberta, a grandiosa sensação de andanças na criação, sensação que nele despertava e não germinasse ao mesmo tempo o grande medo de andanças, o horroroso pavor de quem houvesse perdido o rumo, de quem vagueasse pelas brenhas da noite, essa estranha, profunda angústia que acompanha a todo o ato criador, aquela sensação, que, cálida, ditosa, fervia em seu peito teria até abafado a disposição à morte, originada pela advertência das dores, e talvez tivesse até aliviado a dispnéia, fazendo-o esquecer o calor da febre e os calafrios; e nada mais o deveria ter impedido de voltar logo ao trabalho, de reiniciá-lo com ânimo, atento àquela tarefa que lhe cabia cumprir até ao último suspiro e que somente com este lhe devia propiciar genuína satisfação. Não, nada o poderia demover do trabalho, nada teria o direito de demovê-lo, e, apesar disso, tudo o demovia, a tal ponto que a conclusão da *Eneida* estagnava fazia meses completamente e somente lhe restavam fugas e mais fugas. E disso não tinham culpa nem a doença nem as dores, havia muito costumeiras, dominadas havia muito, e sim a inexplicável inquietação, da qual não era possível fugir, essa angustiante sensação de ter perdido o caminho, sem esperança de reencontrá-lo, esse pressentimento nitidamente sabedor de uma desgraça sempre iminente, sempre presente, esmagadora, irreconhecível quanto à sua natureza, indefinível quanto à origem, sendo impossível dizer se ela o ameaçava de dentro ou de fora. Imóvel, respirando mui cautelosamente, escutava o que vinha das trevas. Os círios do candelabro extinguiam-se um após outro; persistia apenas a paciente luzinha da lamparina suspensa ao lado do leito, às vezes balouçando levemente, devido à aragem, sob o suave som da corrente de prata, e tal movimento era refletido na parede através da oscilação das sombras, delicadas, qual borboleta, diáfanas, quais teias de aranha; e enquanto lá fora aos poucos definhava o alvoroço da rua e o confuso, indistinguível estrondo se dissolvia em toda espécie de relinchos, uivos e coaxos, enquanto se impunha a vozearia da festa, a salpicar a caleidoscópica imagem sonora de zumbidos ora mais agudos ora mais

graves, ouvia-se, como um baixo contínuo, o passo marcial de soldados que se afastavam, indicando que parte da guarda se recolhia ao quartel; em seguida, começava a reinar silêncio, mas era um silêncio que logo, sussurrando estranhamente, sussurro ele próprio, começava a animar-se, já que subitamente de longe, de todos os lados – vinha isso dos campos à beira da cidade ou dos de Andes? – ressoava o cricri dos grilos, o multiplicado som de miríades de criaturas, infindo na quietude, que se estendia por sobre o infinito. Silenciosa e gradualmente empalidecia também o reflexo avermelhado do luminoso esplendor da festa pública; o teto do quarto tornava-se preto, preto, com exceção da mancha clara acima da lamparina, que então executava sua pintura suave num deslizante movimento de pêndulo; e as estrelas diante da janela mantinham-se num espaço negro. Seria isso aquele quê angustiante, cuja origem o poeta procurava? Por que tal desassossego, uma vez que a cessação do vulgar e desesperado berreiro deveria causar-lhe, pelo contrário, uma satisfação total? Não, a desgraça remanescera, e agora ele a reconhecia, tinha de fazê-lo: era a desgraça da encarcerada alma humana, para a qual toda libertação é apenas sempre renovado cativeiro.

O poeta cravava os olhos na janela, e a noite andava à roda no seu imenso espaço, a cúpula girada por Atlas, a descansar sobre os ombros do gigante, pontilhada de cintilantes astros, a enorme caverna da noite, que não deixa sair nada; escutava os ruídos noturnos que a ele, o febricitante, o prostrado, a tiritar e arder sob o cobertor, ofereciam-se, para que os percebesse com intensificada nitidez, as imagens, os perfumes, os ruídos do agora combinados com os de todos os antanhos vividos e possíveis, na dupla recordação dirigida para trás e para a frente, tão túmidos do imperioso, inexplicável mistério, tão fugidios e inatingíveis, tão arcanamente encobertos, apesar de toda a sua nudez, que ele, açulado e paralisado ao mesmo tempo, voltava a ser arremessado no caos, nas brenhas de todas as vozes individuais... A informidade, da qual pensara esquivar-se, acometera-o mais uma vez, não sob a aparência indefinível dos primórdios dos rebanhos, e sim de modo muito direto, realmente palpável, como o caos do isolamento e de uma desintegração que nenhuma escuta, nenhuma fixação eram capazes de converter novamente em unidade o demoníaco caos de todas as vozes isoladas, de todos os conhecimentos individuais, de todas as coisas separadas, pertençam eles ao presente ou ao passado ou ao porvir, esse caos investia contra ele neste instante; o poeta estava entregue a

tal caos; sim, isso acontecera, depois que a barulheira indistinguível, estrondosa da rua começara a transformar-se num matagal de vozes avulsas. Assim era! Ah, cada um está rodeado de um emaranhado de vozes, cada um percorre-o toda a vida, caminhando e caminhando, e todavia fica preso ao mesmo lugar, na impenetrabilidade da selva de vozes, enredado na vegetação da noite, enredado nas raízes da floresta, que se fixam além de qualquer tempo e qualquer espaço; ah, cada um fica ameaçado pelas indomáveis vozes e seus tentáculos, da ramaria das vozes, das vozes dos galhos, que o cingem, cingindo-se a si mesmas, que crescem umas das outras, brotando retas e em seguida encurvando-se mutuamente, endemoninhadas na sua independência, endemoninhadas na sua individualidade, vozes de segundos, vozes de anos, vozes de eões, a se entrelaçarem, formando uma teia de mundos, uma teia de tempos, incompreensíveis e impenetráveis na sua berrante mudez, úmidas de dolorosos gemidos e roufenhas pela feroz alegria de um mundo inteiro; ah, ninguém se esquiva do atrôo primevo, a ninguém se poupa essa experiência, já que cada qual, sabendo disso ou não, não é outra coisa que não uma dessas vozes e faz, ele mesmo, parte delas e da sua ameaça indivisível e insoluvelmente impenetrável... Que esperança podia-se nutrir em face disso? Quem perder o caminho ficará irreparavelmente encarcerado nas brenhas; não se lhe poderá abrir nenhuma brecha, não há clareira, e se ele tentasse ainda estender sua esperança além de tal cárcere, enviá-la ao longo, ao inexpansível infinito, lá onde se pudesse vislumbrar a unidade, a ordem, o conhecimento completo da totalidade das vozes, o ominoso, formidável acorde dela mesma, abafando as vozes, soltando-as, o ecoante acorde da unidade universal, a ressoar dos mais longínquos espaços, o acorde da ordem dos mundos, do conhecimento total dos mundos, a derradeira solução ecoante do problema dos mundos – tal esperança de um mortal seria presunçosa e repugnaria aos deuses; quebrar-se-ia nas paredes da inaudibilidade, esvaindo-se nas brenhas das vozes, nas brenhas da percepção, nas brenhas do tempo, sumindo num agonizante suspiro; pois, inatingível é a fonte das vozes dos primórdios do tempo, que jaz embaixo de todas as profundezas das raízes; embaixo de todas as vozes, jaz embaixo de toda mudez, inalcançável a nascente das raízes das florestas, na qual se guarda o plano astral da unidade das ordens e da língua, indistinguível o símbolo de todos os símbolos, pois, infinita e mais do que infinita é a multiplicidade das direções no espaço superinfinito, infinito é o número das

individualizações, infinito o dos caminhos e de seus enredamentos, e até a multidão dos espaços da língua e da memória, tanto como a abundância de rumos das mesmas e a infinidade abismal, que lhes é peculiar, são apenas um muito débil, muito pálido reflexo, tecido em imagens terrenamente insuficientes, daquilo que nenhum pensamento é suscetível de captar, reflexo daquilo que em sua exalação conserva todos os espaços das esferas e, ao mesmo tempo, é conservado por qualquer ponto das esferas, por mais minúsculo que este seja, aspirando e respirando a si próprio, reflexo de uma percepção salvadora, quase impronunciável de tanto simbolismo, quase imemorial, quase inefável, e que com seus raios ultrapassa qualquer decurso de tempo e transforma em intemporalidade qualquer fração de segundo: encruzilhada de todos os caminhos, por nenhum alcançável, a inalteravelmente eterna, inalteravelmente sumida meta da jornada! O primeiro, o primeiríssimo passo que se desse em alguma direção da selva dos caminhos já requereria para sua realização, por mais apressadamente que o empreendêssemos, uma vida inteira e mais do que isso, seria necessária uma vida sem fim, para fixarmos um único, insignificante segundo recordado, uma vida sem fim, para lançarmos um só brevíssimo olhar nas profundezas do abismo das línguas. Ao escutar o que vinha dessas profundezas, esperara o poeta poder entreouvir o processo de morrer, esperara apanhar um conhecimento, nem que fosse apenas o vislumbrado lampejo de um pré-saber daquela percepção limítrofe, que já é percepção mais além da percepção humana; mas a própria esperança já era presunção, em face do inatingível que irrompia das ecoantes paredes do abismo, uma. centelha que quase já não era centelha, que quase que deixara de ser recordação de centelha, de ser eco de uma recordação, aura fugidia, volátil, tão invisível que nem sequer a música seria capaz de captar tal invisibilidade e ainda menos de expressá-la sob a forma de um vislumbre do infinito inconcebível; não, nenhuma criatura terrena conseguirá romper as brenhas, nenhum recurso terrestre bastará para resolver o eterno problema, revelando e proclamando a ordem, avançando à percepção que fica mais além das percepções; não, isso permaneceria reservado a potências sobrenaturais e recursos extraterrenos, a uma força de expressão que superasse longe qualquer expressão terrena, a uma língua que tivesse de manter-se fora do emaranhado das línguas, isenta dos característicos das línguas da terra, língua que fosse mais do que música, língua que, palpitando, pulsando aceleradamente, permitisse ao olho apanhar a unidade

do conhecimento do ser; deveras, carecer-se-ia de uma língua nova, sobrenatural, ainda não encontrada, para realizar essa proeza, e não passava de presunção o esforço de tentar alcançar tal língua por meio de míseros versos – esforço frustrado e presunção ignominiosa! Ai dele, coubera-lhe em sorte avistar o eterno problema, o problema da salvação da alma, coubera-lhe em sorte aplicar a pá, e ele não notara que com isso malbaratara toda a sua vida, desperdiçara a vida, esbanjara os anos, dissipara o tempo, não por ter fracassado e por ter evidenciado sua incapacidade, a incapacidade de pôr a descoberto nem sequer uma única raizinha, e sim porque a simples decisão de enfiar a pá esgotaria uma vida sem fim, e mais ainda, porque a morte ultrapassa qualquer alma e, ela mesma, não pode ser ultrapassada de modo algum, nem tampouco pelos recursos da língua espiada e de uma recordação pré-escutada; invencível é a morte, intransponíveis são as brenhas, que não podem ser desbastadas por nada e despiedosamente encarceram o desgarrado, que, ele próprio, é apenas uma voz desorientada no emaranhado das individualizações. Em face disso, que esperança se podia ainda nutrir? Não se manifestavam os acontecimentos humanos, onde quer que se realizassem, inevitavelmente como sendo produtos do medo das criaturas e resultados de obsessões angustiadas, de cujo cativeiro crepuscular não há nem fuga nem escapatória, uma vez que se trata do medo das criaturas perdidas na selva? Mais profundamente do que nunca, o poeta se inteirara desse medo, melhor do que nunca compreendia o jamais silenciado anelo da alma desnorteada, desejosa da superação do tempo, que anulasse a morte; compreendia o que aqueles que moravam lá embaixo, vozes e mais vozes, queriam expressar, também elas, com seu bravio, desesperado clamor; compreendia-os, quando se aferravam, incorrigíveis e obstinados, a seu fervor, seu reles fervor, soltando gritos, engolindo gritos, para que pudesse e devesse ressoar das brenhas uma voz magnífica, poderosíssima, extraordinária, voz de líder, à qual apenas precisassem aderir, a fim de conseguirem abrir, apesar de tudo, um caminho terreno para fora do emaranhado de suas existências, arremessando com as últimas forças, num ímpeto furioso, taurino, e orientando-se pela reflexão dessa voz, pelo eco do júbilo} da noite, da divindade do César; e reconhecendo isso, o poeta via, entendia, percebia melhor do que nunca que suas próprias intenções diferiam, talvez, na forma e na presunção, não porém quanto ao sentido e ao conteúdo, daquele desejo violentador do enraivecido rebanho, desejo cruel, certamente, porém mais honesto; notava

que apenas disfarçara o ingênuo, animalesco medo, que o acossava com a mesmíssima força, convertendo-o mentirosamente no almejo de uma ordem una, inteiramente perceptiva, convertendo-a, de modo igualmente mentiroso, em escuta e pré-escuta, frustradas e por isso duplamente hipócritas; dava-se conta de que apenas avançara até à beira dos domínios terrestres a esperança de ouvir a orientadora, extraordinária voz de um líder, essa esperança mais terrena, mais vulgar, que era a sua também, reconhecia que o fizera na ilusão de que ela um dia ressoasse dali para ele e então fosse sobrenatural, espectro da sua arrogância, arraigado na esfera terrestre e vítima da frustração de tudo quanto é da terra; ah, melhor do que nunca identificava à frustração das tentativas de fuga, empreendidas pelos massificados animais, acometidos pelo medo, uivando na esperança, calando-se na decepção de verem seus esforços uma e outra vez embocando num rígido nada, sem sombra, perdidos nos tempos e não se esquivando deles; e verificava que o aguardava a mesma sorte, igualmente inevitável, igualmente fatal, a queda na rigidez de um nada, que não anula o trespasse e sim é o próprio trespasse. Sim, sua vida não tinha morte; dissipara-a; pois o caminho por ele trilhado fora de antemão um beco sem saída, com a carga da certeza do rumo errado, da certeza do erro cometido, fora desde o início um avanço enganoso, tateante, inconsciente através do matagal, uma vida de falsa renúncia e de falsa despedida, onerada do medo à inevitável decepção, que ele, justamente por isso, empurrara, tal e qual a esperança, até à beira da vida e da esfera terrestre. Fora então, a essa altura, alcançada essa beira, já que nada sobrava, a não ser a decepção, já que nada sobrava a não ser o frio, entorpecente, sufocante pavor, inconfessado talvez, o pavor à morte, porém, sem dúvida mais forte ainda o pavor à decepção? Nada sobrava a não ser o torpor, que o oprimia como um misterioso castigo predeterminado pelos astros, punindo um pecado que tinha sua origem num acontecimento irrecuperável, ocorrido antes do destino, pecado que ele não cometera e que, ainda antes que pudesse realizar-se, fora arrogância, pecado jamais, em momento algum, perpetrado, e que eternamente se mantinha atrás dele, eternamente se opunha à perene incumbência da percepção e eternamente lhe fora imposto, para que não pudesse ver a realização, castigo invisível em invisível torpor, o pecado e o castigo de não despertar, entibiando o tempo, a língua, a memória, a escuta crepuscular, enregelada no nada, no campo ermo da morte; e em tal rigidez, completamente abandonado, jazia o corpo dele, doente, fatigado, envelhecido, estendido em

saturnina dormência por cima das zonas de seu eu, que mais e mais diáfanas, mais e mais sumidiças se tornavam, e abandonadas pelos próprios demônios, mais e mais se convertiam em desertos, imóveis, como se fossem janelas vazias, sem vista nenhuma: nada restava ao lado disso, nada que, ao lado disso, pudesse ser recordado, já que tudo quanto em outra época se lhe afigurara incremento da vida, a intemporalidade do outrora, aquilo que então requeria ser memorado, envelhecera antes dele, envelhecera ainda mais depressa que ele mesmo, desaparecido, submerso em regiões quase que não criadas, quase que não vividas; e envelhecidas, murchas, pálidas estavam as imagens da paisagem de sua vida, imagens que em outros tempos haviam sido extraordinariamente nítidas, transparentes, cintilantes, de contornos precisos; definhados, tinham caído os versos com que a cingira; tudo isso se dispersara, quais folhas secas; ninguém se lembrava mais daquilo; somente sabiam que algo ocorrera, disperso havia anos, havia anos exausto, uma farfalhada esquecida; oh, muita coisa acontecera, passado remoto, passado recente, acontecera em milhares de variedades e milhares de individualizações, mas nada disso chegara até ele, nada disso tomara-se totalidade, nunca se fechara o círculo da memória; nunca aquilo o alcançará; enquanto ele o experimentava, já o via refugado ao não vivido, tudo permanecia não cumprido, assim como a realização da sua infinita tarefa acabava na areia do nunca feito, hesitante antes de dar o primeiro passo, assim como esse passo, muito embora já perdurando uma vida inteira, ainda e de antemão estava destinado a ser empreendido, em vez de persistir numa paralisia horrorosa, invencível, para a qual não existia nem avanço nem retrocesso, de modo que o passo não dado jamais poderia ser seguido por outro passo, pois a distância entre os avulsos segundos da vida crescera, tornando-se um imenso, intransponível espaço vazio, e dali nada mais podia seguir, nem depressa nem devagar, porque é impossível continuar o que quer que seja, incontinuável o realizado e o não realizado, incontinuável o pensado e o não pensado, o pronunciado e o não pronunciado, o que foi cantado em versos e o que não foi... O deuses! a própria *Eneida* terá de permanecer inconclusa, incontinuável, fragmentária, como toda essa vida! Seria essa realmente a determinação dos astros? Seria essa realmente a sorte da epopéia? A sorte da *Eneida*, a sorte dele mesmo, ambas inacabadas! Era isso imaginável, sim, era isso imaginável? Descerrara-se de repente o pesado portão do medo, e atrás dele abria-se, imponente, abrangendo tudo, a abóbada do horror. Algo pavoroso, a agarrar

o poeta simultaneamente por fora e por dentro, algo terrivelmente desconhecido, empuxava-o para cima, de chofre, maldoso, esmagador. insuportável, dolorífico, empuxava-o para cima com toda a força bárbara, desentorpecente, desesperadora, sufocante, que inere ao primeiro relâmpago-trovão de um incipiente temporal; assim o acometia aquilo, esganando, mortífero, mortalmente ameaçador, e todavia aproximava novamente os segundos, saturando o espaço vazio, que existia entre eles, rapidissimamente daquele impalpável que se chama vida; quase parecia ao poeta que no relâmpago raiasse mais uma vez a esperança, e enquanto ele, apertado pela brônzea tenaz, sentia-se empuxado, num abrir e fechar de olhos, vinha-lhe a impressão de que isso acontecia, para que a obra omitida, perdida, não acabada talvez pudesse ser recuperada, apesar de tudo, numa fração de segundo da ressurgida respiração; esperança e não esperança, não o sabia, atordoado de dor, de susto, de torpor; não o sabia; mas sabia que cada segundo de vida ressuscitada era muito necessário e importante, sabia que somente devido a essa chaminha de vida, ardesse ela por pouco ou muito tempo, tinha sido empuxado, impelido a desprender-se do letargo da cama, sabia que era preciso escapar da falta de ar do recinto fechado, rodeado de rígidas paredes, que cumpria enviar a mirada mais uma vez para fora, desviando-a de si mesmo, desviando-a das zonas do eu, desviando-a do campo ermo da morte, sabia que mais uma vez, mais uma única vez teria de abraçar o espaço universal da vida; ah, sim, ele carecia ver mais uma vez as estrelas, e rijamente ereto diante do leito, segurado pelas garras da tenaz que lhe penetravam todo o corpo e todavia o cercavam por fora, caminhava de pernas duras, como um fantoche, com movimentos angulosos, inseguros, em direção à janela do avarandado, em cuja amurada se encostou, esgotado, levemente inclinado em virtude da fraqueza, mas ainda ereto, e, recuando o cotovelo, respirava profunda e espaçadamente, a fim de saciar sua fome de ar, para que o ser tornasse a abrir-se, participando do fluxo respiratório das novamente almejadas esferas.

Necessidade de fôlego, necessidade do sopro vital das criaturas, levara-o a esse lugar mas, ao mesmo tempo, houvera uma necessidade não corporal, um anelo do visível, da visibilidade do mundo, da possibilidade de respirar na certeza do universo visível. Atordoado pela sufocação, quedava-se ao pé da janela, mantido pela poderosa mão que o cingia, e não sabia quanto tempo já se conservara assim; poderiam ter sido momentos ou horas; apenas incompleta e fragmentariamente a noção do tempo tornava a entrar

nele; apenas fragmentariamente, encoberto em vastas áreas pelo medo e pelo sofrimento da asfixia, o mundo voltava a reconstruir-se, o saber novamente se fazia saber, e apenas aos poucos o poeta dava-se conta do acontecido, entendendo, pedaço por pedaço, que não se tratara somente da *Eneida* e sim de algo que ainda lhe cabia encontrar.

Silenciosamente, o mundo estendia-se diante dele, quase surpreendentemente silencioso, depois de todo aquele alvoroço, que antes fora preciso suportar; já era, provavelmente, alta noite, talvez já tivesse passado metade dela; as estrelas ardiam grandes na sua grande jornada, consoladoras, vigorosas, serenamente tremeluzindo, e reconhecê-las produzia um efeito tranqüilizante; na verdade, pareciam inquietantemente enturvadas, apesar de toda a ausência de nuvens, como se entre o seu espaço e o do mundo inferior, de ponta a ponta se houvesse esticado uma redoma dura, impenetrável, cristalina, porém embaciada, que mal e mal desse passagem ao olhar, e o poeta quase chegava a imaginar que o diabólico dilaceramento das zonas, ao qual ele mesmo, junto com seu corpo, estivera antes sujeito na escuta do decúbito e no decúbito escutador, se tivesse transferido neste momento para o mundo exterior, tomando-se ali tão violento, tão imenso como nunca o experimentara em si. O espaço terrestre estava tão claramente abobadado e isolado com relação ao superior que nem um pouquinho da almejada aragem do infinito se fez sentir; nem sequer a fome de ar pôde ser saciada, não havendo tampouco alívio desse sofrimento, uma vez que o bafio, que antes envolvera a cidade, por ora não se dissipara, apesar da brisa noturna, e apenas dispersado, transformara-se numa espécie de diafaneidade febril, coagulado, por assim dizer, em virtude da pressão originada pelo isolamento do mundo, a ponto de quase formar uma gelatina escura, que pairava no ar, imóvel e impassível, parecia mais quente que o ar, e na sua irrespirabilidade, era quase tão opressiva como o bochorno do quarto. Inclementemente, o respirável e o irrespirável ficavam apartados um do outro; inclemente e impenetravelmente, a redoma cristalina estava distendida por cima, parede separadora, rigorosamente isolante, a cerrar o adro das esferas, o adro da respiração, o adro dos mundos, no qual o poeta se encontrava, erguido pela brônzea mão, segurado por ela; e ao passo que ele outrora, inserido na superfície da terra e estendido por sobre as paragens saturninas, ele mesmo se constituíra em divisa entre as zonas superior e inferior, pertencendo diretamente a ambas e nelas entretecido, atravessava-se agora como alma avulsa, destinada ao

crescimento, e que, devido à sua individualização, ao seu isolamento, sabe que, para sondar as profundezas das zonas superior e inferior, carece sondar a si própria: a participação direta na grandeza das esferas ficará vedada a quem se encontrar no tempo da terra, no crescimento terrenamente humano, tendo recebido novamente a dádiva de ambos; somente com seu olhar, somente com seu saber poderá ele penetrar a incomensurável separação das esferas; somente com sua visionária interrogação poderá abrangê-las e uni-las; somente a partir de sua percepção inquiridora e graças a ela, poderá restaurar a unidade, a unidade simultânea do mundo e das esferas; somente no fluxo circulatório da interrogação realizará o presente da alma, sua mais íntima necessidade terrena, o que desde os primórdios a ela cabe perceber.

Tempo fluía acima, tempo fluía abaixo, o oculto tempo da noite, reentrado em suas veias, reentrado nas órbitas dos astros, segundo por segundo engastados sem espaço, o tempo novamente concedido, redivivo, sobrepujando o destino, anulando o acaso, isento de decurso, a inalterável lei do tempo, o sempiterno presente, no qual ele se via projetado:

lei e tempo,
nascidos um do outro,
anulando-se mutuamente e sempre de novo se parindo,
refletindo-se e só assim se tornando visíveis,
cadeias de imagens e contra-imagens,
cingindo o tempo, cingindo o arquétipo,
nenhum deles jamais os abrangendo na sua totalidade e no entanto
tornando-se mais e mais intemporais,
até que no derradeiro eco de sua consonância,
até que num derradeiro símbolo
o da morte se funda com o de toda a vida,
a imagem que é a realidade da alma,
sua morada, seu intemporal presente, e por isso,
a lei realizada nela,
sua necessidade.

E por necessidade, produzira-se tudo, necessário fora o próprio caminho de uma percepção, que dissolvia as esferas exterior e interior no indistinto infinito, separando-as e desmembrando-as, a ponto de torná-las completamente estranhas. Mas não encerrava essa necessidade irrecusável, inelutável também a esperança da restabelecida consonância do ser, a não

frustração do que acontece e aconteceu? Por necessidade, emergiram as imagens, e por necessidade, aproximavam-no cada vez mais da realidade! Ó proximidade do arquétipo, proximidade da realidade primigênia, em cujo adro ele, o poeta, se achava! Há de romper-se em seguida a cristalina redoma dos arcanos celestes? Revelar-lhe-é a noite seu derradeiro símbolo, a ele, cujos olhos deverão fechar-se para sempre, quando ela abrir os seus? O poeta fitava as estrelas, cuja órbita bimilenar, determinada pelo destino e determinadora de destinos teria de rematar-se em breve, órbita por órbita a seguir o destino e elas mesmas entregando-o de pai a filho na linhagem das épocas, e saudava-o o presente celeste, dilatando-se do visível ao invisível, no círculo completo do saber recuperado; saudava-o, lá do horizonte sudoeste, familiar e sinistra, a fatídica imagem do Escorpião, encurvando ameaçadoramente o corpo circundado pelo brando curso da Via Láctea, com Andrômeda a encostar a cabeça ao ombro alado de Pégaso; numa saudação imperceptível, brilhava o que jamais se esvaía, e dos eões ancestrais, criados no além, saudava-o, decuplamente chamejante, a constelação do Dragão, privado de seu antigo trono; o poeta fixava o olhar na pétrea frieza, onde gira a imagem da lei; afastada dele a aura sombriamente luzente, apartada dele a verdade que nunca desce a essas regiões e sempre só pode ser vislumbrada, a verdade na sua necessidade distanciada dos homens; e nesse instante em que via a imagem dela, em que a visionava em meio àquela pletora das imagens, que ela é, sabia da percepção que nele se produzia, sabia que esta não depende do acaso, sabia da aguarda, sem expectativa, de sua força de perceber, livre de qualquer impaciência, e sentia-se disposto à necessária conclusão no inconcluso. Com isso, a mão que o segurava tornava-se mais e mais meiga, convertendo-se em abrigo. E nos telhados da cidade repousava, esverdeado, qual poeira fria, o luar oriental. A esfera terrestre tomava-se próxima. Pois quem tiver deixado atrás de si o primeiro portão do terror ficará cercado do adro de um ambiente ignoto, novo, maior, ficará envolto e enleado por uma nova consciência, que o recolocará na sua própria sina, na sua própria lei, e Isentado do retorno, isentado do decurso saturnino, isentado da impaciência de sua escuta, será ele o ente reerguido, que novamente cresce para cima, que se reencontra a si próprio; seu barco deslizará apenas com os remos recolhidos, suavemente, sem aguarda, em tempo outorgado, como se o desembarque estivesse iminente, o desembarque na orla da realidade derradeira, eximida do acaso;

pois, quem tiver deixado atrás de si o primeiro portão do terror,
terá entrado no adro da realidade,
já que seu conhecimento, descobrindo-se a si mesmo, e como
que pela primeira vez,
para si mesmo dirigido,
começará a compreender a necessidade do Universo,
a necessidade de quaisquer ocorrências,
a necessidade da própria alma;
pois, aquele ao qual isso acontecer
será sustentado na unidade da existência,
no puro presente, que é propriedade comum do universo
e do homem,
posse inalienável de sua alma,
graças à qual adeja, levitada por necessidade, pairando por
cima
do ameaçadoramente aberto abismo do nada,
pairando por cima da cegueira humana;
pois esse homem será mantido no sempiterno presente da interrogação,
no sempiterno presente do saber que não sabe, na divina
presciência humana,
que não sabe, porque pergunta e tem de perguntar,
sabendo, porque antecede a qualquer interrogação,
divina por ser concedida ao homem, desde os primórdios,
e somente a ele,
como sua mais íntima, mais humana necessidade,
por causa da qual
ele deverá sempre de novo interrogar o conhecimento
e sempre de novo será interrogado por ele;
ansioso pela resposta o homem, ansioso pela resposta o conhecimento,
preso ao conhecimento o homem, preso à humanidade o
conhecimento,
ambos presos por laços mútuos e ansiando pela resposta,
sobrepujados pela divina realidade da presciência,
pela ampla realidade da pergunta sabedora, que jamais
pode ser alcançada

por nenhuma resposta terrena, por nenhuma verdade terrena
do conhecimento, todavia somente aqui,
na esfera terrestre, pode e deve receber resposta,
realizada na esfera terrestre
como jogo alternado da dupla configuração do mundo,
realidade transformada em verdade, verdade convertida
em realidade,
segundo o mando ao qual a alma está sujeita,
necessidade dela;
pois, na tensão da pergunta, a alma
é conduzida à graça da sua verdade, que
sob as ordens do conhecimento, da interrogação, da configuração,
estendida entre a segurança do saber e a capacidade de perceber,
procura a realidade,
e por isso, chamada pelo proto-saber, chamada por essa
sabedora pergunta,
que conhece a unidade promovida pelo ser isento do acaso,
convocada por isso para o saber gerado pela percepção,
convocada para a sua realização,
convocada para o conhecimento da lei despojada do acaso,
a alma encontra-se em contínua progressão,
prestes a partir e partindo rumo à sua própria essência,
à sua condição de criatura e à de não criatura,
ambas despojadas do acaso, na percepção da lei,
unidos nas esferas seu ponto de partida e sua meta,
tornando homem o homem;
pois, no fundo cognitivo, sabedor de sua alma,
o homem está sendo conduzido
ao fundo cognitivo
de suas ações e de suas buscas, de sua vontade e de seu
pensar, de seus sonhos,
e fica aberto à infinda ausência de acaso na esfera real,
que é o mais abrangente, o mais poderoso, o mais suave
e ferreamente autêntico
símbolo da realidade de seu eu,
ao qual deseja retomar e retorna para sempre,
transportado ao presente do seu próprio símbolo,

a fim de que este se lhe transforme em eterna realidade;
pois esse símbolo é o desafio de seu chamado, e
nele o homem é mantido,
o desafio do encarcerado,
o desafio de sua inextinguível liberdade
e de seu inextinguível anelo de conhecimento,
o desafio tão indomável
que o homem se toma maior que a insuficiência terrena,
crescendo acima de si mesmo,
o titânico desafio da humanidade;
deveras, o homem está sendo mantido no âmbito
de sua incumbência de conhecer,
e nada consegue afastá-lo dela,
nem sequer a inevitabilidade do erro,
cuja casualidade se esvai
diante da incumbência isenta de acaso;

pois, por firmemente que se conserve o homem no encarceramento da sua insuficiência terrena – e ainda mais um enfermo estigmatizado pela morte, penosamente agarrado ao peitoril da janela, no árduo esforço de respirar – e por decididamente que sua sorte o predestine para sofrer decepções, entregue a qualquer desilusão tanto nas coisas grandes como nas pequenas, frustrado em todos os empreendimentos, sem esperança no futuro, e por fortemente que o desapontamento o tenha impelido para a frente, de impaciência em impaciência, de desassossego em desassossego, fugindo da morte, buscando a morte, buscando a obra, fugindo da obra, acossado e amoroso e novamente acossado, impulsionado pelo destino de uma percepção a outra, enxotado da vida familiar d'antanho, vida de singelo trabalho, e arremessado na multiplicidade de todo saber e novamente impelido em direção à poesia e ainda impelido rumo à pesquisa da vetusta, da mais arcana sabedoria, impaciente quanto ao conhecimento, impaciente quanto à verdade, e outra vez rechaçado até à poesia, como se esta pudesse unir-se com a morte em prol de uma derradeira consumação da realidade – ah, decepção também isso, caminho falso também isso! – sim, por mais que tudo isso devesse ser considerado mera aberração, ou melhor: fosse e continuasse sendo aberração e nem sequer significasse a tentativa de um primeiro passo e já tivesse fracassado antes do esforço inicial, sim, por mais que toda essa vida evidenciasse nesse instante o seu malogro, pois

malograra de fato, estava atolada na insuficiência desde o começo, sempre e sempre condenada a falhar, porquanto o mortal jamais escapa das brenhas, porquanto, vagando, imóvel, no mesmo lugar, permanece preso ao desespero, preso 80 acaso, aferrado a qualquer monstruosidade de erro; e apesar disso, apesar disso não aconteceu nada sem necessidade, já que o necessário inerente à alma humana, o necessário inerente à tarefa do homem são superiores a qualquer acontecimento e até ao caminho falso, até ao erro;

pois, somente no erro, somente através do erro,
no qual se mantém inelutavelmente,
chega o homem a ser o buscado r que é,
o homem buscador;
pois o homem necessita da noção do esforço baldado,
carece aceitar o terror causado por ela,
o terror de cada erro,
e ao reconhecê-lo, carece
bebê-lo até à última gota,
carece dar-se conta do terror,
não devido ao tormento de si próprio, e sim
porque só desse modo torna-se-lhe possível alcançar
o ser através da córnea porta do terror;
por isso, o homem é sustentado no espaço de toda insegurança,
mantido ali, como se não mais o carregasse navio algum,
ainda que deslize no oscilante barco;
por isso fica mantido em espaços e mais espaços de
sua noção,
nos espaços de seu perceptivo eu,
destino da alma humana;
porém, aquele atrás do qual
se tiverem cerrado as pesadas batentes da porta do terror
terá atingido o adro da realidade, e
o desconhecido fluido, por cima do qual, adejando, desliza,
o desconhecido se lhe tornará fundo do saber,
por ser o flutuante crescimento de sua alma,
o inacabado inacabável do próprio eu,
e todavia se desdobrará em unidade,
logo que o eu tomar consciência de si mesmo,

a fluida unidade do universo, imperecível
graças a seu crescimento,
revelada a ele, avistada por ele
numa simultaneidade, que, devido a seu presente,
faz de todos os espaços, nos quais ele é mantido,
um único,
o uno-único espaço da origem,
e igual a este, abriga em si o eu,
para, contudo, ser resguardado pelo eu,
abrangido pela alma e todavia abrangendo a alma,
repousando no tempo e determinando as idades,
sujeito à lei do conhecimento e criando o conhecimento,
acompanhando-o no adejo de seu fluente crescer,
acompanhando-o no adejo de sua crescente evolução,
que é, só ela, a origem da realidade;
tão transcendentemente imensa é a recíproca irradiação dos mundos exterior e interior
que adejo e mantença, libertação e encarceramento
se diluem, tomando-se transparência mútua, indistinguível;
ah, ela é tão imperecivelmente necessária,
tão desmedidamente diáfana
que na isolada esfera superior,
alcançável só ao olhar, alcançável só ao tempo,
consciente em ambos,
refletida por ambos, espelhada no rosto humano, rosto
franco, voltado ao céu por uma branda, brônzea mão,
reluz, envolta pelo destino e pelos astros,
a prometida dádiva da não frustração, o outorgado
tempo sempiterno, liberto do acaso,
consolo aberto à percepção no espaço terrestre, ...

e consoladoramente, no recinto banhado em luar, uniam-se as esferas, as esferas do céu e da terra, unidas entre si para sempre, consoladoramente, assim como o alento que, do universo banhado em luar, deve retornar ao peito, trazendo o consolo de que nada aconteceu inutilmente, que aquilo que foi feito em prol do conhecimento não se realizou debalde, e devido à sua necessidade, não podia ocorrer em vão. Esperança em meio ao inacabado e ao inacabável, e ao lado dela, bem

timidamente, a esperança na conclusão da *Eneida*. Eco rimbombante de esperança, provocado pela promessa no espaço terrestre, reverberante na confiança terrena; disposto a acolher fica o mortal no seio da existência terrena.

Consolo e confiança, o consolo da não frustração, se bem que o teto cristalino dos arcanos celestes ainda não se tivesse descerrado, se bem que lá não houvesse aparecido nenhuma visão, sem falar no derradeiro símbolo; o olho da noite permanecera velado, não se haviam turvado os próprios olhos do poeta, e como dantes, as zonas da imensidão só podiam ser ligadas por reflexos e contra-reflexos, como dantes, tratava-se de uma unidade produzida pelo mero saber, criada pelo olhar, para a qual as incomensuráveis separações dos mundos superior e inferior permitiam ser juntadas; como dantes, o recinto em que ele se encontrava era somente o adro da realidade e não ia além do espaço da interrogação terrena, em cujo presente se conservava mantido, vedando-se-lhe a realidade plena da derradeira unidade, mas, mesmo assim, havia consolo e confiança. Semelhante a uma poeira fresca, o luar fluía através do calorão da noite, impregnando-o, sem diminuí-lo, sem ser capaz de comunicar-se com ele, eco, frio, surdo, da pétrea cintilação celeste, pintado nas cálidas trevas. O confiança do homem, que sabe que nada aconteceu em vão, que nada 'acontece em vão, embora só haja decepções e nenhum caminho conduza para fora das brenhas; ó confiança que sabe que até mesmo lá onde se originar a desgraça há de intensificar-se o conhecimento oriundo da vivência, conservar-se-á no mundo o acréscimo de conhecimento, sobrará no mundo o eco frio, nítido da ausência de acaso, até à qual a atividade terrena do homem conseguirá abrir caminho, sempre que obedecer à sua necessidade determinada pelo conhecimento e alcançar a primeira iluminação da natureza terrena e de seu sono de rebanho. Ú confiança cheia de certeza, não irradiada das alturas do céu e sim nascida na alma humana, em virtude do dever de percepção, que lhe foi imposto. .. E a realização dessa confiança, se ela for realizável, não terá ela, portanto, de acontecer de modo igualmente terrenal? O necessário sempre se conclui na esfera singelamente terrena; o círculo do fluxo da interrogação nunca se fechará a não ser nessa esfera, e ainda que a tarefa do conhecimento se estenda muitas e muitas vezes até à transcendência, ainda que lhe possa ser atribuída a junção das separadas esferas do universo, não há nenhuma tarefa genuína sem ponto de partida terreno, nenhuma que não fique arraigada na

terra com as possibilidades de sua solução. Diluído pelo luar, vago ao luar, jazia então o mundo terrestre diante dele; o elemento humano retraíra-se atrás de si mesmo, refugiando-se no sono, escondendo-se nas casas saturadas de sono, submerso sob o seu próprio ser, apartado das estrelas mergulhadas nas alturas, e o silêncio do mundo era redobrado isolamento entre as zonas superior e inferior; nenhuma voz interrompia a paz calmosa, nada se ouvia, a não ser a leve crepitação das fogueiras da guarda e das passadas lerdas, monótonas da sentinela, a caminhar, vigilante, ao longo da muralha protetora, passadas que se aproximavam no decorrer da ronda e novamente esvaeciam; porém, quem escutasse mais atentamente notaria, talvez, que também lá vibrava um suave eco vindo de algum lugar, o som acompanhante, que mal e mal podia ser chamado de repercussão, entrecortado somente, disperso apenas e todavia reverberado pelos muros das casas situadas à beira da praça, quebrando-se na angulosa estrutura das vielas e das cavernas habitadas, quebrando-se no vasto conjunto pétreo da cidade e das demais cidades, quebrando-se nas paredes das serras e dos mares, quebrando-se na turvamente cristalina redoma do céu, quebrando-se na luz dos astros, quebrando-se no irreconhecível, assoprado e triturado, chegando, vibrante, em trêmulas ondinhas, mas imediatamente voltando a sumir, logo que se tentasse apanhá-lo. Mas, terrenamente presente e contudo estranhamente ligada às esferas, persistia a débil crepitação das fogueiras detrás da muralha, e embora de quando em quando se dissipasse igualmente, fazendo-se eco e desaparecendo no invisível, embora também ela entrasse na cadeia de imagens e mais imagens, era essa crepitação como que um indício da não-frustração dos esforços humanos, indício da origem terrena do titânico anelo de obter unidade, anelo inato à alma humana; era como que uma exortação dirigida ao conhecimento, para que este se voltasse à terra e à esfera terrena, a fim de encontrar ali a força de renovar-se, a prometéica força, que provém dos domínios inferiores e não dos superiores. Sim, era preciso prestar atenção aos domínios terrestres, e atentamente, inclinado, sem fôlego, por sobre o peitoril da janela, ficava o poeta aguardando, aguardando o acontecimento necessário que deveria realizar-se.

Embaixo dele, escancarava-se com a negrura de um poço a faixa estreita entre o palácio e a muralha que o cingia, abissalmente escuro o fundo preto do vão, ao passo que atrás do muro, inteiramente encoberto por ele, visível tão-somente pelo revérbero, ardia uma das fogueiras da guarda,

e quando a sentinela, na sua ronda, atravessava o reduzido âmbito do bruxuleio, deslizava, indistinta, a sombra do homem por sobre as lajes da calçada, a brilharem num fosco rubor, vaga sugestão de uma angulosa e rápida sombra, que às vezes dava altos pulos na parede oposta do edifício, pulos desiguais, repentinos, quase irreais pela mobilidade singularmente inopinada. O que se passava lá embaixo, encoberto pelo muro, era o mais corriqueiro cumprimento de deveres militares, mas, igual a todo cumprimento de deveres humanos, tinha estranha ligação com o fundo sapiencial da percepção, com a tarefa da percepção em si e sua não-frustração; o que lá ocorria dava-se no adro da realidade, nas proximidades do definitivo. E não será a partir da esfera dos astros nem tampouco da esfera intermediária, existente abaixo deles, que se abrirá a brecha em direção à realidade primordial; não será ali que haverá a prometida não-frustração e sim na esfera do homem, e do homem partirá o impulso para investir contra os limites; por vontade divina, o homem ficou predestinado a isso, vontade divina conferiu-lhe a confiança indispensável para fazê-lo, de origem divina é sua necessidade, e ainda que o momento do grande sucesso real seja tão imprevisível que ninguém possa inquirir se a ocorrência oculta, oriunda do destino, terá lugar num futuro inatingível a qualquer ser vivo ou no presente imediato, ou talvez já se haja realizado; irresistivelmente sai dos esconderijos do destino, insistente, admoestadora, a exortação à vigilância, a exortação que se agarre cada segundo, na expectativa do momento da revelação, a revelação num ambiente isento do acaso, na lei, na esfera humana. A ordem ressoava de domínios inescrutáveis, ressoava na vibração sumida, inaudível, pulsante, do cálido, lerdo, febril mormaço, que, com sua negrura penetrada pelo luar, envolvia a zona terrena, fluindo, imóvel, por cima dos telhados, fluindo rumo à janela, e também envolvia a ele, que lá se quedava, enleando-o mediante a ordem de vigilância, como se esta fizesse parte da febre. E febricitante, dirigia o poeta sua vigilância àquilo que era visível, quase anelando que ali, em qualquer lugar, despontasse um ser humano. Não despontava nada. Acima da costa, ao sudoeste, mantinha-se, ameaçadora, com luzente fulgor, a constelação do Escorpião, mantinha-se acima de uma terra vagamente cintilante; na cintilação esvaía-se ao longe a divisa entre as casas da cidade e a ondulação dos morros da paisagem; parcialmente ocultados por elas, esvaíam-se as flutuantes ondas de campos, bosques, pradarias; as ondas de seus caules, da sua folhagem, penetradas pelo frio e pétreo luar, sobre o fundo da derradeira

negrura do infinito, esvaíam-se na ondulação febril, petreamente sonora, petreamente fria, petreamente trêmula, do flutuante espaço sideral, impregnado de trevas, impregnado de luz, deslizando e sumindo, e o pálido clarão não findava nos domínios invisíveis. Assim flutuavam para lá as ondas e flutuavam de volta, alternadamente frias e quentes, luminosas e ensombreadas na sua dupla origem, mergulhadas na negrura, fluindo adentro dos poços dos pátios, das praças, das vielas, desdobradas por sobre as zonas visíveis e invisíveis das regiões terrestres. Ao outro lado, uma rua embocava diagonalmente na praça; descortinando-se ao olhar, graças ao seu traçado reto, estava inundada pela clareza do luar, apenas de quando em quando obscurecida por algumas casas mais altas, e a seqüência dos telhados indicava que mais adiante ela conduzia aos limites da cidade, numa curva dupla, que se parecia com a da constelação do Escorpião, lá nas alturas, e para ela apontava; sedutora era a semelhança das formas, sedutor o assesto; sim, tão sedutora tornava-se a atração que chegava a ser angustiante, convertendo-se no almejo de poder caminhar por ali, ao longo da rua, percorrendo a passo ligeiro as curvas, saindo campanha adentro, rumo à constelação, percorrendo rincão por rincão, na lépida progressão dos sonhos que voa através dos bosques luminosos ou sombrios da febre; ah, sim, caminhar pelas vias visionadas, cuja destinação já contém novamente o ponto de partida, para sempre e sem retomo! Numa caminhada tão fácil não se necessita nenhum guia, mas tampouco se carece de quem nos desperte duramente; pois, sem cessar, persiste o translúcido, coruscante sono do mundo; tratava-se apenas de estugar o passo, de caminhar adiante nas zonas que chamado algum pode alcançar, abertas todas as fronteiras, e nada mais consegue deter o andarilho, ninguém o ultrapassa, ninguém vai ao seu encontro, a força divina não corre à sua frente, e seu caminho não se cruza com o animalesco, desembaraçado de ambos avança seu pé, mas a direção na qual progride é a do consolo e da confiança, é a da necessidade, é a do deus. Seria mesmo assim? Não existiria realmente nenhuma direção oposta? Não virá, apesar de tudo, alguém da direção oposta, buscando a animalidade, recaindo no infrabestial?

Cumpria aguardar, aguardar com imensa paciência, e aquilo durava muito tempo, um lapso demasiado longo. Depois, porém, acontecia algo. E coisa estranha! Aquilo que vinha, embora fosse o oposto de tudo quanto se pudesse esperar, parecia igualmente convocado pela necessidade. Primeiramente vinha sob a forma de uma imagem audível, a saber a

imagem audível de passos arrastados e indistintos murmúrios, a destacarem-se lentamente do silêncio, e por algum tempo, a imagem permanecia escondida nas sombras, antes que despontassem os respectivos vultos, três manchas brancas, pouco nítidas, que, oscilando e freqüentemente estacando, mesclando-se uma com outra e novamente se separando, visíveis ao luar, avizinhavam-se como que recalcitrantemente. Arfando de atenta vigilância, sem fôlego, devido à constrição causada pelo irrespirável mormaço, torcendo nervosamente as mãos. apertando espasmodicamente o anel entre os dedos, convulsivamente inclinado para a frente, em direção à janela, com a cabeça projetada o mais possível, observava o poeta a aproximação dos três personagens. Por alguns instantes, estes se conservaram mudos, mas, em seguida, muito ao contrário do indistinto murmúrio precedente, de súbito uma voz irrompia, cortante, com extrema nitidez, voz estridente de tenor, e quase num grito, como se o portador dela acabasse de tomar uma decisão irrevogável, definitiva, surgia o pronunciamento:

– Seis sestércios!

Novamente se fez silêncio. Parecia mesmo que a determinação não admitia nenhuma resposta. Contudo, esta veio logo:

– Cinco – disse uma segunda voz masculina, pouco benévola, mas bem-humorada, e desta vez era uma voz de baixo, calma, quase sonolenta, que, sem dúvida alguma, desejava cortar na raiz qualquer negociação ulterior.

– Cinco – repetiu.

– Seis, puta merda! – gania a primeira voz, sem se deixar intimidar, ao que o baixo, após alguns grunhidos inentendíveis, assumia calmamente uma atitude decidida:

– Cinco e nenhum asse a mais!

O grupo permanecia parado. Até então, não se podia descobrir de que se trata, mas, nesse momento, intrometia-se uma terceira voz, a de uma mulher bêbada.

– Dá-lhe seis! – ordenou num berro esganiçado, oleoso, atrás de cuja insistência exigente, sôfrega, escondia-se um quê de bajuladora servilidade, que, no entanto, não surtiu nenhum resultado positivo. Pois a resposta que veio desta vez limitava-se a uma risada zombeteira, gutural, e irritada pelo riso e pelo inatacável escárnio, a voz feminina uivou num raivoso ganido:

– Come mais que os outros, mas pagar neca!. – Quer carne e quer peixe, quer tudo …

E, quando essas palavras apenas provocavam da parte do homem a mesmíssima risada regougante, prosseguiu a ladainha: – Devo comprar farinha e cebolas e tudo, e ovos e alho e azeite... e alho... e alho ...

Ofegante pela bebedeira, sempre acompanhada e instigada pela risada, que aos poucos se transformava num arquejante gorgolejo, a voz da mulher aferrava-se no preço exorbitante do alho:

– Alho, ele quer ... alho ...

Ao que o tenor interveio, estridulando: – Tens razão.

Mas, com uma inopinada mudança de opinião, resolveu acrescentar um "Deixa disso!" Porém a mulher, como se a palavra tivesse alguma força iluminativa, não permitia nenhuma interrupção:

– Alho!… Devo comprar alho...

Novamente, o grupo tinha sido tragado pelas trevas, e das trevas continuava ressoando o clamor pelo alho, e realmente, como que respondendo a uma deixa, a escuridão febril da noite ficava carregada e emprenhada de todos os cheiros de cozinha que a cidade era capaz de exalar, cheiros graves, fartos, lúbricos, oleosos, indolentes e terríveis, digestos e putrefatos, fedores de crepitantes fogueiras, de frigideiras, de ruminações, letárgico alimento da cidade. Por alguns instantes, não se ouvia mais nada; tudo parecia estranhamente abafado, como se o bafo inerte houvesse engolido também os três que lá embaixo andavam, e mesmo depois de terem tornado a entrar no ambiente iluminado, já não tinham o que falar; o assunto do alho estava esgotado, o grupo acercava-se, mudo, destacando-se com mais e mais nitidez, posto que, apesar de toda a mudez, não se tivessem tornado mais pacatos: inicialmente surgia um indivíduo singularmente magro, que soerguia um dos ombros e coxeava, apoiado numa bengala; levantava-a ameaçadoramente, sempre que parasse, para que os dois outros pudessem segui-lo; a certa distância, atrás dele, ia a mulher, gorda e robusta, e finalmente, talvez mais gordo, mais borracho ainda, e em todo caso mais lerdo, chegava o segundo homem, um torreão barrigudo, que não conseguia diminuir o sempre crescente espaço que o separava da mulher, até que enfim tentasse detê-la, dando pipilantes choramingos e estendendo infantilmente as mãos. Assim caminhavam, espetáculo vacilante, inseguro, que ainda se tomava mais inseguro, quando, na embocadura da rua, entravam no cambiante clarão das fogueiras da guarda.

Desta forma, exibiam-se ali aos olhos do poeta, junto com seus atritos que novamente explodiam, já que o líder coxo, com uma volta para a esquerda, rumo ao porto, fazia menção de atravessar a praça, enquanto a mulher ululava às suas costas "Filho da puta!" Em conseqüência disso, parou o homem, e, desistindo do seu intuito, virou-se, para investir contra ela com a bengala brandida. É bem verdade que dessa forma não logrou amedrontar a fêmea, que continuava xingando sem cessar, mas, pelo menos, assustou o gordo torreão, que, sempre pipilando, punha-se a fugir e com isso forçava a mulher a correr atrás dele, a fim de arrastá-lo consigo. Tal êxito afigurou-se tão delicioso ao outro que, abaixando a bengala, soltou, com mais força do que nunca, aquela sua risada gutural, sardônica, cascateante, que já antes quase fizera enlouquecer a mulher. E o resultado foi exatamente o mesmo: a mulher enraiveceu-se terrivelmente.

– Vai para casa! – ordenou aos berros ao magricela risonho, e quando este, meneando o dedo indicador, apontava para o porto, estendeu ela, por sua vez, o braço, e arfando, trêmula de exaltação, indicou-lhe a direção oposta:

– Vai para casa, e já! Não tens nada que fazer na cidade!... Não me podes enganar. Sei o que vais procurar lá embaixo. Conheço muito bem as tuas rameiras! ...

O meneio do dedo parou; a mão assumiu a forma de um copo e esboçou um gesto de beber.

– Que tal? – disse o homem, e isso parecia tão claro ao gordalhão encostado no muro da casa que reencontrou o rumo das decisões definitivas.

– Vinho! – cacarejou, enlevado, e logo se pôs em movimento. A mulher barrou-lhe o caminho:

– Vinho, ora bolas! – esbravejou.

– Vinho? Ele quer é dar uma visita a sua rameira, e eu devo fazer a cozinha… Ele quer carne de porco, quer tudo, tudo!...

E o tenor ecoou em voz estridente: – Carne de porquinho!

Desdenhosamente, a mulher empurrou-o de volta ao muro, mas quase chorona se dirigiu ao outro:

– Tu queres que eu faça tudo, mas pagar, nunca! ...

– Eu já disse que vou lhe pagar cinco... Vem comigo, que vou te dar vinho ...

– Teu vinho não me interessa. Tu vais lhe pagar seis!

– Ele também vai ter vinho.

– Ele não precisa de teu vinho!

– Não é da tua conta, sua besta. Pago cinco e nenhum asse a mais, e vai ter vinho para ela ...

– Cinco – determinou cerimoniosamente o barrigudo a partir de seu muro.

A mulher acometeu-o:

– Que é que disseste? Que é que disseste?

Assustado, ele procurava uma desculpa e finalmente disse gentil e confortadoramente:

– Merda ...

– Que é que lhe disseste? – Ela não desistia, e ao ver-se acuado desse modo, repetiu o gordo, cheio de ânimo forçado, porém de acordo com sua recém-obtida convicção:

– Cinco!

– E ainda tens coragem de dizer isso mais uma vez, seu odre, seu beberrão! ... e ainda querem que eu arrume comida para os dois... como vou arrumá-la sem dinheiro?

O pançudo não se impressionou com a arenga.

– Vinho ... Tu também vais ter vinho ... – falseteou, feliz da vida, como se a sua valentia merecesse alguma recompensa.

A mulher agarrou-o pela túnica:

– E ele leva todo o dinheiro para essa rameira... Deve pagar seis, ouviste, seis!

– Seis – papagueou obedientemente o torreão, enquanto fazia um esforço por sentar-se, o que, porém, não conseguia, já que a mão da mulher o segurava. Para o magro, tudo isso era uma fonte de interminável, barulhenta hilaridade, acentuada por brandimentos de bengala.

– Ele disse cinco – acudiu –, e vou lhe pagar cinco.

– Fica combinado!

– Não é verdade! – ralhou ela, e sempre segurando o ventrudo pela túnica, berrou-lhe na cara:

– Dize a ele que são seis, dize!

Mesmo assim, sua voz, por mais que se esganiçasse, não perdia aquele matiz solícito, oferente; apenas não era possível estabelecer a quem se dirigia. Seja como for, o magro interrompeu por um momento suas

manifestações de hilaridade, para responder num tom levemente mais conciliatório:

– Mas, que é que queres? De qualquer jeito vais receber farinha de graça do César...

A mulher ficou estupefata, e isso propiciava ao gordo, que se retorcia sob as garras dela, não apenas um instante de trégua, mas também o ensejo para finalmente livrar-se do enfadonho assunto dos sestércios.

– Viva o Augusto! – clamou em direção à morada imperial, e levantando a bengala bem alto, o outro, que também acabava de voltar-se para o palácio, corroborou o grito jovialmente falseteado por um estrondoso "Viva!" E novamente ressoou em falsete um entusiástico "Viva o Augusto!", e mais uma vez o gordo fez continência com outro estrepitoso "Viva!"

– Cala a boca! Cala a boca, tu também! Os dois! – intrometia-se, enojada, a mulher, e realmente por alguns segundos isso produzia efeito, talvez menos por respeito à ordem dela e sim por reverência ao invocado César; ambos emudeciam e até se enrijeciam, o gordo com a boca escancarada, o magro com a bengala erguida, e enquanto a sombra munida de bengala dançava pelo muro, ao clarão da crepitante fogueira e a mulher, fincando nos quadris os braços roliços, observava o belo efeito causado, podia-se crer que tal imobilidade duraria doravante por toda a eternidade; mas, ao contrário, ela foi logo substituída pela reiniciada, estrondeante gargalhada, que a entrecortava bruscamente e da qual em seguida participou o casal gordo, primeiro o ventrudo, na voz aguda de tenor, quase que gorjeando jubilosamente, e depois a mulher, soltando automáticos, trêmulos cacarejos, enquanto a bengala marcava o compasso; três bocarras unidas na risada, a convulsiva risada, que brotava viscosamente das profundezas de fogos ignotos, três cabeças unidas no escárnio, com o qual zombavam mutuamente de si mesmos, três corpos unidos no deus desconhecido, no mais desconhecido de todos.

Isso exigia uma culminância, e o magro encontrou-a: – Vinho! – gritou.

– Tu vais ter teu vinho, gorducho! Vinho para todos! Vamos beber vinho à saúde do César...

– Quá, quá, quá – cacarejou a mulher, e sua gargalhada ultrapassou os próprios limites, transformando-se em ira, e com isso, ainda mais em impudica oferta. – Teu César! Conheço muito bem teu César ...

– Farinha do César – recordou-lhe bondosamente o patriótico torreão, que começava a desprender-se do muro. – Farinha do César, não ouviste?... Viva o César!

Quase seria de esperar que ela, ao ouvir isso, voltasse a soltar seu clamor por alho, a tal ponto vagueavam sempre no mesmo lugar, e quando o outro, aos berros, engasgando-se, apresentava a confirmação – Pois é, amanhã vai ter a distribuição! Amanhã, ele mandará distribuir farinha, e não custará nada! – a mulher perdeu a paciência:

– Vão distribuir uma bosta! – uivou, e seu grito ecoou por toda a praça. – O César vai nos dar uma bosta! Teu César é uma bosta, uma bosta, sim, senhor! Ele sabe dançar e cantar e foder e meter o caralho, teu ilustre César, mas outra coisa não sabe fazer, e vai te dar uma bosta!

– Foder… foder... foder... – repetiu o gordo, cheio de entusiasmo, como se essa palavra ocasional lhe tivesse descortinado a totalidade da lascívia universal com todo o cio provocado pelo acaso. – O César fode, viva o César!

Entrementes, o magricela, coxeando, avançara mais alguns passos, porque, provavelmente, temia que a sentinela pudesse aproximar-se, e ainda que sua gargalhada noturna persistisse com a mesma força e no mesmo tom gutural, percebia-se nela agora um pouco de intranqüilidade, quando, por cima do ombro soerguido, gritava para trás:

– Vamos! Tu vais ter vinho; vamos!

E bem verdade que isso não produzia nenhum efeito, e positivamente já não existia mais nada que pudesse dar resultado; pois, o barrigudo obstinava-se no seu entusiasmo pelo César dançarino e fornicador; inequivocamente se empenhava em igualar o personagem excelso, e num esforço patriótico, intensificava nobremente seus amorosos galanteios mediante vivas dados ao Pai Augusto, ao César Augusto, ao Salvador Augusto; estendendo as mãos numa súplica lasciva, tentava achegar-se à mulher, que, xingando e praguejando, recuava; desajeitado, tateante, soltando gritinhos que pareciam gorjeios, o colosso jovial, disposto a copular, esboçava na ébria cobiça alguns passinhos saltitantes, quase graciosos, na procura cega e surda de seu alvo, do qual certamente não tencionava desistir; porém, inopinadamente uma bengalada do coxo, que silenciosamente se avizinhara, pôs fim à brincadeira; isso acontecia com incrível rapidez, sem ruído nenhum; nada se ouvira, era como se a bengala tivesse ferido um saco de plumas; não houvera sequer um único sinal de

susto ou de dor; não houvera nem gemidos nem suspiros; o gordo caía sem mais nada; revolvia-se um pouco, e em seguida, permanecia deitado calmamente. O assassino, porém, não se importava nem um pouquinho com ele. Afastou-se, sem lançar nenhum olhar para trás. Safando-se, coxeava impassivelmente; no entanto, não; se dirigia ao porto, ao vinho, à rameira; pelo contrário, assim como lhe solicitara a mulher, punha-se a caminho de seu lar; parecia preocupar-se com ela, que, indecisa, talvez consternada e comovida diante da subitaneidade da cessação da vida ou apenas por causa da repentina extinção do cio fortuito, inclinava-se sobre o cadáver, quase que numa pose de luto teatral, da qual, todavia, desvencilhou-se poucos segundos após; tomando instantaneamente uma decisão, apressou-se por alcançar o coxo. Tudo isso ocorrera tão inopinadamente, a tamanha distância, tão profundamente entretecido no febril e imóvel mormaço, que certamente ninguém teria podido intervir, acudindo, e ainda menos um enfermo, que a partir da janela teve que observar o incidente, incapaz de gritar, incapaz de agitar os braços, paralisado, enrijecido, fascinado em conseqüência da vigilância que era seu dever e do sofrimento que lhe coubera em sorte, mas, além disso, por não ter tido o tempo necessário para raciocinar sobre o acontecimento. Pois, ainda antes que lá embaixo o casal assassino, na sua fuga, tivesse sumido atrás da muralha, cujo canto ameado se projetava bruscamente na praça, o sujeito caído começava a mexer-se, e depois de ter logrado pôr-se de bruços, metia-se a gatinhar, que nem um bicho, um grande e lerdo cascudo com uma perna a menos, o mais depressa possível, na esteira dos companheiros. O efeito provocado por esse monstro não era de comicidade e sim de susto, de pavor, e o susto, o pavor persistiam ainda, quando o animal finalmente se erguia nas pernas traseiras, para urinar contra o muro da casa. Logo depois, porém, tateante, tropeçando a cada passo, cambaleava ao longo dele. Esses três, quem eram eles? Eram emissários do Inferno, enviados daquelas moradas miseráveis, por cujas filas de janelas passara o olhar do poeta, obrigado a contemplá-las pela inclemência do destino? Ah, não! desta vez as invectivas não se haviam dirigido a ele, não fora ele o alvo do escárnio e do riso, que sacudira o trio, aquele riso masculino, berrante, ladrado, arrebatador, que em absoluto se parecia com o das mulheres da viela da miséria; não, em tal riso ressoava coisa muito mais grave, vibravam atrocidade e horror, e o horror era o da mera objetividade, que já não visa ao homem, nem àquele que a partir da janela vira e escutara aquilo, nem a qualquer outra criatura humana; era, por

assim dizer, uma língua que já deixara de lançar uma ponte entre os homens, risada extra-humana, cuja gama de zombaria abrange a existência objetiva do mundo em si, e que, ao ultrapassar todo o alcance humano, já não ridiculariza o homem e sim o aniquila simplesmente, através do desmascaramento do mundo; ah, sim, eis o que rimbombara na gargalhada dos três vultos, expressando pavor, transmitindo pavor, a masculina, jovialmente berrante gargalhada do pavor! Por que, oh, por que a haviam enviado até ele?! Que necessidade mandara-a para cá? O poeta inclinava-se janela afora, a fim de apanhar os sons do trio... Lá, no firmamento meridional, o Sagitário, imóvel, mudo, tendia o arco em direção ao Escorpião; os três tinham sumido rumo ao Sagitário, e da mudez esvoavam ainda uma que outra vez, ao começo cruamente fragmentados, depois levemente desfibrados, coloridos primeiro, cinzentos em seguida, os derradeiros pedaços da imundície de seus doestos, uma risada escabrosa, viscosa, ululante da voz feminina, entre solícita e solicitante no seu mísero ganido, algumas palavras pronunciadas pelo baixo gutural do coxo e uma que outra vez o ladrido da gargalhada dele, e por fim somente um praguejamento crepuscular, quase doloroso pela distância, e que se tornava quase que delicado, mesclado com todos os demais ruídos da longuidão noturna, entretecido e fundido com cada tom, com os últimos restos de tons, que se desprendiam de paragens longínquas, unido com o canto sonhador de um sonolento galo, unido com os perdidos ladrados de dois cães, que lá fora, em qualquer lugar, sob a vaga cintilação do céu aberto, talvez num terreno baldio, talvez nas proximidades de uma casa de campo, comunicavam um ao outro sua existência lunar, no diálogo sem ponte dos animais, unido também com os tons de uma canção humana, cujas frações subiam da zona portuária, trazidas pelo vento norte e todavia já quase desprovidas de rumo certo, delicadas também elas, posto que provavelmente fizessem parte de um obsceno canto de marujo, proferido, por entre estrondosas gargalhadas, numa taverna impregnada de fedor de vinho, mas suave e doloroso pela distância, como se a muda lonjura, a rígida transcendência, que nisso se manifestavam, fossem a esfera na qual o mudo idioma do riso e o mudo idioma da música, ambos línguas fora da língua, abaixo e acima do controle humano, se ligassem, para criarem um idioma novo, no qual o horror da risada era acolhido milagrosamente pela brandura da beleza, sem que, no entanto, ficasse anulado, senão, pelo contrário, intensificado, a ponto de tornar-se redobrado horror, convertido

nessa muda língua da mais rija, mais extra-humana distância e isolação, língua apartada de qualquer língua materna, inextricável idioma de completa intraduzibilidade, entrada no mundo misteriosamente, penetrando o mundo por sua própria lonjura, de modo incompreensível e inescrutável, necessariamente presente no mundo, sem o ter mudado e por isso duplamente incompreensível, indizivelmente incompreensível, como a necessária irrealidade invariavelmente real!

Pois, nada se modificara: de formas rijas, silenciosa, inalterada no mundo visível, profundamente encravada na superfície do céu, mantinha-se a multiplicidade das estrelas, ao norte a Serpente vencida pelo braço de Hércules, ao sul o Sagitário ameaçador; embaixo, no invisível, erguiam-se, inalteradas, as florestas envoltas nas trevas, percorridas por ondulantes sendas noturnas, farfalhando ao luar, rapidamente atravessadas por bichos fartos de seus sonhos, e que andavam à procura da rutilante vertente; inalterados, no invisível vaguissimamente familiar, os luzentes cumes das montanhas saudavam com sereno brilho a lua que as irradiava; invisível, a muita distância, ressoava do mar um argentino murmúrio; assim se conservava diante do poeta a noite, inalterada, aberta no visível e no invisível, uma única de miríades de noites, em invariável inalterabilidade desde os primórdios; aberto, conservava-se o mundo no igualmente invisível, esfera por esfera, separadas umas das outras; inalterado continuava o adro da realidade; ah, sim, nada se modificara, mas tudo fora deslocado para aquela lonjura nova que anula a qualquer proximidade, penetra qualquer proximidade e a transporta aos domínios do inescrutável, tomando estranha a própria mão das pessoas, e as faz estenderem o próprio olhar em direção ao invisível, a uma onipresente lonjura, que absorve em seu nenhures à luz e até mesmo o clarão das fogueiras escondidas pelo muro, que lá embaixo crepitavam, a essa lonjura que dessensualiza todos os sons da vida, até o raro passo da solitária sentinela, e os domicilia em zonas inalcançáveis ao ouvido, lonjura na proximidade, superlonjura na lonjura, divisa mais extrema e também mais íntima entre ambas, elemento irreal na realidade de uma e outra, enfeitiçando em ambas o que foi removido ao longe... a beleza.

Pois,
na mais remota divisa surge, resplandecente, a beleza,
da mais remota lonjura, envia seus raios adentro do homem,
apartada do conhecimento, apartada da pergunta,

acessível, sem esforço, unicamente
ao olhar,
a unidade do mundo criada pela beleza,
fundada no formoso equilíbrio da superlonjura,
que penetra todos os pontos do espaço,
saturando-os de lonjura,
e – quase demoniacamente – não só dissolve
em equivalência e igualdade de significado
o que há de mais contraditório,
senão também – de modo mais demoníaco ainda – em cada ponto
satura de lonjura temporal a própria lonjura espacial,
parando, imóvel, em cada ponto a balança das marés do tempo,
ocorrendo mais uma vez sua parada saturnina,
ocorrendo não a anulação do tempo, e sim seu sempiterno presente,
o presente da beleza, como se, ao avistá-la,
o homem, embora ereto e crescente rumo às alturas,
pudesse novamente recair na escuta crepuscular do jacente,
de novo prostrado entre as profundezas dos mundos
superior e inferior,
outra vez se fundindo com a espiadora mirada lançada por ele,
como se a profundeza permitisse renovada participação, que
isenta de conhecimento e pergunta,
primordial e pré-primordial,
possa dispensar conhecimento e pergunta,
renunciando à diferenciação entre o bem e o mal,
subtraindo-se ao dever de conhecer, imposto aos homens,
refugiando-se numa inocência renovada e portanto falsa,
para que
a vileza e a tarefa do dever, a desgraça e a graça,
a crueza e a bondade, a vida e a morte,
o incompreensível e o compreensível
consigam assumir uma única, indistinguível comunhão,
cingida pelo laço unificador da beleza,
cujos raios entrem, sem nenhum esforço, no olhar que
a abrange,
e justamente por isso, realiza-se quase um encantamento,

e encantada-encantadora é a beleza,
demoniacamente acolhendo tudo em seu seio,
encerrando tudo em seu equilíbrio saturnino,
mas, justamente por isso, é também um retrocesso à era pré-divina,
justamente por isso, para o homem, é recordação de algo que
aconteceu ainda antes de sua presciência,
recordação de uma época pré-divina, na qual evoluía
a criação,
recordação de uma intercriação indistintamente crepuscular,
isenta da jura, isenta do crescimento, isenta da renovação,
e todavia recordação, e como tal, piedosa, se bem que
fosse piedade sem jura, sem crescimento, sem renovação,
a demoníaca piedade da beleza removida
até aos mais extremos, aos mais remotos limites,
porém sem a vontade de ultrapassar o limite,
voltada para trás, em direção ao pré-início,
o pré-divino de divina aparência,
a beleza;
pois, assim, a noite, acolhendo tudo, ficava desdobrada diante dele, a tal ponto removida, saturada da argentina poeira do eco, cujo som vinha dos seus mais distantes limites, a tal ponto que se tornava indistinguível, com tudo o que abrangia, um canto, um berro de risada, um sopro de vozes animalescas, um sussurro de brisa, ninguém o sabia... E esse não-saber hostil ao saber, no qual a beleza, como que para proteger sua delicadeza e fragilidade, envolve-se e até precisa envolver-se, porque a unidade dos mundos criada por ela é mais fugaz, mais perecível, mais atacável do que a do conhecimento, mas, além disso e muito ao contrário desta, pode a qualquer momento ser lesada pelo saber – esse não-saber chegava até ele, irradiado, junto com a beleza, a partir de todos os lugares do círculo do visível, delicado e ao mesmo tempo quase demoniacamente atrativo, por ser a altaneira sedução da igualdade de significados, assoprado demoniacamente desde os mais extremos limites, irrompendo até ao âmago, um coruscante oceânico sussurro, impregnado de luar, impregnando a ele próprio, equilibrado como as flutuantes marés do universo, cuja força rumorejante intercambia o visível e o invisível, liga a multiplicidade das coisas à unidade do eu e a multiplicidade do pensar à unidade do mundo,

porém toma ambas irreais, ao convertê-las em beleza: ausência de saber é o saber peculiar da beleza, ausência de conhecimento é seu modo de conhecer aquela sem excedente de pensamento, este sem sobejo de realidade, e na rijeza de seu equilíbrio, do flutuante equilíbrio entre pensar e realidade, na rijeza daquilo que criou o mundo, da ação recíproca de pergunta e resposta, daquilo que é problemático e daquilo que é solúvel, a beleza detém a balança das marés das zonas interior e exterior, fazendo com que esta, imobilizada em equilíbrio, se faça símbolo do símbolo. Assim se abobadava a noite ao redor do poeta, equilibrada em harmoniosa beleza, o espaço da noite no seu sombrio esplendor, a desdobrar-se saturninamente por sobre todos os tempos, embora, na verdade, se conservasse dentro do tempo, sem ultrapassar os domínios terrenos, esticado de limite a limite, e ele mesmo fosse limite mais externo e mais íntimo em cada ponto; desse modo, a noite estava estendida ao redor e dentro dele, e vindo dela, do seu equilíbrio terreno, fluía, junto com sua beleza, o símbolo do símbolo; trazia consigo toda a estranheza das lonjuras dos mais extremos limites e era todavia singularmente familiar, envolto no não-saber e mesmo assim estranhamente desvelado, nesse instante em que tal símbolo, sob uma segunda iluminação mágica, inopinada, fazia-se símbolo da própria imagem do poeta, tão nítido, apesar da extrema distância, que parecia criado por ele mesmo, a simbolização do eu no universo, a simbolização do universo no eu, no entrelaçado símbolo duplo do ser terrestre: resplandecendo através da noite, resplandecendo através do mundo, a noite abarcava todos os limites do ilimitado espaço, e junto com este, imersa no tempo, carregada pelas épocas, transformava-se no sempiterno presente delas, na ilimitada limitação do tempo, no símbolo total da natureza terrena, limitada quanto a tempo e espaço, manifestando o pesar da limitação e justamente por isso chegando a ser beleza, neste mundo;

> assim, em consternada tristeza,
> assim se desvenda a beleza ao homem,
> desvenda-se em sua compacidade íntima, que é
> a do símbolo e do equilíbrio,
> magicamente adejando na oposição
> do eu, que avista a beleza, e do mundo impregnado de beleza,
> cada qual deles em sua esfera própria, cada qual restrito a si,
> cada qual intrinsecamente compacto no seu próprio equilíbrio, e
> justamente por isso, ambos num estado de equilíbrio recíproco,

justamente por isso, numa esfera comum;
nela se desvenda ao homem
a compacidade íntima da bela mundanalidade,
a compacidade íntima do espaço sustentado pelo tempo,
congelado no tempo,
do espaço que, flutuando, se desdobra em mágica beleza,
que já não se renova em face de nenhuma pergunta,
já não se amplia em face de nenhum conhecimento,
a irrenovável, inampliável totalidade do espaço, conservada pelo equilíbrio
da beleza que nela atua, e essa intrinsecamente compacta
totalidade do espaço manifesta-se em qualquer das suas partes,
em qualquer de seus pontos, como se cada qual deles
fosse seu mais íntimo limite;
manifesta-se em qualquer forma individual, em cada coisa, em cada obra humana,
em tudo, como o símbolo de sua própria índole espacial,
símbolo que anula o espaço, a beleza que anula o espaço,
que o anula, ao produzir a unidade entre os limites exterior e interior,
graças à compacidade intrínseca do infinitamente limitado,
o limitado infinito, o pesar do homem;
assim se lhe desvenda a beleza como um acontecimento lindeiro,
e o limite; o exterior tanto como o interior,
quer o do mais remoto horizonte, quer o de um único ponto,
fica esticado entre o infinito e o finito
na zona mais longínqua e no entanto ainda nos domínios terrestres;
continua sempre no tempo terrestre, sim, limita o tempo
e provoca a permanência dele,
essa permanência que descansa em si, junto ao limite do espaço,
porém sem anular o tempo,
sendo mero símbolo, símbolo terrestre da anulação do tempo,
mero símbolo da anulação da morte, mas nunca a própria anulação,

limite do humano, que ainda não cresceu além de si
e portanto também limite do não-humano;
desvenda-se ao homem o acontecimento da beleza,
como aquilo que é, como aquilo que a beleza é,
como o infinito dentro do finito,
como o aparente infinito terrestre,
e por isso é um jogo,
o jogo do infinito, jogado pelo homem deste mundo
na sua terrenalidade,
como o jogo do símbolo no mais extremo limite da terra;
beleza, o jogo em si,
o jogo que o homem joga com seu próprio símbolo, para
que desse modo simbolicamente – de outra forma não seria
possível –
escape à angústia da solidão,
a bela auto-ilusão repetida uma e outra vez,
o refúgio na beleza, o jogo da fuga;
então se revela ao homem a rigidez do embelezado mundo,
revela-se que este é totalmente incapaz de crescer,
que sua perfeição tem limites e
somente na repetição torna-se imperecível,
carecendo ser procurada sempre de novo, em virtude
de seu caráter fictício;
revela-se-lhe o jogo da arte a serviço da beleza,
sua desolação, seu desesperado esforço
de criar o imperecível, à base do perecível,
de palavras, de sons, de pedras, de cores,
para que o configurado espaço
dure mais do que as idades,
como marco que transmita beleza a futuras gerações,
a arte a construir espaço em cada imagem,
o elemento imortal no espaço, mas não no homem
e por isso isento de crescimento,
ligado à perfeição apenas reiterável, impedida de crescer,
que jamais se alcança a si mesma,
acossada por um desespero que há de crescer, quanto mais
perfeita ficar,

presa, no eterno retorno, à saída em si mesma,
e por isso dura,
dura para com a tristeza humana, já que esta significa
para ela nada mais do que ser perecível,
nada mais do que palavra, pedra, som ou cor,
usados na busca da beleza e na sua descoberta
em contínua repetição;
e se revela ao homem a beleza como crueldade,
como a crescente crueldade do desenfreado jogo, que,
no símbolo, promete o gozo do infinito,
o gozo avesso ao conhecimento, hedonista, do fictício infinito terrestre,
e por isso é capaz de infligir desconsideradamente sofrimento e morte,
já que tudo se passa nos domínios da beleza distantes dos
limites,
apenas atingíveis à visão, apenas alcançáveis ao tempo,
mas já não à humanidade e ao dever humano;
assim se revela ao homem a beleza como lei sem conhecimento,
a perversão de uma beleza que se constituiu lei,
em prol de si mesma,
compacta em si, irrenovável, inampliável, sem possibilidade
de evolução,
o gozo como lei do jogo da beleza,
hedonista, voluptuoso, impudico, inalterável,
o jogo que, impregnado de beleza, imbui tudo de beleza,
jogo que, ao brincar, ele próprio, com a beleza,
decorre junto ao limite da realidade e
passando o tempo, porém sem anulá-lo,
apostando no acaso, porém sem dominá-lo,
infinitamente reiterável, suscetível de continuar infinitamente,
e no entanto de antemão destinado ao término,
porque somente o que é humano é divino;
e assim se revela ao homem a ebriedade da beleza,
como sendo o jogo de antemão perdido, perdido
apesar da imperecibilidade do equilíbrio, no qual se realiza,
apesar da necessidade, devido à qual ele deve ser repetido uma

e outra vez,
perdido, porque a própria inevitabilidade da repetição encerra
também a inevitabilidade da perda,
ficando inelutavelmente entrelaçadas –
a ebriedade da repetição e a ebriedade do jogo,
ambas sujeitas à duração,
ambas crepusculares,
ambas desprovidas de crescimento,
posto que ocorrendo em crescente crueldade,
ao passo que o genuíno crescimento,
o crescimento do saber do homem que percebe,
desdobra-se no tempo, não delimitado pela duração e livre
de repetição,
desdobrando o tempo e convertendo-o em intemporalidade,
modo que ele, ao consumir qualquer duração, com
crescente realidade,
descerre e transponha qualquer fronteira, a mais íntima tanto
como a mais extrema,
deixando atrás de si símbolos e mais símbolos,
e ainda que com isso talvez não se destrua o derradeiro
simbolismo da beleza,
ainda que permaneça intata a necessidade de sua harmonia final,
desmascara-se, com necessidade nada menor, o caráter terrenal
de seu jogo,
desmascara-se a insuficiência do símbolo terrenal,
descortinam-se o pesar e o desespero da beleza,
descortina-se a desiludida ebriedade de beleza
o eu desiludido, privado de conhecimento e perdido em face
da falta de conhecimento,
na sua pobreza..

e ele, o poeta, ao qual esse eu, como símbolo, ao qual essa beleza, ao qual esse jogo, ao qual esse decurso eram transmitidos, irradiados com inelutável necessidade desde os mais íntimos e os mais remotos limites do mundo, desde os mais íntimos e os mais remotos limites espaciais da noite, de modo que ele abrangia em si todo esse processo e ao mesmo tempo ficava incluído nele, encerrado no espaço da necessidade, no espaço lindeiro de seu eu, encerrado no espaço limítrofe do mundo, no símbolo da

carência de espaço peculiar a este, encerrado no espaço do jogo, o espaço da ultra-distante proximidade, o espaço da beleza, o espaço do símbolo, que é duvidoso em qualquer um de seus pontos e todavia veda, enrijece todas as perguntas, e, enrijecido ele próprio, encerrado em todos os espaços do enrijecimento, sufocado de tanto enrijecimento – o poeta sentia, entendia que nenhum desses espaços ultrapassa o teto diáfano que se estica entre as esferas superior e inferior, que todos eles permanecem situados no reino intermediário do ainda-não-infinito, que seu limite talvez já seja o do infinito, mas ainda faz parte das regiões terrestres: o ainda terrestre, a esfera da beleza, o infinito terrestre, ainda terrestre! É nesse espaço que ele continuava mantido, encerrado; encerrado ficava no espaço da respiração terrestre, porém excluído do espaço das esferas, do espaço da autêntica respiração. E ao sentir a situação de estar encerrado, ao sentir, através dela, a causa de todo esse enrijecimento, de todo o enrijecimento da respiração, sentia também a seu redor a força explosiva que se dirigia contra aquilo que o encerrava, sentia a necessidade, a inelutabilidade da explosão, sentia-as até ao âmago de seu ser, até ao âmago de sua alma, até às profundezas de seu respirar e não-respirar; sentia essa explosão e ficava ciente dela, percebendo e sabendo como ela se preparava no seu íntimo e no mundo, como se quedava dentro dele e ao mesmo tempo o encerrava; experimentava a iminência da explosão quase que fisicamente, como algo que o espiasse fisicamente, e, com mão estranguladora, privasse de fôlego não só a ele mesmo mas também a todo o mundo visível e invisível, porém como algo que, apesar disso, agisse dentro e em torno dele sob a forma de uma demoníaca sedução, flutuando a seu encontro, efervescendo em seu imo e tragando-o, corpóreo e descorporeizado, a sedução do aniquilamento e da destruição totais, do esmagamento e do trituramento universais, da imolação de si próprio, do auto-escárnio, da auto-anulação, sufocante, estrangulador, abalador e todavia prometendo a libertação; assim sentia ele a sorrateira prontidão de algo que se preparava para saltar, para explodir, a proximidade de uma não-recordação inescrutável, pré-temporal; assim experimentava isso, sabia disso, assim o almejava, numa rebeldia quase primeva contra a rigidez, contra o acontecido, contra o invólucro do espaço limitado, contra o incoerente, contra o ainda existente, mas, ao lado de tudo isso, também contra o pesar inerente ao fundo de todo o jogo e toda a beleza; oh, nisso se manifestava a sedução de uma volúpia primordial, uma imensa titilação voluptuosa, o prurido de explodir tudo, de explodir o

mundo, de explodir o próprio eu, sacudido pela delícia de um saber ainda maior, ainda mais primigênio; oh, isso era alcançar, sentindo, experimentando, sabendo, e muito mais além, até mesmo conhecendo; isso se tornava para o poeta conhecimento, conhecimento até de si próprio, uma vez que do espaço da sua mais profunda presciência, no qual se conservava, fluía até ele uma derradeira compreensão, fazendo com que de súbito entendesse que a explosão da beleza é simplesmente o riso cru e que o riso é a predeterminada demolição da beleza dos mundos, desde os primórdios agregado à beleza e sempre inerente a ela, o riso que cintila dentro dela sob a forma do sorriso, nos irreais limites da superdistância, mas, em seguida, irrompe estrepitosamente junto ao limite solsticial de sua duração, irrompe sob a forma da estrondosa, atroadora trituração das idades, da demoníaca força da trituração total, o riso, oposto da beleza dos mundos, o riso, desesperado sucedâneo da sumida confiança no conhecimento, o riso como suspensão da fuga para a beleza, como fim do interrompido jogo de beleza; oh, pesar pelo pesar, jogo com jogo, gozo do exorcismo do gozo, redobrado pesar, redobrado jogo, redobrado gozo; o riso é sempre renovada fuga do refúgio, eximido do jogo, eximido dos mundos, eximido do conhecimento, a explosão do pesar universal, o infinito prurido localizado em gargantas de machos, a explosão do espaço enrijecido na beleza, explosão que o abre de par em par, numa escâncara em cuja indescritível mudez até se perde o nada, furiosa na mudez, furiosa no riso, mas ainda divina:

pois,
o riso é privilégio dos deuses e dos homens;
à primeva distância, nasceu da divindade que se reconheceu
a si mesma,
com silencioso pressentimento, nasceu de sua presciência,
da presciência da própria anulabilidade,
da presciência da anulabilidade da criação, na qual
passa, como parte que foi criada com ela e com ela cria, sua vida,
crescendo, graças ao conhecimento do mundo, e assim
alcançando
o conhecimento de si próprio, e mais além deste,
voltando-se à presciência,
na qual se origina o riso;
é nascimento dos deuses e nascimento dos homens,
ó morte dos deuses e morte dos homens,

ó início e fim de ambos, eternamente entrelaçados;
ah, o riso provém do saber da índole não divina dos deuses,
desse saber que o deus e o homem têm em comum,
provém daquela irrequieta, desconcertantemente diáfana zona
da comunhão,
esticada, de modo diabólico, entre o além e o lado de cá,
para que nela, nessa zona crepuscular dos demônios,
deus e homem possam e devam encontrar-se;
e se é Zeus quem, na roda dos deuses machos, enceta o riso,
é o homem quem provoca o riso divino,
assim como,
na incessante circulação do reconhecimento sério ou
brincalhão,
o riso do homem é provocado pelo comportamento do animal,
assim como
o deus se reencontra no homem e o homem no animal,
de modo que o animal é elevado pelo homem à altura do deus,
ao passo que o deus, através do animal, retoma ao homem;
deus e homem unidos no pesar,
e todavia vencidos pelo riso, porque este
é o jogo da repentina mescla de todas as esferas,
por cuja regra fatal
ambos foram dominados,
o jogo da inopinadamente revelada vizinhança primeva,
o grande jogo da confusão das esferas,
jogo divino, que, destruindo a beleza e abolindo a ordem,
funde misteriosamente a divindade da criação e a condição
de criatura,
abandonando jovialmente uma e outra ao acaso,
abominação e motivo de ira para a sapiente deusa-mãe,
facécia e aventura para o deus liberto e desdenhoso do
conhecimento,
inundado de riso,
porque tal facécia da mais repentina reunião das esferas
se produz, sem que o menor sinal de conhecimento ou de interrogação
ou de qualquer outra realização haja sido necessário,

produz-se como alegre, frívolo abandono de si mesmo, como entrega
ao acaso, ao tempo,
à inopinada presciência, à presciência do inopinado,
à voluptuosa imediatice da presciência e,
pouco importa,
também à morte;
facécia originada do insondável, facécia tão grande que,
com a fragmentação faceta dos derradeiros restos de legalidade,
com o divertido colapso das ordens, das fronteiras, das pontes,
com o colapso dos petrificados espaços e de sua beleza,
sim, com o colapso dos espaços e da beleza,
realiza-se primordial e definitivamente a inversão,
a inversão
rumo a ilimitadas regiões sem conhecimento,
sem nomes e sem linguagem,
sem pontes nem dimensões,
lançando umas nas outras as separações,
precipitando e confundindo a presciência do deus e a do homem,
derrubando sua criação comum e, por outro lado,
irrompendo nas distâncias dos eões, que;
emborcadas, tornaram-se proximidades imediatas,
irrompendo nas distâncias dos eões da pré-criação,
descortinando a imagem da pré-criação, numa
não-reminiscência,
que não fique acessível nem sequer a presciência do deus,
desvendando uma confusão indistinguível,
na qual o real e o irreal,
o que vive e o que não vive,
o significativo e o horripilante permaneçam
conjugados numa e na mesma ausência de pensamento,
irrompendo no inimaginável nenhures, no qual
os astros flutuem no fundo das águas
e as coisas jamais possam ser apartadas a tal ponto
que não se mostrem encaixadas mutuamente,
divertidas na sua evolução e na sua involução,

fortuitamente entrelaçadas e fortuitamente brotadas umas das outras,
divertidas as indistinguíveis espécies fortuitas do decurso do tempo,
multidões de deuses, multidões de homens, multidões de
animais, multidões de plantas, multidões de astros,
coabitando umas com as outras;
arrombado o nenhures do riso,
arrombada, numa explosão de riso, a involução universal em si,
como se jamais tivesse existido aquele juramento da criação,
o juramento pelo qual deus e homem assumiram uma obrigação recíproca,
a obrigação do conhecimento e da ordem criadora da realidade,
a obrigação da ajuda, que é o dever do dever;
ah! isso é o riso da traição,
o riso da despreocupada e leviana infidelidade,
é a malvadez, a irresponsabilidade da pré-criação,
eis o que é,
a perversa herança, o germe explosivo do riso contido,
desde sempre inerente a toda a criação dos mundos,
inextinguível,
despontando já na sorridente, serena reticência,
que se manifesta sob a forma da graça, que ostenta os encantos da pré-criação,
despontando já no desapiedado saber da pré-criação, pelo qual
a própria atrocidade, a brincar com a beleza,
é transfigurada numa lonjura descompassiva, na qual a compaixão se congela,
e mais além, além de todas as lonjuras, lá onde se unem
a mais longínqua extremidade e o mais íntimo centro,
despontando na superfície irônica, temível, do
não-espaço sem dimensões, rumo ao qual
se envolve a beleza, após ter alcançado o limite dos tempos,
exibindo seu fundo mais fundo, mais oculto,
sua índole inata, que sempre brota de suas entranhas,
informe e avessa à forma, na sua incriabilidade,
brotada de suas entranhas, evoluída nelas e

precipitada para fora delas,
o riso,
a linguagem da pré-criação,...

pois, nada se modificara; não, nada! Porém, rígido de figura, mudo, profundamente implantado na abóbada celeste, o perjúrio rodeado de riso estava à espreita; mas, no intangível canto dos astros, impregnando a terra de silêncio, impregnado de silêncio terreno, na grandiosa, cintilante persistência do mundo, no visível como no invisível e também na beleza que se esvaía numa canção, estava à espreita o riso trêmulo, tenso, prestes a explodir, comichão brutal, sufocante, o riso tempestuoso, irmanado com a beleza; envolvia-o a tentação sorrateira, ávida de destruição, tentação interna e externa, envolvia-o e fixava-se nele, exprimindo pavor, comunicando pavor, o linguajar da pré-criação, linguajar de uma intransponibilidade, para a qual jamais houvera possibilidade de ponte, já que o espaço no qual agia não tinha nome, como não tinham nomes os astros que luziam acima dele; inominada, desconexa, inexpressiva era a solidão no espaço da linguagem, onde se mesclam as esferas, no inelutável espaço, onde se dissolve qualquer beleza; e ao contemplar a beleza, porém já sustentado no novo espaço, o espaço e ele próprio febricitantes de horror, percebeu que não se oferecia mais nenhuma saída para a realidade, nenhum retomo, nenhum recomeço e que havia apenas a risada aniquiladora da realidade; percebeu, sim, que a existência do mundo desmascarada pelo riso mal e mal dispunha de uma realidade válida; anulada a resposta, anulado o dever de conhecer e anulada a grande esperança de que esse dever não fosse inútil, não por causa da sua inutilidade e sim por ser supérfluo num espaço, onde a beleza estava a ponto de congelar, no espaço do seu colapso, no espaço da risada... Mais malvado e mais perverso do que o sono dos rebanhos é o riso, ninguém ri nos seus sonhos, a não. ser sob o impacto de sofrimentos, sob o impacto da malvadez da crescente crueldade da morte, que a beleza se diverte a apresentar-lhe numa ilusão perfeita; oh, nada chega tão perto da malvadez, nada se avizinha dela mais do que o deus que se precipita para baixo, rumo a uma humanidade fictícia ou o homem que se lança para cima, em direção a uma fictícia condição divina, ambos atraídos até à malvadez, à ruína, à bestialidade anterior à criação, ambos brincando com a destruição, com um demoníaco aniquilamento de si próprios, do qual ficam separados tão-somente por um lapso fortuito, já que o tempo, no seu curso ininterrupto, a cada instante permite aguardar tudo; o deus e o homem

rindo em face da incerteza dependente do acaso, rindo em face das inopinadas reviravoltas num lapso de tempo imprevisível, ambos entregues a um riso, que se alegra da facilidade com que se descumpriu o dever e se cometeu o perjúrio, pruídos e excitados pelo acaso, rindo-se da abolição de tudo quanto é divino ou humano, diante da desnecessariedade de qualquer conhecimento, rindo-se dos germes da ruína originados pela formosa malvadez, rindo-se da realidade de tudo o que irreal, enchendo-se de júbilo porque o juramento da criação foi quebrantado, enlouquecidos na exultação pela bem-sucedida proeza, a falaz, a maldosa ação e não-ação, resultantes do perjúrio cometido. Então compreendeu o poeta: aquele trio, aqueles três que lá embaixo tinham andado a passo trôpego, haviam sido as testemunhas do perjúrio.

E eles acabavam de dar testemunho contra ele. Nisso consistia a necessidade deles; para fazerem isso tinham vindo. E fora essa a razão por que tivera de aguardá-los. Tinham comparecido como testemunhas e acusadores, imputando-lhe parte da culpa no seu delito, asseverando que ele era seu cúmplice, perjuro e tão culpado como eles, uma vez que, igual a eles, nada sabia do juramento que lá fora quebrantado e continuava sendo violado; esquecera-se desde o começo do juramento e do dever, sim, e aumentara assim a sua culpa, não obstante a necessidade com que sua vida, tal como a deles, encaminhara-se, sob o mando do destino, a esse ponto, o ponto em que o universo mais uma vez ficava abandonado; abandonada, mais uma vez, ficava a criação, abandonados, mais uma vez, o deus e o homem, abandonados ao estado de não-nascimento anterior à criação, que condena à carência de qualquer sentido tanto a vida como a morte, pois unicamente do juramento provém o dever, unicamente do juramento provém o sentido, o sentido de toda a existência, ligado ao dever, e nada mais terá sentido onde, com esquecimento do dever, o juramento for quebrantado, o juramento formulado no misterioso primórdio, e que deuses tanto como homens têm de cumprir, ainda que ninguém o conheça, ninguém a não ser o deus desconhecido, o mais oculto de todos os seres celestiais, do qual deriva toda a linguagem, para retornar a ele, a ele, o guardião do juramento e da oração, o guardião do dever. A fim de aguardar a ele, esse deus desconhecido, o olhar do poeta fora forçado a dirigir-se à terra, espiando àquele que devia chegar, a cuja palavra redentora, nascida do dever e pejada de dever, caberia reavivar a língua, para fazer dela uma comunhão suscetível de suportar o juramento, na esperança de que desse

modo se pudesse retirá-la novamente das regiões supra e infralíngüísticas, nas quais a precipitou – valendo-se ainda do seu privilégio – o homem, e que fosse possível salvá-la das brumas da beleza, do dilaceramento do riso, salvá-la das brenhas opacas, nas quais a haviam desperdiçado, e restaurá-la como utensílio do juramento. Fora uma esperança vã, e o mundo, recaído na condição do não-criado, recaído no vazio do sem-sentido, recaído no estado de ausência de nascimento, cercado das ensombradas montanhas da sua pré-mortalidade, que nenhuma morte terrena é capaz de sobrepujar, o mundo jazia estendido diante dele, entretecido de beleza e fragmentado pelo riso, privado de linguagem e desprovido de comunhão, em conseqüência do perjúrio, do qual se tomara culpado; em lugar do deus desconhecido, em lugar do portador do juramento norteado para o dever, haviam chegado os três, como portadores da negação do dever.

O dever, o dever terrenal, o dever de ajudar, o dever de despertar; não há outro dever, e a própria obrigação do homem para com deus, a obrigação do deus para com o homem são ainda ajuda. E ele, que pelo destino fora associado necessária e inevitavelmente aos portadores da negação do dever, mostrava-se tão avesso ao dever quanto esses, e sua pretensa frugalidade talvez não fosse outra coisa que não revolta contra a ajuda que lhe era prestada por toda a gente e que ele recebia sem gratidão, também nisso se assemelhando ao populacho, que reclama numerosos donativos, mas, devido à sua própria incapacidade de ajudar, rejeita qualquer auxílio real; quem for, desde o começo, presa do perjúrio, quem se tiver criado e viver em pétreas cavernas, quem, em face disso, sentir-se acossado em todo momento pelo medo peculiar do perjuro, será, a partir da sua mocidade, por demais sabido, por demais calejado, por demais gozador, por demais malicioso, para atribuir valor a algo que não prometa um prazer imediato à avidez crepuscular, algo que não vise à obscena cópula, na totalmente permissiva ausência de lei, ou na impossibilidade disso, algo que pelo menos traga um lucro exprimível em sestércios; não tinha importância se aqueles três lá embaixo desejavam farinha e alho e vinho ou se outros pediam jogos de circo, para atordoarem seu medo por meio dessa bufonaria sangrenta, que se realiza na oscilante divisa entre a beleza e o riso, sendo a união cruel de ambos, e para oferecerem, iludindo-se a si mesmos, iludindo também aos deuses, às potestades celestes um falaz sacrifício a fim de expiarem o perjúrio; ora, prazer ou reconciliação com os deuses, tudo igual, já que, com isso, não se pleiteava nenhum despertar, nenhuma ajuda,

nenhum amparo genuíno, e sim vantagens, vantagens reais, e para o César desejoso de refrear a multidão sem lei, a fim de reduzi-la à legalidade, os jogos circenses, o vinho e a farinha eram simplesmente o preço que lhe devia pagar pela obediência. Mas, mesmo assim, coisa estranha, imprevisível, as massas amavam-no, e não apenas por seus presentes, ainda que não amassem a ninguém, ainda que entre elas não existisse nenhuma comunhão, a não ser a não-comunhão do povoléu, no qual, devido à ausência de qualquer conhecimento comum, ninguém ama a seu próximo, ninguém acode a ninguém, ninguém se fia em ninguém, ninguém ouve a voz de outrem, a não-comunhão do mutismo, a não-comunhão dos isolados desprovidos de língua; pois, em virtude de seus temores baseados em más experiências e da sua desconfiança sabichona, o conhecimento tinha-se tornado totalmente supérfluo, mera trapaça verbal, que não produz nem prazer nem vantagens, e além disso pode ser sobrepujada imediatamente por outra trapaça de quem saiba inventar palavras mais astutas; não só que desse modo o amor, a ajuda, o entendimento, a confiança, a língua, um condicionando aos outros, dissolviam-se e se convertiam num nada absoluto, não só que, em conseqüência disso, a mera evaluação numérica parecia sobrar como sendo o único apoio garantido, mas nem isso se lhes afigurava suficientemente seguro, e por mais apaixonadamente que se entregassem à contagem e ao cálculo dos sestércios, mal e mal conseguiam dessa forma apaziguar sua angústia; até neles ainda percebiam a futilidade, e quase desesperadas, sentiam-se induzidas a zombar de si mesmas, numa derradeira, sarcástica, sabichona, gozadora auto-ironia, sacudidas pelo riso, uma vez que nada resiste à angústia íntima e nem sequer os valores calculáveis permitiam que se lhes desse fé e crédito, antes que se cuspisse na moeda, pronunciando a fórmula mágica adequada; ainda que se mostrassem crédulas em face do milagre – o que, no fundo, era sua qualidade mais humana e mais simpática, apesar de tudo –, dificilmente acreditavam na verdade, e justamente isso as tomava imprevisíveis, logo a elas que se julgavam tão completamente previdentes; era isso o que fazia totalmente impenetrável a sua angústia e intransponível a barreira assim criada. Se ele, o poeta, segundo os projetos da sua mocidade, se tivesse aproximado dessa gente como médico, teriam rejeitado com desdém a sua ajuda, por mais gratuita que fosse, dando preferência às ervas enfeitiçadas de qualquer bruxa curandeira; assim se comportava a multidão, assim era ela, e esse fato fizera parte dos motivos por que ele acabara escolhendo

outra profissão; mas, por mais concludentes que esses motivos se lhe tivessem afigurado naqueles tempos, agora evidenciava-se que já haviam constituído o início de sua própria descida ao nível da ralé, que ele nunca devia ter abandonado a ciência da Medicina, que até mesmo a não-ajuda oferecida por ela teria sido mais honesta do que as mentirosas esperanças na prestação de auxílio, com as quais desde então enfeitara seu estro poético, esperando, contra sua convicção íntima, que o poder da beleza, que a força mágica do canto conseguissem finalmente transpor o abismo da mudez e erguessem a ele, o poeta, às alturas de um portador do conhecimento, dentro da restaurada comunhão humana, livrando-o da condição de pertencer ao populacho e abolindo dessa maneira a própria condição do populacho, eleito, qual Orfeu, para guiar os homens. Ai dele! nem sequer Orfeu jamais alcançara essa meta, nem sequer ele, na grandeza da sua imortalidade, justificaria tais sonhos ambiciosos, arrogantes, fátuos, nem tal superestima condenável da vocação poética! Indiscutivelmente havia muitas formas de beleza terrena –uma canção, o mar crepuscular, um som de lira, uma voz de menino, um verso, uma estátua, uma coluna, um jardim, uma única flor –, que todas elas possuíam o dom divino de levar o homem a escutar o que vinha dos mais íntimos e dos mais extremos limites da sua existência, e não era em absoluto de admirar que se atribuísse à arte e à sublimidade de Orfeu o poder de forçar os rios a mudarem seu curso, de atrair por um doce feitiço as feras da floresta, de imobilizar, num meigo encanto, o gado nas pastagens, realizando onírica e magicamente o sonho de toda vocação artística: ver o mundo subjugado, coagido a escutar, preparado para acolher o canto e a ajuda que dele emana. Porém, mesmo supondo que isso seja assim, a ajuda não dura mais do que o canto, nem tampouco o faz a atenção imóvel, e os sons da canção não devem prolongar-se em demasia, para evitar que cedo demais os rios retornem furtivamente aos leitos antigos, que cedo demais as feras da floresta agridam e massacrem inocentes ruminantes, que cedo demais o homem recaia na sua crueldade habitual; pois, nenhuma ebriedade se conserva por muito tempo, e isso vale também para aquela que a beleza produz; mas, além disso, representa a brandura a que homens e animais se entregavam naquele momento apenas a metade da ebriedade da beleza, ao passo que a outra, não menos forte e amiúde mais poderosa, é a da pior exacerbação da crueldade – ora, justamente os homens mais cruéis adoram saborear a formosura das flores! –, de modo que a beleza e em especial a beleza resultante da arte bem depressa perderão seu

efeito, sempre que, menosprezando o jogo alternado das duas metades equilibradas, se tentar oferecer ao homem só uma delas. Onde quer e como quer que se exerça a arte, ela obedece a essa regra, e tal obediência é de fato uma das mais essenciais virtudes do artista, e muitas vezes, se não sempre, de seu herói também: se o virtuoso Enéias se tivesse mantido tão brando como dele se podia esperar naquele instante, quando – ou num acesso de compadecimento ou talvez porque o poeta quisesse obter um belo efeito de tensão – vacilava e se assustava em face da necessidade de trucidar o inimigo mortal, se naquela hora não tivesse tomado sem demora outra decisão melhor, absolutamente não se teria tornado um modelo de brandura digna de emulação e sim um anti-herói enfadonho, que epopéia alguma ousaria apresentar; quer se trate de Enéias quer de qualquer outro herói e de suas proezas, em todos os casos a arte sempre se preocupará com a manutenção do equilíbrio perfeito, o grande equilíbrio nos limites da mais remota lonjura, preocupar-se-á com seu símbolo indizivelmente flutuante, indizivelmente fugaz, e este jamais acolhe conteúdos avulsos, senão única e continuamente os contextos dos mesmos, uma vez que só a partir dali se pode realizar a intenção e só nesses contextos se juntam as contradições do ser, conseguindo o equilíbrio, unindo as oposições de todos os impulsos humanos – de que outro modo poderia a arte ser criada e compreendida pelo homem? –, unidas a brandura e a crueldade no equilíbrio do linguajar da beleza, no símbolo do equilíbrio entre o eu e o universo, no ébrio encanto de uma unidade, que dura tanto quanto a canção, mas nunca mais. E o mesmo se deve ter dado com Orfeu e sua poesia, já que ele fora artista, fora poeta, um mago que enfeitiçava a quem o escutasse, vate e ouvintes igualmente envoltos na penumbra, ele como eles demoniacamente ligados à beleza, também ele demoníaco, apesar da origem divina de seus dons, Orfeu, portador de ebriedade, mas nunca de salvação para a humanidade; e ao poeta isso jamais seria outorgado: pois, o líder portador da salvação despojou-se da linguagem da beleza, penetrou abaixo da fria superfície dela, abaixo da superfície da poesia, avançou até às palavras singelas, que, em virtude da sua vizinhança com a morte e do seu conhecimento da morte, obtiveram a faculdade de bater à porta cerrada do próximo, acalmando o medo e a crueldade dele e tornando-o acessível à genuína ajuda; avançou até à linguagem simples da espontânea virtude humana, à linguagem do despertar. Não era essa a mesmíssima linguagem que fora procurada por Orfeu, quando ele, à busca de Eurídice, empreendera a descida ao reino das

sombras? Não tinha sido também ele um desesperado, um que percebera a impotência do artista, em face do cumprimento do dever humano? Ah! quem for atirado pelo destino ao cárcere da arte dele dificilmente conseguirá escapar; permanecerá encerrado entre os limites intransponíveis, ao longo dos quais decorre, extasiada, a realização da beleza, e se se mostrar inferior à sua vocação, chegará a ser, em tal confinamento, um vaidoso sonhador, um reles ambicioso da antiarte; mas se for artista autêntico, converter-se-á num desesperado, já que ouvirá o apelo que lhe vem do outro lado da divisa e apenas o poderá fixar no poema, sem nunca corresponder a ele, paralisado pela interdição, por encanto pregado a seu lugar, escriba alocado deste lado da fronteira, apesar de ter aceito a missão, que lhe foi confiada pela Sibila, e de ter tocado no augusto altar da sacerdotisa, piedoso como Enéias, ao prestar o juramento...

…Fácil é o caminho que desce ao Hades, e sempre encontras abertos os portões de Plutão, mas difícil é o retorno, pois se acha ameaçado pelas tenebrosas florestas, ameaçado pela torrente do Cocito, com suas enseadas e seus turbilhões, e somente conseguirá retornar quem ostentar a coroa da virtude, ou pertencendo à raça dos deuses, agradar ao próprio Júpiter; tu, porém, se tua coragem e tua temeridade te atiçarem a cruzar duas vezes o Estige e a enfrentar os horrores do Tártaro, ouve o que então necessitas: consagrado à deusa dos Ínferos, um ramo dourado, com folhas de ouro, cresce, fulgurante, em meio à penumbra dos vales, em meio à mais espessa floresta, e tu não lograrás realizar a descida, antes de ter arrancado, em homenagem a Prosérpina e em obediência à sua vontade, a resplandecente vergôntea, retirando-a da áurea folhagem, que eternamente se renova; deverás, pois, procurá-la e espiá-la, e se a sorte te for favorável, bastará a mais ligeira pressão de teus dedos nus para colher o galho; porém, nenhuma força será suficientemente poderosa, nenhum aço poderá cortá-lo, se o destino te vedar fazê-lo, o destino que rege tudo e te reserva ainda outro dever, já que antes de mais nada o corpo não sepultado do amigo exânime exige-te o sacrifício expiatório e reclama o túmulo, a que tem direito e que é tua obrigação propiciar-lhe...

…assim, convocado pelo deus e pelo destino, cuja vontade é uma e a mesma, pode passar a fronteira aquele ao qual caiba o ofício sagrado de cumprir os derradeiros deveres e de prestar o último socorro; mas, quem tiver recebido por essa vontade dupla do deus e do destino a incumbência de ser artista, quem for condenado a apenas saber, vislumbrar, anotar e

dizer, aquele ficará privado da purificação na vida e na morte, e o próprio sepulcro lhe representará tão-somente um elegante edifício, moradia profana para o corpo, não significará para ele nem entrada nem saída, nem entrada a conduzir à ilimitada descida, nem saída rumo ao ilimitado retorno; o destino há de recusar-lhe o ramo dourado que lhe sirva de guia, o ramo do conhecimento, e por essa razão, Júpiter há de declará-lo culpado. Assim fora também ele, o poeta, condenado ao perjúrio e ao mesmo tempo ao desamparo que aflige aos que tenham quebrantado o juramento, e seu olhar forçado a abaixar-se em direção à terra apenas conseguira avistar os três cúmplices do crime, que lá cambaleavam pelo empedrado, portadores da sentença; a seu olhar não era permitido penetrar mais fundo, sob a superfície das pedras, sob a superfície do mundo, sob a da linguagem, sob a da arte; vedada lhe era a descida, ainda mais vedada o titânico retorno das profundezas, retorno que confirma o elemento humano do homem, vedada a subida rumo à renovação do juramento criador, e ele, muito embora sempre tivesse tido noção disso, sabia nesse momento mais claramente do que nunca que ficava excluído da ajuda que o portador da salvação jurara prestar, excluído uma vez por todas, porque a ajuda ao serviço do juramento e a ajuda ao serviço do homem dependem mutuamente uma da outra e unicamente na sua fusão se realiza a tarefa do Titã, criadora da comunhão, criadora da humanidade, originada da terra, dirigida ao céu, porquanto somente na humanidade, somente na autêntica comunhão, a refletir a totalidade do que é humano, a refletir a humanidade, realiza-se o ciclo de perguntas e respostas divinas, alicerçado no conhecimento e alicerçando-o, mas excluindo a quem for incapaz de ajudar, incapaz de prestar juramento, incapaz de cumprir o dever, porque este se excluiu a si mesmo da titânica obra da realização e da divinização da existência humana, que é o que importa; deveras, ele sabia disso, ...

... e também sabia que leis iguais regiam a arte, que ela existe apenas – se é que ainda existe, que ainda tem o direito de existir! – e existirá apenas na medida em que contiver juramento e conhecimento, em que for destino humano e realização existencial, em que se renovar diante de incumbências ainda não cumpridas, em que agir desse modo, exortando a alma ao constante domínio de si mesma e fazendo com que ela descortine sua realidade, camada por camada, penetre, camada por camada, a sempre maiores profundezas, passe, camada por camada, pelas brenhas mais intrínsecas de seu ser, e desça cada vez mais, camada por camada, até às

jamais atingíveis e todavia sempre imaginadas, sempre conhecidas tênebras, onde o eu tem sua origem e às quais volta, às sombrias regiões do devir e do perecer do eu, entrada e saída da alma, mas também entrada e saída de tudo quanto é verdade para ela e lhe foi anunciado pelo ramo orientador, o ramo de ouro fulgurante nas trevas espessas, pelo ramo áureo da verdade, que não pode ser encontrado e colhido por nenhum esforço violento, já que a graça de achá-lo e a graça de descer são uma e a mesma, são a graça de conhecer-se a si próprio, graça que pertence à alma tanto como à arte, sendo sua verdade comum, seu conhecimento da realidade comum a ambas; deveras, ele sabia disso, ...

... e sabia igualmente que em tal verdade reside o dever de todo o trabalho artístico, o dever de achar e de exprimir a verdade introspectiva, tarefa essa imposta ao artista, para que a alma, ciente do grande equilíbrio entre o eu e o universo, se reencontre no universo, para que reconheça, como um acréscimo do ser dentro do universo, do mundo, da própria humanidade, aquilo que foi ajuntado ao eu através do conhecimento de si mesmo; e posto que esse duplo acréscimo sempre deva ser apenas simbólico, preso de antemão ao simbolismo do belo, ao simbolismo da bela divisa, posto, pois, que sempre se conserve conhecimento apenas simbólico, esse conhecimento, justamente por causa de tal simbolismo, será apesar disso capaz de dilatar os intransponíveis limites íntimos e extremos do ser em direção a novas realidades, não só a novas formas, não, a novos teores de realidade, porque precisamente neles se desvenda o mais profundo segredo da realidade; o segredo da correspondência, da correspondência recíproca das realidades do eu e do mundo, correspondência essa que confere ao símbolo a nitidez do acerto e o eleva à altura da imagem da verdade, correspondência geradora da verdade, da qual provém toda a criação de realidade, avançando tateante e intuitivamente através das sucessivas camadas, até às inacessíveis, obscuras regiões do princípio e do fim, avançando até à insondável zona divina no universo, no mundo, na alma do próximo, avançando até àquele derradeiro esconderijo do deus, que, prestes a ser descoberto e despertado, encontra-se em toda a parte, mesmo na mais perversa das almas... Isto, a descoberta do divino por meio do introspectivo conhecimento da própria alma, é a incumbência humana da arte, sua tarefa em prol da humanidade, sua tarefa em prol do saber, e justamente por esse motivo, é sua razão de ser, demonstrada mediante a tenebrosa vizinhança da morte, que lhe foi imposta, já que unicamente

nessa vizinhança se pode tornar arte genuína, já que somente com esse desígnio, a alma humana converte-se em símbolo; deveras, ele sabia disso, ...

... porém sabia também que a beleza do símbolo, por mais acertada e nítida que seja sua imagem, jamais se deve fazer finalidade em si e que, cada vez que acontece o contrário, cada vez que a beleza tente obter a primazia, como finalidade em si, a arte fica debilitada nas suas raízes, porque então seu ato criador irrevogavelmente se inverte e subitamente o produto assume o lugar do produtor, a forma vazia u do conteúdo real, a mera beleza o da exatidão reconhecida, numa contínua confusão, num ciclo perpétuo de interversões e contraversões, que, fechado sobre si mesmo, já não admite nenhuma renovação, não amplia mais nada, não descobre mais coisa alguma, nem o elemento divino na abjeção, nem a abjeção no que há de divino no homem, senão se inebria simplesmente com formas vazias, com palavras ocas, e em tal ausência de discernimento e até de fidelidade, degrada a arte, a ponto de transformá-la em antiarte, e a poesia, convertendo-a em literatice; deveras, o poeta sabia disso, sabia-o mui dolorosamente ...

…e justamente por isso conhecia muito bem os perigos inerentes a toda a vocação artística, justamente por isso sabia da intrínseca solidão do homem destinado a ser artista, solidão essa que lhe é inata e o impele à outra, mais profunda, da arte e do mutismo da beleza, e não ignorava que a maioria fracassava em face de tal isolamento, ficando cega em virtude da solidão, cega ao mundo, cega ao que há de divino nele e no próximo; não ignorava que muitos, inebriados pela solidão, nada mais conseguiam avistar a não ser a própria semelhança com o deus, como se esta fosse uma distinção que coubesse somente a eles, e que por isso transformavam essa idolatria de seu eu ávido de homenagens cada vez mais no único desígnio da sua criação,.... traição à divindade tanto como à arte, traição, porque desse modo a obra de arte se torna negação da arte, manto impudico, a esconder a vaidade do artista, ouropel, sob cuja desonestidade até a própria nudez, complacentemente exibida, adultera-se e degenera em máscara; e ainda que a adoração impudica do eu, a preocupação fútil com a beleza, a busca de meros efeitos, a efemeridade irrenovável e a limitação inampliável de tal anti arte consigam acesso mais fácil aos homens do que arte autêntica jamais poderá obter, trata-se apenas de uma senda ilusória, recurso empregado para sair da solidão, não, porém, da adesão à comunhão

humana, tal como a almeja a arte genuína no seu afã de unir-se à humanidade; não, isso é adesão ao populacho, vinculação com a não-comunhão dele, não-comunhão perjura, incapaz de cumprir juramento algum, e que não cria nem domina nenhuma realidade, não tem sequer a intenção de fazê-lo, mas, pelo contrário, passa o tempo, vegetando no olvido da realidade, após ter perdido a realidade, assim como a perdeu a antiarte, assim como também a perdeu a literatice, perigo mais intrínseco, mais intenso de toda a vida de artista; ah! como ele sabia disso mui dolorosamente, ...

…e por isso sabia também que o perigo da antiarte e da literatice o haviam ameaçado desde sempre e ainda o ameaçavam sem cessar, sabia por isso embora nunca tivesse ousado confessar esse fato com absoluta franqueza , que sua poesia no fundo já não merecia ser qualificada de arte, porquanto, desprovida de qualquer renovação e ampliação, não passava de impudica produção de beleza, sem nenhuma criação de realidade, e que, do princípio ao fim, desde o canto do Etna até à *Eneida*, exclusivamente se entregara à beleza, restringindo-se com auto-suficiência ao embelezamento daquilo que havia muito fora pensado, havia muito percebido, havia muito formado, sem nenhum progresso íntimo genuíno, a não ser o de uma sempre crescente pompa e sobrecarga, disso resultando uma anti arte, que nunca fora capaz de dominar o ser por suas próprias forças e de elevá-lo às alturas de um símbolo autêntico. Ah! na sua própria vida, na sua própria obra, experimentara ele a sedução da antiarte, a sedução da interversão, que põe o produto criado no lugar do criador, o jogo no da comunhão, a forma enrijecida no da criação viva, de prolongada ação, o belo no do conhecimento; ele sabia dessa confusão e dessa inversão, conhecia-as tanto mais que por elas fora determinado o caminho de sua vida, caminho sinistro que o conduzira a partir do torrão natal até à metrópole, da atividade obreira ao palavreado meramente belo, com que se iludia a si mesmo, do dever de responsabilidade pelos seres humanos a uma compaixão fictícia, mentirosa, que contemplava as coisas de cima, sem se animar a prestar verdadeira ajuda, carregado numa liteira, carregado ao longo de um caminho, que descia da comunhão regida pela lei ao isolamento abandonado ao acaso. Um caminho? Não, a queda para o nível do populacho, para o nível mais baixo, que é o da literatice! Se bem que raras vezes se tivesse dado conta disso, sempre e sempre sucumbira à tentação de inebriar-se, quer se apresentasse ela sob a forma da beleza, da vaidade, da futilidade artística,

quer como o jogo do esquecimento; a partir dali fora norteada a sua vida, como se a cingissem anéis giratórios, flutuantes, ondulantes; estonteadora tinha sido a embriaguez das contínuas reviravoltas e inversões, a tentadora embriaguez da arte, e posto que ele, nesse instante em que evocava tal vida, talvez se envergonhasse dela, posto que, nesse instante em que fora alcançada a divisa das idades e se aproximava o fim do jogo, devesse dizer-se, na frieza da ressaca, que levara uma indigna, miserável vida de literato, nada melhor que as de um Bávio ou Mévio ou de qualquer outro desses vaidosos forjadores de palavras, aos quais tão veementemente menosprezava, sim, posto que justamente nisso se manifestasse mais uma vez que cada vilipêndio encerra também um pouco de desdém de si mesmo, desse desdém que nessa hora surgia nele e o abalava, causando-lhe uma dor tão aguda, tão constrangedora que a única solução admissível, desejável, seria a extinção de si próprio, seria a morte, mesmo assim era a sensação que o acossava outra coisa que não vergonha, era mais do que vergonha; pois, quem lançar um olhar desencantado sobre a sua vida pregressa e então perceber que cada passo no seu caminho errado foi inevitável, necessário e até natural, que o caminho de retorno lhe foi predeterminado pelos poderes do destino e dos deuses, que, por essa razão, ficará pregado em seu lugar, imobilizado por uma força mágica, imobilizado, apesar de toda a sua vontade de avançar, desgarrado nas brenhas das imagens, da língua, das palavras, dos sons, enredado nas ramificações dos mundos interior e exterior, desprovido de guia, impedido, por ordem do destino e dos deuses, de nutrir esperanças, as esperanças de vislumbrar no matagal que o encarcera o fulgor dourado do ramo quem tiver percebido isso, quem o perceber sentirá ainda maior vergonha, encher-se-á de horror, pois reconhecerá que para os habitantes do céu todos os acontecimentos se produziam simultaneamente e que, devido a isso, a vontade de Júpiter e a do destino podiam fundir-se numa só vontade, em terrível simultaneidade, revelando-se aos seres da terra sob a forma de infrangível unidade de culpa e castigo. Oh! virtuoso será somente aquele que o destino designar para o cumprimento do dever de ajudar e de alicerçar a comunhão; ele será eleito por Júpiter, para que o destino lhe mostre o caminho que sai das brenhas; mas, se a vontade comum de ambos não admitir o cumprimento do dever, já não haverá, aos olhos de ambos, diferença entre incapacidade de ajudar e falta de disposição para fazê-lo, de modo que aplicam a uma e outra a pena da negação de qualquer auxílio: sem capacidade nem vontade de ajudar,

desamparado em meio à comunhão, avesso a ela, encerrado no cárcere da arte, assim vive o poeta, desorientado e no seu estado de abandono incapaz de orientar; e ainda que quisesse revoltar-se contra tal condição, que, apesar dela, procurasse na penumbra acudir aos outros e despertá-los, para que assim reencontrasse o caminho que o levasse ao juramento e à comunhão, seu esforço ficaria de antemão condenado ao malogro... Oh! aquele trio fora enviado a esse lugar, para que ele com pavor e vergonha se desse conta disso!... E sua ajuda não passaria de um simulacro de ajuda, suas percepções seriam apenas fictícias; e mesmo supondo que fossem aceitas pelos homens, somente serviriam para norte á-los de forma errônea, sinistra, longe de qualquer orientação salutar, longe da salvação. Sim, esse era o resultado: quem não tiver conhecimentos transmitirá conhecimentos aos que não quiserem recebê-los; o forjador de palavras despertará a língua nos mudos; o que se houver esquecido do dever imporá o dever aos que ignorem o que é dever; o paralítico tornar-se-á instrutor dos cambaleantes.

Mais uma vez, ele estava abandonado, abandonado a um mundo abandonado por sua vez. Oh! nenhuma mão apoiava-o; já não existia mais nada que o abrigasse e soerguesse; deixaram-no cair, e dobrando-se em colapso por sobre o peitoril da janela, agarrando-se, inânime, aos tijolos inânimes, poeirentos, ardentes, sentindo nitidamente sob as unhas dos dedos a pulverização superaqueci da do barro primitivo, preso à petrificação do elemento primordial da terra, ouvia o riso mudo a seu redor, no silêncio da noite quente como as pedras, silêncio petrificado, silêncio do perjúrio perpetrado, silêncio empedernido e da consciência de culpa, privada de fala, de conhecimento, de memória, silêncio da pré-criação e da morte, que cruelmente cresce com ela, a morte definitiva para a qual não há renascimento nem renovamento da criação do universo, já que essa morte desconhece qualquer natureza divina. Ah! nenhuma outra criatura é tão absolutamente mortal, tão desprovida, na morte, de tudo quanto é divino, como é o homem; pois nenhuma outra pode tornar-se a tal ponto perjura como ele; e quanto mais abjeto ficar, mais mortal chegará a ser; porém mais intensamente perjuro e mais exposto à morte será aquele cujo pé se desacostumar da terra e somente tocar no empedrado, já não arando nem semeando o solo, aquele para o qual nada se produz segundo o curso das constelações, aquele ao qual os bosques e os verdejantes campos cessaram de dirigir seu canto; deveras, ninguém e nada é tão mortal como o povaréu das cidades grandes, que se arrasta, formiga, pulula pelas ruas, e de tanto

cambalear, desaprendeu a caminhar; já não o sustenta nenhuma lei; lei alguma vigora dentro dele; é o novamente fragmentado rebanho, que perdeu a sabedoria dos tempos antigos, avesso ao conhecimento, entregue ao acaso, à maneira dos animais e até inferior a estes, condenado por fim a uma extinção fortuita, sem memória, sem esperança; tal era a sorte que estava reservada também a ele, junto com o desunido rebanho do populacho, do qual ele mesmo fazia parte como um dos seus pedacinhos, e essa sorte lhe fora infligida, inelutavelmente, pela fatalidade. Ele deixara atrás de si as regiões do pavor, mas somente para notar, horrorizado, que acabava de precipitar-se no seio da ralé, precipitar-se em direção a uma superfície que não oferecia acesso a profundeza alguma... Será que essa queda se prolongaria ainda mais, será necessário que se prolongasse? De superfície em superfície, descendo até à derradeira, à do puro nada? Até à superfície do último esquecimento? Sempre se escancaram os portões do reino de Plutão; inevitável é a queda, da qual já não há retorno; e na embriaguez da queda julga o homem voar para cima e assim pensa até chegar ao lugar onde a intemporalidade dos acontecimentos celestes subitamente lhe revela que é simultaneidade e conjunção nos domínios terrestres; e nesse lugar depara-se-lhe, alcança-o, ultrapassa-o o deus privado da sua condição divina, o qual, envolto no cascateante riso dos eões, igualmente se precipita para baixo, ambos lançados na mesma desilusão, no mesmo abandono de si próprios, acossados por um horror, que, embora ainda se ria, escondendo seu sentimento de vergonha sob a atitude de obstinada impertinência, já vislumbra ao mesmo tempo outro horror iminente, ainda mais pavoroso, e tenta afastá-lo pelo riso. Essa jornada imposta pelo destino conduzia a um horror ainda mais nu, a uma vergonha ainda mais nua, a um desmascaramento mais nu ainda; a queda levava a um novo aniquilamento e outra autodestruição, pior do que todos aqueles que os precederam, a um novo isolamento. fadado a superar qualquer solidão anterior, qualquer solidão das noites e dos mundos, um isolamento despojado não só de tudo o que é humano mas também de toda materialidade; a superfície vazia da existência não dominada descortinava-se subitamente, e na inatingibilidade das esferas interiores e exteriores, a noite continuava resplandecendo, invariável, no círculo completo das suas trevas, mas dissolvia-se num nenhures, cujo abandono total ao acaso tornava supérfluos tanto o conhecimento como a sabedoria e os fazia esvair-se como inúteis. Memória e esperança tinham desaparecido, sumidas em face do poder do não

dominado acaso; pois era ele quem se manifestava em tudo isso, o acaso inelutável, que regia o não criado, e envolto pela ebriedade e pela ausência de quaisquer recordações do abandono da pré-criação, rodeado do bruxuleio das labaredas frias da pré-criação, na qual os seres morrem antes de nascerem, o acaso nu e cru, que é a mais anônima solidão, voltava a reclamar seu direito à soberania; eis a meta da jornada, a meta agora visível da queda, a própria essência do anonimato.

Sim, o que o poeta via à sua frente era a anônima solidão do acaso, ele, que, disposto a precipitar-se e todavia já em plena queda, mantinha-se ali ao pé da janela. Não dominada e incapaz de ser dominada na sua situação de abandono, desvendava-se a seus olhares febris a noite, que ficara singular e inalteravelmente imóvel e todavia estranha, acariciada pelo hálito lunar, cheio de branda rudeza, a noite inalteravelmente imóvel, em face do fluxo suave, ligeiro que passava por ela, vindo da Via Láctea, submersa na beleza e na encantada unidade mágica da mesma, na evanescente unidade do mundo que se tornou belo, submersa na petrificada-petrificante ultralonjura dele, e igual a este, portadora da formosura, da rigidez, da grandeza dos espaços; igual a este, assumindo um aspecto esquisito, em virtude de um demoníaco feitiço, a noite era carregada junto com ele através das épocas, noite e todavia a imortalidade dentro do tempo, duradoura como os eões, porém desprovida de eternidade, distanciada de tudo o que é humano, apartada da alma humana; pois a silenciosa unificação que assim se produzia, saturada de lonjura, saturando a lonjura, já não permitia nenhuma participação; o adro da realidade convertera-se no da irrealidade. Extintas estavam as ordens das esferas da existência; silenciava o mudo tilintar de seu espaço argênteo, encerrado e distanciado pelo ultra-incompreensível, encerrando em si, sob a forma de alheamento, esse ultra-incompreensível de qualquer elemento humano; e já não tinham nomes a Lua, a Via Láctea, as constelações; para ele, haviam-se tornado ignotas na sua inalcançabilidade, no seu isolamento, que nenhuma ponte, nenhum chamado podiam atingir, e que, mesmo assim, pesava sobre ele, oprimente, ameaçador, diáfano e cálido, o superaquecido frio do espaço universal; o que o rodeava já não o encerrava, e ainda que a caverna da noite o encerrasse, mantinha-se ele fora dela, distanciado do destino, tanto do seu próprio como do de outrem, afastado do destino do mundo visível-invisível, apartado de tudo quanto é divino e de tudo quanto é humano, longe do conhecimento, longe da beleza, uma vez que também a beleza do

mundo visível-invisível sumira no anonimato, mal e mal passando de uma recordação ...

– Ó Plócia, como se faz que ainda sei teu nome? Nos teus cabelos morava a noite, pontilhada de estrelas, pressentindo saudades, anunciando luzes, e eu, inclinado por sobre a escuridão noturna, ébrio pela doce, coruscante aura da noite, não me afundei neles! Ó existência perdida, ó estranheza sumamente familiar, ó familiaridade mais estranha, ó mais próxima de todas as lonjuras, primeiro e último sorriso da alma na sua seriedade, tu, ó tu que eras e és tudo, familiar e estranha, sorriso próximo e distante, tu, ó flor portadora do destino! Eu não pude fazer com que tua vida penetrasse em mim, devido à sua distância por demais oprimente, à sua estranheza demasiado grave, à proximidade e à familiaridade sobremodo pesadas, devido ao sorriso noturno, excessivamente ponderoso dessa vida, devido ao destino, teu destino, que carregavas em ti e sempre hás de carregar, inalcançável para ti, inalcançável para mim, destino esse do qual eu não devia tomar conta, já que sua inatingibilidade por demais grave me teria confrangido o coração; e eu vi apenas tua beleza, em vez de tua vida! Ó hesitante fugitiva, que não revoquei, ó tu, que possuis a graça de despertar a saudade e que me foi vedado chamar de volta, ó tu, passo ligeiro, que, ai de mim, jamais há de retornar, esvaído para sempre em domínios insondáveis, inaudíveis, ó tu, reflexo perdido atrás das sombras... Onde ficou teu regresso? Onde estás? Deixaste de existir, legaste-me o anel, que tiraste do dedo e me enfiaste na mão; e se foi o tempo que nos encerrava nas trevas, o tempo cingido de trevas, a cingir trevas, a flutuar murmurando; ó Plócia, já nem me lembro...

…o que desaparecera não era sequer recordação, aquilo que outrora fora real e mais do que real, a mulher à qual amara, tornara-se pouco mais que um nome, pouco mais que uma sombra; recaíra, para ele, na inescrutável esfera do casual, e nada sobrara a não ser a espantada consciência de algo que pertencia ao passado, cujo som se dissipara, esvanecida música da beleza; apenas sobrara a consciência de um assombro antigo e de um olvido remoto, de força inexplicável, e cujos traços ele procurava encontrar com a pasmada obstinação de um toxicômano; pasmado, sim, diante da recordação de que tamanha beleza tivesse estado presente e pudesse ter ressoado, imersa num rosto humano, qual vapor leve, nascido da eternidade, emanado da eternidade, que reluzisse sem cessar do semblante humano, clarão e extinção familiares e distantes, próximos e

estranhos, sorridentes na noite, perecíveis como a branca alfena, delicada teia a velar a morte, teia estendida por sobre tudo o que é humano, teia da humanidade, condensada na beleza, mas que também se tornara mais diáfana no seio dela, como se o próprio olvido se houvesse insinuado na alma, como se a mesma alma se houvesse esquecido, para obter sua imortalidade terrena dentro da beleza e converter-se em puro olvido da beleza, como se na beleza humana ainda brilhasse um derradeiro resto daquela esperança havia muito desmascarada. que se dirige ao inaudível, insondável conhecimento da morte; nada disso sobrara; somente a morte indomável quedava-se atrás do vulto que não cessava de reaparecer, cheio da doçura do trespasse; a morte não domada, empertigando-se em toda a sua grandeza, erguia-se na imensidade, empertigando-se até alcançar as estrelas, preenchendo e unindo as esferas; e junto com ela, evocado por seu mutismo, movido por ele, enchendo-o, constituindo-se sua essência, bruscamente se levantara, rugindo, tudo o que a morte abrange; num mudo rugido, levantara-se a morte, num mudo rugido surgira tudo quanto ela abrange, o que for condenado à morte ou tolhido pela morte, tudo o que nasceu do acaso e fica preso ao acaso, a multidão de seres humanos que aguardam a morte, a multiplicidade dos coxos, a multiplicidade dos barrigudos, a multiplicidade dos tagarelas e dos rabugentos, todos eles multiplicados num formigueiro de vultos tão denso que dele transbordava o pétreo receptáculo da praça, multiplicidade tão densa que irrompia em todos os espaços das esferas, sem modificar, na verdade, nem o vazio da praça nem o vazio dos espaços; dir-se-ia que era o próprio tempo que se partia e derramava seu conteúdo, o rebanho dos mortos reunidos na simultaneidade, a multiformidade terrena, humana, o homem terreno, na cíclica multiformidade de suas variedades, com seu esqueleto e seu crânio, seu crânio redondo, seu crânio achatado, seu crânio oblongo, crânios cobertos de cabelos relvosos, lanosos, linhosos, crânios calvos ou ornados de madeixas, crânios e mais crânios, a criatura humana, portadora de um crânio, com sua abundância de fisionomias, rostos animalescos, rostos vegetais, rostos de pedras, estranhamente revestidos de pele, rostos lisos ou borbulhosos ou engelhados, carnudos ou flácidos, com suas mandíbulas preparadas para mastigarem ou falarem, os dentes juncando-as, quais pedras, dentro da caverna do rosto; a criatura humana portadora de um rosto, com os múltiplos olores de sua pele e das suas cavidades, com seu sorriso, tanto o estúpido como o astuto, tanto o sarcástico como o humilde,

o sorriso comovente pelo que há nele de divino, mesmo nos momentos da mais extrema abjeção, o sorriso que abre o rosto do homem, antes que o riso o feche novamente, temendo que seus olhos avistem a desumanidade da criação despedaçada; o homem ao qual se outorgou a graça de poder ver, grande pelos olhos, os olhos fixos, cristalinos, sombrios, vivos, o homem que pelos olhos desvela seu destino e que, ele próprio, se esconde nos olhos, o homem portador de um destino, condenado pelo destino – precisamente em virtude da força de seus olhos – a sentir vergonha, o homem envergonhado, que mesmo assim não deixa de falar, com sua voz desavergonhadamente dirigida por mandíbulas, língua, lábios e o hálito úmido, a voz que perpassa o ar, carregando as palavras e lhes conferindo comunicação, a voz que dele sai, rude, oleosa, bajuladora, estrondeante, móvel ou rígida, ofegante, fininha, rangente, esganiçada, e todavia sempre capaz de transfigurar-se, tornando-se melodia; o homem, esse ente total, milagroso e horroroso, conjunto de existência anatômica, fala, expressão, conhecimento e não-conhecimento, de embotado torpor, de cálculos de sestércios, de desejos, de enigmas, esse ser total, subdividido em órgãos, em zonas vitais, em substâncias, em átomos, multiplicado e mais multiplicado, toda essa multiformidade de existências, esse caos de elementos humanos, raras vezes compostos de modo acertado, esse Jângal de criaturas, terrestre em sua realidade, terrestre como seu pétreo esqueleto, terrestre como a ossada da morte, toda essa confusão de corpos, membros, olhos, vozes, esse emaranhado de semi-criação e falta de conclusão, originado de um cio fortuito e continuamente brotando, botão por botão, dos precedentes, unindo-se, mesclando-se, fornicando-se, entrelaçando-se, ramificando-se em sempre renovado cio fortuito, multiplicando-se e renovando-se cada vez mais, só para definhar incessantemente, de modo que caia, prostrado, o que pereceu, murcho e ressequido; esse jângal humano, fadado a morrer, em que pese sua vitalidade vegetal-animalesca, acabava de despontar nesse momento, sob a forma da morte, flutuando, ajuntando sua torrente à da morte, ruidosa e silenciosamente; era a própria morte, a encher as esferas, o caos fortuito dos homens, tão casual e tão mortal que mal sabemos se aquele que por acaso surja diante de nós como um ser vivo não morreu já em tempos remotos ou talvez nem sequer tenha nascido, se se encontra na fase do pré-falecimento ou na do pré-nascimento... Ó Plócia, Plócia, jamais achada, nunca descoberta! Ah! era impossível ao poeta descobri-la no emaranhado dos mortos; ela recaíra no reabandono do mundo subterrâneo, e

ele tinha menos comunhão com ela do que com uma defunta, por ter ele mesmo morrido, perecido na morte do mundo incriado, extinto nos domínios do perjúrio, da claudicância, da deformação, falecido no reabandono de uma literatice citadina, vulgar, que incluía a própria morte no caminho ilusório de suas inversões falazes, amalgamando a morte com a beleza, a beleza com a morte, a fim de alcançar o inalcançável, por meio de tal equiparação impudica, necrófila, iludindo-se a si mesmo, no afã de evocar para si a quimera do insondável conhecimento da morte, mas, sem dúvida alguma, também para estender o prazer dessas prestidigitações até ao amor, sim, para levar o jogo fútil, impuro através dele ao verdadeiro auge; pois quem for incapaz de amar, incapaz de entrar na comunhão constituída pelo amor, deverá sair do isolamento sem pontes e buscar um refúgio na beleza; no frêmito da crueldade, tornar-se-á buscador da beleza, adorador da beleza, porém jamais conseguirá amar; em vez disso, chegará a ser um observador da beleza inerente ao amor, querendo gerar amor através da beleza, porque confunde o produto criado com o criador, porque até no amor vislumbra e fareja a ebriedade, a ebriedade da morte, da beleza, do olvido; pois, ao afundar-se na penumbra do jogo da beleza e do amor à morte, proporciona-se o gozo e tal olvido, esquecendo pronta e voluntariamente que o amor, ainda que lhe caiba a graça de poder criar beleza, nunca visa a esta e sim, única e exclusivamente, a sua tarefa essencial, que é a de sempre tomar a si o destino de outrem; ah! só isso é amor, mas os mortos não mantêm entre si nenhuma comunhão, esquecidos que andam uns dos outros...

…Ó Plócia! Inesquecível e inesquecido! Banhada em beleza! Ah, se o amor existisse e tivesse força decisiva no caos humano, isso significaria que nós dois seríamos eleitos para encontrar juntos o ramo de ouro, que lado a lado desceríamos à fonte do olvido do nada, à derradeira sobriedade dos ínferos, que empreenderíamos a descida, sóbrios nós mesmos, sem devaneios, ao fundo primordial, passando, não pelo lindo, ebúrneo portão dos sonhos, que não deixa ninguém sair, mas sim pela modesta entrada córnea, que nos permita regressar, tornar a subir juntos, levando conosco, das extintas brasas do último destino, o destino novo, levando conosco, do derradeiro não-amor, o amor recriado, o destino em botão! O Plócia, tu que pertences à infância e já não pertences a ela! Somente se pode tomar a si o destino em botão e não o destino desabrochado; somente o que devém é a realidade do amor, que nós

procuramos em todas as germinações e florações primaveris, em cada haste de capim, em cada flor, em cada criatura jovem, que cresce, mas, sobretudo e com o mais íntimo fervor, na criança, acolhendo a disposição de plasmar, tal como se revela no destino ainda não desenvolvido e em prol da qual nos sentimos atraídos por tudo o que ainda é intato, acolhendo o devir no que já está acabado, acolhendo o menino no poder formativo do adulto; ó Plócia, é o destino em botão, é aquilo que nos seria concedido, se o amor existisse, se sua força decisiva, livre de qualquer cio fortuito, pudesse garantir a verdadeira segurança do amor, e nesse caso, o próprio destino seria amor, seria amor no seu devir e no seu ser, seria amor, como descida à mais profunda não-recordação e nova subida à recordação total, como extinção do nada e retorno à identidade não mudada, seria amor como haste de capim, como flor, como criança, tão inalterado como sempre têm sido hastes de capim, flores, crianças, e todavia transformado em amor, recebendo o esplendor do ramo de ouro do amor, do ramo que nunca será encontrado ...

…oh! os mortos não recebem esse esplendor do ramo de ouro, não mantêm entre si nenhuma comunhão, esqueceram-se uns aos outros, e o vulto de Plócia, o ser não-olvidado-olvidado de Plócia, que outrora fora para ele o clarão de luz atrás de todas as sombras, dissipara-se entre as sombras, tornara-se indistinguível no reino das sombras, submergira no formigueiro dos mortos, era uma parte e não mais que uma parte da massa dos defuntos, da massa de rostos, de crânios, de vultos, todos eles indistinguíveis para ele, anônimos para ele, sumidos e dissipados para ele, já que aos olhos dele desde sempre tinham estado mortos, dele que nem sequer aos vivos quisera prestar nenhuma ajuda realmente eficaz; pelo contrário, condenado pelo destino e pelos deuses a tal atitude abúlica, inocente e todavia culpado, gastara toda uma vida na primeira, malograda tentativa de auxiliar, no primeiro, jamais realizado passo, no primeiro, fictício, nunca feito empenho em dar esse passo, incapaz de inserir-se em qualquer comunidade viva de apoio recíproco, para nem falar da sua inaptidão para tomar a si o destino de algum ente vivo; sim, passara a vida na não-comunidade dos mortos, sempre se limitara a viver entre mortos e incluíra igualmente no número deles os vivos, sempre considerara mortos os seres humanos, sempre se servira deles apenas como de pedras, das quais se pudesse construir e criar uma beleza petrificada na morte, e por isso, os homens tinham desaparecido para ele na esfera não dominada, do não-

conhecimento das coisas eternamente incriadas. Pois, somente das tarefas de que o homem humanamente se encarrega, provém também o conhecimento salvador, e sem tarefa, não há salvação para o homem. Ele era incapaz de prestar ajuda ativa, incapaz de realizar uma ação de amor; impassível, observara o sofrimento humano, unicamente em proveito de uma memória petrificada, impudica; com indiferença, contemplara acontecimentos atrozes, só para descrevê-los impudentemente de modo belo, e justamente por isso jamais conseguira criar homens de verdade, homens que comam e bebam, que amem e possam ser amados, e ainda menos pessoas que andem pelas ruas, coxeando e praguejando; fora-lhe impossível plasmar tal gente, plasmá-la na sua bestialidade, plasmá-la na sua imensa necessidade de ajuda; e mais impossível lhe era ainda configurar o milagre da humanidade da qual até essa natureza bestial recebia a graça; nada significavam para ele os homens, a seus olhos não passavam de personagens de fábulas, histriões da beleza, em trajes de beleza, e como tais os apresentara, sob a forma de reis fabulosos, heróis fabulosos, pastores fabulosos, criaturas de ilusões, de cuja irrealidade forjada à imagem dos deuses, exibida e ideada sob o signo da beleza, o próprio poeta teria gostado de participar, assimilando-se até nisso ao povoléu; e talvez pudesse ele ter entrado no jogo dessas figuras, desde que se tratasse de autênticas visões de sonhos, porém, longe disso, elas não passavam de meros produtos de palavras, que apenas viviam em seu poema e morreriam no momento em que dobrassem a mais próxima esquina, figuras emersas das trevas do matagal da língua e em seguida sumidas no acaso, na ausência de amor, na petrificação, na morte, na mudez, no irreal, bem assim como aquele trio para sempre desaparecido. E do seu sumiço atroava, rebentando os mundos, a perversa mudez da sarcástica gargalhada, que sacudira esses três, atroava malvadamente pelo silêncio da praça e das ruas, como se fosse um segundo silêncio, originado pelo acaso, cheio de estranheza, atroava, rebentando os espaços, anulando os espaços, porém não o tempo, o riso do perjúrio perpetrado, o mudo atroar da criação abandonada e rebentada.

Nada sobrara, a não ser a obcecada, ridícula sensação de vergonha pela extinção de uma memória, que se convertera na lascívia de uma ilusória recordação sem vida. Os fogos do céu, não avivados por nenhuma chama terrestre, tinham-se apagado no anonimato; o centro do mundo, coberto pelas lajes das cidades, mantinha-se em silêncio; amalgamara-se com as mais extremas fronteiras, esfriado sob a aura do nada, e nesse

momento petrificava-se também a flutuante simultaneidade, na qual repousa o que é eterno: ai das inversões fictícias do caminho errado, que apenas simulam a grande órbita, na qual o passado e o futuro devem ligar-se, constituindo-se no eterno presente da intemporalidade; ai da inversão perjura, ai daquela intemporalidade falaz, que é a essência de toda a ebriedade, e para conservar o clima de tal divertimento, necessita de substituir uma e outra vez o princípio da criação pelo produto criado, sedenta de beleza, sedenta de sangue, sedenta de morte, deturpando e distorcendo o sacrifício, ao transformá-lo na voluptuosa intoxicação do prazer; ai da impudica vaidade de uma memória, para a qual jamais existiu realidade alguma e que se renova apenas por mero prazer da reminiscência; ai dessa inversão do ser, pois o juramento não pode ser reiterado nem é possível reavivar a chama, o folguedo precisa malograr nesse caso e malogra de fato, em que pese a beleza, o sangue, a morte que contribuam para ele; no solstício das idades, a frivolidade permanece ineficaz, e nele se quebra toda a infinidade terrena; realmente, enquanto o ato de sacrificar não voltar a ser imolação genuína, o desastre será inevitável, não haverá despertar do sono crepuscular, e cativo no círculo maldito, o presunçoso permanecerá encarcerado uma vez por todas, ele que se julga autorizado a menosprezar seu juramento, porque na sua opinião a sedutora simultaneidade dos mundos interior e exterior, as marés do universo, que vêm e se vão, a tentadora visão dos limites das esferas debruados de beleza, porque todo esse fascínio lhe permitirá realizar aquela inversão fictícia, peculiar tanto de quem se tiver inebriado de recordações como de quem estiver ébrio de olvido, porquanto ambos perderam a realidade... Ai do ébrio que arrogante t! obstinadamente se aferrar ao perjúrio e, inundado ou não de reminiscências, esquecer-se diante delas da sua índole humana; ele perdeu o chamejante centro do ser e já não sabe se sua queda o leva para cima ou para baixo, se seu olhar se dirige para a frente ou para trás; não havendo norte nessa órbita circular, sua cabeça permanece virada para a nuca, rígida e ridiculamente. Impossível ressuscitar os mortos, impossível ressuscitar a morta, o espaço do olvido, com suas ondas cinzentas, fechara-se acima dela, e era como se as mulheres da viela da miséria tivessem percebido que lá era carregado um homem que não vira sua própria vida, e que o carregavam rumo à sua derradeira desilusão e ao seu último olvido. Não se justificava realmente a zombaria do mulherio? Não existia realmente nada mais, a não ser a vergonhosa queda ao nada e às regiões da

superfície vazia, que se estendem no Inferno, sob a fronteira do nada? Ah, as mulheres tinham tido razão, e a ele cabia aceitar, com horrendo pudor, as sarcásticas maldições, já que a lascívia da qual, inocente, ele se tornara culpado, era mais abjeta do que qualquer obscenidade fortuita do populacho, por desbragada que esta fosse; pois, ainda que agindo por ordem do destino, ele se juntara espontaneamente à raça perjura, condenada, que, desprovida de quaisquer laços, cambaleia por sobre as lajes do nada, sem fogo, que nem animais, fria, que nem plantas, inerte, que nem pedras, desgarrada nas brenhas, ela mesma brenha, soçobrada na esfera indistinguível de uma petrificação definitiva; convertera-se em presa de uma ameaça que acossa os reprovados, ele reprovado também; estava escondido junto com os que se escondiam, e a ameaça dotada do poder do destino, originada por outra ameaça superior, não podia ser detida por nenhuma risada atroadora; silenciosa, cada vez mais silenciosa, amortecendo tons e luzes nas cristalinas trevas da pétrea inevitabilidade, dissolvida na noite e enrijecida na noite, a ameaça crescia sem cessar. Tudo ficava ameaçado, tudo se tornara inseguro, inclusive a própria ameaça, visto que o perigo se modificara, ao ser transposto da zona dos acontecimentos para a da permanência. A noite conservava-se inabalável; friamente fulgia sua asa de ouro, numa transparência negra, estendida por sobre as moradas humanas, que se erguiam ao redor, oprimindo com o peso de suas pedras a terra endurecida, e sua rigidez colorida pelo árido luar impregnava-se profundamente da luz das estrelas, fazendo-se pedra diáfana até ao fundo mais distante de suas chamejantes profundezas e chegando a ser transparente sombra de pedra nos escancarados poços cristalinos da terra, eco cristalino do inaudível, cujas vibrações desciam aos domínios do insondável e subiam em direção ao perceptível, de modo que este se assimilava a um derradeiro esforço para respirar, esforço feito pela petrificação arfada da pedra, a implorar o fôlego da existência; petrificadas na sombra, petrificando as sombras, as ondulações subiam e desciam; até mesmo os passos das sentinelas, que atrás do muro prosseguiam persistentemente marcando o tempo, participavam disso e se incorporavam na pedra, solenes passos de sombras do nada, brotando do pavimento sonoro e voltando a afundar-se nele; e enquanto a luz endurecia cada vez mais, deixando ver, com sombras nítidas, o pente duro, eriçado, das pontas de ferro, que coroavam o topo do muro, descortinava-se, igualmente iluminado, com sombras claramente delineadas, o poço entre o muro e o

casarão, impregnado até ao seu fundo pelo clarão verde-argênteo das esferas, petrificado de luz, seco de luz, ressoando de luz em plena mudez até ao solo arenoso, cascalhento, até à imprecisão cruamente imóvel do fundo, que, à sombra árida de alguns arbustos, mostrava toda espécie de trastes velhos, dificilmente identificáveis, meio encobertos pela ramaria verde-prateada do matagal, tábuas e utensílios, eles mesmos lançando sombras, porém solenes de um modo tão terrível que davam a impressão de ser um eco solitário, estranhamente aviltado, do pétreo mutismo do universo, refletindo o perigo, a vingança, a ameaça, uma vez que o nada se espelhava no nada, a transparência na poeira, ambos roçados pela asa imóvel, ambos paralisados pela tristeza, e todavia em ambos, acossado e dilacerado, o inaudível ofego da morte...

…mas as mulheres ciconianas, que o vate rejeitara por amor à defunta, despedaçaram-no na festa dos deuses, durante a bacântica orgia, e dispersados ao longe, pelos campos, empodreciam os membros dele; a própria cabeça fora arrancada da marmórea nuca, porém, ainda conservava sua voz, e já arrastada pelo rodopiante turbilhão do paterno rio Hebro, clamava "Eurídice!", num combalido sopro, "Eurídice, ó pobre Eurídice!", e das beiras do rio, o eco respondia:

"Eurídice!" ...

…ele, no entanto, ele, o poeta, permanecia sem eco; não passava de uma ressonância morta, sem eco algum, nas desérticas montanhas do Tártaro, erguidas para restarem definitivamente inalteradas, reverberação muda nos mundos exterior e interior, a esvair-se, imóvel, reverberação muda da muda, ofegante arfada nos ressequidos desfiladeiros e nos cristalinos poços da petrificação; era um crânio sem olhar, rolado adentro do pedregulho da ensombreada orla do olvido, rolado sob o árido, impenetrável matagal das beiras do rio crepuscular, rolado rumo ao nada sem saída, em face do qual até se apaga o próprio olvido; era apenas um olho cego, de mirada fixa, que não enxergava coisa alguma; não tinha nem tronco nem voz nem pulmões; desprovido de respiração, sim, ficara projetado ao vácuo da cegueira infernal: dissipar as sombras, eis o que tinha sido sua missão, e ele criara sombras; fora-lhe imposto o grande juramento da aliança com a terra, e ele, de antemão, mostrara-se perjuro; ah! coubera-lhe a incumbência de mover mais uma vez as lajes da sepultura, fazendo com que a humanidade ressuscite, para renascer, fazendo com que a criação viva na sua função de lei e a simultaneidade contínua, apesar de todo o

decurso dos tempos, não sejam interrompidas e o deus possa ser despertado uma e outra vez pelo agora da chama do sacrifício, que lhe mostre o caminho da simultaneidade e o reconduza ao juramento de sua auto-criação, o deus abalado pela jura, que detém a petrificação e atiça a chama; sim, isso fora a sua tarefa, e ele não a cumprira, não lhe fora permitido cumpri-la; ainda antes que lhe fosse dado mover e sequer tocar as lajes da sepultura, a fim de cumprir o juramento desconhecido, ai! antes que pudesse levantar os braços, estes já se tinham tomado pesados, paralíticos, transparentes, haviam crescido adentro da petrificação rocaz, crescido adentro da pétrea flutuação imóvel, indistinguível, árida, diáfana, e essa flutuação imóvel, petrificada e petrificante, irrompendo até o centro a partir de todas as esferas e novamente recuando, trêmula, até aos limites das esferas, aspirando nas sombras cristalinas o que vive e não vive, essa flutuação tornou-se uma única pedra, tornou-se altar para os sacrifícios do universo, sem coroa, sem calor, inabalável, inamovível, tornou-se laje sepulcral dos mundos, despojada de sacrifícios, laje que cobre o inconcebível, ela própria inconcebível. Ó destino do poeta! A recordação do amor, por sua força, obtivera para Orfeu a admissão às profundezas do Rodes, embora, ao mesmo tempo, lhe vedasse a derradeira descida, de modo que ele, perdido nos domínios subterrâneos da memória, ficava obrigado a retornar antes do tempo, impudico ainda na pudicícia e dilacerado na desgraça. Ele, porém, o poeta desprovido de amor desde o início, incapaz de fazer-se preceder pela amorosa memória e sem nenhuma reminiscência que o guiasse, não alcançara sequer as primeiras profundezas de Vulcano, dominador dos metais, quanto menos as zonas dos Pais fundadores das leis, para nem falar das ainda mais profundas do nada, que procria o mundo, procria a memória, procria a salvação; ele, o poeta, mantivera-se, no entanto, no petrificado vazio da superfície. O malogro, uma vez ocorrido, nada deixa atrás que ainda possa ser realizado, e absortas pelo grande silêncio do anonimato vazio de conhecimento, vazio de lei, também se haviam calado as grandes marés vitais do incendimento e da extinção; silenciavam as marés do princípio e do fim, as marés da comoção resplandecente de fogo e da tranqüilização em suave fluxo; silenciava sua fecundação recíproca, que converte uma coisa na outra; a totalidade do mundo perdia definitivamente seu alento, sua substância, seu acontecer, seu decurso, e rodeada pelo silêncio universal, ficava desnuda como um mudo olhar, como a mirada global da visível-invisível nudez em si, desnudada até exibir sua já-não-

presença que mira sem mirar, inexoravelmente definitiva: rígido, pétreo olho acima, rígido, pétreo olho abaixo, ah! nesse momento apresentava-se ali o que ele havia muito esperara, o que sempre temera; agora O poeta o avistava, devia afundar o olhar no inefavelmente impressentido, na impressentida inefabilidade, por causa da qual passara uma vida em constante fuga, por causa da qual fizera tudo no sentido de apressar o fim prematuro de tal vida, e aquele não era o olho da noite, pois a noite dissolvera-se na petrificação, e não era nem medo nem horror, pois isso era maior do que qualquer medo ou horror, era o olho do pétreo vazio, o olho arregalado do destino, que já não participa de nenhum acontecimento, nem do decurso dos tempos e nem da abolição deles, nem do espaço e nem da ausência dele, nem da morte e nem da vida, nem da criação e nem da não-criação, um olho jamais partícipe, em cuja mirada não há nenhum início e nenhum fim e nenhuma simultaneidade, distanciado de tudo quanto existe e ainda sobrevive, unido com esse último apenas pela iminência e pela ameaçadora espera, pela temporalidade do ainda restante prazo de espera, espelhado na persistência do ameaçado e no seu olhar assustado em face da ameaça; acorrentados um ao outro o ameaçador e o ameaçado, no derradeiro resto dos tempos. E já não havia possibilidade de fuga, havia somente os seus ofegantes arquejos; para ela não existia mais nenhum caminho para a frente – aonde poderia tal caminho ainda levar?! – e o arquejo se parecia com o de um corredor que atrás da meta se dê conta de que ainda não chegou e nunca há de chegar, uma vez que, no não-espaço do perjúrio, através do qual o tinham feito correr, acossado, apenas para o acossarem ainda mais, a meta não pode ser conjurada, e não conjurados, desprovidos de meta conservam-se a criação, o deus, o homem, sem eco permanecem a criação, o deus, o homem, no renovado abandono sem lei, que gera o não-espaço. O que se achava a redor dele já não simbolizava nada, era não-símbolo, era o irreflexível, o incapaz em si de refletir coisa alguma, e ademais era a tristeza do empobrecimento do símbolo, essa tristeza do não-espaço, inerente, sem espaço, a tudo o que foi criado pelo espaço e até ao sonho do adormecido humo primigênio, despida de símbolo e todavia abrigando em si o germe de qualquer símbolo, privada de espaço e todavia condicionada pelo espaço como último resíduo da beleza conduzida pelos tempos, a tristeza dos sonhos, que reside no fundo de cada olho, no olho do animal, no olho do homem tanto como no do deus, e cintila até mesmo no olho universal do vazio, como derradeira aura da

criação, pranteada e pranteando no tormento de uma preexistência mui vagamente recordada, como se o não-espaço tivesse seu início na tristeza e a tristeza, por sua vez, começasse sempre de novo no não-espaço, como se nessa unidade germinasse inelutavelmente a fatalidade primordial de toda a criação, a perdição cuja ameaça é a sina primitiva de tudo o que é humano e tudo o que é divino, causando o medo ao destino, comum a ambos, o castigo do destino, comum a ambos, o medo do perjuro condenado, de antemão, à apostasia, e a expiação de antemão imposta pelo crime não cometido, e através da qual o destino domina os próprios deuses, a punição da perda do conhecimento e do abandono ao cárcere de um vegetar cegamente necessário, infligi da por uma lei inidentificável, o desamparo do não-conhecimento na imperceptível necessidade: cada vez mais, isso se aproximava, acossado pela tristeza da maldição, tristeza mudamente arquejante, sem alento, porém imovelmente vagaroso, perdido em pranto e desgraça, perdido numa ausência de conteúdo, que até absorvia o pranto e a desgraça; de todos os poços do interior e do exterior, alçava-se isso, pétreo, plúmbeo, como execução da ameaça subindo o vazio que mirava, subindo, qual tempestade, mais e mais ameaçador tornava-se o ainda-não-acontecido, mais e mais pétreo o âmbito do olhar, acercando-se como uma parede de silêncio, acercando-se em ensurdecedora mudez, que era tanto a própria como a de todas as esferas, oprimente e mais oprimente, angustiante e mais angustiante, o arregalado olhar do horror, a avizinhar-se do centro morto, e o eu, cingido pelo centro, envolto nele, apertado entre as paredes da mirada, comprimido na indistinguibilidade de interior e exterior, asfixiado por tal tristeza duplicada, por essa imensa tristeza universal do ser ainda existente, tristeza que anula qualquer multiplicidade e toda a duplicação, elevando-as até ao excesso da sua própria falta de limites, e com isso anula não só a elas mas também ao eu, que fica absorvido e esmagado pela carência de limites e por seu entristecido vazio, cujo horror pressentido acarreta o duplo terror e ao mesmo tempo o dissolve em si; com ele, dissolvia-se igualmente o eu, ficava dissolvido e cristalizado diante da mirada do que o ameaçava de todos os lados, o eu que havia muito tornara-se, ele mesmo, rígida mirada; o eu sujeito à ameaça era comprimido até o derradeiro resíduo de sua essência, aniquilado até no não-espaço de sua não-criação, do seu não-pensamento, rechaçado ao ponto mínimo de uma modorra já irreconhecível e que já não reconhecia coisa alguma, abandonado, imóvel, ao abraço do vazio; ah! estava rechaçado e arrojado

para trás, arremessado adentro da contrição do seu ser, atirado à contrição e mais contrição, degradado à necessidade, sem remédio, à necessidade de sua contrição, rebaixado à contrição do mero e vazio já-não-existir; o eu perdera-se a si mesmo, ficara privado de suas qualidades humanas, das quais nada sobrava a não ser a mais desnuda culpa da nudez da alma, de modo que também ela, desprovida do eu e todavia indestrutível como alma humana, nada mais era que contrita e vazia nudez, subjugada e absorta pelo vazio sem reflexo do mudo olho da ameaça; sem reflexo a contrição, sem reflexo o eu, sem reflexo a alma, abandonados, sem reflexo, ao poder do olhar que se apaga, apagados eles mesmos... ; silêncio, vazio, não-espaço, mutismo, mas atrás das paredes de negro cristal da mudez universal, na última lonjura sem distâncias da ilimitada imensidade, desaparecendo e audível, como a mais desolada imagem sonora do ser e já além de qualquer ser, fininho, claro, feminino e assustador na sua inefável pequenez, ressoava um único ponto, ressoava o tom do mais longínquo ponto das esferas, ressoava uma casquinada minúscula, a vazia casquinada do vazio, a casquinada do nada vazio. Oh! onde haveria ainda salvação?! Onde estavam os deuses?! Era aquilo que acontecia a derradeira irradiação de seu poder, sua vingança e a retaliação de seu reiterado abandono, a vingança contra o homem abandonado, que os abandonara por sua vez? Quem se regozijava da contrição humana e a contemplava, casquinando, seriam mesmo deusas? Alegravam-se elas da humanidade perdida, alegravam-se da inevitabilidade do perjúrio universal? Surdo a toda resposta, dirigia o poeta o ouvido ao indistinguível, e não lhe chegava nenhuma resposta, pois o perjuro não pode fazer perguntas, assim como o animal é incapaz de fazê-las; e morta estava a pedra, morta e sem eco à pergunta não formulada, morto estava o pétreo labirinto do universo, morto o poço, em cujo fundo mais remoto estagna o contrito eu, reduzido a nada, despojado de pergunta e despojado de resposta. Oh, voltar! Voltar às trevas, ao sonho, ao sono, à morte! Oh, voltar, voltar uma única vez, oh, fugir, fugir mais uma vez ao que existe! O fuga! Porém fugir de novo? Haveria ainda, realmente, alguma escapatória? Tratava-se ainda de fuga? Ele não o sabia. Pode ser que outrora o tivesse sabido; a essa altura não sabia mais nada, encontrava-se além de toda capacidade de saber, no vazio do saber, encontrava-se no vazio do universo, e portanto mais além de qualquer perseguição; ai, o contrito já não tem possibilidade de fuga; mas agora, sem essa possibilidade, abatido pelo perjúrio, como se quem quebrasse um juramento devesse ele mesmo ser

quebrado, como se nunca mais lhe fosse permitido manter-se de pé, sentia-se arremessado, coagido a ajoelhar-se; e inclinando-se sob o enorme peso do vazio universal, vazio cegamente imóvel; invisivelmente diáfano, abaixava os carregados ombros, por demais entorpecido para fugir, por demais entravado para escapar, e procurando a parede do quarto, com áridas e inânimes mãos, tateando às cegas, apalpando às cegas a cega sombra na superfície iluminada pelo luar seco, tenteava seu caminho; acompanhado de sua sombra profundamente inclinada, que deslizava a seu lado, recuava às apalpadelas, violentamente trêmulo, rumo à escuridão; sem saber o que fazia ou não fazia, encaminhava-se às apalpadelas à fonte que saía da parede, atraído, qual animal, pela água, anelando, qual animal, o ainda terrestre, o ainda vivo, o ainda móvel; e assim, abaixando a cabeça, à maneira de um animal, gatinhava através da aridez petrificada em direção à mais primitivamente animalesca de todas as metas, em direção à água, para lamber, dobrado profundamente, feito animal, a umidade argêntea, murmurante, na mais primitivamente animalesca de todas as necessidades.

Ai do homem que não se mostrar à altura da graça que lhe coube em sorte, ai do contrito que não suportar a contrição, ai do resíduo do ser criado que não quiser livrar-se do ente e – ai dele! – não puder fazê-lo, porque a recordação extinta continua existindo no seu vácuo; ai do homem que, apesar da sua contradição, permanecer condenado à condição de criatura, sempre e inelutavelmente vinculado a ela! A seu redor, explode novamente o riso, e esse riso é o do horror, já não é riso de mulheres nem de homens, não é riso nem de deuses nem de deusas, é o vazio casquinar do nada, é o resíduo do ser, que para o mortal nunca desaparece no nada, o resíduo que casquina e explode numa gargalhada, revelando-se desse modo como o ente no nada, como o nada no ente, como a fusão de existência aparente e morte aparente, como a hílare consciência de tal existência aparentemente morta, como o terrível e terrificante resquício do saber no vácuo, pejado de loucura, seduzindo à loucura com sua muda risada, que se intensifica e mais se intensifica, até o vácuo se transformar em puro pavor. Pois, quanto mais a contrição se apoderar do humano nas suas qualidades essenciais, mais imediatamente atacará também o que houver no homem de criatura bestial, mais imediatamente se lançará a seu encontro o medo animalesco, o medo do homem acossado pelo pavor, e que foi relegado à sua solidão de criatura, e como rês desgarrada, desnorteada, já não reencontra o caminho que o conduza ao rebanho; é o medo implantado

desde os primórdios em tudo o que nasceu no rebanho, o horrorizado medo de um vácuo mortal, distante de todas as criaturas; é – na suprema exaltação da angústia, no supremo abandono ao temor, já quase fora do alcance da morte – o mudo pavor do animal, que, pequeno, solitário, trêmulo, privado de consciência, arrasta-se pelo ambiente invisivelmente avassalador, sob os arbustos obscuros, para que olho algum possa vê-lo na morte. Ai do contrito, cuja alma for incapaz de aceitar a pequenez da solidão que lhe foi imposta; a pequenez se lhe converte em inconsciência, e a graça da humildade transforma-se-lhe em mera degradação. Já chegara ele, o poeta, a esse ponto? Cheios de contrição estavam seus pensamentos, tanto quanto ainda existiam; animalesco era seu procedimento, na medida em que ainda havia ação, e no inaudível mantinha-se cego o riso. Súbita e impensadamente, ele conseguira chegar ao leito, e miseramente acachapado nele, com a garganta estrangulada, frio seco em todos os membros, entregue, incônscio, à negra, invisível prepotência, que, redobrada, estendia-se por sobre a contrição e a animalidade, entregue. incônscio, a um âmbito que ficava fora do alcance do medo, fora do alcance do terror, do espanto, da morte, e todavia acometido por um novo acesso de medo, terror, espanto, morte, sentindo o pavor no insensível, reconhecendo-o no irreconhecível, assim o haviam deixado cair, embora ainda o sustentassem, mantendo-o no espaço vazio do pavor; oh, mantinham-no dentro do pavor, e ao mesmo tempo, estava ele cheio de pavor: a recordação do começo e a recordação do fim tocavam-se mutuamente, ambas extraviada solidão sem saída no matagal da vida, no matagal das vozes. das imagens, da memória, jamais extinto o começo, por maior que fosse o número dos anos que o obumbrassem, jamais apagada a recordação do animal desgarrado do rebanho, a recordação do pavor primordial, a única que sobrara, e todas as outras eram como que variações dessa única, pavorosa, sentada em cada galho do matagal da memória, casquinando zombeteiramente, rindo-se sarcasticamente do constante cerco das brenhas, infligido ao irremediavelmente extraviado, encerrando-o, ele mesmo o matagal, ele mesmo a impenetrabilidade; imóvel estava a jornada da recordação, a jornada do incessante início e do incessante fim, a jornada através do não-espaço da memória, a jornada através do não-espaço do extravio detido, através do não-espaço da irrecordável pseudo-vida; imóvel, avançava a vertiginosa jornada através de todas as variações do não-espaço, inevitavelmente acompanhada por elas e nelas envolta, sem espaço na sua

aparente quietude, sem espaço na sua aparente movimentação, mas sempre na não-dimensão do pavor, porque é no cárcere inesquivável, sempre presente, jamais abandonado da plúmbea pseudo-morte que, cercada de pavor, passa-se a pseudo-vida do homem... O poeta achava-se mantido no não-espaço da pseudo-morte. E posto que permanecesse deitado, sem se mexer, e não se deslocasse nem uma polegada para onde quer que fosse, posto que o quarto que o rodeava não se modificasse em absoluto, tinha ele a sensação de ser carregado para a frente; sim, era carregado, puxado adiante, rumo ao invisível e pelo invisível, por sua presciência, por sua pré-recordação; a multiplicidade das recordações corria diante dele, como se pudesse atraí-lo consigo, como se a jornada pudesse e devesse ser acelerada com isso; carregava-o adiante o pavor que o envolvia, carregava-o até à meta do horror, que se encontra no início, e o quarto adejava junto com ele, inalterado e todavia deformado pela jornada, petrificado no tempo e todavia sempre se modificando. Rigidamente, os cupidos desprendiam-se do friso e mesmo assim conservavam-se nele; da pintura e do reboco soltavam-se folhas de acanto, assumindo fisionomias humanas e convertendo as hastes em crispadas garras de águias; ondeavam ao lado do leito, abrindo e fechando os gadanhos, como se quisessem experimentar sua capacidade de agarrar; cresciam-lhes barbas nos rostos de folhas e voltavam a sumir neles; ondeavam no ambiente imóvel, dando amiúde saltos mortais, girando amiúde num turbilhão de imobilidade; seu número aumentava cada vez mais, muito mais do que proporcionava a pintura mural, ainda que esta se renovasse continuamente; esvoejavam para fora da pintura, volitavam para fora da parede nua, fugiam do nenhures, vomitados pelo frio borbulhão dos vulcões do nada, que em toda a parte entravam em erupção, tanto no visível como no invisível, tanto no mundo interior como no exterior; eram lava vulcânica, fumegantes detritos da preexistência e da decomposição, mais e mais variados, quanto mais aumentavam em quantidade, formas nascidas e nascentes do vácuo, e que ainda metamorfoseavam-se umas nas outras durante as suas evoluções fantasmagóricas, matéria informe, incapaz de assumir forma, ondeantes folhas e ondeantes borboletas, muitas com aparência de flechas, muitas com caudas bifurcadas, muitas com compridos rabos de chicote, muitas tão transparentes que apenas voavam ao redor, invisíveis e mudas, semelhantes a silenciosos gritos de susto, outras, porém, simplesmente inofensivas, parecidas com um sorriso bobamente diáfano, que adejasse pelo recinto, e multiplicado como poeira solar, despreocupado

como um enxame de mosquitos, dançasse ao redor do candelabro no centro do recinto, bebericando nos círios apagados, mas em seguida deslocado e afugentado por nova onda impetuosa, barulhenta, dançarina, oco tumulto da informidade; e nele, ao lado de rostos e anti-rostos, ao lado de Cilas biformes e estranhas focas e eriçadas Hidras, ao lado da irrupção de cabeças sangrentas, cingidas de fitas embebidas em sangue, com cabeleiras desgrenhadas, gorgôneas, retouçava toda espécie de monstros, galopavam múltiplos corpos e patas, múltiplos cascos, centauros atrofiados ou incompletos e também restos de centauros, alados ou não alados; o ambiente gravidado pelo Tártaro estourava de bestas grotescas, com formas de sapos, lagartos, pés de cães, vermes com quantidade indefinível de pernas, sem pernas, pernetas, bípedes, com três, com cem pernas, muitas vezes remexendo-se nervosamente no poço sem fundo, outras, navegando com as patas rigidamente esticadas, tesas, como se fossem de madeira, outras, estreitando-se mutuamente, como se quisessem copular em pleno vôo, apesar da falta de sexo, e ainda outras vezes interpenetrando-se com a rapidez de flechas, permeáveis qual éter, como se fossem criaturas etéreas, nascidas no éter, carregadas pelo éter; sim, eis o que eram, pois, apesar de elas encobrirem-se e esconderem-se reciprocamente, podia-se abranger, sem nenhum esforço, com um só olhar, toda essa chusma volante, que ali se revolvia, rastejava, tropeçava, podia-se avistá-la nos últimos detalhes, até aos derradeiros limites do recinto abarrotado por ela; oh, essas criaturas eram a prole do éter, coberta de escamas etéreas, de penas etéreas, originada do vulcão dos eões, lançada ao alto em jatos, torrencial. flutuante, evaporando-se uma e outra vez, de modo que uma e outra vez o recinto se esvaziava, vazio de esferas e vazio como o universo, apenas percorrido pelo trote de um cavalo solitário, que com eriçada crina calcava o ar nas alturas, ou perpassado pelo adejo de um solitário corpo humano, cujo rosto achatado, diáfano se voltava ao leito e se distorcia no espelho numa risada frívola, zombeteira, antes de ser novamente arrastado pela vaga da sevandija do horror, que tornava a incrementar-se. .. E nenhuma dessas criaturas respirava, já que na fase anterior ao nascimento não há respiração alguma; o aposento convertera-se em câmara das Fúrias, e oferecia lugar a todas essas ocorrências pavorosas, se bem que elas se intensificassem irresistivelmente: não era preciso que se levantasse o teto do quarto, ainda que o candelabro se tivesse desdobrado numa árvore gigantesca, estendendo desmedidamente os suportes das velas, como que para formarem a ampla e

vetusta ramaria de um olmo de densa sombra, e em cuja fronde, folha por folha, pousavam, hipócritas, os sonhos, apertados como gotas de orvalho; as paredes não careciam alargar-se, ainda que entre elas jazessem todas as cidades do mundo, todas elas em chamas, as cidades do mais remoto passado e do mais distante futuro, cheias do barulho dos homens e do sofrimento dos homens, cidades de nomes estrangeiros, que, contudo, ele reconhecia, as cidades do Egito e da Assíria e da Palestina e da Índia, as cidades dos destronados, já impotentes deuses, derrubadas as colunas de seus templos, despedaçados os seus muros, destruídas suas torres, roto o empedrado das suas ruas, e a pequenez do quarto bastava para abrigar a totalidade da vastidão do mundo, embora a cidade, o campo, o céu, a floresta não houvessem em absoluto decrescido; antes pelo contrário: tudo, enorme e minúsculo ao mesmo tempo, mostrava-se numa quase esmagadora gravidade e igualdade de significado, admitindo com igual importância que, sob os ramos do olmo, como se a sombra da folhagem fosse uma nuvem, a anunciar uma tempestade, se erguesse, terrífica, em imensa grandeza, a maior e mais maldita de todas as cidades, em meio à sempre repetida ruína, a humilhada Roma. através de cujas vielas, farejando a presa, vagueavam os lobos. desejando reobter a posse da sua cidade; o quarto abrangia o orbe terrestre, e o orbe terrestre abrangia o quarto, as cidades cingiam-se mutuamente, e nenhuma delas achava-se fora, nenhuma dentro, todas elas adejando, porém, muito acima delas, muito acima dos vulcões, muito acima da petrificação, muito acima da fronde, apartadas de tudo, na ultra-poderosa abóbada cinzenta do céu, iradamente ressoando as brônzeas e imóveis asas, fulgurosas e sibilantes como figuras de aço, as aves do ódio traçavam, silenciosas, suas pesadas e amplas órbitas por cima dos países das atrocidades, preparando-se, em covarde cólera, em jubilosa fúria, para caírem sobre a vítima, com as garras abertas, a fim de cravarem as unhas nos sangrentos campos do agricultor e nos sangrentos corações, picando entranhas, devorando entranhas, e de enfileirarem-se na procissão das borboletas e dos lobos, que desfilava ao lado da cama, refugiando-se junto com eles nas paragens do desamparo e da desolação, nas paragens das crateras de fogo e das plantas dos dragões, jamais percebidas, jamais denominadas. sempre conhecidas, as paragens das serpentes da animalidade. Que vulcões da pré-criação deveriam ainda abrir-se ali? Que monstros novos seriam ainda vomitados por eles? Já não estava tudo desvestido até à última nudez? Não habitava de qualquer modo na

animalidade que o cercava o máximo de todo o pavor imaginável? Ou indicava a transparência da angústia um novo, angustiado saber, uma nova, mais profunda angústia, algo novo, insondável, em planos primevos, ainda mais profundos? Tudo estava aberto, nada mais podia ser retido, já não era lícito segurar coisa alguma, somente restava o aparente movimento do vôo; obstinadamente persistia a cinzenta luz crepuscular da fria desorientação, na qual não se mostra nem lonjura nem proximidade, nem acima nem abaixo; mas ele, o poeta, acompanhando em seu vôo o cortejo dos monstros, voando com eles através da luz fria, voando através do espaço sem rumo, achava-se agarrado e sustentado firmemente, mantido pelos indômitos, indomáveis dedos de uma incorpórea mão vegetal, que esvoaçava a seu lado; e ele reconhecia a pseudo-morte, a rigidez gris, por cujo não-espaço era carregado: álgido pavor, despojado de simbolismo, eis o que eram as imagens que fluíam a seu redor, rabos sem animalidade. fauces escancaradas que não mordiam, garras erguidas que nada apanhavam, plumagens eriçadas sem atacarem, jorros de veneno que não alcançavam o alvo, caudas golpeando e se enrolando. transparências a assaltar transparências, limitando-se a mudas ameaças e todavia mais terríveis do que qualquer uivo ou apresamento; o próprio pavor tornara-se diáfano, abrira-se o fundo essencial da desnudez do pavor, e no seu fundo mais fundo, na mais remota profundeza do poço, jazia, enrolada sobre si mesma, a serpente do tempo, cingindo gelidamente o borbulhante nada. Sim, isso era o rígido pavor da pseudo-morte, e o rosto bestial, que mal e mal se parecia com um rosto, que não passava da transparência do reino vegetal, brotado de uma haste, entrelaçado numa haste, retorcendo-se em hastes de caudas, contido por hastes-serpentes, surgido dos imensos, insondáveis domínios subterrâneos das raízes, cuja infra-animalidade se lhes incorpora, esse rosto bestial desnudava-se a ponto de transmitir o pavor da carência de peculiaridades, cevado pelo nada do centro. Nenhum temor à morte podia medir-se com esse, o mais horroroso de todos, pois que era o temor à pseudo-morte, rodeado pela infra-animalidade, pela transanimalidade; nenhum temor a ferimentos ou dores ou asfixia igualava esse sufocante pavor, cuja própria indefinibilidade já não deixava reter nada, porque na criação ainda incriada, na sua falta de fôlego, na sua dispnéia, nada pode ser retido: era a dispnéia da criação não criada, sua mera transparência. na qual animal, planta, homem, todos eles diáfanos, parecem-se até à completa igualdade, e em conseqüência de seu inominável horror, de sua persistente e

insolúvel vinculação ao nada, sem vida e contudo impelidos pelo anelo de uma existência individual, em conseqüência, enfim, de tal suprema igualdade e de tal suprema malquerença, sufocam-se uns aos outros, todos transidos da apavorada angústia do animal, que reconhece no seu próprio não-ser a animalidade em si, desprovida de peculiaridades; oh, essa angústia que o universo sente em face da asfixia! Oh, não existira ela desde sempre? Estivera ele, o poeta, em algum momento realmente livre dessa angústia? Não se tratara apenas de um constante esforço frustrado por defender-se contra o assalto do pavor?! Oh, noite por noite acontecera isso, durante anos e mais anos, na remota juventude e na proximidade da véspera; noite por noite, em inútil ilusão de si mesmo, pensara ele escutar a morte, mas fora somente rechaço do pavor à pseudo-morte, rechaço das suas imagens, que noite após noite se haviam apresentado e das quais não quisera tomar conhecimento, que recusara ver e que, apesar disso, tinham permanecido ...

….ah! quem seria capaz de dormir, quando Tróia está em chamas?! Uma e outra vez! E espumam as ondas do mar, revoltas pelos golpes dos remos. fendidas pelos navios, que nelas abrem sulcos, com o ímpeto de seus tridênteos esporões...

…as imagens haviam-se conservado inamovíveis; noite após noite, o pavor carregara-o através do silêncio das crateras repletas de espectros, através da desmemória da pré-criação, através das eras longínquas do ser novamente abandonado, eras essas invertidas a ponto de se tornarem proximidade imediata, através dos estagnados ermos de todos os desamparos, deixado só por todos os homens e todas as coisas, a criação mais uma vez abandonada. Noite após noite, fora ele conduzido perante a inexorável, a friamente imperiosa irrealidade, perante o irrealmente real, que precede a todos os deuses, sobrevive a todos os deuses e sela a impotência dos deuses; avistara a tricorpórea Meira, que, malévola, nos aguarda e em cujas imagens se variam todas as figuras da pseudo-morte; desejara fechar os olhos em face da paralisia paralisante de seu poder sem poder, às cegas almejando sair do extravio, surdo à chispante, sardônica zombaria do nada, da qual o homem desvalido, apesar da sua desilusão, não consegue esquivar-se, surdo ao enfadonho riso do destino, riso anterior à criação, e que lhe indica a inexeqüibilidade do inominável, indistinguível, informe, exortando-o à contrição; ah, assim aparecera esse pavor incessantemente prenhe de ameaça, o incessantemente rechaçado; os anos

haviam sido como o decorrer de uma única noite, penetrados por uma torrente de imagens, cercados por imagens que dançavam ao redor, carregados por imagens na trégua do horror, e aquilo que noite por noite se anunciara, o inevitável, o inelutável, a essa altura já não podia ser afastado, era o espasmo horroroso da prostração em pseudo-morte, na qual ele haveria de jazer, encerrado no caixão, encerrado no túmulo, estendido para a imóvel viagem, ele, solitário, sem apoio, sem intercessão, sem auxílio, sem mercê, sem luz, sem eternidade, cercado pelas implacavelmente pétreas lajes sepulcrais, que não se abrirão para nenhuma ressurreição. Oh, a tumba! Também ela estava presente no exíguo quarto, também a ela tocavam os ramos do olmo, também a ela rodeavam, dançando, as Fúrias, também a ela envolvia o escárnio das Fúrias; oh, a tumba era escárnio de si mesma, também ela escárnio da auto-ilusão, da qual ele não quisera desprender-se, escárnio de sua esperança pueril, com a qual mentira a si próprio que a calma inalterabilidade da baía de Nápoles, a luminosa grandeza do alegre sol do mar, o imenso esplendor pátrio do mar e toda essa força da paisagem se encarregariam suavemente do ato de morrer e o converteriam na música jamais cantada, jamais cantável, sempre escutando e sempre escutada, que devesse despertar a vida para a morte; oh, escárnio e mais escárnio, agora que o edifício se erguia sem paisagem, sem espaço, agora que nada se descortinava atrás dele, nem mar, nem costa, nem paragens, nem montes, nem pedras, nem sequer a informidade do barro primevo, nada, a não ser a intangível aridez, intangivelmente ameaçadora no nada, uma despojada construção de escárnios, apenas rodeada pela mesmíssima flutuação, que adejava sem cessar e na qual ele adejava junto com aquelas criaturas grotescas, impulsado da mesma forma que estas, envolto e conduzido a nado pelo esplendor do éter inânime, irrespirável, sedento, não potável, que não é nem ar nem água, carregado pelo diáfano vapor fumoso de todos os fogos da angústia, por esse não-alento de todo o universo não criado, que se dissipa entre os dedos, qual seca garoa, e logo nesse elemento etéreo, terrivelmente saturado de animais, terrivelmente procriando animais, terrivelmente dispersando animais – absorvendo aquele que recaíra na animalidade –, mantinham-se, acocoradas na cornija do teto, semi-aves, horripilantes aves sepulcrais, pseudo-aves, com olhos de peixe, em espessa fila, aves com cabeças de coruja, com bicos de ganso, com barrigas de porco, aves de plumagem cinzenta, com pés que eram mãos humanas, providas de membranas natatórias, aves agachadas, vindas de

regiões sem paisagem e cujo vôo não se destinava a paisagem alguma. Assim pousavam ali, no ermo do pavor, olhando-o fixamente, estreitando-se umas nas outras; assim se mantinha, cercada por elas, a tumba, tanto no interior do avarandado como nas mais inatingíveis lonjuras. Tudo estava amontoado, a nudez do não-céu sobrepunha-se mutuamente com os arcos arredondados das janelas da varanda, ambos abobadando-se acima da tumba, ambos permeados pelo não-espaço, porém penetrados pela cintilação da veludosa negrura de toda a redoma do céu salpicado de estrelas, e entrelaçadas de olmos, estendiam-se as abóbadas do universo numa ampliação incomensurável de todas as distâncias e separações, ampliação que era ao mesmo tempo sua mais extrema redução; a ausência de paisagem atravessava a paisagem e era atravessada por esta, o não-espaço atravessava o espaço e era atravessado por este, simbólico na carência de símbolo, assim como o animalesco atravessa a pseudo-morte e é atravessado por ela: os símbolos da vida haviam-se extinguido, apagadas estavam as imagens dos animais no firmamento, figuras significativas, cheias de sentido, que ficaram congeladas sob a esterilidade que as encobria; no entanto, permaneciam presentes os símbolos da morte, posto que apenas no não-simbolismo da inexprimível, impensável, inimaginável pré-criação, permaneciam presentes nos esgares animalescos, essencialmente inexpressivos, nessas imagens horrorosas, que saíam, gatinhando, da pseudo-morte, como que originadas diretamente do vácuo, espelhando o nada no nada e por ele refletidas, imagem e contra-imagem unidas pelo aniquilamento da expressão daquela mais profunda solidão primitiva, que, nunca concebível, sempre conhecida, age no fundo eterno dos tempos e da animalidade das criaturas; o círculo do simbolismo completa-se na ausência de expressão, completa-se lá onde, na incriação desligada de tudo, a lonjura vã dos eões se inverte, transformando-se no esgar animal, vazio, visível, como se a imagem cônscia da solidão primitiva houvesse sido levada através de todo o infinito círculo de imagens, de reflexo em reflexo, para, ao fim de todos os fins, desvelar-se, na ausência de imagens, até à última nudez, e nesse desnudamento. nessa irrupção mudamente atroadora da incriação e da sua solidão, arrojando-se com toda a malvadez que caracteriza a impotente, dissipada agressividade do bruto, grotesco animal, evidenciava-se a desgraça. que se pressente atrás de tudo o que foi criado e não criado, atrás da pré-criação e de todas as lonjuras da solidão, manifestando-se ameaçadoramente na desventura da pseudo-morte,

ao demonstrar intuitivamente que todos os caminhos da inversão, todos os caminhos da imobilização, do jogo e da ebriedade conduzem inevitavelmente à animalidade e que todos os caminhos da beleza terminam inevitavelmente no grotesco horroroso. E sobre o teto da tumba. que tencionara transformar a morte em beleza, pousava a fileira das aves da desgraça. Ao redor ardiam as cidades da orbe terrestre numa paisagem sem paisagem, derrubadas suas muralhas, rebentadas e quebradas suas lajes, a exalar sangue o cheiro da putrefação nos campos; ao redor desencadeava-se a mania de imolar, sem deuses, à procura de deuses, acumulando oferendas e mais oferendas na ebriedade de sacrificar; matava-se o próximo para descarregar sobre ele a própria pseudo-morte; despedaçava-se e incendiava-se a morada do vizinho, a fim de atrair o deus à própria casa: era fúria sinistra, exultação sinistra, sacrifícios, homicídios, incêndios, ruínas pela honra do deus, que visa justamente a isso, já que carece aturdir o próprio pavor, o próprio conhecimento do destino, e ansioso de rir, ansioso de destruir, desenfreia a discórdia dos homens, a discórdia da embriaguez, a discórdia dos sacrifícios, da qual ele, já impotente, participa e que é do seu agrado, deus e homem perseguidos e mais perseguidos pela mesma angústia ansiosa de destruição, pela angústia da petrificação na pétrea solidão da pseudo-morte, pela angústia da imobilidade final; imotos e todavia acossados, os deuses uivantes no seu jogo assassino, o jogo homicida dos homens, o vulcão do nada na alma; e os fogos mantinham-se quietos, enquanto fluíam na torrente do não-elemento; as cidades ardiam, sem deixarem cinzas. as labaredas oscilavam, como línguas rigidamente eretas, como látegos brandidos, irrompiam de nenhuma profundeza; sim, sob a superfície dilacerada, esfarrapada, solevantada, para permitir sua própria erupção, não existia uma segunda superfície e ainda menos outra profundeza, as chamas não eram outra coisa que não essa mesma superfície imovelmente revolta, e rodeava-as o imóvel e caótico bramido das vozes paralisadas, cujos gritos já não passam de sombras garreantes, terrivelmente fugazes; rodeava-as o mudo atrôo da criação desamparada, da criação novamente abandonada, despedaçada: em torno, cresciam dos destroços novas construções rijas, cresciam em direção à lívida luz cinzenta, à não-luz da lividez sem luz, cresciam do vácuo e todavia já tinham existido antes e sempre, sem esperança erguidas desde sempre, para glorificarem o constante assassínio, para eternizarem e conservarem a perdição, as construções da pseudo-vida, as construções da pseudo-morte, a primeira

pedra besuntada de sangue, pesando, como pedra, sobre a vida; e não há sangue suficiente para inserir na lei e no processo da criação o que foi edificado sobre a desgraça, murado pela desgraça, petrificado na desgraça; não há conjuro que baste para que, com a renovação do juramento, a gélida serpente se parta em pedaços; mais forte do que a criação permanece a pré-criação, aparentemente morto continua o não-criado, que interrompe o ciclo da criação, que se subtraiu à criação e a ela se opõe, a incriabilidade em si, que unicamente deseja perpetuar-se a si mesma, arvorando-se em seu próprio monumento e convertendo-se em tumba; mantém-se privada de fala, cônscia da sua culpa e desprovida de alento, mantém-se sem eternidade nem duração, apesar de sua pétrea monumentalidade, e por ter sacudido de si o existente, tornou-se túmulo sem ressurreição. Eis que o domo do não-espaço, o domo do não-céu se fez a si mesmo uma única cova sepulcral, encaixada entre os ofídicos anéis das entranhas celestes, encaixada nos intestinos da pré-criação, produtores de humo, desprezados pelos deuses, essa cova, na qual se agita e se anuncia o destino, sem considerar o tempo; a tal cova, o poeta era levado, como se isso fosse um retorno, para ela dirigia-se a jornada, e ainda que expulsado dos céus, ele mesmo, transido de serpentes, jazia encaixado nas entranhas celestes. Que inversão dos mundos exterior e interior! Que baralhamento pavoroso! Ao redor ardiam as ruas das tumbas e as cidades sepulcrais da terra habitada pelos mortos; ao redor eriçava-se a pétrea inutilidade da fúria humana, do júbilo triunfante dos homens e da sua ebriedade de imolações; ao redor quedavam-se rijas as chamas terrenas, frias, sem combustão, e o homem ficava privado de sua condição de criatura, o deus era tirado do trono da criação, sob a pétrea ameaça da morte da criação despojada de passamento... Confusos, em face da angustiada discórdia, os desígnios dos deuses, segundo cuja vontade aquilo tivera de acontecer. Pois, a criação requer contínua ressurreição; somente através de contínua ressurreição realiza-se a criação, e somente enquanto houver criação e nenhum instante a mais, ocorrerá a ressurreição; oh, unicamente aquilo é criatura, pode ser qualificado de criatura, unicamente aquilo que uma e outra vez descer às chamas do renascimento, esforçando-se incessantemente por impedir que o invicto volte a subir e o não criado, antes que houvesse mães, encaminhe-se novamente à pétrea mudez; oh, criatura é o que produz criação, o que, ao descer, imola-se a si mesmo, sem restrição. preparado para o retorno, não sujeito a nenhuma volta à ebriedade – e mais ainda – a nenhuma volta a

qualquer conhecimento ou reconhecimento, livrando-se de todo o medo peculiar das criaturas, livrando-se também do derradeiro desejo carnal; oh, somente seremos criaturas da criação, se nos despojarmos inteiramente da índole carnal, se tivermos aprendido a privar-nos até do conhecimento, do criado tanto como do não-criado, se nos animarmos a assumir humildemente a nossa mais extrema contrição, se conseguirmos destruir nossa própria tumba! E enquanto o poeta se dava conta disso, lerdamente, na lonjura do devaneio, como se estivesse sonhando e uma voz vinda de um segundo sonho se imiscuísse no primeiro, como se o temor dos deuses, a vingança dos deuses, a impotência dos deuses fossem aniquilados novamente, como se eles praticassem de novo ou talvez pela primeira vez a beneficente misericórdia, como se aquele misterioso sussurro sem palavras proviesse diretamente do pavor outra vez anulado dos deuses e lhe infundisse ânimo, ânimo para a extinção, ânimo para a pequenez, ânimo para o abandono, ânimo para entregar-se à contrição; essa sussurrante ausência de palavras, que se parecia com fala fora da fala, tornava-se perceptível uma condensação ainda mais intensa de significado, palavra sem palavra. nascida de um sonho ainda mais distante do que fora aquele segundo, um murmúrio ainda mais suave, ainda mais insistente, inconcebível, porém exortando-o à ação, leve, esvaecido e no entanto irresistivelmente imperioso, ordenando que tudo o que tivesse servido à pseudo-vida e a houvesse constituído se apagasse tão completamente como se nunca tivesse ocorrido, perdendo-se no não-acontecido, pertencente ao nada, separado de qualquer recordação, apartado de qualquer conhecimento, ficando subjugado tudo quanto se passara nas esferas dos homens e das coisas; oh, vinha-lhe a ordem de aniquilar tudo o que já fora feito, de comburir tudo o que em algum momento escrevera ou poetara; oh, todas as suas obras deviam ser queimadas, todas e também a Eneida; assim ouvia ele a mensagem no inaudível, mas antes que pudesse desvencilhar-se do fascínio no qual fitava a cornija do edifício, lá onde se agachava, imóvel, a fileira das pseudo-aves, corria algo como que uma onda imperceptível por sobre a descorada plumagem, flutuante, qual sopro etéreo, uma onda e mais outra, e subitamente, como uma espuma de insonoridade, esvoejava o bando, levantado quase que sem voar e pulverizado no invisível, de modo que o conhecido friso do teto despontava por um instante, em verdade só por um único instante, porque logo depois o edifício já desmoronava, não menos silenciosamente que o bater de asas das aves fugitivas. não menos

etereamente transformado no invisível e pulverizado no absorvente nada. E quando o poeta se dava conta disso, a própria insonoridade começava a alterar-se, convertendo-se em quietude: o imoto tornou-se calma; a jornada sem movimento de seu próprio transporte chegou a uma parada terrena; os espectros – os vegetais tanto como os animais e por fim ainda um demônio feminino de cabelos de fogo, corpo transparentemente lívido e ondeante penacho – já não o acompanhavam, senão deslizavam em direção contrária, deslizavam até onde submergira a tumba, afundavam-se atrás dela, um após outro. acolhidos pela cratera de sombras no vazio crepuscular; e posto que esta, poucos instantes atrás. ainda o tivesse fitado horrivelmente como um contra-olho ameaçador, seu próprio olho terrivelmente refletido, última ameaça da pavorosa vacuidade, foi também ela presa da decomposição, após ter-se desfeito a última das harpias; a força sugadora convertia-se em paz universalmente acolhedora. convertia-se em profundeza, convertia-se em olho da noite terrena, olho de sonho, pesado e grande pelas lágrimas do éter, repousando nele o seu veludo gris e negro, cingindo-o sem peso, livre de sonhos no sonho, aberta ao retorno, a noite reabrochada, e no mais remoto fundo de seu olhar cintilava novamente a minúscula pontinha amarela da lamparina, piscando timidamente - oh, uma estrela da proximidade! -, iluminando o aposento noturnamente tranqüilo, já sem luar, que em renovada brandura e disposição ao sono, mal e mal reconhecível o friso, obscurecidas as áreas das paredes. somente abrigava a mobília da casa terrenamente familiar, como se nunca houvesse sido diferente; era volta, porém não retorno a um lar; era familiaridade, no entanto sem recordação; era um suave reviver, e todavia. talvez mais suave ainda, um estado de extinção; era libertação e cativeiro, indescritivelmente fundidos nesse apagamento sumamente suave, que a aceitação tornava milagroso. Calmamente murmurava a fonte embutida na parede; a escuridão transformava-se em leve umidade, e. embora em parte alguma se mexesse o que quer que fosse. a mudez deixava de ser muda, a rijeza cessava de ser rija, mais macio e mais vivo tornava-se o tempo, liberto da pseudo-morta friabilidade do luar e novamente disposto a movimentar-se, de modo que o próprio poeta, igualmente livre da rigidez, conseguiu soerguer-se outra vez, bem devagar e ainda extremamente cansado; fincando as palmas das mãos no colchão, com os dedos distendidos, avançando um pouco a cabeça afundada entre os ombros levantados, e que, ardendo de febre, tremia levemente em face do esforço; assim escutava os fracos ruídos, que

chegavam até ele, e sua escuta dirigia-se tanto ao retornado fluxo de vida, que nenhuma febre lograva anular, como à voz de sonho apenas emergida, apenas captada, já quase imperceptível essa ordem sussurrada no sonho que lhe impusera a destruição de suas obras e que ele, a essa altura, desejava ouvir claramente, que devia ouvir, para que ganhasse maior certeza da salvação: inexeqüível era o oculto mandamento, por mais que ele anelasse ouvi-lo e executá-lo, inexeqüível permanecia, antes que se achasse a palavra que correspondesse ao murmurado mutismo, e na indistinção que a seu redor sussurrava com enigmática grandeza, ressoava imperiosamente o mandamento de reencontrar o caminho que conduzisse à palavra; ainda cercavam-no as paredes do silêncio, mas, nesse momento, já não era ameaça; oh, o horror perdurava ainda, porém já era horror sem medo, era destemor no horror; oh, ainda estavam entrelaçados os limites mais extremos e os mais íntimos, porém o poeta notava que sua escuta os dissolvia e vinculava, não, certamente, para reobter a anterior ordem do conhecimento, ordem humana, ordem animal, ordem das coisas, nem tampouco a ordem dos mundos, na qual outrora se movimentara e que, extinta com sua extinta memória, já não existia, nunca mais existirá; e o que se revelava assim não era sem dúvida a unidade da beleza, a unidade da beleza universal, cujo brilho empalidecia; não, tampouco era essa unidade, mas sim a de um sonoro fluxo no inimaginável, trazendo a noite, levando a noite, era a de uma recordação não recordada de um ato de deter-se, no qual se realiza o irrealizável, unida com o anelo criador da derradeira solidão primordial no inefavelmente inatingível, numa memória nova, inimaginável, de grande pureza e castidade, e aquilo que sua escuta percebia estava contido na nostálgica flutuação, provinha das mais remotas trevas e ressoava ao mesmo tempo no âmago do seu ouvido, no âmago de seu coração, no imo de sua alma, sem palavras dentro dele, sem palavras a seu redor, redobrada a exortadora e compungente força, calma e grande, no murmurante fundo primevo, mantendo-o e enchendo-o, quanto mais intensamente ele escutava; mas, pouco após, já não havia nem murmúrio nem sussurro, e sim um enorme estrondo, posto que este viesse transportado através de tantas camadas da vivência e da não-mais-vivência e da ainda-não-vivência, através de tantas camadas da recordação e da não-recordação, através de tantas camadas da escuridão que nem sequer alcançasse o volume de um zumbido; não! não era nenhum murmúrio, não! era a consonância de inúmeras vozes, e mais ainda, a consonância de todos os

rebanhos de vozes, ressoando de todos os espaços e não-espaços do tempo, cantante, brônzea, atroadora, na quietude de seu esconderijo seguro, aterradora pela brandura, consoladora pela tristeza, inatingível pela saudade, implacável, irrefutável, inalterável apesar da grande distância, tornando-se mais e mais imperiosa, cantando mais e mais sedutoramente, quanto mais o eu do poeta se encolhia e se humilhava, quanto mais abandonava sua resistência, quanto mais se abria ao som, quanto mais se desesperava de poder realmente captar a grandeza das vozes, quanto mais crescia nele a consciência da própria indignidade; assim subjugado pela brônzea supremacia, subjugado pela meiguice dela, coagido a submeter-se e a desejar fazê-lo, forçado a temer pela obra que lhe devia ser arrancada, levado a almejar a sentença que lhe impusesse isso, constrangido a sentir medo tanto como esperança, obrigado à extinção e à auto-extinção, por amor à vida, encarcerado e liberto na grandeza de sua pequenez, consciente-inconsciente sob o poder da totalidade das vozes vagamente ansiada, conseguiu ele enfim captar o havia muito sabido, havia muito sofrido, havia muito percebido, e isso se desprendeu dele, como uma minúscula, insuficiente, jamais satisfatória expressão, incapaz de enunciar algo tão grande como os eões, desprendeu-se dele num alento, num suspiro, num grito: – Queimar a *Eneida*!

Haviam-se formado palavras em sua boca? Ele mal e mal o sabia, ignorava-o e todavia não se pasmava quando vinha um eco semelhante a uma resposta:

– Tu chamaste? – Assim ressoava uma pergunta, delicada e familiarmente, quase com sotaque pátrio, apesar de provir de um nenhures incrivelmente próximo ou incrivelmente longínquo. O som pairava numa esfera indistinguível, embora não no infinito nem tampouco no anelado espaço da totalidade das vozes; sim, por um instante, pensava ele ouvir a Plócia, ouvir a vibrante gravidade da voz dela, como se lhe fosse dado e até imposto aguardá-la nessa noite novamente pacificada, novamente orvalhada, novamente reunida, certamente para reconhecer em seguida e talvez com maior lógica, que se tratava da voz do garoto, e a naturalidade nada admirada com que aceitava o retorno dele conduzia-o com calmo fluir, por entre as orlas da terra, realmente sem preocupação alguma, sem preocupação com alegrias ou decepções, conduzia-o tão suavemente à condição terrena que ele chegou a temer seriamente que um olhar ou uma virada da cabeça pudesse interromper aquele fluir; mantinha-se deitado, de

olhos fechados, sem se mexer. E também não sabia quanto tempo passara assim. Mas, a seguir, tinha a impressão de que novamente se formassem palavras em sua boca e que dissesse:

– Por que voltaste? Não te quero ouvir mais.

Outra vez não sabia se falara em voz alta nem tampouco se o garoto realmente se achava no quarto, se se devia ou não aguardar uma resposta; era uma espera flutuante, quase como se em algum lugar se afinasse uma lira, antes de se iniciar a canção, e mais uma vez ressoava bem de perto, de uma proximidade nada pasmosa e todavia distante, como se chegasse do mar, esvaída ao sopro da lua e mui levemente trêmula, a voz:

– Não me enxotes!

– Mas – replicou ele – tu me barras o caminho. Quero ouvir a outra voz. Tu és apenas uma voz ilusória. Preciso encontrar a outra!

– Eu era teu caminho, eu sou teu caminho – afirmava a resposta –, sou a ressonância que faz parte de ti, desde o princípio e muito além de qualquer morte, eternamente.

Isso se parecia com uma tentação, estava cheio de doce fascínio, cheio de singeleza e de sonho, um chamado de sonho, para que mais uma vez ele se voltasse, um eco do país da infância. E a suave voz do garoto, que, distante e próxima, provinha da terra pátria, aliviando as dores, prosseguia:

– Eterno é o eco de teu poema.

Então disse ele: – Não, não quero mais ouvir o eco de minha voz. Aguardo a voz que esteja fora da minha.

– Tu já não podes silenciar as ressonâncias dos corações.

Seu eco está a teu lado, inamovível como tua sombra.

Era uma tentação, e lhe fora imposto rejeitá-la:

– Já não quero ser eu, quero desaparecer no mais remoto fundo do meu coração, na sua zona mais desprovida de sombra, na mais intensa solidão, e ali me deverá preceder o meu poema.

Não veio nenhuma resposta; do invisível chegava uma aura, qual sonho, long.a como um sonho, breve como um sonho, e finalmente ouviu ele:

– A esperança almeja a companhia de outra esperança, e a própria solidão de teu coração é a esperança d'antanho, dos tempos de teu começo.

– Pode ser – admitiu ele –, mas é a esperança na voz que me ajudará na solidão de minha morte. Se ela me for negada, ficarei sem

conforto, desamparado para sempre.

Novamente passou-se um tempo indeterminado, antes que viesse a réplica:

– Nunca mais poderás ser solitário, nunca, nunca. Pois aquilo que ressoou de ti era maior que tu mesmo, maior que tua solidão, e tampouco poderás aniquilá-lo. Ó Virgílio, no canto da tua solidão ressoam todas as vozes; todos os mundos estão contigo, ecoando, e romperam para sempre a tua solidão, entrelaçados para sempre com todo o porvir, porque tua voz, ó Virgílio, tem sido desde o princípio a voz do deus.

Ai, era isso o que outrora se anunciara nos sonhos, em alguma época que jazia fora de qualquer passado; era o retorno a uma promessa prévia, que ele fizera a si mesmo e que nesse momento já era como que uma realização, aliviadora do sofrimento e cheia de alegre esperança, na sua naturalidade, mas, mesmo assim, esperança falaz, a esperança fútil de um menino, de uma criança, e que se esvai na ilusão de si próprio. E bruscamente perguntou ele:

– Quem és? Como te chamas?

– Sou Lisânias – veio a resposta, desta vez inequivocamente de um lugar mais próximo e de uma direção mais definível, talvez de onde devia encontrar-se a porta de entrada. – Lisânias? – repetiu ele, como se não tivesse entendido bem e no fundo esperasse ouvir outro nome.– Lisânias...

E deitado, imóvel, a murmurar o nome, sentia-se pasmado, apesar da naturalidade do fato, não só em face da. estranha incoerência do nome, mas também pela circunstância de ele ter perguntado: não fora decidido em outra hora deixar o pequeno companheiro noturno naquele flutuante anonimato, do qual saíra? Não era essa a razão por que o fizera retornar ao anonimato? E, surpreendido, continuou perguntando:

– Eu te mandei embora. Por que não te foste?

– Mas eu me fui! – ressoou a resposta, agora de muito perto, na voz infantil, familiarmente jovial e um tanto rústica, atrás de cuja modéstia se escondia jocosamente uma leve astúcia campesina, a aguardar ardilosamente o prosseguimento do interrogatório.

E ele, sem se dar conta disso, entrou no jogo:

– Pois então, te foste... Mas, apesar disso estás aqui... – Não me proibiste esperar diante da porta... e agora chamaste.

Era verdade, mas não inteiramente verdade; transparecia a mentira, posto que fosse apenas um mentirinha pueril, e todavia era um eco

daquela mentira grande que lhe impregnara a vida inteira, eco daquela astuta e mais que astuta pseudo-verdade, que se atém à palavra e nunca faz justiça à realidade real, pseudo-verdade, desde sempre praticada, ai dele, já desde a infância, quando a criança começava a sonhar com um jeito de enganar a morte; verdade e mentira, chamar e não chamar, proximidade e lonjura confundiam-se, como sempre se haviam confundido; era incompreensível que o garoto pudesse ter velado atrás da porta, enquanto ao mesmo tempo, como que dispostos para toda a eternidade, davam-se na rua, sob a janela, acontecimentos envoltos em horror, com aqueles monstros a cambalear por ali; ah, isso era incompreensível, continuava sendo incompreensível, enigmático pela simultaneidade que ocorrera e ainda prosseguia, como uma segunda realidade sem decurso, sem passado, sem futuro, e justamente por isso também se estendia adentro da reobtida condição terrestre, quase como uma pseudo-realidade sob nome falso, sem o ganho em transcendência, que inere a qualquer perda; e o temor a tal mistério do curso do destino, o temor ao riso, que, destroçando o destino, ressoara ali, o temor ao anônimo e à compulsão de indagar acerca do nome, que uma e outra vez teria de mostrar-se casual e inexato, oh, o temor ao enigma do reconhecer convertia-se em rechaço da simultaneidade, em fuga ao passado e ao acontecido, fuga rumo ao presente inequívoco, fuga rumo ao corporeamente imediato, que se lhe descortinava, quando ele abria os olhos; lá, nos muros que rodeavam a janela, havia ainda listras do luar que se afastava, paredes ensombreadas encerravam o recinto, e posto que ainda não parecesse aconselhável perturbar a imobilidade e virar a cabeça, tinha o poeta contudo certeza de que, diante dos obumbrados contornos da porta – bastaria dirigir ali uma fugaz mirada –, emergia, delicada e mal perceptivelmente, o vulto do garoto; tudo isso era presente terreno, flutuante, singularmente flutuante, singularmente leve, isento de qualquer simultaneidade, isento de passado, isento de futuro no aqui e no agora, indefinida realidade terrena, sem nome: até aqui o levara o garoto... Será que o queria levar de volta, uma vez que se reapresentara, sem ser chamado, sim, sem ser chamado e sob um nome muitíssimo estranho? A guia pelos domínios terrestres chegara a seu fim e já não era necessária para uma vida terrena sem porvir; e se ainda houvesse ajuda orientadora, não caberia ao garoto prestá-la, pois somente a ajuda solicitada é eficaz, e quem não souber designá-la não poderá recebê-la. E quando o vulto do menino

começava a destacar-se das sombras da porta, o poeta mais uma vez o rejeitou, como que confirmando o que dissera:

– Não pedi teu auxílio... estás enganado, não te chamei ... – E em voz mais baixa acrescentou: – Lisânias.

O garoto assim interpelado não se deixou intimidar pelo rechaço. Saiu das trevas do fundo para o quieto halo de luz da lamparina, e quando seu nome era pronunciado, o rosto juvenil, mergulhado no crepúsculo do sonho, abriu-se num sorriso claro, ingênuo, confiante.

– Prestar auxílio a ti? Auxílio a quem auxilia? Tu prestarias auxílio, até mesmo se o pedisses... Permite apenas que te prepare o vinho!

E já estava manipulando no aparador. Que sabia o garoto de auxílio? Que sabia de toda uma vida passada na inaptidão para ajudar? Que sabia da horrorosa desilusão do desamparado, que não sequer era capaz de designar o amparo, de modo que este sempre lhe será negado? Ou sabia o menino do perjúrio que nega a ajuda e do castigo da extinção? Ou queria ele exortá-lo justamente a iniciar um novo retorno, que inevitavelmente fosse o fictício retorno à ebriedade, imposto pelo destino? Foi quase a reiteração do horror, e apesar da sua sede febril, deu um brusco, assustado gesto negativo:

– Nada de vinho! Não! Não! Nada de vinho!

Estranha, novamente, e no fundo outra vez assombrosa era a resposta do garoto; na verdade, abaixava ele o cântaro, como se o rechaço o tivesse atingido momentaneamente, mas em seguida o reergueu, e pesando-o entre as mãos, opinou com expressão satisfeita, calma, singularmente tranqüilizante:

– Para a libação do sacrifício sobra ainda mais que bastante.

Oh, para o sacrifício! Agora o menino pronunciara a palavra! Sim, tratara-se do sacrifício, ainda se tratava dele! Tratava-se da restauração da pureza, do restabelecimento do simbolismo, no qual se reflete a unidade, tratava-se de superar outra vez a embriaguez do sacrifício, a embriaguez do sangue, a embriaguez do vinho, tratava-se do sacrifício universal da extinção própria, da extinção criadora do acontecido e do criado, na qual ele, o poeta, ao mesmo tempo oferente e oferenda, ao mesmo tempo pai e filho, ao mesmo tempo homem e obra, deveria transformar a si próprio em oração, entregue à perfeita vigilância do pai e à perfeita pequenez do filho, ajudando em virtude do anelo de ajudar, envolto em sombras e também ele entretecido na sombra em extinção total, para que na conjunção terrena do

círculo das imagens, na derradeira efervescência das tenebrosas profundezas, à distância de eões, o inimaginável, subindo, duplicado na criatura animal e vegetal, o sangue refletido no vinho, o vinho no sangue, libertasse-se do visível, como um eco ressoante de luz: tratava-se de devolver ao sacrifício sua pureza anterior, e se ele, ao qual se impusera tal purificação, tentasse executar esse ato casto aí, nesse quarto empestado pelas Fúrias, sim, se, mal e mal escapado da atrocidade, tocasse nesse ambiente numa única gota de vinho, esta se retransformaria horrendamente em sangue, o sacrifício permaneceria impuro e a destruição da obra não passaria da queima absurda, insensata de um manuscrito; não, o lugar do sacrifício teria que ser casto, casta a oferenda, casto aquele que imolava, castidade circundada de castidade; e com a oferenda do vinho límpido, imolando-se nas ondas salgadas sob os raios do nascente astro do dia, quando, nacarada, estremecesse a concha matutina do céu, assim se deveria realizar à beira-mar o ato que consumisse o poema pela trêmula chama... E todavia, não seria tal propósito a revivescência infame daquele elegante, meramente estético jogo com palavras e fatos, que fatalmente determinara o perjúrio da vida? Não seria esse arranjo de beira-mar e arrebol matutino e chama sacrificai precisamente aquele mesmo jogo sonâmbulo, em cuja impudicícia prenhe de sangue e assassínio se move o mundo, sempre que se entrega à beleza? Não ressuscitava nisso a mortífera rigidez do pseudo-sacrifício ordenado pelos deuses, imposto a eles mesmos, inelutável a pseudo-vida em decantada pseudo-realidade, inelutável o reino intermediário, pseudo-real, da poesia? Não, mil vezes não! Aquilo teria de consumar-se logo, sem preparos de sacrifícios, sem libação de vinho, sem ritos de beleza; não cumpria perder nenhum instante; absolutamente não convinha aguardar o nascer do sol; não, ele devia fazê-lo já, e com um esforço desesperado soergueu-se: queria sair em seguida ao ar livre, a qualquer lugar onde ardesse uma fogueira, queria transportar ali a carga dos rolos do manuscrito; talvez o garoto pudesse acudir-lhe nesse trabalho, e em algum lugar, na noite estrelada, as palavras do poema teriam de converter-se em cinzas; o sol não deveria ver a *Eneida*. Esta era sua missão. Ele cravava os olhos na mala do manuscrito. …Porém, o que acontecera com a mala? Como se ele de repente se tivesse distanciado muito, tornara-se pequenina, mala nanica, perdida na mobília anã do aposento, e embora o objeto ainda se encontrasse no mesmo lugar de antes, era impossível chegar até ele, impossível alcançá-lo. E além disso interpunha-se o menino, a barrar o

caminho, o menino no tamanho normal, em meio a tanta coisa encolhida, mantendo em suas mãos a taça cheia.

– Bebe um gole! – disse. – Toma-o, só para que possas dormir!

Proferia essas palavras com a afanosa solicitude, que um filho subitamente crescido à plena responsabilidade pode sentir com relação ao pai, embora houvesse também uma pontinha de infantilidade nelas; sim, de comovente infantilidade, já que não coincidiam o desejo e a capacidade de ser responsável e por isso resultavam numa leve presunção quase cômica em face do menoscabo dele, que nela se escondia: oferecia-se-lhe um sedativo, como se não se tratasse de vencer mais uma vez o medo de despertar, o do deus tanto como o do homem, como se neste momento o mais necessário e o mais urgente não fosse a vigilância, para cumprir mais uma vez o dever da criação! Ou tratar-se-ia realmente de um menoscabo justificado? O fato de a *Eneida* ter-se encolhido, tornando-se nanica, o encolhimento dos objetos ao redor, que, no entanto, deixava intacto o vulto do garoto – não seriam eles sinais a lhe conferirem o direito à presunção? Não se denotava no menoscabo do menino um menoscabo superior, proveniente do outro mundo, e que devesse indicar que o sacrifício absolutamente não seria aceito e que ele, o poeta, uma vez por todas fora declarado indigno de assumir a função paternalmente sacerdotal do celebrante de um sacrifício? Devia ele, portanto, conservar-se encerrado em seu sonho, vedado o descenso, vedado o retorno, trancada a porta ebúrnea e ainda mais a córnea? E mesmo assim! mesmo assim havia ainda esperança, oh, apesar de tudo, poderia até ele, o extraviado, ainda ser conduzido à castidade de tal graça! Certamente, não obstante todo o sofrimento, sua depravação não tinha sido expiada, mas o adro da pseudo-morte o havia soltado, e talvez devesse o menino, agora crescido, tornar-se um autêntico guia; talvez estivesse esse guia autêntico designado a carregar a ele, o enfermo e débil, através da porta da graça! Oh, o garoto erguia bem alto a taça, como um receptáculo luminoso, fulgurante, e ele, o poeta, estendia a mão na sua direção. Mas, antes que pudesse agarrar esse esplendor, a figura do menino já tinha perdido toda a aparência de adulto; seja que o ambiente encolhido tivesse reassumido as dimensões anteriores, seja – era difícil decidir isso sem mais nada – que a criança, por sua vez, houvesse diminuído de tamanho, tornando-se anã; será que o vulto pueril realmente não tinha o direito de crescer? Ameaçava-o de fato a condição de nanismo? Ele, o poeta, fora deixado sem amparo, sem guia, sem companheiro, para

que, sozinho até o fim, se encarregasse da incumbência da decisão. Não lhe era permitido aceitar a bebida.

– Uma poção para dormir? Não. .. já dormi bastante, até demais. É hora de sair... de levantar-me... já é tarde ...

Tudo voltara a ser cansativo e terrenal; o menino não queria crescer novamente, não queria prestar-lhe ajuda, não queria servir-lhe de arrimo, nem na saída nem no sacrifício, e ainda menos mais além. .. O decepção, ó temor, ó súplica de auxílio! Mas nada lhe restava a não ser recostar-se novamente às almofadas, a não ser murmurar, fatigado, desiludido, sem fôlego, sem voz:

– Basta de sono!

Mas, em seguida, veio, como uma ajuda, pela terceira vez uma resposta surpreendente:

– Ninguém velou tanto como tu, meu pai. Descansa agora! Mereces o repouso, meu pai. Oh, deixe de velar!

Suavemente cerravam-se as pálpebras sob a invocação de pai, que se parecia com um presente, com um prêmio recebido pela extinção, gracioso prêmio de uma vigilância que se tornara válida, somente a partir desse instante, desde que sua presteza se convertera em irrestrita disposição à contrição e o vigilante serviço ao passado e ao futuro transformara-se na não-ação de uma livre humildade, na aceitação do presente: era o prêmio da graça por um contínuo reinício, o prêmio da graça, que, infinito como a expiação, encontra-se antes de todo o nascimento e além de toda a obra. Pois, sacrifício e congraçamento são uma e a mesma coisa, não se sucedem, senão provêm um do outro, e somente aquele será digno de ser chamado de pai que tiver obtido a graça de descer ao abismo das sombras, para que, sacrificado ele mesmo, receba a sagração sacerdotal de sua função imoladora, para que seja incorporado no sublime e imenso grupo dos pais, cuja fila conduz à grandiosa inacessibilidade do começo, e para que lá o primeiro antepassado, no seu trono rodeado de sombras, poderoso, apesar da extinção, propicie-lhe incessantemente a força do infinito reinício, bênção sempiterna do ser humano; é o ancestre que lança a bênção, funda cidades antes da petrificação, dá os nomes, ergue a lei, isento do nascimento, eternamente isento do decurso. Estaria ele, o poeta, realmente eleito para apresentar-se ao sublime semblante? Poderia um garoto, poderia esse garoto realmente destrancar a porta? Como se fossem uma e a mesma coisa, a dúvida sobre si mesmo ficava ligada, de modo estranho, à que se

referia à vocação do menino; era uma dúvida singularmente desprendida do tempo, e no olhar com que ele novamente perscrutava as feições juvenis escondia-se uma pergunta, e a pergunta revelava-se, quando, obedecendo ao gesto implorador, se fez entregar a taça e bebeu.

– Quem és? – indagou novamente, após ter terminado, e a insistência com que a interrogação se agitava nele e brotava dele assombrou-o outra vez:

– Quem és? Já te encontrei... há muito tempo...

– Dá-me o nome que tu sabes – veio a resposta.

Perplexo, o poeta se pôs a refletir. Somente sabia que o próprio menino se denominara Lisânias; sim, isso ele sabia ainda, mas sua consciência obscurecia-se; obscurecia-se cada vez mais; ele já não achava o nome, já não achava nome algum, nem sequer àquele pelo qual outrora o chamara a mãe. E todavia era como se a mãe acabasse de chamá-lo neste instante, como se o chamasse agora de regiões esvaecidas, insondáveis, como se o chamasse para que o filho entrasse num anonimato, cuja origem fica no maternal e mais além de todo o maternal. Ai, para a mãe, o filho não tem nome, e ela sempre se empenha em proteger a criança contra o nome, não só contra o nome falso, o sinistro nome fortuito, mas também e talvez ainda mais contra o certo, que, liberto do acaso, é conservado na imensa fila dos antepassados, pois esse nome descoberto somente por quem, anônimo ele mesmo, realizar a descida, a fim de receber a sagração do sacerdócio paterno na esfera onde toda essência tem suas raízes, esse nome estará incluído no sacrifício e o encerrará em si; mas a mãe, presa ao sacrifício criador do nascimento, que ela é, teme-o, em prol da criança a que pariu, teme a repetição da criação, teme o não dominado, o não dominável, o inatingível, que possa ser vislumbrado na clareza inacessivelmente abissal da verdade de um nome, teme o renascimento no nome como algo impudico, e prefere saber o filho conservado no anonimato. Anônimo se torna o ser, anônimo se torna o lugar de onde chama a mãe, e sacudido pelo tremor em face da falta de nome para tal pré-despertar, disse o poeta:

– Não sei nenhum nome.

– Tu, ó meu pai, sabes todos eles. Tu deste os nomes às coisas; eles estão no teu poema.

Nomes e nomes, os nomes dos homens, os nomes das pradarias, os nomes das paisagens, das cidades e de tudo quanto foi criado, nomes pátrios, nomes confortadores na aflição, os nomes das coisas, criados junto

com elas, criados antes dos deuses, aqueles nomes que sempre ressuscitam com a santidade da palavra, constantemente reencontrados por quem vele verdadeiramente, o despertador e fundador divino! Nunca mais poderá o poeta reivindicar tamanha dignidade, e mais ainda, mesmo que fosse a derradeira, a essencial missão da poesia exaltar os nomes das coisas, sim, mesmo que ela, na primeira vibração de seus momentos supremos, tivesse conseguido deitar um olhar à fonte eternamente viva da língua, sob cuja luz, nas profundezas, paira, intacto e casto, o verbo das coisas, a pureza dos nomes no fundo do universo das coisas, então a poesia talvez fosse capaz de redobrar a criação através da palavra, porém não lograria reconverter a redobrada numa unidade, não o lograria, porque a inversão fictícia, o pressentimento, a beleza, porque tudo quanto a define como poesia e a transforma em poesia ocorrem exclusivamente na duplicação do mundo; o mundo da língua e o das coisas permanecem separados, dupla a pátria da palavra, dupla a pátria do homem, duplo o abismo da essencialidade, mas dupla também a castidade do ser, e dessa forma, pela duplicação, transmudados em impudicícia, que, igual a um renascimento sem nascimento, impregna todo o pressentir tanto como toda a beleza e traz em si o germe da destruição do mundo, a impudicícia primigênia do ser, tão temida pela mãe; impudico é o manto da poesia, e jamais a poesia se tornará fundação, jamais se despertará a poesia de seu jogo adivinhador, jamais o poema chegará a ser oração, oração de verdade, válida como sacrifício, oração essa tão profundamente inerente ao genuíno nome das coisas que para o orante, encerrada na palavra imoladora, volte a cerrar-se a duplicação do mundo e que, para ele, só para ele, palavra e coisa constituam novamente uma unidade. " Oh, pureza da oração, inatingível à poesia, e no entanto – ah, sim! –, atingível a esta, desde que ela mesma seja imolada, superada e aniquilada. E mais uma vez lhe escapou um suspiro, um grito:

– Queimar a *Eneida*! ...

– Meu pai!

Com toda a razão, ele, o poeta, percebia no profundo espanto que ressoava nessa exclamação a rejeição de seu propósito. Contrariado, replicou:

– Não me chame de pai. O Augusto está velando. Vela por Roma. A ele chama de pai, não a mim... não a mim!... O poeta não faz parte dos que velam.

– Tu és Roma.

– Eis o que sonha qualquer menino. Pode ser que também eu tenha um dia nutrido esse sonho... Mas, eu apenas utilizei os nomes, os nomes romanos.

O garoto calou-se. Porém, em seguida, fez algo inesperado: com a destreza um tanto desajeitada de um pequeno campônio, içou-se, como que num galho de olmo, num dos braços do candelabro, quebrou um dos apagados tocos de vela e acendeu-o na chaminha da lamparina. Que pretendia ele? Mas, antes que se pudesse encontrar uma explicação, o garoto fixara o toco num prato, por meio da cera que dele pingava, e então se ajoelhou junto à mala:

– Queres o poema? Vou te passá-lo ...

Não será o menino Virgílio esse que ali estava de joelhos?

Ou o irmãozinho Placa? Assim ajoelhados, ambos freqüentemente haviam permanecido no chão, ora no quintal, sob o olmo, ora diante de uma caixa de brinquedos... Quem era o garoto? Violentamente saltavam as correias da mala, ao serem retiradas; a tampa de couro abria-se com um leve e suave som pneumático; uma aura de papel e cheiro de couro, uma nuvenzinha do remoto rumor da pena, que, ao escrever, raspava suavemente o papiro, pálidas recordações do lar, saíam do receptáculo escancarado, em cujo interior, cuidadosamente arranjados, apareciam as extremidades dos rolos do manuscrito, rolo por rolo, canto por canto, corretamente enfileirados, o aspecto familiar da obra, sedutor e tranqüilizante. Cautelosamente, o garoto retirou algumas peças e as pôs sobre o leito.

– Lê! – pediu, enquanto aproximava o prato com a vela, para melhorar a iluminação. Não estavam eles na casa paterna? Não era esse de fato o irmãozinho? Por que já não vivia a mãe, se Placo vivia? Por que fizera o pesar com que ela acompanhasse o pequeno na morte? Não era essa a mesma vela que naquele dia luzira sobre a mesa no quarto obscurecido, ao passo que lá fora, orlados pelos Alpes, estendiam-se as lisas campinas de Mântua e a lenta chuva outonal caía, gris, na escuridão da tarde? Ele tinha que ler; ai, ler! Seria isso ainda possível? Saberia ainda fazê-lo? Aprendera ele jamais a ler, aprendera sequer a soletrar? Hesitante, quase que temerosamente abriu um dos rolos, hesitante, quase que temerosamente alisou a extremidade desenrolada, timidamente apalpou o papel, mais timidamente ainda os secos caracteres escritos, e com todo o acanhamento que se deve a uma oferenda intocável, deixou o dedo deslizar por cima dela;

mas fazia-o quase com a consciência pesada, porque isso se parecia com um reencontro, um pequeno reencontro com o ofício e com a antiga vontade de exercê-lo, porém, ademais, um grande reencontro já inconfessável, que retrocedia para trás de qualquer recordação e de qualquer olvido, até onde já não houvesse nem aprendizagem nem execução, senão apenas planejamento, esperança e desejo; quem lia não eram seus olhos, somente as pontas dos dedos estavam lendo, liam sem letras, sem palavras uma linguagem sem palavras, liam o poema mudo atrás do poema de palavras, e o que ele lia já não consistia em linhas, senão era espaço infinitamente imenso de infinitas direções, no qual as frases não seguiam uma à outra, senão se sobrepunham em infinito cruzamento, e já não eram frases, mas sim catedrais do inexprimível, a catedral da vida, a catedral da criação do mundo, planejadas na presciência: estava lendo o inexprimível, paisagem inexprimível e acontecimentos inexprimíveis, o mundo do destino, abandonado pela criação, no qual o mundo criado acha-se incorporado como um acidente, e onde quer esse mundo criado, ao qual quisera imitar, tivera que imitar, aparecesse neste momento e se convertesse em expressão, em todas as passagens em que as ondas de frases e os ciclos de frases se entrecruzassem, mostravam-se, reclamando a guerra, a discórdia e o sacrifício sangrento, mostrava-se a guerra inânime, gélida, travada por homens, que estavam mortos, mostrava-se a contenda dos deuses num ambiente nada divino, mostrava-se a carnificina inominável em regiões anônimas, perpetrada por espectros que eram meros nomes, executada por ordem do destino, que subjuga os deuses, cometida na linguagem, pela linguagem, sob comando da mais infinita linguagem, em cuja inexprimibilidade subjugadora dos deuses inicia-se e termina eternamente o destino. O poeta estremeceu. E posto que não tivesse lido com os olhos, afastou o olhar da folha como quem não quisesse prosseguir lendo:

– Aniquilar a linguagem, aniquilar os nomes, para que haja novamente a graça – murmuravam seus lábios. – Assim o queria a mãe... A graça livre do destino, sem linguagem...

– Os deuses te deram de presente os nomes, e tu os devolveste a eles. …Lê o poema, lê os nomes, lê…

A insistência da repetida exortação quase que o fez rir; sim, divertia-o o fato de que o garoto não entendia o significado das palavras e talvez nem sequer devesse entender de que se tratava.

– Ler? Será que ler também faz parte do sedativo, meu pequeno copeiro? … Não, não temos tempo. Vamos sair. Vem cá e me ajuda...

Mas o menino – e também isso parecia estranhamente certo – não se prontificou em absoluto a acudir-lhe, e como não o fazia, tornou-se claro ao mesmo tempo que ele não estava autorizado a prestar tal serviço: ainda que o tempo parasse, ainda que o círculo se fechasse e a chama recém-acesa se confundisse com a extinção, ainda que a submissão da criança à proteção da mãe não pudesse distinguir-se da subordinação em humildade, ainda que tudo quanto estivesse concluído continuasse sempre projeto, supondo até que ele, o poeta, nunca, sim, nunca tivesse aprendido a falar, mesmo assim a orientação e a ajuda jamais se estenderiam além da primeira volta do círculo; a voz do menino transformara-se em eco, que, na verdade, continuava respondendo, mas, sendo simples eco, já não compreendia nada, um pré-eco, que tinha sua origem num estado anterior ao despertar; e era espelho brilhante, que, antecipando a extinção definitivamente grande, esperada de modo inefável, anunciava outra voz, que fosse palavra em domínios sem palavra, unidos o ainda-não-dito e o já-não-dito no inexprimível, que reluz no abismo de todos os espaços da linguagem. Esta não podia ser aprendida, não podia ser lida, não podia ser captada pelo ouvido,

– Tira os rolos dali! – ordenou ele, e desta vez, o garoto obedeceu, posto que não mui docilmente; pelo contrário, demonstrava um amuo de desapontamento infantil e uma leve insídia, que fez com que deitasse os manuscritos na mesa e não na mala. Também isso era um tanto cômico. E ao observar novamente, como se fosse pela última vez, as feições do menino, o rosto no qual os olhos claros a essa altura se haviam tornado sombrios, embora prosseguissem fixos nele, cheios de esperança, subitamente ficou bastante estranho o semblante familiar, e com suave complacência, como para um adeus, o poeta acrescentou:

– Lisânias.

Não havia nisso nenhuma impaciência. Crepitando, qual teia de aranha, bruxuleava a luz da vela em cima da mesa, luz-eco e pré-eco de um atrôo luminoso, transcendente, futuro, que aguardava sob as estrelas, aguardava a vítima, aguardava a chama da extinção; mas brando, como uma sombra, murmurava o fluxo da fonte embutida na parede. E meio inclinado por sobre a mesa, meio erguido e assim parcialmente lendo, parcialmente recitando de memória, timidamente ao início, em voz mais alta em seguida,

marcando o compasso com o pequeno punho na tampa da mesa, o garoto começou – haveria nisso uma derradeira tentação? – a declamar os versos dos nomes romanos, e os versos deslizavam noite adentro, mesclando-se com o murmúrio noturno da água:

"Tudo a seu redor atraía o espírito e os olhares,
grave de passado o lugar e pejado de ações antigas.
E assim escutava Enéias os mitos que em silêncio se lhe descortinavam,
escutava a narração do rei Evandro, fundador da romana cidadela.
– Faunos e ninfas – contava este – habitavam outrora as terras,
mas também, a seu lado, um povo de homens silvestres,
originados do cerne das árvores,
nutridos ao acaso de frutos da floresta e de presas da fortuita caça,
raça selvagem, dura como o carvalho; não sabiam domar o touro,
indômitos eles mesmos. A esses selvagens, procurando um refúgio,
veio Saturno. Encontrou um asilo nessa região,
à qual deu o nome de Lácio, já que ela lhe oferecia latência
da ira de Zeus, que o privara do céu e dos mundos
e de seu trono. E dele, Saturno, receberam os nômades leis.
Deixaram de migrar, tornaram-se civilizados,
felizes folgaram na idade de ouro, em áurea paz.
Os tempos, porém, não se mantiveram calmos; em seu curso trouxeram
degeneração; desenfrearam baixos prazeres, cobiça, avareza e guerras;
sujeitaram a conquistadores forasteiros as terras de Saturno;
tornaram ausônios os nomes latinos e depois sicânios.
O próprio rio Albula, perdendo seu nome, passou a chamar-se Tibre,
em homenagem a Tíbris que, rude e violento,
salienta-se no grupo dos novos, estranhos potentados.
Mas eu, Evandro, filho da ninfa Carmenta,
último dessa estirpe, cheguei a ser outra vez um pobre exilado,
até que o fado sinistro se me tornasse benigno, reconduzindo-me
irresistivelmente de paragens longínquas até aqui
e obrigando o desarraigado a radicar-se nesta terra,

assim como mandava a mãe, em obediência ao oráculo de Apolo. –

Eis o que contou Evandro, e em seguida, perambulando com o hóspede,

mostrou-lhe portão e altar erguidos em glorificação de Carmenta,
para que até aos nossos dias os romanos se lembrassem da
ninfa-mãe,
a primeira a vaticinar o esplendor dos filhos de Enéias,
a grandeza palatina. Então alcançaram o imponente bosque
que Rômulo consagrou como asilo, e dali se encaminharam
sob a sombra de frescas rochas, ao Lupercal, o monte
lobos,
assim denominado segundo o rito arcádico,
que dá a Pã o apelido de Liceo.

Também mostrou Evandro a temível floresta que chamam de Argileto,

porque ali foi assassinado Argos, que em outros tempos o hospedara.

Conduziu-o à Rocha Tarpéia, à colina do Capitólio, hoje suntuosa,

luzente de ouro, mas naqueles dias coberta de espinhentos arbustos.

– Sempre – disse – acometia um terror respeitoso os camponeses,
quando iam a este lugar, e trêmulos, miravam à floresta e ao
rochedo;
pois, no cume frondoso dessa selva mora uma divindade
ignota então e ainda hoje ignota; os árcades
criam ver ali o próprio Júpiter, a concitar tormentas,
com a égida, que obscurece o céu.
E lá, mais além, enxergas muros destruídos
de duas cidades e monumentos de heróis ancestrais;
um dos castelos foi fundado por Jano e o outro por Saturno,
como recordam os nomes de Janículo e de Satúrnia. –
Falando assim, alcançaram finalmente
a singela morada de Evandro, de onde enxergavam
rebanhos e ouviam seus mugidos,
lá onde hoje se ergue o Foro romano
e resplandecem as Carenas.

– Olha este limiar – disse Evandro, enquanto entravam –
o vitorioso Héracles o transpôs, acolheu-o esta mansão real.
E tu, ó meu hóspede, tão digno como o deus,
mostra-te complacente; não atribuas excessivo valor
à pompa e não desdenhes a minha pobreza! –
Deste modo falou e conduziu o grande Enéias ao interior
da excelsa residência, onde o aguardava
o leito forrado de folhas e coberto
com a pele de uma ursa líbica.
Subia então a noite, e com suas asas escuras,
envolvia à terra."

Subia a noite, a noite sobe... A voz que lia tornava-se cada vez mais baixinha, até esvair-se completamente. Continuavam os versos a ressoar? Ressoando ainda, fora da voz? Ou tinham também eles sumido inteiramente, a fim de não perturbarem um suposto sono? Talvez tivesse ele, o poeta, realmente dormido, sem sequer notar que o garoto entrementes se. distanciara: de olhos fechados, como se não fosse lícito certificar-se, aguardava ele, atento como Enéias em companhia de seu anfitrião, esperando que a voz voltasse a elevar-se; porém esta permanecia calada. Mas os últimos versos prosseguiam vibrando em seus ouvidos, continuavam soando, e ao mesmo tempo, transformavam-se cada vez mais, transformavam-se, ou melhor, condensavam-se, chegando a ser algo que já era quase uma imagem sensível, no entanto uma imagem mais além da genuína condição de imagem, exatamente assim como a nesga de luar, que a janela recortava, ainda se fixava como imagem atrás das pálpebras cerradas e todavia transmudava quase que em som o que tinha sido forma e luz; era eco no ouvido, reflexo nos olhos, ambos imateriais e todavia sensíveis, e se entrelaçavam, criando uma unidade, que podia ser concebida, fora dos domínios do visível e do audível, na esfera do tato; e singularmente inerentes a tal unidade, acoplados a ela de modo estranho, confundiam-se a voz e o sorriso do garoto, como para serem conservados eternamente. Queria Saturno reobter os nomes por ele conferidos? A paisagem dos versos, a paisagem da terra, a paisagem da alma perdiam seus nomes, e quanto mais ele, o poeta, estreitado, de olhos fechados, à saturnina planura, tratava de captar e farejar esse fenômeno insensível-sensível, quanto mais, farejando e captando, aproximava-se dele, sim, quanto mais almejava vê-lo voltar à plena realidade, quanto mais desejava o retorno do jovem leitor,

tanto mais queria ao mesmo tempo que tudo isso desaparecesse, pois toda a sedução apaziguadora, que emanara do menino, não apenas o cativara, não só se lhe afigurara como pré-anúncio e pré-eco do inapelável, mas também lhe barrara o caminho à voz definitiva, não só lhe abrira mas também murara a porta de entrada ao indiscernível. Não se escondia atrás disso também aquela voz universal, de altivo sussurro, de suave atrôo, voz imperiosa, próxima e longínqua, inacessível, que ele ouvira, sem poder ouvi-la? Mais profundo do que tudo o que é terrestre, embora ainda nos domínios da terra, encontra-se o oculto sepulcro onde nasce a voz, a tumba do começo, o espaço-fonte do fim procriador; muito abaixo de todo o visível e audível acha-se o lugar onde se reúnem as vozes, que contém todas elas, de onde partem e aonde voltam, o lugar onde é impossível escutá-las, o lugar das suas mais imperceptíveis ligações e consonâncias, sua harmonia total e por isso voz em si, ela própria, a mais poderosa e única, que abrange todas as demais, todas, mas não a si mesma. Abrangendo em si toda a vida e todavia distanciada de qualquer vida – seria essa a voz da morte? Já seria ela? Seria ela, ou era ainda maior o que se escondia? O poeta escutou em direção ao inescutável, escutava com toda a força e intensidade de que sua vontade conseguia tornar-se capaz; mas acima dos mares do silêncio, acima das veladas paisagens do som primordial, dissipada no começo e no fim originários, sob o silente céu sonoro do conhecimento primevo, pairava apenas uma aura evaporada, encerrada pelo olvido, encerrando coisas olvidadas, o mais fino orvalho, cujo hálito se elevava das descoloridas pradarias sonoras da transparência, dos seus campos mudamente sonoros, a imagem da voz do garoto, só ela presente, só ela ainda reveladora, mas, na verdade, já se velando a si mesma, um eco terreno, já não palavra, já não verso, nem cor nem ausência de cor, nem diafaneidade, mas somente um sorriso, a imagem do outrora, a imagem de um sorriso. Nomes? Versos? Fora aquilo um poema, fora a *Eneida*? Enquanto sumia, resplandecia uma vez mais no nome – Enéias? –, como se nele estivesse contido o pressentimento do grande e' bondoso mandado, perdido para sempre, mas nada disso podia encontrar-se: todo o vivido, todo o criado, todo o vasto curso da vida passada com todos os seus conteúdos, tudo isso tornava-se vago, ficava apagado; ele já não achava em sua memória nem anos nem dias nem tempo algum, não achava nada do que conhecera; escutava adentro de suas recordações, e sua escuta percebia apenas um vítreo caos, o qual, muito embora ainda terreno, já se desprendera dos tempos da terra,

isento das reminiscências terrenas, brotado do intemporal, estendendo-se pelo intemporal, caos de formas vítreas, febris formas de canto; e quanto mais sua memória andava em busca da *Eneida*, tanto mais depressa, sem deixar vestígios, esta se dissolvia, canto por canto, na sonora teia do fulgor: seria isso retorno à origem do poema? Dispersava-se o que, por seu teor, seria capaz de ser relembrado; tudo quanto o poema pudera cantar, viagens marítimas e praias ensolaradas, guerras e fragor de armas, sina dos deuses e idades das órbitas estelares, isso e muita coisa mais, escrita e não escrita, caía, destacava-se, o poema despojara-se disso como de um vestido desnecessário e voltava à nudez sem véu, que precedera seu nascimento, à sonora invisibilidade, da qual provém toda a poesia, novamente acolhido pela forma pura, nela encontrando-se a si mesmo, qual eco de si próprio, parecendo-se com a alma, que na sua concha cristalina ressoa para si. Fora rejeitado e todavia conservado tudo o que era supérfluo, tornara-se duradouro numa forma indissolúvel, cuja pureza não admite nenhum olvido e presta característicos de eternidade até ao que há de mais perecível. Já não existiam poema e língua, mas sua alma comum continuava existindo, sobrevivia no cristalino espelho de si mesma; a alma humana jazia morta na mais profunda desmemória, mas a língua de sua alma estava viva, sobrevivia na melódica clareza de sua forma; alma e língua, separadas uma da outra, porém entrelaçando-se e espelhando-se mutuamente... Não recebiam elas aquela luz refletida do inacessível abismo, de onde tudo procede e ao qual tudo retorna? Não estavam ambas, cada qual encerrada em si, incluídas nessa voz da pátria, que uma e outra vez rompe a qualquer barreira, porque, ressoando longe de todas as fronteiras, anuncia a meta, o encorajamento, o apoio, o consolo? Ú voz do outrora no devir e no perecer, meiga voz do berço, que ressoara em tempos remotos, envolvendo e desvendando mundos, voz astral da noite do berço, suave canto que se mescla ao canto da unidade!

–Estou sozinho – disse ele –, ninguém morreu por mim, ninguém morre comigo; esperei pela ajuda, lutei por obtê-la, supliquei-a e não a recebi.

– Ainda não e todavia já – chegou a resposta do seu próprio peito, numa voz de sonho, tão branda que dificilmente podia ser a do garoto, senão antes a da noite e de todas as noites, a voz do espaço argênteo, que é a solidão noturna, da abóbada da noite, inúmeras vezes contemplada e

nunca perscrutada, cujas paredes o poeta apalpara inúmeras vezes e que agora se convertera em voz.

– Ainda não e todavia já... – benigna e altiva, sedutora e imperativa, resplandecente na noite e profundamente oculta, a palavra e a alma, ambas com seu som espontâneo, a unidade entre língua e humanidade; e era como um adeus ao passado juvenil, desprovido de idade, comum a tudo o que é terreno, e no entanto já era uma saudação de um torrão natal de infinita perenidade; ora, até a pedra tornara-se transparente, e as lajes sepulcrais ficavam tão diáfanas como se fossem ao mesmo tempo cristal e éter. Assim passava ele através (não! não passava, senão subitamente se encontrava no centro) da abóbada do sonho, que se resumia a radiante vocalismo; mantinha-se em meio à radiante ausência de solo, à radiante ausência de paredes, à radiante ausência de teto, na abóbada da radiante transparência, e enxergando no invisível, não se via a si próprio; viera a ser diáfano. Sem ter dado nenhum passo, sim, sem ter esboçado a menor tentativa de iniciar um movimento qualquer, acabava de avançar, sem, na verdade, atravessar coisa alguma, ainda se achava no adro da realidade que o rodeava, ainda não abandonara a esfera da terra, ainda se tratava de um sonho terreno, e como num sonho dentro de outro sonho, sabia ele do caráter onírico do que lhe acontecia; era um sonho ao limite do sonho. Pois, muito embora, na incessantemente incrementada claridade da radiante transparência, nada recordasse já o anterior atrôo das coisas, muito embora nada despontasse que fosse material ou humano ou animal, sim, muito embora a própria lembrança daquilo já não pudesse ser localizada, submersa que estava pelo luminoso sonido das inaudíveis ondas da mudez, sabia ele mesmo assim que ainda não se afastara do emaranhamento inelutável do estrondo das vozes, só que as vozes, as coisas, as criaturas, só que plantas, animais, homens se haviam convertido, todos eles, em essencialidades totalmente inconcebíveis, numa estrutura de claridade, na qual ainda fulguravam nomes, quais estrelas, e logo se apagavam: ele se encontrava em domínios nos quais apenas valiam os números, as categorias, as relações do terrestre, apenas, por assim dizer, os conhecimentos que provinham daquelas formações do ser e da sua antiga configuração; e era acontecer e conhecer e ver e expressar numa única percepção luminosa, era a incompreensível nudez da multiplicidade da criação, despojada de seu conteúdo e todavia completa, era a totalidade de qualquer acontecer real ou possível, miríades de vezes individualizada, porém indistinguível, era a

significativa ausência de conteúdo, transmudada em forma pura, em desnudez de forma, que já não passava de cristalina claridade, fulgência impenetravelmente diáfana, inexistente no existente, sem origem. Eram os domínios do infinito em si. As sendas dos milhões de anos mostravam-se como feixes de raios inteiramente desprovidos de rumo, traziam o infinito e levavam o finito à mais extrema eternidade; o criado e o não criado tinham o mesmo peso; cruzavam-se o bem e o mal com igual insistência na mesma força radial, e não ofereciam saída nem a cegueira vidente nem a surdez escutadora do sonho; não tinham saída a abóbada do sonho e o brilho do sonho, que, avessos a toda decisão, não deixavam livre nenhum caminho que conduzisse ao bem, sem orlas, sem ribeiras, mera flutuação. E o argênteo assesto dos raios do sonho – acerta ele na alma, acerta no deus? Oh, o sonho, por mais terreno que seja, ocorre para lá da humanidade terrena, e o homem sonhador perdeu seu nascimento humano, sua criação humana, vive desde os primórdios sem pai nem mãe: acha-se na abóbada pré-materna do destino puro, na abóbada da derradeira fatalidade. Ninguém ri no sonho, ninguém ri onde não haja saída; não se pode rebentar o sonho. Oh, quem ousaria rir, quando já emudeceu a própria rebeldia?! Não era possível insurgir-se contra o sonho, havia tão-somente vinculação e aceitação, vinculação com as ocorrências dos sonhos. E entretecido na moita dos raios, entretecido nas ramificações interna e externa dos sonhos, fundido numa só coisa com cada ponto do sonho, com cada raio cristalino da diafaneidade dos miríades, diáfano ele mesmo, apátrida e desarraigado ele mesmo, sonhador órfão desde os primórdios, ele mesmo acontecer e saber numa s6 pessoa, acontecendo a si mesmo no sonho, sabendo em si do sonho, ele mesmo sonho – o poeta falou, falou a partir de um peito que já não era peito, falou com uma boca que já cessara de ser boca, falou com um alento que deixara de ser alento, pronunciou palavras que já não eram palavras, e disse:

– Destino, tu precedes todos os deuses;
pré-preparado foste, antes de toda a criação,
és a nudez do começo primevo, fiel apenas
a ti mesmo, forma fria, que penetra tudo,
criação e criador ao mesmo tempo;
unindo acontecer e saber e interpretar,
tua desnudez penetra o deus e o homem;
tu dás ordens no que foi criado,

e enquanto o fazias, o deus liberou-se da própria
inexistência e se tornou pai,
chamando os nomes da luz a partir da mudez,
a partir do seio da mãe primordialmente noturna,
chamando o indistinguível à esfera do nominável,
o informe à do formado.
Eis que se fez linguagem o primevo silêncio,
e cantando o fragor primigênio, as esferas
cantam a tua palavra.
Mas, no sonho, ó destino, a recuperas
e a mandas retornar, calada, à nudez;
terrível, ocultas tudo, no teu despojamento,
e, qual floco de cristal, desce o deus,
dissolvido em raios, à vazia abóbada do sonho.

Resplandecendo, imóvel, a abóbada do sonho acolhia as mudas palavras, refletindo-as silenciosamente e levando-as à zona sem eco da última luz; e era como se elas mesmas houvessem sido eco da irradiação. E logo ele prosseguiu falando:

– Ó destino, que impregnas o sonho, frio como o sonho,
tu te revelas no sonho e o elevas à grandeza
do outrora, no qual repousa a realidade,
tu o tornas vaso da criação, ativo por ti e
intemporal contigo; pois, desconheces o antes e o depois,
realidade que és ...
Fluindo, adeja o teu acontecer, ó forma primeva,
adeja, ramificado e prenhe de essência,
entre as nuvens relampejantes de poderosa e muda unidade,
entre a noite e a luz da criação por ti coagida a criar;
tu, porém, transformas-te de uma em outra, com as sinuosas
correntes
de teu adejo; queres fluir rumo à luz –
hás de consegui-lo? -, mas somente onde
a multiplicidade de tua flutuação com meta certa se cruza,
corrente ajustada a corrente, somente ali
alcanças a calma,
unidos reciprocamente coisa e nome da verdade do mundo,
chamados à unidade, para que te espelhem;

cunhada pelo destino o arquétipo do ser,
o arquétipo da verdade.
Forma do sonho nasce de forma do sonho,
cruzada e desdobrada,
no sonho tu és eu, és meu conhecimento, nasceste
junto comigo, como anjo não nascido,
longe do acaso, luminosa figura universal
de ser e da ordem do perceptivo devir,
figura de mim mesmo, saber meu.
Destino, isento dos deuses, que aniquilas os deuses,
realidade sem fim, sem fim estou contigo, .
um mortal, a aniquilar os deuses no sonho, porque
representando-me em ti, adejando sob teus raios,
encerrado na infância, eu mesmo sou o espaço dos deuses.

Seria esse o último espaço? O último descanso? Não se movia também este ainda? Não cumpria a ele, ao poeta, impeli-lo para a frente? Tratou de dar um passo, tratou de levantar os braços, tratou de comunicar-se a si próprio com o espaço de raios, que era ele mesmo, tratou de fazê-lo com muita vontade e grande esforço, e posto que a vítrea diafaneidade, na qual sumira a sua essência, não admitisse movimento algum, conseguiu realizar seu intento: um tremor longínquo como um sonho percorreu-lhe o corpo, ah, era apenas o pressentimento de um tremor, porém, ao mesmo tempo - não poderia acontecer de modo diferente! - era como que a vibração da abóbada dos sonhos, um vaivém de flutuações, como se o tremor atravessasse as sendas imóveis pelas quais deslizavam os raios, como se passasse por suas encruzilhadas, por suas direções e não-direções, por seu fulgor, que pode ou não ser expressado, como se se tratasse de um derradeiro e primeiro abalo, mal perceptível, contudo intuído, sopro exalado por um matiz, quase sem sopro, e todavia recordação do mundo terrestre. Então voltou a falar:

– Ó inelutável! Subi até ti ou
caí no teu abismo?
Abismo da forma,
abismo das regiões superiores e inferiores, abismo do sonho
Ninguém consegue rir no sonho, mas tampouco
morrer; vê: tão extremamente próximo
da morte permanece o riso; vê:

tão distantes conservam-se ambos do
destino, ao qual morte alguma, por ser apenas
pura forma, ensinou o riso...
Ó destino, ilusão de ti próprio!
Mas eu, mortal, eu, familiar com a morte,
coagido pela morte a rir-me, eu me rebelo
e não te creio. Cegado pelo sonho
e vidente pelo sonho, sei da tua morte,
sei do limite que te foi fixado,
limite do sonho, que tu negas.
Tu mesmo o conheces? Tu mesmo o queres assim?
Pode teu mando suspender tua ação? Ou obedece
ela a uma vontade ainda mais forte? Mantém-se
atrás de ti, maior do que tu, mais inelutável ainda,
mais insondável ainda, outro destino e mais adiante
e sempre mais adiante destinos e mais destinos,
formas vazias e mais formas vazias, todos enfileirados,
o nada jamais atingível, a morte fecunda,
à qual unicamente o acaso corresponde?
Toda a lei torna-se acaso, queda no abismo,
também tu, ó destino, és acaso e rumo ao acaso arrasta-te
o acaso
do fim, que delira nos teus domínios;
bruscamente cessa a crescença, e a ramaria do conhecimento,
ramo brotado de ramo, subitamente se desintegra,
fazendo-se linguagem aniquilada, isolada na coisa,
isolada na palavra, desfeita a ordem,
desfeitas a verdade, a comunhão, a unidade,
hirtas em estado incompleto, hirtas no emaranhamento
do ser pseudo-real.
Tu produzes obras imperfeitas, toleras o acaso,
deves suportar a desgraça, a obra incompleta, a ilusão, e
irrealizado tu mesmo, jamais infinita a hirta forma, destino
do destino, morres
do mal, ainda encerrado no cristal comigo.

Não era ele quem falava, falava o sonho; não era ele quem pensava, pensava o sonho; não era ele quem sonhava, sonhava a abóbada do

destino, resplandecente no sonho, sonhava o inacessível, a intransponível abóbada da hirta luz, petrificada e petrificando pela ação do mal; e a mesma abóbada, confluindo, imóvel, com as cristalinas cascatas da luz, era também a da sua alma inacessível. Sem alento a luz, sem alento o círculo da desgraça, prenhe de salvação, sem alento o alento.

E sem alento, o sonho prosseguia falando:

- Ó forma, mesmo sendo forma primigênia, mortal para
o mortal,
mortal para o deus, pois morres na irrealidade,
mortal pelo emaranhamento da unidade fictícia,
perdida sem salvação! Ainda que o incompleto, mentindo,
afirme ser completo, ainda que queira, fugindo, retornar ao
seio materno da noite primordial de outrora,
ainda que se proclame a si mesmo e pretenda ser o todo,
arrogando-se a dignidade do pai que convoca,
nada te salva, ó destino, de recaíres no nada;
ébrio de teu próprio destino, giras vazio sobre ti mesmo,
e os mundos, fixa e irresistível sua vazia órbita ao redor da
beleza,
inebriaram-se de ti, inebriaram-se da morte,
pois a criação é mais do que forma, criação é discernimento,
é separação do mal e do bem; oh, somente a capacidade de
discernir
é realmente imortal.
Chamaste tu, que és apenas forma, o deus e o homem à
presença da verdade,
para que ela em teu lugar, incumbida do discernimento,
estabeleça para sempre a forma do mundo?
Obrigaste-me a fazer isso e com tal finalidade me encaixaste
na criação?
És insuficiente, és instrumento do mal,
trazes perdição, és a própria perdição, à qual sucumbes;
oh, o divino tornou-se cansado, e o humano permaneceu
débil ...
ambos, tua obra, são fortuitos como tu
dentro do destino maior, e o Evocado,
já pura forma como tu também e desprovido de nome,

permanece inacessível, não se volta, deixou de ouvir
todos os chamados no sonho que se esvai.

Sim, evocação alguma podia alcançar àquele; mudez cercava a própria mudez do poeta; nada lhe dirigia a voz, e ele mesmo já não podia invocar nada. Porém, cintilantemente impenetrável, imóvel e imensa, estendia-se a seu redor a tonalidade do sonho, fulgurante de uma maldição que subjugava os deuses, inelutável, abrangendo tudo, anulando a criação; entrelaçados mutuamente o bem e o mal, inúmeras as encruzilhadas, infinitas as sendas dos raios, sobrenatural a luz, e todavia mantendo-se no calculável, todavia finita, todavia terrena, destinada a perecer. .. Desvanecia-se o sonho? E com este, que sumia, desvanecia-se também o que sonhava? Nada era recordado e todavia era tudo recordação, imersa na luz da indistinção, luz impiamente fatal, bela sem sombras, luz do incomensurável espaço lindeiro, imersa, com a profundeza da memória, no jogo das raias do destino cambiante, imóvel, cujas fronteiras contudo podem ser atravessadas, deverão ser atravessadas, logo que se esgotar o jogo, sondado até o mais remoto fundo da sua multiplicidade, calculadas suas individualizações e cruzas, bebida até à última gota a unidade compósita de bem e mal, ah, sim! bebida até à última gota a perdição, exaurida a forma do destino, morta em morta reminiscência, que já não se lembra de si mesma! Ó recordação, ó extinção da luz e do canto das esferas, ó interminável fileira dos mundos, órbita da seqüência do destino no extinguir-se e reacender-se da terra, pré-intentos e mais pré-intentos da criação, sempre repetidos e coagidos a se reiterarem, até que o mal seja enxotado da luz e a hirta incriação fique eliminada do que se cria a si próprio, para que – o céu novamente abobadado tornou-se certeza! – mais uma vez se manifeste certeza, reluza certeza, elevado o rosto humano até aos limites das esferas, elevado até ao invisível jogo das linhas das estrelas, elevado até ao semblante frio, pétreo dos astros no firmamento. E como se as imagens estelares dos mundos interior e exterior, sumidas na mudez dos raios em face do excessivo esplendor, tivessem ainda conservado um resto de alento, como se elas, as inconjuráveis, ainda possuíssem um restinho da mais obscura força luminosa, como se a lira do céu e do coração pudesse ressoar mais uma vez, como se o existente ainda não estivesse inteiramente convertido em cristal e seu equilíbrio ainda não obtido totalmente, como se a balança do universo ainda não tivesse alcançado a quietude completa, de modo que ainda havia saber, podia ainda havê-lo, o saber do cristal acerca

de si mesmo, o saber do sonho acerca de si mesmo, o saber acerca do futuro e do definitivo, do que sempre existiu, do que jamais foi conseguido, revelado, com som de prata, a partir da mais oculta recordação que o universo tem de si próprio, recordação essa na qual descansa a cristalina linguagem do sonho, pré-eco de um som futuro, algo falava neste momento assim numa derradeira mudez:

– Quando, oh, quando?
Quando houve a criação liberta de formas?
Quando, oh, quando sem destino?
E ela era sem sonho, não era nem vigília nem sono,
era apenas um instante, um canto, única
a voz, inconjurável a sorridente chamada...
Havia outrora o menino;
era uma vez a criação, uma vez será ela,
redimido do acaso o milagre.

Queria o círculo do céu voltar a fulgurar na abóbada do sonho, carregando a constelação do Cruzeiro no centro da esplendorosa noite, portado pelo brilhante escudo? Queria ele tornar a luzir na pompa da realidade de um ato criador novamente criado? Anunciara-se isso como expectativa, como expectativa já estava presente, mas ainda não se manifestava. Pois, acima das mudas vozes luminosas do sonho estendera-se milagrosamente um silêncio ainda mais profundo, e esse silêncio se fez espera, era a espera, silenciosa e prodigiosa em si mesma, espera que, como uma segunda e mais rica forma, cingia a radiosa forma da nudez do destino, a qual imovelmente prosseguia cintilando como uma segunda aclaração da luz, como se a espera já fosse incremento de riqueza, embora ainda se pudesse e até se devesse prever um enriquecimento mais intenso, uma irradiação mais forte, talvez até mesmo uma segunda e mais forte infinitude, a fim de que nela novamente resplandecesse e se irradiasse o divino, para sempre, anulando a perdição. Era uma espera sem direção, desprovida de rumo, tal e qual a irradiação, e todavia dirigia-se ao que esperava, dirigia-se ao que sonhava, era como que uma exortação dirigida a ele, para que, fazendo um derradeiro esforço, um derradeiro esforço criador, se colocasse fora do sonho, fora do destino, fora do acaso, fora da forma, fora de si próprio. De onde provinha essa exortação cheia de expectativa? De que região forânea, de que universo sem direção descera ela - totalidade desprovida de rumo - à inteireza da abóbada do sonho? Participando ela

mesma da força do sonho, não era nenhum apelo nem algo que viesse de determinado lugar e de lá o alcançasse; apenas acabava de impregná-lo subitamente, assim como impregnara o sonho, fundida como esplendor no esplendor, transparência na transparência; não chamava ao sonho para que ele voltasse à verdade, nem chamava à multiplicidade de direções ao rumo inequívoco; não era em absoluto nem retorno nem perda da criação, nem tampouco novo estreitamento; não, embora superando o sonho e incitando-o à nova superação, mantinha-se no sonho, mandava que ele ali se conservasse, era exortação a chegar, através do saber do sonho, a novo saber; estava lá, jamais enxergada, porém reconhecida e entendida quanto a seu mandamento comunicado no sonho. E ele, o poeta, abrangido pelo sonho e abrangendo o sonho em si, sua própria transparência entretecida na do sonho, elevava-se ao imenso esforço divino que dele se exigia, e numa última penetração do limite do sonho, numa última fraturação de qualquer imagem e qualquer depoimento, numa derradeira ruptura da recordação, o sonho crescia com ele acima de si mesmo; seu pensamento tornava-se maior que a forma do pensamento, e enquanto isso se realizava, convertia-se em segunda infinitude, que abarcava a primeira e era abarcada por esta, convertia-se na lei, na qual se forma o cristal, tornava-se lei da música, proferida no cristal, proferida na música, mas, elevado acima dessa esfera, expressava a música do cristal; era a segunda recordação, recordação sem memória do tempo universal, vivência total, que, aterrorizada pelo mundo, aterrorizada pela forma, dissolveu-se em segunda forma, era a segunda linguagem do homem, predestinada à eternidade, se bem que ainda não fosse o próprio eterno, o irrecuperável na recuperação; e no céu reaberto, outra vez abobadado, circulavam novamente os astros, circulavam de acordo com a lei de seu ser, no imperecível de sua perecibilidade, isentos do acaso como prodígios sempiternos, como a fria, imortal música da noite, suavemente assoprados pela aura ternamente dura da lua, deslizando imóveis, umedecidos, parados, pela Via Láctea, o sonoro espaço de prata, encerrado pelo ultra-inconcebível, porém encerrando em si o ultra-inconcebível de toda a humanidade, o retorno, o segundo retorno do sonho ...

…Ó retorno! Ó retorno daquele que já não carece ser hóspede! Irrecuperável é o sorriso que outrora nos rodeava, irrecuperável o sorridente abraço, a plenitude existencial do despertar e do ainda-não-estar-acordado, já aclarada e todavia escura; irrecuperável é a brandura, na qual afundamos

nosso rosto, para que nossa visão não se transmude em acaso; oh, tudo era nosso, porque tudo nos fora dado de novo; para nós, nada era acaso, nada transitório, pois, imperecedouro, isento de duração, vigorava o tempo universal; oh, esse tempo universal, no qual para os olhos mudos da criança nada existia que fosse mudo e tudo se apresentava como nova criação ...

... Ó retorno! Ó música dos mundos interior e exterior!

Ela permaneceu imersa em nós, como um saber d'antanho, elevou-nos a seu ser maior, e nós, imersos nela, maiores do que nós mesmos, encontramo-la mais além do acaso; ó música das regiões interior e exterior! Somente aquilo que fica guardado em nosso eu é maior do que nós, é imortal, é liberto do acaso, em harmonia com a voz das esferas, mas o que não trazemos em nós é acaso para nós e acaso permanece, é mortal para nós, jamais será maior do que nós, jamais nos encerrará ...

…Ó retorno! Tudo fica abarcado pela criança, tudo se lhe torna música, tudo imortal, tudo grandeza da plenitude, constantemente envolvendo a criança no sorriso e impregnando-a dele, já que ela se pode refugiar no seu abraço, os olhos fixos nos olhos; o universo em tudo; oh, isso fica irrecuperável para nós, pois irrecuperável fica tudo no crescimento vazio! E por mais que cresçamos, tanto que nossos braços se ramifiquem, quais rios, estendido nosso corpo por sobre terras e oceanos até aos limites do mundo, a lua em nossos cabelos, nós mesmos espaço, nós mesmos a redoma estrelada da noite, a fulgurante abóbada do sonho, sem fim, sem fim, uma única irradiação, ainda assim permanecemos fora de nós mesmos, continuamos enxotados, noite alguma nos abraça, manhã alguma nos abraçará, porque estamos confinados, sem fuga e sem lugar aonde fugir, sem entrega sequer a nós mesmos, porque nossos braços nada atraíram aos nossos corações...

…Ó retorno! Retorno ao ultra-inconcebível. que deverá ser-nos dado de presente, quando novamente nos tornarmos capazes de buscar refúgio nele; oh, esse ultra-inconcebível que procuramos no próprio sonho, porque até o destino, nosso destino, sonhadoramente se nos torna concebível no sonho, transitório o sonho, transitório o destino, ambos acaso, de modo que nós, confinados até nos sonhos, confinados pela transitoriedade, confinados pelo acaso, confinados pela morte, tentamos, sim, escapar à morte e todavia temos medo à fuga c até a rejeitamos, assustados, espavoridos em face da sua inacessibilidade; oh, mortal é o que há em nós de fortuito e não fica encerrado por nós, nem nos encerra, dele só

captamos a morte; deveras, unicamente no acaso se nos revela a morte, mas nós, que não nos encerramos a nós mesmos, nem por nós mesmos ficamos encerrados; conduzimos a morte dentro de nós, acompanhados só por ela, que se mantém a nosso lado sob a forma do acaso...

…Ó retorno! Retorno ao divino, retorno ao humano! Para nós, é mortal o nosso semelhante, cujo destino não assumimos, ao qual não prestamos ajuda, o homem não amado, que não encerramos em nós e assim tornamos incapaz de abraçar-nos, encerrando-nos no seu ser; oh, para nós, não é divino, e não divinos somos com ele, a tal ponto acaso com outro acaso que mal e mal sabemos se aquele que aparece diante de nós como ente vivo, que passa por nós, que cambaleia à nossa frente e dobra a mais próxima esquina, se este, criatura do destino como qualquer outro, criatura do destino como nós, já não faleceu há muito tempo ou talvez ainda não tenha nascido...

…Ó retorno! Ó Plócia!...

…Ó retorno! Ó irrecuperável retorno; mortais somos com o mortal, mortais somos para nós mesmos, nós, que não assumimos destino algum, nós, que, desse modo, tornamo-nos acaso; inevitavelmente, os nossos acontecer e ser e conhecer estão vinculados com a mera forma do destino; mortais somos em meio à imortalidade, mortais sob a música das estrelas, mortais por culpa, desgarrados no caos das vozes, rodeados pela luz mudamente atroadora da indistinção, condenados à morte do sonho, condenados a uma morte de crescente crueldade, que já não esconde em si nada que seja imortal...

…Ó retorno! Repouso e escuta na infinda extensão dos campos saturninos, na saturnina paisagem do mundo e da alma, na dourada paz pátria da eterna terrenalidade, escudado contra Jano, posto que se trate de uma dupla escuta, dirigida para cima e para baixo, dando ouvidos aos nomes das coisas que Saturno extraiu tanto das profundezas do céu como das da terra, duplo repouso duplamente vinculado, escudado contra a letal crueldade da discórdia e da guerra, escudado contra a destruição, embora a escuta seja ao mesmo tempo olvido, olvido dos nomes, olvido em virtude de sua familiaridade...

…Ó retorno! Quem tiver o direito de retornar ao país natal voltará à criação, voltará ao lugar onde, atrás da fluente divisa do início e do fim, mais além de tudo o que for concebível e inconcebível, possa pressupor o último estatuto; fugirá da indistinção, na qual o bem e o mal, petrificados,

tornaram-se mera forma do destino; ocultará seu rosto na familiaridade ultra-inconcebível, de cuja voz suave e severa procede a sentença do juiz, impondo-se ao destino e anterior a ele, mais uma vez libertando da forma o ser e demarcando-o à direita e à esquerda...

…Ó retorno! Ó libertação da dor na dor, o milagre da imortalidade! Oh, podemos tocá-lo, poderemos – talvez só pela duração de um latejo do nosso coração. do coração que acolhe o milagre – conceber para sempre num pressentimento o inconcebível, se nosso destino, encerrando e encerrado, assumir o de outrem, maior então e ampliado pela entrega, refugiado e no entanto guardando em si ao outro, se com o milagre do segundo eu, que levamos através dos incêndios, nos for concedida a segunda filiação, transmudada e pertencente ao pai, conhecimento, percebendo e percebido, acaso convertido em milagre, já que abrangeu todo o conhecimento, todo o acontecer, toda a existência, superação do destino; ainda não e todavia já; ó milagre, ó música tão rediviva dos mundos interior e exterior, semblante aberto das esferas, ó amor!...

...Ó retorno! Pois, amar é distinguir! Ó retorno para a eternidade! Pois, amor é disposição criadora...

...: e distinguir era o ato de conhecer que assim fluía até ele das regiões visíveis-invisíveis, nascido do sonho e todavia procriando-se a si mesmo, igual ao acontecer e todavia imóvel, um conhecer sem linguagem nem palavra, último esforço do sonho, que se desperta a si próprio e percebe seus limites, o contínuo retorno do sonho ao próprio nascimento, encerrado nas trevas dele e, não obstante, ainda cingindo as trevas com a grandeza de seus raios. O conhecer não estava dentro dele, provinha, cristalino, do invisível cristal da estrutura; era o cristal do sonho. Conhecem assim os gênios, conhecem assim os anjos, quando eles, mensageiros à escuta, inatos à criação, adejando nela sem terem nascido, ouvem o mando divino? Adejava ele, o poeta, ao lado deles fora da divisa do sonho, adejava no sonho, adejava com eles na recordação? O imenso esforço de destroçar o sonho, de destroçar o destino não cessava, pelo contrário, crescia, ficava cada vez mais insistente, cada vez mais dirigido à sua meta, cada vez mais orientado em direção ao conhecimento, e quanto mais crescia, mais plena se tornava a visibilidade do sonho, mais se entretecia sua irradiação ilimitada com toda a passada existência terrena de um saber recordado e pré-recordado, que, reconhecível no seu conteúdo, apesar de todas as alterações de formas, entrava, qual segundo sonho, na abóbada do primeiro, colava-se

à abóbada e enriquecia-a, trazendo imagens e mais imagens, desdobrando paisagens por sobre paisagens, presente aqui como outrora estivera presente sob a forma da onírica existência da primeira infância, diáfana pela profundeza da memória, circundada de águas e grinaldas, estendendo-se por cima dela fulgurantes camadas e mais camadas dos céus não avistados, mudez e música unidas no cristal, sempre vividas, jamais relembradas, sempre percebidas, nunca compreendidas. E nesse instante, entregue ao acontecer da imagem, ouvia o poeta o coração do sonho, suavemente ao começo, a seguir mais e mais nitidamente, ouvia o pulsar do coração do sonho. Pois, na recordação que subia até ele ou na qual imergia, sem poder distinguir o rumo na imobilidade do acontecer, nessa irradiação que brotava e sugava, nesse encontro flutuante de coisas imóveis que se confundiam, estava contido, não menos imóvel e plástico, tudo quanto ele jamais procurara em linguagem ou poesia, e no entanto ficava novamente apagado em prol do conhecimento, aniquilada qualquer linguagem, aniquilado qualquer poema, de modo que somente o último abismo do sonho aquilo transparecia com suas raízes, como se fosse a derradeira forma do destino dentro da inelutável multiplicidade de formas, como se fosse a forma de todas as formas dentro da radiosa inelutabilidade, que entrecruzada e enredada, fluente e petrificada, porém estendida, com infinita ilimitação, sob qualquer aparência, em cada configuração, por sobre as luminosas paragens do sonho, abrira-se magicamente desde a profundeza do sonho para gerá-lo: ah, essa era a profundeza que, flutuando, subia ao coração, que nela adejava, sim, lançando raios em sua direção e com eles penetrando-a, ambos entretecidos pela irradiação no mais inefável conhecimento; essa profundeza era o coração do sonho, incorporada, palpitante, vertida no coração humano, para formar uma unidade cristalina, absoluta, e parecia ao poeta que na trêmula, luminosa pulsação, à qual se abaixava, que subia até ele, fosse começar a reconversão do destino, que a partir dali, a partir dessa derradeira raiz abismal, se devesse realizar mais uma vez a transmutação da forma em conteúdo eterno: o despertar. Ó tortura de sair do sono num despertar sonhado, também esse dependente do destino, encerrado nos confins do sonho, que se apresenta em meio à própria percepção, porém já ultrapassa a divisa do sonho, já é separação, porque o coração, logo que começa a pulsar, reclama abertura, e aprestando-se para entrar na realidade, tremula diante das fronteiras e bate à sua porta...

...portanto, o amor é perseverante prontidão; tudo nele é paciente perseverança; portanto, amar é disposição criadora: ainda não e todavia já... nesse limiar encontra-se o amor, encontra-se no adro da realidade, lá onde a porta deverá descerrar-se, para que a fronteira aberta possa ser transposta pelo mortal, aberta ao despertar, aberta ao renascer, aberta à linguagem da ressurreição, ressuscitada, ressuscitante, nunca ouvida, sempre almejada, em última, salvadora consumação, aberta à definitiva sentença, que há de ressoar fora de qualquer vida onírica, fora do mundo, fora do' espaço, fora do tempo; oh, na frente de tal renovamento da criação encontra-se o amor, ele mesmo ainda mantido no crepúsculo, ele mesmo ainda à escuta, porém já ajuda que desperta, despertar que principia...

...e mais além de si mesmo, igual ao latejo do coração, tremulava a luz da abóbada do sonho, tremulava a própria abóbada, tremulava na infinita plenitude vocal de sua fulgurante totalidade, nas suas individualizações, suas uniões, seus entrelaçamentos, na imensidão das suas órbitas radiosas e de seus caminhos iluminados, e as cúpulas astrais tremulavam com ela; totalidade do sonho, que se aspirava e expirava, à espera o alento, à espera o sonho no abismo de seu coração, à espera o vaso cristalino das esferas. Conseguirão a nova linguagem, a nova palavra, a nova voz desprender-se de tal alento? Abrir-se-ão elas, tornando-se fonte das vozes no começo e no fim dos tempos, descobrindo o ponto de interseção, a meta de todos os caminhos na infinitude abismal do sonho? Ressoará, oh, ressoará do sonho aquele acorde do eco da unidade dos mundos, acorde da ordem dos mundos, do conhecimento universal dos mundos, acorde que tornará a soar para si mesmo, que será a última solução da tarefa dos mundos, abrangido pela totalidade das vozes e abrangendo a ela? Isso não passava por enquanto de um simples pressentimento, pouco mais que um pressentimento, um intuitivo alçamento do coração, desde as raízes do sonho, porém já uma condução até às mais remotas lonjuras do sonho, retendo as Vozes, libertando as vozes no trêmulo hálito luminoso do acontecer; terrestre prosseguia sendo o latejo do coração, mas supra-terrestre já era na sua expectativa; terrestre prosseguia sendo como instrumento no sonho do poder do destino, que traz em si, sem discriminação, a desgraça, o mal, o acaso, a morte, mas supra-terrestre já era em virtude da disposição a obedecer ao mando, supra-terrestre pela disposição a despertar. Deveras, essa disposição a despertar ficava mais próxima do não-terrestre do que nenhuma outra, mais próxima até do que a

disposição a morrer, que, junto com a morte, conserva-se ligada ao terrestre, impregnada de amor ao próprio eu e de amor à glória, de ebriedade e de ódio; realmente, ficava mais próxima da revelação da morte, mais próxima dela do que sua própria disposição a morrer, a cujo incessante e irresistível domínio ele subordinara sua vida, na ilusão de poder conquistar o retorno pela imolação de si mesmo, por sua morte, de lograr superar os limites e escutar as vozes por eles emitidas, sim, de lograr até imitá-las e de obtê-las para si por meio da imitação. Inimitável tinha sido essa disposição a despertar, inconquistável seu chamado despertador; inimitável, inconquistável é essa voz. Pois, ela, voz das vozes, distante de qualquer linguagem, mais poderosa que nenhuma outra, mais poderosa até que a da música, mais poderosa que todo o canto, ela, que é um latejo do coração, um único latejo, porque só assim conseguirá abranger, com a rapidez de uma pulsação, num abrir e fechar de olhos, o conhecimento do ser na sua unidade, ela, uma voz do inconcebível, expressando o inconcebível, sendo o inconcebível, inatingível à linguagem humana, inatingível ao símbolo terreno, arquétipo de todas as vozes e de todos os símbolos, graças à sua inalcançável imediação, ela só pode bastar a tal transcendência impensável, só será possível, se superar tudo quanto for terrestre, e todavia seria impossível, seria até inimaginável, se não se parecesse com a realidade terrestre; ainda que nada mais tivesse em comum com vozes terrenas, com palavras terrenas e com linguagens terrenas e mal e mal fosse símbolo terreno, somente poderia ela revelar o arquétipo da imagem, a cuja imediação não terrena se dirige, se o refletisse numa imediação terrena; imagem enfileirada atrás de outra imagem, assim conduzem nos domínios terrenos todas as cadeias de símbolos a uma imediação terrena, a um acontecer terreno, e todavia – extrema coação imposta ao homem! – deverão ser levadas mais além, deverão encontrar para todas as imediações terrenas as imediações que lhes correspondam e ainda outras superiores, além dos limites, deverão alçar o acontecer terreno acima da sua condição arraigada neste mundo, para fazer dele a repetição simbólica; e mesmo que a cadeia de símbolos corra repetidas vezes o perigo de romper-se nos limites, quebrando-se nos limites do supra-terreno, perecendo diante da resistência do inatingível, para sempre impossibilitada de continuar, para sempre desfeita, o perigo há de ficar conjurado, há de ficar conjurado constantemente; uma e outra vez, a cadeia dos símbolos voltará a cerrar-se, sempre que o inatingível se converter no atingível e descer novamente à

esfera da terra, a fim de condensar-se a si próprio em acontecer terreno, em ação terrena, a fim de apequenar-se, de evidenciar-se, de eliminar, mediante tal encarnação de si mesmo, os limites, de modo que também a cadeia do exprimível possa converter-se num subir e descer e se cerre num círculo, no círculo da verdade, no círculo eterno do símbolo, verdadeiro em cada qual das suas imagens, verdadeiro pelo sempiterno equilíbrio circular, que joga ao redor da fronteira aberta, verdadeiro no eterno intercâmbio das ações divina e humana, verdadeiro no simbolismo de ambas e no símbolo de seu reflexo recíproco, verdadeiro porque nele se renova para sempre a criação, incorporada na lei, na lei do contínuo renascimento, estabelecida para superar o acaso, a petrificação, a morte; nenhuma espécie de terrena disposição a morrer, por mais intuitiva imitação que seja do sacrifício divino, é capaz de evocar tal ação terrena do supra-terreno; unicamente a perseverante disposição a despertar tem nesse momento real validez, e o sonhador, vinculado ao sonho como o destino, irredento e como este impermeável à morte, alheio a qualquer disposição a morrer, conserva em seu sonho unicamente a disposição a despertar, só a ela permanece conscientemente aberto, nada pode enganar seu saber adquirido no sonho, o infalível saber do despertar e da sua validez universal, para a qual o sonho se descerrou no abismo das vozes da sua insondável profundeza; o sonho sabe disso pela obscura radiação do abismo, onde se encontram as raízes de seus poços luminosos, e mais ainda sabe disso o coração, tremulamente aberto à voz que já não é voz, senão ação, uma vez que desce em busca do nome, e impondo-se ao destino, na posse do nome, ordena a volta, o retorno, o regresso à terra natal... ...Ó retorno à ação, que é o amor, pois somente o ato que ajuda, servindo, é mais forte do que destino, já que dá o nome e preenche a forma vazia do destino...

...Ainda não e todavia já! E era o saber acerca do coração de uma lonjura indizivelmente amorosa, fundida no âmago do coração do sonho, era o saber acerca da confluência do igual, coração deste lado do mundo, coração do além, pulsando um no outro, interpenetrando-se nos seus latejos, a chama do símbolo divino a passar ao símbolo humano, formando uma linguagem comum, linguagem do juramento da aliança divinodivino-humanahumana, linguagem da criação permanente em oração e mais oração, subindo e descendo na imagem da criação; e era o saber acerca dessa linguagem da ação redentora, dessa linguagem de uma imolação amorosa, que paira tão alto acima de qualquer outro sacrifício humano

como a transcendência sonora da voz do universo se eleva acima do formigueiro de vozes da esfera terrestre, como a transcendência amorosa do conhecimento da totalidade plana acima de todo o amor entre seres humanos, o coração divino-humano encerrado pelo deus, encerrado pelo homem, contendo a ambos, o deus e o homem; mas era também o saber acerca daquele que – pois a voz audível na terra necessita sempre de um arauto – tenha sido designado para tornar-se portador da ação, e igual a esta, careça manter-se na dupla origem, no nascimento terreno originado de procriação não-terrena; ora, somente quem, já a partir da sua origem, permanecer isento do acaso, poderá também unir o acaso com o prodígio de uma derradeira legitimidade, a cujo poder o próprio destino ficará sujeito; somente quem, ele mesmo, proceder de domínios superiores ao destino e todavia esgotar até às fezes a perdição fatal, receberá também a graça de retransformar a desgraça em salvação, a graça de tornar-se portador da redenção; oh, a ele e unicamente a ele, ao herói de progênie divina e figura humana, caberá o privilégio de carregar o pai através dos incêndios da perdição, unicamente ele estará autorizado a salvar o progenitor, unicamente ele terá o direito de alçar sobre seus ombros a quem o gerou, carregando-o em direção aos navios e à fuga de regresso, que os leve à nova terra, à terra prometida, que sempre foi o torrão natal do pai. Ainda não e todavia já! A terra estendia-se diante do poeta, na consciência do imperioso, designante chamado paterno, que incorpora o divino ao homem, que insufla o humano ao espírito do deus; estendia-se diante dele essa terra, iluminada por raios e reflexos, estendia-se diante dele no saber acerca do portador da redenção e no saber desse portador, impregnado de humanidade; assim se estendia diante dele, e os incêndios da perdição pareciam transformados em puras chamas sacrificais, estalado o hirto, levantada a lousa sepulcral do centro, separados e purificados o bem e o mal, deus e homem ampliados rumo à criação ressuscitada, o porvir santificado no futuro em nome do pai, santificado no futuro em nome do filho, desposado futuramente ao espírito - ainda não e todavia já, a terra prometida. Seria aquilo que ele via já o conhecimento? Seria o conhecimento do sonho? Seria já o despertar? Oh! ele ainda estava deste lado da divisa, e por mais que o sonho tremulasse junto a esta, não conseguia atravessá-la; incompreensível permanecia a visão, não era conhecimento, era apenas saber, saber proveniente do sonho, recordação de sonho, remota recordação da voz do outrora, jamais ouvida, sempre presente, remotíssima recordação do país da transcendência do!'

limites, jamais visitado, sempre percorrido, longinquamente grande, longinquamente pequeno, a fonte, a foz; era a infinita aproximação à divisa, com a força da memória, mas ainda permanecia conjuro e mero tremor, palpitante, esperançoso clarão. E justamente por isso, justamente nesse saber contemplativo, nessa cegueira sumamente diáfana, que, sem ser conhecimento, já era uma forma do mesmo, uma venda diáfana diante de seus olhos, sim, justamente por isso, embora imerso nas paragens do sonho e encoberto por sua vegetação, mui subitamente o poeta se achava colocado no cume de uma montanha extraordinariamente alta, como se tivesse recebido a ordem de lançar dali uma mirada por cima das fronteiras, ele, um vidente, porém de modo algum um anunciador, posto nesse lugar e lá sustentado por suave mão de ferro, mantido num futuro, que constantemente existiu, rodeado pelo latejo de um coração que, encerrado nele, contudo o abrangia, por ser maior do que ele, respirando realidade; e transido da pulsação, lograva ele desprender seus braços da transparência do cristal e estendê-los ao alto, até às cúpulas luminosas, nas quais brilhavam estrelas e começavam a girar enormes sóis, um astro acima de todos eles; contemplava os campos do sonho, os campos dos países, que estavam predestinados a tornar-se cenário da ação, que eram cenário de sua visão, intangíveis, inacessíveis, e todavia pertencentes a ele desde os primórdios; contemplava isso, ele, preso a este lugar, fascinado pelo sonho, do qual não devia afastar-se nem desunir-se; contemplava a essa paisagem intocável, inatingível para ele, adentro da qual se prolongava com a irradiação de seu próprio sonho, com a luminosidade de seu sonho, e abrangendo com sua mirada a paisagem tanto como o sonho, via a recíproca superposição de ambos, via em meio à paisagem todas essas figuras cristalinas, todos os cubos de raios, círculos de raios, pirâmides de raios, feixes de raios, via, desdobrada ao longe, nos entrelaçamentos do sonho e nas oníricas imensidões das órbitas da luz, a paisagem rica em recordações, transparente de recordações, magicamente evocadora de recordações; sim, ela estava depositada no sonho com todas as suas fases diurnas e noturnas, alternando entre claridade e escuridão, tingindo-se de maior ou menor palidez ao duplo crepúsculo da manhã e da tarde, cheia de todas as configurações terrenas do ser, cheia do formigueiro de todas as vozes terrenas, cheia de ebriedade e de aflição e de nostalgia, cheia da criação criada e evoluída, cheia do silêncio das beiras de rios e dos trêmulos campos e dos esvaecidos cumes das montanhas, com as alturas carregadas

de solidão e as planícies carregadas de cidades, a paisagem cheia de paz e cheia de guerra, cheia do sereno esplendor de existências e moradas humanas, mas também cheia das crepitações e dos estalos dos incêndios da perdição, sem fim, sem fim, sem fim, tudo atravessável, nada acessível, fundidos mutuamente sonho e paisagem, unidos no brilho, unidos na sombra, juntos na espera, juntos na nostalgia, juntos na disposição a acordar, preparados para acolher a quem deva percorrê-los e trazer a voz do despertar. E também ele, o poeta, esperava, esperava, de braço erguido, ao lado do sonho e da paisagem, contemplava as pradarias imóveis, nas quais pastava, imóvel, o gado, escutava a mudez dos fogos que ardiam, imóveis, e nenhum vôo de pássaro singrava as tendas do éter; mais altas subiam as labaredas na imobilidade, crescia o atrôo da multidão de vozes no inquebrantável silêncio, mais e mais profunda tornava-se a nostalgia, quietos conservavam-se os sóis, e cada vez mais pesadamente golpeava o latejo do coração as paredes da infinitude nos mundos interior e exterior... Oh! quando chegaria o fim? Onde estava o fim? Quando se esvazaria a perdição até às fezes? Existia um último degrau na amplificação do silêncio? E neste instante parecia-lhe que aquele derradeiro silêncio acabava de ser atingido. Pois ele via as bocas dos homens horrivelmente escancaradas umas contra as outras; som algum escapava às secas cavidades, e nenhum deles entendia ao próximo. Haviam perdido a fala devido à sensação de culpa, sentiam-se culpados devido à perda da fala; era o último degrau do silêncio no ambiente terrestre, era o derradeiro silêncio do homem, e ao avistá-lo, também a sua própria boca desejava abrir-se, para soltar o mudo grito de horror. Mas, ainda ao avistar isso, quase antes de avistá-lo, já não o enxergava. Pois, na mais brusca escuridão desaparecera o visível, perdera-se o clarão do sonho, sumira a paisagem, tinham sumido os incêndios, sumido os homens, sumido as bocas, e era noite, sem tempo, sem mundo, sem som, a mais vazia negrura, a noite vazia, sem forma nem conteúdo; vazia e negra tornava-se a espera; até a pulsação calava, absorvida pelo vazio. As fezes da existência haviam sido alcançadas. O poeta encontrava-se diante da divisa, encontrava-se diante do limite do destino, diante do limite do acaso, encontrava-se diante da fronteira, esvaziada sua espera, esvaziada sua escuta, esvaziada sua mirada, esvaziado seu saber; mas, em meio a tal vácuo e esvaziamento, sabia que a fronteira ia abrir-se. Aquilo começou mui suavemente, quase como se não quisesse espantá-lo. Começava com aquele murmúrio que ele já ouvira em

outra ocasião, começava no seu ouvido mais Íntimo, na sua alma mais íntima, no seu coração mais íntimo, e ao mesmo tempo rodeava-o, penetrava-o, procedente das mais extremas trevas, lançando seu fluido na noite e extraindo-o dela; era o mesmo poder do som, grandioso e quieto, ao qual, naquela hora, tivera de submeter-se em contrição; como então, crescia, enchendo-o, envolvendo-o, porém já não era a harmonia de muitas vozes, já não era a harmonia de todas as manadas de vozes, não era a harmonia de toda a multiplicidade de vozes, senão, muito pelo contrário, uma única voz cada vez mais solitária, uma voz de tamanha solidão que cintilava na escuridão como uma única mas invisível estrela, resplandecendo no imperceptível, uma vez que o chamado, por mais forte e audível que ressoasse, realmente era acolhido e até absorvido na mesma magnitude pelo inaudivelmente inescrutável da infinda insondabilidade: o que se realizava acontecia fora de tudo quanto é visível e audível, fora de qualquer percepção sensível, acontecia de noite e sem embargo era de uma claridade sumamente perceptível, acontecia na privação de toda essência e mesmo assim abrangia qualquer aspecto do ser; oh, isso acontecia sob a forma do equilíbrio, acontecia segundo leis infinitamente imperceptíveis do equilíbrio, que dando sentido, dando conteúdo, dando configurações, dando nomes, abarcavam todo o ser e toda a recordação, o brônzeo estrondo do mar tanto como o argentino sussurro do outono, o golpe de pratos dos astros tanto como a cálida respiração dos rebanhos, o som de flauta da lua tanto como o orvalho nas ensolaradas sebes da infância; era uma visão no invisível, uma escuta no inaudível; e circundado pelo fluxo da escuridão, ele mesmo, circundado pelo fluxo da escuridão o equilíbrio da multidão dos mundos e da unidade dos mundos, nesse último estatuto do equilíbrio, que é, somente ele, realidade e anula o acaso, nesse símbolo sem figura de qualquer símbolo, nessa beleza esvaziada de beleza, ouvia o poeta - não, não ouvia -, enxergava a voz que produzia aquilo, e não era uma das vozes que, pertencendo ao mundo, incorporam-se na estrutura das coisas do mundo, a fim de fazer delas símbolos mútuos e tornar símbolos as palavras, não era a verdade do mundo, nem uma das suas verdades nem tampouco a totalidade delas; não! não era deste mundo, era, sim, inaudível, invisível, extra-mundana, era a causa extra-mundana do equilíbrio, era o exterior em si, a trazer toda a força e toda a amplitude do exterior, porque se trazia a si mesma, abrangendo o interior, a fim de ser abrangida por este; era o recipiente das esferas, que tudo acolhe; foi assim que ele, o poeta, ouvia a

voz, ouvia-a vendo, via-a ouvindo, essa voz, em cuja sombra de palavras moram para sempre a paz e o torrão natal, a voz da intemporalidade e da criação sempiterna, a voz do juiz do começo e do fim, a voz do equilíbrio fora do sonho, a voz do abrigo seguro; e ela era bronze e cristal e silvo de flauta, e era trovão e silêncio dominador, e era tudo e um único som, imperioso e brando, perdoando e distinguindo, um só relâmpago; oh, um ofuscamento indizivelmente suave, na quietude das coisas definitivas; oh, desse modo, a voz se revelava, ao mesmo tempo graça e juramento, revelação, sim, mas não como palavra, não como linguagem, senão como símbolo da palavra, como símbolo de qualquer linguagem, como símbolo de todas as vozes, como o arquétipo delas; superando o destino, qual sagrado apelo paterno, revelava-se na imagem sonora do ato anunciador:

- Abre os olhos ao amor!

Houvera um ato, e este se realizara em favor dele. O poeta não precisava abrir os olhos, a ternura descerrava-lhos. Não carecia aspirar, algo o aspirava. Um símbolo aparecera, mas, na imagem, a noite fora devolvida a si mesma, e no símbolo da voz, a mudez retornava à quietude, como se a quietude fosse o primeiro conteúdo com que a forma vazia devesse encher-se novamente. E graças a tal plenitude, refluía mais uma vez ao espaço terrestre a multiplicidade das direções do sonho, refluía do não-espaço ao espaço, tornava-se flutuante noite, tornava-se o próprio espaço, outra vez percorrido pelo fluxo do tempo noturno. Nada se percebia a não ser a quietude, nada mais percebia o poeta, nem dentro de si, nem fora de si; inundava-o a saturação noturna; a quietude ficava circundada pela noite. Até se apagara a chaminha do candil, como que absorvida pela obscura suavidade, para que a quietude, que enchia o universo, não fosse interrompida e perturbada pela pequena, dura ponta de luz. Também estava se extinguindo a grande palpitação do sonho, decrescia e continuava a decrescer, sumindo num murmúrio argênteo, que tinha sua origem no nenhures e no nenhures se perdia, e todavia provinha da fonte embutida na parede. Banhado em quietude, o instante esquivo entre o passado e o futuro voltava a tornar-se um grande agora, repleto de presente, e suavemente oscilava a balança do tempo, suavemente tiniam as correntes de prata de suas conchas, que, suavemente subindo, suavemente baixando, recebiam e largavam símbolo por símbolo, pesando-lhes a verdade, e sempre pesando, criavam símbolo por símbolo; e o tilintar da corrente fundia-se suavemente com o brando fluxo da existência outra vez completa, na quietude

desprovida de imagens e mesmo assim cheia delas. E a noite conduzida pela quietude, a noite que se manifestava ante seus olhos abertos, novamente ressoando o meigo e calmo som de seu sino, novamente descerrado seu olho, novamente expandido ele próprio, expandida a noite, ela, que, misteriosamente cega em face da quietude, pejada de sombras e grande e doce em sua reencontrada naturalidade, voltava a carregá-lo na sua ramaria, na sua plumagem, nos seus braços, no seu alento, ao seu peito. Ele jazia. Jazia, descansava, tinha mais uma vez o direito de descansar. Porém, justamente porque descansava, sabia também que a quietude dos acontecimentos noturnos não passava de prelúdio de outra coisa e por isso estava fadada a terminar: pois não só o espacial voltara a confundir-se com o não-espacial, mas também fluíra novamente até ele o seu corpo; corporalmente jazia então no leito, cada vez mais corporal vinha a ser o seu sentir, cada vez mais corporal o seu repouso, e nesse repouso percebia-se que a febre acabava de ceder, benfazeja e leve a onda fresca, silenciosa, de todos os fins de noites, desde que os podia recordar. E corpórea, terrena a hora da febre minguante. Também para esta noite chegava a hora avançada que corria em direção à sua beira; a noite fazia-se hora da progressiva plenitude terrena, da progressiva configuração terrena... noite terrena! Nada acontecia ainda; intacta conservava-se a escuridão noturna; apenas empalidecia a quietude, perdia sua intensidade; ficava marcada de sinais mal perceptíveis, mui incertos, e que somente notaria quem prestasse extrema atenção; a quietude parecia desdobrar-se, relaxar-se a partir das suas mais remotas bordas; rodeada de trevas, a criação, em seu doce devir, será inscrita por uma meiga e amorosa mão ria calma sem ocorrências. Nomes e mais nomes surgiam em virtude da suave evocação noturna, convertiam-se em unidade com a memória; adquiriam firmeza pela recordação, tornavam-se partícipes da criação na reminiscência. Cantava um galo ao longe? Latiam ali os cães?… Os passos das sentinelas, como que devolvidos pelo não-espaço: cumpriam ainda lá fora suas rondas ao redor do palácio; mais nitidamente murmurava a fonte da parede, como se seu jato d'água tivesse aumentado, e o retângulo da janela abarcava novamente a multidão das estrelas, em cujo centro fulgurava a cabeça do conjurador de serpentes. Despertada ao alento a quietude, cheia de alento a noite; da noite e da quietude brotava o sempre presente, o respirante sono do mundo. A escuridão respirava, assumia forma cada vez mais nítida, pertencia mais e mais ao mundo criado, tornava-se mais e mais terrena,

povoava-se de sombras e mais sombras. Inicialmente informes, mal reconhecíveis, parecidas, por assim dizer, com pontos sonoros, farrapos de sons ou sons isolados, mas em seguida condensando-se e ajuntando-se em formas audíveis, assim se aproximam as criaturas! E era um rangido, um matraquear gemebundo, proveniente de carros de camponeses, que chegavam em filas cada vez mais cerradas, a fim de transportarem víveres ao mercado; devagar, sonolentamente, avançavam, com as rodas ribombando nos trilhos abertos na pavimentação; chiavam os eixos; asperamente, os aros roçavam as beiras da calçada; tintinavam correntes e arreios; mas, às vezes mugia um boi, arfando; de quando em quando, ressoava um grito indolente, e em alguma ocasião, os passos pesados, macios dos animais de tração uniam-se num e no mesmo ritmo, que se assemelhava a uma marcha respirante. A criatura respirante passava pela respiração da noite, e com ela caminhavam o campo, a horta, os alimentos, todos respirando com ela, e o alento universal abria-se para acolher o ente, abria-se para formar a unidade do mundo, que, ao receber o amor, recebe a própria figura. Pois o amor origina-se na respiração, e com ela sobe rumo à imortalidade. Lá embaixo, desfilavam os camponeses, sonolentos, meneando as cabeças, andavam nos carros de legumes, cheios até em cima de couves e repolhos, e quando o queixo de um deles se abaixava demasiadamente sobre o peito, o homem talvez bufasse um pouco, como o gado faz no sono. Traços vegetais e animalescos ficam inerentes ao sono humano e na morte o rosto do lavrador parece-se com barro endurecido. Vindo de regiões sem destino, conduzindo a regiões sem destino, apenas entregue ao acaso, bem à beira do sono, corre a senda do camponês; se sua oração produzir bom resultado e eliminar o acaso, a terra, a planta, o animal serão para o agricultor desprovidos de destino, e ele ainda que veja os astros somente quando for ao mercado ou tiver de assistir a sua vaca que der cria à noite, ainda que em seguida recaia naquele sono claro, sem devaneios, dos seus dias e noites, permanecerá contudo ligado carinhosamente àquilo que prescinde de destino; deixá-lo-á escorregar entre os dedos como grãos lisos, dourados; apalpá-lo-á com leve carícia na pele do animal; examiná-lo-á, sob a forma de terra fértil, que se esmiuce- com a mão, amorosa e compreensivamente; oh! agarrará com tanta força o solo, os bichos, os frutos, que ele mesmo, agarrado, abraçado, abrigado por uma terna e compreensiva mão, será por ela sustentado em repouso, por ela, que se abre e fecha em torno dele, acompanhando as estações do ano e dos dias, de

modo que, estreitando-se na mão, estreitando-se nas suas estações, estreitando-se em seu sereno calor, receberá dela todo o seu tranqüilo ser, tranqüilo até no saber da sua futura frieza, da qual um dia escorregará, esmiuçado, ao seio originário do sono isento de destino, retornando à terra o agricultor defunto, mas seu alento, o alento imaterial, liberado, desprendido das amarras, subirá à esfera exterior, ascenderá à região das vozes invisíveis, ao divino! Lá embaixo desfilavam os camponeses, apareciam e afastavam-se, um veículo após outro, e em cada qual estava agachado um homem, a dormitar, a menear a cabeça, a roncar, quase que sem destino, quase que sem acaso, todos eles participando do ciclo noturno das criaturas; assim iam eles, velhos e jovens, barbudos, de rostos hirsutos ou lisos, assim passavam, assim como já tinham passado seus pais e avôs e ancestres, incorporados à ampla tranqüilidade de sua segurança, calmamente incorporados às grandes estações que os sustentavam, passavam na calma da sua paciência superior ao destino, passavam dormindo, esquecidos da voz que pairava acima deles, que lhes significava obscuro anelo e até certeza, e à qual, no entanto, mal e mal prestavam atenção, porque no decurso intemporal de geração em geração não há prazos e pouco importa se a consumação cabe ao pai ou ao neto ou ao mais distante tataraneto; incorporados numa obra maior do que eles, à qual conservavam em si com ponderado carinho; avançavam cuidadosamente através das trevas, rumo às bordas da noite e tinham o direito de dormir. O poeta, porém, outrora um deles, outrora camponês também, jazia ali, apartado deles e apartado da terra, apartado da planta e do animal, ele, apenas vinculado ao destino; jazia ali, vidente noturno: oh, na alma de cada homem fica depositada uma obra, obra quase inatingível, obra maior do que ele mesmo, e só quem se alcançar a si próprio alcançará em tal extremo preparo para a morte também a sua obra verdadeira e velará, atento, o sono do mundo mortal. Ó retorno, ó vigília! Onde acontecia isso? Quem velava o mundo, quem velava aqueles que lá passavam, dormindo, pelas trevas? Seria a voz que o fazia? Seria ele, já que lhe coubera em sorte a graça de ouvir a voz? Fora ele, neste momento, designado a velar? Nunca! Nunca na vida poderá ele realizar tanto, ele, incapaz de ajudar, avesso a prestar serviços, forjador de palavras, que deverá destruir sua obra, porque o humano, a atividade humana e o desamparo humano tão pouco haviam significado para ele que nada disso fora retido com amor ou sequer transformado em poesia, porque tudo permanecera não escrito, apenas e em vão glorificado e transfigurado em

beleza. Que presunção não seria pensar que logo ele pudesse ser destinado a velar, antes da aparição daquele que realmente velaria, o proclamador da voz! Não se realizara, portanto, absolutamente nada, a não ser o mero sonho? Não lhe fora comunicada a voz em toda sua realidade? Mas por que se calara ela em seguida? Onde estava ela? Onde estava? E o poeta indagava, indagava, indagava! Prosseguia indagando continuamente, ainda e todavia já... e já não indagava! Ainda ia à procura dessa voz, ainda, sim, e todavia já... Mas sua busca cessara de ser busca! Pois, a revelação, na qual ele pensara não acreditar mais, estava presente em toda a parte; ele a percebia em toda a parte, percebia-a nos gemidos dos carros, no passo indolente dos animais, nos sonolentos, enrugados rostos dos camponeses, na respiração deles, na respiração das trevas, na respiração da noite, e tudo, o que não tinha destino e o que carregava o peso do destino, o terrestre e o humano, haviam entrado nele, haviam entrado em sua obra, eram o seu destino também, a tal ponto que, embora não escritos, embora nunca fixados em poesia, receberiam, todos eles, a promessa de que jamais se perderiam, a promessa de uma infinita transmissão ao seio de um infinito amor, de um amor de pura ternura, duradouro, eterno; inundada de lágrimas, escutava a noite que se ia. Sono e vigília confundiam-se, tornavam-se ao mesmo tempo início e fim, fonte e origem, raiz e copa, onda flutuante da frondosa árvore das esferas, em cuja ramaria repousa a humanidade, à qual se confiou a carga do destino e que todavia fica isenta dele. Isso existia, já estava presente e todavia ainda não estava. E imerso no interior dessa totalidade, envolto no destino dela e já o levando dentro do seu próprio, repousava também ele mesmo, sentia a felicidade da união, sentia-a fisicamente com todas as fibras de seu ser liberto da febre, senti.a o ditoso frescor, que o obrigava a agasalhar-se melhor, sentia a ventura do tempo, que deslizava através do reaberto mundo noturno e trazia o frescor consigo, sentia, feliz, que se tornara mais fácil a respiração encaixada no fluente alento da escuridão de todas as fontes do mundo, sentia o murmúrio do mundo, sentia a natureza. Cada vez mais fresco apresentava-se o fluxo, mais fresco o firmamento, mais fresco o seu espaço, mais fresco o que nele se ouvia. O cortejo dos carros, que lá embaixo passavam, distendera-se aos poucos; as parelhas, que arrancavam e prosseguiam em sua jornada, produziam a essa altura ruídos mais espacejados; as distâncias entre elas aumentavam, e por fim havia somente uns raros retardatários. E quanto maiores se tornavam os intervalos do barulho do tráfego, mais nitidamente

enchia-os algo que parecia um sussurro, que argentinamente claro vibrava na amplidão das trevas; era, esperado e cheio de expectação, o mar com a flutuação de suas ondas, murmurando no mundo noturno, porém já chamado pela manhã iminente. Talvez, oh, talvez estivesse ele equivocado – quase que se assustou –, talvez o enganasse seu ouvido, talvez andasse ele apenas disposto a iludir-se novamente a si próprio, talvez se tratasse tão-somente de nostalgia, mera nostalgia do coração, nostalgia do mar, a almejar que junto com o sussurro marulhasse também a voz da salvação, para que se pudesse dialogar com ela, para que ela se tornasse irrefutável pela força do sussurro, irrefutável anunciação no poder da natureza... Mas não! Oh, não! era o mar, era a imensa realidade tritoniana do mar, e a atividade indizível e inaudivelmente revelada pela voz fremia no argentino fragor lunar, fremia na infinda queda das ondas, fremia no desenfreamento das regiões inferiores e na libertação das superiores, fremia na escuridão e no véu de luz, pelo qual o mundo noturno começava a extinguir-se a si mesmo, fremia nas estrelas empalidecidas; não! ainda mais, ainda mais: escutavam as águas a voz que as enchia, escutavam os mares e as estrelas, escutavam as trevas e tudo o que era humano, o que dormia tanto como o que acordava, escutavam todos os mundos, escutavam a si próprios em tudo o que os ocupava. Os elementos da natureza adaptavam-se uns aos outros, e da adaptação resultava amor. Existia ainda o mal? Já foi pronunciada a sentença que eliminava o mal? A voz entretecida no universo não respondia, e era quase como se somente o dia pudesse trazer a resposta, como se por ora tudo se limitasse à expectativa que aguardasse o astro diurno, porquanto, ao lado dele, nada mais seria lícito. A noite concentrava suas forças, para atingir sua meta, dirigia-se rumo a esta, e sua negrura perdia qualquer moleza; lá fora, a cintilação das estrelas começava a assumir tonalidade esverdeada. Parada na escuridão, mantinha-se a cor do ar, tirando, imóvel, pelo tacto, coisa por coisa das sombras, e a partir da janela, polegada por polegada, o quarto tornava-se quarto, a parede voltava a ser parede. Envolto no fulgor que das derradeiras estrelas vinha através da janela, o candelabro destacava-se, preto, qual árvore desfolhada, conservando em seus braços ainda uns restinhos da noite. E no avarandado, indistinto, por enquanto, mas já reconhecível, o garoto dormitava na poltrona! Recolhera as pernas sob o assento, o rosto apoiado na mão; sombras eram seus cabelos escuros, invisíveis os claros olhos, ocultos atrás da cortina das pálpebras cerradas; porém perceptível permanecia sua escuta,

a dar ouvidos àquilo que ele, no sono, anunciava a si mesmo, sofrendo e dissipando sofrimentos, desamparado e amparando, anelando e estando desprovido de anelos, amor sem ânsia de volúpia, o anjo nonato no homem terrenamente nascido, o dormidor. Ó noite que se esvai, a sustentar até ao último alento a quem durma, levando-o cada vez mais longe, noite infinita nas suas ramificações, na sua plumagem, sem fim o carregando em seus braços, no seu seio! Mais uma vez tendia-se diante do poeta o grande arco da noite, começando com a avermelhada bruma infernal e o vozerio embaixo da janela, subindo em direção às crateras de todas as mortes, acompanhado de todos os esgares e de todos os gritos da morte, precipitando-se no vazio do mais contrito nada, porém recolhido pela invocação suavemente imperiosa do nome, proferida pela voz anunciadora, que a essa altura, qual toque de sino que esvanece, evapora-se no alvor da incipiente manhã. Seria essa ainda a mesma janela, diante da qual ocorrera aquilo e ainda ocorria? Ressoara e calara-se o transitório, desenrolara-se e enrolara-se novamente, até tornar-se imperecível; transitório era o dia que subia diante de seus olhos, e havia muito ele já não o mirava; velados estavam seus olhos, se bem que continuassem abertos, velados de lágrimas sem lágrimas; mas, através do véu, avistava com um estranho olhar o dia nascente, avistava o crepúsculo, via com grande perspicácia como este de pouco a pouco punha lá fora sua cor incolor, camada por camada, sobre os telhados, via isso e já não o via, sua visão convertera-se em intuição, e nessa intuição, com essa intuição, o dia nascia para ele, tornando-se propriedade dele com sua nova luz: crescia a madrugada; assoprava-lhe a intensificada pureza de seu perfume, com a clareza muito límpida de um gris bem luminoso, através da qual, sem se misturarem com ela, passava, em finos e acres filetes, a fumaça dos primeiros fogos acesos nas lareiras; assoprava-lhe, com a serena nitidez da manhã, a argentina aragem salgada do mar, brotada com argentina leveza do longínquo e suave murmúrio de prata, manada do primeiro brilho da fresca e úmida praia, que, com sua clara areia e suas luzentes pedras, regada pelas argênteas ondas matutinas, estava disposta a receber o sacrifício da manhã; assoprava-lhe, desdobrada e desdobrando, como o natural que se torna recomeçada criação, e acolhendo o desdobre, acolhido pelo desdobre, o poeta sentia-se transportado graças a tal ação flutuante, em fluxos e mais fluxos, envolto no murmurante hálito, como que sobre asas, que ao toque pareciam frescas, como que num grande alento, porém de origem terrena, como que descansando no assombreado

sopro de um loureiro, a respirar após uma hora de chuva, escurecido pela chuva e brilhante de orvalho e confortador. Assim se sentia carregado, longe e mais longe, e lá onde a jornada se encurvava, para suavemente aterrar no alourado ondeamento dos campos, na época da colheita, lá onde se agitam as espigas, onde uvas pendem do espinheiro, onde a rês repousa ao lado do leão, um anjo erguia-se diante dele, quase que não era um anjo, senão antes um garoto, e todavia um anjo, envolto nas frescas asas da manhã de setembro, de cabeleira escura e olhos claros, e sua voz não era aquela que enche simbolicamente o universo como ação anunciadora, não, era, ao contrário, um eco muito distante da simbólica imagem primigênia, que paira nas alturas; era ela que então falava bem suavemente, e era contudo a brônzea sombra de eões.

– Entra na criação que foi uma vez e é novamente! E que teu nome seja Virgílio! Teu tempo chegou!

Eis o que lhe dissera o anjo, terrível na brandura, consolador na tristeza, inatingível na nostalgia. Eis o que ele ouvira da boca do anjo, ouvira-o como linguagem dentro da linguagem, em toda a sua terrena singeleza, e ao ouvi-lo, chamado pelo nome e unido ao nome, via mais uma vez o ondeamento dos campos, estendido de beira a beira, infindas as ondas dos frutos, infindas as ondas das águas, ambas banhadas na fresca, oblíqua luz da madrugada, brilhando friamente as proximidades, brilhando friamente as lonjuras; via tudo isso, e logo vinha a doçura do conhecer total e do não-conhecer, do saber universal e do não-saber, do sentir completo e da apatia completa; era a doçura de esquecer tudo, seguida pelo sono sem sonhos...

III

Terra - A expectativa

O despertar foi dominado pela sensação de ter omitido alguma coisa: como ocorrera ao adormecer, tratava-se também desta vez de uma simples impressão, posto que ela o acometesse mui abruptamente, e sentindo que alguém se encontrava ao lado de sua cama, percebia o poeta ao mesmo tempo que com isso significava para ele a frustração de um intento; com um segundo impulso de tal noção, transpôs o limiar da consciência, dando-se conta de que lhe coubera correr às pressas de madrugada à praia do mar, para destruir a Eneida, e que já era tarde demais para fazê-lo. E novamente buscou refúgio no sono, a fim de reencontrar o anjo, talvez até na esperança de que a estranha mirada, que, como notava, continuava fixa nele, pudesse pertencer ao anjo desaparecido. Certamente não era assim. Com demasiada clareza sentia ele a estranheza daquilo que ali se mantinha nas proximidades, e em parte para afugentá-la, apesar de uma derradeira fagulha de esperança na presença do anjo, perguntou do fundo de seu sono:

– Es o Lisânias?

A resposta era algo incompreensível, expresso por uma voz totalmente alheia.

Alguma coisa suspirava nele.

– Não és o Lisânias... Vai-te embora.

– Mestre… – ressoou a voz bem tímida e quase súplice.

– Mais tarde ... – A noite não devia terminar, e ele não queria ver a luz.

– Mestre, teus amigos chegaram. Estão aguardando... Não havia escapatória. E a luz doía. No peito, a tosse estava prestes a estalar. Era perigoso falar.

– Meus amigos?... Quem?

– Plócio, Tuca e Lúcio Vário vieram de Roma, para saudar-te... Gostariam de ver-te, antes de serem chamados pelo César...

A luz doía. Penetrando obliquamente do sul, os raios do sol setembrino destacavam-se, nítidos, no ângulo do avarandado, enchendo-o de calor; luz e calor de uma manhã de setembro, e o aposento, embora inacessível aos raios solares, participava deles, desencantado de tanta luz, afeado pelo calor: o piso de mosaico, de reflexos escuros, estava sujo; o grande candelabro, com suas flores murchas e as velas consumidas, parecia desleixado. Mais longe, no canto do quarto achava-se a cadeira-retrete, uma

necessidade e uma tentação. Tudo doía, começava a doer. Que os amigos esperassem:

– Antes de mais nada preciso limpar-me... Ajuda-me! Girou as pernas por cima da borda do leito e conservou-se sentado, inclinando-se fortemente para a frente, com o dorso encurvado, a lutar contra o acesso de tosse, cuja veemência dolorosa novamente o acossara; também se anunciava mais uma vez o insípido cansaço da febre, aparecendo primeiramente nas pernas bamboleantes, para dali subir devagarzinho e espalhar-se, como que em estrias, através de leves, sucessivas ondas, pelo corpo inteiro, até finalmente invadir-lhe a cabeça, e tomado de fadiga, seu olhar fixava-se com vagarosa, modorrenta, prolongada atenção nos dedos desnudos dos pés, como se lá se pudesse descobrir qualquer coisa importante, talvez até o ponto de partida da febre, nesses dedos cujos mecânicos movimentos agarradores não queriam deter-se. .. Ai dele! reiniciar-se-ia mais uma vez a vida independente de órgãos e sentidos? E ainda que de um escravo não se devesse solicitar nenhuma espécie de informações confidenciais, o olhar encaminhou-se para ele, pedindo esclarecimentos, quase abúlica e relutantemente, e na realidade, em seguida desiludido, já que na fisionomia de servente oriental, um tanto narigudo, impenetrável como uma máscara, nada se mostrava que pudesse ser considerado resposta, nada a não ser rigorosa submissão e submisso rigor, os quais, sem impaciência e todavia vedando toda aproximação, dispunham-se a receber ordens, na expectativa de que o senhor hóspede as desse e se decidisse a levantar-se. Mas, justamente isso parecia impossível, porque a discordância se manifestava em toda a parte e não apenas no corpo; era uma discordância universal e antes que esta não ficasse eliminada, não se podia mexer nenhum membro: quem desejasse erguer-se, quem desejasse dirigir-se apressadamente ao sacrifício na praia, não teria o direito de fazer isso sob discordância e divisão; o imolador devia ser intacto, a oferenda devia ser imaculada, se se pleiteava para o sacrifício a dignidade do pleno valor, e nem sequer era possível verificar se os rolos ainda se encontravam todos eles na mala, de modo que realmente a obra completa estivesse pronta para ser destruída, ou se talvez um dos rolos se extraviara no decorrer da noite... Quem saberia dar a resposta? Certo, a tampa da mala com suas correias continuava tão firme e corretamente atada que quase se podia ter a impressão de que nunca houvesse sido aberta... Mas, quem se atreverá a tocar na oferenda, para soltar as amarras?

Discordantes o corpo e seus membros, discordante o mundo… Caberia esperar a volta da unidade? Ele prosseguia aguardando, e o escravo aguardava com ele, ambos sem impaciência. Porém, entrementes a porta se descerrou um tanto bruscamente: Plócio Tuca e Lúcio Vário, provavelmente por sua vez cansados de aguardar, entravam sem cerimônia no aposento. O poeta tornou a colocar as pernas no leito.

Plócio mal se encontrava no quarto, quando, segundo seu hábito, punha-se a derramar toda espécie de ruidosa cordialidade:

– Disseram-nos que tu estarias aí enfermo e acamado.

Passamos toda a noite sofrendo sacudidelas, para chegar aqui. e agora te surpreendemos tentando escapulir-te secretamente. Mas, ainda bem que te tenhamos apanhado. Pois sempre te comportas assim... Então, como vais realmente? Graças aos deuses, tens bom aspecto, o mesmo de dez anos atrás. Es resistente que nem couro... Evidentemente tens outra vez tosse e febre, isto não é novidade... Se tivesses consultado teus amigos, eles certamente te teriam impedido de empreender aquela viagem totalmente maluca! Soubemos dela só com bastante atraso por intermédio de Horácio. Informaste unicamente a ele, porque sabias que não te oporia nenhuma objeção, uma vez que nada lhe importa a não ser seus próprios versos! Que, pelo Orco, tinhas que fazer em Atenas? Claro que precisaste partir clandestinamente. Tem sido uma sorte para ti que o César te pescou a tempo e te reconduziu... Sisudo, como sempre, o Augusto, e tu, sim, tu... desconsiderado, como sempre... Pois, a nós, teus amigos, incumbe agora restituir-te a saúde!

Arfando, Plócio deixou o corpanzil cair na poltrona; com os braços dobrados, cerrando os punhos, estava então sentado como um remador ou um cocheiro, e por cima da dupla papada, o rosto vermelho, acolchoado de gordura e salpicado de lunares irradiava cordialidade.

Lúcio Vário, porém, que nunca costumava sentar-se, porque devia cuidar da elegante lisura das bem arranjadas pregas da toga, conservara-se de pé, cerimoniosamente, macilento, na sua posição habitual, a fincar um braço no quadril, ao passo que erguia o outro, como que lecionando:

– Ficamos muito preocupados contigo, Virgílio.

Apesar de toda a disposição para a morte, despertou no enfermo aquela angústia a que ninguém consegue subtrair-se: – Mas, afinal, que é que lhes disseram a meu respeito? e como que antecipando a resposta, sacudiu-o subitamente o esperado e temido acesso de tosse.

– Podes tossir tranqüilamente – sossegou-o Plócio, enquanto esfregava os olhos irritados pela viagem noturna. – De manhã, a gente deve tossir.

Lúcio tentou acalmá-lo de um modo que parecia correto: – As últimas notícias que recebemos sobre ti datam, no mínimo, de uma semana atrás... O Augusto escreveu a Mecenas que te encontrou enfermo e te induziu a regressar, e uma vez que o Senado, por causa do aniversário natalício, hoje está em sessão, de modo que Mecenas não pode comparecer à recepção, aceitamos com prazer seus encargos com relação ao Augusto, a fim de termos ao mesmo tempo ensejo para ver-te também … É só isso.

A explicação parecia clara e plausível, mas o "Podes tossir" de Plócio confortara-o mais. – Uf! – queixou-se este. – Aturar solavancos a noite toda! Não se consegue dormir direitinho. Cada vez que trocam os cavalos, acordam a gente. No nosso comboio havia pelo menos quarenta carros, e nós não éramos os únicos. Calculo que desde ontem chegaram muito mais de cem...

Viajara Plócio num daqueles carros dos campônios? O homem tinha o rosto vigoroso, bonachão de um velho agricultor, e exatamente assim podia-se, não, devia-se imaginá-lo, sentado numa carreta rústica, meneando a cabeça, o queixo abaixado sobre o peito, a roncar fortemente. – Pois é, ouvi quando passastes...

– E agora chegamos – disse Plócio, e mais uma vez recordava a um remador.

– Passaram muitos... realmente...

– Não fales durante um acesso de tosse – aconselhou Lúcio, ainda ocupado com as pregas da toga, machucadas pela jornada noturna. – Não deves falar... Não te lembras de que os médicos sempre te proibiram fazê-lo?

Ah, sim, ele se lembrava, e certamente era boa e sincera a intenção de Lúcio, não obstante a postura elegante dele. Mas esta sempre provocava contradição:

– Não há de ser nada. Se o César não me tivesse levado consigo a Mégara, eu não teria adoecido nem um pouquinho... Trata-se somente das conseqüências do sol abrasador que ardia durante a festa... – Outro acesso de tosse premiou tal explicação prolongada, e o poeta sentiu na boca o gosto de sangue.

– Cala-te – disse Plócio.

Porém ele não queria calar-se, tanto menos que nesse instante percebia que Plócio estava sentado na poltrona na qual dormira o garoto, e sem transição teve que proferir a pergunta:

– Onde está Lisânias?

– Um nome grego – ponderou Lúcio. – Quem será?

– Te referes a esse aí?

E apontou para o escravo, que se retirara em direção à porta e ali permanecia aguardando, com aquela fisionomia impassível.

– Não, a esse não... Ao garoto ...

Plócio tornou-se atento: – Então trouxeste contigo um garoto grego... Se for assim, não podes estar realmente mal... Vejam só, um garoto grego!

O garoto... o garoto sumira! Mas a taça encontrava-se ainda ali na mesa, uma taça talhada em marfim, adornada de prata, e nela havia até um restinho de vinho.

– O garoto... Ele esteve aqui!

– Que ele volte então! Chama-o! Mostra-o!

Como poderia ele chamar o menino, se desaparecera?! E o poeta nem sequer desejava mostrá-lo:

– Preciso descer à praia, junto com ele ...

– "Estendidos à beira-mar, na areia seca, restauramos os corpos fatigados, e o sono percorre os membros... " – recitou Lúcio, porém prosseguiu logo: – Mas hoje não farás nada disso, amigo Virgílio. Guarda esse tipo de prazeres para quando estiveres totalmente curado...

– Sim, senhor! – confirmou Plócio no avarandado.

De que falavam os dois? Tudo isso parecia confuso. O poeta mal e mal os ouvia.

– Onde está Lisânias?

Dirigindo-se ao escravo, ordenou Plócio:

– Vai buscar o garoto!

– Senhor, aqui não há nenhum garoto.

De lá, da porta, falara-lhe, sussurrara-lhe à noite a voz do menino. Agora quem estava ali era o escravo, e agradecido a este, porque o ajudava a renegar aquela voz tão próxima quanto distante, o poeta lhe fez sinal de aproximar-se:

– Vem cá! Quero levantar-me.

– Deixa disso! – replicou Plócio decididamente. – Provavelmente, o médico já está a caminho, e tu vais ser atendido na cama. Com esse tipo de desatinos apenas pões tua saúde em perigo... E absurdo fingir ocupações urgentes, só para não nos mostrares o garoto.

Seria o escravo o substituto do menino? Teria este mandado um companheiro vigoroso, para transportar a oferenda à praia?

– Pega a mala! – ouviu ele proferir a sua própria voz, assustando-se ao mesmo tempo em face do que ouvira e lançando no mesmo instante um olhar aos amigos, a fim de certificar-se do efeito ou não efeito de suas palavras.

E realmente, Plócio, em que pesasse a sua lerdeza, levantara-se de um pulo, ao passo que Lúcio, mais próximo da cama, encaminhava-se até ela, na intenção de tomar o pulso do enfermo, à maneira de um médico:

– Tens febre, amigo Virgílio, fica quieto. Plócio, por sua vez, deu ordem ao escravo:

– Pergunta onde está o médico!... Vai ligeiro!

– Não preciso de médico – também isso foi dito sem querer.

– Não te cabe decidir a esse respeito.

– Estou morrendo.

Fez-se uma pausa. O poeta sabia que o que acabava de dizer era verdade, e por estranho que parecesse, esta o afetava pouco. Sabia que dificilmente chegaria a viver até à tarde e apesar disso sentia-se tão tranqüilo como se dispusesse' de muito tempo. Estava satisfeito por ter pronunciado aquela frase.

Provavelmente os dois interlocutores também tivessem consciência da seriedade da afirmação. Isso se percebia. Demorou bastante até que Plócio recuperasse a fala:

– Não blasfemes, Virgílio. Estás tão distante da morte como nós dois… Que deveria eu dizer, que tenho dez anos a mais que tu e ainda sou apoplético ...

Lúcio não disse nada. Sentara-se na cadeira ao lado do leito e permanecia calado. E era comovente que, ao tomar assento, tivesse deixado de ajeitar as dobras da toga.

– Hei de morrer, talvez ainda hoje... Mas antes queimarei a *Eneida* ...

– Sacrilégio! – Foi um verdadeiro berro, e quem o proferira era Lúcio.

Novamente se fez silêncio. O recinto estava setembrinamente calmo e claro. Lá fora trotava um cavaleiro, possivelmente um estafeta imperial. Com baques secos, os cascos batiam as pedras do calçamento. Depois, o compasso quaternário confundia-se com os remotos ruídos da cidade. Em algum lugar, uma mulher gritava qualquer coisa; era como se chamasse a uma criança.

Em seguida, Plócio pôs-se a percorrer o aposento pesadamente, a passos grandes, de cá para lá, arrastando atrás de si uma ponta da toga. Subitamente, explodiu:

– Se desejas morrer, isto é contigo. Nós não te impediremos, Mas a *Eneida* há muito tempo cessou de pertencer-te. Por isso, abandona essa idéia... – Os olhos apequenados pela gordura faiscavam ferozmente.

Era curioso que Plócio demonstrasse tamanha fúria, pois desde sempre vigorara entre eles uma combinação tácita, posto que nenhum dos dois acreditasse sinceramente nela, e segundo a qual suas longas conversas sobre colheitas e pecuária fossem muitíssimo mais importantes do que quaisquer colóquios sobre temas estéticos ou científicos, tais como eram tratados na presença de Lúcio, de Mecenas e de outros que faziam parte da roda do poeta. E estava em desacordo com essa combinação o fato de Plócio neste instante atribuir tanta importância à existência ou não existência da *Eneida*. Isso não se coadunava com aquela parcela de boa consciência representada aos olhos do poeta pela pessoa no fazendeiro fidalgo Plócio Tuca. Tal infração não podia ser tolerada:

– O mundo não será nem mais rico nem mais pobre por alguns versos. A esse respeito tivemos sempre a mesma opinião; não é, Plócio?

Lúcio sacudiu seriamente a cabeça:

– Não deves chamar a *Eneida* de "alguns versos".

– E que mais seria ela?

Eis que Plócio deu uma risada. Era, na verdade, um riso bastante forçado, mas, apesar dos pesares, era uma risada:

– Tentar obter elogios através da modéstia é um velho vício dos poetas, meu bom Virgílio, e enquanto uma pessoa incorrer em seus habituais vícios, não se precisará temer por ela.

E Lúcio acrescentou:

– Desejas realmente ouvi-lo mais uma vez? Não sabes melhor do que ninguém que a grandeza de Roma e a grandeza do teu poema já não podem ser separadas?

Uma espécie de enfado subia no espírito do poeta e intensificava-se aos poucos. Os dois não queriam compreender o que um garoto entendera. Mas, uma vez que não cabia duvidar do caráter definitivo da decisão tomada, era necessário explicá-lo a eles:

– Não deve sobreviver nada irreal.

Essas palavras foram proferidas firme, ponderada, sentenciosamente, e Lúcio parecia compreender agora de que se tratava:

– Segundo a tua opinião, cumpre, portanto, qualificar de irreais também a *Ilíada* e a *Odisséia*. Ó divino Homero! E que dizes de Esquilo, de Eurípides? Não será tudo isso realidade? Quantos nomes, quantas obras precisarei ainda citar que são, todos eles, de eterna realidade?

– Por exemplo o *Tiestes* ou a *Epopéia de César* de um certo Lúcio Vário – acudiu Plócio, incapaz de refrear-se, e seu riso voltou a transformar-se no de um gorducho bonachão.

Lúcio, ferido no seu ponto mais débil, sorriu um tanto amargamente:

– As dezessete apresentações do *Tiestes* não são certamente provas de seu valor eterno, mas ...

_ … mas talvez dure ele mais do que *As Troianas*...

– Não achas também, Virgílio? Vejam só, estás rindo. Estou contente de que possas rir novamente.

Sim, o poeta ria-se. Não podia rir-se à vontade. O peito doía-lhe demasiadamente, e esse riso até lhe causava vergonha, porque se divertia à custa do embaraço de Lúcio, esquecendo que fora o amigo quem se empenhara em defender o valor eterno da *Eneida*, e justamente por isso urgia retornar à seriedade:

- Homero foi o arauto dos deuses. Sua realidade perdurará com a deles.

Sem mostrar amargura por causa do riso que lhe haviam dedicado, Lúcio replicou:

– E tu és o arauto de Roma, tu permaneces a realidade de Roma, tu perdurarás, enquanto Roma se conservar de pé... eternamente.

Eternamente? Ele sentia o anel no seu dedo, sentia seu corpo, sentia o passado.

– Não – disse –, nenhuma coisa terrena é eterna, nem sequer Roma.

– Tu mesmo elevaste Roma à esfera divina.

Era assim e não era. De que falava Lúcio? Não se assemelhava aquilo a um colóquio à mesa de Mecenas, a deslizar por cima da realidade, mal e mal tocando no que era real? Parecia envolto em trevas, quando dizia:

– Na esfera terrena, nada se torna divino. Adornei Roma, e minhas atividades não têm maior valia do que as estátuas, os jardins de Mecenas... Roma não vive pela graça do artista , …As esculturas serão derrubadas, a *Eneida* será queimada ...

Plócio, que ainda tinha vontade de prosseguir em sua risada, estacou em meio a seu caminho:

– Considerando o que esses senhores artistas fabricaram nesses últimos tempos em matéria de obras de arte, preparaste para ti uma linda tarefa de faxina, que te ocupará nos próximos anos. Quanta coisa não deverá ser derrubada ou queimada... O que te propuseste é um trabalho hercúleo para toda uma vida ...

A idéia da imensa faxina teve o efeito de alegrar repentinamente a Lúcio. Sua circunspecta fisionomia de literato começou a enrugar-se jovialmente, e ele nem sequer era capaz de começar a falar em seguida, tanto o divertia o projeto da queima geral dos livros:

– Os dois Sósios adquiriram de Horácio os direitos do *Carmen Saeculare*. Eles perderão um dinheirão, se quiseres queimar as obras dele também, e obviamente não se poderá abrir uma exceção para Horácio...

– Horácio mandou-me versos de despedida ao navio, quando parti para Atenas.

– Isso mesmo – acudiu Plócio a Lúcio, com tamanha jovialidade que se tinha a impressão de que ambos se esforçavam por abafar a voz da morte. – E justamente isso, e por essa razão, seus iambos, suas odes, numa palavra, todos os crimes que ele cometeu terão de perecer...

Realmente, por que lhe enviara Horácio a bordo aqueles lindos versos de bons augúrios? Tencionava ele apaziguar dessa forma os ciúmes que a Eneida lhe havia causado? Um amigo invejoso, mas, mesmo assim, um amigo...

Lúcio, porém, opinou:

– Deveriam deixar a seleção a meu critério. Eu pouparia Horácio, porque ele tem genuíno talento, mas faria uma limpa entre toda aquela mediocridade, a mediocridade que acaba de subir e se espalha cada vez mais... Que decadência, sim, que decadência! Já não existe retórica, já não existe teatro, já não existe arte... Deveras, nós somos os últimos, e nada

haverá depois... Por isso, cumpre fazer uma limpa, e esta será terrível! – E novamente teve um acesso de riso.

– Riso na cripta da morte, enquanto ele, transformado em rochedo, desce ao mar cintilante.

Lúcio deteve-se abruptamente: – Um verso magnífico, Virgílio! Continua recitando, ou melhor ainda, anota-o.

De que profundezas inescrutáveis surgira essa linha de verso? De onde viera? Mas, neste instante, ele mesmo gostava dela, e o aplauso de Lúcio lhe fazia bem, ainda que não se devesse elogiar a beleza do verso; não, a beleza como tal nunca tinha importância; o que importava era algo totalmente diferente, algo maior que de fato merecia e almejava encômios. Oh, agora, somente agora sabia o poeta que verdadeiro consenso só pode corresponder à plenitude inatingível que o verso intenta, que atrás dele se ergue, que desvela sua preciosidade, quando uma palavra a alcança, em vez de ricochetar da sua lisa superfície de pedra; quem elogiar um verso em si, sem se preocupar com a realidade pretendida por ele, confundirá a atividade produtora com o produto criado, incorrerá, consciente ou inconscientemente, no perjúrio que nega a realidade e a aniquila, e tornar-se-á cúmplice de todos os perjuros. Ó imensa rocha da realidade, que, inexpugnável, resiste a qualquer penetração e, quando muito, admite ser apalpada; ó monstruoso penhasco da realidade, por cuja lisa impraticabilidade o homem apenas pode rastejar, agarrando-se à pedra lisa, em constante queda, sempre em perigo de cair ainda mais. Lúcio não sabia nada da queda; para ele, a superfície já era realidade. Ó montanhas rochosas da realidade, incrivelmente altas e todavia mergulhadas em todas as profundezas, impenetráveis de tão polidas, contudo abertas na sua essência, e quem cair será precipitado na garganta escancarada.

Plócio sacudia os braços à maneira de um remador que descansasse:

– Pois então, que Horácio seja poupado e continue a escrever poemas... e tu, tu farias a mesma coisa, mesmo que queimasses tudo. Naturalmente prosseguirias poetando...

– Horácio! Sim, esse combatera por Roma como soldado, esse se oferecera a si mesmo como vítima, em prol da realidade de Roma, e talvez proviesse dali a assombrosa autenticidade, que sempre aflorava em sua poesia. Nem sequer Plócio sabia disso, nem sequer ele se dava conta de que o poeta jamais pode dispensar a ação que servisse a outrem:

– Ó Plócio, a ação que sirva a outrem, sua realidade ...

Sem ela não há poesia.

– Enéias – apoiava Lúcio, ao passo que Plócio se limitava a assentir com um movimento de cabeça.

Esquilo lutara como hoplita em Maratona e Salamina; Públio Virgílio Marão não combatera por coisa alguma.

Mas, animando-o cordialmente, Plócio deu continuação a suas reflexões:

– Além disso, deverás prosseguir poetando, uma vez que terás de concluir a Eneida, antes de queimá-la... A gente não queima uma obra inacabada, e dentro de poucos meses ou mesmo semanas poderás realizar esse trabalhinho... Por mais pressa que tenhas de morrer, deverás resistir até então.

Concluir? Concluído? No fundo, ele não concluíra nada. Que significava a *Eneida* ao lado de uma autêntica história de Roma, tal como fora escrita por Salústio ou também como aquela cuja gigantesca construção Lívio acabava de empreender? Que significavam as *Geórgicas* em comparação com os conhecimentos autênticos que o mais erudito de todos os eruditos, o venerando Terêncio Varrão dedicara à agricultura romana? Perto de façanhas dessa espécie, não se podia falar de conclusão; tudo quanto ele pudesse ter escrito, tudo quanto ainda escreveria, teria de permanecer na fase do inacabamento! Mas era verdade que tanto Terêncio Varrão como Caio Salústio haviam servido ao Estado romano realmente, em toda a sua dura realidade, e Públio Virgílio Marão não servira a ninguém.

E como que liquidando o assunto, Plócio constatou:

– O Virgílio, tu tiveste somente o tempo necessário para escrever a Eneida. Teus talentos apenas bastaram para fazer isso. Mas não imagines que sejas capaz de compreendê-la. Não sabes nada nem da sua realidade nem da do homem Virgílio. Conheces as duas somente por ouvir dizer...

E cruzando as mãos sobre a barriga, voltou a sentar-se na poltrona ao pé da janela.

O homem Virgílio! Sim, esse jazia no seu leito; tal era sua realidade e nada mais. E realidade fora o fato de ele ter recebido presentes, alimentação e sustento da parte de Mecenas, de Asínio Polião, do Augusto; eles que combatiam por Roma, que serviam a Roma, que com aquilo que eram e criavam haviam construído e continuavam construindo a realidade romana, eles o pagavam pela insípida ornamentação de sua obra e nem

sequer sabiam que adquiriam coisas sem nenhum valor. Eis como se apresentava a realidade de Públio Virgílio Marão. E ele disse:

– Não concluirei a *Eneida*. Então respondeu Lúcio, sorrindo:

– Será que desejas que outra pessoa o faça em teu lugar? –Não! – A exclamação lhe escapou, talvez de medo que Lúcio quisesse oferecer-se para executar essa tarefa.

Em face disso, Lúcio sorriu mais abertamente:

– É o que eu pensava... Tu mesmo conheces então a dívida que tens para conosco, para com a Arte.

A dívida? Sim, ele contraíra uma dívida, continuava sendo devedor... Lá embaixo, na viela da miséria, aquela gente já sabia dessa dívida. Claro, ele devia ao ser sua própria pessoa, porém já não se podia exigir-lhe coisa alguma. Muito além do alcance de seu olhar, o poeta via diante de si o mar estendido ao longe até ao céu, a parecer-se com rochas líquidas, o mar que com seu azul rutilante sustentava o sol, e na sua enorme profundeza irradiada, assemelhava-se ao domo aberto de uma montanha, que prestes a acolher e a parir, sorvia toda a realidade e a rejeitava de novo, proferindo dia c noite brônzeos estrondos; e da estrondosa flutuação, que ressoava e ecoava, depreendia ele o símbolo da voz, ecoando e ressoando, o símbolo de toda a realidade.

– O que escrevi deve ser consumido pelo fogo da realidade – disse.

– Desde quando traças uma divisa entre a realidade e a verdade? – interveio Lúcio, e como sempre disposto a travar um debate, soergueu-se um pouco, a fim de iniciar outra série de argumentos: – Epicuro afirma que ...

Plócio lhe cortou a palavra:

– Epicuro pode afirmar o que quiser, mas nós dois vamos pôr todo o empenho por evitar que algum fogo da realidade queime a *Eneida*.

Porém não era assim tão fácil deter a Lúcio:

– A beleza e a verdade ficam unidas na realidade ...

– Pois é – admitiu Plócio conciliantemente.

A luz da manhã tornava-se mais intensa; o céu no vazio da janela assumia um azul mais forte, diante do qual se destacava, mais preta, a ramaria do candelabro. E Plócio, sem levantar-se, empurrou-se junto com a poltrona, por meio de alguns impulsos, para fora da zona do avarandado que o sol abrasava, em direção à sombra mais fresca do quarto. Por que

aqueles dois não queriam compreender o realmente real? Eles que durante trinta longos anos haviam sido seus íntimos amigos, tinham eles de vir aqui para mostrarem-se-lhe alheios e estranhos? Era como se a luz mais intensa penetrasse com crescente nitidez as esferas do ser; era como se a superfície da existência e a realidade dela se separassem cada vez mais claramente, e parecia incompreensível que não almejassem todos uma realidade genuína. Plócio deveria ter dado a resposta, Plócio, de cuja madureza dirigida ao mundo, eficiente no mundo, ponderosa no mundo procedera sempre tamanha sobriedade benéfica que dele provinha uma espécie de amparo iniciado na infância, e que parecia nunca ter fim, um amparo cujo calor intrínseco, terráqueo, rústico e suave infundia uma vontade de curar-se irresistivelmente apegada às coisas da terra e por isso irrecusavelmente vigorosa; sim, a Plócio cumpria dar a resposta, porém, para ele, isso não tinha importância; mantinha-se ali comodamente sentado, posto que um tanto preocupado, comprimindo os polegares e lançando de vez em quando olhares inquietos; e – como sempre – era quase impossível descobrir na sua fisionomia bonachona, acolchoada pelos anos, os antigos traços da juventude.

Lúcio, porém, estava em plena forma:

– Lucrécio, ao qual tu, ó Virgílio, tributas tanta veneração, como, aliás, todos nós, Lucrécio, não menos grande que tu, Virgílio, embora não seja maior, recebeu a graça de conceber a lei da realidade, e seu canto, no qual a formulou, chegou a ser assim verdade e beleza. O que é belo jamais se espatifa na realidade, jamais é consumido por sua chama; não, o que ocorre é o contrário, já que se desprende da realidade o que nela é perecível, logo que sua lei se torne conhecida e seja mostrada na esfera do belo, e somente sobrevive o belo, sobrevive como a única realidade.

Ah, o poeta não ignorava esse linguajar, o linguajar da modorra filosófica e literária, o linguajar das palavras fossilizadas, nonatas e pré-mortas. Em outros tempos, também ele tivera o hábito de usá-lo, e certamente acreditara então no que assim se expressava, acreditara ou pensara acreditar, ao passo que isso a esta altura soava estranho, quase incompreensível. A lei? Existe só uma única lei, a lei do coração! A realidade, a realidade do amor! Não devia ele, não tinha ele que proclamá-la? Não devia ele, não tinha ele que dizer isso a esses dois, para que o compreendessem? Ai deles, não o compreenderiam, nem sequer desejavam compreendê-lo, e por isso o poeta limitou-se a replicar:

– A beleza não pode viver sem aplauso. A verdade fecha-se ao aplauso.

– O aplauso dos séculos e dos milênios não é o mesmo que o da atualidade, não é o aplauso vil das massas facilmente encantadas... Imortalizando-se e continuando imortal, a obra de arte converte-se em conhecimento da verdade – veio a rápida resposta de Lúcio, que concluiu, acrescentando: – Na imortalidade, une-se a verdade com a beleza, e contigo, amigo Virgílio, não se dá outra coisa.

Terrena era essa imortalidade que Lúcio acabava de estabelecer; terrena era, e por isso jamais intemporal, quando muito de eterna duração e nem sequer isso! Pois, de eterna duração são os campos de Saturno, infinitamente desdobrados no olvido divino, em virtude do eterno retorno, ao passo que aqui se tratava de glória. Não significava isso para o imortal a mais cruel incapacidade de morrer? Não significava perdição? Quem equiparar a verdade com sempiterna beleza, anulará a intemporalidade viva, a salvação e a graça da voz! Horrendamente viveriam então Homero e Esquilo, viveriam Sófocles e Eurípides, eles, os poderosos anciãos, e também o próprio Lucrécio, horrendamente viveriam para sempre a morte terrena, morte essa que teria que durar ininterruptamente até que a derradeira linha de sua poesia ficasse apagada na memória dos homens, até que a última boca humana cessasse de recitar seus versos, até que nenhum palco exibisse suas obras; eternamente voltariam a ser chamados dos Ínferos, chamados para o reino intermediário, fantasmagoricamente ridículo da imortalidade terrena. Se fosse assim – e não se podia excluir tal possibilidade – não deveriam também eles, os imortais, não deveriam eles, mais do que quaisquer outros, ter destruído as suas criações, a fim de morarem em regiões mais beatas? Ó Eurídice, ó Plócia! Sim, assim era:

– Mortalmente fere a flecha de Apolo, porém não concede a morte.

– Pois é – disse Plócio –, se não me fizessem todos os meses a minha sangria, há muito estaria embaixo da terra e em companhia de meus ancestres.

Lúcio anuiu:

– Ferido eternamente por Apolo... e a harmoniosa dignidade das atitudes é a única escolha que resta aos feridos pela imortalidade, desde que queiram viver de acordo com o modelo do ilustre Epicuro.

E sua própria atitude era perfeitamente pura, quando, com as pernas cruzadas e o cotovelo apoiado numa das coxas, estendia a mão, dirigindo a palma para cima, como para oferecer sua explicação:

– Pois, que se poderia colocar em lugar da beleza e da harmonia de tal forma nobre, casta, considerando que a vida dos homens somente alcança o que eles vêem, ouvem ou percebem com os demais sentidos? Ver a beleza e ouvi-la são o máximo que Apolo pôde outorgar, e o artista a quem escolheu para que receba tal dádiva divina, o artista deve conformar-se com sua sorte...

– Ela te pesa muito, Lúcio? – perguntou Plócio.

– Não falo de mim. Mas refiro-me a qualquer artista, antes de mais nada ao nosso Virgílio... e ele há de admitir que nisso não se trata apenas de mui necessárias conseqüências dos princípios de Epicuro, mas que elas também nos aproximam bastante das idéias de Platão a respeito do belo. Na minha opinião vão até mais longe do que estas e nunca poderão ser refutadas por elas ...

– Admito-o de bom grado. Talvez seja assim.

Bem podia ser que Lúcio tivesse razão, mas isso não tinha nenhuma importância.

E no entanto, e no entanto: ainda que a vida do homem não vá além do que ele veja e ouça, ainda que o coração só possa ressoar pelo tempo que bata, e ainda que a harmonia seja instituída diante do ser humano como derradeira dignidade e valia, fixada pelo destino como forma e unicamente como forma, mesmo assim deverá tudo quanto acontecer em prol da mera beleza permanecer no vazio nada e continuará merecendo condenação, pois, até na frieza da harmonia se conservará preso à embriaguez, será inversão do caminhe, será apenas representação e não mirará o conhecimento, que é, só ele, a morada dos deuses. Ai da visão que abarcar a beleza da existência resplandecente de ouro! Apesar de tudo, permanecerá encarcerada em plúmbea cegueira. Ó mundo repleto de beleza, enfeitado de beleza! Nele ficou edificada Roma, rica em jardins, rica em palácios, a imagem da cidade, imponente imagem, a achegar-se cada vez mais, inacessível em si mesma e contudo próxima, enchendo o azul do céu: a casa do Augusto e a de Mecenas, mas também, não longe delas, sua própria casa no Esquilino, as ruas ladeadas de colunas, praças e parques adornados de estátuas; e o poeta via o circo, os anfiteatros, retumbantes de ferozes sons de órgãos, via como, em prol da beleza, gladiadores

estertoravam e feras eram açuladas contra seres humanos, via como a multidão jubilosa de prazer se aglomerava ao redor de uma cruz à qual estava cravado, rugindo de dor, gemendo de dor, um escravo insubmisso – ebriedade de sangue, ebriedade de morte, mas ainda ebriedade de beleza! – e via como as cruzes se multiplicavam mais e mais, como proliferavam, entre línguas de archotes, entre línguas de labaredas, as chamas subindo do crepitar da madeira, do ulular das massas, um mar ardente que se fechava por cima da cidade de Roma, para nada deixar atrás, ao recuar, a não ser enegrecidas ruínas, rebentados pedestais de colunas, estátuas derrubadas e campos abandonados às ervas daninhas. Via isso e sabia que isso aconteceria, uma vez que a lei verdadeira da realidade irrevogavelmente se vinga do homem e deverá vingar-se, sempre que, maior do que quaisquer manifestações de beleza, for confundida com estas e justamente por isso sentir-se-á ofendida, menosprezada pela desobediência: muito acima da lei da beleza, muito acima da lei do artista, que apenas anela a consonância, ergue-se a lei da realidade, ergue-se – ó divina sabedoria de Platão! – Eros no decurso da existência, ergue-se a lei do coração, e ai de um mundo que se esquecer dessa derradeira realidade. Por que seria ele o único a ter conhecimento disso? Por que eram os outros ainda mais cegos? Por que não viam, não compreendiam isso nem sequer os amigos? Por que seria ele por demais manco, por demais débil, por demais mudo para fazer com que o entendessem? Ou seria sua própria cegueira o que o incapacitasse? E o poeta via sangue diante de si; tinha na boca o gosto de sangue; um suspiro matraqueador desprendeu-se-lhe do peito, passava, matraqueando, pela garganta, e ele teve que deixar a cabeça cair novamente sobre o travesseiro.

Oh, somente a verdade é imortal; imortal é a morte na verdade. Quem fechar os olhos, pressentirá a visionária cegueira, pressentirá a superação do destino.

Pois, ainda que a lei possa ser concebida somente na sua forma determinada pelo destino, sempre igual, ainda que também esta e com ela o próprio destino jazam no frio, imutável cárcere das regiões saturninas, o esforço prometéico dirige-se ao fogo que arde na profundeza comum dos mundos superior e inferior, e rompendo o cárcere da mera forma, o cárcere do eterno retorno, avança, superando o destino, superando a forma, até ao ancestre primevo, entronado na mais remota profundeza, e em cujas mãos descansa a verdade real da lei.

E é por isso que, terrível à mais extrema borda da realidade, aparentado com a morte, horrendo acima de todas as trevas e de todos os abismos, num pavoroso equilíbrio, o riso acha-se suspenso, cobrindo o mundo e rebentando o mundo, a flutuante divisa entre a ânsia de viver e o aniquilamento do próprio eu, terreno no vulcânico clamor desta esfera e pertencendo ao além no seu sorriso marinho em presença do entardecer. Mas, já não se ouvia risada alguma, já não se avistava nenhum sorriso. Plócio disse gravemente:

– O médico deveria ter chegado há muito tempo... Vamos ver se o encontramos, enquanto nos encaminhamos ao Augusto. – E ambos se levantaram.

Mas o poeta queria e precisava detê-los ainda. Era necessário vencer a obcecada cegueira dos amigos. Irresistível se fazia a compulsão de obter sua compreensão, para que não se estranhassem dele, irresistível a compulsão de dizer-lhes aquilo, aquilo que eles não entendiam e nem sequer desejavam entender. E ainda que ele próprio mal e mal a entendesse, surgia a frase:

– A realidade é o amor.

Assim, aquilo ficava audível e subitamente cessava de ser inconcebível. Pois, para mitigarem a dor do mero cio, os deuses concederam aos homens a graça do amor, e quem participar dele enxergará a realidade; já não será mero hóspede no recinto da própria consciência, na qual se acha sustentado. E mais uma vez brotaram dele as palavras:

– A realidade é o amor.

– Pois é – confirmava Lúcio e não parecia nem comovido nem grandemente espantado. – Claro, é o que tu nos ensinaste, e quando observo Tibulo ou Propércio ou ainda o jovem Ovídio com todo o seu mau gosto, sinto-me quase levado a asseverar que tu ensinaste isso a nós e a eles com uma insistência um tanto excessiva, já que para a imaturidade dessa gente, que talvez tenha veleidades de superar a ti, o inatingível, emulando-te, não existe mais nenhum outro tema que não o amor, e preciso confessar que estou farto disso, se bem que em geral não esteja inclinado a opor-me ao amor em si... A propósito, onde está o garoto grego do qual falaste?

Fora um fracasso. Mais uma vez, a conversa descambara em trivialidades e literatices, apenas roçando a superfície da realidade do ser, como se assim se quisesse comprovar a ele que não merecia coisa melhor, sim, que se encontrava num nenhures literário, o qual não era sequer a mais

extrema superfície de uma superfície, não confinava com nada, com nenhuma profundeza nem do céu nem da terra e, quando muito, beirava com o espaço vazio da beleza. Pois ele que percorrera o sinistro caminho da reversão, ele que sempre se embriagara e inflamara, exclusivamente de beleza, ele que, possesso de um delírio, quisera abafar a própria debilidade pela vastidão que existia a seu redor, ele que não fora capaz de procurar no coração humano o imutável, senão se sentia coagido a lançar mão, para isso, dos astros, dos tempos primordiais e de todos os atos divinos, ele não amara nunca, e o que julgara ser amor não passara de saudade, de nostalgia daquela paisagem perdida, na qual outrora, sim, outrora, perdido e perdido, esquecido desde a infância, esquecido no além, existira amor também para ele; somente a essa paisagem dedicara-se sua poesia, nunca assomara a seus lábios um canto devotado a Plócia, e mesmo naqueles dias, quando, emocionado pela beleza de Aléxis, que lhe fora dado por Asínio, imaginara cantar para o garoto, mesmo então não resultara nenhuma canção amorosa e sim uma écloga agradecida, oferecida a Asínio Pólio, e que se ocupava do amor na paisagem de seus desejos, mas tão disfarçadamente que não valia a pena mencioná-lo. Não, seria um erro supor que ele, que jamais amara e por isso nunca conseguira escrever um autêntico poema de amor, pudesse ter exercido qualquer influência sobre esses jovens poetas eróticos ou até ser considerado o mentor deles; não derivavam dele, eram mais sinceros do que ele:

– Oh, meu Lúcio, eles tiveram um ancestre melhor do que eu poderia ser; chama-se Catulo, e nem me emularam em momento algum nem tampouco o farão.

– Não te livrarás deles, ainda que os tenhas emancipado.

Pois, como se lê na tua écloga: "Nunca mais cantarei canções, e já não sou vosso protetor!" Não, Virgílio, tu és e continuas sendo seu ancestre, mas indubitavelmente um ancestre cujo vigor eles nunca igualarão.

– Ando muito fraco, Lúcio, e talvez sempre tenha sido assim. E do ponto de vista de tal debilidade possivelmente possa ser chamado seu ancestre, uma vez que eles têm em comum comigo a carência de vigor... A única semelhança' que existe entre eles e mim é a brevidade de nossa vida ...

– Ao que eu saiba, Catulo e Tibulo faleceram aos trinta' anos, e tu já és um cinqüentão – constatou Plócio.

Ah, por mais que o literato na sua fraqueza se iluda, pensando que a paisagem da infância, talvez almejada por ele, seja a imensidão dos campos saturninos e que, a partir dali, possam ser espiadas as profundezas do céu e da terra, sua paisagem, que lhe é verdadeiramente peculiar, é a da pura trivialidade, e ele não espia nada, e menos ainda a morte:

– Quando foi, Plócio, que Tibulo desapareceu? Faz poucas semanas apenas... e moribundo como eu jaz Propércio ... Evidentemente, a nossa debilidade já não agrada aos deuses, e eles têm a intenção de exterminar-nos radicalmente...

– Nosso amável e calmo Propércio vive ainda, vive para sua e nossa felicidade, e tua situação é a mesma, agora mais do que nunca... E daqui uns vinte anos, vós dois, ele aos cinqüenta e tu aos setenta, ainda, apesar das vossas contínuas doenças, competireis, da mesma forma que hoje, com todos esses jovens, seja seu nome Ovídio ou não sei que ...

– E exatamente como hoje seria impossível imaginar sua produção sem as *Éclogas* e as *Geórgicas* – prosseguiu Lúcio, que mais se importava com corretas definições literárias – exatamente como tu mostraste o caminho aos jovens, o caminho do idílio, o caminho do bucólico, o caminho que conduz a Teócrito, exatamente assim os precederás ainda, abrindo outros caminhos...

– Eu não dependo de Teócrito. Talvez o fosse Catulo, se bem que também isso seja discutível ...

A contragosto, Lúcio restringiu seus proféticos pronunciamentos literários:

– Catulo foi, entretanto, teu conterrâneo, e a paisagem comum freqüentemente provoca posições semelhantes e inclinações afins...

– Catulo ou não Catulo – grunhiu Plócio –, Teócrito ou não Teócrito, e com eles todos os seus sucessores, tu és Virgílio, tu és tu, e daqui uns vinte anos, se é que eu viverei até então, ainda continuarei gostando mais de ti do que deles, muito mais do que de todos eles juntos. Para mim, nada tens de ver com eles!

Era uma nítida linha de separação, a que Plócio, superestimando a ele, subestimando aos jovens, acabava de traçar, e fazia bem sentir-se incluído pelo amigo no grupo dos adultos, dos vigorosos que não tivessem de perecer prematuramente. Não obstante, era preciso retificar tal avaliação errada:

– Não sejas injusto para com os jovens, Plócio. À sua maneira, eles são sinceros, provavelmente até mais sinceros do que eu jamais tenho sido,

Mais uma vez se intrometeu Lúcio:

– Falar de sinceridade na Arte é sempre um pouco equívoco. Pode-se afirmar com relação a um artista que ele é sincero, quando se atém fielmente às tradicionais, eternas regras da Arte, e se pode dizer a seu respeito que precisamente nisso se manifeste insinceridade, porque ele esconde o próprio eu atrás da tradição. Seremos insinceros ao apoderarmo-nos da forma homérica? Serão os jovens insinceros ao emularem um Virgílio? Ou serão eles até mais sinceros ao infringirem no bom gosto?

– Lúcio, a questão da sinceridade ou insinceridade no fundo já deixou de ser uma questão artística. Ela visa ao que há de mais essencial na vida do homem, e nesse ponto, a Arte quase que se torna acessória, posto que sempre expresse algo humano.

– De que estais falando? – perguntou Plócio. – Isto é puro palavrório retórico, do qual, como sabeis, não costumo tomar parte.

– Virgílio pretende que os jovens são mais sinceros que ele, e nós, afinal de contas, não queremos tolerar tal asseveração.

– Para mim, tanto faz – insistiu Plócio, na sua cegueira de leal amigo. – Para meu gosto, Virgílio é suficientemente sincero ...

– Obrigado, Plócio!

– Ora, eu te quero bem, Virgílio, mas justamente por isso não te custa nada fazer a Lúcio o prazer de admitir que és mais sincero que esses jovens.

– Isso seria uma insinceridade ainda maior... Acho que os jovens com sua poesia amorosa alcançaram uma originalidade que a mim não teria sido acessível... Lúcio não quer aceitar o fato de que toda a realidade se baseia no amor e que atrás da poesia amorosa, que ele despreza, ergue-se essa grande, original realidade. Realidade é honestidade...

Lúcio parecia um tanto enojado. Seu dedo movia-se de cá para lá, para acentuar a negação:

– Para a Arte, Virgílio, não basta em absoluto aquela sinceridade barata. Somente o amor sublime, tal como tu o representaste e do qual o que ligou Dido e Enéias sempre será o modelo, somente esse amor tem direito de domicílio na Arte, ao contrário daqueles insignificantes casos amorosos dos quais os jovens cavalheiros gostam de encher suas obras poéticas.

A isso, Plócio sorriu jovialmente:

– A mim, não me interessam, mas não deixam de oferecer uma leitura amena.

– Nós conhecemos tua paixão por sentenças exageradas, Lúcio, e sabemos, apesar disso, que tampouco como nós duvidas da qualidade da poesia de Catulo... Ou será mesmo necessário que te comprove que até Ovídio é um poeta autêntico?

– Um poeta autêntico? – Lúcio acalorou-se, cheio de dignidade. – Que significa a qualificação de "um poeta autêntico"? Não se trata só de talento; há muita gente talentosa; ° talento é barato, e ° amor talvez seja mais barato ainda; freqüentemente se torna baboseira das mais banais, se bem que esses cavalheiros saibam polir mui habilmente seus versinhos… Naturalmente me absteria de proclamar publicamente tais opiniões, pois, bons ou maus, nós, os escritores, fazemos parte da mesma confraria. Mas, aqui, na roda mais íntima, nada nos deve impedir de apresentar as coisas sem arrebiques… Numa palavra, não consigo descobrir num desnudamento lascivo aquela sinceridade que constitui, só ela, a Arte verdadeira e a Poesia genuína.

Tinha Lúcio razão? Não podia ter. O que dizia era plausível, tão plausível como tudo o que um especialista sabe dizer; mas, justamente por isso, não transcendia a esfera dos especialistas e fechava os olhos aos esforços que precisamente se propunham romper esse âmbito. Catulo se empenhara nesse sentido, fora o primeiro a indicar o caminho novo, e em prol da justiça cumpria reconhecer isso:

– A arte verdadeira rompe os limites, transgride-os e entra em domínios novos, antes desconhecidos, da alma, da visão, da expressão, irrompe no que é original, imediato, real ...

– Muito bem, e tu queres efetivamente encontrar tudo isso na poesia amorosa, pretensamente tão sincera? Como se em cada verso da Eneida não se pudesse achar muito mais realidade autêntica! – Lúcio era incorrigível.

– A esse respeito, não vou discutir contigo, Lúcio. Sob certo aspecto, defendes também a tua própria obra poética, enquanto elogias a minha. Da minha parte. dou-me mais facilmente por vencido que tu, e assim podes referir exclusivamente a mim e à Eneida a afirmação segundo a qual a Arte nova já não deve usar os nossos trilhos. Cabe-lhe encontrar algo mais imediato, mais original, a apontar para as bases primordiais da realidade...

Verdadeiramente, é assim; quem se submeter a esse mandamento, terá de recuar ao fundo primevo, o fundo primevo da realidade, e terá de recomeçar com o amor...

A essa altura, Plócio aderiu a Lúcio:

– Para falar a verdade, gosto bastante de ler essas coisas, mas para que sejam tão originais como tu afirmas, os rapazes são demasiado desprovidos de vigor. Somente um macho autêntico é capaz de amar realmente, e todo o resto não tem nenhuma importância.

– Desprovidos de vigor? Que requer mais força de crescimento, a sumarenta grama, que cresce em solo de boas pastagens ou as ralas hastes, que laboriosamente abrem seu caminho por entre rochas; essas últimas têm aspecto miserável, mas, mesmo assim, brotam com força, mesmo assim são grama... Roma é pedra, nossas cidades são pedra, e quase se pode considerar um milagre que apesar disso tenha derivado delas algo original; certamente aquilo aparenta debilidade, contudo há nele originalidade, realidade, poesia ...

Plócio deu uma risada:

– Ao que saiba, não houve por enquanto nenhuma grama que conseguisse escolher seu lugar para crescer, ainda que preferisse ser devorada por uma vaca numa pastagem formosa. Permanece presa a sua rocha, ao passo que aqueles rapazes têm plena liberdade de procurarem o original lá onde ele cresce e onde o homem o faz crescer. Por todos os deuses! Ninguém os obriga a ficar entre as pedras das cidades, ninguém além de seus próprios desejos e pendores, para os quais é sem dúvida mais cômodo vagabundear em Roma, dormindo aqui e ali, e transformar beijinhos em versinhos. Antes de mais nada, deveriam aprender a ordenhar uma vaca e a manejar uma foice.

Lúcio sentia-se atacado e ofendido na sua qualidade de homem citadino:

– Quem nasceu para ser artista, não importa que seja grande ou medíocre, não nasceu para ser agricultor. Não são farinha do mesmo saco, Plócio.

– Eu apenas protesto contra a espontaneidade desse amor à grama, tal como o afirma Virgílio. Pois, nisso me entendo. Falta de força continua sendo falta de força.

– E eu protesto contra o fato de que vós não concedeis aos jovens a justiça que merecem.

– Lúcio anuíra às declarações de Plócio com violento gesticular dos dedos:

– É mesmo assim. Eles carecem de força, e por isso não vão além da imitação... Como se pode, portanto, falar de injustiça? São imitadores de Teócrito, êmulos de Catulo, e tomam do nosso Virgílio tudo quanto puderem!

Ah, era impossível convencer esses dois. Cada um mantinha-se, vegetando e aprisionado, em seu próprio círculo de idéias e palavras, incapaz de rompe-lo e atravessa-lo, incapaz de escapar do linguajar habitual. Um qualificava isso de amor à grama e de falta de força, outro falava de imitação, ambos com justiça, e nenhum dos dois notava, nem queria notar que até mesmo tal amor débil à cidade grande, ao definhar entre os muros e as pedras da metrópole, que até mesmo tal amor miseravelmente estreito, terrenamente pessoal e em muitos casos lascivamente desnudado, que até mesmo ele ainda prossegue abrangido pela grande e milagrosa legalidade da existência humana, tocado pela sombra do divino, desde que consiga ampliar o eu em direção a outro eu, projetar seus sentimentos rumo à bem-amada, pressenti-la em si próprio, amor imperecedouro na união com ela. Sim, isto, precisamente isto podia ser percebido nos versos dos jovens, isto era a nova realidade humana da verdade, que às vezes ressoava na poesia deles e que jamais teriam encontrado, se houvessem sido seus discípulos. Pois tal realidade do amor, precisamente ela, que encerra em si a morte e com isso a anula, fazendo com que ela se transforme em verdadeira imortalidade, precisamente ela fora negada a ele, ao superestimado poeta Virgílio; vazio era tudo quanto cantara, vazia até a Eneida; a epopéia tanto como o poeta ficavam restritos a seu círculo frio, e ele não tinha que ensinar coisa alguma; ao próprio Cebes, até a esse que da maneira mais carinhosa e abnegada quisera tornar-se seu discípulo, afeiçoara-se apenas, porque só se amara a si mesmo no espelho desse adolescente a fim de fazer dele – ai, e assim acontecera, como que sob uma coação demoníaca! – um frio literato, obcecado pela beleza. Catulo, Tibulo, Propércio, eles tinham sido capazes de amar, e do amor viera-lhes o pressentimento de uma realidade, que é mais forte do que qualquer harmonia e conduz muito além da esfera terrena. Unicamente o que se realiza a partir de tal pressentimento pode provocar sons no coração humano, envolto em penumbra, pode predispô-lo por esses sons, fazê-lo disposto à futura anunciação da voz, afinado como uma harpa que cantará

tangida peta vento; e como uma nova exortação a Plócio, para que ele reconhecesse a verdadeira realidade, e quase que agradecendo-lhe a amizade cegamente leal, reuniu o fôlego já cansado de tanto falar e proferiu as palavras:

– A pureza do coração... só ela é imortal.

Sem compreender, com benfazeja bonacheirice confirmou Plócio o que acabava de ouvir:

– Com isso concordo, meu Virgílio, pois o que é imortal é tua pureza.

– Não fosse assim – acrescentou Lúcio –, eles não te emulariam, da maneira como fazem. O original, o espontâneo, o novo que tens em mente é sempre a harmonia pura da verdade, e tu a mostraste a esta geração tanto como às futuras. Quem for em busca dela procurará tua companhia. Pois, "novamente brota de jovens linhagens uma ordem sublime", assim anunciaste, e tu és o guardião dessas linhagens.

Realidade do amor, realidade da morte, uma e a mesma coisa; os moços sabiam disso, e esses dois nem sequer percebiam que a morte já se encontrava no quarto, bem a seu lado... Sendo assim, seria ainda possível despertar neles aquele conhecimento da realidade? Era necessário induzi-los à reflexão, e isso era quase inviável. Só se podia replicar:

– Sim, Lúcio, é o que escrevi naqueles tempos... Mas, acredita-me: não anunciei coisa alguma, apenas apalpei a rocha... Talvez me tenham precipitado dela... não sei.

– Tu te atormentas e queres ocultá-lo atrás de enigmas.

Agir assim não é bom para nenhuma criatura humana – disse Plócio. – O obscuro não presta. – E se envolveu mais firmemente na toga, como se estivesse com frio.

– É difícil expressá-lo, Plócio, e talvez a causa não seja apenas minha fraqueza. Pode ser que não haja absolutamente palavras para explicar a derradeira realidade... Escrevi poemas, palavras imaturas... Pensei que aquilo fosse realidade, mas era beleza... A poesia provém do crepúsculo... tudo o que fazemos e criamos provém do crepúsculo... mas a voz anunciadora da realidade necessita de uma cegueira mais profunda do que o do gélido reino das sombras, ...mais profunda e mais elevada, sim, ainda mais obscura e todavia mais clara é a verdade.

Ao que retorquiu Lúcio:

– A mera verdade não importa. Até um louco diz a verdade, pode proclamar a nua e crua verdade. A verdade carece ser refreada, para que seja eficaz, e justamente nisso reside sua harmonia. Muita gente fala da demência dos poetas – concluiu, olhando a Plócio, que anuía com um gesto –, mas o poeta é precisamente o homem ao qual foi dado refrear e dirigir a própria loucura.

– Verdade... sua tremenda loucura... a desgraça na verdade! – As vozes do mulherio haviam sido nuas, nuas como a verdade que deviam anunciar, e contudo sinistras.

– Nunca! – insistiu Lúcio. – Verdade refreada não é demência e ainda menos desgraça.

Verdade na cegueira, a verdade plana, sem bem nem mal, sem profundeza, sem elevação, a nua verdade do eterno retorno nos domínios saturninos, e todavia sem realidade:

– Ó Lúcio, certamente é assim... mas não é a poesia que sabe anunciar tal verdade mais pura da realidade... A poesia não dispõe da capacidade de discriminação. Eu não a possuo... Apenas andei tateando, tartamudeando... – A febre avançava sub-repticiamente, agora já chegara ao peito, e a voz falhava, afogava-se num estertor: – Não dei sequer o primeiro passo... tateei, tartamudeei, e nem isso... nenhuma pureza...

– Mesmo que chames isso de tatear ou tartamudear – disse Lúcio bem baixinho, com inusitado calor –, sempre se tratava de harmonia e da mais pura anunciação.

– Mas, antes de mais nada, precisas agora do médico – decidiu Plócio. – É para lá de urgente. Vamos então e mais tarde voltaremos.

Houve um ruído sombrio, pesado, surdo. A angústia ressurgiu. Eles queriam sair, sem terem compreendido. Queriam voltar. Não seria já demasiado tarde? Cumpria convencê-los antes, eles deviam finalmente saber... oh, toda a desgraça reside na impossibilidade de despertar a alma humana da sua penumbrosa apatia... E lutando contra a tosse, enrouquecido, num grito quase inaudível, proferiu:

– Sois meus amigos... Preciso ter as mãos puras... É preciso que haja pureza ao princípio e ao fim... e a *Eneida* é indigna… sem verdade… nada mais que apenas bela...

Sois meus amigos... vós a queimareis… queimareis a *Eneida* para mim... Prometei-o...

O rosto de Plócio, no qual o poeta fixava os olhos, permanecia grave e mudo, e em seguida, enchia-se de carinho e ira. Isso se via claramente, em meio à carne avermelhada, salpicada de lunares, da qual se destacava o azul prateado da barba. Carinho percebia-se nos olhos, e era como que uma esperança. Porém os lábios mantinham-se mudos.

– Plócio... promete ...

Plócio reiniciara suas caminhadas através do quarto. A passos largos, andava de cá para lá, pesadamente; a barriga retesava as pregas da toga; a coroa grisalha, a cingir a calva redonda do occipúcio, estava um tanto eriçada, e à maneira de muita gente robusta, conservava ele os braços levemente dobrados, com os punhos cerrados: apesar dos seus sessenta anos, um protótipo de encolerizada vitalidade.

Como se quisesse demonstrar a inutilidade de uma resposta apressada, o amigo indignado prosseguiu ainda um bom tempo na sua marcha, antes de interrompê-lo e dignar-se de replicar:

– Escuta, Virgílio – disse, com toda aquela firmeza adulta que sua voz costumava assumir, quando se tratava de dar uma ordem –, escuta, tu tens ainda bastante tempo, tempo de sobra... Não vejo nenhuma urgência...

A firmeza com que essa afirmação da falta de pressa fora pronunciada não admitia contradição; como sempre, havia nela amparo, em virtude da imperiosa intimidação, e mais uma vez era necessário aceitar obedientemente a ordem de ter coragem e de curar-se. O poeta submeteu-se a tal ordem e o fez de bom grado. Certamente não podia fazer outra coisa, e já que o efeito era tranqüilizante, a própria fala voltava a tornar-se mais calma e mais fácil:

– É minha última vontade, Plócio, que tu e Lúcio queimeis sem demora a *Eneida*. .. Não tendes o direito de negar-me isso ...

– Ó meu Virgílio, quantas vezes te devo assegurar que tu e nós ainda temos muito tempo à nossa frente! Por isso, tens tempo mais do que suficiente para reflexionar bem maduramente sobre teu propósito... Mas não te esqueças – e ao dizer isso, ele, que habitualmente aconselhava sossego, já punha, com nervosa impaciência, a mão na maçaneta da porta –, não te esqueças: um camponês que desperdiça o trigo de semeada ou o atira ao gado não vale nada.

E em seguida, sempre resmungando, sumiu do quarto, junto com Lúcio, que evidentemente estava tão intimidado que não ousava proferir

nem apartes nem objeções, e logo depois cerrou-se a porta um tanto abruptamente, enquanto lá fora se esvaía o ruído dos passos.

Enriquecido, mas também despojado, sim, eis como eles o haviam abandonado: o benevolente e irado amigo dera-lhe tranqüilidade e tirara-lhe a angústia, mas, além da angústia, fora-lhe tirada outra coisa ainda, como um pedaço de seu próprio eu, e quase parecia que Plócio novamente o enxotara do mundo dos adultos e o convertera em criança, impelindo-o outra vez para aquela imaturidade sequiosa de forjar planos na qual ambos, como jovens, haviam perseverado em Milão, e da qual só Plócio conseguira distanciar-se verdadeiramente; oh, ele, o poeta, sentia-se a tal ponto devolvido à fase do inacabamento que se lhe afiguraria apenas natural que o amigo colocasse em seus ombros também a *Eneida* e a levasse consigo, junto com a angústia. Achava-se a mala ainda ali, intacta e bem fechada, ou não passava isso de uma ilusão? Melhor seria não certificar-se, e esta era uma decisão proveniente de apaziguadora impotência e ao mesmo tempo de vergonha. E havia nisso tanto mais vergonha que esse estranho apoucamento de seu eu produzira-se justamente diante dos olhos de Lisânias. Pois, este se achava – de forma singular, posto que não surpreendente – ainda na poltrona, assim como lá estivera à noite. Seria possível que nela houvesse subitamente lugar para duas pessoas? Fazia pouco que Plócio também se instalara ali. Realmente, nesse caso talvez fosse mais desejável e até mais conveniente que Plócio nunca tivesse posto o pé no quarto. Ao longe murmurava o ensolarado mar, e aí, com a doçura do olvido, recostava-se o garoto, redimido de sofrimento, redimindo de sofrimento; quem o olhasse mais agudamente avistaria o rosto de um desajeitado e ágil menino campônio, mas quem o fitasse ainda mais intensamente descobriria nele forte pendor por devaneios e muita beleza. Sobre os joelhos do garoto encontrava-se o rolo de manuscrito no qual lera durante a noite.

E, como se apenas tivesse aguardado a invitação, lia o menino:
"Duas são as portas dos sonhos: se foi verdadeiro o sonho,
afastam-se pela córnea saída as genuínas figuras;
se foi apenas burla, tal como às vezes os manes perpetram,
esvoejam as falsas visões pela porta de luzente marfim.
Ali conduziu Anquises ao filho e com ele à Sibila;
despede-se de ambos, em meio ao ebúrneo esplendor.
Rapidamente, Enéias encaminha-se aos barcos, e em

companhia de seus varões, atravessa as ondas em linha reta
e dirige-se ao porto de Cajeta. Ruidosamente
as âncoras descem da proa, e as quilhas descansam na praia."

Esses versos, ele os escrevera para glorificar Cajeta. Reconhecia o trecho:

– Assim aconteceu... Em seguida, Cajeta é sepultada, Cajeta, a ama-de-leite... Pois, a essa altura, Enéias regressara dos Ínferos... Regressara e tornara-se adulto... um homem renascido...

Falava com pasmosa facilidade, como se o ar tivesse ficado mais fluido.

– Não será também o teu caminho, Virgílio, o mesmo que trilhou Enéias? Tu também penetraste nas trevas, a fim de regressar na viagem através da trêmula luz das águas do mar...

– Fui impelido às trevas, mas não foi por minha vontade que penetrei nelas, penetrei em seu seio. Porém não me afundei; pétrea era a caverna, nenhum rio passava por ela; impossível de descobrir o lago nas profundezas abissais do hirto olho da noite. . Vi Plócia, mas não achei o pai, e também ela desapareceu... Privado de renascimento fiquei, ninguém guiou para mim, mas então ouvi a voz, e agora tudo é claro...

– ... e tu mesmo te converteste em guia.

– Arremessado e impelido pelo destino, mal e mal tenho sido guia de mim mesmo, e ainda menos de outros.

– Onde quer que fosses impelido, sempre houve um caminho que tu apontaste.

– Fui eu quem encontrou o caminho através das ululantes vielas da noite? Não foste tu?

– Sempre tu tens sido o único guia, e guia sempre serás.

Eu apenas era teu acompanhante, só aparentemente te precedia, e embora amiúde me perdesses de vista, volto agora a entrar em ti, convocado pelo decurso in temporal do tempo, cujo guia imóvel és tu.

O que ouvia o fez sorrir: ser guia dos homens, estratego, sacerdote, rei, outrora isso fora seu desejo de menino, e o garoto o pronunciava neste instante. Não o transformara Plócio realmente numa criança?

Mas Lisânias prosseguia falando:

– Jamais guia o estratego, jamais o rei, o próprio verso já não guia através das eras marcadas por um governo imperecível; mas eternamente

reinará nelas, guiando agora e no futuro, o ato voluntário da mente pura.

Mais claro se tornava o ambiente, mais leve flutuava o ar, mais alegre o alento divino. E como se houvessem ficado mais familiares, familiar como a ansiada realização, resplandeciam as praias ensolaradas, os bosques inacessíveis; e um hino solar ressoava, proferido por uma boca perenemente cantante, fazendo cintilar a filha de Hélios.

– Lisânias, estás vendo o olho, o purpúreo azul, reluzente de ouro? O meio-dia abre seu olho, e nas mais remotas profundezas de sua mirada, mostra a noite radiosa.

– Apolo tem sido a meta que indicaste, e transformado em sol, foi terra contigo, é dia agora contigo.

– De ouro é o olhar de Apolo, de prata seu arco ameaçador, igual a raios o conhecimento que se tem dele: fulgurantes, a palavra divina de Apolo e a flecha divina de Apolo fizeram-se unidade, e graças a ela, retornam às suas origens divinas. Oh, ao próprio olhar permanece invisível sua fonte primeva, a noite; ela repousa na mirada do deus, e somente para quem for ferido pela flecha, para quem for atravessado pela luz, hão de rasgar-se os véus das trevas, de modo que ele, com os olhos agonizantes, já cego e todavia ainda enxergando, perceberá o domo original da unidade, penetrando com seu olhar o princípio e o fim, o domo original, do qual proveio, luminoso e noturno de vez...

– Sol invencível! – ouvia-se uma suave exclamação, e ela vinha dos lábios do escravo, que voltava a aparecer no recinto.

– Invencível, porém obediente ao pai, o pai cornudo como Aries, o pai do dia, Júpiter, que, lançando raios, encerra em sua poderosa mão o destino dos deuses, dominando o destino e ao mesmo tempo aprisionado por este, o filho de Crono, que retido nos domínios de seu próprio reino, jamais escapa do progenitor.

– Mas a maldição da soberania alternadamente entregue e reconquistada há de extinguir-se – assim falou o escravo –, quando na seqüência das gerações divinas aparecer aquele ao qual a Virgem deu à luz; ele será o primeiro a não se rebelar; confundir-se-á com o Pai, e o pai se confundirá com ele; unidos serão no espírito, eternamente três em um.

– Tu és sírio? Ou persa?

– Trouxeram-me da Ásia, quando eu ainda era criança.

Resposta cortês e seca, e o rosto do homem, que momentos antes estivera aberto em direção ao sol, mostrava novamente uma expressão

impenetravelmente servil. Como era possível? Desse modo, a ocorrência ficava, por assim dizer, entrecortada, a tal ponto que Lisânias, como se houvesse sido afugentado, subitamente parecia ter sumido do quarto, e a respiração tornava-se outra vez mais difícil:

– Quem és?

– Sou escravo-camareiro na ilustre casa do Augusto, protejam-no os deuses.

– Quem te ensinou a tua fé?

– O escravo venera os deuses de seu amo.

– E a fé de teus antepassados?

– Meu pai sofreu na cruz a morte dos escravos, e me separaram da mãe.

Um tormento sombrio assomava por entre lágrimas; oh! essas eram lágrimas que lhe velavam o olhar, comprimindo-lhe dolorosamente o peito, lágrimas do lago imenso do qual uma e outra vez ressurge a humanidade. Mas o rosto do escravo mantinha-se imóvel; desnudo e hermético, encobria o abismo.

Passaram-se alguns instantes: – Posso ajudar-te?

– Senhor, não deixes tua bondade descer até a mim. Louvo minha sorte. Não necessito de nada.

– Mas vieste ...

– Assim me mandaram.

Seria o escravo realmente apenas um instrumento? Teria recebido a ordem de conservar-se discreto no trato com o hóspede, porque os hóspedes não devem tomar conhecimento de coisa alguma? Que escondia ele? Impenetrável permanece a atitude da criatura relegada à situação de órfã. Um manto frio lhe envolve a alma, ocultando camadas e mais camadas de horror, e horrivelmente orfanado ficara o escravo. Fora ele enviado para roubar-lhe a Eneida e o garoto? para que orfanasse a Lisânias também? Vazia estava a poltrona no avarandado, e a mão estendida em direção ao desaparecido não encontrava nada, não conseguia salvá-lo da orfandade! E estalou o grito de horror;

– Tu o afugentaste!

– Se tenho alguma culpa, ó meu senhor, castiga-me ou perdoa-me, pois não o fiz intencionalmente. Estava obrigado a executar minha incumbência de estar aqui às tuas ordens e a teu serviço.

A desconfiança ainda não se dissipara:

– Serás tu o substituto dele? Enviaram-te para que o revezes? Deram-te o nome dele?

– Nada pertence ao escravo, senhor; ele não tem nome; despojado, leva as cadeias. Assim como me queiras chamar-me, assim me chamo.

– Lisânias?

Era uma pergunta. Porém conjurado pelo seu nome, Lisânias estava novamente presente. No avarandado, recostava-se na poltrona, e em lugar do escravo, era ele quem respondia rapidamente:

– Sempre te procuraste, para encontrares a mim, e encontrando-te, tens procurado a mim.

Procurado, sim, procurado... O origem! e mais uma vez manifestava-se o perdido, oh, abriam-se profundezas e mais profundezas do poço, o espaço da recordação, ilimitado o abismo do outrora, cingido pela serpente do mundo, trespassado por acontecimentos nunca avistados. E do horripilante amplexo da serpente, jamais perdido, sempre recordado, arrancou-se o mais antigo dos titãs, Crono, e com pé atroador, foi o primeiro a calcar a terra...

… e no tumulto das reminiscências, era audível a resposta do escravo:

– Quem escolhe o nome para si mesmo rebela-se contra o destino ...

…procurado, sim, procurado,... o titã tinha sido derrubado, e gerações de heróis, gerações de homens, servindo aos deuses, geração por geração, em infinita seqüência, educadas para o dever, educadas para a morte, esqueceram-se do sangue dos titãs, até que de repente ele voltasse a ferver, e o neto tardio, grande e terrível, nascido para ser titã, novamente calcasse, igual ao ancestre, os campos da criação, lançando ao céu seu grito, em súbita memória do assassínio d'antanho, tão gravemente ferido pela lembrança que se dispõe a vingar medonhamente o crime cometido contra o antepassado, ao qual sente em si mesmo; para cegar o deus da luz, para abater o dominante pai dos deuses, galga as alturas, e já está a ponto de lograr êxito, quando consegue arrancar do olho do deus o fogo coruscante; porém mais uma vez triunfa Zeus, e rechaçando o titã, prostra-o sobre o solo rochoso; eis que novamente reina o dever, e dirigido pelas mãos de Hélios, roda lá em cima o carro de fogo, transportando o radiante Sagitário

com seu arco cada vez mais longe, através das moradas celestes, dia a dia no zênite ...

… e em meio ao clarão, o escravo prosseguiu falando: – Tu nunca me chamaste, nem sequer quando pensavas chamar; apenas te fui imposto; eu era para ti o dever, enquanto servia...

… procurado, sim, procurado,... o titã fugira, mas atrás dele que em vão fugia, ardiam, cintilando ao fogo roubado, as esferas com incontáveis estrelas, e posto que o titã por enquanto não conseguisse obter o arco divino, posto que tão pouco lograsse assestá-lo contra o pai, converter a si mesmo em ancestre e fazer dessa forma o tempo parar, a fim de que os que nascessem, isentos do tempo, ficassem livres da coação, imortal sem dever o próprio nome e aquele que o portasse, oh, posto que isso tão pouco se houvesse realizado, desde então se mantinham atenuadas as esferas no sem-número das estrelas, e atenuados ficavam o dever e a coação e a morte ... … e em seguida falou o garoto:

– Eu sou Lisânias, ó Virgílio, e quando começou tua vida, livre de sofrimento, numa infância protegida, a mãe, libertando-te de qualquer pesar, esboçando um sorriso anônimo, mantinha-te em seus braços...

… e o escravo acrescentou: – Anônimo sou, ó Virgílio, como quer que me chames, e grande é o anonimato, que, desnudo, sempre flutuou a teu redor, para que finalmente te envolva...

… procurado, sim, procurado... ó retorno! fim ajuntado ao início, início ao fim; reinam os deuses, reinam ainda e distribuem os deveres. E assim estava ordenado pelo deus que propicia a luz: concebe tu em vida a morte, a fim de que ela te ilumine a vida; somente quem avançar até aos princípios – oh, procurar é memória divina! – recordando e relembrando a zona das raízes do pré-começo, somente esse achará com o fim o início e se lembrará de qualquer futuro, garantido nas profundezas do passado; só quem segurar o que se esvai dominará a morte no que se esvaiu. Não tem limites o abismo do outrora e não tem nome. À morte servem as Musas, servem velando, como vestais, o mais sagrado fogo, o áureo clarão de Apolo.

E enquanto tinha diante dos olhos o semblante do garoto, o semblante do escravo, revelava-se-lhe algo perdido: magnífica a vida que abriga a morte em seu seio; sabedora a percepção da verdade; sabedor o amor no amor; supremamente libertado de demência, o significado da

verdade que nos faz evitá-la; recuperado do nada, transformado e todavia inalterado, grandioso em sua realidade o milagre do amor. Ó retorno!

Era o escravo? Era o garoto? Mais uma vez, aquele se manifestou:

– Ao acercar-me agora de ti, que sempre me acolheste, ajudo-te com meu serviço, e nunca mais te coagirei.

Em seguida, falou outra vez o garoto, numa voz que parecia mais aguda:

– Um guia invisível conduziu-te, transformando seu próprio serviço no teu. Agora, que chegaste, ele te dispensa de seres guiado. Procurando, encontraste àquele cuja busca visava a ti.

Mais severa, porém ainda confortadora, ressoava a resposta: – Nada do que é terrestre resta a quem esteja somente destinado a servir; ele mesmo não possui nada, nem nome, nem vontade; forçado a voltar à infância, não tem destino. Mas, quanto mais se despojar, mais se lhe outorgará o imediato; só que, desnudo, levar cadeias, obterá o espírito singelo da humilde concepção da graça; só esse saberá novamente chorar; há de reservar-se o milagre a ele, que, assim rebaixado ao nível de criança, será o primeiro a avistar a luz.

Eco de uma única voz, assim as vozes se entreteciam, e, da teia de duplo som, vinha mais clara a do garoto:

– Entrada e saída são uma e a mesma coisa, infância do princípio e do fim, infância refugiada no amor.

Porém, como um eco de lágrimas brotadas da dor que abrange as esferas, soavam as palavras do escravo:

– Labutando na mais dura servidão, jamais chamados por nenhum pai, jamais agasalhados por nenhuma mãe, provenientes de passado algum, não nos encaminhando a nenhum futuro, órfão acorrentado a órfão, somos a multidão de todos os servos, e a nós, que, agrilhoados, andamos numa fila sem fim, a nós que estamos desprovidos de destino, o destino elegeu para a graça de conhecermos o irmão no irmão.

– Nua é a humanidade, onde quer que desponte; nus são seu princípio e seu fim; e as algemas do dever escorcham a nua e dolorida pele; mas também o titã foi desnudado, nudez é seu heroísmo, e quando enfrenta ao pai, não usa nem arnês nem armas; nuas ardem suas mãos, nas quais leva à terra o fogo roubado.

Estranhamente unido ao garoto, como se se respondessem mutuamente e dissessem uma e a mesma coisa, o escravo acudiu:

– Uma arma trucidou outrora o primeiro da estirpe, e sempre repetindo o crime, extermina-se o homem a si mesmo, com a rumorosa violência das armas, aniquilando o homem degradado à escravatura, ele próprio escravo das armas, e permite que a criação expluda, esbraseada até à gélida rigidez. Somente aquele será herói que consentir com o desarmamento.

– Na verdade, Virgílio, decantaste as armas, mas teu amor não se destinava ao feroz Aquiles e sim ao piedoso Enéias.

– Inermes estamos nós, os escravos, rebaixados ao desarmamento, mas a nós, os que inermes aguardamos, abrem-se com vida as sepulturas, para nós, o petrificado deixa de ser pedra, à nossa mão obedientemente se dobra a rocha.

– Inerme está o fim, inerme o recomeço, e da noturna pedra, o deus sobe brandamente ao zênite, a criação convertida em infância.

– Pois, tu nos viste, Virgílio, viste a cadeia, e enquanto teu olhar chorava, avistaste o princípio que nossas lágrimas têm de suportar – assim falou o outro, e – impenetrável – voltou a transformar-se no servo, prestes a auxiliar.

– Tu viste o princípio, Virgílio, mas tu mesmo ainda não és o princípio; ouviste a voz, Virgílio, mas tu mesmo ainda não és a voz; sentiste o palpitar do coração da criatura, mas tu mesmo ainda não és o coração; és o eterno guia, que, ele próprio, não alcança a meta; serás imortal, imortal como guia, ainda não e todavia já, eis a tua sorte em qualquer era da história.

– A cadeia, tu a carregas conosco, mas para ti, ó Virgílio, ela já foi afrouxada um pouco.

Em seguida, fez-se silêncio, e juntos se punham à escuta.

Os três escutavam a luz expandida, e a luz era como que um murmúrio, o murmúrio de espigas, de sussurrante, áurea chuva solar, meigo e poderoso, indizivelmente anunciador, imperdidamente imperdível, a pressagiar a voz mensageira. O canto do dia, flutuando esplendorosamente acima das trevas.

Então disse o garoto, levantando a mão:

– Olha a estrela, olha o indicador do caminho!

E havia lá uma estrela noturna em meio ao céu purpureamente ensolarado, e ardendo suavemente, o astro encaminhava-se ao Oriente.

Prostrado para rezar, o rosto apertado contra o chão. primeiramente se mantendo imóvel, depois soerguendo-se para ajoelhar, com os braços dirigidos para cima, balançando-se levemente nos joelhos, para a frente e para trás, orou o escravo:

– Tu, o mais desconhecido, o mais invisível, o mais inefável, que tronas no infinito, Tu Te anuncias através de Teu olho, que, ofuscando, nos contempla, excessivamente luminoso, contudo apenas uma sombra do Teu arcano ser, um reflexo da Tua escuridão, reflexo de reflexo. E meu olho, minha mirada, outra sombra, lançada pelo reflexo de Teu reflexo, reflexo por sua vez, pode elevar-se ao Teu, não para repousar em Ti e sim para retornar, dolorosamente, ao pressentimento. O leão e o touro estão deitados aos Teus pés, e a águia esvoa até Ti. Teu olho é Tua voz, e irado troveja Teu cenho. Ninguém Te pode resistir, nem aquele que se atreva a ir em busca do fogo, nem o que dome o touro, nem tampouco o que a si mesmo converta em ancestre, ninguém Te pode resistir. Mas Tu envias para a salvação o que nunca se rebela. E reflexo da missão, desprende-se do Teu esplendor, como um filho, o astro, e por Tua ordem regressa até ao lugar onde Te detiveste e novamente Te deterás ao romper do dia. Tu me criaste para a morte, e eu sou a imagem dela. Mas, ao me criares, Tu, o mais invisível no invisível, criaste ao mesmo tempo o retorno, e quando o astro descer, quando Tu, o mais anônimo no anonimato supremo, evocares o nome que assumes, para peregrinares na terra, para morreres na terra, visível à criatura terrena como Tua segunda forma, na qual novamente sobes a Ti mesmo, retransformado na própria luz, o astro, um único olho, mais uma vez desdobrado, tornando-se sol, então me deixava mim, à derradeira sombra do Teu anonimato, ao escravo dos escravos, participar de Teu nome, de Teu rosto, de Teu clarão, ó Tu, o mais desconhecido, o mais invisível, o mais inefável, ao qual pertenço e hoje louvo e sempre louvarei.

E, nesse instante, levantou-se o vento merídio, hálito do fervoroso beijo da vida; apenas perceptível, vinha, roçando, do sul, em ondas levemente flutuantes, o mar do alento do mundo, que todos os dias transborda, inundando suas beiras, aragem dos tempos que se completam, sem jamais se completarem, e por cima dos quais passa o astro: sopro do solo que amadurece, sopro da oliveira, da vinha e dos trigais, sopro do cuidado e da singeleza, sopro dos estábulos e das frutas prensadas, sopro da

comunhão e da paz, sopro de terras e mais terras, de campos e mais campos, sopro do trabalho que serve com amor, sopro do meio-dia; ó plenitude do meio-dia, a mais sagrada, a descansar acima do mundo e dos mundos, como se as rodas do carro do sol estacassem em santo repouso, no zênite. Devagar, o lustre oscilava ao sopro, e argentinamente tinia a corrente.

Uma vida humana não basta. Não basta para coisa alguma.

Ó recordação, ó retorno!

E no mais ignoto, no mais invisível, no mais inefável, no mais esconso do deus, lá impera Ele, cuja sombra é a luz, sempre pressentido, jamais conhecido, o mais oculto, cujo nome não se pode pronunciar. Não era Ele o venerado pelos temerosos camponeses, que pensavam que morasse no primevo bosque capitolino? Imagem alguma lhe foi erguida, nenhuma lhe será esculpida. Ele é símbolo de si mesmo, mas no símbolo da voz, proclamou-se. Oh, abre os olhos ao amor! E alto, acima do sopro do canto merídio, cujas ondas entravam, inalteradamente cálidas, cheias do solícito carinho que o homem devota à terra, cheias do amor cruel que a terra dedica ao homem, alto acima dele singrava em sua jornada o astro noturno, símbolo também ele, símbolo de um amor sem nome, que deseja descer, a fim de elevar a criatura terrestre até à esfera do sol. Assim repousava o meio-dia no alento que vinha de cima e de baixo, e se detinha a quadriga do carro ardente, detinham-se as rodas, detinha-se Hélios.

Seria felicidade aquilo que o poeta sentia? Ele não o sabia, nem queria sabê-lo. Certamente era esperança, uma esperança tão desmedidamente forte que logo se convertia numa luz por demais intensa, e qual som demasiado ruidoso, quase se tornava insuportável; sim, foi quase um alívio para ele, quando o acontecimento imoto subitamente se interrompeu. E ele nem sequer sabia quanto tempo aquilo tinha durado. Mas, quando vinha a interrupção, quando o meio-dia outra vez se punha em movimento e a luzente roda girava novamente, quando a quadriga reencetava sua rota e o astro errante de súbito sumira do céu, abriu-se a porta do aposento, abriu-se, como se quisesse que no mesmo instante o garoto com seus lépidos pés escapulisse em rápida fuga. Na realidade, fê-lo, porém, porque um homem barbudo, um tanto corpulento metera a mão no trinco. Nesse instante, mantinha-se no limiar, sorrindo amavelmente, e parecia oferecer-se a si mesmo de festivo presente. Levantava o braço, para saudar o poeta, e não reparava no menino, que se esgueirava. Não era difícil reconhecer nesse homem o esperado médico; seu comportamento, sua

vestimenta, seu aspecto identificavam-no inequivocamente; antes de mais nada a barba de sábio, aparada e bem cuidada, em cujos pêlos loiros se entreteciam uns fios de prata, quase artificialmente encaixados, os fios prateados de uma idade que inspira confiança; e se houvesse ainda lugar para dúvidas, elas seriam dissipadas pelo séquito munido de instrumentos, e que surgia atrás! procurando conduzir-se, se possível, com maior dignidade ainda, para nem falar do cumprimento jovial, profissionalmente elegante, que fluía com rotineira habilidade dos lábios do chefe das tropas:

– Eu pensava encontrar um convalescente, mas vejo um convalescido.

– Realmente, assim é – as palavras tinham escapado mais depressa e com maior convicção do que o poeta teria esperado poder manifestar.

– Nada pode ser mais grato ao médico do que constatar o acerto de seu diagnóstico, sobretudo quando a confirmação procede de um poeta tão ilustre... No entanto, no caso de apenas te declararem são, para esquivar-te do médico ... ora, como diz o teu Menalcas: "Hoje, de modo algum me escapas; aonde quer que dirigires teu chamado, aparecerei."

A destreza desse médico da corte não era simpática, posto que nenhum enfermo consiga subtrair-se ao misterioso feitiço da medicina. Mas teria sido mais agradável tratar com um autêntico curandeiro da campanha, com o qual se poderia conversar sobre muita coisa. Agora, porém, cumpria conformar-se de bom ou mau grado com esse aí:

– Não fujo de ti... A propósito, esquece-te do poema!

– Esquecer-me do poema? Se teu aspecto não te desmentisse, Virgílio, eu deveria crer que a febre se manifestasse por tuas palavras. Não, senhor, nem me escaparás nem me esquecerei jamais de teu poema, tanto menos porque há um parentesco entre nossos respectivos antepassados, Teócrito e Hipócrates, que ambos nasceram em Cos, e devido a isso posso ufanar-me de ser aparentado contigo...

– Saúdo-te como meu parente.

–Sou Charondas de Coso – a apresentação foi proferida com a cerimoniosidade que convém a um nome famoso.

– Ah, és Charondas... de modo que deixaste de lecionar ali. Muitos vão lastimar tua ausência.

Não havia nisso nenhuma censura, mas, quando muito, o espanto de uma pessoa que sempre considerara o magistério uma meta suprema, no

fundo inatingível. Mesmo assim fora ferido um ponto sensível da consciência do médico da corte, e este se pôs a defender-se:

– Não foi por causa dos honorários que obedeci ao chamado do Augusto. Se eu ligasse importância à riqueza, bastaria que continuasse a tratar ali meus pacientes abastados, dos quais havia realmente grande número. Mas, quem pensa na riqueza, quando cumpre servir diretamente à sagrada personalidade do César Augusto?! E também me parece que no centro do Governo do Estado, do qual me cabe hoje uma pequena parte, posso fazer muita coisa útil em prol da Ciência e do bem-estar do povo, talvez mais do que poderia ter feito na minha cátedra... Construiremos cidades na Ásia e na África, e para essa tarefa é indispensável o conselho de um clínico. Isto é apenas um exemplo entre inúmeros... O que não impede certamente que tenha sido e continue sendo doloroso para mim renunciar às minhas atividades de professor. Afinal de contas, houve anos em que foram. preparados por mim mais de quatrocentos discípulos...

E enquanto, numa mescla de franqueza e vaidade, dava essas informações sobre si mesmo, como um amigo que se abre a outro amigo, o médico sentava-se na beira do leito, a fim de tomar o pulso do paciente, auxiliado por uma pequena ampulheta, que, a um gesto seu, um assistente lhe entregara.

– Agora silêncio, por favor – disse. – Logo terminaremos...

No receptáculo de vidro, a areia descia num filete fininho, inaudível, inquietante, por assim dizer com veloz lentidão.

– O pulso não tem importância.

– Espera, num instante poderás falar... – a ampulheta parou. – Bem, a mim não me parece tão destituído de importância ...

– Pois não, Herófilo ensinou-nos o significado do pulso.

– O grande alexandrino, sim! Mas, quanto mais poderia ter ele realizado, se tivesse aderido à escola de Coso Bem, aquilo aconteceu há muito tempo... Porém, quanto a teu pulso, hum,... longe de mim afirmar que seja preocupante, contudo, em linhas gerais, poderia ser muito melhor.

– Não quer dizer nada... Ando um pouco debilitado pela febre, e isso influi sobre o pulso... A esse respeito, estou completamente tranqüilo. Alguma coisa sei ainda dos meus estudos de Medicina; não os esqueci inteiramente...

– Os colegas são os piores pacientes. Nesse caso, prefiro ainda os poetas, e não somente no leito de enfermos... E como vai a tosse? E a

expectoração?

– No escarro há sangue ... Mas talvez isso deva ser assim.

Os humores voltam ao seu equilíbrio.

– Com todo o respeito por Hipócrates. …Que tal se por um tempinho deixasses de misturar a medicina e a poesia? – Pois é, a poesia merece ser esquecida. Eu deveria ter-me tornado médico.

– Disponho-me com grande prazer a trocar de lugar contigo, logo que estiveres totalmente curado.

– Estou curado, e agora me levantarei – mais uma vez, o poeta tinha a impressão de que outra pessoa falasse em seu lugar, alguém que realmente estivesse bem.

Num abrir e fechar de olhos, a fisionomia do médico perdera aquela expressão de solícito homem do mundo, cuja destreza indiferente produzira um efeito tão desagradável. Os olhos, no sorridente rosto nédio, olhos negros com um brilho dourado, tornaram-se muito agudos e observadores, quase que inquietos, e suas palavras quase alegres estavam em desacordo com esse olhar:

– De fato me alegro mui sinceramente de que te julgues totalmente curado. Mas, como o Augusto costuma dizer em casos como o teu: "Quem corre cansa, quem anda alcança." Na própria recuperação há etapas, e até onde subiste na escada do restabelecimento cabe ao médico decidir.

O olhar perscrutador, a fala jovial, tudo isso era inquietante: – Queres, portanto, dizer que minha cura já progrediu em demasia... Talvez aches que sinto uma cura excessivamente completa... Referes-te à euforia?

– Oh, Virgílio, se fosse assim, eu te almejaria uma euforia muito prolongada e bem intensa.

– Não se trata de um estado eufórico. Estou bem. Desejo descer à praia.

– Ora, não é precisamente à praia que te mandarei, mas, daqui a muito pouco, hei de encaminhar-te à serra... Se eu tivesse estado em Atenas, ao lado do Augusto, terias partido imediatamente para Epidauro. Podes ter certeza de que eu faria questão disso. Bem, agora temos de arranjar-nos aqui, da melhor maneira possível. Mas nada é impossível quando o médico e o paciente têm a mesma vontade de conseguir a cura... E o teu desjejum? Estás com apetite?

– Quero jejuar.

– Era só o que faltava. …Quem é teu escravo de plantão?

Vamos começar com leite quente... Que o escravo vá depressa à cozinha...

O escravo que se conservara inescrutável atrás do séquito, aprestou-se para executar a ordem.

– Não, este não!... Este não deve sair... Ele tem de preparar meu banho.

– Hoje não se toma banho... ainda que no futuro concordemos em fazer uma experiência com banhos. O que Cleofanto nos ensinou, há uns duzentos anos atrás, com relação aos efeitos de banhos, tem valor ainda hoje... A natureza do homem não se altera, e uma verdade uma vez descoberta continua sendo verdade, a despeito de quaisquer medicinas novas que atualmente nos estão sendo impingidas...

– Também o velho Asclepíades, pelo que aprendi, era sob esse aspecto adepto de Cleofanto.

A objeção desencadeou a indignação prevista e no fundo até esperada, ainda que soasse bastante comedida:

– Sim, aquela velha raposa da Bitínia comporta-se como se tivesse o monopólio de água, ar e sol. Mas, quando eu era um médico muito jovem, quer dizer numa época em que Asclepíades ainda não tinha chegado a tanta glória, já obtive excelentes resultados com tratamentos de repouso e banhos ...Claro que lhe tributo minha reverência, embora não se possa excluir por completo a possibilidade de ele ter recebido naqueles dias informações sobre minhas bem-sucedidas curas; sempre defendo o ponto de vista que nós, os médicos, existimos para a saúde do homem enfermo e que divergências a respeito da primazia de êxitos não passam de indignas ciumeiras de profissionais, e como tais deveriam ser proibidas rigorosamente. O médico deve deixar amadurecer suas experiências e não pleitear imediatamente, com grande estardalhaço, seus direitos de prioridade, assim como certas pessoas infelizmente costumam fazer... Uns trinta anos atrás, eu já poderia ter escrito um tratado sobre os efeitos de banhos e não o fiz... Mas quantos prejuízos não causou, por exemplo, justamente esse velho Asclepíades com suas obras sobre os efeitos do vinho! Sem exagero, poderíamos afirmar que ele emprega seus tratamentos de água somente para restaurar os danos causados por suas curas de vinho...

A arenga terminou numa clara e macia risada. Era como se um pedaço de riso polido como um espelho batesse em outro, para em seguida

ainda deslizar um pouquinho sobre ele. – Isso significa, pois, que tu nunca receitarias vinho.

– Em quantidades prudentes? Por que não? Apenas não tenciono converter meus pacientes em beberrões... É nesse ponto que Asclepíades está redondamente enganado... Porém, abandonemos esse tema, pois tu não receberás nem vinho nem banhos, senão apenas leite quente.

– Leite? Como remédio?

– Se o qualificas de desjejum ou de remédio, fica indiferente, a não ser que desejes outra coisa.

Queriam instilar-lhe leite, como a uma criança; também o médico tencionava reduzi-lo à infância. Cumpria rebelar-se, era necessário:

– A noite não foi boa. Estava muito quente... – os dedos desidratados pela febre moviam-se quase automaticamente, para demonstrarem de modo visível a necessidade de água... – Preciso de um banho.

No entanto, a rebeldia não lhe adiantou nada. O escravo afastara-se a toda a pressa, sem prestar atenção ao protesto do poeta. Seria ele um traidor? Oh, a taça sumira da mesa, e certamente fora afugentado o garoto. Que ocorria? Os dedos prosseguiam em seu desenfreado e mecânico jogo; o anel apertava, como se subitamente se tivesse tornado demasiado estreito. Por que acontecia tudo isso? Por que não o haviam deixado somente com aqueles dois? Por que o projetavam uma e outra vez a essa solidão repleta de criaturas humanas? Recusavam-lhe até a cadeira-retrete!

– Preciso limpar-me, e necessito de um banho.

– Naturalmente te limparão, e não só a ti mas também a todo o quarto. Pois o Augusto tem a intenção, segundo me encarregou de informar-te, de saudar-te logo aqui em pessoa… Meu ajudante te lavará em seguida com vinagre morno.

Cabia abandonar qualquer resistência:

– O Augusto me será bem-vindo... Que se prepare tudo...

– Estamos prestes a fazê-lo, Virgílio. Mas, antes de mais nada, toma este remédio – e o médico estendia-lhe um vidro com um líquido claro.

O líquido parecia suspeito ao poeta:

– Que é isso?

– Um decocto de sementes de romã.

– Acho que é inócuo.

– Completamente inócuo. Sua única finalidade é tornar o estômago novamente receptivo. Depois de uma noite penosa, tal como a que pareces ter passado, considero isso indispensável.

A poção tinha um sabor amargo, mas puro.

– O hóspede deve submeter-se ao estilo da casa, e também eu preciso sujeitar-me a ele. Quem errou tem de subordinar-se.

– Quem está doente deve acomodar-se à subordinação.

Eis a primeira exigência que o médico carece fazer.

– Pois não. Cada doença é um erro.

– Da natureza.

– Do doente. A natureza não erra.

– Ainda bem que não achas que se trate de um erro do médico.

– Através de seu auxílio, ele se torna em certo sentido cúmplice. e. um falso salvador.

– Realmente, Virgílio, disponho-me a aceitar essa pecha, tanto mais que tu mesmo pensas ser médico qualquer dia. – Eu disse isso?

– Disseste, sim.

– Andei doente toda a vida. O falso salvador sempre esteve em mim... Sempre errei.

– Tenho a impressão de que estudaste com excessiva meticulosidade os tratados do nosso venerado amigo Asclepíades, meu caro Virgílio.

– Por quê?

– Ora, sua doutrina da evitabilidade de qualquer doença, mediante um modo de viver adequado, tem manifesta semelhança com a tua acerca dos erros que se manifestem sob a forma de enfermidades... A despeito de toda a minha estima, ouso qualificar isso de contra-senso e absurdo, que nos conduzem às raias da medicina dos bruxos... E em tal aberração não há nada de assombroso, considerando os átomos migradores que, segundo Asclepíades, vagueiam pelo organismo humano...

– És um adversário tão encarniçado da magia, Charondas?

Será mesmo possível curar alguém sem emprego de feitiços? Quase que me parece que nós desaprendemos a arte do encantamento.

– Mas eu creio somente nos conjuros amorosos da tua feiticeira, Virgílio, os que reconduziram Dáfnis.

Era pasmoso, coisas esquecidas voltavam à tona. Dáfnis!

A Écloga da Maga! Não pressentira ele, o poeta, já naqueles tempos que o amor antecede a qualquer feitiço? Que toda a desgraça, todo o erro são ao mesmo tempo falta de amor? Quem não amar será vítima de enfermidade, e somente quem for despertado para novo amor conseguirá sarar:

– O Charondas, cada médico que possuir o verdadeiro feitiço livrará seus pacientes de seus erros, e tu também fazes isso freqüentemente, talvez sem o saber.

– Não quero tampouco sabê-lo, porque não posso descobrir nenhum erro na doença... Até animais e crianças adoecem, e certamente não cometem nenhum erro... Também nesse ponto, Asclepíades, não obstante a sua importância em outras matérias, equivocou-se fundamentalmente.

Rebaixado ao nível de criança, de animal, rebaixado pela doença e devido a ela, fugido a regiões ainda mais profundas, chegado a lindes que se encontram em maiores profundezas que as esferas infantil ou animalesca!

– Ó Charondas, justamente o animal sente-se envergonhado de sua doença e tenta esconder-se.

– Ê verdade que não sou veterinário, Virgílio, porém, assim como conheço meus pacientes, a maioria deles orgulha-se de suas enfermidades.

Essas palavras foram proferidas com certa displicência, já que a atividade de pentear a barba não permitia nenhuma interrupção; pois um médico da corte precisa estar elegante, em virtude da iminente visita do César, e por isso, Charondas retirara das dobras da toga um espelhozinho e um pente. Colocando-se numa posição meio oblíqua, a fim de obter uma luz favorável, estava inteiramente absorvido em aformosear a loira barba de erudito, e sem interromper essa tarefa, puxando o lábio inferior para esticar a pele, e murmurando em virtude disso, acrescentou:

– A ufania que sentem os pacientes por sua doença é superada somente pelo orgulho que os médicos sentem pela cura.

Era verdade, sem dúvida alguma. Nenhuma vergonha provocada pela doença pode ser tão grande que não deixe ainda lugar para a vaidade da mesma doença, para a pretensiosa vaidade de vítima, que pensa ter realizado uma proeza, porquanto a enfermidade anula os instintos sexuais e tudo o que se deseje ou seja digno de ser desejado fica expungido do rosto do enfermo, uma vaidade da autodestruição. E justamente por isso ou apesar disso, solicitou o poeta:

– Dá-me o espelho!

– Mais tarde, quando te tivermos arrumado um pouco.

Por enquanto, apareces ainda bastante desleixado.

– Permite-me minha vaidade de doente. Dá-me o espelho! E quando lhe haviam alcançado o espelho e o encarava a imagem familiar de seu próprio rosto, austeramente reservado e todavia imperioso, com muitas camadas sob a pele verde-oliva, mal barbeado, ambíguo pelos olhos sombrios, rodeados de olheiras pretas, com a boca que calava muita coisa, essa boca que se tornara estreita e perdera o hábito de beijar – quando o poeta fixava o olhar nesse rosto observador, encovado, que quase submissamente trazia em si todos os rostos da vida, o abismo dos rostos do passado, no qual se haviam precipitado rostos e mais rostos, para que, mesmo assim, fossem conservados nele eternamente, transportado pelo espelho o rosto da mãe para o do filho, ainda que este não recebesse os claros olhos dela, oh, quando ele mirava essa cadeia de rostos, avistava o último rosto, o que ainda devia juntar-se a ela e já se delineava, o rosto de sua esperança, o rosto no qual quisera transformar-se mediante a doença, o rosto do pai no leito de morte, o rosto do oleiro moribundo, que deitara na cabeça do menino a mão plasmadora, o rosto que o chamava pelo nome; um apaziguamento estranho partia desse rosto, os demais rostos empalideciam atrás dele, e se sua visão fora obtida por este ou por aquele caminho, se a doença tinha sido ou não o caminho certo, pouco importava a essa altura, quando o fato estava consumado:

– O médico que és, cura-me, para que eu possa morrer!

– Ninguém consegue tudo, Virgílio, assim tu mesmo cantaste. Eu sei somente curar-te para a vida, e é o que farei com a ajuda de Esculápio.

– Providenciarei para que preparem o galo para ele.

– A fim de que te desperte para a imortalidade? O Virgílio, já não necessitas da morte para tua imortalidade, e melhor faremos lavando-te e barbeando-te agora, senão nos surpreenderá o César; já estamos premidos pelo tempo.

– Meus cabelos também precisam ser aparados.

– Devolve-me o espelho, Virgílio, para evitarmos que tuas pretensões vaidosas ultrapassem todos os limites. Certamente, os teus cabelos não estiveram sob os cuidados de um barbeiro da corte, mas, para meu gosto, é desnecessário cortá-los agora.

– O regulamento exige que se cortem à vítima os cabelos da testa.

– Aumenta a tua febre? Ou dizes isso só para fazer uma concessão à medicina mágica? Se for útil, não me oponho, pois meus tratamentos não são exclusivistas. Posso dizer com orgulho que isso faz parte de suas boas qualidades... Manda, pois, que te aparem os cabelos para a tal da imolação, mas então urge ainda mais começar o trabalho.

Era o tom com que se acede aparentemente à vontade de uma criança, a fim de reduzi-la à obediência. Porém, tanto fazia se a idéia da imolação era ou não absurda, nada restava a não ser submeter-se. E sem oposição, o poeta admitiu tudo quanto lhe faziam segundo as ordens do médico. Mãos peritas erguiam-no e carregavam-no até à cadeira-retrete, e o médico controlava as atividades, como se se tratasse de cuidar de uma criancinha.

– Ótimo – disse então –, e agora vamos transportar-te por um tempinho a um lugar ensolarado, para que possas tomar teu leite bem confortavelmente.

Assim, o poeta ficava sentado, envolto em cobertores e irradiado pelo sol, na poltrona, ao pé da janela, e bebia em pequenos tragos o leite quente, que em ondinhas cálidas descia à escuridão do corpo. O escravo mantinha-se a seu lado, prestes a receber a taça vazia. Mas os olhos dele dirigiam-se para fora da janela, graves, reservados, embora respeitosos.

– Estás vendo o coxo?

– Não, senhor, não vejo coxo nenhum.

A essa altura, o aposento estava cheio de azáfama. As flores, que lassas, exalando um cheiro de murchidão, tinham pendido do candelabro, foram retiradas. Renovaram os círios, lavaram o assoalho, trocaram a roupa de cama. O médico, novamente munido de espelho e pente, aproximou-se:

– Que coxo?

– O coxo noturno.

Cheia de preocupação, como que à procura de algo concebível, veio outra pergunta: – Ah, te referes a Vulcano? Pensas nele, já que lhe dedicaste teu canto do Etna?

A preocupação era quase comovente, e o esforço de compreender tocava as raias do cômico:

– Oh, esquece-te do poema, meu bom Charondas. Que nenhum dos meus poemas seja uma carga da tua memória, mas sobretudo olvida aquela obra de fancaria imperfeita, imatura, que, a rigor, eu deveria refazer.

– Queres refazer o canto do Etna e queimar a *Eneida*? – A preocupada incompreensão com que essas palavras foram proferidas beirava cada vez mais a comicidade; e, contudo, talvez houvesse valido a pena tratar novamente do tema do Etna, para agora, com melhores recursos, com maior seriedade, com mais perspicácia do que então, espiar mais uma vez o ferreiro coxo nas suas profundezas brônzeas, endemoninhadas, espiá-lo cegado pela luz dura, incolor dos Inferes, mas, não obstante, avistando, devido a tal cegueira – ah, essa cegueira do vate! –, a luz de todas as alturas: Prometeu, encarnado em Vulcano, a salvação na perdição!

– Não, amigo Charondas, acho apenas que deves esquecer os versos dos dois poemas.

E mais uma vez era comovente ver como a fisionomia do médico se iluminava, porque agora se podia finalmente lançar uma ponte de entendimento:

– O Virgílio, ainda que os poetas tenham o privilégio de fazer exigências impossíveis, a memória não se deixa atordoar, sem mais aquela, por uma simples ordem... Oh, Virgílio, tudo quanto outrora cantava Apolo e ouvia Eurotas, cheio de felicidade, tudo isso foi cantado por aquele...

– E as montanhas levaram o eco ao céu – completou, vindo das lonjuras do eco, uma voz suave, ela mesma um eco, a refletir a voz sumida do garoto.

Os sons subiam às alturas, até ao eco celeste; subiam os ruídos diurnos, os ruídos da lufa-lufa, os ruídos de milhares de oficinas, milhares de afazeres domésticos, milhares de lojas, os confusos, mesclados ruídos da cidade, confundindo-se e mesclando-se com todos os cheiros da cidade, subindo ao céu o flutuante emaranhamento do dia, já tão pouco angustiante como os arrulhos dos pombos e os pios dos pardais, que se misturavam com eles. Os telhados, ou listrados ou inteiramente pretos, estavam cobertos de uma fina, trêmula camada de fumaça; aqui e ali resplandeciam cobre ou chumbo, resplandecia bronze, sob os raios do astro do dia que já se tornara incolor, e no mormaço do meio-dia também o céu perdera um pouco de sua cor; apesar da ausência de nuvens, já estava privado de sua dureza cerúlea, enquanto se estendia por cima de um mundo em meridiana trepidação.

Devia ele mais uma vez inquietar o médico, indagando acerca da estrela desaparecida na transparência invisível? Imperdível, posto que não perceptível, a estrela singrava rumo ao oriente, singrava ao longo dos céus, mas também atrás de qualquer abóbada, encaixada naquele espelho

oceânico, a cuja profundeza abissal o eco de céus e mais céus se recolhe para sempre. Estrela vagante, que liga as esferas! Ocultas, através de todas as línguas, as radiosas raízes da luz espicham-se para baixo, oculta, a radiosa ramaria do olhar dirige-se para cima; mas, junto com o penetrante raio, que penetra em nós infinita e mais infinitamente, olho e mais olho em nós, devemos encaminhar-nos à nossa mais extrema profundeza, a fim de atingirmos o oceânico abismo do eco, a partir do qual nossa imagem é refletida em direção a céus e mais céus, ao olho do deus. Será nossa faina, que executamos e devemos executar, humildemente inclinados sobre o solo, será ela já um ato de avistar a profundeza, haverá nela já aquela tentativa de espiar, desejosa de achar a imagem superior? Alcançamos com nosso labor dirigido à terra a infinita profundeza, que se encontra muito abaixo de todos os mundos subterrâneos e é ao mesmo tempo a dos mais altos céus? Ou teremos de esperar até que, com o derradeiro raio de luz, com o derradeiro, com o mortal, o próprio deus fatalmente nos atravesse, para, com o eco de si mesmo, retirar-nos sua existência divina, descendo ao alto pelas escadarias reais dos eões, descendo às alturas, até à superfície aberta? Onde estava a estrela vagante, que mostrasse o caminho?!

Afundado na poltrona, o poeta olhava, de olhos piscas, para cima, em direção à cintilação incolor. Fazia-o cautelosamente, como se com isso cometesse algo proibido. E nessa piscadela, dolorosa e todavia incontrolável, nessa piscadela que era ativa tanto como passiva, emergia, estranhamente distorcida e mesmo assim nítida (era aqui, era lá?) a imagem, tal como aparecera no espelho, hermética e complexa, contudo incompleta, um reflexo do reflexo, surgida, qual sombra, da mais profunda superfície do espelho, do mais distante, radioso chão de seu abismo. Realmente, ela não fora trazida pela escada dos eões; antes parecia que se tivesse insinuado pela mais modesta, mais estreita porta do fundo, enxergada pelos olhos semicerrados, como que por uma consciência pesada; deveras, raio algum a levava às alturas.

Eis que disse o escravo, que lhe tirara a taça das mãos e a depusera:

– Senhor, protege teus olhos. O sol está forte.

– Deixa isso comigo! – increpou-o o médico, que, em seguida, voltou-se ao grupo de ajudantes, perguntando:

Esquentaram a água avinagrada?

– Esquentamos, sim, mestre – vinha a resposta da penumbra do quarto.

Então, a um sinal do mestre, levaram o poeta de volta à sombra e deitaram-no no leito. Mas, sua mirada continuava fixa no pedaço do céu, recortado pela janela; a clareza atraía-o com força tão irresistível que as palavras se apresentavam automaticamente:

– Quem das profundezas do poço levantar o olhar rumo ao céu do dia terá a impressão de que este esteja envolto em trevas e será capaz de ver nele as estrelas.

Imediatamente, o médico acercou-se dele:

– Será que tens alguma perturbação visual, Virgílio? Isso não te deve causar nenhuma preocupação. Não há de ser nada ...

– Não, não tenho perturbações visuais. – Quão cego não devia ser esse médico da corte, para ignorar que ninguém que estiver acometido de cegueira e aguardar uma cegueira melhor, poderá ter perturbações dessa espécie.

– Falaste de estrelas?

– De estrelas? Ah, sim... eu gostaria de vê-las mais uma vez.

– Tu as verás muitas vezes ainda. Isso te garanto eu, Charondas de Coso.

– É verdade, Charondas? Os desejos de um enfermo realmente não podem ir mais longe.

– Oh, não sejas demasiado modesto. Em sã consciência, posso prometer-te muito mais ainda... por exemplo, que dentro de poucos dias, quase que poderia dizer dentro de poucas horas, hás de sentir-te perfeitamente bem; pois, após uma crise como aquela por que evidentemente passaste esta noite e evidentemente de modo violentíssimo, na maioria dos casos apresenta-se uma muito rápida melhora do estado geral... No fundo, nós, os médicos, não podemos desejar nada melhor do que uma crise dessas, e segundo a opinião que sustento com boa razão, ainda que não tenha o apoio de toda a escola e ela me haja valido a fama de excêntrico, sem que eu, por isso, me sinta ofendido, segundo essa minha opinião, será, em certas circunstâncias, até recomendável provocar artificialmente uma crise de tal natureza...

– Sinto-me perfeitamente bem já agora.

– Ainda melhor, meu Virgílio, ainda melhor!

Sim, o poeta sentia-se perfeitamente bem: as costas apoiadas em alguns almofadões, que lhe haviam colocado ali, para deterem a tosse, desnudo, estendido sobre o leito, era, em cuidadosa alternação, lavado com vinagre morno e enxugado com toalhas aquecidas, e quanto mais se prolongava esse suave vaivém, mais notava ele que sumia de seu corpo o cansaço febril. Mantinha a cabeça dobrada para trás, por sobre a borda do travesseiro, a fim de oferecer o queixo e o pescoço à navalha do barbeiro, que trabalhava atrás dele, e essa entrega convertia-se em brando alívio, e alívio era tanto o meigo e seguro deslizar da navalha pela pele esticada como o processo de limpar o incômodo restolhal da barba espetada; como também – e isso já era mais do que alívio, era benfazeja lassidão – a múltipla e ágil seqüência de compressas quentes e frias, com que lhe cobriam o rosto escanhoado. Mas, quando, feito isso, o barbeiro se dispunha a cuidar do cabelo, o poeta o interrompeu:

– Antes de mais nada, corta os cabelos na testa.

– Como quiser, senhor.

Fria, a tesoura encostava-se na fronte; fria, a passinhos estaIidantes, avançava rumo às têmporas, dando estalidos também no ar, já que o barbeiro, depois de cada corte, a cerrava e abria com um trêmulo virtuosístico, e uma vez que o senso estético de um artista do penteado requer simetria, tornou-se necessário aparar ainda o cocoruto e o occipício, antes que se pudesse iniciar a lavagem com óleo e sal-gema, intensificada por meio de repetidas rinçagens com água fria, para as quais se colocava sob a nuca do poeta uma bacia adequadamente recortada. E enquanto tudo isso se realizava, segundo um ritual cuidadosamente arranjado, um enfermeiro metera-se a massagear os membros, um a um, a partir dos dedos dos pés, cautelosamente, de acordo com as regras de sua arte.

Concluída a lavagem da cabeça, o barbeiro indagou: – Pomada de lírios, rosas ou resedás, senhor?

– Nenhuma. Penteia-me, mas não uses pomada.

– "Bem cheira a mulher que não tem cheiro algum", afirma Cícero – opinou o médico –, no entanto disse também muita coisa blasfema, na qual não acreditava nem ele mesmo, e as resedás seriam indicadas no teu caso. Resedá acalma.

– Apesar disso, Charondas, prefiro renunciar a ela.

Lá fora, os pardais pipilavam, e por sobre o peitoril da janela passeava, arrulhando, empoleirado, um pombo azul-ferrete, meneando a

cabeça; irradiava-o a luz do céu claro, vastamente aberto.

O médico riu-se:

– Se eu te tivesse proibido a pomada, tu a terias exigido.

Pacientes do teu tipo não são raros em nossa clientela. Apenas é preciso saber lidar com eles, e para falar com franqueza, para aprender isso, tive oportunidades em profusão e até demais... Estás vendo: eu confesso de antemão meus truques, mas ganho o jogo apesar de tudo. De resto, não insisto desta vez, pois, no fundo, não necessitas de um calmante, mas antes de algo que te reavive teu ânimo, e me pergunto se não devo receitar-te um afrodisíaco bastante forte. Sim, sem brincadeira, considerando que nossa decisão de viver, nosso desejo de viver, nosso ânimo, talvez não exclusivamente, mas em grande parte, e até estou tentado a afirmar: mais fortemente do que desejamos ou suspeitamos, dependem do centro inferior do nosso organismo, desse centro inferior que às vezes é bem deleitoso, e ao qual nós, os médicos, devemos, portanto, atribuir um papel muito importante na formação da vontade de curar-se... Ora, tu sabes disso certamente tão bem quanto eu, e eu queria apenas dizer que um pouco mais vontade de viver e de sarar absolutamente não te prejudicaria...

– Acho que para minha vontade de viver não se carece nenhum afrodisíaco. Tenho para mim que ela é suficientemente forte, até sem ele. … Amo grandemente a vida...

– Falta-te seres correspondido? Pois então não amas bastante.

– Não me queixo, Charondas.

Não, para a vontade de viver não se necessitava realmente nenhum afrodisíaco; quem se deita para o amor fecha os olhos, eles lhe são fechados por uma mão alheia, familiar, como se faz a quem jaz moribundo; mas quem quer viver mantém os olhos abertos em direção ao céu, à descerrada claridade celeste, da qual nasce todo o desejo de viver, toda a vontade de viver: oh, poder ver uma e outra vez o azul do céu, amanhã, depois de amanhã, durante muitos anos, e não ter de ficar acamado, de olhos turvos, cerrados, amortalhado, com o rosto lívido, enrijecido, enquanto lá fora, já não perceptível, estende-se o claro azul-celeste, cheio do arrulho dos pombos, que se tornou inaudível Assim fora o dia, claro e azul, assim fora o dia em que o pai jazera no féretro. Oh, poder viver!

O barbeiro aproximou-se, munido de um espelho, a fim de deixar admirar a obra acabada:

– Agrada-te o corte, senhor?

– Está bem... Tenho confiança em ti, mesmo sem examinar tua obra.

– Agora tens um magnífico aspecto – elogiou-o com fisionomia entusiasmada o médico Charondas, e para manifestar seu aplauso, bateu com três dedos da destra levemente a gorda palma da mão esquerda. – Realmente magnífico, e espero também que te sintas bem refrescado. Pois, não há nenhum recurso mais indicado para reanimar os humores e o pulso do que esse gênero de massagem cuidadosa, prudente, aplicada no corpo inteiro por um perito. Já deverias aliás notar o efeito favorável. Eu até o percebo em ti.

Lá fora, estendia-se a claridade escancarada, desprovida de estrelas, do azul do céu. Oh, poder vê-la sempre e sempre! Até mesmo pelo preço de contínua enfermidade e ininterrupto cansaço! Oh, poder contemplar! Como era possível que o gárrulo médico Charondas ainda precisasse de uma resposta? Porém, no fundo, o homem falara verdade, lá que de fato se manifestava uma sensação revitalizante, que, na realidade, não passava de um cansaço refrescado, mas, apesar de tudo, era uma reanimação. Era a libertação da angústia. Reanimados estavam os membros fatigados, com sua vida própria liberta do medo; posto que o temor, sob as mãos do massagista, se tivesse tornado mais consciente ainda, livrara-se ela da velha angústia, como se esta já não fosse uma experiência e sim apenas um saber da mesma, como se isso só acontecesse sob a forma de uma imagem refletida por um espelho, mas já não no próprio corpo – Sem embargo, era tal imagem mais uma vez a mesma coisa que o próprio corpo, sim, o corpo era reflexo tanto como espelho, acolhendo, à maneira de um espelho, não só a experiência mas também o saber, de modo que este, liberto da angústia, podia ser esquecido, embora ainda se conservasse em imediata proximidade corpórea, intacto sob a forma de uma nova consciência física, intacto, por mais longe que ele, o poeta, já inconscientemente, se pudesse desviar e de fato se desviasse em quaisquer não-proximidades; tudo se tornava suave, suavemente pulsava o mundo, pulsavam as regiões interior e exterior, pulsavam as marés dos dias e das noites, pulsava a grande ordem do ser, branda e impetuosa, em cujo seio se amalgamam e silenciam as próprias marés, fundindo-se numa unidade o som dos sinos das noites e as tempestades solares do dia; suavemente pulsava a respiração, e com suave calma passava o alento pelo peito, que se levantava e abaixava, tranqüilizado e beneficiado pela acariciadora

massagem, aplicada por uma carinhosa mão alheia; livre de sofrimento e contemplado com ele, livre de saber e contemplado com ele, assim era esse reviver na esfera corpórea, entretecido numa ausência de ruído, que se assemelhava a uma imagem lisa e muda, refletida por um espelho, e como que espelhada realizava-se a azáfama em todo o aposento a seu redor, organizada pela voz do médico, que, por sua vez, ficara desprovida de ruído; sem ruído algum, os escravos corriam de cá para lá, entrando e saindo; um cesto com limpa roupa de cama fora trazido com estranha ligeireza; subitamente, um lençol novo estendia-se sob o corpo levantado, como se não tivesse peso algum; outra túnica envolvia-o; flores frescas adornavam o candelabro, e seu perfume mesclava-se, fugaz, úmido, sereno, com o cheiro de vinagre, fragrância fluida, transportada pelos pingos da fonte embutida na parede, gotas da alma, a caírem murmurando. Por estranho que pareça, desenvolvia-se uma sensação de amparo. Certamente, o corpo ao qual se concediam tantos cuidados era um corpo em decomposição, sim, em decomposição iminente, mas a consciência de seu reflexo no espelho fez com que ele conservasse sua forma, uma forma frouxa, flutuante, a adejar, protegida, entre o passado e o futuro, pacificamente fundida em ambos, ela mesma espelho, ela mesma paz, em si mesma presente, igual ao éter, permanência sustentada pelo alento, avistando o escancarado azul. E na realidade era por isso que tudo quanto aqui acontecia, todos esses cuidados, que por ali se processavam, às pressas, sem ruído, parecessem visar a uma simples transparência; era como se com eles se tivesse apenas erguido um mero composto de suportes, aéreo e fútil, um andaime, que já não tinha nada que sustentar, a não ser à própria leveza, e como se se fizesse assim um enorme e quase fabuloso esforço para obter-se a segurança de um abrigo, para o qual nada sobrava que abrigar e que já não podia encerrar em si coisa alguma, a não ser algo muito vago, muito passageiro, a imagem espelhada de um nada; mas, afora tudo isso, era também como se esse reflexo vago, esse reflexo confuso, imagem inalcançável, já abandonada, apesar de seu abandono, estivesse salvo da decomposição, no último instante, por milagre, e mantido em si próprio, pouco antes de desbaratar-se, como se houvesse recebido forma e figura a partir de um saber, o qual, embora apenas reflexo de saber, possuísse ainda suficiente força terrena, para abrigar em sua acolhedora proteção o mais diafanamente inalcançável e para reconvertê-lo mais uma vez em realidade, graças a tal amparo; pois, ainda no seu último revérbero, a ação de amoroso

serviço tem um poder de criar realidade, e mesmo que essa ação, como neste caso, somente se manifeste como um reflexo brincalhão, como um jogo de curar, que já não cura, brincalhonamente levado às portas da morte, até neste ca~o continua ela sendo o invisível conteúdo do mundo, que criativamente transforma o saber no sabido, o abrigo em coisa abrigada, e procriando o encerrado pela força do encerro, o reconduz à criação terrena, tão fortemente metamorfoseado que esse mundo criado – determinado numa presença singularmente exata tanto pelo extraordinário como pelo cotidiano – torna-se tanto imagem refletida de si mesmo como reflexo do homem, ao mesmo tempo reflexo do interior e do exterior. Era o seu próprio corpo aquilo que o poeta ainda sentia? Ou era apenas reflexo de seu organismo ou até reflexo do seu sentir? Onde estava a realidade dessa existência, que o rodeava, cheia de paz, e todavia era ele mesmo? Nenhuma resposta podia ser dada, nenhuma se deu, mas também a resposta não dada era existência pacata, como tudo quanto o circundava, material e imaterial numa única respiração, numa só pulsação, flutuando entre imagem original e imagem refletida, não tocando nem uma nem outra, porém símbolo de ambas, pairando entre o recordado e o visível, espelho de ambos, pacificamente unido a ambos, o presente etéreo, e no fundo do espelho, no fundo da paz, profundamente engastada no presente e na realidade, no fundo remotamente obscuro da claridade diurna, fulgia a estrela.

Por que não podia isso permanecer assim, permanecer assim para sempre? Por que um estado de tal felicidade sem esforço teria de ser alterado? De resto, não aconteceu nada disso. Sim, poder-se-ia pensar que aquilo que ocorria no quarto, ainda que as atividades continuassem, não estivesse sujeito a modificações. Mesmo assim, tornavam-se mais significativas e cada vez mais vastas. Grávido do perfume das flores, fortemente impregnado do olor do vinagre, conservava-se o pacífico alento do ser, mas, ao mesmo tempo, intensificava-se, e as ordens do mundo convertiam-se num cochicho cheio de cálido frescor; era aperfeiçoamento, e o que havia nele de assombroso era apenas que as coisas em algum momento tivessem sido, sim, pudessem ter sido diferentes. Agora tinha tudo o seu lugar adequado, provavelmente para que o guardasse sempre. Rápida, porém suavemente, fundiam-se quarto e paisagem; rapidamente, as flores brotavam nos campos, cresciam alto acima de qualquer casa, penetravam através das copas das árvores, deixavam-se abraçar pela ramaria; minúsculos, os homens formigavam entre as plantas, instalavam-se à

sombra delas, encostavam-se nas hastes e eram, iguais a elas, de uma indizível transparência e até alegria. Também o médico Charondas, que ainda se mantinha ao pé da janela, podia ser visto ali, em meio às ninfas dançantes, prosseguindo, com fisionomia cortês, pensativa, a pentear a loira barba no rosto gorducho e manejando para isso o espelho, a refletir tudo: fontes musgosas, que nasciam de um sono ainda mais aprazível, a verdejante amoreira, que com parca sombra tremulamente tinge a umidade do musgo, esbraseado e ressequido ao sol do meio-dia, assim se refletia tudo, refletia-se o zimbro tanto como a castanheira carregada de espinhosos frutos, e espelhando, espelhadas, pendiam as intumescidas bagas, amadurecendo na videira... Oh, proximidade do espelho, leveza do espelho, oh, como tudo isso estava ao alcance da mão, como era fácil então tornar-se um daqueles, ser um daqueles que ali viviam, cuidando com eles dos rebanhos, prensando com eles na adega abobadada as sumarentas uvas! Oh, as transparências passavam-se para outras transparências, conservando, contudo, sua própria índole; indistinguíveis eram pele e vestimenta dos homens, e a alma do homem participava da mais extrema superfície tanto como da mais invisível e todavia visível profundeza da terra natal dos corações humanos, de cuja palpitante imensidão ela vinha à tona. Ocorria um infinito encontro, um encontro que nunca teria fim, acompanhado de timidez e atração. Perfume de louro, perfume de flores arqueavam-se por cima dos rios, tendiam-se de bosque a bosque, traziam os suaves chamados daqueles que alegremente se comunicavam entre si, e as cidades esvaecidas na luminosa lonjura haviam-se desvencilhado de seus nomes, de maneira que pareciam ligeiros tremores do ar. Teria o escravo ainda o leite à mão, para que se pudesse, como convém, oferendar uma taça ao dourado ídolo de Priapo? Ouro candente, vermelho, imerso em leite, assim se mostrava ele no espelho, mostrava-se rodeado de álamos que debruavam a margem do rio, consagrados a Hércules, mostrava-se cingido pela cepa de Baco, pelo louro de Apolo e pela mirta tão cara a Vênus; mas olmos inclinavam-se sobre as águas, que lhes molhavam as pontas das folhas, e saindo de um dos troncos, vinha Plócia, atravessava uma das pontes, aproximava-se a passo ligeiro, acompanhada de borboletas e pássaros, que gorjeavam sem ruído; penetrava a superfície do espelho, penetrava o plano polido, que se abria e tornava a cerrar-se em seguida; passava pela galeria de arcoÍris refulgentes de ouro e pelas ebúrneas sendas lácteas. Estacou a alguns passos do poeta recostado na ramaria dos olmos do candelabro.

– Plócia Hiéria – disse ele com a cortesia apropriada à circunstância, já que nunca antes a encontrara. Como que para saudá-lo, ela mantinha a cabeça levemente abaixada; seus cabelos cintilavam, sarapintados de estrelas, na penumbra, e apesar da distância considerável que os separava, deram-se as mãos, tão direta, tão intimamente que fluxo e refluxo de suas vidas oscilavam entre ambos reciprocamente. Porém, isso podia ser uma ilusão, e cumpria certificar-se:

– Levou-te o acaso por este caminho?

– Não –respondeu ela –, nosso destino está unido desde o princípio.

Unidas estavam as mãos, as dele nas de Plócia; ah, era impossível dizer quais pertenciam a ele e quais a ela, porém, uma vez que o poeta, como se tivesse tantos galhos como a ramaria do olmo, conseguia além disso apanhar com dedos brincalhões frutas e flores, que brotavam da árvore, a resposta não bastava e devia-se continuar indagando:

– Mas tu derivas de outra árvore. Percorreste um caminho muito longo, para chegares a esta.

– Passei pelo espelho –afirmou ela, e com essa explicação tinha ele que contentar-se. Sim, Plócia atravessara o espelho, saía do espelho, que duplica a luz, e duplicadas, as raízes dos raios desciam até às origens da unidade do destino, para, em nova pulsação, abandonarem essas origens e subirem outra vez à renovada multiplicidade na unidade, à renovada unidade na multiplicidade, à nova criação. Ó bela superfície da terra! Ali, ao redor, havia, ao mesmo tempo, meio-dia e tarde; ali caminhavam os rebanhos em vagaroso balanceio; ali se mantinha o gado dobrando as cabeças até o chão, bocas e línguas gotejando junto ao murmurante bebedouro; lá, sob os exuberantes salgueiros, lá nos opulentos prados, lá ao lado das refrescantes vertentes, lá queriam eles perambular, de mãos dadas.

– O Plócia –disse ele -, vieste para ouvir mais uma vez o poema?

Eis que ela sorriu, mui lentamente sorriu; o sorriso começou nos olhos, deslizou em direção à pele das têmporas com seu brilho delicado, como se as finas veias que nela se delineavam devessem ser contagiadas por ele, e bem devagar, quase insensivelmente, passou para os lábios, que estremeciam como num beijo, antes de ela descerrá-los para o sorriso, desnudando as bordas dos dentes, as bordas do esqueleto, as ebúrneas, rochosas bordas do que há de terrestre na existência humana. Assim se manteve o sorriso, quedando-se no semblante, sorriso da beira do terrestre,

sorriso da beira da eternidade, e era o brilho do mar do sol, prata infinita, que, ao sorrir, convertia-se em palavras:

– Quero ficar a teu lado, sem fim.

– Fica comigo, Plócia. Nunca te abandonarei, sempre cuidarei de ti.

Era súplica e juramento que vinha do coração; e era, ao mesmo tempo, consumação, já que Plócia, sem ter dado um único passo, acercara-se um pouco mais, e os mais extremos galhos do vasto olmo tocavam-lhe os ombros.

– Fica aqui, Plócia, e descansa! Descansa à minha sombra! Certamente essas frases foram articuladas por sua boca, proferidas por sua boca, porém pareciam pronunciadas pela ramaria, como que conjuradas por ela, que, no contato com a mulher, evidentemente recebera o dom da fala. E era, portanto, justo que ela estreitasse o rosto na frondosa galhada e sussurrasse sua resposta a esta:

– Tu és para mim a pátria; minha pátria é tua sombra, que me envolve para o descanso.

– Tu és pátria para mim, Plócia, e quando sinto teu descanso em mim, sempre descanso em ti.

Ela se sentara na mala e, não obstante a sua passageira leveza, sob a qual a tampa da.mala não se dobrava nem uma fração de polegada, as mãos de ambos se haviam entrelaçado fisicamente, com tamanha força que o poeta podia sentir, prodigiosamente, com seus dedos os meigos traços do rosto de Pl6cia, quando ela, assim como fizera o garoto, afundava-o nas mãos dela e dele. Assim estava sentada, numa nuvem de sombra, e se fez entre eles a comunhão do ser, crescendo de suas mãos, crescendo rumo a regiões inalteráveis, somente respirando um sentir que pressente e é riqueza. Mas, por mais corporal que este fosse, fundindo mutuamente alento e sangue, uma s6 existência fundida mutuamente, o escravo era capaz de transitar sem obstáculos por tal comunhão, como se ele e os braços de ambos não passassem do mais etéreo ar. Queria ele separá-los um do outro? Intenção inútil, suas mãos permaneciam juntas, entrelaçadas, unidas, tendo chegado a ser um único ente, para sempre, e o próprio anel enfiado no dedo de Plócia era um bem comum dessa indistinguível unidade das mãos.: Cumpria, pois, repreendê-lo, e Plócia, novamente encoberta pela figura dele, encarregou-se disso:

~ Afasta-te –ordenou -, afasta-te de nós. Nenhuma morte consegue separar-nos.

Porém, o escravo não lhe prestou atenção, nem tampouco saiu do caminho. Pelo contrário, inclinou-se ao ouvido do poeta, que escutava, e advertiu-o:

–O retorno te está vedado. Teme os animais!

Que animais? Talvez os rebanhos, que lá se achavam perto das fontes? Ou talvez o níveo touro da desgraçada Pasífae, que ali fazia companhia às vacas? Ou talvez fossem os bodes que brincavam acolá e cobriam as cabras? A calma meridiana de Pã pairava, silenciosa, acima dos bosques em flor, e no entanto já era tarde, porque os faunos haviam começado a dançar sua ciranda, golpeando o solo com os cascos, rijamente eretos os pesados membros. Vespertinamente claro era o canto da lonjura celeste, que descia das alturas ao lugar da dança, vespertinamente claro vinha o ar, umidade musgosa, fresca manava entre as pedras das grutas; esquecidos do anoitecer, rodeados pelo arrulho dos pombos, lançavam sombras os arbustos da entrada, e mais compridas, mais escuras cresciam as sombras das montanhas; era a tarde, amena e dolorosa, na sua singeleza docemente fátua, docemente nobre. Seria esse o retorno? E, novamente, Plócia encarregou-se da resposta:

–Nunca, ó meu Virgílio, serei para ti imagem recordada, e ainda que me reconheças, sempre me verás pela primeira vez. – Oh, tu és volta à terra natal, volta à terra natal, sem regresso.

– A volta à terra natal, hás de achá-la somente na meta, rumo à qual, tu, ó Virgílio, deverás ainda encaminhar-te – interrompeu-os o escravo, enquanto lhe estendia um bordão de andarilho, nodoso e revestido de cobre. – Não te convém deter-te, e não se te concede memória alguma. Pega teu bordão, empunha-o firmemente e caminha!

Era uma exortação imperiosa, e se o poeta tivesse obedecido, teria chegado, o bordão na mão, ao vale escuro, em cuja selva cresce o ramo de ouro; sim, isso se parecia com uma ordem coativa, que o obrigaria à obediência incondicional, se o bordão não houvesse permanecido milagrosamente nas leves mãos de Pl6cia, inatingível ao escravo, e também disso se originava o encanto de um conhecimento nunca antes havido, desprovido de recordação, era como se a mulher o conhecesse pela primeira vez:

– O Plócia, teu destino é o meu, porque nele me reconheces.

–Ilusão! –disse o escravo severamente, esboçando um fantasmagórico esforço por arrancar-lhe o bordão. –É uma ilusão. O destino da mulher é passado, mas o teu, Virgílio, é futuro, e ninguém que estiver preso ao passado poderá atenuá-lo.

A advertência soava séria, dirigia-se contra a florente alegria da ocorrência, e feria o poeta no fundo do coração: ao homem, destino do futuro; à mulher, destino do passado – sempre os dois tinham sido irreconciliáveis para ele, não obstante todo o anelo de felicidade, e neste instante aquilo estava a ponto de erguer-se novamente, como uma barreira entre Plócia e ele! Onde ficava a realidade? Nas palavras do escravo ou nas de Plócia? E Plócia disse:

– Toma meu destino, Virgílio, forma o passado, para que em ti se converta em nosso futuro.

– Ilusão! – repetiu o escravo. – Tu és mulher. Já seguiste a muitos que coxeiam, apoiados num bordão.

–Ai –suspirou Plócia, arrasada por tamanha inflexibilidade cruel, e esse passageiro abandono a uma meiga submissão foi aproveitado pelo escravo para apoderar-se do bordão e dividir com ela a copa da árvore, de modo que a luz do sol a perpassasse, dolorosamente ofuscante, meridianamente áspera. Verdade é que desse modo afugentava também os macacos, que lá em cima, na fronde, entregavam-se ao seu jogo de lúbricas masturbações e em seguida se escapuliam, lançando estridentes gritinhos, e isso restabeleceu a hilaridade do dia; todos os que estavam no quarto riram-se, ao olharem os espantados símios, e o médico assestou contra eles o espelho, que ainda tinha na mão, como se quisesse apanhar novamente ou pelo menos ridicularizar o que fora posto em fuga pela luz; pois, quando a bicharada sumia, remando pelos ares, citou ele: "Que seja agora o lobo quem fuja das ovelhas, que o duro carvalho carregue maçãs douradas, que resplandecentes narcisos floresçam no amieiro, que âmbar se destile da casca do arbusto dos pântanos, e que Títiro, cantando pelos bosques. se iguale a Orfeu e a Arion entre os delfins."

Eis que também Plócia superara seu desânimo. Mais intensamente ainda apertava suas mãos às dele, e seu olhar apontava para cima, em direção à luz aberta:

– Com a luz ouço teu poema, Virgílio.

– Meu poema? Também ele pertence ao passado.

– Ouço o não cantado.

– Ó Plócia, consegues ouvir o que provém do desespero? Desespero é o não cantado e o não realizado, mera busca sem esperança, sem meta, e o canto não passa de sua própria frustração.

– Tu procuras em ti o obscuro, cuja claridade te plasme, e nunca te abandonará essa esperança, sempre se realizará, quando estiveres perto de mim.

Inopinada, instantaneamente, resultava disso sempiterno futuro; inopinadamente, reflexo submergia em reflexo. As mãos do poeta pousavam nos seios da mulher, cujos bicos endureciam sob o contato. Conduzira ela as mãos? E prisioneiro da doce sensação do corpo dela, ouviu-a dizer:

–Inatingível ao poema é o não cantado que existe em ti.

Maior do que aquilo que foi formado é o que dá forma, o que dá forma a ti também. Conserva-se a distâncias inatingíveis para ti, já que tu mesmo o és. Mas perto de mim ficas perto de ti e o alcanças.

Não só o rosto da mulher, não só os seios dela, não, também o seu coração invisível plasmava-se na mão do poeta, fundindo-se na carícia do abraço. E ele perguntou:

– És a forma que assumi? És a forma do meu devir?

– Estou em ti, e todavia me penetras. Teu destino cresce em mim, e por isso te reconheço no não cantado porvir.

– O Plócia, tu és a meta, inatingível.

–Sou a escuridão, sou a caverna que te acolhe, para levar-te à claridade.

– Minha terra natal, tu és minha terra natal, que nunca consegui reencontrar.

– Meu conhecimento de teu ser aguarda-te. Vem, tu me acharás.

– Em teu saber repousa o insondável, repousa o futuro.

– Serenamente, carrego teu destino. No meu saber, encontra-se tua meta.

– Então me dá também o teu destino futuro, para que eu possa carregá-lo contigo.

– Não tenho nenhum.

– Dá-me também tua meta, para que a possa procurar contigo.

– Não tenho nenhuma.

– Plócia, ó Plócia, como te poderei achar? Onde te devo procurar nas regiões insondáveis?

– Não busques meu futuro, toma sobre ti meu começo; conhece-o, e ele se transformará em sempiterno futuro na realidade do nosso presente.

Ó voz, ó fala! Pronunciavam ambos ainda palavras? Murmuravam ainda? Ou já emudecera o diálogo, compreensível apenas a eles, na diafania de seus corpos magicamente interpenetrados, interpenetrada também a transparência de suas almas? Ó alma que só vive em prol do não cantado e do não realizado, em prol da forma futura, na qual o destino deverá ser cunhado! Ó alma que se dá forma para a imortalidade e anseia pelo companheiro, a fim de reconhecer em si mesma a meta! Ó retorno, ó eterna intemporalidade da existência comum, contida nas mãos entrelaçadas! Mais suavemente fluíam as águas, mais suavemente sussurravam as fontes, e mui suavemente algo cochichava na alma do poeta, no seu coração, no seu alento, mui suavemente algo cochichava dentro dele e saía de sua boca:

– Eu te amo.

– Eu te amo – vinha a resposta, tão inaudível que parecia apenas um mudo aperto das suas mãos. E entrelaçadas as mãos, entrelaçadas as almas, ele encostando-se na ramaria da árvore, ela sentada na mala, não se mexiam, não se afastavam nem uma polegada do lugar e contudo eram aproximados mutuamente, já que uma força flutuante se empenhava em diminuir a distância que os separava e em dobrar os galhos do olmo, cingidos pelas vinhas semi-podadas, para criar a abóbada de um caramanchão estreito, uma caverna irradiada por um clarão verde-ouro, que em seguida já não oferecia espaço para ninguém: isso se parecia com a frondosa imagem da gruta que se oferecera a Dido e Enéias para sua breve, ai tão breve felicidade. Ai, seria, pois, uma ilusão a transparência verde-ouro da fronde? Era burla? Havia o brilho de ouro, mas não se podia avistar nenhum ramo dourado, não se ouvia nos arbustos nenhum som de ouro, ai, e ao casal de heróis tinha sido destinado um único momento de felicidade real, um único momento, no qual fora permitida a união do destino passado de Dido com o destino futuro de Enéias, empalidecida a imagem pretérita do malogrado Siqueo, a quem ela amara na juventude, empalidecida a imagem do futuro domínio da Itália, imposto pela fatídica sentença dos deuses, ambas transformadas e conformadas uma à outra no eterno presente instantâneo da sua união, da sua realidade, porém só pela duração desse único instante, já obumbradas pela gigantesca figura da Fama, de muitos olhos, muitas línguas, muitas bocas, muitas asas, que voa pela noite,

afugentando, separando e envergonhando os amantes. Oh, será que isso se repetirá aqui? Sofrerão eles a mesma sorte? Era possível tamanha desgraça? Não estavam eles por demais unidos, por demais adaptados à definitiva realidade para que isso ainda pudesse acometê-los? Amplo sobre a paisagem desdobrava-se o sorriso de Plócia, quase triste de risonha imobilidade, e a paisagem, que se tornara sorridentemente diáfana, desvendava, pejada de passado, prenhe de porvir, seu devenir, nascida e dando à luz. Folhas e flores, frutas, cascas e terra tocavam os dedos do poeta, e sempre era Plócia a quem ele tocava, sempre era a alma de Plócia que sorria através das inúmeras camadas da paisagem. Da copa da árvore, porém, vinha a voz de Lisânias:

– Retorna ao sorriso do princípio, retoma ao sorridente abraço, no qual outrora te abrigaste.

– Não te voltes – advertiu-o mais uma vez a voz do escravo, e a ela respondia, surdinada, a do médico, pedindo silêncio:

– Cala-te. Ela já não é capaz de voltar-se.

Mas a paisagem, posto que em seguida se tornasse um pouco mais escura, nada perdia de sua transparente alegria, e não obstante o leve obscurecimento, o sorriso de Plócia perdurava, vibrando sibilinamente em sua voz, enquanto dizia precisamente isso em meio à paisagem:

– Desde o começo tenho sido tua meta, nunca tua volta, e para mim não tens nome, porque te amo; sem nome, como uma criança és para mim, alma em devenir.

– Ó Plócia, é sob teu nome que tu mesma te tornaste minha, e como te amo, tua existência chegou a ser minha decisão.

– Foge! – advertiu a voz do escravo com definitiva, quase angustiada insistência. Porém os galhos já se haviam cingido tão densamente de videiras, tinham-se ajuntado tão cerradamente, formando uma gruta coberta de sombras escuras, que qualquer fuga parecia totalmente impossível, e o poeta nem sequer desejava fugir, não, até mesmo deixaria de arrancar o ramo dourado, se neste momento o escravo lho assinalasse: sossegadora era a possibilidade de amar a Plócia, sossegadora a proximidade da sua nudez feminina; propiciava sossego enviar a mirada através da ramaria, até aos campos orlados de arvoredo e aos bosques em flor, onde lobo algum atocaia os rebanhos e nenhuma armadilha ameaça o cervo, onde Pã e pastor, ninfa e dríade divertem-se, animados de risonha alegria, e a novilha, almejando e buscando o touro, descansa ao lado do

murmurante arroio, na exaustão do desejo. Nada se podia enxergar ali que estivesse amedrontado, nada que inspirasse medo; a própria cabeça da serpente enrolada em torno do tronco da árvore em círculos cintilantes de verde, até ela era delicada, e seu olhar resplandecente de ouro, acompanhado de muito suaves movimentos da língua, pedia confiança. Em toda a parte ao redor do poeta, tudo vegetava aprazivelmente... Quem se disporia a fugir dali? Não, ele não queria fugir; não, tomara a sua decisão, e era a decisão que se chama amor, maior do que o ente amado, já que na pessoa dele abrange e. compreende não só o visível mas também o invisível:

– Nunca fugirei, nunca fugirei de ti, Plócia. Oh, jamais te abandonarei.

A essa altura, Plócia aproximara-se ainda mais, e fresco era seu alento:

– Estás perto de mim. Eras e és a decisão. Aguardo-te. Sim, isso era a decisão, e subitamente o anel de Plócia chegou a ficar nítida e inequivocamente sensível no dedo do poeta. Talvez houvesse migrado espontaneamente até ele, talVez ela o tivesse enfiado ali secretamente para criar o laço, a união, a doçura interminável. Pois o passado e o futuro confundem-se no anel num presente que não quer ter fim, num sempre renovado conhecimento do destino e num sempre renovado renascimento:

– Tu és para mim a escolha decisiva do torrão natal; tu vieste, e disso resultou para nós a perpétua presença dos pagos.

– Retornas a mim, querido?

– Tu és para mim o torrão natal, no qual penetro, ao retornar à terra.

– Sim – e foi como um sopro -, sim, deves cobiçar-me. E ainda que ao começo parecesse estranho que ela expressasse isso de maneira tão crua, estava tudo certo, tinha que estar certo, porque no agora do desejo o passado e o futuro se equilibram, porque em tal imobilidade quase petrificada, o rosto extinto no grande sorriso do amor, fundava-se a diáfana clareza do imutável decurso, e porque disso provinha uma coação, sim, uma coação realmente amena de dar às coisas seu nome verdadeiro; o acontecer ficava determinado pelo mais extraordinário e pelo mais corriqueiro, ambos deviam ser chamados da expressão vendada à desnudada, e isso valia para ele também:

– A corrente de teu ser flui em direção a mim, Plócia, intemporal, eterna, e te desejo muito.

Mas, como que coberta como por um véu, ela se afastou um pouquinho dele, ou mais exatamente, algo, qual brisa, distanciou-a:

– Despacha então o Aleixo!

O Aleixo? Realmente, em meio à paisagem, rodeado pela dança dos sátiros com seus membros eretos, achava-se o Aleixo, ao pé da janela; com seus cachos loiros, sua nuca branca, sua túnica curta, quedava-se ali, olhando sonhadoramente a paisagem brumosa, os montes longínquos, cujos cumes navegavam por cima da ensolarada névoa do horizonte, e sobre ele curvava-se um alvo ramo florido de avermelhado perfume.

– Despacha-o – implorava Plócia -, despacha-o! Não olhes! Tu o reténs com teus olhos.

Despachá-lo? Tinha ele, o poeta, o direito de despachar alguém de cujo destino se encarregara – oh, era um destino futuro! – e ao qual por isso amava? Nesse caso cumpriria também despachar ao carinhoso Cebes, que um dia deveria ser poeta. Seria admissível tal procedimento? Não significava isso rebaixar destinos humanos à casualidade? Não se converteria assim o porvir em passado? Certamente, na imediata, nua realidade do acontecer não havia lugar para hesitantes reflexões, e com a mesma franqueza direta, desnuda, insistia Plócia:

– Não serão meus seios mais desejáveis que as nádegas desse menino?

Aleixo, a cujo respeito se emitia esse juízo, não esboçou nenhum movimento, nem sequer quando a voz do médico, com leve ironia, o interpelava:

– Ó jovem encantador, não te fies em demasia na tua tez rosada.

Mas o garoto não deixava perceber que ouvira e entendera essas palavras. Pelo contrário, em seus devaneios, prosseguia encaminhando-se rumo à paisagem, enviando seus sonhos aos bosques floridos, abrasados pelo meio-dia, e ao obumbrado vale, onde dos ramos do azinheiro desce sagrada sombra, mitigando o ar, igual à fresca tarde; assim, os sonhos do jovem mantinham-no na transparência serenamente imota. Porém, quando Plócia, como que num profundo, doce terror, clamava pelo bem-amado de sua alma desejosa, do seu corpo assanhado, quando gritava: "Virgílio!" – chamado suave e todavia um grito tão temeroso quanto triunfal – nesse

instante sumiu o vulto do garoto, como que aspirado pelo sol, diluído, transformado em éter, e a mulher, com um ligeiro suspiro de alívio, sorriu:

– Deixa de vacilar, meu querido!

– O Plócia, minha querida!

Como por ordem dela, a ramaria cerrara-se, formando uma sebe impenetrável, opaca, e ele, que puxado pelas mãos da amada, pusera-se de joelhos, deixando-se cair, segurava as mãos de Plócia e beijava-lhe os bicos dos seios. E flutuando um no outro, erguidos por um adejante poder, flutuando em virtude da radiosa força de suas miradas confundidas, foram carregados dali, levantados por uma aragem e suavemente depositados no leito; e, muito embora não tivessem tirado as roupas, estavam deitados, desnudos, pele grudada a pele, alma fundida em alma, estavam deitados, nus, deslizando um pelo outro, porém imóveis de desejo, enquanto em torno deles, in audível e no entanto cada vez mais fortemente perceptível, incrementava-se, enchendo os mundos, o trovão solar da luz; recordação do passado, recordação do futuro, ambas extintas, convertidas em desmemoriado pudor. Assim permaneciam deitados, imóveis, boca comprimida em boca, e suas línguas oscilavam, rijas, quais copas de árvores ao vento; assim permaneciam deitados, até que os trêmulos lábios de Plócia sussurrassem aos do poeta:

– Não nos é permitido fazer isso. O médico observa-nos. Não estavam então protegidos pela densa sebe? Como era possível? Como podiam olhares penetrar os espessos arbustos? E no entanto, e no entanto era precisamente isso o que acontecia! Sem que o caramanchão verde-escuro se houvesse aclarado, o leito estava exposto e entregue aos olhares de todos os que o rodeavam; inevitáveis eram os olhares, inelutáveis os dedos zombeteiramente estendidos, muitos deles adornados de anéis, e que de todos os lados apontavam para a cama; era impossível afastar os macacos que, fazendo caretas com selvagem hilaridade, atiravam nozes para eles, impossível desviar-se da lúbrica espreita dos bodes, que emitiam joviais balidos, e a enorme sombra de um morcego passava por cima deles, dando uma gargalhada; oh, não havia defesa contra a sombra de Fama, sombra da sua horrorosa, gigantesca, ignominiosa figura, com seu riso sardônico, a anunciar o que ocorria e não ocorria:

– Não podem foder, não têm direito de fazê-lo. Somente o César tem esse direito!

Oh, não era possível evitar o barulho, evitar o som da luz, evitar a ofuscante multiplicidade das camadas da luz, e ainda antes que se lograsse encontrar uma resposta a tudo isso, sim, ainda antes que o poeta conseguisse buscar o olhar de Plócia, ainda antes que pudesse desprender sua boca da da mulher, também ela se transformava em riso; lisa, como marfim, resvalava ao longo do seu corpo, com uma fria, pétrea risada; esvoava, qual folha levantada por um vento de luz, e outra vez se sentava na mala. Quisera ela amainar dessa maneira a ameaça que se anunciava através do barulho? Não tivera êxito – para o sacrifício, não basta a mera renúncia; o tumulto da luz não se acalmara em absoluto, e o trovão não diminuía; antes pelo contrário, tornava-se mais e mais nítido, mais e mais tempestuoso; enchia toda a vastidão do visível.

Enchia bosques e serras, o aposento e as águas, e chegava a ser tão irresistivelmente violento que os homens interromperam quaisquer atividades e se conservaram como que petrificados, mais ainda, até mesmo formaram filas, como se, em face do poder que, atroando, se acercava, nenhum deles se devesse distinguir dos demais... Oh, terrível, arrasadora tornava-se a tensão dessa iminência, e finalmente, sim, finalmente, a porta da paisagem foi bruscamente aberta, serventes montaram a guarda, junto aos dois batentes, e entre eles entrou no quarto, a passo rápido, veneranda e todavia humana, majestosa e todavia franzina, a sagrada pessoa do Augusto.

Silêncio acolheu o personagem sagrado. Somente os pássaros gorjeavam na paisagem que emudecera; somente os pombos no peitoril da janela arrepiavam a plumagem, agachavam-se, prosseguiam arrulhando despreocupadamente, e lá fora, ao longe, onde os faunos haviam dançado, um deles continuava tocando sua cantiga na flauta, como se pouco lhe importasse que os companheiros o tivessem abandonado; é bem verdade que o instrumento soava rouco. Dissipara-se a tempestade, mas o mundo ainda não reobtivera o seu colorido, já que acima dele e do seu mutismo pairava a nuvem bicolor do crepúsculo, numa calma descorante, como uma sombra hirta, imóvel, da borrasca. E, embora o frio ar encanado que soprava do escuro corredor empedrado, através da porta subitamente escancarada, houvesse feito oscilar o lustre por alguns instantes, até este se aquietou, e tudo ficou aguardando a palavra do Augusto.

– Deixai-nos a sós.

Andando de costas, assim como convém fazer em presença da majestade do soberano e também na da morte, os assistentes saíram do

quarto, um após outro, entre respeitosas mesuras, e da mesma forma, a paisagem, como que participando dessa reverência, despediu de seus domínios a qualquer criatura, e mais ainda, empalideceu, ela mesma, a tal ponto que, apesar de continuar a existir em seus traços fundamentais, perdia cada vez mais sua consistência e finalmente não passava de uma alusão, assemelhando-se a um desenho a bico de pena, esboçado no universo a traços de tinta. Árvores, bosques/ flores, grutas tinham-se simplificado, parecendo meros traços de pena; em finos rasgos, as pontes lançavam-se por entre as beiras, que se haviam tornado imperceptíveis, despojadas de cores, despojadas de sombras, despojadas de luz, pois a própria nuvem do crepúsculo convertera-se numa brancura pastosa, murcha, mal delineada, e o olho arregalado, incolor, do céu estava vazio, já não era outra coisa que não vazia tristeza de sonho. Muito palpável; porém, tornara-se o quarto, uma vez que muros e mobília, assoalho, vigas do teto, candelabro e lamparina tinham recuperado sua solidez de colorido e forma, e em face de tal palpabilidade ponderosa, Plócia acabava de desaparecer: esmagada por todo o peso da realidade, diluíra-se sua leveza, e ainda que ela, que viera para sempre, não fizesse parte do grupo dos outros, e por isso, certamente não se tivesse afastado junto com eles, senão devesse estar no quarto, como dantes, já não era visível.

O Augusto, porém, era indubitavelmente visível; achava-se fisicamente diante do poeta, oferecendo o aspecto bem familiar da sua figura um tanto pequena, quase franzina e contudo majestosa, com a fisionomia ainda quase pueril, sob os cabelos curtos, já grisalhos. E ele disse:

– Como não quiseste dar-te o trabalho de visitar-me, cabe a mim ir ter contigo. Saúdo-te, pois, em terra itálica.

Estranho era que daí por diante se devessem revezar falas e réplicas; mas a realidade palpável que os cercava facilitava a conversa, se bem que novamente fizesse brotar a sensação da enfermidade:

– Através dos teus médicos, tu me obrigaste a manifestar essa má vontade, ó Octaviano Augusto, mas, ao mesmo tempo, me premias pela tua presença.

– Este é o primeiro instante livre que me foi proporcionado desde o desembarque, e folgo em poder dedicá-lo a ti. Brundísio sempre trouxe boa sorte a mim e aos meus.

– Foi em Brundísio que tu, um jovem de 19 anos, quando vinhas de Apolônia, entraste na posse da herança de teu divino pai; foi em Brundísio que fizeste com teus adversários o pacto, que te abriu o caminho à tua bendita soberania. Só cinco anos separaram os dois acontecimentos. Lembro-me bem.

– Eram os cinco anos que permeavam entre o teu *Culex* e as tuas *Bucólicas*. Aquele dedicaste a mim, estas a Asínio Pólio, que, portanto, saiu mais favorecido, ainda que o mereça, assim como Mecenas merece a dedicatória das *Geórgicas*, pois, sem esses dois, o pacto de Brundísio dificilmente teria resultado tão propício.

Que significava o leve sorriso com que o César acompanhava suas palavras? Por que se referia ele às dedicatórias? A fala do César jamais carecia de significado e intenção. Melhor seria então desviá-lo dos poemas:

– Partindo de Brundísio, encaminhaste-te à Grécia, contra Antônio. Se tivéssemos regressado duas semanas antes, poderias ter comemorado aqui, no ponto de partida, a vitória de Áccio.

– A praia de Áccio, glorificada por jogos troianos. Mais ou menos assim o expressaste na *Eneida*, não é? – Perfeitamente. Tua memória é admirável. O César não se deixava afastar do poema.

– Há pouca coisa mais digna de minha memória. Não foi logo depois do meu retorno do Egito que me mostraste o primeiro esboço da epopéia?

– Tens razão.

– E no centro do poema, realmente no centro e no apogeu do poema, no centro do escudo dos deuses que concedeste a Enéias, colocaste a descrição da batalha de Áccio.

– É o que fiz. Pois o dia de Áccio foi a vitória do espírito romano e de sua moral sobre as obscuras forças do Oriente, a vitória sobre o obscuro mistério que quase havia se apoderado de Roma. Esta foi a tua vitória, Augusto.

– Sabes a passagem de cor?

– Como poderia eu sabê-la! Minha memória não se compara com a tua.

Oh, não era possível iludir-se: inequivocamente, o Augusto olhava em direção à mala do manuscrito; mantinha os olhos fixos nela; oh, não havia nisso nenhuma ilusão, ele viera para tirar-lhe o poema!

E o Augusto, sorridente, saboreava o susto do poeta!

– Mas como? Conheces tão pouco tua própria obra?

– Não me recordo da passagem.

– Então preciso pôr minha memória à prova pela segunda vez. Espero consegui-lo.

– Certamente conseguirás.

– Pois então, vamos ver... "Mas no centro do escudo encontra-se o César Augusto, a comandar a batalha naval dos povos itálicos, que ... "

– Desculpa, ó César, o texto é diferente, o verso começa com os navios blindados.

– Com os navios blindados de Agripa? – o César estava evidentemente aborrecido. – De qualquer modo, a blindagem tem sido uma invenção muito boa, em certo sentido foi uma obra-prima de Agripa, que com ela decidiu a batalha… – De modo que minha memória falhou; agora me lembro...

– Uma vez que tu constituis o centro da batalha e do escudo, figura tua pessoa no centro dos versos também, como convinha.

– Lê-me o verso!

Ler? Retirar os manuscritos e desdobrá-los? Só os manuscritos interessavam ao César, que jogava com ele um jogo verdadeiramente cruel. Como defender os manuscritos desse estratagema? Talvez Plócia se encarregasse disso. De modo algum se devia abrir a mala:

– Tentarei recitar a passagem.

Como se o César houvesse adivinhado os pensamentos do poeta, o sorriso não cessava em seu belo rosto, e não era apenas sorriso, era algo maldoso, duro. Entretanto permanecia ele ainda de pé, junto à cama, na atitude amável, negligente, que lhe era peculiar; não se sentava, e o que propriamente preparava como o próximo ataque era tão pouco previsível que de repente surgia no poeta a suspeita de que se tratasse de enxotar Plócia da mala. Possivelmente isso não passasse de uma quimera, uma daquelas que a febre às vezes produz; sem dúvida, era apenas uma quimera, pois agora tudo ao redor se fizera sólida realidade e forte colorido, quase que não era mais necessário prestar atenção à desenhada paisagem lá fora, e no entanto, quem a olhasse um pouco mais cuidadosamente perceberia que a luz branca pastosa, ainda que sombreada de gris, estendia-se adentro da palpabilidade do recinto, e penetrando tudo quanto existia, conferia-lhe um lívido quê de irrealidade; a traços finos, qual amena sedução, o mal estava desenhado nas coisas, até nas cores das grinaldas podia-se descobri-lo, e

com um traço fino, mantinha-se numa ruga entre os olhos do Augusto. Porém este disse em seguida:

– Começa, meu Virgílio. Estou escutando.

– Não queres sentar-te aí a meu lado? Pois tenho que recitar deitado, já que teus médicos me proibiram levantar-me.

Felizmente, o Augusto mostrou-se disposto a aceitar o convite. Não tomou assento na mala e sim na cadeira ao pé da cama, e quase parecia que não esperara outra coisa: com um gesto muito pouco cesáreo passou a mão entre as pernas escarranchadas, para puxar o móvel sob o traseiro, e com um leve suspiro de confortável alívio, instalou-se nele, imemoriado de seu grande ancestre Enéias, que certamente se teria entronizado mais cerimoniosamente. Assim estava sentado ali o descendente de Enéias, e seu incipiente relaxamento, aquele ligeiro cansaço, que parecia anunciar a aproximação da velhice, tinha algo comovente, congraçador; mas igualmente conciliante era o jeito com que, apoiando a cabeça no respaldo e cruzando os braços, dispunha-se a escutar:

– Pois então, me deixa ouvir. E ressoaram os versos:

"Vê no centro do escudo a batalha de Áccio, a multidão
de navios fortemente blindados, e mais atrás a costa de Leucate;
furiosamente ferve a luta nas águas banhadas pelo sol.
Vê o César Augusto, a conduzir os ítalos ao combate;
apoiado na alma do povo, protegido por penates e deuses,
ergue-se ele no alto convés, em chamas de ouro as têmporas
pelo ímpeto, e sobre sua cabeça resplandece o astro ancestral.
E ali a esquadra do flanco, favorecida por ventos divinos,
altivamente a dirige Agripa, a fronte cingida da coroa rostral,
símbolo e adorno do vencedor marino. Mas, defronte deles,
chefiando suas hostes bárbaras, de fardas multicores,
Antônio, triunfador do Oriente, impele ao combate
tribos das terras do sol nascente, egípcios, povos bactrianos,
e a seu lado – oh vergonha! – a consorte egípcia ... "

O César permanecia calado, como se ainda prosseguisse escutando. Depois de alguns instantes, disse:

– Amanhã é meu aniversário natalício.

– Um dia abençoado para o mundo e um dia abençoado para o Estado romano. Que os deuses te dêem e conservem eterna juventude!

– Obrigado, meu amigo, e como daqui a três semanas festejaremos o teu aniversário também, permite que te augure o mesmo. Que a juventude eterna seja concedida a nós dois em comum! Mas tu, com teus cinqüenta e um anos, tens de qualquer jeito um aspecto tão juvenil que ninguém te daria os sete anos que tens a mais do que eu. Verdade é que, com tua incapacidade de viajar, pregaste-me uma peça. Logo mais deverei pôr-me a caminho, para estar em Roma amanhã, por ocasião dos festejos noturnos, se não antes, e esperava levar-te comigo.

– É a despedida, Octaviano, e tu o sabes.

Um gesto um tanto irritado precedeu a resposta:

– Despedida, sim, porém uma despedida por, no máximo, três semanas. No dia do teu aniversário, o mais tardar, estarás em Roma. Mas teria sido mais bonito, se, para o meu, me tivesses lido um trecho da *Eneida*, mais bonito que todas as cerimônias oficiais, com a exuberância das felicitações, que terei de suportar. Para depois de amanhã, mandei preparar mais uma vez grandes jogos.

O César viera para despedir-se; mas, o que lhe importava ainda mais era o propósito de obter a *Eneida*, e ele tratava de ocultar ambas as coisas atrás de uma abundância de palavras. Seria esse o caminho pelo qual a realidade se apoderava do irreal? Ou haveria nisso a irrealidade que lançasse mão do real? Oh, sim, também o César vivia no irreal, e a luz – descera o sol a tal ponto? – empalidecia:

– Tua vida, ó César, é dever, mas o amor de Roma, que te aguarda, recompensa-te.

A fisionomia do César, normalmente tão fechada, assumiu uma expressão de grande franqueza:

– Lívia me espera, e o reencontro com os amigos me fará bem.

– Ó felizardo, tu que amas tua esposa! – Pairando num suave nenhures, ressoara a voz de Plócia.

– E que justamente tu, Virgílio, não estejas presente nesses dias de festa, será sentido dolorosamente por todos nós.

Quem amar verdadeiramente a uma mulher também saberá ser amigo e prestar ajuda aos homens. Talvez fosse esse o caso do Augusto também:

– Feliz aquele que for agraciado com tua amizade, Octaviano.

– A amizade torna feliz, meu Virgílio.

Outra vez palavras sinceras, pronunciadas com tanto calor que quase se podia esperar que a trama contra os manuscritos deixasse de consumar-se:

– Agradeço-te, Octaviano.

– Isto é demais e muito pouco, Virgílio, pois a amizade não consiste em gratidão.

– Uma vez que tu és sempre a parte que dá, só resta para o outro o caminho da gratidão.

– A graça dos deuses concedeu-me a boa sorte de poder freqüentemente ser útil aos meus amigos, mas maior ainda foi outra graça deles, a que me fez encontrar amigos.

– Tanto maior gratidão devem estes a ti.

– Tu tens apenas a obrigação de retribuir de um modo digno de ti, o que fizeste mais que generosamente por teu ser e por tua obra... Por que mudaste de conduta? Por que falas de mera gratidão, que evidentemente não está disposta a reconhecer qualquer obrigação?

– Minha conduta não se alterou, ó César, ainda que eu não possa admitir que minha obra jamais tenha sido uma retribuição adequada.

– Sempre tens sido excessivamente modesto, Virgílio, mas não és um homem de falsa modéstia. Percebo claramente que propositadamente queres aviltar tuas dádivas, para depois surripiá-las de modo traiçoeiro.

Estava dito, sim, estava dito agora... Tenaz e inflexívelmente, o César dirigia-se à sua meta, e nada o impediria de seqüestrar os manuscritos:

– Octaviano, deixa-me o poema!

– Muito bem, Virgílio, é isso mesmo ... Lúcio Vário e Plócio Tuca informaram-me sobre teu terrível intento, e da mesma forma que eles, eu não quis acreditar. .. Pretendes realmente destruir tuas obras?

O silêncio estendia-se pelo recinto, um silêncio grave, que, com lívidos e finos contornos, tinha seu centro no rosto severo, pensativo do César. No nenhures, algo se lamentava mui suavemente, e também isso era tão fininho, tão retilíneo como a ruga entre os olhos do Augusto, cujo olhar se pregava no poeta.

– Permaneces calado – disse o César -, e isso significa, provavelmente, que tens de fato a intenção de retirar teu regalo... Pensa bem, Virgílio, trata-se da *Eneida*! Teus amigos estão muito aflitos, e eu, como sabes, figuro entre eles.

Os suaves lamentos de Plócia tornavam-se mais perceptíveis; em tênue fila, sem acentuação, vinham as palavras:

– Destrói o poema, me dá teu destino, temos que amar-nos. Destruir o poema, amar a Plócia, ser amigo do amigo – estranhamente persuasivas, uma tentação ligava-se a outra, e todavia não era a Plócia que fosse permitido participar disso:

– O Augusto, é por nossa amizade; não insistas comigo.

– Amizade?… Tu falas como se nós, os teus amigos, não merecêssemos guardar tua dádiva.

Os lábios do César, quase sem mover-se, sustentavam fala e réplica, posto que ele tivesse o poder e sem dúvida também o desejo de determinar que se levasse simplesmente o manuscrito, e Plócia emudecera, como se aguardasse o resultado do diálogo; dura e rígida e severa, indestrutível, erguia-se ao redor a forma do ser, e embora o decurso se processasse segundo a vontade do Augusto, também ele tinha seu lugar nesse quadro.

– O Augusto, muito ao contrário sou da opinião de que minha epopéia, de que eu mesmo não somos dignos de meus amigos. Mas, para que não me acuses mais uma vez de falsa modéstia: eu sei que se trata de um grande poema, ainda que ele seja pequeno em comparação com os cantos homéricos.

– Se admites isso, não podes negar que teu plano de destruí-la é criminoso.

– O que acontece por ordem dos deuses nunca é crime.

– Tu te desvias, Virgílio. Os que não têm razão gostam de usar como pretexto a vontade dos deuses. Mas eu, eu nunca ouvi que eles tenham ordenado a destruição de bens públicos.

– Muito me honra, ó César, que eleves minha obra à categoria de um bem público; porém posso afirmar que a escrevi não só para o leitor senão em primeiro lugar para mim, que esta tem sido sua mais íntima necessidade, e que a obra é minha, de modo que posso e devo dispor dela assim como me incumbiram os deuses ...

– Posso eu então dar a liberdade ao Egito? Posso desguarnecer de tropas a Germânia? Posso devolver suas fronteiras aos partas? Posso renunciar à paz de Roma? Não, não posso agir assim, e, mesmo que eu recebesse a ordem dos deuses, não deveria obedecer a ela, ainda que a paz seja minha e eu a tenha obtido e se trate de minha obra...

A comparação claudicava, visto que as vitórias eram obra comum do César e de todo o povo e exército de Roma, ao passo que um poema é façanha de um indivíduo. Mas, fosse isso como fosse, pouco adiantava objetar que a comparação era contraditória, já que a mera presença do César anulava qualquer protesto.

– Tua obra é avaliada segundo a sua utilidade política, a minha segundo a sua perfeição artística.

A perfeição artística, o doce dever da criação, que não permite nenhuma escolha e ultrapassa tudo quanto é humano e terrestre!

– Não percebo as diferenças; também à obra de arte cumpre servir a utilidade geral e com isso o Estado, e o próprio Estado é uma obra de arte na mão da pessoa que deve construí-lo.

Notava-se no César um quê de aborrecimento e cansaço.

As ponderações relativas à obra de arte não lhe pareciam importantes, e seria um tanto imprudente aferrar-se a elas:

– Pode ser que também o Estado seja uma espécie de obra de arte, mas, em todo o caso, é uma que se conserva sempre em movimento e sempre permite o aperfeiçoamento ulterior, ao passo que o poema, depois de concluído, é algo estático, de maneira que o criador não pode abandonar o trabalho, antes de ter alcançado a perfeição; precisa fazer modificações, precisa suprimir o que é imperfeito, eis a sua missão, e ele deve agir desse modo, mesmo arriscando que assim pereça a obra inteira. Há somente um único gabarito, e este é a meta da obra; só depois de se ter alcançado a meta da obra, pode-se medir o que merece ser conservado e o que é digno de ser destruído. Realmente, só essa meta importa e não a obra realizada, e o artista...

O Augusto interrompeu-o com visível impaciência:

– Ninguém negará ao autor o direito de corrigir ou até eliminar passagens mal-acabadas, mas ninguém tampouco te acreditará que toda a tua obra seja insuficiente...

– Ela é insuficiente.

– Escuta, Virgílio, já há muito tempo perdeste o direito de emitir juízos desse gênero. Mais de dez anos atrás, comunicaste-me o plano da tua Eneida, e talvez te recordes da íntima alegria com que nós todas que podíamos tomar conhecimento dele concordamos contigo e teu propósito. No decorrer dos anos seguintes, leste para nós o teu poema, trecho por trecho, e sempre que, em virtude da grandeza da teu projeto e da

imponência da composição, acometia-te – e quantas vezes não ocorreu isso! –, sempre que te acometia certo desânimo, reerguias-te, estribado em nossa admiração, não, na própria admiração de todo o povo romano; não esqueças que longas passagens da obra já se tornaram vastamente conhecidas, que o povo romano sabe da existência desse poema, da existência de um poema que o glorifica como nunca antes fez nenhuma outra obra poética, e que esse povo tem o direito, o direito legítimo, inalienável de ser presenteado com a epopéia completa. Já não é tua obra, é obra de todos nós, sim, nesse sentida, nós todos colaboramos nela, que é, afinal, a obra da povo romano e de sua grandeza.

A luz se tornara mais pálida ainda. Podia-se pensar que começasse a ocorrer um eclipse solar.

– Foi fraqueza de minha parte mostrar um trabalho inconcluso, a estúpida vaidade do artista. Mas, o que me induzia a fazê-lo era também o amor que sinto por ti, Octaviano.

Nos olhos do César brilhou algo intimamente familiar; entre infantil e astuta, retorquiu:

– Chamas inconcluso o teu poema? Imperfeito? Então o poderias ou deverias ter feito melhor?

– É assim como dizes.

– Há pouco, tive que sentir vergonha por causa das minhas falhas de memória. Agora me permite que redima minha honra... Vou te recitar alguns dos teus próprias versos.

Mesquinho, amical, malicioso e, ao mesmo tempo, bastante infantil também, surgia no poeta o desejo de que o César fosse fracassar novamente; porém – ai da vaidade de autor! – palpitava nele impudicamente a curiosidade sôfrega de elogios:

– Que versos, Octaviano?

E marcando o compasso com o dedo levantado, acompanhando-o com leves batidas do pé, o soberano de Roma, o dominador do mundo, declamava, ele mesmo, os versos:

"Outros arrancarão do bronze imagens mais animadas
e conseguirão extrair do mármore feições mais expressivas,
saberão melhor defender as causas, e desenhando com o estilo
as órbitas celestes, predirão os nascimentos dos astros.
Tu, porém, ó romano, considera tua tarefa impor teu governo
poderoso aos povos, eis o que te compete, e fixar as leis da paz,

clemente com os submissos e derrubando os rebeldes."

O dedo, que escandira os versos, continuava estendido admoestadoramente, como para indicar a moral que devesse ser tirada e relembrada desses versos:

– Pois então, Virgílio, estás preso em tua própria rede? Obviamente havia nisso uma alusão à insignificância da mera obra de arte, uma evidente alusão ao ínfimo valor que cabia a ela, em comparação com a autêntica tarefa romana, mas isso seria por demais banal. Não valia a pena entrar nessa discussão:

– Pois é, ó Augusto, são meus versos, exatamente. Tu os recitaste com absoluta precisão. São as palavras pronunciadas por Anquises.

– E não serão também as tuas?

– Nada posso objetar a elas.

– São impecáveis.

– E mesmo supondo que o sejam, não são todo o poema. Isso não tem importância. Verdade é que eu não saberia dizer quais as imperfeições que maculem o resto do poema, mas tu mesmo admites que o espírito romano desconsidera pequenos deslizes formais, e de outros certamente não se pode tratar. " Teu poema é espírito romano e não um artifício. É isso que importa... Sim, teu poema é espírito romano e é magnífico!

Como poderia o Augusto intuir as verdadeiras insuficiências? Que sabia ele do profundo desacordo que afeta toda a vida e ainda mais toda a arte? Que era aquilo que ele qualificava de artifícios? Que entendia disso, afinal? E se acabava de chamar o poema de magnífico e desse modo lisonjeava os ouvidos do autor – ah, ninguém é capaz de furtar-se plenamente a essa espécie de elogios! – desvalorizava os encômios, pois, quem não percebe os manifestos defeitos tampouco pode julgar a oculta magnificência do poema.

– A imperfeição, ó Augusto, tem raízes mais profundas do que ninguém possa suspeitar.

O César não tomou conhecimento dessa objeção:

– Tua obra é Roma, e por isso é patrimônio do povo romano e do Estado romano, a cujo serviço estás, assim como nós todos devemos servi-lo... Somente o não-realizado pertence a nós individualmente, talvez também o malogrado e o imprestável. Mas o que foi realmente acabado é propriedade de todos, é propriedade do mundo.

– Ó César, minha obra não está acabada. Ficou assustadoramente irrealizada, e ninguém quer acreditar-me!

Novamente apontou no rosto hermético aquele bruxuleio de familiar intimidade, e desta vez havia nele ainda um pouco de superioridade:

– Nós todos conhecemos teus desalentos e desesperos, Virgílio, e é apenas natural que eles te acossem com especial veemência justamente hoje, que estás doente e acamado. Mas a que tu queres vai mais longe, queres aproveitá-los para tuas intenções obscuras, que eu pelo menos ainda não consigo compreender...

– Não se trata daquele desalento ao qual te referes, Octaviano, e do qual tu me salvaste muitas vezes. Não é o desalento causado pelo que não fiz e pelo que não pode ser feito... Não, repasso minha vida, e veja nela o inacabada.

– Com isso te deves conformar... Cada vida humana e cada obra humana encerram em si um oculto resto inacabado; é a sina que todos nós carregamos conosco. – Nessas palavras havia perceptível tristeza.

– Tua obra continuará a aperfeiçoar-se cada vez mais, eternamente. No futuro, teus sucessores lhe darão seguimento, de acordo com teus desejos. Mas, para mim, não há continuador...

– Eu confiaria a minha sucessão a Agripa... mas ele é demasiado velho. Se não, seria o mais indicado...

E como que acometido por uma súbita preocupação, o César levantou-se e se encaminhou à janela, como se a visão da paisagem lhe pudesse trazer algum consolo.

Os homens se revezam, seus corpos mortais sucedem-se uns aos outros, somente o conhecimento flui, prossegue fluindo rumo a extremas lonjuras e inefáveis encontros.

– Agripa há de chegar em breve – disse o Augusto, contemplando a rua pela qual Agripa teria de aproximar-se.

Marco Vipsânio Agripa, com seu rosto carrancudo, inteligente de soldado e sua imponente, singela corpulência; nitidamente se delineava essa visão, numa percepção repentina, que lhe veio, as soprada como por uma voz, que talvez fosse a do escravo, a sussurrar que a tendência devoradora de tal vida norteada pelo poder rapidamente se consumiria a si própria e se apagaria mais depressa que a do Augusto. Porém, este certamente não queria saber nada disso: desejava ouvir outra coisa:

– Tu mesmo és jovem, Octaviano, e tens filhos e outros poderão ainda nascer. Tua estirpe há de subsistir.

Um gesto deprimido foi a resposta.

Em seguida, houve silêncio e quietude. O Augusto mantinha-se ao pé da janela, baixinho e muito delgado, um homem mortal com um corpo mortal, subdividido em membros, envolto na toga; assim se destacava da luz incidente, um magro dorso humano, coberta de oblíquas dobras da toga, e subitamente já não se sabia se além disso existia um lado de frente e até um rosto iluminado de olhares, e ainda menos se sabia o que esses olhares devessem avistar. Não se quedara nesse mesmo lugar, momentos antes, o Aleixo? Sim, claro! Fora Aleixo, infantilmente magrinho, na sua quase comovente beleza, quase um filho, de cujo destino em botão, de cuja evolução ele, o poeta, tencionara encarregar-se, cuidando do garoto não apenas como um pai, não, mas também como uma mãe cuida do filho, e formando-o de todos os modos paternalmente à sua própria imagem. Aleixo conservara-se ali, de costas, como se ainda o acusasse dessa orientação errada e dessa intromissão em seu destino; mas sem prestar atenção a tudo isso, enviara seus sonhos à paisagem sonhadora, ao sol sonhador, semeado de flores, à paz sonhadora, perfumada de folhas de louro, e para ele, o formoso rapaz, os faunos embriagados pelos campos, ébrios pelo som da flauta, haviam executado suas rítmicas danças, para ele se descortinara a paisagem, abalada no seu íntimo pela dança, e os próprios carvalhos tinham sacudido suas copas vigorosamente ao mesmo compasso: isso se produzira para o garoto, uma só dança voluptuosa da criação até aos seus derradeiros limites, visível o imperceptível, visível a remoto, entretecidos numa única visibilidade, devido ao desejo que, fluindo e refluindo incessantemente, cheio de conhecimento, envolvia o avistado tanto como o insondável no seu trêmulo fluxo, a fim de imprimir-lhe dessa forma o cunho de figura conhecida: sim, envolto pelo desejo conhecedor e ele mesmo desejando, Aleixo quedara-se ali, e ao assumir figura, tudo a seu redor igualmente se tornara figura, convertera-se em unidade reconhecida, de modo que meio-dia e tarde puderam confundir-se numa única existência luminosa; porém, a esta altura, já não havia nada disso, e as próprias cadeias de noturnas colinas, que repousavam no infinito, muito além das lonjuras, tinham-se diluído num vazio, acolhidas pela vacuidade geral da paisagem, que, como caos de linhas parcas, inexpressivas, quase austera de tanta dureza, desenhara seus traços na débil luz pardacenta do crescente eclipse solar;

fosco e mais fosco tornava-se o colorido das flores, a púrpura da toga do César convertia-se num roxo enegrecido, sob o efeito dessa luz seca, qual papel chamuscado; extremamente desconexo era tudo isso, quase incoerente, desprovido de qualquer contraste, desconexo em virtude da severa unilateralidade que emanava do delgado vulto ali ao pé da janela, desconexo por tamanha gravidade, dureza, rispidez, quase irreal, apesar das conseqüências palpáveis na superfície, e também a condição humana, ah, até as relações humanas pareciam sujeitas a essa unilateralidade de uma superfície misteriosamente flotante, sem nada cobrir; pois, singularmente assensual, singularmente livre de desejos, singularmente sóbria estendia-se uma forte, quase rígida ligação ao magro vulto humano, que ali se mantinha imóvel, era união com ele, união no desunido, estranho na sua indissolubilidade. Já não se movia nada; até os gorjeios dos passarinhos tinham-se esvaído na ensombrada lividez; oh, nunca mais retornará o sonho! Plócia, porém, inclinada para fora do sonho em imediata proximidade – até que se sentia sua respiração –, murmurou, anunciando um segredo:

– Não chores por ele, que te conheço no futuro não decantado; o que foi já não te amarra; volta para mim, meu querido! – Assim sussurrou, como que encerrando nas palavras segredadas a tenra vitalidade da paz do sonho, levada acima de qualquer ouvido a um mundo palpável, inertemente descorado; assim sussurrou em direção ao mundo que se enrijecia, para, em seguida, após um indistinto murmúrio, emudecer, como se a tarefa houvesse grandemente ultrapassado suas exíguas forças. Por muito tempo prolongava-se então o silêncio; incessantemente, o homem postado junto à janela, ele, que governava o mundo em nome dos deuses, ele, o magriço depositário terrestre dos deuses, incessantemente olhava ele a obumbrada paisagem de tetos e linhas, que mais e mais se ensombreava; tudo se conservava quieto e pacato, mas já não era a paz do sonho, cuja leveza pouco antes flutuara no recinto, era a paz rigorosamente inflexível do Augusto, e somente a fragrância do loureiro. que com seu hálito de sonho pairava no aposento, persistia como lembrança da delicada vitalidade floral, a cuja beira, já quase fazendo parte da dureza, mantinha-se, mantém-se o louro.

De inopino, com um gesto extraordinariamente veemente, voltou-se o Augusto:

– Fala claramente, Virgílio... Por que desejas destruir a *Eneida*?

A surpresa causada por essas palavras era tamanha que o poeta no primeiro instante não sabia o que responder.

– Tu te referiste a insuficiências. Faço-te a concessão de admiti-las, ainda que não creia nelas. Mas não há nenhum gênero de insuficiências que um Virgílio não possa superar... Trata-se, portanto, de meros pretextos.

– Não alcancei minha meta.

– Essa explicação tampouco me serve... Qual é a meta que persegues?

Isso era uma pergunta precisa, muito direta; o Augusto avizinhara-se novamente do leito, como um pai a submeter o filho a um severo exame, e a intimidação por ele infundida era sumamente estranha, não só pela diferença de idades, que afinal de contas existia, mas muito mais ainda porque essa espécie de estrito interrogatório não representava nenhuma novidade para quem conhecesse ao Augusto, de modo que já não deveria provocar susto algum. Talvez a intimidação proviesse da insofismável validez da pergunta: quem não sabe responder sente-se intimidado. Onde ficavam as metas? Era impossível localizá-las, também elas se haviam dissipado sob a palpável gravidade do momento! Ai, onde estavam? O Plócia! O voz sibilina! Que metas?

E Plócia disse, e suas palavras soavam como uma reminiscência:

– Eu carrego teu destino, no meu saber reside tua meta. Mais uma vez, o Augusto, como soía fazer nos interrogatórios, sempre que quisesse conseguir algo determinado, mudou de tom e enveredou para aquela amabilidade cativante, que era do seu feitio:

– Há muitas metas, Virgílio; eu mesmo tenho bom número delas, e, entre estas, a tua amizade realmente não ocupa o último lugar, pois, um dia o fato de eu ter sido amigo de Virgílio deverá fazer parte de minha glória. .. Porém, agora me revela qual a meta formidável a que visaste, para que em ti amadurecesse aquela decisão incompreensível...

A febre subia novamente. Era possível senti-la entre os dedos quentes, e o anel apertava. Mesmo assim, era preciso responder:

– Minha metas… O saber, a verdade... Todas as metas estão ali... O conhecimento...

– E tu achas que não alcançaste essa meta?

– Ninguém a alcança...

– Pois então, uma vez que tu mesmo te confutas, e inconcebível que continues a torturar-te... Os seres mortais não podem realizar tudo.

– Mas eu não tenho dado nem sequer o primeiro passo em direção ao conhecimento: nem sequer empreendi a tentativa do primeiro passo... Tudo é incôngruo, tudo tem sido incôngruo.

– Que queres dizer? Tu mesmo não acreditas no que dizes. Deixa disso. – A voz do Augusto mostrava seu agastamento; ele se tornara aborrecido.

– Mas é mesmo assim.

– Meu Virgílio .

– Ó Octaviano...

Levemente oscilava a lamparina, ainda que não soprasse nenhuma aragem; ligeiramente tinia a corrente de prata; será que um terremoto se juntava ao eclipse solar? No entanto, não se produzia nenhum espanto; o corpo era que nem um barco a balouçar-se suavemente, um barca que se preparasse para a viagem, e o Augusto, na praia, prestava amigável ajuda, enquanto lá fora o espelho do mar, liso e sem ondas que o encrespassem, refletindo na sua superfície a luz lívida, subia e baixava em toda a sua extensão.

E amistosamente disse o Augusto, também ele despreocupado do terremoto:

– Escuta-me, Virgílio, escuta a mim, que sou teu amigo e ao mesmo tempo conhecedor de tua obra: teu poema contém em abundância os mais sublimes conhecimentos; Roma está desdobrada nele, e tu a abranges nos seus deuses tanto como nos seus guerreiros e nos seus camponeses; abranges sua glória e sua piedade; abrangeste o espaço romano na sua totalidade e abrangeste a era romana, que recua até ao poderoso ancestre troiano... tudo isso foi retido por ti. Não te basta esse conhecimento?

– Retido? Reter… , oh, reter! Sim, eu quis reter tudo, tudo o que aconteceu, tudo o que está acontecendo... e por isso não pude consegui-lo.

– Conseguiste, meu Virgílio.

– Eu estava ávido de conhecimento... e por isso queria anotar tudo... pois nisso consiste a poesia; ai dela, é ânsia de conhecimento; eis o que almeja, e mais além não pode avançar...

– Concordo contido, Virgílio: isto é poesia. Abrange toda a vida, e por isso é divina.

O César não compreendia, ninguém compreendia a verdade, ninguém sabia da pseudodivindade da beleza, do pré-divino da aparência divina.

– Para reconhecermos a vida, não se carece da poesia, ó César... Quanto ao espaço romano, quanto à era romana, para usar tuas palavras, considero Salústio e Lívio mais competentes que meus cantos, e embora eu seja um camponês, ou mais exatamente, embora o pudesse ter sido, uma obra como a do venerando Varrão é muitíssimo mais importante para o conhecimento da agricultura do que minhas Geórgicas. .. Como nós, os poetas, ficamos insignificantes ao lado deles! Não tenciono menosprezar a nenhum dos meus colegas, mas com meras glorificações não se consegue nada, sobretudo com relação ao conhecimento.

– Cada qual contribui com sua parcela ao conhecimento da vida; é o que faz cada obra criada, também a minha; mas a grandeza da percepção poética, e com isso também a tua grandeza, Virgílio, reside na capacidade de abarcar toda a vida numa única visão, repito-o, numa única obra, num único olhar.

Anotar, anotar tudo o que ocorre dentro e fora, e mesmo assim isso não dera nenhum resultado:

– Ai de mim, Augusto, também eu pensava em outra época que isso, precisamente isso fosse a incumbência cognitiva do poeta. .. E, assim, minha obra tornou-se busca de conhecimento, sem se converter em conhecimento, sem ser conhecimento...

– Preciso, portanto, perguntar-te mais uma vez, meu Virgílio, que meta perseguiste com tua poesia, uma vez que não devia ser o conhecimento da vida.

– O conhecimento da morte.

Isso fora como um reencontro, um ato de reconhecer, um retorno iluminador, e rapidamente, como que à base de uma iluminação, tinham saído essas palavras.

Houve uma pausa; a leve oscilação sísmica do ser continuava, porém o César ainda não prestava atenção a ela; pelo contrário, parecia, apesar de tudo, consternado pelo que acabava de ouvir, e demorou um bom tempo, até que respondesse:

– A morte pertence à vida. Quem conhece a vida conhece também a morte.

Seria isso certo? Soava como verdade e todavia não era verdade e ou já não era:

– Não houve nenhum instante de minha vida, Octaviano, que eu não tivesse desejado reter, mas não houve tampouco nenhum em que não

tivesse almejado morrer.

A consternação do César empenhou-se em voltar à amabilidade:

– Então tens a boa sorte, meu Virgílio, porque tua ânsia de morrer por enquanto não te valeu nada. Também desta vez, ela só te levou à enfermidade. Teu desejo de viver, com a ajuda dos deuses, há de mostrar-se novamente mais forte.

– Pode ser... Sem dúvida me apego à vida, sim, apego-me nela, tenho que admiti-lo. Sou insaciável com respeito à vida, justamente por ter tanta fome da morte... Por enquanto, nada sei da morte...

– A morte não é nada. É desnecessário falar dela.

– Tu viste muitas mortes, Octaviano. Talvez seja por isso que sabes mais da vida do que qualquer outro.

– É possível que tenha havido mortes demais que me coube presenciar, mas, realmente, meu amigo, a vida significa tão pouco quanto a morte, conduz à morte, e ambas não são nada.

Se o Augusto não tivesse pronunciado essas palavras de passagem, com visível cansaço, teriam sido surpreendentes, já que em absoluto estavam de acordo com suas idéias; assim, porém, talvez não valesse a pena levá-las a sério:

– Isso se afasta da doutrina do Estoicismo, cujo adepto te chamaste freqüentemente.

– Enquanto o dever de praticar o bem se conservar vivo, ainda será possível fazê-lo concordar com as opiniões dos estóicos. Mas, para nós, isto não tem, no fundo, grande importância, e certamente não é essencial.

O Augusto sentou-se, e mais uma vez o fez com um gesto lasso, não propriamente heróico. Por um instante, cerrou os olhos; sua mão procurou um ponto de apoio, que encontrou no candelabro engrinaldado, e seus dedos, brincando, trituraram uma folha de louro. E, quando reabria as pálpebras, seu olhar estava apagado e um tanto vazio.

Oh, também isso deveria ser retido, deveria haver alguém capaz de anotá-lo, cumpriria escrevê-lo, assim como tudo aquilo que transcorrera em muitos anos, sem que ninguém tomasse nota, assim cama todas aquelas experiências humanas que a esta altura mal chegavam a ser recordações, um indistinto formigueiro de crânios e formas de rostos, rústicos e citadinos, todos cobertos de cabeleiras e revestidos de pele, rugosos e lisos e às vezes cheios de espinhos, indistinto formigueiro de vultos que tinham desfilado,

arrastando-se, coxeando, círculo eternamente igual da multiplicidade dos homens, e do qual o próprio Augusto, portador de Deus na terra, incontestavelmente fazia parte, ele tão olvidado como todo esse formigueiro impenetrável, incontável, indescritível de seres vivos, tão pouco memorado como qualquer um desses indivíduos; e tal olvido atingiria até à vida animalesca, inerente a todos eles, que dormiam e se empanturravam, enchiam-se de alimentos líquidos ou pastosos; ninguém se lembraria da armação óssea sob o estofamento de carnes, a armação óssea vertical, mediante a qual conseguem movimentar-se; cairia no esquecimento o homem, sim, o homem, em cujo sorriso habita, apesar de tudo, o divino, de modo que, através do sorriso, consegue-se reconhecer o que há de divino no próximo e na alma dele... a compreensão humana, a língua dos homens, a nascerem do sorriso. Nada disso fora retido, e em seu lugar originara-se um arremedo modicamente bem-sucedido do modelo homérico, um oco nada, repleto de divindades e heróis de conduta homérica, tão irreais que em comparação com eles a própria fadiga do neto, que ali estava sentado, ainda parecia vigorosa; pois, divino era ainda esse cansadíssimo sorriso, que resplandecia no rosto da César... Mas, na epopéia, o vencedor de Áccio não tem nem rosto nem sorriso, nada possui a não ser uma armadura e um elmo; não havia verdade no poema; distantes da realidade permaneciam nele seu herói Enéias tanto como o neto dele; era um poema sem profundeza de conhecimento, que nada reteve verdadeiramente e não tinha capacidade de fazê-lo, porque só no conhecimento luz e sombra se discernem, plasmando a forma: o poema resultara pálido, desprovido de sombras.

Mas uma voz falou, e não era a de Plócia, não, era uma voz estranha, sim, era a do escravo; fato surpreendente, já que ele nada tinha que ver com isso. E essa voz disse:

– Tu não deves reter mais nada.

– Por que és tu quem me aconselha? Por que não Plócia? E neste momento respondeu realmente Plócia, e foi o mesmo sopro delicado de antes:

– Obedece a ele. Já não deves anotar coisa alguma.

Era, portanto, obrigatório, ainda que se pudesse supor que Plócia tenha concordado com o escravo apenas por medo, temendo que ela mesma talvez fosse incluída no grupo dos entes imemoriáveis; em todo caso, era obrigatório. Por que essa ordem coerciva? Por quê?! Pois, até neste instante, sim, ainda neste instante deveria ser possível realizar o intento de reparar a

omissão, para redimir o poema apesar de tudo; e sob certo aspecto, seria esta a última oportunidade, quase demasiado tardia para qualquer esforço; mas deveria ser possível realizá-lo, se se lograsse reter este momento, este único momento do agora e do aqui, reter o palpável ser que o rodeava, a pétrea durabilidade dos muros, dos assoalhos, da casa, da cidade, todas essas coisas solidamente fundadas e que todavia adejavam, voavam através da imobilidade, reter aquela oscilação sísmica, que tudo penetrava e sobre a qual se deslizava, como um barco numa superfície espelhenta, a refletir a luz meridiana, que se tornara lívida... Oh, se fosse possível reter isso, reter o terrenal cansaço sob a superfície da pele do duro e tenra rosto do César, reter, realmente reter uma fração minúscula do diálogo que se estendera entre eles como uma invisível corrente, esse vaivém de fala e réplica entre dois seres que ambos tinham-se erguido acima do úmido formigueiro, inconcebível sua compreensão, inconcebível o divino encontro de seus olhos no raio da mirada; oh, se ainda se pudesse reter isso, se ainda lhe fosse permitido retê-lo, se ainda se conseguisse realizá-lo. talvez se tratasse do primeiro e derradeiro vislumbre de um genuíno conhecimento da vida. Acontecerá isso?

– O que quer que ainda fizeres neste mundo, já não te bastará o Aquém – disse o escravo, e essa asseveração era tão evidente que não havia necessidade de que Plócia a confirmasse; pois, por mais profundamente que o espírito perceptivo penetre na natureza do ser, por mais que a descomponha nos seus elementos primordiais e separe o pacificamente passivo do movimentadamente ativo, reconhecendo ambos em toda a parte, um sob a forma de água e terra, o outro como fogo e éter, por mais radicalmente que a dissolva em .numerosas partes, desvendando nas suas pesquisas o segredo de turbilhões atômicos, e mais ainda, mesmo que descubra a mais intrínseca essência do homem, dessa criatura subdividida em membros, mesmo que, fragmento por fragmento, analise toda a condição humana, a semelhança com o deus tanto como a auto-ilusão das atividades e das linguagens humanas, mesmo que desnude a humanidade até à sua derradeira, mais íntima nudez, tirando-lhe do esqueleto a casca da carne, soprando-lhe a medula dos ossos, pulverizando-lhe os pensamentos, a ponto de nada sobrar a não ser o eu joeirado, divinamente contrito, incompreensível, mesmo que o espírito perceptivo realize tudo isso, mesmo que, estudando-o passo por passo, se possa reter e descrever tudo isso com exatidão, todavia não se avançará nem um pouquinho, o conhecimento se

conservará preso a este lado do mundo, atado ao terrestre, há de permanecer conhecimento da vida, porém sem conhecimento da morte: do caos noturno do princípio são exumados fragmentos e mais fragmentos, enfiando-se assim, elo por elo, a corrente da verdade, infinita a corrente, infinita a própria verdade, infinita tanto ela como a vida, mas também igualmente absurdas, e permanece presa ao absurdo, antes que tanto a ela como à vida – conhecida e cognoscitiva a morte – se descortine a luz do imortal morrer, o mais simples sentido da existência humana, a unidade da criação como verdade; oh, o conhecimento da vida, terrenalmente preso à esfera terrestre, nunca será capaz por si só de elevar-se acima do percebido e de conferir-lhe a unidade, a duradoura unidade do sentido, graças à qual a vida se mantém como criação e é eternamente recordada na sua perpétua subsistência.

Ora, só aquele que, devido ao seu saber acerca da morte, ficar consciente do infinito, só aquele conseguirá reter a criação, a coisa avulsa dentro da criação, assim como a criação dentro de cada coisa avulsa. Pois não é possível reter em si a parte individual; unicamente no seu contexto, unicamente na lei de seu contexto pode ser captada, e é o infinito que sustenta a todo o contexto no interior da existência, que sustenta à lei e à forma da lei, e por isso também ao próprio destino: o infinito mistério da infinidade e todavia a alma humana.

O Augusto continuava ali sentado, triturando a folha de louro entre os dedos, e aparentemente aguardava algum consentimento ou pelo menos alguma resposta.

– Ó Augusto, falaste do essencial... Não serias quem és, se não soubesses que nem a vida nem a morte podem ser consideradas como nada e que não é lícito atribuir-lhes nenhum valor, e não serias quem és, se não soubesses que, precisamente por isso, com o conhecimento ocorre exatamente o contrário do que te aprouve dizer... Realmente, só quem conhecer a morte conhecerá também a vida.

Um sorriso um tanto ausente demonstrava uma distraída e indiferente complacência:

– Pode ser, afinal de contas, que seja assim...

– Mas claro que é assim, e somente da plenitude do sentido da morte nasce o imenso sentido da vida.

– Então é assim que se deve entender a meta da tua poesia. Será essa a que te propuseste?

– Na medida em que minha obra tem sido autêntica poesia, foi essa a meta que fixei para ela, já que é a meta de toda poesia genuína; se não fosse assim, não haveria aquela absoluta necessidade de aproximar-se da morte com cada peno sarnento, tateando; se não existisse aquela obrigação formidável de fazer isso, aquela obrigação de acercar-se da morte, não teríamos o poeta trágico, não teríamos Esquilo!

– O povo terá, provavelmente, outra opinião com respeito às metas da Poesia. O que procura nela são a beleza e a sabedoria.

– Elas são acessórios, acessórios fáceis, de valor quase vil. Certamente, o povo pode crer que procure apenas a eles, e contudo sente que a verdadeira meta se encontra mais atrás, porque precisamente esta é a essencial e porque nela não se oculta outra coisa que não a meta da própria vida.

– E tu não alcançaste tal meta?

– Não a alcancei.

Passando a mão por sobre os cabelos e a testa, como se acabasse de acordar e precisasse concentrar seus pensamentos, disse o Augusto:

– Conheço a *Eneida*, e por isso não deverias desvirtuá-la; ela contém todas as metamorfoses da morte, e não só isso; acompanhaste a morte até às sombras dos Ínferos.

Esse homem nunca chegaria a compreender que a imolação do poema era uma necessidade inevitável; nem sequer notava o escurecimento do sol e a poseidônica oscilação do chão; não pressentia o funesto incêndio da terra, que em tudo aquilo realmente se anunciava com bastante nitidez; nem tampouco imaginava o iminente colapso da criação e jamais admitiria que o sacrifício – e não apenas o da *Eneida* – tinha que ser feito, para que o sol e os astros não interrompessem suas jornadas diurnas e noturnas e não mais se produza outro eclipse, para que subsistisse a criação, com a morte convertida em renascimento, em ressuscitada criação.

Enéias seguiu a morte até às sombras dos Ínferos e voltou com as mãos vazias, ele mesmo apenas mera metáfora, sem salvação, sem verdade, sem a verdade da real, de modo que sua ousadia não fora menos inútil que a do malogrado Orfeu, posto que não tivesse descido ao Averno em busca da bem-amada e sim por causa do antepassado legislador; não, as forças não tinham sido suficientes para uma descida ainda mais profunda, e agora cumpria a ele, juntamente com o poema, alcançar o nada, a fim de que surgisse a realidade da morte, rompendo a oca metáfora.

– Somente de metáforas cingi a morte, ó Augusto; mas a morte é mais astuta que os símbolos da Poesia, e se esquiva deles... A metáfora ainda não é conhecimento, não, segue ao conhecimento, parem às vezes o precede, como um pressentimento ilícito, imperfeito, que somente é utilizada pelas palavras, e então, ao invés de adentrar-se no conhecimento, se plantará à frente dele, encobrindo-o, qual biombo escuro...

– Parece-me que o metafórico vale para toda a arte, portanto também para a de Esquilo. Toda a arte é símbolo... Não é assim, Virgílio?

Deveras, isso era uma objeção acertada:

– Mas não temos outro recurso para expressar-nos. A Arte dispõe somente da metáfora...

– E a morte esquiva-se da metáfora, segundo disseste?

– Naturalmente… Toda a linguagem é metáfora, toda a arte também, e até a ação é metáfora, metáfora perceptiva, ou pelo menos, deve e quer ser isso.

– Muito bem, então se entende que essa afirmação se aplica a mim da mesma forma que ao Ésquilo – replicou o Augusto, sorrindo. – Neste ponto estávamos de acordo. Governar é uma arte, a arte do romano.

Não era fácil acompanhar o passo veloz da sagaz esperteza do César; o fato de ele estar sentado aí, ao lado do leito, era mais concebível do que aquilo que pronunciava, e se com isso se referia ao Estado romano, a obra política criada e governada com grande habilidade por ele... onde se encontraria a sua realidade? Em traços finos, o edifício político achava-se delineado ali, nas paisagens, entre as paisagens, nos homens, entre os homens, divisa lá e acolá, relação lá e acolá, invisível e no entanto presente, e requeria certo esforço encaminhar-se a todos esses espaços, a fim de descobri-lo:

– Tua obra, ó Augusto... certamente, sim, é metáfora... é teu Estado... é símbolo do espírito romano...

– E na plenitude de todos esses símbolos, na plenitude de todas essas metáforas que perfazem a nossa vida seriam precisamente as que tu criaste tão ruins que devam ser destruídas? Somente tu não alcançaste a tua meta? Por minha parte, exijo que aquilo que criei subsista... Também nisso me quero igualar a Esquilo, que absolutamente não destruiu sua obra. .. Fazes tu por acaso questão de ser uma exceção? Ou ainda não granjeaste bastante glória e queres acrescentar a teu nome ainda a de Heróstrato?

O César tinha a obsessão da glória, uma e outra vez falava de glória, almejava a glória, por isso não cabia dizer a ele, obviamente ainda muito menos a ele do que a Lúcio, que a glória, mesmo que perdure além da morte, jamais anula a morte, que o caminho da glória é terrenal, e só passa par este lado do mundo, sem nenhum conhecimento, um caminho da aparência, da inversão, da ebriedade, um caminho da perdição:

– A glória é uma dádiva dos deuses, mas não é a meta da Poesia; unicamente os maus poetas consideram-na sua meta.

– De qualquer modo, tu não és um deles... Por que não deverão então sobreviver os teus símbolos? Teu poema está sendo comparado com os cantos homéricos, e seria ridículo asseverar que tuas imagens sejam inferiores às de Esquilo, no que tange a seu vigor. Tu, porém, afirmas que apenas encobriste o conhecimento, em vez de revelá-lo e que desta maneira tampouco te aproximaste dele. Se fosse assim, teríamos de afirmar a mesma coisa com relação a Ésquilo.

Sem dúvida era impaciência o que provocava no Augusto essa insistente, quase molesta perseverança, e no entanto não se podia dar-lhe aquela resposta clara que ele esperava:

– No caso de Esquilo, o conhecimento antecedeu sempre e desde o começo à poesia, ao passo que eu quis encontrá-lo através da poesia... Os símbolos dele nasceram do mais íntimo conhecimento, tanto de dentro como de fora, e por isso têm obtido durabilidade, da mesma forma que as imagens da grande Arte grega; originados pelo conhecimento, tornaram-se perpétua verdade.

– O mesmo título. glorioso cabe a ti.

– A mim, nunca... Imagens que foram somente trazidas de fora ficam presas à esfera terrestre e portanto são necessariamente menores que a imagem original; são incapazes de conhecimento, incapazes de verdade, não têm ao mesmo tempo um sentido interior e exterior, não são senão mera superfície... e este é meu caso.

– Virgílio! – O César levantara-se com um gesto rápido e desta vez muito juvenil. – Virgílio, já te repetes, embora o faças com palavras diferentes e muito sugestivas. Mas, eu, repetindo-me também, só posso concluir delas que as obscuras objeções que fazes quanto à tua obra e que qualificas ora de perda da meta ora de perda do conhecimento, no fundo se referem apenas a defeitos formais da apresentação. Ninguém além de ti consegue percebê-los, ninguém além de ti consegue achar inadequadas as

tuas imagens, e as dúvidas que acometem a qualquer artista, as dúvidas relativas ao êxito de sua obra, já se tornaram em ti verdadeiras alucinações, talvez por seres o maior entre os poetas.

– Não é verdade, Ó Augusto.

– Mas o que é então?

– Tu tens pressa. Não cumpre por isso deter-te com pormenorizadas explicações, e essas seriam. indispensáveis para demonstrar-te que a *Eneida* não merece sobreviver, ainda que tenha todas as qualidades de uma perfeita obra de arte,

– Brincas com as palavras, Virgílio, e se jamais te mantiveste na superfície, será agora.

– Ah, Octaviano, acredita-me! – O César mantinha-se ali, a uma distância incomensurável. Era como se já não pudesse ser alcançado por nenhuma palavra.

– Dilatadas explicações sempre tendem a ocultar alguma coisa, sobretudo quando, como manifestamente ocorre neste caso, tencionem fundar-se em amplas disquisições filológicas. – Não se trata de filologia, Octaviano,

– No entanto, o que desejas oferecer é um comentário à *Eneida*.

– Pois é, poderíamos defini-lo assim.

– Um comentário de Virgílio à sua própria obra! Quem gostaria de perder a oportunidade de lê-lo? Mas, nesse caso, não devemos excluir o Mecenas, que tem paixão por esse gênero de problemas. Tu nos apresentarás, portanto, a matéria em Roma, e poremos à tua disposição um escravo-escriba, para que tome nota da tua palestra.

– Em Roma?! – Que idéia estranha era essa de não se poder rever Roma! Porém, onde ficava Roma? Onde se encontrava ele mesmo? Onde jazia? Era aquilo Brundísio, onde estavam as ruas da cidade? Não corriam elas pelo nada, entrelaçadas e entrecruzadas, entretecidas com as romanas e atenienses e as de todas as demais cidades do orbe? Portas, janelas, muros, tudo mudava de lugar, tudo estava envolto em contínuo câmbio, perspectivas e saídas conduziam ao incerto, e a terra sem sombra era uma única paisagem, uma única urbe, indistintos os pontos cardeais, ninguém sabia onde se achava o Oriente.

– Claro, meu Virgílio. Roma nos aguarda – disse o César. – Para mim está chegando a hora da partida, e dentro de poucos dias me seguirás, sem a menor dúvida, e com ótima saúde... Mas, até então deverás

preocupar-te não só com teu manuscrito mas também com teu restabelecimento; nem a ti nem a ele deve acontecer nenhum mal. Precisamos de ambos, e não pode ser difícil para ti prometer-me isso, se eu te peço. Tu respondes por ti e respondes por teu manuscrito … Onde é que o guardaste? Aí dentro; não é? – E como que de modo casual, mas na realidade com clara intenção, o César, já pronto para ir-se embora, apontava para a mala do manuscrito.

Oh, isso era uma extorsão, uma simples extorsão, que não queria permitir nenhuma escolha:

– E eu devo prometê-lo?

– De muitas passagens do poema ainda não foram feitas cópias... Devo resguardar o poema e devo resguardar a ti daquelas medidas precipitadas que tens em mente. Bem pode ser que, por meio de teu comentário, consigas convencer a mim, a nós todos do acerto de teus propósitos, mas também nesse caso vale o provérbio: "Quem corre cansa, quem anda alcança." Primeiramente queremos ouvir teu comentário. Se achares que não tens suficiente força de vontade para dar-me a promessa que te pedi, disponho-me com o maior prazer a tomar a mala em seguríssima custódia, a fim de que a encontres na hora da tua chegada.

– Octaviano. .. não posso entregar o manuscrito!

– Realmente me dói, meu Virgílio, ver-te tão perturbado, e todavia posso afiançar-te que somente se trata de uma idéia fixa da tua parte. Não há nenhum motivo para tamanha consternação, e não há nenhum que te deva induzir a destruir tua obra...

A essa altura, o César se avizinhara da cama, e sua exortação era branda.

– Ó Octaviano... estou morrendo, e nada sei da morte. De muito longe falava Plócia: – Para o solitário, a morte fica inacessível; o conhecimento da morte provém da união de dois seres.

A mão do Augusto estendia-se e agarrava a do poeta: – Pensamentos sombrios e desnecessários, meu Virgílio.

– Eles não se deixam afugentar, e não tenho o direito de afugentá-los.

– Tens ainda bastante tempo à tua frente, para fazer com que teu conhecimento da morte aumente com a ajuda dos deuses...

Muita coisa oscilava ao redor deles, muita coisa se confundia; a mão do Augusto mantinha seus cinco dedos na do poeta. Um eu inclinava-

se sobre outro eu, e no entanto a mão não era de Plócia. Antes da morte não há nem muito nem pouco tempo, mas o derradeiro momento, para trazer a percepção, deveria ter maior duração que toda a vida precedente, e Plócia disse:

– Sem tempo é nossa união, sem tempo nosso saber.

– O poema...

– Pois então, meu Virgílio. .. – Era ainda a mesma exortação branda.

– O poema... Preciso chegar ao saber... O poema me encobre o saber, me barra o caminho.

O Augusto retirou a mão. Sua fisionomia tornou-se dura:

– Isso não tem importância.

Nada sobrara da pressão da mão; somente o anel se fez sentir novamente, tão perceptível como a ardente febre, e as palavras do César soavam distantes, incompreensíveis:

– Tu mesmo falaste daquilo que é essencial, ó Augusto... e é a morte. .. é o conhecimento da morte...

– Tudo isso carece de importância, em comparação com o dever… ainda que, segundo afirmas, tenhas cingido a morte de metáforas...

As coisas se esvoavam; era preciso revocá-las:

– Ah, reter a vida, a fim de encontrar nela a metáfora da morte...

– Pois sim, pais sim... Ninguém quer saber do legionário na batalha se já encontrou ou não encontrou a metáfora da morte ou o conhecimento dela. Se a flecha o fere, tem de morrer. Sem consideração de seu saber ou da sua ignorância, deve cumprir seu dever... Que os deuses te guardem da morte, meu Virgílio, e eles te guardarão, mas eu não posso tolerar que a uses como um trunfo; pois, da mesma forma que teu saber ou tua ignorância, ela nada tem que ver com os deveres que tens para com a coletividade... Se não mudares de propósito, até me obrigarás a proteger tua obra contra ti.

O César estava impaciente e irado. Tratava-se um sim ou não:

– O conhecimento não é um assunto particular de um indivíduo, ó César; o conhecimento concerne à coletividade.

Seu conhecimento não alcançara nenhuma profundeza; conservara-se na superfície, na pétrea superfície, pela qual formigueja a plebe; e seu conhecimento da morte não ia além da esfera terrestre, não sabia, portanto, nada, era mísera impotência, incapaz de prestar qualquer

ajuda. Porém, esses eram argumentos que não se podiam apresentar ao César. Sem entendê-los, na sua cólera, este os rejeitaria de antemão.

– Queres, pois, beneficiar a coletividade pela destruição da tua obra? Estás falando sério? Onde fica teu dever? E a consciência de teu dever? Rogo-te, rogo-te insistentemente que não me voltes com aquelas palavras vazias.

Qualquer coisa nos olhos do encolerizado revelava que não havia muita seriedade na sua ira e a benevolência continuava presente como antes. Se fosse possível conseguir que essa benevolência subisse à tona, tudo poderia ser salvo:

– Não me subtraio a nenhum dever e a nenhuma responsabilidade, ó Augusto, e tu o sabes. Mas só poderei servir realmente ao Estado e à coletividade, quando tiver avançado de fato até ao meu conhecimento; pois trata-se do dever de ajudar, e este não pode ser cumprido sem conhecimento.

Com efeito, a ira do César amainou:

– Guardemos então por enquanto a Eneida como conhecimento provisório... se não como símbolo da morte, já que lhe negas tal qualidade, mas então como símbolo do espírito romano e do povo romano, cuja propriedade ela é, tanto mais que tu, com aquelas metáforas pretensamente falsas, tens sido e sempre serás a melhor ajuda de teu povo.

– César, tua obra, teu Estado é a imagem realmente válida do espírito romano, e não a Eneida. Por isso, a tua obra há de subsistir, ao passo que a Eneida está fadada ao olvido e por conseguinte deve ser devotada ao perecimento.

– Não tem o mundo lugar suficiente para dois símbolos plenamente válidos? Não tem mesmo? E ainda que, como admito com prazer, o Estado romano seja o símbolo mais válido, não terás então, precisamente por essa razão, o irrecusável dever de encaixar-te junto com tua obra como servidor nesse símbolo mais amplo? – Novamente a ira faiscava no rosto tenso, agora sob a forma de uma desconfiança agastada. – Tu, porém, não te importas com isso. Por mero orgulho, rebelas-te contra teus deveres. Não basta à tua soberba conferir à Arte, quer dizer à tua arte um papel de servente no Estado, e antes de deixá-la servir, preferes destruí-la inteiramente...

– Octaviano, será que me julgas presunçoso?

– Até hoje nunca o fiz, mas, apesar disso, parece-me que és.

Pois então, ó Augusto, eu sei que o homem deve cultivar a modéstia, e espero ter logrado manter-me humilde. Mas, com relação à Arte, sou presunçoso, se assim queres chamá-lo. Reconheço que o homem deve arcar com quaisquer deveres, pois só ele é portador de deveres, mas sei que dever algum pode ser imposto à Arte, nem deveres úteis ao Estado nem outros; do contrário, apenas a converteríamos em antiarte, e se os deveres do homem, como ocorre atualmente, estão em outro lugar que não na Arte, somente lhe resta a alternativa de abandonar a Arte, até por respeito a ela... Justamente esta época exige do indivíduo a mais intensa modéstia, e na mais intensa modéstia, e ainda mais, com apagamento do próprio nome, deve ele servir, como um dos anônimos servidores do Estado, como soldado ou de outro modo, não, porém, com obras poéticas sem consistência. que são apenas arrogante antiarte, terão de ser anti arte, enquanto pretenderem servir o bem do Estado através da sua supérflua existência individual...

– Ésquilo, com sua supérflua obra poética, encaixou-se na obra política de Clístenes, e assim sobreviveu ao Estado ateniense... Oxalá minha obra tenha duração tão longa como a *Eneida*.

Essas palavras foram proferidas com grande sinceridade; era apenas necessário descontar delas o jeito amável com que o Augusto sempre adornava sua amizade.

– O que vale para Ésquilo, meu César, não se aplica a mim. Eram outros tempos.

– Indiscutivelmente, meu Virgílio, quinhentos anos decorreram desde então; é inegável, mas essa é a única diferença.

– Falaste de deveres, Augusto, e certamente permanece o dever de ajuda imutável através de todas as idades; mas o gênero de ajuda da qual se precisa altera-se, e hoje ela já não pode ser prestada pela Arte... O dever permanece, mas suas tarefas mudam com o tempo. Somente onde não há dever, conserva-se imutável o tempo.

– A Arte não depende do tempo, e aqueles quinhentos anos demonstram o conteúdo eterno da poesia.

– Demonstram a eterna eficácia da genuína obra de arte, nada mais, Octaviano... Ésquilo conseguiu criar obras de valor eterno, porque dessa forma cumpria uma missão da sua época, e por isso, sua arte era também conhecimento... A época prescreve o rumo das tarefas, e quem contrariar tal diretiva deverá malograr …Uma arte criada a despeito dessa

orientação, e que portanto já não cumpre nenhuma missão, não é nem conhecimento nem ajuda; numa palavra deixa de ser arte e não tem consistência.

O César caminhara de cá para lá pelo chão oscilante; dera meia volta diante de cada vale de onda, de modo que ininterruptamente andara para cima, e nesse instante parecia ter chegado ao cume, uma vez que estacou - talvez notasse enfim o movimento de Posêidon – e se segurou no candelabro:

– Outra vez dizes coisas que não podem ser comprovadas.

– Na Arte, estamos imitando em todos os campos as formas gregas. No governo do Estado, porém, trilhas caminhos novos. Tu cumpres a missão da época, eu não.

– Isso não comprova coisa alguma. A novidade de meus caminhos é discutível, e forma eterna sempre é forma eterna. – Ai, Augusto, simplesmente não queres ver, não queres admitir que já não há nenhuma missão poética.

– Já não há? Já não há? Falas como se estivéssemos perto do fim...

– Talvez fosse mais certo dizer: "Ainda não." Pois, um dia raiará novamente uma fase de tarefas artísticas... Parece-me lícito supor isto.

– Já não e ainda não! – O César, mal impressionado, pesava essas palavras. – E no meio se abre o espaço vazio...

Pois sim, já não e ainda não; assim era, assim devia ser, perdido no nada, o sumido interregno do sonho... E, no entanto, não ouvirá ele antes palavras diferentes, parecidas e contudo diferentes? E logo se apresentou a voz do garoto, a voz do garoto Lisânias, afirmando:

– Ainda não e todavia já; assim se anunciou e assim será.

– …o espaço vazio entre as eras – prosseguia a réplica do César, como se se desenvolvesse por si só, sem a colaboração dele, como se as próprias palavras proferissem um monólogo –, o nada vazio, que subitamente se escancara, o nada para o qual tudo ocorre tarde demais ou cedo demais, o abismo do oco nada aberto sob o tempo e sob as idades, e por cima do qual o tempo tenta temerosa e fragilmente lançar uma ponte, enfileirando momentos e mais momentos, para que o abismo pétreo, petrificante não se torne visível. Oh, o abismo do tempo sem forma, ele não deve tornar-se visível, não deve escancarar-se, não deve haver interrupção

alguma; o fluxo tem de continuar incessantemente, a cada instante fim e início, o tempo formado...

Seria realmente o Augusto quem dizia isso? Ou expressavam essas palavras a sua inquietude mais secreta? Misterioso transcorria o tempo, a vazia corrente sem beiras, que conduz à morte, sempre dividida pelo presente, sempre o arrastando esquivamente consigo:

– Encontramo-nos entre duas eras, ó Augusto. Chama isso de aguarda e não de vazio.

– O que acontece entre as eras é vazio e intemporal, inacessível à formação, inacessível à Poesia; tu mesmo o estabeleceste assim, e ao fazê-lo, quase no mesmo instante, encomiaste esta nossa época, que me empenho em formar, encomiaste-a como plenitude do ser humano, como uma autêntica fase de floração da Poesia também. Recordo-me da tua Écloga, na qual falaste da "magnificência do Eão" atingida por nossa época.

– A plenitude iminente é quase plenitude. A espera é tensão, é saber da plenitude, e nós, os que aguardamos, agraciados com a espera e a vigília, nós mesmos somos tensão, prestes a receber a plenitude.

A aguarda entre as eras e no entanto também entre as beiras do tempo, as invisíveis, a aguarda entre as inacessíveis beiras da vida! Encontramo-nos na ponte estendida entre invisibilidade e invisibilidade, nós mesmos tensão e todavia levados pela corrente; Plócia quisera deter o incontido, misterioso fluxo e talvez o pudesse ter conseguido, talvez o conseguisse ainda. Oh, Plócia...

O César sacudiu a cabeça:

– Plenitude é configuração e não mera tensão.

– Atrás de nós, ó Augusto, jaz a queda adentro da informidade, a queda adentro do nada. Tu és o construtor da ponte, tu tiraste a época da sua pior corrupção.

O assim elogiado anuiu vivamente:

– Está certo, ela se tinha tornado totalmente corrupta.

– A perda de conhecimento e a perda dos deuses eram os signos sob os quais se mantinha. A morte era sua senha. Durante decênios a fio, somente houve a mais nua, mais crua, mais sangrenta avidez de poder, travava-se a guerra civil, e uma devastação seguia à outra...

– Pois é, mas eu restabeleci a ordem.

– E por isso converteu-se essa ordem, que é tua obra, no único símbolo inteiramente válido do espírito romano... Nós tínhamos esvaziado a

taça do horror quase até às fezes, quando tu vieste e nos salvaste; mais profundamente do que nunca a época se atolara na perversidade, mais do que nunca transbordava de morte, e agora que tu fizeste silenciarem as forças do mal, isso não deve ter sido em vão... oh, não deve ter sido em vão; da mais abjeta mentira uma nova verdade há de surgir, resplandecente, da mais desenfreada fúria da morte nascerá a redenção, a anulação da morte...

– E disso tu pensas ter de deduzir que a Arte já não tenha mais nenhuma missão nos nossos dias?

– Exatamente esta é minha opinião.

– Nesse caso te lembra de que a guerra entre Atenas e Esparta se prolongou muito mais do que a nossa guerra civil, que unicamente uma desgraça ainda maior forçou a interrupção, uma desgraça nova, inelutável, pois, justamente a essa altura dos acontecimentos ocorria o arrasamento das terras áticas pelas hordas persas, e te lembras também de que naqueles dias, nos dias de Ésquilo, foram incendiadas Elêusis e Atenas, a pátria do poeta e que, apesar de tais horrores, justamente naqueles dias, ele obteve seu primeiro triunfo dramático, como se com isso se devesse anunciar a iminente ressurreição da Grécia... O Mundo não mudou. E se a Poesia se mantinha viva então, também pode existir hoje...

– Sei que deste mundo a violência não pode ser eliminada; sei que o homem fica separado de seu próximo pela disputa do poder, onde quer que criaturas humanas habitem lado a lado.

– Então te recorda também de que em seguida houve Salamina e Platéia...

– Não o esqueci.

– Accio, que tu cantaste, tornou-se a nossa Salamina, e Alexandria converteu-se na nossa Platéia... Guiados pelos mesmos deuses olímpicos e em nome deles, nós, que pretensamente havíamos perdido os nossos deuses e todavia nos igualamos aos gregos, vencemos mais uma vez as obscuras forças do Oriente.

As forças do Oriente, derrotadas na esfera terrena, derrotadas até que se purificassem a si mesmas, para subirem, redimidas e redimindo, da corrente dos tempos, astro que brilha mais que todas as estrelas, céu sem eclipse.

– Nada mudou. Permanece o grande exemplo, e toda a Arte desenvolveu-se divinamente, quando Atenas, sob a égide de um homem venerando e sábio recebeu a paz, a paz de Péricles.

– Realmente é assim, ó Augusto.

– Superação da morte? Ela não existe; na terra somente a glória sobrevive à morte. E até mesmo a glória conquistada através de guerra e horror, a que certamente não deverá ser a minha, será capaz disso. Eu aspiro à glória da paz.

Glória! Glória e mais Glória! Seja para o soberano, seja para o literato, sempre se visava unicamente à glória, à ridícula anulação da morte pela glória; sim, aqueles viviam em prol da glória; ela lhes parece o essencial, o único valor que admitem, e consolador, ainda que pasmoso, era apenas que o que lá acontecia sob o signo da glória pudesse ser mais essencial que a própria glória.

– A paz é símbolo terrenal da superação ultraterrenal da morte. Tu detiveste a devastação terrenal da morte e colocaste em seu lugar a ordem de tua paz.

– Então, é a isso que se referem teus símbolos? – O Augusto, que sublinhara seu discurso com amplos gestos, como se falasse perante o Senado, vacilou por um breve momento e deixou cair a mão sobre o espaldar da cadeira. – Então é isso que tens em mente? Pensas que os atenienses se rebelaram contra Péricles, porque ele, apesar da paz, não deteve a morte? Por que a peste irrompera no símbolo? Achas que o povo exige tal símbolo?

– O povo conhece os símbolos. O Augusto rejeitou essa idéia:

– Ora, ainda não temos a peste, e a mim foi concedido reinar sem armas sobre uma Roma unida na felicidade. E se os deuses continuarem a prestar-me sua ajuda, esta paz interna não somente durará mas até se espalhará. Muito em breve será completada pela pacificação dos confins do Império.

– Os deuses não te negarão seu apoio, ó César.

O César silenciou, pensativo, mas, em seguida, insinuava-se um sorriso astuto, quase infantil:

– Mas, justamente por causa dos deuses e sobretudo pela honra deles, não posso no meu Estado renunciar à Arte. A paz que trago necessita da Arte, assim como Péricles coroou magnificamente a sua com a construção da altaneira acrópole.

O César lograra, portanto, retornar à *Eneida*:

– Ai, Augusto, tu me complicas a vida, deveras, tu tens... A vida? Não estaria mais acertado falar da morte? Algo cinzento abria-se em algum

lugar; inatingível, desprovido de ponte, estagnado em si mesmo, enigmático, corria o tempo e no entanto não desejava correr...

– Que queres dizer, meu Virgílio?

A voz do escravo encarregou-se da resposta:

– Já não há tempo, e já não é lícito falar de Arte. A Arte já não pode realizar coisa alguma. Não consegue anular a morte. Pois, minha força é superior.

E mal proferidas, essas palavras foram completadas por Plócia:

– O curso cambiante dos tempos fica isento de qualquer alteração, e o tempo há de parar no imutável, uma vez que tu te transformas em mim... Segura-me, e segurarás o tempo.

Silenciosamente, ela pronunciara essas palavras, e fria, emergindo do frio dos tempos, invisível, partindo do invisível, leve qual pluma, vinha sua mão, para unir-se com a do poeta.

O César olhava na direção dele, olhava o anel de sinete, não olhava os dedos de Plócia, delicados como um sopro, invisíveis, e prosseguia sorrindo:

– Terá a época que formei por meio de minha paz menos valor do que a de Péricles? É minha paz, é nossa época, nosso período de paz.

– Ah, Augusto, tu realmente não me tornas fácil a resposta, sobretudo considerando que, para corroborares tua opinião, podes, sem dúvida alguma, comparar os edifícios com que adornaste Roma com os de Péricles.

– Uma cidade de tijolos tem sido transformada numa de mármore.

– Certamente, ó Augusto, a Arquitetura floresce e é rica, quase que demasiado rica; pelo menos, está cheia de vigor, já que se encontra no espaço, igual ao Estado que construíste, como imagem da ordem e ordem ela mesma:

– De modo que, com relação à Arquitetura, fazes algumas concessões?

– A ordem repousa na transformação dos tempos, o espaço repousa na esfera terrestre, ó Augusto, e onde quer que na terra se conseguiu criar ordem, a verdadeira ordem da existência humana, também se originou o irrefutável desejo de erguer o símbolo de tal ordem visivelmente no espaço... Como símbolo da ordem, subsiste a Acrópole, subsistem as Pirâmides e também o Templo de Jerusalém... testemunhos do almejo de anular o tempo através da ordem no espaço...

– Pois é,... mas permite-me qualificar isso de concessão, uma vez que é a primeira que te arranquei, e ainda uma concessão simpática, importante, especialmente em consideração a Vitrúvio, que, sem ela, poderia exortar-me a qualquer instante a que mandasse demolir as suas construções. " porém, para falar seriamente, eu não gostaria de colocar numa balança a Arquitetura e a Poesia, o Vitrúvio e o Virgílio, se bem que Vitrúvio, se não me engano, me tenha dedicado seu tratado de Arquitetura, ao passo que Virgílio me quer privar da *Eneida*; contudo, e precisamente por isso, falando sério, desejo que ponderes que a concessão que tiveste que fazer com respeito à Arquitetura inclui a mesma concessão com respeito a todas as demais artes. A totalidade da Arte é indivisível, o direito à sobrevivência que outorgas à Arquitetura necessariamente tem por conseqüência o da Poesia, e dito isso, posso, sem referir-me mais uma vez a Péricles, e todavia sem trair em absoluto teu pensamento, posso, pois, considerar comprovado o fato de que indiscutivelmente toda época de floração da comunidade estatal tem feito com que quaisquer artes, e portanto também a Poesia, desabrochassem exuberantemente.

– Sem dúvida, ó Augusto, a Arte é uma sublime unidade.

– Tua anuência excessivamente rápida parece-me perigosa, Virgílio; quanto mais depressa ela se produz, mais depressa costuma segui-la a recusa.

– Pelo contrário, amplio a anuência... A Arte, ainda que se exprima desta ou daquela maneira, em todas as suas ramificações, até mesmo na Arquitetura e na Música, serve ao conhecimento e expressa conhecimento. A unidade do conhecimento e a unidade da Arte são irmãs, e ambas derivam de Apolo.

– Que conhecimento? O da vida ou o da morte?

– Os dois. Um condiciona ao outro, como se fossem uma só figura.

– Então chegamos outra vez ao conhecimento da morte, não é? Admite que te dispões a negar tua concessão.

– É verdade que em nenhum outro campo o dever de conhecimento, que a Arte tem, é tão imperativo e tão claro e tão severo como no da Poesia; pois Poesia é linguagem, e linguagem é conhecimento.

– E a conclusão?

– Há pouco, honraste-me, recitando os versos de Anquises...

– Honro-te, Virgílio, posto que um pouco menos neste instante, uma vez que novamente tentas intercalar digressões; mas, com aquela citação apenas me propus fazer-te sentir que tu mesmo julgaste inadequada a preocupação com pequenos deslizes formais, que se devesse polir, até que se conseguisse a mais imaculada perfeição, e que tu mesmo reputaste imprópria tal tendência caprichosa, imprópria para a seriedade e a dignidade da arte romana…

– E no entanto, ó César, o doce jogo de emendar e polir incessantemente... – Oh, quão tentador não seria recomeçá-lo outra vez! Ali se achava a mala com todos os rolos passados a limpo, o manuscrito que poderia ser repassado linha por linha, quanto à gramática, ao metro, à melodia, ao significado. " oh, quão tentador, quão imensamente tentador!

Porém o escravo, agora já muito perto, quase à beira da cama, disse bem baixinho:

– Não penses nisso; asco te acometeria, se o fizesses. E as mãos de Plócia tinham-se esvaecido novamente.

Mas o César, rodeado do lúrido, silencioso clarão do eclipse solar, o César disse:

– Essas eram as palavras de teu Anquises, e não te adianta qualificar agora de doce esse modo de brincar com a Arte; não podes nem eliminar nem atenuar a tua própria opinião.

– As palavras de Anquises... – Anquises se encontrava em meio às sombras; elas permaneciam palavras; não somente a luz estava lúrida, não, sombriamente lúrido estava o tempo.

– As palavras de Anquises, tuas próprias palavras, Virgílio.

– Agora que sobem do reino das sombras, percebo que com elas quis expressar mais...

– Será?

– Tua interpretação, ó Augusto, tem sido excessivamente fraca.

– Se ela foi débil demais, cabe a ti retificá-la; deploro minha debilidade.

O César largara o candelabro; apoiava-se com ambas as mãos no espaldar da cadeira; entre os olhos voltava a aparecer a nítida ruga de irritação, e o pé golpeava veloz e duramente o assoalho, lajeado; sempre fora assim; a menor contestação era suscetível de desencadear brusca e inopinadamente esse agastamento.

– Tua interpretação não é débil; apenas requer uma intensificação... Muita coisa adquire só com o tempo seu sentido genuíno, antes apenas pressentido.

– Revela-o.

– Em confronto com a arte de governar, com a arte de instituir ordem no Estado e de estabelecer a paz, em confronto com tal arte e tal missão essencialmente romanas, empalidecem todas as demais manifestações artísticas, não só as do jogo de arte, ai, tão ameno; sim, de fato empalidece nesse confronto toda a deleitosa e deleitante exaltação, na qual a Arte, se quiser ser mais do que apenas antiarte, ornamento decorativo da vida, sempre deverá encarnar-se...

Sim, até essa exaltação empalidece então; eis o que tentei expressar pelas palavras de Anquises, e acabo de reafirmar minha opinião, ao colocar tua obra, teu Estado, teu símbolo do espírito romano acima de quaisquer influências da Arte, como os únicos válidos...

– E eu te refutei... A Arte persiste, incólume, apesar do decurso dos tempos.

Misterioso, qual corrente vazia, fluía o tempo.

– Permite, ó Augusto, que ainda acrescente a conclusão final, mais precisa, que me pediste.

– Fala.

– Justamente a grande arte, a que tem consciência da sua missão cognitiva, sabe também da perda de conhecimento e da perda dos deuses, que sofremos. Ininterruptamente se ergue diante dela o horror da desolação da morte...

– Já te chamei à memória as Guerras Persas.

–... e por isso, ela sabe também que, junto com a nova ordem por ti estabelecida, igualmente terá de desabrochar um novo conhecimento, crescendo das profundezas do nosso conhecimento perdido, crescendo tão alto quanto a nossa perda tem sido profunda, pois, do contrário, a nova ordem não teria nenhum desígnio, e a salvação que recebemos de ti seria vã...

– É tudo o que tens que dizer? – O César parecia bem satisfeito. – Será essa a tua conclusão final?

– Sim... Quanto mais compenetrada de conhecimento for uma arte, e sobretudo a Poesia, tanto mais exatamente saberá que com sua força metafórica não alcançará o conhecimento novo; saberá que este há de vir,

mas, justamente por isso, saberá também que deverá ceder seu lugar à metáfora mais forte.

– Está bem, nada tenho que objetar ao novo conhecimento. Acho, porém, que abusas grandemente da missão artística do conhecimento para teus próprios fins...

– Ela ocupa o centro do espírito artístico.

– E propositadamente esqueces que a totalidade do espírito abrange a Arte também.

– O novo conhecimento fica fora da Arte, fora dos domínios de suas metáforas. Isso é até o essencial.

– Propositadamente esqueces que cada floração do Estado representa igual floração não só da Arte mas também do conhecimento; propositadamente esqueces que na grande época de Atenas florescia, ao lado de todas as artes, também a Filosofia, e esqueces isso, tens de esquecê-lo, porque a Filosofia não condiz com o estranho quadro de tuas metas do conhecimento inatingível ou anulador da morte, como tampouco combina com todos os demais fatos da vida próximos da realidade. Oxalá percebas que não tens razão; eu, porém, quero, por enquanto, confiar nos filósofos, esperando que encontrem aquele novo conhecimento pelo qual anseias.

– A Filosofia já não é capaz de fazer isso.

As palavras saíam por si mesmas da boca do poeta; não fora necessário ponderá-las de algum modo ou apenas começar a meditar a respeito delas; quase espontaneamente tinham passado dos olhos à língua, pois, atrás das formas verbais – aqui no quarto sombrio, lívido? ou ali, na lúrida paisagem traçada a bico de pena? não, ainda mais longe, singularmente desprendida de qualquer época! – aparecia a cidade de Atenas, cidade almejada, cidade de Platão, cidade onde lhe fora vedado permanecer, vedado pelo destino, e acima dessa cidade pairava ainda neste momento o destino, parecido com uma nuvem de morte, e no entanto desprovido de sombras, na sua lividez.

– Já não é capaz... – repetiu o Augusto – já não! já não! Antes se tratava da Arte, e agora isso se aplica à Filosofia também; ó Virgílio, mais uma vez os mesmos "tarde demais" e "cedo demais"? Esse "já não" terá validade igual para a Filosofia?

Lá, no espaço sem espaço da palavra, erguia-se a cidade, e ela mesma não era outra coisa que não uma forma verbal, era palavrório vazio, sem sombra, inestável, evanescente; carecia de símbolo; após ter perdido o

símbolo, deixara de ter firmeza; realmente, o destino favorecera-o, ao tirá-lo dali:

– Inexorável é o tempo, Augusto. O pensamento alcançou seus limites...

– O homem pode conduzir seu pensamento até aos deuses, e isso deveria bastar-lhe.

– Ah, o intelecto humano é imenso, mas sempre que roçar o infinito será rechaçado violentamente... Há de tornar-se desprovido de conhecimento... Resultarão a devastação mortal na terra, o grande dilúvio, o fragor das armas, os rios de sangue ignominiosamente derramado...

– A Filosofia nada tem que ver com a guerra civil.

– Mas o tempo tinha-se tornado maduro... Agora cumpre dar outra vez meia volta ao arado.

– O tempo madura todos os dias um pouco para isto ou aquilo.

– Sem base comum do conhecimento, sem princípios não há nem entendimento nem demonstração nem explicação nem argumentação nem persuasão; o olhar comum, dirigido ao infinito, é fundamento de toda a compreensão mútua, e sem ela fica impossível até a mais simples comunicação...

– Ora, Virgílio, afinal de contas, tu mesmo estás me comunicando alguma coisa agora, de modo que não se pode dizer que a base de nosso entendimento não tenha nenhuma estabilidade; para mim, em todo caso, é suficiente.

Ai, o Augusto tinha razão... Que sentido tinha tudo isso?

Que importava ao César? Era penoso e no entanto como que coercivo, como se desse modo se decidisse a sorte da *Eneida*:

– A Filosofia é ciência, é verdade fundada no intelecto, precisa poder demonstrar, carece alicerçar-se no conhecimento, e a percep... – Em algum lugar ria-se algo muda e pretensiosamente.

Seria o escravo? Ou anunciavam os demônios sardonicamente o seu retorno?

– Por que não continuas a falar, Virgílio?

Mais uma vez aparecia Atenas, mais uma vez o estranho desapontamento que fora Atenas. Onde se ria algo? Ocorria isso em Atenas?

– A base da percepção antecede a todo intelecto, a toda filosofia... É o primeiro pressuposto, e rege ao mesmo tempo o nosso interior e o nosso

exterior... Tu me fizeste voltar de Atenas, Octaviano: não é?

A concha do céu, acima do Mar Adriático, abria-se, nacarina; o navio oscilava; os cavalos brancos de Posêidon exibiam suas cabeças; no refeitório ria-se e fazia-se barulho; na popa, à luz que se tornava lívida, um escravo músico se punha a cantar, uma voz solitária de menino.

– Que te trouxe de volta de Atenas, meu Virgílio, tem sido saudável e acertado... Ou querias até afirmar que a Filosofia esteja agora dispensada de seus deveres, porque não te abandonamos àqueles miseráveis cuidados na cidade dos filósofos?

No fundo, o César deveria encontrar-se em outro navio e não aqui:

– A Filosofia perdeu sua base de conhecimento, que sumiu muito, muito fundo no mar... E como teve de crescer para cima, para, crescendo, atingir o infinito, suas raízes já não chegam abaixo, mesmo que da mesma forma cresçam infinitamente... De outro modo, eu não teria retornado contigo, Octaviano... Onde as raízes já não se fixam, há um vazio sem sombras... Extraviou-se a base do conhecimento, e no navio há muito palavreado vazio; talvez não notes isso com tanta exatidão como eu, porque não te tornaste vidente em virtude dos enjôos... Outrora, a Filosofia tinha ainda a base do conhecimento, na qual podia alicerçar-se... Como tu, eu não queria ver que ela a perdeu... Viajei até Atenas. sim, claro, viajei... Mas, atualmente, ela perdeu em definitivo o solo fecundo, no qual estivera arraigada... O pensamento já não tem potência viril.

Sim, assim era, e ninguém tinha o direito de rir-se desse fato. Nem sequer o deus que reconhece o nada e quer o nada tinha o direito de fazê-lo. E realmente emudeceu a risada ilícita. Em vez dela, disse Plócia:

– A comunicação é silenciosa. Não necessita de prova. Retoma à concha aberta do silêncio.

E isso soava tão suavemente ao ouvido, que o próprio navio diminuía a velocidade de seu andamento e as águas ficavam muito lisas; mal e mal se sentia a cadência dos remos, mal e mal rangiam as vergas, e apenas de quando em quando tilintava uma corrente.

Encostado no mastro do candelabro, uma das mãos a agarrar novamente o velame do louro, singrava o César, amoroso marido, que virilmente volta à casa da cônjuge, de Lívia, que o aguarda, e como o tempo viajasse no mesmo navio, não era possível calcular o lapso que decorria, até que se pusesse a reencetar o diálogo. Finalmente disse:

– Se a Filosofia perdeu a sua base de conhecimento, cabe a ela hoje o dever de recuperá-la.

Certamente, o César estivera em outro navio ou, quem sabe, ainda se encontrava lá, uma vez que não ouviu que as raízes não alcançam o fundo; talvez se pudesse explicar-lhe a situação com palavras mais claras:

– A madeira de olmo não presta para mastros de navios; pois é com firmeza e ao mesmo tempo com flexibilidade que estes devem erguer-se e crescer...

– Estás cansado, Virgílio? Queres que o médico venha novamente? – Octaviano afastara a cadeira rapidamente e se inclinava sobre o leito, aproximando muito o seu rosto.

O rosto ficava bem perto, quase tão perto como antes o de Plócia. E então se, dissipou a névoa:

– Sinto-me perfeitamente bem, Octaviano... até muito bem... mas pode ser que eu tenha andado tonto por alguns instantes...

– Tuas palavras soavam um tanto obscuras... É verdade que isto ocorre freqüentemente contigo. Mas, quando a gente reflete nelas maduramente, transformam-se em sabedoria.

– Sabedoria?… Da minha parte? Não, nunca!... Porém, agora me parece que apenas procurei um exemplo adequado à minha resposta, sem encontrar nenhum que servisse... Mas tu, disso tenho certeza, falaste da base de conhecimento da Filosofia.

– Certo, Virgílio, de modo que não precisamos inquietar-nos.

– E a Filosofia não está em condições de produzir seu próprio princípio cognitivo...

– Isso, por enquanto, permanece duvidoso... – O Augusto estava um pouco distraído – ... entretanto se trata de um problema que no momento não nos interessa, meu Virgílio.

A oscilação sísmica perdurava ainda, mas todo o resto estava claro e nada estranho; nítida e natural delineava-se lá fora a evanescente, delicada paisagem desenhada a bico de pena; nítido e natural apresentava-se o candelabro de olmo, e o leito já não era o navio grande, senão se reduzira novamente, com clareza e naturalidade, ao tamanho de um barquinho, no qual se viajava agradavelmente. Somente o César, apesar do jeito familiar das suas atitudes, não ficava totalmente nítido nem inteiramente natural, pelo menos não, enquanto fosse necessário prosseguir nos esforços de convencê-lo e de reconduzi-lo desse modo à realidade:

– O intelecto é incapaz de criar seu próprio pressuposto, e por isso, a Filosofia tampouco tem capacidade para fazê-lo. Ninguém, por potente que seja, pode-se tomar ancestre de si mesmo.

O riso! Não brotara ele, havia pouco, da sua garganta também? Lá podia senti-lo agora de modo misteriosamente doloroso:

– Não é possível engendrar ancestres e avoengos, nem tampouco pressupostos; nunca ninguém dispôs jamais do poder prometéico de ultrapassar seus próprios limites, nunca ninguém os ultrapassará jamais... Errado!

Errado, errado... essa palavra viera, sussurrada por alguém, sussurrada do nenhures, sussurrada pelo escravo ou por Plócia: não se sabia, mas, mais provavelmente por Plócia, já que ela prosseguia falando:

– O amor sempre atravessa os próprios limites.

– O teu também o fez, Plócia? Oh, será que o fez?

– Ele o fez e o faz ainda. Quem ama encontra-se mais além de seus limites.

– Ó Plócia!

– Tu me sentes? Amando-te, sinto-te muito.

– Plócia, sinto que estás perto de mim, percebo-te.

– Sim, Virgílio, sim.

E os limites de seus corpos estavam entrelaçados, confundiam-se os limites de suas almas, crescendo e superando limites, percebendo e percebidos.

Pasmado, perguntou o Augusto:

– O que está errado, Virgílio?

– Há transgressões dos próprios limites.

– Folgo em ouvi-lo. Portanto manténs a tua concessão?

– Ultrapassar o limite...

– A Filosofia? A Poesia? Quem ultrapassa os limites?

– Sempre que Platão o conseguia, a Filosofia convertia-se em Poesia... Nas suas mais altas culminâncias, a Poesia tem sido capaz de fazê-lo, superando os limites...

Embora um tanto apressada e distraidamente, um gesto de amável consentimento precedeu a resposta:

– Em todo o caso é tua modéstia de artista suficientemente grande para negar tua própria sabedoria, mas tua ambição de artista quer pelo menos reclamá-la para a Arte em si...

– Não se trata de sabedoria, Octaviano... Não será o sábio que se tornará poeta, quando muito será aquele que tiver vocação para a sabedoria... Não, trata-se de uma espécie de amor intuitivo, ao qual às vezes se permite romper os limites...

– Noto com satisfação que pelo menos te sintas destinado à sabedoria... e por isso não vamos continuar debatendo a questão da Filosofia e sim remetê-la à Poesia, se realmente ela se tornar incapaz de avançar até ao seu próprio pressuposto; vamos incitá-la a buscar sua base de conhecimento na Arte, em cuja beleza, como tu mesmo agora admitirás provavelmente, reúne-se toda a sabedoria.

– Só com relação a muito poucas, bem rigorosas obras de arte, eu aceitaria isso, só para algumas obras de um passado bastante remoto.

– E tua *Eneida*, meu Virgílio?

Mais uma vez era o tempo que se anunciava, opondo misteriosamente o outrora ao presente, misterioso no seu efeito, misterioso em sua causa, fatal em ambos:

- Novamente, ó Augusto, preciso desapontar-te, ao repetir-me, ao repetir obstinadamente que a força simbólica da Arte fica inexoravelmente condicionada pelo tempo e já não basta para o novo conhecimento. A base do conhecimento é ocasionalmente pressentida pela Arte, porém sua criação, sua recriação superam as forças dela.

– Não há nenhuma recriação, cabe apenas criar novamente o que sempre tem existido, independentemente de qualquer tempo, e que sempre prossegue existindo, se bem que às vezes, como por exemplo hoje, permaneça um tanto oculto; o homem continua sendo sempre a mesmíssima criatura, e sua base de conhecimento, da qual não cessas de falar, conserva-se igualmente sempre a mesma, a tal ponto que, se assim te agrada, pode e deve muito bem preceder a todo o conhecimento. No que é fundamental, nada se altera, nada se pode alterar e nada se alterou.

– Oh, Augusto, outrora os deuses rodeavam o mortal, conhecendo e conhecidos.

– Tu te referes à época de Ésquilo? – Também a ela.

– Os deuses não desapareceram, e de fato confirmas claramente com tua referência o que acabo de afirmar; realmente é o que fazes, meu amigo; precisamente porque os Olimpianos em outros tempos dominaram sem contestação nem restrição, precisamente por isso temos de retornar àquela fé ancestral, para que a Arte, para que a Filosofia voltem a encontrar

essa base de conhecimento, na qual sempre se manteve nosso povo e que, portanto, é também a única adequada.

Sempre novas afirmações, sempre novas respostas... A obrigação de dá-las tornava-se sumamente penosa:

– A fé ancestral... Naqueles dias, ainda não havia a queda na falta de conhecimento...

– Essa falta foi superada.

– Foi, sim, mas somente porque tu vieste. Porém, naqueles dias, na época dos antepassados, não era necessário reanimar a fé; ela estava viva, nas esferas interior e exterior formava uma unidade com a vida humana.

– Não está menos viva hoje, e os deuses andam por teu poema como figuras inteiramente vivas, ó Virgílio.

– Entraram no poema, vindos de fora; tive que ir buscá-los num remoto, remotíssimo passado.

– Foste buscá-los na sua origem, na origem de sua base de conhecimento, e com isso recuperaste para o povo uma vez por todas a realidade dos deuses, a realidade do genuíno conhecimento dos deuses; Virgílio, tuas imagens são a mais viva realidade, são a realidade de teu povo!

Essas frases soavam sedutoras e gratas; expressavam até a convicção sincera do César, e todavia não passavam de palavras vazias, tanto mais que o César, ao elogiar a *Eneida*, no fundo defendia sua própria obra; mas talvez o induzisse justamente isso a renunciar à *Eneida*:

– Ó César, eu já expliquei que minhas imagens se mantêm apenas à superfície.

– Elas não te bastam, porque exiges delas um conhecimento da morte e uma anulação da morte que ninguém nos domínios terrestres é capaz de propiciar... Também à minha obra fizeste tal exigência exagerada.

– Minhas imagens são insuficientes, porque...

– Vacilas? … Virgílio, tu sabes que não tens razão.

– O tempo, Augusto... de modo misterioso estamos atados ao tempo, misteriosamente ele flui... corrente vazia... corrente superficial, e nós ignoramos tanto seu rumo como sua profundeza... e todavia é necessário que o círculo se cerre...

– Como pudeste então afirmar que a direção da Arte seja outra que não a das tarefas impostas à nossa época? Que arúspice te revelou isso?

O Virgílio, estás errado! No tempo não há nenhum mistério e nada que careça de um escrutador de fígados.

Qual era o mistério do tempo? Vazia flui a corrente vazia rumo à morte, e se a privarem de sua meta, desaparecerão a corrente e o tempo. Por que se anula o tempo, ao anular-se a morte? Tudo se casava, como num sonho, e quem falava era uma voz de sonho:

– O serpeante anel do tempo... As entranhas celestes...

– Então é isso o que chamas de base de teu conhecimento? É a base de conhecimento de um arúspice! Que ocultas, Virgílio?

– Estamos atados ao tempo; todos nós estamos, e o próprio conhecimento está vinculado a ele.

Coisa estranha, o César parecia visivelmente preocupado: – Responsabilizas o tempo pelas ações dos homens, até o responsabilizas pela perda de conhecimento. Desse modo, exoneras o homem e naturalmente também a ti mesmo de qualquer responsabilidade. Isso é perigoso... Prefiro impor aos homens a responsabilidade pela época em que vivem.

Que era o tempo? Era ele realmente uma corrente que flui sem cessar? Não executava muito ao contrário um movimento intermitente, às vezes como as águas quase paradas de um lago ou até de um pântano, repousando sob a nuvem bicolor do crepúsculo, e em seguida como uma catarata turbilhonante, fervilhando com sua espuma cintilante nas sete cores do arco-íris, torrente que ruge e inunda tudo?

– O César, para a responsabilidade do homem sobra ainda campo suficiente; o homem pode cumprir seus deveres bem ou mal, e ainda que seja o tempo quem lhe prescreva o conjunto das tarefas, ainda que não lhe seja dado influir sobre estas, permanece inalterada a responsabilidade quanto à moral e ao dever; inalterado e independente das modificações do conjunto das tarefas permanece o dever do dever.

– E eu nem sequer posso admitir que tal conjunto de deveres possa ser alterado pelo tempo... O homem tem a responsabilidade pelos deveres e pelas tarefas que ele se propõe como objetivo das suas ações; através de todos os tempos, deve dirigi-los à coletividade e ao Estado, e, se se omitir neste ponto, o tempo se tornará informe. Mas, ao homem cumpre dar formas ao tempo, e isto se faz no Estado, que é, desde os princípios, o mais sublime dever humano.

Mistério do tempo, mistério do seu vácuo! Por que se modifica dentro dele o conjunto dos deveres do homem? Infinitamente se estendem

os campos saturninos através do tempo, mas encarcerada no tempo mantém-se a alma; e muito além da superfície do tempo, nas profundezas do céu e da terra, jaz o conhecimento, a meta do homem.

– Sempre subsiste o conhecimento como dever, sempre subsiste como divina missão do homem.

– E o conhecimento realiza-se no Estado! – Quase desafiante, o olhar do Augusto fixava-se no poeta, sem, no entanto, perder a expressão de preocupada inquietude.

Que era o tempo? Que era a alteração do Círculo de tarefas humanas, que se produz sob o seu mando? Que é que havia nele de mudável, que misteriosamente se desenvolve em si mesmo? Como se explicava que esse elemento fosse alterável, uma vez que finalmente tinha que voltar a si mesmo?

Aonde conduzia a jornada? O barco balouçava:

– O homem que conhece... mantido no tempo...

– Pelo contrário, Virgílio, ele mantém o tempo em sua mão.

Oh, o que se alterava era o conhecimento como tal às vezes hesitantemente, outras atolando-se na estagnação, para em seguida precipitar-se para a frente, qual catadupa, o conhecimento do ser, desdobrado por sobre todo o ente, a teia cognitiva do mundo, que prescreve ao homem o que ele deve crer, o grande tecido do conhecimento, em cujas malhas flutuantes o homem fica enredado e no qual contudo tem de prosseguir trabalhando, para que se tome tecido universal e não se desfaça: misteriosamente unido ao ser, dilatando-se com o ser e transformando-se, misteriosamente transformando o existente em existente conhecido, assim avançava o conhecimento, assim devia avançar, em prol da criação, em prol do tempo, no qual a criação se converte em realidade, pois, o tempo é apenas modificação do conhecimento.

– O homem fica mantido na criação e mantém a criação em suas mãos… Ó Augusto, é o tempo e todavia não é o tempo; no conhecimento, o tempo recebe do homem a sua forma.

– Nunca admitirei que o tempo seja mais forte que o homem...

Mais forte que o tempo era o destino, e nele se escondia o derradeiro segredo das épocas. Pois, o mandamento de morrer, que emana do destino, é imperativo até para a criação, até para os deuses; mas, uma e outra vez, é contrabalançado pela ordem de renascer, proferida pelo destino, pela ordem dirigida ao deus e ao homem, que exige que não se deixe rasgar

o tecido do conhecimento, que sempre se reate o fio e desse modo conserve-se eternamente a obra, criada pelos deuses e com ela o próprio divino. Deus e homem estão mutuamente vinculados no juramento de conhecer.

– A transformação do conhecimento é tempo e nada mais, ó Augusto, e quem trouxer a renovação do conhecimento configurará o decurso ulterior do tempo.

O Augusto desatendeu a essa asseveração:

– E nunca admitirei que nossa época seja inferior do que, por exemplo, a de Ésquilo: não, absolutamente, sob muitos aspectos ela é até incomparavelmente superior, e posso afirmar que contribui um pouco para isso. Superamos os gregos na maioria dos campos, e também os nossos conhecimentos acham-se em constante expansão...

– Oh, Augusto, evidentemente falamos de duas coisas distintas... Os conhecimentos da superfície podem expandir-se, e ao mesmo tempo decresce o núcleo do conhecimento.

– Sendo assim, seria também a minha obra apenas metáfora fugaz da superfície? – A preocupação do Augusto transformara-se indubitavelmente em melindrado protesto. – Será que queres afirmar isso?

Mistério do tempo! Mistério saturnino do conhecimento! Mistério do mandamento do destino! Mistério do juramento! Luz e trevas, reunidas no crepúsculo bicolor, desdobram-se no arco-íris da criação terrestre, mas, quando a metamorfose do ser tiver avançado até ao conhecimento total, também o tempo há de parar, não vacilantemente, não como um lago, senão como sempiterno momento do fluxo universal, que abrange tudo, de modo que na realidade desse dia final as sete cores se confundirão numa derradeira unidade, no ebúrneo fulgor do clarão de um último dia, diante do qual empalidece toda a luz e qualquer realidade terrena vira sugestão e mero jogo de linhas.

– Tua obra, ó César, é sustentada pelo tempo, cumpre sua missão e mira a renovação do conhecimento, tal como o destino a impõe e na qual a criação voltará a existir, junto com seus atributos divinos.

Na rejeição evidenciada com menosprezo havia também uma pontinha de decepção:

– O que somente visa ao conhecimento ainda não é conhecimento.

– Tua obra é a paz.

– Mas, infelizmente, se te posso crer, anula ela apenas metaforicamente à morte, e ainda que, segundo espero com certeza, eu possa em breve fechar os portais do templo de Jano, essa obra permanece para ti uma simples metáfora e fica longe de ser uma anulação definitiva da morte.

– Roma é a metáfora, Roma é o símbolo que tu criaste, ó César.

– Roma é proeza dos antepassados, e a realidade que eles instituíram vai muito além do simplesmente simbólico.

– E Roma é igualmente tua proeza, ó Augusto, a ordem romana no Estado romano.

– Que, porém, é apenas o meu Estado metafórico, para usar tuas palavras. Mas ao Estado romano cumpre ser mais do que uma vazia metáfora do conhecimento.

A depreciativa rejeição intensificara-se ao grau de manifesta repugnância; o César aprontava-se para sair, e quase que parecia ter-se esquecido, em face disso, da *Eneida*.

– Restabeleceste e encarnaste a ordem nos domínios terrenos, e ela é teu conhecimento.

– Por que então mera metáfora? Por que insistes nisso? Metáfora, conhecimento, realidade... Como podia o orgulho do César conformar-se com o conceito de simples metáfora, uma vez que jamais aceitara a humildade do conhecimento? uma vez que a realidade sempre fora para ele apenas superfície? Conhecimento é, no entanto, emergir do abismo, é submisso emergir da mais humilde contrição, rumo a nova humildade, é recuperar a realidade do nada, no qual ela deve ser precipitada, para que possa ressuscitar: conhecimento, retomo na metáfora, nascido nas trevas, o renascimento da realidade, alterada no abismo, porém inalterável em si.

– Percebeste nos domínios supra terrenos a ordem estabelecida pelos deuses e reconheceste-a no espírito romano; realizaste a unidade de ambos, encarnaste essa unidade terrenamente por tua obra política, em tua obra política, símbolo plenamente válido do espírito romano, símbolo plenamente válido da ordem supra terrena do conhecimento...

– Qual nada! Exatamente o mesmo pode-se afirmar com respeito à *Eneida*.

– Nunca!

Brotando de úmidas bocas, destinadas a comer, tossir, escarrar e usadas com esta finalidade, decorriam fala e réplica, manifestações tão

insensatas quanto impudicas; não era, pois, de admirar que nenhum deles entendesse ao outro. Tudo requeria o pudor do silêncio.

– Nunca? – Curiosamente, desta vez não se incrementava, apesar da contestação, o agastamento do Augusto; notava-se até certa condescendência: – Como assim? Que é que ela é então?

– A ação é incumbência da época e não a palavra, nem a Arte, senão unicamente o ato de conhecer.

– Outra vez, Virgílio: por que se trata então de uma mera metáfora?

Falar exigia um grande esforço, ai dele, e pensar era mais cansativo ainda:

– Ó Augusto, perceber o sobrenatural na esfera terrestre e dar-lhe, graças a tal percepção, figura terrena, como obra formada, como palavra formada e também como ato formado, eis a essência do símbolo genuíno: de dentro e de fora amolda ele sua imagem original, encerra-a e é encerrado por ela, assim como teu Estado impregnado de espírito romano jaz encaixado nele; a metáfora representada pelo supra-terreno que representa, mais ainda que nela entrou para formar parte dela, chega a sobreviver aos tempos, cresce com sua duração, cresce para converter-se em verdade anuladora da morte, cujo símbolo é desde o princípio...

– Esta seria, pois, a genuína metáfora... – O César parecia ocupado com o assunto, porém com a fisionomia de quem não compreenda qualquer coisa.

– …a metáfora que quer ser mais do que apenas superficial…

– Sim, a genuína metáfora, a que tem consistência, a autêntica obra de arte, o autêntico Estado... a duradoura consistência da verdade na metáfora.

– Não posso conferir o acerto dessas condições... São muito complicadas.

Não cabia ao César conferir coisa alguma; o que não se compreende não deve ser conferido e sim aceito, mesmo que o interlocutor seja o César:

– Tu estabeleceste paz, estabeleceste a ordem; no solo que tua proeza preparou desse modo se desenvolverão, anulando a morte, todas as futuras proezas do conhecimento, e tua obra já é atualmente símbolo delas, cresce ao seu encontro...Não te basta isto, ó César Augusto?

Pensativo, já quase disposto a sair, o César sorriu agora:

– Tudo isso é muito complicado… Talvez já faça parte do comentário, que queríamos deixar para Mecenas.

– Pode ser... Não sei.

Por que o César não ia embora, uma vez que já tivera a intenção de sair? Sim, tudo isso era extremamente complicado, extremamente cansativo, e de fato deveria ser adiado até um encontro com Mecenas ou qualquer outra ocasião. Deixar aquilo para uma data muito distante. Suavemente murmurava a fonte embutida na parede, e o eco de seu murmúrio, murmurando ao redor, murmurando nas profundezas, murmurando em direção ao mar, murmurando às ondas noturnas do mar e ele mesmo já transformado em onda, mantinha murmurado diálogo com a voz de Plócia, que, muda, inaudível, adejava através do murmúrio, passava com brilho argentino pela noite, esperando que o César se afastasse, aguardando a solidão noturna. Era noite? Oh, quão difícil não era reabrir os olhos! Deixar para outro dia, para outra noite!

Mas, não obstante seus preparativos de partida, o César de repente já não tinha nenhuma pressa; parecia ainda ocupado com algum assunto, e subitamente voltou a sentar-se; agora estava ali como quem não quisesse nem ficar nem tampouco sair, avançando um tanto obliquamente em direção à borda da cadeira, bamboleando o braço por cima do espaldar, e depois de permanecer calado durante alguns instantes, disse:

– Provavelmente está tudo certo... Provavelmente tens razão com tudo que dizes, porém não é possível viver num caos de metáforas.

– Viver?… – Tratava-se ainda de viver? Estaria ainda em jogo a vida? Ao redor, algo murmurava suave e tentadoramente... Viver, oh, viver ainda, para poder morrer!

Quem deverá decidir isso? Que vozes darão o sinal? Plócia permanecia calada.

Mas o Augusto disse: – Não esqueçamos que existe também a realidade, se bem que nós mesmos tenhamos de restringir-nos a expressá-la e configurá-la apenas por metáforas… Vivemos, e isso é realidade, singela realidade.

Somente por metáforas pode-se captar a vida, só por metáforas se pode expressar a metáfora; a cadeia das metáforas não tem fim, e unicamente a morte carece delas, a morte rumo à qual se estende essa cadeia, como ao seu último elo, que, no entanto, já se achasse fora dela,... como se todas aquelas metáforas estivessem formadas exclusivamente em

prol da morte, a fim de apanharem, apesar de tudo, a sua ausência de metáforas, sim, como se só por meio dela a língua pudesse reobter sua simplicidade original, como se a morte fosse o lugar de nascimento da linguagem terrenamente singela, do símbolo mais terreno e todavia mais divino: em tudo o que é linguagem humana sorri a morte. E neste momento disse Plócia:

– Mudo é o real, e na sua mudez viveremos. Avança em direção ao real, que eu te seguirei.

– Atravessando a cadeia das metáforas, atravessando-a, rumo a crescente intemporalidade… Metáfora nascida na metáfora toma-se, por sua vez, realidade... morrer sem morte...

Então sorriu o César: – Sim, isto é uma realidade bem complexa... Pensas seriamente que o real dependa de condições tão enredadas? Entre elas e as que queres ver impostas à metáfora quase que não percebo nenhuma diferença...

Por mais perto que estivesse o Augusto, estranhamente incomensurável era a distância de onde ressoava sua voz; mas não menos estranho era que as próprias palavras do poeta viessem de lonjuras ainda mais remotas, embora da direção oposta:

– A metáfora da realidade e a realidade da metáfora...

Oh, é apenas ao derradeiro fim que uma se confunde com a outra...

– Eu acredito numa realidade mais simples, meu Virgílio; acredito, por exemplo, na sólida realidade de nossa vida cotidiana… pois sim, Virgílio, precisamente na humilde realidade da vida cotidiana.

Até mesmo em seu sentido mais modesto, as palavras do homem derivam da morte, mas além disso têm sua origem na abóbada do nada, que gera a realidade e se abre, imensa, atrás da dupla entrada da morte; procedem da imensidão, e precisamente por isso, o que as receber, o ouvinte, mal será ele próprio; converter-se-á em outra pessoa, muito distante de si mesmo, pois que participa da imensidão.

– A singeleza dos antepassados, dos ancestres dos ancestres, ó Virgílio, a singeleza de tua *Eneida*, foi nessa singeleza da vida cotidiana que eles construíram o Estado romano...

Eclipses solares estavam no céu; a não-luz assumia cor leonina; calcando as ondas, trotavam os cavalos de Posêidon, e o leão de Febo sumira… já rasgara os arreios a parelha celeste, esquecida da doma divina e

retornada aos rebanhos eqüestres das águas? Ah, Lúcifer, que banha as vagas do oceano, Lúcifer, ao qual segue Vênus, que o escolheu para estrela da luz, ele ergue sua cabeça sagrada, para dirigi-la ao Oriente, e alça a mirada, que dissipa o crepúsculo... Seria essa a realidade de Enéias? Fora-lhe dado deixar atrás, tão longe, a singeleza terrena? Penetrara ele verdadeiramente em tais regiões? Contemplara tudo isso desse modo?

– Ó Augusto, em Homero, tudo era simples realidade… ela era seu conhecimento.

– Claro; com isso apenas confirmas minha tese. O que foi realidade dos antepassados conserva-se e permanece inerente a toda a Arte...

– Oh, Augusto, o solo oscila... Para Homero e suas figuras, nada oscilou... porém para Enéias… – Falas da realidade ou da Arte?

– De ambas.

– De ambas, pois, mas então convém que finalmente saibas que Roma e o poema são uma e a mesma coisa, que, portanto, a singela realidade de Roma está igualmente contida em teu poema... Nele nada oscila; tua realidade é tão firme como o solo itálico.

Até o luminoso globo da lua, até mesmo os fogos do sol alimentam-se do espírito; a alma flui através dos membros do mundo, sendo a essência deles e unindo-os, para que formem o corpo universal... Será que a estrela, reconhecendo e reconhecida, se encaminhará ao Oriente?

– Ó Augusto, toda a realidade é crescente conhecimento.

– Roma tem sido o conhecimento do antepassado... Roma foi o conhecimento de Enéias, e ninguém sabe disso melhor do que justamente tu, Virgílio.

Por sobre a terra em repouso migrará a estrela, não por sobre os Estados; porém, o Augusto não o admitiria. E contudo não era lícito silenciar a esse respeito:

– Os ancestres deitaram no solo a semente do conhecimento, quando criaram a ordem romana.

– Não quero ouvir novamente que ela tenha sido mero símbolo... A realidade romana, a realidade do que foi criado e ainda será criado, a realidade de minha obra deve ser mais do que apenas uma metáfora...

– Roma foi fundada na metáfora do conhecimento, leva em si a verdade, desdobra-se, convertida cada vez mais em realidade... Somente no

crescer e no devir há realidade...– De modo que o presente não tem nenhum valor para ti?

– Nascido do conhecimento, o Estado romano há de crescer acima de si mesmo. Sua ordem se tomará reino do conhecimento.

– O Império não precisa crescer mais ainda; com a ajuda dos deuses conseguiremos avançar a fronteira germânica até o Elba, e obtendo desse modo uma linha de defesa encurtada ao máximo entre o oceano e o Ponto Euxino, o Império terá ganho sua área natural, protegida no norte, desde a Britânia até à Dácia...

– Teu Império, ó César, será ainda maior...

– Não deve ser maior; se fosse, não bastaria a raça itálica inteira para garantir em todo o território a moral e a ordem romanas.

– O império da realidade, cuja existência promoves, será mais do que apenas extensão política sobre regiões militarmente seguras.

– Realmente, para ti o alcançado não vale nada... e porque não o aprecias chegas a rebaixá-lo ao nível de uma metáfora sem direito à realidade.

Penosa era a respiração; custava-lhe falar; difícil se tornava a luta contra a sempre vigilante desconfiança do César e o melindroso desvanecimento dele:

– A paz, que estabeleceste no interior do Império, não necessita de espada, e sem espada, abarcará o mundo inteiro.

– Certo... – evidentemente, a explicação resultara satisfatória. – ...e me empenho em organizar a paz por meio de pactos e não pelas armas; entretanto deve a figura da espada manter-se atrás do pacto, para evitar que a violem.

– No reino do conhecimento, a espada há de tornar-se supérflua.

Quase pasmado, o César levantou a cabeça:

– Como queres proteger-te contra violações de pactos e juramentos? Como queres realizar isso sem legiões? Ainda não começou a Idade de Ouro.

A Idade de Ouro, na qual o bronze se retransformará em ouro, a idade de Saturno, o insondável, o deus que não podia ser espiado na imutabilidade de sua contínua mutação... Mas quem sondar com o ouvido a profundeza, que é ao mesmo tempo a da terra e a do céu, pressentirá, talvez já fora dos domínios saturninos, a futura reunião do divino com o humano:

– Somente o verdadeiro conhecimento sustenta a palavra dada.

O Augusto sorria:

– Que o faça, porém, ele sustentará ainda melhor o juramento, quando algumas legiões o auxiliarem nesse trabalho. – Para a paz interna da Itália, há muito que já não necessitas de tropas...

– Sim, Virgílio, e de propósito não mantenho nela guarnições... – uma espécie de astuta franqueza discernia-se na fisionomia do César, uma piscadela perceptível apenas aos olhos do amigo. – Tropas ao alcance do Senado e de seus agentes me parecem uma realidade por demais palpável...

– Desconfias bastante do Senado.

– O homem não muda, nem para melhor nem para pior, e a gárrula maldade, que vinte e cinco anos atrás derrubou ignominiosamente a Júlio César, abençoados sejam seu nome paterno e sua memória, essa maldade opera hoje como então no conclave do Senado. Mesmo que eu exercesse ainda maior influência sobre as nomeações de senadores, esses cavalheiros merecerão confiança somente enquanto souberem que posso a qualquer instante lançar sobre a Itália legiões gaulesas ou ilíricas; mas já me encarrego de fazê-los saberem...

– Esteio de tua soberania é o povo, Augusto, e não o Senado...

– Pois é... e de todos os meus cargos considero o mais importante o de tribuno do povo. – Novamente aparecia aquela expressão de astuta franqueza, agora deixando perceber que o César atribuía tamanha importância ao tribunado menos por causa do povo do que pelo direito de veto no Senado.

– Para o povo és símbolo da paz, e por isso, ele te ama...

A Idade de Ouro ainda não começou, mas tua paz é promessa.

– Paz? Guerra? – a finura na fisionomia de Octaviano quase que se tingia de uma pitada de aflição. – O povo aceita ambas... Pelejei contra Antônio, tenho sido aliado dele, aniquilei-o, e o povo mal e mal notou todas essas reviravoltas; nada sabe de seus próprios desejos, e a nós cumpre apenas evitar que haja outro Antônio... O povo dá vivas a qualquer vencedor; adora a vitória e não o homem.

– Isso pode estar certo com relação às massas humanas que foram atraídas pelas cidades e nelas se amontoaram, ó Augusto, mas não se aplica ao camponês; este ama a paz e a quem a traga. O camponês ama-te como o homem que és. E o camponês é o povo genuíno.

Por um momento, pelo tempo de uma pulsação, ah, pelo instante de uma dolorosa aspiração, desapareciam eclipse solar, luz lívida e

paisagem linear, desaparecia a oscilante imobilidade, sem realmente sumir e sim para dar lugar à imagem da planície de Mântua, da região dos campos obumbrados pelas montanhas, envoltos de sussurros da infância, estendidos ao sol, estendidos através de todas as estações, estendidos através de todas as fases da vida.

Como se já não tivesse nenhuma pressa, o César instalou-se confortavelmente na poltrona:

– Não posso riscar as cidades da superfície da terra, Virgílio; pelo contrário, preciso construir cidades, porque elas são baluartes da ordem romana, hoje tanto como em qualquer outra época... Somos um povo que edifica cidades, e a primeira foi a cidade de Roma...

– Não como cidade de negociantes e agiotas. Sua Idade de Ouro está monetizada e cunhada.

– És injusto. O negociante é o pacífico soldado romano, e ao querer que ele subsista, preciso também deixar subsistir a organização bancária... Tudo isso faz parte da prosperidade do Estado.

– Não sou injusto, mas vejo nas ruas o avarento formigueiro, vejo a falta de piedade; somente o camponês representa a religiosidade do povo romano, posto que também ele esteja em perigo de sucumbir à avareza generalizada.

– Na medida em que tens razão, sentimo-nos lembrados insistente e urgentemente de nossa missão educadora; devemos empenhar-nos em converter as massas metropolitanas naquilo que lhes impõe o direito de cidadania, em convertê-las num só povo romano.

– E o que serão pelo conhecimento, pois o almejam.

– Almejam muito mais jogos circenses... o que, na realidade, não diminui nossa tarefa e sua urgência.

– Os jogos! E terrível como os almejam... O caminho da reversão!

– Que caminho?

– Quem não se encontrar no conhecimento terá de atordoar pela embriaguez o próprio vácuo, portanto também pela embriaguez da vitória, inclusive a vitória apenas olhada como espetáculo... mas não menos sangrenta.

– Cabe-me contar com fatos reais, e o que servir para forjar a unidade das massas não deverá ser negligenciado por mim. Diante da sensação da vitória, as massas fundem-se num povo, na sensação da vitória dispõem-se a defender seu Estado.

– O camponês faz isso em prol da sagrada paz de seu país. " – Ó campos de Mântua, estendidos ali! –...o camponês vive sempre naquela coletividade que se chama povo, encontra-se dentro dela, quando está nas suas terras, encontra-se dentro dela, quando se encaminha à feira, encontra-se dentro dela por ocasião de todos seus dias de festa...

– Sempre considerei minha obrigação fomentar a classe dos camponeses; reduzi os impostos; reparti vastas áreas dos bens dominiais entre pequenos arrendatários, regulei as condições de cultivo. No entanto, as más experiências que fizemos com a colonização dos veteranos são um claro indício da situação alterada da nossa economia estatal... Roma cresceu além dos limites da sua população rural, e os cereais egípcios nos importam hoje mais do que os itálicos ou sicilianos; já não devemos apoiar-nos exclusivamente sobre a classe dos camponeses, e ainda menos devemos tentar devolver as massas à agricultura; de uma e outra forma, arruinaríamos a economia estatal e com isso o próprio Estado...

– Porém, a liberdade romana, da qual cuidas especialmente, quem a sustenta é hoje como dantes o camponês.

– A liberdade? Certo, certo; garanto a liberdade do povo romano; ninguém deve tocar nela, nem um Antônio nem outro qualquer. Eis a missão do Estado romano, e para isso cumpre aparelhá-lo. Ao deixar o homem participar da pujança estatal, ele lhe transmite o senso da liberdade, pela qual anseia, porque ela faz parte da natureza humana e quer ser satisfeita. E unicamente no bem comum do Estado que esse senso de liberdade se encontra abrigado; lá fica acessível a todos, até ao escravo, e justamente por isso é mais do que apenas a liberdade da gleba, da qual falaste, pois trata-se da liberdade de uma ordem divina! Sim, Virgílio, assim é. Todo o resto é devaneio sem realidade, mero sonho de uma Idade de Ouro, na qual inexistem ordem e dever. Para nosso divertimento seja suficiente simularmos tal liberdade de sonho, sem ordem, durante as Saturnais; se quiséssemos celebrar Saturnais o ano inteiro, o Estado não poderia sobreviver. As Saturnais são metáfora, mas o Estado é autêntica realidade. Não tenho nem a capacidade nem a vocação para estabelecer uma Idade de Ouro, mas o que estabeleço deverá ser minha, precisamente minha era e a de meu Estado.

Então disse o escravo: – A liberdade está conosco; o Estado é ridículo e terrestre.

Verdade é que o César não ligou a essa interrupção. Levantara-se, e estranhamente quieto, estranhamente imóvel, porém como que emocionado intimamente e exaltado de modo singular, prosseguia na sua alocução:

– A liberdade, por ser parte da prosperidade estatal, deve ser qualificada de realidade verdadeira e não de realidade aparente; pois também a liberdade deve ser mais do que uma mera metáfora; demasiadas vezes tem sido degradada a isso, particularmente pelo próprio Senado. Mediante a invocação hipócrita de tal liberdade fictícia, os senhores da toga purpúrea conseguiram uma e outra vez enganar o povo e instigá-lo à guerra civil! Falsidade infame! Claro, as portas da Cúria estavam abertas, e quem quisesse podia assistir às sessões do Senado; mas essa era a única liberdade que se concedia ao povo, a mais traiçoeira de todas as liberdades populares, a permissão de poder ouvir como leis destinadas à opressão do povo e à espoliação do povo eram votadas por gente totalmente desprovida de escrúpulos! Símbolos ou não símbolos, instituições obsoletas invertem a realidade, fazendo dela uma pseudo-realidade, convertem a liberdade em pseudo-liberdade, e esse é o melhor campo para criar criminosos; tive que acabar com isso. Sim, no velho Estado rural, que tens em mente, aquelas instituições tinham ainda perfeita valia; o cidadão podia então compreender os problemas públicos; a assembléia do povo tinha ainda sua vontade certa, verdadeiramente livre. Hoje, porém, temos que lidar com quatro milhões de cidadãos romanos, hoje nos defrontamos com gigantescas massas cegas, e essas seguirão estabanadamente a todos os que souberem vestir a sedutora e cintilante roupagem da liberdade e ocultar, através do hábil drapejamento das dobras, quão rota e remendada essa vestimenta composta de farrapos de fórmulas antiquadas e triviais realmente é. Assim e só assim se apresenta a liberdade das massas populares, e deveras, elas mesmas têm conhecimento disso. Sabem da profunda insegurança na qual vivem material e espiritualmente, sabem e todavia não sabem que as rodeia uma nova realidade, que não conseguem nem conceber nem dirigir; sabem apenas que estão entregues a poderes incalculáveis, poderes de inimagináveis dimensões, poderes aos quais às vezes talvez logrem definir, tais como carestias ou epidemias, más colheitas africanas ou invasões de povos bárbaros, mas que, apesar dos pesares, somente se lhes afiguram como expressões de uma ameaça mais profunda, mais incalculável, mais insondável, que se oculte atrás de tudo isso; realmente, as massas conhecem

os perigos da sua própria liberdade, não ignoram a pseudo-liberdade que as converte em rebanhos espantados, medrosos, errantes sem guia. E justamente em consideração dessa profunda insegurança, justamente em consideração dessa ameaça interna e externa, à qual a massa popular está exposta, repito e devo repetir que liberdade genuína se encontra somente na ordem romana, no bem-estar de todos, numa palavra, no Estado. Não há nenhuma outra liberdade. O Estado que meu divinizado pai, sagrada seja sua memória, desejou criar, o Estado que eu, de acordo com seu legado, empenho-me em edificar, esse Estado é, ele mesmo, a liberdade; imperecível e autêntico, é a liberdade na realidade do espírito romano.

– No reino do espírito, a realidade do Estado por ti criado há de alcançar sua perfeição.

– O reino do espírito já existe; é o Estado, o Estado romano, o Império romano até aos seus mais remotos limites. Estado e espírito são uma e a mesma coisa.

De muito longe, embora da própria boca do poeta, brotava resposta:

– O reino da liberdade,... o reino do homem e da humanidade...

– O reino do romano, Virgílio! Pois, a liberdade da Grécia, o espírito da Grécia ressuscitaram em Roma. Ninguém contribuiu mais para isso do que tu! A Hélade era a promessa, o Estado romano é o remate.

E a voz do escravo disse: – Eterno será o reino, sem morte.

Reencetava o César o diálogo? Era difícil dizer se o fazia, já que falava e todavia não falava. Suas palavras mantinham-se no recinto, imóveis, como se fossem os mais íntimos pensamentos do César:

– O Estado deve voltar a oferecer às massas aquela segurança material e espiritual que perderam; deve garantir-lhes uma paz duradoura; deve proteger seus deuses, e deve distribuir a liberdade segundo as necessidades do bem comum. Esta e somente esta é a humanidade do Estado, talvez a única humanidade possível, porém certamente a melhor, ainda que às vezes pareça desumana, sem contemplação com indivíduos ou grupos de pessoas, sempre que estiver em jogo o bem-estar público, a prol do qual o direito individual em qualquer ocasião terá de subordinar-se ao direito coletivo, assim como a liberdade individual à liberdade coletiva e a paz dos povos vizinhos à paz romana; realmente, é dura a humanidade que o Estado precisa oferecer, tanto mais dura que o Estado, ao servir o bem-estar geral e ao encamá-lo deste modo, exige como recompensa os serviços

do indivíduo, exige a sujeição total do indivíduo ao poder estatal, e além disso se arroga o direito de reivindicar a vida individual, antes protegida por seu poder, e de aniquilá-la, quando a segurança e a proteção da coletividade requererem tal aniquilamento. Uma humanidade ordeira, eis o que almeja o Estado e o que nós devemos almejar com ele, uma humanidade dentro dos limites do real, regulada pela disciplina, livre de qualquer frouxidão, integrada na lei da realidade, a dura humanidade romana, e Roma tomou-se grande através dela...

Ó paisagem mantuana, ó paisagem da infância, meiga paisagem da humanidade, imperdível, a paisagem paterna… Já não se avistava lá fora nenhum resquício dela; ela empalidecera na imobilidade. Imóvel estava a existência, imóvel aquele que ali se quedava ao pé da janela, já não Octaviano e sim uma figura delicada e severa e estranhamente dura, quase que distanciada do que é humano, e a seu redor expandia-se o Estado em grandes linhas fantasmagóricas.

– Embora por enquanto tu, ó César, devas ainda proteger as fronteiras do Estado, o Império será ilimitado; embora hoje ainda te sintas obrigado a distinguir o direito maior do direito menor, a justiça há de tornar-se indivisível; a coletividade ficará vulnerável em cada indivíduo, assim como o direito do indivíduo será garantido no da coletividade; e, embora atualmente ainda estejas forçado a circunscrever rigorosamente a liberdade, nada concedendo dela ao escravo e muito pouco ao romano, no reino do conhecimento a liberdade do homem será irrestrita, e sobre ela, abrangendo tudo, se erguerá a liberdade do mundo. Pois, o reino do conhecimento, no qual florescerá o Estado na sua evolução, o reino da genuína realidade, não será um reino das massas populares, não, nem sequer um reino dos povos e sim um reino da coletividade humana, sustentado pelo homem, que se encontra no saber, sustentado pela alma humana individual, por sua dignidade e sua liberdade, sustentado por sua semelhança com o deus.

– O conhecimento nascerá em nós do fundo de nossa humilde extinção – concluiu a voz do escravo.

O Augusto parecia não ter ouvido nada. Impassível, prosseguiu falando:

– Terrena é a realidade de Roma, terrena é sua humanidade, sobriamente branda com os que se submetem, sobriamente dura com os revoltosos que ousem perturbar a ordem. Não somente no solo itálico

protegi a classe dos camponeses contra desapropriações, não, realizei isso em todos os territórios do Império; minimizei nas províncias a carga dos impostos; devolvi aos povos seus direitos e privilégios; acabei com a corrupção de administradores, que se chamavam republicanos e com isso desonravam o nome da República. Meus detratores podem argüir-me, dizendo que essas são façanhas muito prosaicas e nada brilhantes. Pois bem, com minhas façanhas prosaicas fiz com que o nome profanado da República voltasse a ser respeitado, e, não obstante as devastações da Guerra Civil, criei uma nova prosperidade em todas as regiões do Império. O esplendor de Roma provém da sua sobriedade; sóbria é a humanidade romana; essa sobriedade cuida do bem-estar coletivo e não cobiça favores de ninguém; sim, freqüentemente até se vê induzida a interromper ou pelo menos a protelar o desenvolvimento que nos possa levar a uma humanidade melhor. Por essa razão, empenhei-me em melhorar a sorte dos escravos, porém a prosperidade do Império necessita de escravos e estes devem ajustar-se a essa realidade, não obstante os direitos que cabem aos opressos e que eles podem reivindicar; deveras, contrariando toda a brandura e muito a contragosto, tive que condescender em limitar por lei o excesso de manumissões, e se os escravos se rebelassem contra isso, se entre eles surgisse como líder um novo Espártaco, eu me sentiria coagido, assim como fez Crasso, a crucificar milhares deles, teria de agir assim para aterrorizar tanto como para divertir o povo, a fim de que este, sempre disposto à crueldade, sempre disposto ao temor, desumano e horrorizado, perceba a nulidade do indivíduo perante a autoridade absoluta do Estado.

– Não – disse o escravo –, nós ressuscitaremos no espírito. Pois, cada encarceramento é para nós nova libertação.

Sem lhe prestar nenhuma atenção, o discurso do soberano prosseguiu:

– Sendo nós mesmos parte do povo, pertencemos ao Estado e à sua absoluta autoridade, pertencemos a eles com tudo o que somos e temos, e pertencendo-lhes, pertencemos ao povo; pois, assim como o Estado encarna o povo, assim cabe também ao povo encarnar o Estado, e se este exerce, com relação a nós e a nossas obras, um indiscutível direito de propriedade, o mesmo direito compete ao povo. Sejam nossas obras grandes ou pequenas, chamem-se *Eneida* ou outra coisa, o povo tem o direito e o dever de reivindicar a posse delas; cada qual de nós é escravo do povo,

escravo de uma criança imatura, ambiciosa, que se opõe a qualquer liderança e todavia necessita dela.

– O povo chama-te pai, ó Augusto, e espera de ti o conhecimento de um pai.

– Inseguro como uma criança é o povo, medroso e prestes a fugir, sempre que o abandonem, perigoso na sua insegurança, inacessível a qualquer conselho, incapaz de qualquer reflexão, distante de qualquer espírito humano, inescrupuloso, inconstante, volúvel, inconsistente e cruel, porém, em outros momentos, generoso e magnânimo, corajoso e propenso a sacrificar-se, sempre que se encontre a si mesmo, cheio daquela certeza total de uma criança, na qual tenha raiado a intuição do bom caminho e que então, como que sonambulamente, vá em busca de sua meta. Oh, meus amigos, grande e imponente é o povo em cujo meio nascemos, e temos de ser gratos pelo dever de servi-lo com todas as nossas forças, mais gratos ainda pela liderança que nos coube em sorte, e supremamente gratos pelo mandamento divino que nos impôs convertermos esse cargo em ação; na nossa solicitude pela grande criança que nos foi confiada, temos de refreá-la, sem lhe roubarmos coisa alguma, temos de conservar-lhe todas as qualidades valiosas, inclusive a ebriedade infantil do jogo e da crueldade, através da qual ela mesma se resguarda da efeminação; mas, precisamente por isso, temos de cuidar também em que tudo se mantenha dentro de certos limites, para que ninguém resulte prejudicado, nem sequer ela mesma, e não ocorram selvagerias; pois, nada é tão terrível e perigoso como a bárbara loucura dessa criança que se chama povo; é a loucura da criança abandonada, e por essa razão cumpre evitarmos prudentemente que ela jamais se sinta desamparada. Oh, meus amigos, devemos cultivar a infantilidade do povo, devemos propiciar-lhe a segurança que a criança goza na proteção da casa paterna, e quem souber guiar o povo desse modo, com severidade paternalmente meiga, quem lhe proporcionar assim a segurança da vida e da alma e da fé, quem conseguir isso, esse homem e só ele terá também a vocação de conduzi-lo aos objetivos do Estado, não apenas à vida na segurança do Estado e sim, sobretudo, à morte em prol dela na hora de perigo, na hora da defesa do Estado; oh, meus amigos, unicamente um povo disciplinado, assim mantido no bom caminho será capaz de defender duradouramente a si mesmo e a seu Estado, para sobreviver junto com ele através das épocas, imunizado para toda a

eternidade contra o ocaso, que de outra forma se tomaria inevitável. Eis a meta, eterna na sua validez, eterna para o Estado, eterna para o povo.

Quem daria a resposta? Seria possível encontrar uma? Contudo ela se apresentou:

– Unicamente a verdade é eterna, a verdade da realidade liberta da loucura e preventiva contra ela, haurida das profundezas dos mundos superior e inferior; pois, só ela é a mais imutável das realidades, e convocados à verdade, convocados à afirmação, convocados ao ato da verdade, os povos, e acima de todos eles o homem se tomarão para sempre irrestritamente partícipes do reino. Só pelo ato da verdade, a morte pode ser anulada, a morte ocorrida e a futura; só assim se realiza o despertar da sonolenta alma ao conhecimento universal, cuja graça é inata a todos que tenham rostos humanos. Em direção à verdade, adentro da verdade cresce o Estado; a ela destina-se seu crescimento íntimo; nela encontra sua realidade definitiva, reencontrando sua origem divinamente ultraterrena, para que se complete nesta idade a magnificência dos eões, completando-se como reino do homem, como reino divino da humanidade, como o reino que se ergue acima de todos os povos e abrange todos os povos. Meta do Estado é o reino da verdade, estendido por sobre todos os países, e no entanto crescendo como uma árvore das profundezas da terra rumo às do céu, já que é a crescente piedade, na qual devêm o Império, a paz do Império, a realidade como verdade evoluída.

Mais uma vez o Augusto não se deixou desconcertar, mais uma vez era como se não se tivessem ouvido mutuamente, mais uma vez as frases deslizavam paralelamente, imotas na imobilidade:

– O amor dos deuses não se devota ao indivíduo; eles não se importam com o homem e ignoram a morte dele. Os deuses dirigem-se ao povo; imperecíveis, buscam o que há de imperecível no povo, já que só isso tem importância para eles; protegem-no, sabendo que com a imortalidade do povo sucumbiria também a própria. E se, apesar disso, distinguem um indivíduo mortal, é somente para lhe outorgarem o poder de criar uma forma estatal de vida, na qual deva ser regulada e garantida a imperecível subsistência do povo, destinada à eternidade. Reflexo do poder divino é o poder terreno, e inserido entre as realidades dos deuses e do povo, entre a sempiterna ordem divina e a igualmente sempiterna ordem do povo, realizando ambas no Estado, o poder do soberano chega, ele mesmo, à duração eterna, torna-se, junto com os deuses e o povo, maior do que a vida

e a morte, maior em virtude de tal redobrada realidade. E inserido entre as esferas divina e étnica, reflexo da primeira e imagem da segunda, o poder terreno não se dirige ao indivíduo, assim como o Estado não se importa com a multiplicidade de homens, senão apenas com a totalidade do povo, para que nela conserve sua eterna subsistência real. Nenhuma soberania baseada apenas em criaturas humanas poderá manter-se, já que pereceria assim como elas; sim, por mais benéfica que seja, será varrida pelo primeiro sopro de volubilidade humana; eis o que aconteceu à obra pacificadora de Péricles, que foi enxotado de Atenas, porque não conseguira desviar da cidade a mortífera peste, e o mesmo poderia ter acontecido a mim, quando, três anos atrás, a fome ameaçava assolar Roma. Certo, os deuses que nos proporcionam o pão terreno e a mim, seu delegado na terra, deram a incumbência de velar pela manutenção das distribuições senatoriais de trigo entre os populares, os deuses concederam-me naqueles dias seu enorme favor; pude montar os cargueiros de cereais em Alexandria, ventos propícios encurtaram o tempo de viagem, e assim foi possível evitar a pior miséria; mas tal salvação de nada teria adiantado, a agitação que fermentava em toda a parte irremediavelmente me derrubaria, se meu poder não estivesse alicerçado na totalidade dos deuses e na totalidade do povo; e continuamente eu, não, todo o organismo estatal de Roma estaríamos expostos a todos os azares do jogo da opinião pública, se permitíssemos que o exercício do poder caísse nas mãos dos desagregados indivíduos mortais. O Estado é a realidade suprema, invisivelmente estendida por sobre os países, e todavia tão suprema que no âmbito de sua validez nada pode ser tolerado que seja mortal ou perecível; estou aqui como um ser humano destinado a morrer e perecer, mas no âmbito da validez do Estado, no âmbito da validez de meu poder, devo tirar de mim o perece douro e converter-me no símbolo da imperecibilidade; pois, somente como símbolo, o mortal consegue encaixar-se no imperecível, em algo imperecedouro que, igual ao Estado romano, se eleve, graças à sua realidade, acima de qualquer metáfora. Ao Estado, na sua dupla realidade, não cabe apenas simbolizar os deuses; não basta que ele, a fim de glorificar os deuses, construa para si a Acrópole; cumpre igualmente que crie para o povo, para a outra metade da sua realidade, um símbolo, o símbolo vigoroso que o povo quer ver e compreende, a imagem forte, na qual se reconhece a si mesmo, a imagem da sua própria força, sob a qual deseja e deve inclinar-se, intuindo que o poder na esfera terrena, como mostra o exemplo de Antônio, sempre tende

ao crime, e que unicamente um portador do poder que for ao mesmo tempo símbolo da sempiterna realidade excluirá esse perigo. E por isso é que eu, ao qual o poder de manter a ordem foi entregue como feudo dos deuses e como herança do divinizado pai, para que um dia o transmita, numa imperecível cadeia de gerações, até ao último descendente – por isso é que eu permiti, e mais ainda, por isso é que ordenei que minha imagem fosse colocada nos templos, independente de todas aquelas divindades às quais ainda se apegam os povos deste Império, como imagem da unidade do Império, imagem do seu processo de fusão numa ordem comum desdobrada do Oceano até às margens do Eufrates. Nós não obrigamos ninguém a aceitar nossas instituições, não precisamos apressar coisa alguma, temos tempo e podemos esperar até que os povos saibam aproveitar as vantagens da nossa jurisdição, dos nossos pesos e medidas, do nosso sistema monetário; disso já apontam certos indícios e iniciativas; porém assumimos irrevogavelmente a obrigação de facilitar com a maior rapidez tal transição, devemos promovê-la sem demora em toda a parte, temos de despertar imediatamente a consciência do Império em todos os povos que pertencem a ele; cumpre fazermos isso em consideração aos deuses, que são a expressão suprema do pensamento romano, e só podemos realizar isso através do símbolo, através do símbolo e da imagem plástica do símbolo. Isso e só isso foi reconhecido pelo povo romano, quando ele exigiu a colocação de minhas estátuas, não para adorar-me supersticiosamente como o deus que não sou, mas sim para tributar piedosamente ao cargo divino que represento aquela reverência à qual devem ser obrigadas também as nações estrangeiras que moram dentro dos limites do Império; pois na imagem desse cargo manifesta-se o verdadeiro crescimento interno do Estado, seu crescimento necessário em direção à unidade do Império organizado na segurança da paz romana e para todos os tempos.

Para todos os tempos! O César terminara seu discurso; seu olhar perdia-se ao longe, em regiões sem espaço e sem tempo, até onde o Estado romano estendia-se com linhas invisíveis pelos países da terra, ainda sem luz e no entanto iluminado, na expectativa da luz. Misteriosamente transcorria o tempo, por cujo vácuo ecoava o sísmico galope dos cavalos de Posêidon, caudalosa torrente sem água, sem orlas; murmurava a fonte embutida na parede, mas era como se estivesse prestes a secar. A espera estava no mundo.

– O tempo, ó Augusto, há de expandir-se na crescente piedade do homem; nele cresce o Império, sobre o qual nenhum poder terreno e nenhuma instituição terrena exerce nem pode exercer influência, já que ambos ainda se mantêm nos domínios do símbolo. Mas, como espelho da criação, que se realiza no Império, este se tornará realidade; e rumo a ela se desdobrará tua obra, na crescente piedade humana, para a qual apontaste o caminho.

O olhar do Augusto, antes perdido nas lonjuras, voltou à proximidade do recinto:

– Restaurei o Colégio dos Augures e os Sodalícios Tícios, preparo-me para reformar as festividades luculianas; em toda a parte relembro ao povo as vetustas, venerandas formas da fé, e preocupo-me com as pias, austeras festas, com as quais nossos antepassados emolduravam sua religião. Assim satisfaço os deuses, assim satisfaço o povo, e essa tem sido igualmente a leal piedade de teu Enéias, fiel e forte na recordação do pai Anquises. Em memória de meu divinizado pai, ao qual me tenho mostrado leal, o povo encarregou-me da soberania; nos meus atos, reconheceu a fé ancestral, que almeja recuperar, e elegeu-me para encarná-la, para encarnar o poder popular, não só investindo-me no tribunado, mas também confiando-me o mais alto poder sacerdotal, pelo cargo sumamente simbólico de protetor supremo da fé. A piedade romana não precisa crescer; desde sempre tem sido igual aos deuses romanos, a cujo serviço se consagra, e trata-se apenas de reobtê-la.

– O Augusto, tu que pela primeira vez chegaste a conhecer a piedade da existência humana pela submissão à vontade do pai, tu que em seu divinizado nome proteges poderosamente as formas da fé, de modo que o povo te obedece, cheio de amor, e nenhum celerado jamais ousará atentar contra a ordem estabelecida pelos deuses e restaurada por ti, ó Augusto, também a piedade tradicional do povo, assim como a tua transcendem o círculo da multiplicidade dos deuses, transcendem a gloriosa seqüência dos antepassados; pois, a piedade dirige-se ao pai primigênio, pia na expectativa de que ele se anuncie, de que confie sua mensagem e sua criação ao filho, que devotamente aguarda a missão...

– Apolo tem sido o deus protetor de minha estirpe, e ele, deus do sol e deus da terra ao mesmo tempo, ele, criador da ordem e esteio contra todos os males, ele é filho de Zeus, o pai celeste, cujos súditos somos. Toda a clareza provém dele.

E nesse momento, o escravo manifestou-se novamente; de uma distância muito grande, tênue como um traço de pena, seca, fininha, chegava a sua voz:

– Também o próprio Zeus serve piedosamente ao destino, mas, acima dos domínios dele, lá onde a luz inescrutável vela todo o pensar, lá além dos limites, servindo constantemente, o destino é servo, é servo do Desconhecido primevo, cujo nome está proibido.

Ali, no avarandado, o César reclinava-se, meditativo. Reinava silêncio. Por enquanto, nada se movia, mas a palidez da luz recuava, a luz voltava a assumir forma, como se quisesse tornar-se o leão do sol, que custodia as fronteiras, o leão, que com patas fortes, com patas suaves há de chegar, para prostrar-se aos pés do piedoso domador. Diminuía a oscilação da terra; Posêidon aplacava-se; o eclipse solar estava a ponto de desaparecer.

– De toda a clareza origina-se nova piedade, ó Augusto.

– Mas a nossa piedade deve conduzir-nos à clareza.

– Quem for piedoso, Augusto, já se achará no saber; estará na recordação da lei outorgada pelo pai primigênio, e por isso será sua memória também capaz de falar com aquele que há de vir, se bem que ainda não ouça os passos do que se aproxima; serve-o com amorosa devoção, posto que, por ora, não tenha sido alcançado por nenhum mando; convoca a quem nenhum apelo pode convocar, e ao fazê-lo, cria-o... Piedade é o saber que o homem tem da redenção de sua irredimível solidão; piedade é a visão do cego e a escuta do surdo, pois piedade é conhecimento na singeleza... Da piedade do homem nasceram os deuses, e servindo aos deuses, ela se converte no conhecimento do amor que anula a morte, muito longe dos domínios dos deuses... Piedade, o retorno das profundezas,... acabando com a loucura, com o frenesi,... a verdade portadora do conhecimento,... sim, eis o que é piedade.

– Aonde te encaminhas, Virgílio, aonde? Tudo isso nos leva muito além de tudo o que é terreno e já não contém nenhuma tarefa terrena. Eu, porém, eu estou situado na esfera da terra e com ela devo contentar-me. O povo romano deu-se suas leis, segundo a vontade dos deuses, com isso, refreou sua própria liberdade, transformou-a em Estado e assim mostrou a si mesmo o caminho à clareza e à ordem de Apolo; esse caminho é o que se deve seguir, a mim cabe velar por isso, e uma vez que o caminho foi aberto pela ação da piedade humana, a piedade não deve ultrapassar esse caminho

e sua meta; não pode nem deve superar o Estado, porque então o Estado ficaria invalidado, quebrada sua realidade e com ela a dos deuses tanto como a do povo. A piedade é o Estado, é servir ao Estado e integrar-se nele; piedoso é quem serve o Estado romano com toda a sua pessoa e toda a sua obra... Não necessito de outra piedade, e ela é um dever do qual não se pode eximir nenhum indivíduo, nem eu nem tu nem mais ninguém.

Estranhamente inacreditável era tudo o que o Augusto acabava de declarar, incrível e ao mesmo tempo dolorosamente escondido atrás de uma máscara; produzia o efeito lastimável de uma perda, uma decepção, um afastamento; talvez causasse também uma sensação de vergonha, porque, apesar de tudo, cativava o ouvinte, possivelmente pelo caráter inelutável da amizade ou até mesmo da morte. Não seria, no fundo, o Augusto quem devesse morrer? O que dizia soava como um legado ao futuro líder do Estado romano, e todavia já estava morto, não chegava a parte alguma, nem aos deuses nem aos homens. Aparentemente muito cansado, o Augusto sentara-se mais uma vez; isolado, ensimesmado, levemente inclinado para a frente, mantinha-se ali, e seu belo rosto juvenil não dirigia nenhum olhar em direção ao poeta; mas a mão repousava na cabeça do leão. Até às mais remotas fronteiras, o César percorrera os domínios terrestres, e no entanto permanecera preso à esfera terrena; agora estava cansado. E não obstante, continuava soberano.

E justamente por isso, justamente por isso cumpria falar, cumpria expressar esses pensamentos:

– Mais além dos deuses encontra-se a piedade da alma individual, encontra-se mais além do Estado, mais além do povo. Ainda que os deuses se restrinjam ao povo e não queiram conhecer o indivíduo, a alma pouco necessita dos deuses, nem deste nem daquele deus, sempre que trave seu piedoso diálogo com o inescrutável...

Diálogo com o divino! Oh, enquanto continuar intacto o invisível teto crepuscular entre as esferas inferior e superior, a oração devolve somente um eco de si própria; inatingível permanece o deus e não responde.

Mas o César disse: – Se com esses diálogos piedosos, cujo acerto, na verdade ninguém, nem sequer tu mesmo, consegue controlar, quiseres eximir-te de tuas obrigações para com o Estado e para com o povo, ao qual deves a tua obra, compreendo tuas intenções, posto que não as possa aprovar; mas, se te propuseres desacreditar com teus argumentos a fé

tradicional e equiparar a piedade romana à dos bárbaros, preciso lembrar-te de que tu mesmo qualificaste de monstros os deuses egípcios...

– Não há mais que uma única piedade, e melhor o bárbaro cuja piedade signifique crescimento do que o romano cuja alma se feche ao crescimento.

Um tanto entediado, por assim dizer com atenção enfadada, e de certo modo para liquidar definitivamente o assunto, o César deu a resposta:

– Uma piedade que produz monstros não é piedade; um Estado que venera monstros não é Estado; não, é impossível conceber piedade sem deuses, é impossível concebê-la sem Estado nem povo, e somente na coletividade pode ela ser praticada, pois só dentro do conjunto da pátria romana, que se identifica com seus deuses, logra o homem unir-se à divindade.

– A ordem da coletividade jamais se teria originado, não tivesse a alma individual encontrado a ligação imediata com o supraterrâneo; somente a obra que quiser servir diretamente ao supraterrâneo há de servir também à coletividade nos domínios da terra.

– Essas são idéias inovadoras de natureza muito perigosa, Virgílio; são prejudiciais ao Estado.

– Através delas, o Estado se completará, convertendo-se no reino; o Estado dos cidadãos se transformará no reino dos homens.

– Estás destroçando a estrutura do Estado, estás reduzindo-o a uma igualdade sem forma, estás despedaçando sua ordem, estás destruindo o edifício firme do povo.

A atitude do César já não mostrava nenhum traço de fadiga; desta vez, tratava-se de coisas que o afetavam, e suas palavras soavam bastante veementes.

– A ordem será a do homem... a da lei humana.

– Leis? Como se não as tivéssemos em demasia! Em nenhum outro campo, o Senado é tão fecundo como na produção de leis ruins... O povo deseja a ordem, mas certamente não quer leis insidiosas, que o aniquilam junto com seu Estado... Porém disso tu realmente não entendes coisa alguma.

– O reino da crescente piedade não destrói o Estado, senão ultrapassa-o; não anula a essência do povo, senão vai além dela... Ao povo, sim, ao povo incumbe a ordem no Estado, mas ao homem incumbe o conhecimento; para adquiri-lo, ele aceita na sua piedade o serviço, e quando

obtiver o conhecimento, o novo reino estará criado para ele, o reino na lei do conhecimento, o reino ao qual caberá a graça de garantir a criação.

– Falas da obra de criar o mundo, como se esta pudesse ser influenciada por medidas estatais. Felizmente, o Senado não saberá o que fazer com tua lei do conhecimento... Do contrário, a criação não duraria muito.

– Quando o homem se despir de seu conhecimento, quando perder a verdade, também perderá a criação; o Estado não pode cuidar da criação, mas corre perigo junto com ela.

– Esse é um problema cuja solução devemos confiar aos deuses. Entretanto, hás de admitir que eu, de todos os modos, contribuí com minha parte; cuidei dos conhecimentos do homem, até onde estavam em meu poder, e continuarei preocupando-me com eles no futuro. Foi aumentado o número de escolas públicas, não só na Itália, mas também nas províncias, e dou plena atenção àquele ensino superior que nos deve proporcionar bons médicos, arquitetos, engenheiros hidráulicos; ademais, como sabes muito bem, fundei a Biblioteca Apolínea e a Biblioteca Octaviana, e não deixei de fomentar mediante subvenções as bibliotecas já existentes. Mas isso é uma espécie de solicitude que pouco significa para o povo; as massas populares não querem que se lhes propiciem conhecimentos; querem, pelo contrário, ver imagens fortes, inequívocas, cujo conteúdo compreendam.

– Acima de todos os conhecimentos há o conhecimento em si, e o povo aguarda-o na grande imagem do ato do conhecimento.

Nas feições do César apareceu um quê de melancólica frivolidade:

– O mundo está cheio de atos e todavia vazio de conhecimento.

– O ato do conhecimento, ó Octaviano, é o do juramento.

– Pois então, Virgílio, prestei o juramento, ao ser investido de meu cargo, e o que jurei cumpri também... Isso poderia bastar-te para teu ato de conhecimento... Que mais desejas?

Por que não responder ao homem vaidoso segundo a vontade dele? Seria tão fácil e tão indicado. E no entanto havia algo que coagisse o poeta a contradizer e explicar:

– Claro, tua obra é ação, é ação jurada, e justamente por isso, há de segui-la o ato do conhecimento, o ato formador do conhecimento, o ato da verdade; porém aqui se trata da alma do homem, ó Augusto, e com respeito a esta, cumpre ter paciência. – Sim, apesar da rejeição aborrecida

que se denotava na fisionomia do César, era necessário que isso fosse dito, justamente porque se tratava da alma humana e de seu despertar, que vencia à morte. – Pois é, com tua ação desdobraste a paz romana por sobre a terra, com tua obra estabeleceste em simbólica grandeza a unidade do Estado, e se a isso se juntar o ato da verdade, agraciando os homens com o conhecimento divino, comum a todos, fundindo assim os cidadãos numa comunidade de homens, então, ó Augusto, se transformará teu Estado na eterna realidade da criação... Somente então, só então existirá... o milagre.

– Insistes, pois, em afirmar que o Estado na sua forma atual não passa de uma fútil metáfora...

– Uma autêntica metáfora.

– Bem, uma autêntica metáfora... Mas continuas asseverando que somente no futuro ele obterá sua verdadeira figura real...

– Assim é, ó César.

– E quando se realizará esse teu milagre? Quando acontecerá tal transformação na verdadeira realidade? Quando? – a essa altura, o formoso rosto dirigia-se ao poeta, desafiante, zangado e até nitidamente agressivo.

Quando, ó deuses!... Quando, oh, quando! Oh, quando ficaria ela, a criação sem acaso, liberta das formas? Isso era atribuição do deus desconhecido, que vela pelo juramento. Mas agora o chão já não oscilava, o barco deslizava tranqüilamente, e ainda que a respiração pelos pulmões, pela garganta e pelo nariz se houvesse novamente tornado muito penosa, o coração respirava, e o coração sabia que nele vibra constantemente um sopro respirante da alma, um sopro, apenas um sopro, contudo tão forte que se poderia julgá-lo capaz de bramir através do mundo e de varrer rochas. Quando, oh, quando? Em algum lugar respirava aquele que o promoverá, já vivia em algum lugar, por ora não nascido, porém já respirando; outrora foi a criação, outrora será, milagre isento de acaso. E em meio à esmaecida lividez da luz, na mais distante lonjura, ao lado do Oriente, a estrela voltou a aparecer.

– Um dia virá quem recomeçará a viver no conhecimento. No seu ser, o mundo será redimido e obterá o conhecimento.

– Eu gostaria que te restringisses a tarefas mais terrenas. As que tu propões são supraterrenais, e para elas, o meu tempo de vida já não é suficiente.

– São as tarefas do Salvador.

– Mas as destinaste a mim... ou não?

– O Salvador vence a morte, e tu apareceste, triunfando sobre a morte, já que trouxeste a paz.

– Isso não é nenhuma resposta, pois, só de modo terrenal pude eu estabelecer a paz, terrenalmente tive que ordená-la, terrenal é a essência dela... Certamente pensas que somente me possam ser confiadas tarefas terrenas.

– No filho do divinizado, os homens já vêem hoje o salvador que deverá livrá-los do mal.

– Assim dizem os homens, assim diz o povo... Mas tu, Virgílio, que dizes?

– Já uns vinte anos atrás, quando comecei a escrever as *Geórgicas* e tu eras ainda um adolescente, vi tua imagem no círculo dos signos celestes. Pois significas o início de uma nova era.

– Quais eram tuas palavras?

– De ti, novo astro cingido de lentas luas, lá, onde a órbita de Erígona atrai o ardente Escorpião, foge até este; em face de ti, retrai suas garras e te cede o céu submisso.

– Bem, isso foi escrito faz vinte anos... e hoje?

– Foste gerado e concebido sob o signo do Capricórnio, e a ele, que sobre firmes rochas se arroja em direção aos mais altos cumes da terra, a ele escolheste para teu emblema.

– Os cumes da terra... Evidentemente há de ficar-me vedado o acesso aos domínios supraterrâneos.

Lembra-te dos versos que Horácio te dedicou, ó Augusto.

– Que versos?

– No céu reina Zeus, o atroador, mas na terra és tu, ó Augusto, o deus visível.

– Tu te esquivas do problema, Virgílio. Citas poemas antiquados, e citas outros autores, porém escondes tua própria opinião.

– Minha própria opinião? – o Augusto estava tão distante; as palavras deslizavam de um ao outro, num vôo sumamente estranho, mas já não serviam de ponte.

Isso já não deve preocupar-te – disse o escravo.

– Minha própria opinião ?

– É justamente a ela que desejo ouvir, e sem rodeios.

– És um homem mortal, ó Augusto, ainda que sejas o primeiro entre os vivos.

Um olhar irado, rancoroso, deixava perceber que o César quisera receber uma resposta diferente:

– Sei que não sou nem deus nem astro novo, e não há necessidade de recordar-me esse fato; sou um cidadão de Roma e jamais me considerei outra coisa. Por isso, acho que ainda não respondeste a minha pergunta.

– A salvação sempre nos é trazida por uma rota terrestre, ó Augusto; o Salvador é sempre terrestre e mortal; deve ser assim; somente sua voz provém dos domínios supraterrâneos, e somente graças a ela, pode evocar nos homens o que há neles de imortal e anseia pela salvação. Tu, porém, já preparaste com tua ação o solo no qual se originará tal renovação divina do mundo, e o mundo que ouvirá a voz é teu.

– Por que negas, portanto, minha vocação para o último passo, que ainda tem de ser dado? Por que negas que minha obra, à qual, afinal de contas, concedes o valor de uma preparação, ainda possa ser chamada para trazer ao mundo a salvação definitiva? Por que negas que o símbolo, que de qualquer modo vês nessa minha obra, já contenha em si mesmo a realidade? Por que negas que eu, que com minha obra realizei, seja como for, a primeira ação, possa ser capaz de executar igualmente o ato do conhecimento?

– Não o nego, Octaviano. És símbolo do deus e símbolo do povo romano. Nunca terias sido destinado a essa missão, se o símbolo que és não mostrasse também as feições de seu original. Em ti, antes de nenhum outro, poderá um dia amadurecer o ato do conhecimento. Mas, por enquanto, o tempo não tem chegado.

– Ó Virgílio, tratas o tempo com excessiva generosidade, mas unicamente com relação a mim. Para ti e teus próprios intentos, estabeleces prazos de espera muito mais breves... Dize, pois, francamente que não me cabe pleitear essa missão salvadora.

A alocução devia soar jovial, mas a indignação ainda persistente era inconfundível.

– Até o Salvador e sua verdade, até eles estão presos à urdidura cognitiva do tempo. Ele virá, quando o tempo se tiver tornado maduro.

O César levantou-se de um salto:

– Queres reservar esse cargo para ti?

Ai, teria o César razão? Ai, não estaria certo o que dizia, numa extensão que ele mesmo não podia suspeitar? Não dormia no poeta o desejo de ser o salvador como um sonho de intensidade muito maior do que em

todos os demais seres humanos? Não queria também Orfeu atrever-se a realizá-lo, quando atraía e enfeitiçava os próprios animais, a fim de redimi-los pela humanização? Mas, não, não e não! A arte permanece um recurso inadequado, e até um Orfeu teve que fracassar diante dessa tarefa. A voz sibilina que o poeta ouve é a de Eurídice, é a de Plócia, e jamais encontrará ele – assim o quer o deus, assim o quer o destino – o áureo ramo da salvação.

– Ó Augusto, o escritor não vive; o Salvador, porém, vive mais vigorosamente do que todos, já que sua vida é o ato do conhecimento, sua vida e sua morte.

Apesar da sua indignação, o Augusto sorriu, e seu sorriso era realmente bonachão:

– Tu viverás, Virgílio, recuperarás tuas forças e concluirás tua obra.

– Ainda que eu voltasse a recuperar minha saúde... por mais perfeito que saísse o poema, mais distante ficaria de qualquer ato redentor, mais incapaz de consumá-lo se tornaria.

– Pois então, nesse caso, nenhum de nós dois, nem tu nem eu, poderemos realizar o ato redentor. Deixaremos, portanto, que o faça o salvador que tens em mente e no qual eu dificilmente posso acreditar. E até à chegada dele nós deveremos continuar a cumprir nosso dever, tu o teu, eu o meu...

– Temos de preparar-nos para a sua chegada.

– Como não, minha obra já significa de qualquer jeito um trabalho preparatório para a dele. Mas o mesmo vale para a tua, e por isso hás de concluir a *Eneida* para teu povo...

– Não posso nem devo concluí-la... tanto menos, porque isso representaria o mais inadequado de todos os preparos.

– E como se efetuaria o adequado?

– Pelo sacrifício.

– O sacrifício?

– Sim.

– Com que desígnio queres sacrificar? E a quem?

– Aos deuses.

– Os deuses estipularam os sacrifícios que lhes convêm, transferiram ao Estado a incumbência de cuidar deles, e eu velo por seu

cumprimento pontual em todo o território do Império, assim como requer o seu ritual. Fora da soberania do Estado, não há sacrifícios.

O Augusto era intransigente e nada sabia do mandamento de jura, enunciado pelo deus desconhecido. Seria inútil tentar convencê-lo:

– Ninguém deverá atrever-se a tocar nas sagradas formas da fé, que tu, ó César, proteges. Mas, o fato de elas serem intocáveis não significa que não possam ser completadas.

– Como poderiam ser completadas?

– Qualquer um pode ser chamado ao sacrifício pelos deuses, cada qual deve estar pronto para que eles, se assim o quiserem, o escolham como vítima.

– Se te entendo bem, tencionas agora eliminar a coletividade do povo também dos rituais dos sacrifícios e substituí-la pelo indivíduo, que de algum modo se tenha preocupado com a esfera supraterrânea; sem dúvida alguma, Virgílio, isso é inadmissível e mais do que inadmissível. E ao fazê-lo, apóias-te mais uma vez na vontade dos deuses, a fim de dar-te uma aparência de justificação e responsabilidade. Contudo é teu procedimento totalmente irresponsável, e os deuses absolutamente não te livrarão da responsabilidade por teus intentos; pois a eles tanto como ao povo bastam, ao lado das demais formas vetustas, tradicionais do culto, também os rituais dos sacrifícios que delas fazem parte. Não se deve dar nem meio passo além deles.

– Eles estão sendo excedidos de modo pavoroso, ó Augusto! Surdamente sente o povo que se prepara uma nova verdade; surdamente sente o povo que em breve se ampliarão as formas antigas, surdamente sente a insuficiência dos velhos rituais de sacrifícios, e impelido pelo confuso desejo de algo novo, impelido por uma indistinta ânsia de imolação, aglomera-se nos lugares de execuções e nos jogos circenses, apinha-se diante do ímpio pseudo-sacrifício, que se lhe oferece, sangrento, numa morte de crescente crueldade, para finalmente apenas satisfazer a ebriedade de sangue e a ebriedade de morte...

– Converti a selvajaria em disciplina e a irrefreada crueldade em jogo. Esta é a necessária dureza do povo romano, e ela nada tem a ver com pressentimentos de imolação.

– O povo tem pressentimentos, mais do que o indivíduo. Pois, seu sentir coletivo é mais surdo e mais pesado do que o pensamento da alma individual; mais surdo e mais pesado, mais feroz e mais confuso, vibra nele

o clamor pelo Salvador do mundo. E em face das sangrentas atrocidades nos lugares de execuções e na areia do circo pressente o povo que disso se originará o ato da imolação genuína, o verdadeiro sacrifício, que será a derradeira, a decisiva forma do conhecimento nos domínios terrenos.

– A profundeza da tua obra, ó Virgílio, é às vezes enigmática, mas agora até pronuncias enigmas.

– Por amor aos homens, por amor à humanidade, o Salvador se imolará a si mesmo; com sua morte, há de converter-se a si mesmo no ato do conhecimento, no ato que ele lança ao universo, para que a criação se desenvolva novamente a partir de tão suprema realidade simbólica de ajuda submissa.

Envolvendo-se na toga, o César replicou:

– Pus a minha vida a serviço de minha obra, a serviço da coletividade, a serviço do Estado. Isto basta para minhas necessidades de imolação. Recomendo-te fazer a mesma coisa.

O que ainda passava de um ao outro, já não tinha nenhum sentido, eram palavras vazias ou nem sequer palavras; percorriam um vácuo, que até deixara de ser espaço. Tudo era um nada incrível, sem nenhuma ponte para transpô-lo.

– Tua vida tem sido ação, ó César, é ação em prol da coletividade e dentro dela, e te lhe ofereceste integralmente. Os deuses te escolheram para tal ato de sacrifício, distinguiram-te com essa finalidade, e desse modo, como demonstra tua existência, aproximaste-te deles mais do que qualquer outro mortal.

– Que espécie de sacrifício desejas ainda? Cada obra verdadeiramente realizada requer o homem inteiro. No teu caso, pelo que posso julgar, não foi diferente, e tranqüilamente podes qualificar isso de sacrifício.

A plenitude das camadas existenciais esvaíra-se na informidade, que se estende atrás de todo o vácuo; já não se enxergava nenhuma linha, nem sequer a mais fina sombra duma linha... Onde poderia então ocorrer um encontro?

– Minha ação foi egoísmo, mal e mal se tratava de uma ação, e ainda menos de um sacrifício...

– Então segue meu exemplo; paga tua dívida, dá ao povo aquilo que lhe pertence por direito, dá-lhe tua obra!

– Como todas as obras, nasceu também ela da cegueira... da falsa cegueira... O que quer que criemos... é apenas obra de cegueira... Para a autêntica cegueira, falta-nos a humildade...

– A mim também? À minha obra também?

– Já não há camadas existenciais...

– O quê?

Não valia a pena falar; isso só conduziria à repetição:

– Tua ação realizou-se no seio do povo, e no seio do povo tornou-se ato consumado; minha ação deve ser levada ao povo, não para servir a outra ação e sim para granjear reconhecimento e aplauso.

– Chega, Virgílio! – a conduta do César já mostrava extrema impaciência. – Se a publicação da *Eneida* te parece por demais egoísta, permite que ela aconteça somente depois do teu trespasse. Esta é minha última proposta.

– A ambição do poeta ultrapassa os limites da morte.

– E então, que mais?

– A obra não deve sobreviver a mim.

– Por Júpiter! Finalmente, explica por quê? Dize-me sem rodeios teus verdadeiros motivos!

Já que não pude dedicar minha vida ao sacrifício, assim como tu fizeste com a tua, preciso dar esse destino à minha obra... Ela deve cair no olvido e eu também.

– Isso não é nenhuma explicação. E rematada loucura.

– O impudor da memória… Quero esquecer... esquecer tudo... E quero ser esquecido... É necessário, Augusto...

– Que amistosa mensagem aos teus amigos! Realmente, Virgílio, tua memória seria mais pudica, se te recordasses dela de um modo um pouco mais afetuoso, ao invés de entregar-te a desejos vazios, malignos, que, no fundo, são apenas vazios e maldosos pretextos.

– O ato redentor do conhecimento é iminente; em prol dele, em prol de seu juramento, o sacrifício deve consumar-se… No juramento reside a salvação, Augusto... para todos, para mim...

– Ah, essa tua salvação, sempre tua salvação... Ora, teu salvador não chegará por isso nenhum dia antes; tu, porém, privas a coletividade, privas teu povo, e a isso chamas de tua salvação! É loucura, mera loucura!

– A verdade sem conhecimento é loucura. Está em jogo a verdade do conhecimento... Unicamente na realidade dela não existe insânia.

– Há, portanto, dois gêneros de verdade? Uma prenhe de conhecimento para ti e outra desprovida de conhecimento para mim... Segundo a tua opinião, falo como um louco. Se queres afirmar isso, dize-o!

– Preciso destruir o que carece de conhecimento… É o mal... o encarceramento… sem libertação... é o supremo dever... o que carece de conhecimento deve dar lugar ao conhecimento... somente assim presto um autêntico serviço à coletividade e à redenção do povo... A lei da verdade... o acordar após a modorra na penumbra...

Um passo brusco, apressado... e o Augusto se encontrava junto ao leito:

–Virgílio…

– Sim, Augusto.

– Tu me odeias.

– Octaviano!

– Não me chames Octaviano, porque me odeias.

– Eu… eu te odeio?

– E como me odeias! – a voz do César tornara-se estridente de tanta veemência.

– Oh, Octaviano...

– Cala-te... tu me odeias mais que a qualquer outro homem na terra e mais que a qualquer outro, porque me invejas mais do que a todos os outros.

– Não é verdade... não é verdade...

– Não mintas! É verdade...

– Não é, não.

– É verdade!...

Raivosamente, a mão do encolerizado arrancava as folhas de louro das grinaldas do candelabro:

– Sim, é verdade... Sim, tu me odeias, porque estás cheio de ambições de ser rei, mas és demasiado fraco para fazer sequer a menor tentativa de realizar essas idéias; tu me odeias, porque não te restava outra escolha que não a de colocar tuas ambições no teu poema, para que possas, pelo menos nele, mostrar-te mais poderoso do que teus reis; tu me odeias, porque tenho sido capaz de obter, mediante o meu trabalho, tudo quanto desejaste para ti, e porque, mesmo assim, desprezo tanto essas conquistas que até me pude permitir recusar a coroa imperial; tu me odeias, porque me responsabilizas da tua própria impotência... Eis o teu ódio, eis a tua inveja...

– Octaviano, escuta-me.

– Não quero escutar-te.

O César gritava, e era estranho, sumamente estranho que, quanto mais gritava, mais rico se tornava novamente o mundo; o visível com a multiplicidade de suas camadas existenciais ressurgia; a lividez cadavérica voltava à vida, e quase havia uma esperança.

– Octaviano, escuta-me...

– Para quê? Dize-me por que, para começar, denegriste hipocritamente, com falsa modéstia, tua própria obra, para que pudesses humilhar mais facilmente a minha; em seguida te empenhaste em rebaixar esta ao nível de uma fútil e cega metáfora, uma criação fictícia; e mais ainda, deste modo injuriaste o povo romano e sua fé ancestral, que não te agrada, porque ela encontra sua expressão na minha obra, e que, portanto, achas necessário reformar; e sabendo muito bem que tudo isso não te adianta nenhum passo, sabendo muito bem que isso não te pode trazer nenhum proveito, sabendo muito bem que eu permaneço mais poderoso do que tu e preciso permanecer mais poderoso, sabendo muito bem que não tens força suficiente para superar-me, tomas finalmente teu refúgio nos domínios supraterrâneos, num algures supraterrâneo, ao qual nem eu nem mais ninguém podemos jamais chegar, e queres colocar nos meus ombros um salvador que não existe e nunca existirá, mas que deverá superar-me em teu lugar... Conheço-te, Virgílio; pareces brando e com muito prazer te deixas venerar pelo povo como o mais puro e o mais virtuoso dos homens, porém na realidade, a tua alma pretensamente tão pura treme sem cessar de ódio e perfídia; sim, repito, da mais infame perfídia...

Sem dúvida alguma, o divinizado berrava a valer, e cada vez mais se perdia no berreiro. E todavia, por estranho que pareça, era bom que isso acontecesse, era singularmente bom, ah, bom demais que algo assim pudesse ainda ser possível, e era como se no invisível se mostrasse um chão invisível, mas firme, aquele chão invisível mas firme, a partir do qual novamente se tenderiam as pontes invisíveis, as pontes do humano e da humanidade, encadeando as palavras às réplicas, unindo mirada e contra-mirada, de modo que palavras e miradas voltassem a tornar-se significativas, as humanas pontes do encontro! Oxalá prosseguisse falando!

Ora, o Augusto prosseguia mesmo falando, não, continuava a bradar e não se impunha nenhum freio no seu furioso, estridente berreiro:

– Puro e virtuoso e modesto és no teu comportamento, mas um pouco demasiado puro e virtuoso e modesto para que tuas atitudes não pareçam suspeitas... A tal da tua modéstia jamais te teria permitido aceitares qualquer cargo que eu poderia confiar-te; eu nunca teria ousado oferecer-te um deles; mas, na verdade, não se pode imaginar nenhum que julgarias suficientemente bom; a cada um, seja o proconsulado seja uma cadeira senatorial seja qualquer outro, terias feito objeções, e ainda menos o terias aceito de minhas mãos, porque me odeias por demais profunda e radicalmente! Sim, por ódio a mim tiveste de escrever poesia e de construir tua independência poética; pois aquilo que realmente pretendeste de mim, a saber que eu abdique, para ceder-te meu lugar, não pude e não posso outorgar-te, sem falar no fato de que rejeitarias também a esse lugar, que não serias capaz de preencher e que, consciente da tua inaptidão, te sentes forçado a menosprezar... Tudo isso ocorre por ódio, e uma vez que ocorre, teu ódio inflama-se sempre de novo...

– Eu nunca estimei minha poesia mais do que qualquer cargo que quisesses oferecer-me.

– Cala-te e não me roubes meu tempo, aferrando-te à tua hipocrisia... A única coisa que constantemente te interessava era que eu me demitisse de meu cargo, talvez para que então o possas rejeitar, e com esse desígnio inventaste toda aquela complicada balela do conhecimento, todas aquelas disparatadas sutilezas do sacrifício, por isso ventilas a idéia de destruir a *Eneida*, somente para que eu aprenda como uma pessoa pode abandonar e aniquilar a própria obra... Sim, preferirias que a *Eneida* desaparecesse da face da terra a suportar e tolerar por mais tempo a visão de minha obra!...

Uma camada existencial após outra reedificava-se sob o berreiro, e o aposento que o Augusto percorria, raivoso, a grandes passos, voltava a ser um genuíno quarto terrestre. terrenamente encaixado na casa, terrenamente mobiliado, terreno à luz da tarde. E a essa altura, já era possível tentar avançar, tateando, na ponte invisível:

– Octaviano, és injusto comigo, extremamente injusto...

– Pois então, sou injusto contigo? Sou injusto? Mas queres que se destrua a *Eneida*, para que não estejas obrigado a dedicar-me o poema! Ao Mecenas dedicaste as *Geórgicas*, e a Asínio Polião, com o maior prazer, as *Bucólicas*! Mas a mim, a quem odeias, quiseste satisfazer com o *Culex*, para mim bastava o *Culex*, para mim, segundo a tua vontade, ele deve bastar

ainda hoje, evidentemente para comprovar que uns vinte e cinco anos atrás estava suficientemente bom para mim e que não posso pleitear coisa melhor, nem naquele tempo, nem hoje... Mas, que nesses vinte e cinco anos realizei minha obra e que essa obra me confere o direito à *Eneida*, solidamente alicerçado na minha atuação, na realidade e no espírito de Roma, sem os quais a *Eneida* nunca teria podido originar-se, isso é demais para ti, isso não suportas, e então preferes destruí-la, antes de dedicá-la a mim...

– Octaviano!

– Fica-te indiferente que uma obra, quer tua quer minha, seja maior que a vida ou a morte; isto se te torna indiferente, de puro ódio...

– Octaviano, toma o poema!

– Não o quero, não gosto dele, não preciso dele; podes guardá-lo…

– Octaviano, toma o poema! – Toda a fragilidade de papel, toda a lívida brancura de papel haviam desaparecido da luz lá fora, que, quase ebúrnea, cintilava sobre a paisagem.

– Nem quero saber da tua fancaria... Faze com ela o que quiseres. Não preciso dela.

– Não é nenhuma fancaria.

Estacando, o César olhou a mala de esguelha: – Para mim ela se converteu numa fancaria. Tu mesmo a aviltaste.

– Bem sabes que ela se destinava a ti, quando eu a escrevia, que estavas todo o tempo em minha mente, que entraste no trabalho e ainda agora fazes parte do poema, que foi consagrado a ti...

– Fingiste para ti e para mim que fosse assim. Na verdade tens razão de qualificar-me de cego, cego que nem um gato recém-nascido, pois minha fé em ,ti tem sido imperdoável cegueira; era imperdoável ter durante tanto tempo confiança em ti e em tua hipocrisia!...

– Não fingi coisa alguma.

– E se não o fizeste, odeias justamente por isso também a tua própria obra, que exibe minhas feições.

– Quero concluí-la para ti.

– E eu devo ainda acreditar nisso? – mais uma vez, o César olhava a mala de esguelha. Era desagradável, mas, neste momento, já era impossível impedi-lo.

– Deves crer-me, Octaviano.

Oh, até o mais breve segundo, que se precipita, soltando-se de uma alma humana, para sumir no abismo dos tempos, é, na sua intangibilidade, maior do que qualquer obra, e da alma do César desprendia-se tal segundo, um segundo da amizade, um segundo da simpatia, um segundo do amor, nitidamente perceptível, se bem que ele apenas dissesse:

– Vamos pensar a respeito.

E então aconteceu o que era o mais difícil:

– Leva o manuscrito contigo a Roma, Octaviano... Com a ajuda dos deuses, hei de reencontrá-lo lá...

O César anuiu, e pela duração do gesto de consentimento fez-se uma grande quietude, a quietude daquela intimidade que, qual alento, sai do coração humano, e através de todas as invisibilidades, uma e outra vez alcança o coração humano, o grande poder do silêncio: as vigas pardas do teto converteram-se novamente na floresta de onde foram trazidas; o olor de loureiro das coroas retransformou-se naquele das mais longínquas sombras dos esconderijos, que jazem nas profundezas dos frondosos desfiladeiros recobertos de sol, assoprados pelo murmúrio das fontes, com o suave som de uma flauta musgosa, porém tranqüilamente firme, com o peso de madeira de carvalho; e alento do enigma do coração era o de um eterno, compenetrado saber. Seria ainda conseqüência desse alento que a lamparina, como que pela última vez, oscilasse, tilintando, na sua corrente de prata? Nada mais se movia; as águas estavam lisas, como se contivessem a respiração; estava interrompida a travessia. E o Augusto, de pé sob o olmo-loureiro, a mão nas folhas de louro, o Augusto disse:

– Te recordas, Virgílio?

– Sim, recordo-me de muita coisa, mas, mesmo assim, não me basta.

– Recordas-te também dos cavalos e dos cães que selecionamos juntos?

– Claro, recordo-me; quando os compravas, avaliava eu sua velocidade e suas aptidões.

– Eram éguas e garanhões de Crotona e cães da Ibéria.

– De um dos potros tratei de dissuadir-te, e no entanto compraste-o, Octaviano.

– Pois é, tu te entendias nessas coisas. Realmente, o animal não prestava.

– Pagaste-o muito caro, e poderias ter economizado dinheiro, uma vez que te aconselhei bem.

– Mas às vezes é melhor não seguir teu conselho, Virgílio.

– Por quê?… Mas, desde então, passou muito tempo.

– Muito tempo, sim. O potro tinha aspecto atraente, era um cavalo preto de cabeça pequena. Uma lástima!

– Pois é, uma lástima. Era mesmo um cavalo preto, que tinha machinhos brancos e as patas traseiras demasiado fracas, embora isso quase que não se notasse.

– Certo. As patas traseiras eram fracas demais, mas não havia nele a menor mancha branca.

– Não, Augusto, os machinhos eram brancos.

– Quando vi um animal uma única vez, gravo na minha mente seus característicos; asseguro-te que o potro não tinha o menor sinal.

– Em Andes criamos cavalos em número suficiente para aguçar minha memória. Desta vez, tenho absoluta certeza, e ninguém me pode convencer do contrário, nem sequer tu, Octaviano.

– Porque tu és um campônio teimoso.

– Sou campônio e filho de criadores de cavalos. Já na infância galopei pelos campos, agarrado às crinas dos cavalos.

– Se os matungos que montaste não eram melhores do que tua memória, não precisas ufanar-te muito deles.

– Não eram matungos.

– E tua memória não é memória. A minha é melhor.

– Mesmo que sejas o Augusto, mesmo que o sejas mil vezes, os machinhos eram brancos, brancos como a neve...

– Podes zangar-te à vontade; é inútil; não eram brancos.

– E eu te digo que eram brancos, ponto final!

– E eu te digo que não!

– Realmente, Octaviano, não me contradigas. Quero morrer neste momento, se os machinhos não eram brancos!

O Augusto, que até esse instante se mantivera de rosto abaixado, a meditar, como se desejasse reter não só a recordação mas também aquela quietude, levantou a cabeça:

– Esta parada não vale. Não a admito. O preço é alto demais para mim. Quanto a mim, prefiro que os machinhos tenham sido brancos.

Então os dois tiveram que rir, sendo ambos acometidos por um acesso de muda risada, que doía um pouco, provavelmente também ao Augusto; pois, sua fisionomia que se tomara triste – ou brilhavam até lágrimas em seus olhos distantes? – indicava que a ele igualmente algo apertava de modo doloroso a garganta e o peito, doloroso, qual riso de sonho, penoso, sufocante, ai, porque ninguém se ri no sonho, ai, e porque a benfazeja quietude, que os envolvera, agora se esvaía dolorosamente, desde que o Augusto, como que despertando dela, levantara a cabeça. A quietude sumira.

Ameaçaria novamente o eclipse solar? Ameaçaria mais uma vez o tremor da terra e dos mares, sacudidos pelos corcéis de Posêidon? Fugira por isso a quietude? Não, não havia motivo para tal temor; pacatos e suavemente terrenos, os pombos passeavam, arrulhando, pelo peitoril da janela; suave prosseguia o canto, eburneamente suave, a luz; e posto que a viagem tivesse recomeçado, não havia nada que temer, enquanto o barco continuasse a deslizar segura e lentamente. Sem embargo, percebia-se o ruído de cascos de um cavalo, e decorreu apenas um breve lapso de tempo até que este aparecesse, a galopar pelos ares, carregando o garoto, que folgazonamente se agarrava na crina esvoaçante e a puxava de modo brincalhão. Não era nenhum cavalo preto e sim um tordilho, branco como a neve, que, na verdade, tinha machinhos negros, e depois de o menino, em pleno galope, ter apeado diante do César, o animal prosseguia na corrida e rapidamente se afastava pela janela. O garoto, porém, aproximou-se do César, colocou-se à sua frente, qual arauto do passado, de cabeça engrinaldada como um portador de presentes, e como tal foi acolhido.

– Salve – disse o Augusto, ainda encostado no candelabro, com a mão na folhagem do loureiro –, queres entregar-me o poema, e o aceito de tuas mãos, pois és o Lisânias; reconheço-te, embora nunca tenha estado em Andes, e tu também me reconheces.

– Tu és o César Augusto, o santificado.

– Como encontraste o caminho até mim?

E o garoto recitou:

– "... Vê o César ali e toda a estirpe juliana,
a subir rumo à alta abóbada do éter:
eis o homem, o sempre esperado, o prometido pelo destino,
César Augusto, de linhagem divina, que funda de novo
a Idade de Ouro, como outrora Saturno, na terra latina;

ao longe estende-se seu império, até aos garamantas e aos indianos,
e onde Atlante nos gigantescos ombros gira a cúpula do mundo,
salpicada de fagulhas da seara sideral, até lá domina o César,
poderosamente eximindo a terra do ciclo de anos e sóis...
Estremecidos, os reinos do Cáspio já agora aguardam sua chegada,
trêmulos, esperam os citas, assustados por oráculos divinos,
aterrorizadas, escumam as sete fozes do imenso Nilo"...

Assim recitou o garoto, e o quadro que junto com os versos surgia, inquietante, quase pasmoso, não provinha da memória, nem da do menino, nem da própria; procedia das estranhezas do sempre-presente, lívido, mudo, apenas delineado, e no entanto cheio de vacilante expectativa, tempestuoso, apesar de tudo .

Porém, já não sobrava tempo para quaisquer reflexões; pois o Augusto que escutara os versos com ar de consentimento, disse em seguida:

– É isso mesmo; assim escreveste, escreveste-o para mim... Ou mudaste de opinião, meu Virgílio?

– Não mudei, não, Octaviano; o poema te pertence. Então o Augusto deu duas batidas com as mãos, e imediatamente o aposento voltou a encher-se de homens, de muitos homens, que talvez tivessem aguardado esse sinal diante da porta. Plócio Tuca e Lúcio Vário achavam-se entre eles, mas também o médico com seus ajudantes; o próprio escravo estava agora fisicamente visível, enfileirado no grupo dos demais serventes. Só Plócia faltava, se bem que certamente não se houvesse afastado. Possivelmente se sentisse intimidada pela multidão de pessoas e se conservasse escondida por aí, em algum canto.

Mas quem falava era o César:

– Se me dirigisse ao povo reunido, lançaria mão de um tom mais elevado e mais vigoroso; como, porém, me encontro em presença de amigos amados, que pensam como eu, apenas os exorto a compartirem de minha alegria. Pois, o nosso poeta decidiu a reencetar seu trabalho na *Eneida* logo após o seu restabelecimento, quer dizer em breve...

Amava o Augusto realmente a esses amigos? Cria ele falar-lhes de modo diferente daquele que empregaria perante o povo, ao qual governava e todavia não amava em absoluto? Mas sua alocução não se distinguia nem um pouquinho do começo de um discurso na praça pública,

e à maneira de um artista consumado, acabava de intercalar uma pausa, a fim de deixar incrementar-se o efeito de suas palavras e de permitir que o auditório se mostrasse impressionado.

E Lúcio Vário interveio prontamente:

– Sabíamos que tu, ó Augusto, lograrias êxito. Toda a bênção provém de ti.

– Sou apenas o porta-voz do povo romano, do qual todos nós fazemos parte; por seu mandato e pelo mandato dos deuses, reivindiquei seu direito de possuir a *Eneida*, e Virgílio, no seu amor ao povo, reconheceu tal direito, esse inalterável direito de propriedade eterna.

Porém o escravo, mantendo-se em meio aos outros, arvorando uma fisionomia impassível, grave, de lacaio, despercebido e provavelmente não ouvido por ninguém, acrescentou:

– Está aberto o caminho à verdadeira liberdade, e o povo o trilhará; unicamente o caminho é eterno.

– Sou procurador do povo – prosseguiu o Augusto com aquela gentileza fingida, a cuja cordialidade inerente ninguém conseguia esquivar-se inteiramente. – Sou apenas seu procurador, aqui e onde quer que seja, e também isso foi reconhecido por Virgílio. Posso ufanar-me desse reconhecimento, pois, em virtude dele, o poema me será entregue para sua fiel conservação...

– O poema é teu, Octaviano.

– Somente enquanto eu for procurador do povo romano.

Outros têm bens privados, eu não tenho, e tu sabes disso.

Mantendo entre os dedos sempre irrequietos um raminho de louro, arrancado das grinaldas, o Augusto conservava-se de pé, belo, delgado, majestoso; lá estava ele ao lado do candelabro, cingido de um rio de louros, envolto na farfalha de louros, circundado de sombras de louros; mas as palavras que proferira – posto que acreditasse nelas – eram pura mentira, já que ninguém ignorava que ele se empenhava com enorme energia e ótimos resultados, em aumentar imensamente a fortuna da estirpe juliana. E realmente disse o escravo, por sorte sem ser ouvido por nenhum dos presentes:

– Estás mentindo, ó César.

Ou o ouvira por acaso o assim interpelado Augusto? Pois, fixando o olhar na mala do manuscrito, sorria, como que respondendo.

– Seja qual for a posição em que aceites o poema, Octaviano, eu o dei a ti. Mas, em compensação, tenho que pedir-te um favor.

– Condições, Virgílio?… Pensei que se tratasse de um presente de aniversário...

– O presente é incondicional. Depende de ti se queres ou não queres conceder-me o favor que re rogo.

– Então me deixa ouvir essas tuas condições. Desde já, submeto-me a elas. Porém, recorda-te de tuas próprias palavras, meu Virgílio – e mais uma vez apareceu nos olhos do César um brilho mesclado de astúcia e carinho. – "Tem compaixão do vencido e refreia assim tua soberba!"

– O porvir – disse o escravo, em meio à multidão.

Sim, esse fora o sentido do verso; o porvir, o infinitamente profundo porvir do homem e da sua virtude, o porvir da humildade... Mas em que presente superficial o Octaviano outra vez o convertera por sua astúcia. E no entanto devia a *Eneida* pertencer a ele, tinha que ser dele:

– Restringiste as alforrias dos escravos, Ó Augusto. Permite que os meus recebam a liberdade!

– Como? Já agora?

Que pergunta esquisita! Já agora ou ainda não – que diferença fazia?

– Não agora já, Augusto, mas logo depois do meu trespasse. Eis o que determino no meu testamento, e peço-te que confirmes por tua vez esse legado.

– Claro que o farei... Mas, pensa bem, Virgílio: será que teu meio-irmão, que, ao que saiba, cuida da administração de Andes, concordará com essa tua disposição? Vais causar-lhe dificuldades, se o privares subitamente de todos os escravos...

– Meu meio-irmão Próculo saberá arranjar-se. Além disso, é um homem bondoso, e o pessoal ficará com ele também depois da manumissão.

– Bem, isso não me concerne. A mim, me cabe simplesmente assinar... Realmente, Virgílio, se esta é a única condição que desejavas impor, poderíamos ter poupado a longa discussão.

– Pode ser que ela tenha servido para alguma coisa, Octaviano.

– Serviu, sim – anuiu o Augusto, entre amistoso e sério. – Serviu, apesar do tempo que me roubaste com ela.

– Mas, Octaviano, há ainda o assunto do testamento...

– Se não me engano, depositaste há muito tempo um testamento em mãos de meu arquivista...

– Sim, mas agora cumpre completá-lo.

– Por causa dos escravos? Isso não tem pressa. Podes fazê-lo tranqüilamente qualquer dia em Roma.

– Será preciso modificar mais alguma coisa; quero fazê-lo sem demora.

– Para ti, tens pressa, para mim, não... Mas, com relação à urgência de teu documento, somente tu podes decidir, e eu não devo nem quero impedir-te de redigi-lo logo. Porém não posso permanecer por mais tempo aqui, e por isso te rogo que me entregues ou envies o testamento mais tarde, para que eu aponha meu selo em sinal de testemunho e ratificação...

– Plócio ou Lúcio ou ambos juntos te levarão o testamento, ó Augusto; agradeço-te.

– O tempo se toma muito escasso, meu Virgílio; sinto a impaciência com que me aguardam lá... sobretudo porque Vespasiano Agripa deve ter chegado nesse meio-tempo... Tenho que partir...

– Sim...

De modo misterioso, o quarto de repente se tornara vazio; estavam totalmente sós.

– Infelizmente... tenho que partir.

– Meus pensamentos te acompanham, Octaviano.

– Teus pensamentos e teu poema.

Um gesto do César, e, magicamente surgidos do vazio, dois escravos encontravam-se ao lado da mala, com as mãos nas alças.

– Esses aí a levarão?

A passo leve e rápido, o Augusto acercou-se do leito, e quando mal perceptivelmente se inclinava sobre ele, voltara a ser Octaviano:

– A obra não será levada, será guardada para ti, Virgílio. Toma isto como penhor. – E depositou na colcha o raminho de louro que até então conservara entre os dedos.

– Octaviano...

– Sim, Virgílio...

– Aceita minha gratidão por muita coisa.

– Minha gratidão fica contigo, Virgílio.

Os escravos acabavam de levantar a mala, e no instante em que davam o primeiro passo, alguém soluçou, não muito alto e todavia veementemente, com aquele fervor que em geral só se nos depara, quando a eternidade irrompe de golpe na vida humana, por exemplo quando os carregadores içam o caixão aos ombros, a fim de tirá-lo do aposento, de modo que os familiares subitamente se sentem feridos pelo poder inexorável, que já está agindo. Era aquele soluço de eternidade que se envia atrás de um féretro, e ele vinha do largo, imponente peito de Plócio Tuca, da sua boa, poderosa alma humana, do seu comovido, vigoroso coração, seguindo à mala do manuscrito, que era levada por essa porta e no fundo era um caixão, caixão de criança, caixão de uma vida.

E nesse momento, o sol ofuscava-se novamente.

Chegado à porta, o Augusto voltou-se mais uma vez; mais uma vez, o olhar de amigo procurou o olhar de amigo; mais uma vez se encontravam os olhares de ambos:

– Que teus olhos sempre repousem em mim, meu Virgílio – disse Octaviano, de pé entre os escancarados batentes da porta, ali ainda Octaviano, para, em seguida, delgado, altivo, imperioso, já como César, sumir-se apressadamente; pegado a seus talões, acompanhava-o, com pesadas e macias patas, um leão cor de ouro pálido; acompanhava-o o caixão, e muitos dos presentes juntavam-se ao cortejo.

O úmido soluço do bondoso Plócio prolongou-se ainda por algum tempo, antes de converter-se num arfante suspiro, interrompido por diversos ais, e só se acalmou totalmente quando a luz do sol voltava a brilhar e os pombos na cornija reencetavam seus arrulhos.

Que teus olhos possam sempre repousar em mim. Essas tinham sido as palavras do Augusto. Assim ou quase assim haviam soado, assim continuavam soando, tendo permanecido no aposento, ainda presentes no recinto, ainda pairando no espaço, imperecíveis na sua união com aquele que, a essa altura, desaparecera, imperecíveis por sua plenitude de significado. Imperecível era a união, mas Octaviano se fora... Por quê? Por que se fora ela? Por que se fora Plócia? Ai, eles se tinham ido como tantos outros, desaparecendo nos seus próprios destinos, desaparecendo nas suas atividades, no seu envelhecimento, nas suas crescentes fadigas, no seu encanecer e na sua senilidade, desaparecendo num apagamento, do qual já não sai nenhuma voz, e apesar disso haviam-se conservado as pontes invisíveis, que, outrora e todavia como que para sempre, tinham conduzido

até eles, haviam-se conservado as correntes invisíveis, que, outrora e todavia como que para sempre, o tinham vinculado a eles, as invisíveis pontes de louros, os invisíveis encadeamentos de prata; havia-se conservado a insolubilidade da união, construída e forjada para sempre, ligando e estendendo-se... aonde? rumo a um invisível nada? Não, o invisível que existia ali, na outra margem, não era nenhum nada; não, apesar de toda a sua invisibilidade, era verdadeiro ser, era como sempre Octaviano, era como sempre Plócia, só que eles, coisa muito estranha, se haviam totalmente despojado de seus nomes e de sua forma física. Oh, profunda, mui profundamente em nós, inatingível à nossa decadência corporal, incólume, não obstante o definhamento de nossos sentidos, protegido contra qualquer alteração, abrigado nas regiões indizivelmente longínquas do nosso eu, do nosso coração, da nossa alma, vive o conhecimento, imperceptível a si mesmo, inevocável, inexplorável, irreconhecível, e vai em busca do conhecimento recíproco na alma alheia, no coração alheio, na profundeza da invisibilidade alheia; procura sua própria imagem no espelho do conhecimento recíproco alheio, tenta evocá-la ali, para que se lhe tome visível, constante para toda a eternidade, eterna a ponte, eterna a corrente esticada em direção ao outro lado, eterno o encontro, eterno através de todas as metamorfoses; pois, somente no encontro descansa a plenitude do significado da palavra, o cumprimento do sentido do mundo, conhecimento conhecido no eco: visível, apesar das pálpebras cerradas, visível na sua plenitude de significado, jazia lá fora a imensidão, remota, dourada, qual sopro, dourada, qual vinho, no fulgor imovelmente trêmulo do ensolarado meio-dia, por cima dos pardos e avermelhados telhados da cidade, telhados sujos, decaídos, listados de preto; era visível e ao mesmo tempo invisível, um espelho, a aguardar a imagem refletida, ansiando pela flutuante palavra, pela percepção, que, embora ainda não revelada, já existia no espaço, anunciando o futuro, ausência de esforço que não será perjúrio, participação que deverá ser genuíno saber, beleza que terá novamente o direito de viver na lei, na lei do deus desconhecido, defensor do juramento; e em seguida, sim, em seguida se desprenderam alguns pombos da cornija da janela, batendo presuntuosamente as asas arrepiadas, e levantaram vôo, com a plumagem a cintilar à luz azul do sol; fundindo-se mais em cima com a incrível canícula febril do zênite do dia, elevavam-se no campo do olhar, e subtraindo-se a ele, distanciavam-se. .. Oh, que teus olhos possam sempre repousar em mim!

Plócio enxugou as lágrimas das gordas bochechas.

– É uma estupidez – disse –, é uma grande estupidez comover-se a tal ponto, somente porque Virgílio finalmente se refez da sua loucura...

– Talvez fosse a conduta do Augusto o que causou tua emoção.

– Ao que saiba, não.

– Quero fazer meu testamento agora.

– Isto não é nenhum motivo para comover-se... Toda a gente faz testamentos.

– Não tem nada que ver com tua emoção. Preciso redigi-lo agora. Nada mais.

Agora foi Lúcio Vário quem se punha a objetar:

– O Augusto tem plena razão, e se deve concordar com ele; podes deixar isso para quando estiver curado, e tens tempo de sobra, porque, segundo ficamos sabendo, de qualquer jeito já existe um testamento válido ...

Plócio e Lúcio estavam presentes em autêntica visibilidade, e o mesmo devia ocorrer com relação a Lisânias, ainda que este por enquanto se mantivesse escondido em algum cantinho do recinto, possivelmente melindrado porque não o haviam chamado antes e o escravo ocupara sozinho todo o terreno... Mas onde estava ele? Onde estava o escravo? Nada permitia supor que se tivesse unido ao séquito do Augusto; pelo contrário, de todos os sítios possíveis, deveria ser neste quarto que cabia presumir sua presença, aqui era, por assim dizer, seu lugar natural, e apesar disso, ficara impossível encontrá-lo neste momento; na verdade, nem isso estava totalmente exato: bastava procurar um pouco mais atentamente, bastava que os olhos se esforçassem um pouquinho mais, para que, ao lado da visibilidade plena dos dois amigos, descobrissem logo toda a espécie de coisas semi-visíveis, coisas invisíveis ou despercebidas, inacabadas na sua existência ou ainda não prontas para serem avistadas, talvez até - a esse ponto não avançava a capacidade de distinguir – tudo isso misturado, e especialmente ali de onde entravam as faixas de poeira solar, formigava todo tipo de tal invisibilidade semelhante a formas humanas, de modo que quase parecia que a multidão, que atrás do César abandonara o aposento, o tivesse ocupado novamente pelo menos em parte; nada mais fácil, portanto, do que imaginar que o homem procurado se achasse entre aquelas figuras, certamente inevocável, uma vez que não quisera revelar seu nome.

– Ó Lisânias!... – Se não se podia chamar o escravo, restava ainda mandar vir o garoto; que ele aparecesse e desse uma explicação!

– Falas constantemente de um tal de Lisânias – observou Plócio. – Pronuncias seu nome, sem que ele jamais se apresente realmente... Ou será que esse assunto também tem que ver algo com o testamento, que desejas redigir com tamanha urgência?

Diretamente, nem o garoto nem o escravo tinham que ver coisa alguma com o testamento; isto era inegável; mas tampouco se podia explicar a Plócio a verdadeira associação, e somente uma motivação fictícia seria capaz de tirá-lo do impasse:

– Quero legar-lhe alguns objetos.

– Tanto maior é seu dever de mostrar-se finalmente, de outro modo, não posso crer nele e na sua existência.

Uma vez que o garoto se mostrava neste instante, a inculpação era injusta; quem tivesse vontade de vê-lo, podia fazê-lo, e a repreensão recaía sobre Plócio. Contudo teria sido melhor não ter chamado a Lisânias, porque agora, quando chegava, fazia-o em dupla figura, como garoto e como escravo, portadores ambos do mesmo nome, ao qual os dois, o escravo tanto como o garoto, tinham de responder. Nisso não havia propriamente nada de assombroso; mais assombroso era, porém, que a dupla aparição carecesse evidentemente de qualquer concórdia, que o menino certamente se esforçasse por aproximar-se da cama, sem, no entanto, ser capaz de adiantar-se ao companheiro mais alto e mais forre: uma e outra vez, foi-lhe barrado o caminho, e podia-se pensar que o garoto Lisânias tivesse perdido toda a sua agilidade astuta.

Suspirando, Plócio encaminhou-se novamente à poltrona, na qual estivera sentado:

– Em vez de guardar repouso, como todo o mundo te aconselha, preocupas-te com codicilos e com as coisas que vais legar a este e aquele... O César esteve aqui contido mais de uma hora, e tua voz deixa perceber que a visita te cansou... Bem, eu, por mim, nem penso em tentar convencer um sujeito tão teimoso como tu...

– Sim – acrescentou Lúcio, entre pensativo e curioso –, foi muito mais que uma hora inteira... E durante todo esse tempo falastes unicamente da *Eneida*?.. Pára aí, não respondas, se isso te cansa...

Robustamente plantado diante do leito, o escravo parecia ter crescido inopinadamente; um frio sereno emanava dele, como de uma

pessoa que tivesse entrado no quarto, vindo do mais gélido inverno; e lá estava, tão espadaúdo e tão vigoroso que ficava impossível para o menino enviar uma mirada, embora houvesse subido à mesa, para espiar por cima dos ombros do homem cujo tamanho aumentava cada vez mais.

– O escravo deve ir embora...

– Ah, por causa do testamento? – Instalado na sua poltrona, Plócio lançou um olhar a seu redor. – Afinal de contas, todos já se afastaram. Podes começar tranqüilamente.

Lúcio, que, como de costume, mexia um pouco nas dobras da toga, sentou-se cautelosamente na cadeira ao lado da cama, e cruzando as compridas e delgadas pernas numa atitude elegante, esboçou com os longos dedos da mão aberta para cima um gesto de explicação:

– Sim, quando o Venerável se mete a conversar, ocorre-lhe às vezes tornar-se prolixo. E contudo, para falar com franqueza, não é absolutamente um bom orador, pelo menos não é muito brilhante, se aplicamos o gabarito que nós, testemunhas sobreviventes da era clássica da eloqüência romana, estamos autorizados a usar... Recordai-vos dos discursos que outrora eram feitos no Senado? Que delícia não nos produziam todos eles? Entretanto, para as exigências da atualidade, na qual de qualquer jeito ninguém sabe discursar, a facúndia do Augusto é suficiente, e ela deve bastar-nos... Porém, Virgílio, não tenciono de maneira alguma incorrer no mesmo erro daquele, cujo nome seja louvado, não quero cansar-te...

Por que não se movia o escravo?! Imóvel, arraigado como um bloco de gelo, como uma geleira, que ameaçava crescer cada vez mais alto, estava ali ereto, cobrindo agora completamente o pequeno Lisânias, e mais e mais ameaçadoramente fazia-se sentir o frio que, como que inexoravelmente, emanava dele, trazendo consigo grandes ondas de fadiga.

– Necessitas realmente de repouso – disse Lúcio, sublinhando com a mão categoricamente as suas palavras –, necessitas de repouso, e se tivesses consultado novamente o médico, ele te confirmaria minha opinião. O melhor seria agora que te deixássemos sozinho.

Não se podia negar a necessidade de repouso: era até uma doce, realmente sedutora necessidade, que acabava de manifestar-se, acarretada pelas ondas de cansaço causadas pelo frio. Oh, urgia combatê-la! Combatê-la imediatamente! E por isso era oportuníssimo que Lúcio tivesse pronunciado o desejo de chamar o médico, e este, obedecendo ao apelo,

assumisse forma imponente, saindo do diáfano formigueiro de vultos, para acercar-se, invariavelmente corpulento, com um sorriso polido nos lábios:

– Estás curado, Virgílio, e tenho orgulho em poder comunicar-te isso, pois minha arte contribuiu, como, modéstia à parte, tenho o direito de asseverar, mui consideravelmente para esse resultado favorável.

Era uma informação agradável, embora nada surpreendente:

– Estou curado...

– Há nisso um pequeno exagero, ainda que, graças aos deuses, possa ser mais ou menos exato – ouviu-se a voz de Plócio, vinda do avarandado.

– Estou curado...

– Em breve estarás – corrigiu-o o escravo.

– Manda-o embora – a voz do menino soava fraquinha, lamentosa –, manda-o embora, se desejas sarar; ele quer matar a ti também.

O acometimento de fria fadiga tornava-se quase palpável; partindo da gigantesca geleira, ela mesma convertia-se em bloco de gelo, convertia-se em onda coagulada, que encerrava, envolvia, triturava, ardente em seu interior, impondo cálido repouso em tal envolvente petrificação:

– Estou curado, o médico não mentiu.

– Pode ser, pelo menos na medida em que um médico é capaz de falar plena verdade; mas dessa faz parte, sem dúvida, que tens de comportar-te como um convalescente, que não tencione adoecer de novo! – disse Lúcio, que se pusera de pé. – E nós, nós vamos sair.

– Ficai!

A voz falhara; a palavra já não foi ouvida.

– Oh, deixa que saiam, deixa que todos saiam – implorava Plócia mui insinuantemente, sem que, todavia, lograsse ocultar seus íntimos temores –, e despede também aquele ali, cujos braços te cingem; meus braços são mais macios que os seus, e ele é uma criatura repugnante.

Eis que se tornou claro que o candente abraço de gelo provinha dos braços do gigante, que este o levantara da cama e da própria terra, e que no seu enorme peito, em cuja imensidão já não palpitava nenhum coração e não soprava nenhum alento, devia ser encontrada a terrível, a suavemente sedutora paz do inexorável.

Barro era a terra da qual fora levantado, mas igualmente terráqueo e poderoso como o barro primordial da terra era o gigantesco peito, no qual se encostava.

– Ele me esmaga – suspirou desesperadamente o garoto, já na extrema debilidade.

– Seu tempo esgotou-se – disse o gigante, e isso quase se assemelhava a um sorriso. – Não lhe faço nenhum mal; quem o faz é o tempo.

Poderoso como a terra era o gigante, sustentando a terra, sustentando a paz, sustentando a morte... Não lhe caberia sustentar o tempo também?

– Sem tempo sou – replicou Plócia –, não envelheço; não permitas que ele mate a mim também!

Tratava-se de salvar Plócia ou o menino? Tratava-se de salvar a si mesmo? Tratava-se do testamento ou da *Eneida*? Mais intenso, mais pesado, mais poderoso ainda tornara-se o abraço, cada vez mais gélido, cada vez mais candente; o candente e o gélido já confluíam num único ser, levando o ser ao não-ser, para que com ele se unisse; a paz já se tornava tão densa que quase nenhum som escapava dela, nenhum som suscetível de rompê-la; ela já parecia inquebrantável, e um derradeiro esforço carecia ser feito, não a favor de Plócia 'nem do garoto, não, em prol de si mesmo:

– Quero viver... ó mãe!

Foi um grito? Não se podia averiguar se ultrapassara ou não os limites da quietude. No peito do gigante não havia pulsação nem alento; sem pulsação nem alento ficara o mundo. E provavelmente demorou muito tempo até que aquele dissesse:

– Liberto-te, não por causa dos rogos da mulher nem por causa das súplicas do garoto, nem tampouco por causa do sim, deviam pressenti-la, porque de outra maneira não resistiriam tanto a um último desejo, que já almeja a morte!

E Lúcio disse:

– Não quero mais uma vez contradizer-te, mas .

– Não acrescentes nenhum "mas", meu Lúcio Ali no canto encontra-se minha bagagem, e no saco de viagem acharás tudo o que precisas para escrever, com todos os demais apetrechos...

Plócio meneou a cabeça:

– Está bem, temos que fazer tua vontade, uma vez que não é possível deter-te...

Em face de tamanha condescendência, não seria nem conveniente nem agradável confessar aos dois a persistência das moléstias físicas; mas o

perigo de um calafrio tornava-se perceptível:

– Mandai vir para mim um segundo cobertor...

No rosto amuado de Plócio começou a mostrar-se sua preocupação, intensificando o enfado:

– Tu sobrecarregas as tuas forças.

– Quero apenas um segundo cobertor... nada mais.

– Vou procurá-lo – disse Lúcio.

Mas, mal chamara Lúcio à criadagem, para solicitar o que o poeta desejava, e já aparecia o escravo munido do cobertor; não era nenhum gigante, e seu rosto impenetravelmente severo era o de um simples lacaio; ágil e cortesmente estendeu sobre o leito o segundo cobertor e colocou em cima dele novamente o raminho de louro consagrado pelo contato com o Augusto; e isso se produzira com tanta rapidez, estivera tão pasmosamente bem preparado que havia motivo para perguntar-se se a solicitação fora necessária e justificada... Não se tratara apenas de um pretexto para conseguir que o escravo voltasse? ou de um pretexto para que retomasse sub-repticiamente? Isso carecia ser esclarecido:

– Não estiveste aqui agora mesmo?

– Recebi a ordem de não te abandonar nem um instante.

O garoto Lisânias deslizou da mesa e achegou-se muito, talvez para evitar que o escravo o deslocasse novamente:

– Permaneci a teu lado sem nenhuma ordem e fico aqui sem ser mandado.

O que o menino dizia não tinha importância; quase que se parecia com uma língua esquecida, mal compreensível, ao passo que as palavras do outro, apesar de seu tom reservado. inspiravam estranha confiança:

– Por que não vieste antes?

– Também tu devias servir, antes que eu pudesse servir-te.

Preocupado, Plócio acabava de passar a mão sob o cobertor, a fim de apalpar os pés frios do enfermo:

Estão gelados, meu Virgílio.

– Mas agora me sinto muito bem, Plócio.

– Oxalá seja verdade o que afirmas – disse Lúcio –, e aqui tens tudo o que desejaste. – Dá-me o papel.

Lúcio ficou pasmado: – Mas como? Será que tu mesmo tencionas escrever?

– Quero ver o papel... me dá...

– Não sejas impaciente, Virgílio; aqui está ele. – E Lúcio, que abrira a pasta de couro, retirou da pilha de papel cuidadosa e corretamente cortadas as folhas superiores, para entregá-las ao poeta.

Ah, sim, era bom papel, daquela lisura áspera, fresca que a pena prefere, e fazia bem fazer deslizar sobre ele a macia ponta de um dedo, como se se quisesse começar a escrever. E ao mantê-lo contra a luz, distinguia-se na cor ebúrnea a granulação da contextura. Oh, a primeira aplicação da pena na folha branca, limpinha, a primeira linha traçada para a criação, a primeira palavra para a entrada no imperecível!

Doía separar-se disso:

– Ótimo papel, Lúcio...

– Branco e liso e tenro é meu corpo – sussurrava Plócia num suavíssimo lamento –, mas tu não querias tocá-lo.

Lúcio retomou a folha, passou por sua vez cautelosamente o dedo pela superfície lisa e também manteve o papel contra a luz.

– Excelente – confirmou como entendido –, ótimo papel. Em seguida, sentou-se para escrever.

Intocável tinha sido Plócia; excessivo peso houvera no seu destino e todavia fora este demasiado leve para que pudesse ser carregado, para que fosse lícito carregá-lo; desconhecida, desaparecera em regiões irreconhecíveis, onde já não existe nenhum encontro; somente restara seu anel, e ela não mais aparecia.

Plócio disse: – Se apenas se trata de um codicilo e não de uma alteração do teu último testamento, poderás ser extremamente breve.

Não, Plócia não aparecia. Em compensação se desprendiam do formigueiro de sombras outros vultos, por parte singularmente familiares, por outra só dificilmente identificáveis, já que logo voltavam a sumir, todo tipo de gente, entre ela muitas meretrizes de perucas loiras, muitos borrachos e comilões, mas também garçons e rapazinhos bonitões. Por um instante, surgiu o Aleixo, se é que se podia reconhecê-lo de trás, pois o jovem mantinha-se junto ao parapeito de um navio, contemplando a água, na qual boiava toda a espécie de detritos. E o garoto disse exortadora e melancolicamente:

– Trilhamos lado a lado todos os caminhos, e te conduzi através de tudo aquilo; ah, tomara que te recordes disso...

– Conheço muitos...

– Já começaste a ditar? – perguntou Lúcio.

– Conheço muitos... – Não, já não se podia distinguir pessoa alguma; só uma única ainda se conservava perceptível, e isso era assombroso, já que a despedida de Octaviano fora dolorosa e definitiva; não seria possível repetir tal despedida, mas agora, contra qualquer combinação, o Octaviano estava novamente presente; mantendo-se à margem do formigueiro de sombras, quedava-se ao pé do candelabro, e ainda que ele mesmo estivesse invisível, fixava seu olhar sombrio no escravo, para que este o autorizasse a falar.

– Fala – ordenou o escravo –, dá tua ordem.

Então o César deu-a, e no fundo nem se tratava sequer de uma ordem genuína:

– Permito-te, ó Virgílio – disse –, que prejudiques os herdeiros do teu primeiro testamento em favor de teus escravos. – Assim há de ocorrer; quero beneficiar os escravos, mas, além disso, preciso resolver a questão da *Eneida* e da sua publicação.

– Eu mesmo me encarregarei do poema.

– Isto não me basta.

– Virgílio, será que não sabes quem sou?

E o garoto disse:

– Olhe, a estrela está subindo, o astro de Enéias, o que pertence ao César e propicia aos campos a bênção de uma alegre colheita e fecunda a uva no parreiral, para que chegue à purpúrea madureza.

– Compreendo – disse Lúcio –, pensas nas disposições relativas à edição da *Eneida*... E o que não te basta nelas?

O garoto mentira; não se podia avistar nenhuma estrela, e muito menos aquela que fora prometida, para que voltasse a luzir na iminente madureza do tempo; não se divisava a estrela do encontro, da qual dependem todo o conhecer e todo o reconhecer, o grande mistério revelador, que faz parar, enchendo-a, a vazia corrente do tempo, e provoca um novo começo no que misteriosamente não se pode deter... Não, o garoto mentira, pois, nada disso se podia avistar, nada ainda!

– Ainda não e todavia já! – Quem acabava de proferir essas palavras? O garoto ou o escravo? Ambos olhavam em direção ao Oriente, unidos em nova comunhão pela mirada dirigida ao leste, e no firmamento oriental há de elevar-se o astro.

– Em direção ao Ocidente resplandece o astro dos Júlios – falou a invisibilidade do César –, e no entanto não mais queres contemplá-lo,

Virgílio... Nunca cessará teu ódio?

– Com amor dediquei a *Eneida* ao Augusto, mas muito além do seu ser reluz nas alturas o novo astro.

O César não dava mais nenhuma resposta; silenciosamente, afundava-se no invisível.

– A *Eneida*... – fungando um pouco, Plócio cofiou com ambas as mãos a coroa de cãs –, pois é, a *Eneida*, para todos os tempos brilhará nela a estrela dos Júlios.

– Se te entendi, bem, deverá antes de mais nada ser incluída no testamento a cessão da *Eneida* ao César – disse Lúcio, imergindo a pena no tinteiro e aguardando de rosto atento indicações mais precisas. Entretanto aguardou em vão. Pois imergira a pena não no tinteiro e sim no açude que se estendia diante da casa de Andes; realmente, já não estava sentado a uma mesa comum, pelo contrário, subitamente se edificara em cima dela toda a chácara de Andes, a chácara que doravante pertenceria a Próculo, e atrás dela, qual reprodução em dimensões reduzidas da quinta, achava-se o sepulcro, prisão construída de cinzentas chapas de chumbo, enquanto as ondas da baía do Posílipo com brilho de ouro se fundiam, crespinhas, com as do açude; realmente, o Lúcio imergia sua pena no açude, e leves círculos de água avançavam do lugar da imersão rumo à orla do açude, a cujo redor grasnavam gansos e patos; os pombos arrulhavam nas varas do poleiro, e ademais, aglomeravam-se em torno da mesa inúmeras pessoas na expectativa do Testamento; mas, posto que se pudesse ainda compreender que Cebes se achasse entre elas, porquanto deveria morar na chácara, parecia mais do que inconveniente que o Aleixo, que chegava flanando ao longo da dupla curva da estrada de acesso, vagabundeasse por ali também. Inadmissível era a enxurrada de gente ao redor do testamento, tão inadmissível que o escravo teve que intervir; mas só a contragosto aquela gente se deixou rechaçar por ele a regiões invisíveis; isso demorou bastante tempo, e quando finalmente se realizou e a mesa outra vez se estendia, desembaraçada diante de Lúcio, este se fez notar novamente, quase impaciente:

– Estou pronto, Virgílio.

Custou considerável esforço readaptar-se à situação; no fundo, Lúcio deveria, ele mesmo, perceber isso:

– Em seguida, meu Lúcio...

– Não te apresses... a coisa não tem nenhuma urgência – disse Plócio.

– Antes de começarmos, escutai-me, meus amigos... Lembrai-vos das palavras do Augusto...

– Claro.

– Pois então, o César conhece bem meu primeiro testamento, e julgo adequado que vós, que me assistis, estejais igualmente a par de seu conteúdo...

– Não estamos sós... – interrompeu-o Lúcio, apontando para o escravo.

– O escravo? Certo, reconheço-o...

Conhecendo e conhecido... era um encontro para sempre, era encadeamento para sempre, sempiterno encadeamento, interior tanto como exterior, com aquele que carrega a cadeia.

– Não querias há pouco mandar o escravo embora, por causa do testamento?

Era estranho que Lúcio ousasse falar assim; era uma falta de respeito, mas não tinha conseqüências: com fisionomia impassível, o escravo abandonou imediatamente o recinto e ao mesmo tempo permanecia nele, como se se tivesse duplicado.

Plócio Tuca cruzou as mãos sobre a barriga, pondo um polegar sobre o outro:

– Pois bem, agora estamos sós.

Com bastante desdém e altivez, Plócia redargüiu:

– Para que quereis ficar sós? O amor necessita de solidão, mas vós não careceis dela, uma vez que falais de dinheiro.

– Não se trata de meu dinheiro; já não é meu dinheiro... Plócia o melindrara ao falar desse modo, pois, por mais distante que se encontrasse, tinha que saber que nunca se tratara de dinheiro e de bens materiais.

– Dispuseste no testamento de teu próprio dinheiro e dele estás dispondo agora também – replicou Plócio. – Todo o resto de que falas são balelas.

Felizmente se podia responder a essa objeção, sem comprometer a Plócia:

– Recebi meu dinheiro pela graça e bondade de meus amigos, e por isso é apenas justo e correto que o devolva a eles... Por esse motivo continuo ainda duvidando se estou ou não autorizado a favorecer tanto

como fiz no meu primeiro testamento a meu irmão Próculo, que muito amo por causa de seu caráter reto e bondoso.

– Balelas, outra vez!

– Uma antiga, veneranda tradição e o bem do Estado requerem que as fortunas se conservem no seio da família, à qual cabe cuidar delas e dedicar-lhes todo carinho – disse Lúcio com um sorriso malicioso.

– Para falar seriamente, Virgílio – constatou Plócio –, podes e deves dispor de teus bens a teu bel-prazer; o que quer que tenhas obtido é exclusivamente resultado de tua obra.

– Minha obra não está absolutamente em proporção com a abastança que me foi propiciada por meus amigos, e por isso decidi que, antes de mais nada, minha casa romana no Esquilino e também a casa de Nápoles voltem ao César, ao passo que minhas terras na Campânia sejam devolvidas a Mecenas... Peço além disso ao Augusto que permita que Aleixo, o qual há anos habita aquela casa no Esquilino, possa prosseguir morando nela, e rogo o mesmo favor da parte de Próculo, com respeito a Cebes, para que este encontre sempre em Andes aquela acolhida que faz bem a sua delicada saúde e a sua poesia; pois, a ambas, a vida no campo tem sido conveniente e até essencial... Realmente, para ele seria o melhor que ajudasse lá a cultivar a terra.

– Fora disso, os dois não receberão nada?

– Pelo contrário... Não é segredo para ninguém e ainda menos para vós que meu patrimônio em dinheiro ultrapassa longe minhas necessidades e que ele, posso dizer, contra minha vontade, porém segundo a vontade de meus amigos, cresceu desmedidamente, a ponto de elevar-se a alguns milhões... pois então, dessa fortuna, caberão a Cebes tanto como a Aleixo legados de cem mil sestércios para cada um dos dois; além disso, previ ainda alguns legados menores, que não preciso especificar neste momento e aos quais os que se destinam aos meus escravos terão de ser acrescentados...

– Está tudo muito bem – aprovou Plócio. – Muitas das tuas disposições se modificarão de qualquer jeito no decorrer dos próximos anos, e posto que pretendas desprezar o dinheiro, continuas sendo um camponês, que, como todos os camponeses, no fundo do seu coração está convicto de que os deuses às vezes gostam de outorgar sua bênção sob a forma de dinheiro, de modo que tua fortuna crescerá ainda mais...

– Não vamos discutir isso agora, Plócio... Mas, seja como for, descontados os legados, a metade do que possuo em dinheiro deverá ser de Próculo e uma quarta parte, de Augusto; o resto terá de ser dividido em partes iguais entre Lúcio, Mecenas e ti... Em princípio, será isto.

Nuca, rosto e calva de Plócio acabavam de cobrir-se de um rubor escuro, com reflexos roxos, e Lúcio levantou as mãos ao céu:

– Que idéia, Virgílio! Somos teus amigos, mas não teus herdeiros!

– Vós mesmos me permitistes dispor de minha fortuna segundo meu próprio arbítrio.

Um homem coxo aproximou-se ameaçadoramente do leito, brandindo a bengala:

– Quem tem dinheiro recebe mais; quem não tem nada recebe nada! – berrou, e se o escravo não o tivesse desarmado, fazendo com que o sujeito, resmungando, retrocedesse ao nada, sem dúvida teria desferido bordoadas.

– Sim, e esqueci que, entre os legados, queria incluir um de vinte mil sestércios para uma distribuição de alimentos à população de Brundísio.

– A isso podes aditar logo a minha parte da herança – rezingou Plócio, enxugando os olhos.

– O que recebereis não se pode sequer comparar com aquilo que me foi dado por vós!

A fisionomia de Lúcio Vário, ágil como a de um ator, tornou-se irônica:

– Ó Virgílio, será que queres mesmo asseverar que eu em alguma época te dei muito dinheiro?

– E será que queres mesmo asseverar que não me precedeste na poesia épica? Que não aprendi inúmeras coisas de ti? Responde, Lúcio! Será que isso pode ser compensado em dinheiro? I! até uma boa sorte que nunca tenhas dinheiro e sempre estejas necessitado, pois, sendo assim, o legado tem pelo menos alguma serventia...

O rubor do rosto de Plócio ainda não se dissipara, mas o que agora lhe retesava as gordas bochechas era uma expressão de ira e ofensa:

– A mim não deves verso algum, e sou bastante rico para poder renunciar ao teu dinheiro...

– Ó Plócio, devo então pospor-te a um doidivanas como esse nosso Lúcio? Há trinta anos, vós sois meus amigos, e tu me ajudaste não menos do que ele fez com seus versos; nem quero falar do que tenho

recebido de ti em valor monetário... Sois meus mais velhos amigos, sempre estivestes ligados a mim, e por isso convém que também estejais contemplados com parte da herança, e tu aceitarás o legado, terás de aceitá-lo, porque te rogo esse favor...

– Teu mais velho amigo sou eu – objetou o garoto.

– E Plócio, como todos sabem, tu também és um camponês; é lógico que o que disseste com relação a mim valha igualmente para ti...

Ai, falar tornava-se novamente bastante penoso!

– Mas não quero que meus amigos se recordem de mim exclusivamente através de algumas cifras... Minhas moradas em Nápoles e em Roma, a mobília e os objetos de meu uso pessoal... meus amigos, quer dizer tu, Plócio, e tu, Lúcio, mas também Horácio e Propércio... vós devereis tirar dali todas as coisas, inclusive, sobretudo, os livros, que bem vos aprouverem e possam servir de lembranças... O que sobrar passará a Cebes e Aleixo... Meu anel-sinete...

Com o punho cerrado, Plócio golpeou a roliça coxa:

– Agora chega!...Que mais desejas dar-nos ainda?

O visível voltava a distanciar-se, e os ralhos de Plócio, por fortes que fossem, chegavam como que surdinados; melhor seria terminar, mas havia tanta coisa, sim, tanta coisa que acrescentar:

– De vós dois... de vós dois exijo ainda um serviço como recompensa...

– E de mim exiges nada? Despachas-me simplesmente? – queixou-se Lisânias, – Lisânias...

– Revela-nos finalmente onde se esconde o rapaz...

– Pois é, onde se escondia ele? – mas o próprio Plócio não era muito mais visível e audível que Lisânias; subitamente se escondera da mesma forma no inatingível, e este existia ali atrás de uma grossa chapa de vidro, que se turvava cada vez mais, como se quisesse converter-se numa parede de chumbo.

Não reclamaria Plócia agora seu anel?

– Então seremos nós que deveremos procurar em teu lugar aquele misterioso garoto? – gracejou Lúcio. – Será isto o que exiges de nós? – Não sei...

– Estou diante de ti, ó Virgílio; eu, Lisânias, estou diante de ti; basta estenderes a mão; oxalá agarres a minha!

Era imensamente complicado levantar a mão; ela recusava terminantemente obedecer, e em seguida, apanhou o vácuo, o cego e mais cego.

– Recoloco qualquer olho, qualquer olho arrancado – disse o médico. – Mira no meu espelho e logo tornarás a ver...

– Já não sei...

Eram palavras? Que caíra subitamente no nada? Essas palavras ou alguma coisa diferente? Momentos atrás, – houvera ainda alocuções compreensíveis, certamente brotadas da sua própria boca, e de repente nada disso existia, tinham deslizado rumo ao nada, haviam-se convertido em estranha balbúcie, desgarradas na confusão das vozes, encerradas em gelo e fogo.

Mas, eis que o coxo se apresentava novamente, e com ele um gigantesco séquito de vultos espectrais, um cortejo tão comprido que uma só vida não seria suficiente para contar sua multiplicidade; realmente, toda uma cidade vinha chegando, não, muitas cidades, não, todas as cidades do orbe; os passos arrastavam-se pelo chão de pedra, e uma gorda megera gritou:

– Vai para casa!...Vamos! Vai para casa!

– Toca adiante – ordenou o coxo –, toca adiante, tu que te consideras poeta e pensas ser algo especial; toca adiante, és um de nós...

– Avança, tu que desaprendeste a caminhar e precisas ser carregado – clamou a marafona, completando a ordem, para que esta se tornasse mais eficaz.

Uma estrondosa gargalhada das demais mulheres acompanhou essa fala, e seus dedos estendidos apontavam de modo impudico, sem que realmente ocorresse algo lascivo. para a viela da miséria, na qual o séquito entrava a essa altura. Escadaria abaixo conduzia a caminhada, não se podia avistar o fim da viela, tão longe descia ela; mas, em meio a uma multidão de crianças que brincavam ali, por entre as cabras, os leões, os cavalos, correndo por sobre os degraus, encontrava-se o Lisânias, e tocha na mão – o toco já estava apagado, frio, carbonizado – peleava alegremente com os companheiros, como se nada no mundo existisse além de tal brinquedo.

– Então me conduziste de volta, apesar de tudo, Lisânias, ainda que nunca quisesses admiti-lo!

Vejam só, o Lisânias nem sequer respondia; como se estivesse diante de uma pessoa estranha, apenas lançou um olhar fugidio, para logo

depois entregar-se novamente ao jogo.

Descia-se degrau por degrau.

Mas o Plócio que também estava sentado na liteira, deixando as pernas gordas bambolearem pela beirada, opinou ponderadamente:

– De volta? Claro, nós te reconduzimos à vida.

– Sai daqui – disse Plócia –, aqui há um fedor horrível, asqueroso.

Sim, fedia mesmo; cada qual das bocarras dos portões, escancaradas nos bolorentos muros, cada qual exalava do corpo da casa um atordoante cheiro de fezes, e nos negros calabouços fediam os agonizantes anciãos desnudos. Também o Augusto jazia lá, gemendo.

Descia-se degrau por degrau, a passo intermitente, porém sem parar.

Massas de povo e mais massas de povo, ávidas de símbolos, ávidas de triunfos. E no meio delas, no meio dessa gente que se empurrava e se entrechocava, o Lúcio estava sentado, a escrever; estava sentado ali, entregando-se com autêntico afã ao seu trabalho; anotava tudo o que acontecia dentro e fora, e enquanto escrevia, levantou a cabeça:

– Que mais devemos fazer por ti, Virgílio? Que exigiste de nós?

– Tomar nota, tomar nota de tudo...– O testamento?

– Não precisas de nenhum testamento! – a voz de Plócia passou em disparada, voando fininha, aguda, que nem um mosquito, para logo sumir, adejando como uma libélula. – Oh, não! não precisas dele, já que viverás eternamente comigo.

Um negrinho sírio, a carregar na coleira uma corrente quebrada – onde ficou seu companheiro caolho? – subia, saltando, pela escadaria, coando-se por entre todos os vultos, e ao fazê-lo, jubilava:

– Começou a Idade de Ouro... Saturno governa no mundo … O que estava em cima está embaixo; o que estava embaixo está em cima... Quem se recorda deve esquecer; quem se esqueceu tem o direito de recordar-se... Desce, desce, grande porquinho que és... O futuro e o passado são uma e a mesma coisa, eternamente, eternamente, eternamente!

Nesse meio-tempo, a aglomeração tornara-se cada vez mais densa. Que também a liteira, que boiava acima dela, chegasse a imobilizar-se totalmente era assombroso; sim, havia nisso uma surpreendente fagulha de esperança, tanto mais que tal esperança era confirmada inequivocamente pela atitude do médico; pois, não obstante sua obesidade, este se movia lépida e agilmente por entre as conglomeradas massas humanas, e

manejando seu espelho com grande habilidade, apanhava o dinheiro que lhe era oferecido de toda a parte pelos achacados, enquanto seus sorridentes lábios retribuíam os pagamentos com elegância e rapidez, como que espelhando-os:

– Estás curado... e tu também estás curado... pois é, tu saraste igualmente... e tu aí estás bem... Todos vós estais curados, todos vós... Maligna é a morte, mas vós estais bem...

– Maligna é a vida – disse o escravo, que, na verdade, não mudara de aparência, porém, em vez disso, talvez se encontrasse num lugar muito alto, já que olhava a liteira de cima.

Então se levantou o Augusto de seu leito de farrapos; a passo inseguro, cambaleante, aproximava-se, e da coleira que levava, como se fosse o ex-companheiro perdido do pequeno sírio, pendia, oscilando, um pedaço de corrente, mas desta vez de prata, e igualmente insegura, trêmula era sua fala:

– Vem, Virgílio, vem comigo; deita-te a meu lado ali no meu leito, uma vez que nós temos que retornar, retornar cada vez mais longe; cabe-nos chegar aos nossos mais antigos ancestres; cumpre voltarmos à massa que nos sustentou e retrocedermos até ao humo do princípio...

– Sai daí! – ordenou o escravo.

Eis que se apagou tudo, e o próprio César, subitamente transformado em anão, encolheu-se, virando nada; as figuras humanas esboroavam-se, como se fossem sombras de fantoches, cujos fios houvessem sido cortados de repente, sim, parecia que se tivesse realizado o corte de todos os fios do mundo, parecia um esboroamento geral. exterior e interior, que começava ou terminava – era impossível verificar isso em face da rapidez – com um mergulho nas almofadas da cama-barco, que no mesmo instante reencetara sua serena viagem: deveras, era quase uma libertação, era como se se abrisse uma mão que o segurara, dentro e fora ao mesmo tempo, mão que antes tinha sido um brônzeo punho e logo se tornava suavemente apaziguadora, convertendo-se em doce paz.

– Vens agora? – perguntou Plócia; perguntava quase que impacientemente, e no entanto, no mesmo instante ainda, já se dava a resposta decepcionada-decepcionante: – Ai de mim, não queres...

– Sai daí! – ordenou mais uma vez o escravo. – Também tu és incapaz de trazer ajuda.

E em seguida, por esse único momento, perfeitamente visível, esvoou Plócia, corno se fosse diaba, de corpo ebúrneo, a cabeça coroada de flutuantes cabelos flamíferos.

Quem traria ajuda? A ninguém coubera remanescer, nem sequer a Plócia; todos eles haviam sido afugentados, e todavia se assemelhava a solidão à quietude. Sim, tudo estava muito quieto, numa quietude que era como que uma promessa, uma quietude crescente, que quase crescia acima de si mesma, a prometer um futuro passeio por bosques em flor, à sombra de loureiros, na terra prometida do estado pré-natal, e era como se, em virtude de tal promessa, a quietude se fizesse elemento formador e desabrochasse, ela mesma, ao estado pré-natal, que o caminhante anela, cujo esconderijo inatingível persegue no seu íntimo e que doravante já não precisará perseguir, porquanto será partícipe dele numa calma flutuação, de modo que ficará livre do tormento da busca, livre da existência, livre do nome, livre das dores, livre do sangue, livre do alento, ele, um caminhante no olvido e na pureza do esquecimento.

– O olvido tampouco te trará ajuda – disse o escravo.

Oh, quem ia trazer a ajuda, se nem sequer no olvido esta lhe seria prestada? Quem seria ainda capaz de consolá-lo pelo fato de não se poder corrigir o realizado sem conseguir recuperar o omitido? O realizado e o omitido estavam igualmente perdidos e selados... Que esforço seria ainda necessário, para que lhe fosse outorgada a libertadora e redentora ajuda? Certa vez falara uma voz, porém ela fora apenas anunciação e ainda nenhum ato; não se fazia mais ouvir, também ela caíra no esquecimento, assim como a sua própria voz estava perdida e selada no irrevogável.

E então disse o escravo:

– Só quem chamar a ajuda por seu nome participará dela. Invocar a ajuda? Clamar outra vez? Lutar de novo por poder respirar, combater mais uma vez o gosto de sangue na língua, mais uma vez ter de evocar a si mesmo e a sua própria voz, arfando de cansaço e cansado de arfar?! Ah, com que nome, já que o nome ficara olvidado?! Por um instante, por um breve instante, mostrara-se o imperdível semblante humano, de barro duro, pardo, firme, bondosamente forte no derradeiro sorriso, o perene rosto paterno no seu último descanso, e em seguida desaparecera novamente no inesquecível.

– Chama – disse o escravo.

Sufocantemente denso estava o sangue na boca, e inúmeras camadas de paralisia, turvas, opacas, impermeáveis ao som, jaziam diante de tudo aquilo que se encontrava lá fora, que podia encontrar-se lá fora, porém se mantinha irreconhecível; oh, irreconhecível era o destinatário do apelo, irreconhecível o nome!

– Chama!

Através de todos os sufocamentos, de todas as paralisias, carecia-se empurrar o apelo; ó voz que clama por outra voz!

– Chama!

–...Ó pai...

Fora pronunciado o apelo?

– Chamaste – disse o escravo.

Fora pronunciado o apelo? O escravo afirmara que sim, como se ele fosse o mediador instituído por aquele que devia receber o apelo e talvez já o tivesse ouvido, ainda que não quisesse responder por enquanto.

– Pede-lhe ajuda – disse o escravo.

E com a respiração restabelecida, a súplica foi feita sem esforço, espontaneamente, até sem nenhum pensamento preparatório:

– Vem a mim...

Era esse o momento da sentença? Quem há de pronunciá-la? Ou já foi pronunciada? Onde teria ocorrido isso? Ressoará ela audivelmente? Aparecerá como ato? Quando, oh, quando? A sentença a separar o bem do mal, a culpa da inocência, a sentença que invocará o nome e une com ele o inocente, a verdade real da lei a última e a única verdade... Oh, a sentença já fora pronunciada, e cumpria aguardar que fosse comunicada.

Nada sucedeu, não aconteceu o ato, e no entanto aconteceu algo, só que era quase impossível captá-lo; pois vinham emissários dali onde penetrara o apelo, vinham passando pelos ares em cavalos silenciosos, de cascos leves, vinham, como um eco ou como arautos do eco, e vinham muito devagar, tão devagar e cada vez mais devagar que quase se podia crer que nunca fossem chegar. Porém, até seu não-chegar era chegada.

Logo depois, mas ainda constantemente amortecido por muitas vidraças turvas, apenas vagamente visível, inclinava-se sobre o leito um rosto bondoso, redondo, e com som distante, com som surdina do, falou:

– Em que podemos ajudar-te? Queres beber mais alguma coisa?

– Plócio, quem te enviou?

– Enviou?… Se te apraz qualificá-lo assim, nossa amizade...

O Plócio não era o emissário; talvez fosse emissário do emissário ou ainda elo posterior da cadeia. E não se tratava tampouco desta ou daquela assistência, se bem que fosse um enorme alívio poder beber novamente; o gosto de sangue recusava ceder. Porém, ao começo da cadeia mantém-se o que enviou ao Plócio, mantém-se o que proporciona água ao sedento; até o não-chegar era chegada.

– Bebe, se tens sede – disse o escravo –, da terra brota a água, e o serviço que estás concluindo é ainda terrestre.

No peito tremulava algo com excessiva rapidez, e apesar dessa rapidez assustadoramente desmedida era como um sossego, pois era o coração, era o coração que ainda pulsava, sim, que até se deixaria domar mais uma vez, passando, aplacado, a uma pulsação mais calma, mais regular; quase que isso se parecia com o saber de iminência de uma vitória final, cheia de alegria:

– Domado para o dever... mais uma vez domado para o dever terrestre...

– Tu deves domar-te unicamente para teu restabelecimento, e fora dele, por enquanto não há para ti nenhum outro dever.

– A *Eneida*...

– ...voltará a ser teu dever, quando estiveres totalmente curado... Até então, encontra-se em segura custódia nas mãos do Augusto, e tu vais reobtê-la perfeitamente intacta.

Que o Augusto fosse capaz de guardar a *Eneida* tão fielmente sob aquele leito de farrapos, no qual tinha que permanecer deitado assim avelhantado, desnuda, impotente, era coisa que dificilmente se podia acreditar, e de qualquer modo soava ainda muito estranha a fala de Plócio, posto que não deixasse de ser inteligível; sua voz continuava surda, entorpecida, embora a vidraça tivesse começado a aclarar-se e dissolver-se. Tudo era incôngruo. Incôngrua era toda a obra humana. Incôngrua era a *Eneida*.

– Não alterar nenhuma palavra...

Desta vez foi Lúcio quem compreendeu logo:

– Ninguém se atreverá a mexer num manuscrito de Virgílio ou sequer fazer emendas nele, sem falar no fato de que o Augusto nunca admitiria tal procedimento.

– O César será impotente; não poderá garantir coisa alguma.

– Que deveria ele garantir? Não há necessidade de garantias. Tu te preocupas inutilmente.

Estranha continuava sendo a linguagem que lá se usava, a língua de um povo estrangeiro, cujos hóspedes somos, uma língua que mal compreendemos, ao passo que já esquecemos ou ainda não aprendemos a nossa própria; e certamente haviam sido muito mais familiares as palavras do Augusto, a despeito dos seus andrajos.

Plócio acabava de trazer a taça:

– Toma, Virgílio!

– Em seguida... Dai-me antes mais uma almofada.

O coração tremulava e carecia ser levado a outra posição, para que pudesse ser domado.

Num abrir e fechar de olhos, o escravo acorria com a almofada na mão, e enquanto a colocava cuidadosamente atrás das costas do enfermo, advertia-o baixinho:

– O tempo urge.

A água da fonte murmurava. De alguma parte vinha o obscuro cheiro de argila úmida; o mais claro de barro cozido e de vasilhas de cerâmica chegava, aportado por uma aragem, entrava facilmente nos pulmões e fazia bem. Em algum lugar, um torno de oleiro zumbia suavemente com agudo sussurro, que logo diminuía, tornando-se intermitente e insonoro, até finalmente parar.

– O tempo... é verdade, o tempo urge...

– Qual nada, não urge absolutamente – resmoneou Plócio.

– A realidade te espera – disse o escravo.

Realidade amontoava-se atrás de realidade: aqui a realidade dos amigos e de sua fala, atrás dela, a de uma recordação doce, inextinguível, na qual brincava um garoto, mais atrás as covas da miséria, nas quais o Augusto tinha que morar, mais atrás ainda as do caos de linhas ameaçadoramente quebradiço, desdobrado sobre o ser, sobre mundos e mais mundos, oh, e atrás dele, indistinguível, indistinguível a realidade real, a realidade da palavra jamais ouvida e no entanto esquecida desde sempre, desde sempre prometida, a realidade da criação que ressurgia, iluminada pelo astro do olho invisível, a realidade da terra natal... E a taça na mão de Plócio era de marfim.

Timidamente, talvez perturbada pela presença do escravo, talvez intimidada pela vontade mais forte dele, porém inteiramente convicta de seu

saber, Plócia fez-se ouvir mais uma vez, e sua voz provinha de esfera inaudível de uma lonjura infinitamente distante:

– Desprezaste minha terra natal; agora descansa, adormece ao meu encontro.

Onde estava ela? Ao redor do poeta, bem estreitamente, as paredes de golpe se haviam fechado, crescendo muito alto impenetráveis, verdejantes paredes de plantas, como se o plúmbeo cárcere se tivesse retransformado na obumbrada gruta frondosa, que outrora quisera cingir a ele e a Plócia… Interminavelmente desdobrava-se a espessa moita, desdobrava-se até à mais infinita lonjura, mas, em meio ao verde, resplandecia um arbusto de folhas douradas, quase ao alcance da mão, embora fosse necessário estendê-la por cima do largo rio, que imóvel, quase sem murmurar, passava; impossível deter o flutuante mistério! E dali, da ramaria do arbusto de ouro, ressoara a voz de Plócia, o som sibilino, leve da despedida.

Ai da desaparecida! Ai dela, que já perambulava do outro lado do rio, mais além de qualquer anelo, inacessível:

– Sem desejo...

– Assim está bem – disse Plócio –, está certo que não tenhas nenhum desejo.

– E se precisares de alguma coisa – acrescentou Lúcio – nós dois estamos aqui para isso... Há algum tempo disseste que ias pedir-nos alguma coisa.

Do outro lado do rio vazio! O rio sem beiras, sem fonte, sem foz; indistinguível o lugar onde surgimos à tona e onde voltamos a imergir, pois esse rio é a flutuação das criaturas, portadora dos tempos, portadora do olvido, em interminável retorno sem começo... Haveria um vado nesse rio? Fosse, porém, como fosse, com ou sem vado, ainda não se devia tentar atravessar o rio, e este passava, sumia, quando o escravo, já muito impaciente, insistiu na realização do essencial:

– Faze o que se tornou teu dever.

Soerguido nas almofadas, o poeta respirava com facilidade; a tosse ficara mais solta, e a fala voltou a soar natural; muita coisa, no entanto, continuava confusa:

– Ainda careço de guia.

– Deixaste tua obra no tempo, porque ela guiará através dos tempos; eis o que foi tua sabedoria, pois te viera o pressentimento da luz.

Atento, impassível, escravo a serviço de seu amo, assim se conservava junto à cama aquele que acabava de proferir essas palavras... Proferira-as realmente? Considerando-se a alteração que subitamente se produzira, devia tê-lo feito, e as palavras, mesmo que houvessem sido mudas, certamente teriam causado tal alteração: estava recomposta a primeira camada existencial da realidade, as coisas ao redor tinham reassumido sua aparência costumeira, familiares eram os amigos; deixara-se de ser hóspede num país estrangeiro de língua estranha, e ainda que a imagem da prometida e verdadeira terra natal, sem ser distinguível, se conservasse imóvel diante dos olhos, restaurara-se também aqui, na esfera terrestre por um instante, talvez só por um brevíssimo instante, a quietude.

E Lúcio confirmou:

– Teu poema propicia orientação, e continuará propiciando-a.

– A *Eneida*...

– Claro, Virgílio, a *Eneida*...

O rio desapareceu; a gruta frondosa desaparecera; apenas o murmúrio prosseguia, mas este provinha, certamente, da fonte embutida na parede.

– Não tenho o direito de destruir a *Eneida*...

– Ainda pensas nisso? – Na voz de Plócio vibravam desconfiança e enfado, prestes a degenerar em outra explosão.

O rio desaparecera, mas os campos estavam ainda estavam ali, estavam ali no tranqüilo zumbido da tarde, cheio do cricri dos grilos; ou talvez fosse o torno de oleiro que outra vez encetasse sua canção sibilada. Não, não era ele; apenas prosseguia o murmúrio da água.

– Destruir... não, já não quero destruir a *Eneida*...

– Agora estás realmente curado, Virgílio.

– Pode ser que seja assim, meu Plócio... porém...

– Que é que há?

Alguma coisa resistia ainda, alguma coisa profundamente arraigada, inextirpável, a exigir sacrifícios e a ansiar pela imolação; e o escravo, como se soubesse de tal resistência, o escravo disse: – Abandona teu ódio.

– Não tenho ódio a ninguém...

– Pelo menos esperamos que tenhas cessado de odiar tua obra – opinou Lúcio.

– Odeias o que é terrestre – disse o escravo.

Não havia possibilidade de contradizê-lo; o escravo dizia a verdade, e cumpria submeter-se:

– Quem sabe se não o amei em demasia...

– Tua obra... – disse Lúcio, pensativo, fincando os dois cotovelos na mesa e apertando, pensativo, a caneta contra os lábios. –. Tua obra... ama-a, como nós a amamos.

– Tentarei fazê-lo, Lúcio... Mas antes temos de preocupar-nos com a publicação.

– Logo que tiveres concluído o poema, trataremos da edição... Antes, certamente, não vais cuidar dela.

– Caberá a vós dois editar a *Eneida*.

– Era isso o que querias pedir-nos?

– Sim, era isso.

– Bobagem!...– Desta vez, Plócio encolerizou-se bastante. – Quem deve resolver teus assuntos és tu mesmo, ainda que nós com o maior prazer nos prontifiquemos a ajudar-te no trabalho.

– Queres excluir totalmente a possibilidade de que essa tarefa caiba unicamente a vós?

Plócio meneou a grande cabeça redonda:

– Nada se pode excluir inteiramente... Mas, nesse caso, recorda-te, Virgílio, de que nós dois somos uns velhotes; mais acertado seria escolheres um testamentário mais moço.

– Por enquanto, encarrego a vós... Seria para mim uma tranqüilidade, e quero deixar prontas as minhas disposições.

– Muito bem, não temos mais nenhuma objeção contra isso – anuiu Lúcio mui solicitamente.

– E vós tereis de assumir essa incumbência, tanto mais que recebereis como legado o manuscrito, não a título de recompensa, nada disso, e sim, porque me agrada a idéia de sabê-lo em vossas mãos...

Essa comunicação causou de certo modo assombro. Depois de alguns momentos de muda estupefação, ouviu-se uma ruidosa fungada, que provinha do peito de Plócio e dava a impressão de que ele novamente estava a ponto de chorar, ao passo que Lúcio, que aceitara o legado de dinheiro com gratidão, sim, mas também com perfeito comedimento – pelo menos permanecera sentado na sua cadeira –, desta vez levantou-se de um pulo, gesticulando violentamente:

– O manuscrito de Virgílio, o manuscrito de Virgílio...

Será que sabes avaliar a importância de teu presente?

– Um presente onerado de obrigações não é um presente.

– Oh, deuses, não é mesmo – suspirou Plócio, que finalmente conseguira controlar-se suficientemente, para que pudesse falar de novo. – Pois sim, mas em todo caso é preciso ponderar tudo com muito cuidado. Convém considerar que entregaste o manuscrito ao Augusto e não podes agora retirá-lo dele...

– A *Eneida* foi escrita em homenagem ao César... de modo que ele deverá receber a primeira cópia passada a limpo; este é o costume, e assim determinarei, e justamente por isso, ele há de entregar-vos o original sem nenhum problema.

Plócio achou a solução plausível, de modo que anuiu com a cabeça; entretanto apresentou ainda outra objeção:

– Mais uma coisa, Virgílio, que deves levar em conta...a saber... sou um homem simples, não sou poeta... A parte principal do trabalho recairá sobre Lúcio, e a ele deveria corresponder a posse exclusiva do manuscrito.

– Certo – disse Lúcio.

– Estaria certo, se vós dois não representásseis para mim sob todos os aspectos algo inseparável... Quero além disso que vós legueis o poema, inclusive a obrigação que o onera, reciprocamente ao respectivo sobrevivente, de modo que este terá que cumprir a mesma...

– Muito sábia, essa tua disposição – disse Lúcio.

– E que deverá ser feito, quando nós dois estivermos mortos? Também isso ocorrerá mais cedo ou mais tarde...

– Será vosso problema e já não será o meu. Mas podereis instituir como sucessores o Cebes e o Aleixo, o primeiro como poeta e o outro como gramático; ambos são jovens...

Plócio fungou outra vez, profundamente emocionado:

– Ó Virgílio, tu nos cumulas de presentes, e teus presentes doem...

– Hão de doer-te ainda mais, meu Plócio, quando participares do trabalho, pois verso por verso, palavra por palavra, sim, no fundo até letra por letra, o manuscrito terá de ser revisado com todo o cuidado... Essa faina não te caberá, portanto, e quase que me sentiria feliz, se aprouvesse aos deuses dispensar-me dela, para impô-la ao Lúcio em meu lugar...

– Não blasfemes...

– Pois é, será um trabalho duro que será conferido ao Lúcio, e em virtude disso pedirei no meu testamento ao César que o recompense devidamente.

Lúcio protestou:

– Virgílio, este não é um trabalho que se deva pagar; antes pelo contrário, eu poderia citar-te muitas pessoas que, se tivessem a oportunidade de executá-lo, ficariam tão felizes que pagariam com o maior prazer qualquer preço pela autorização... Tu sabes aliás muito bem que é assim.

– Não, absolutamente não tenho conhecimento disso, pois justamente para um poeta como tu és, meu Lúcio, para um poeta que tiver o dom de melhorar muita coisa ou até tudo e, portanto, de encontrar muitos trechos incoerentes ou necessitados de emendas, será penoso e mais que penoso limitar-se a uma simples revisão do texto...

– Certamente eu me absteria de tentar corrigir um verso sequer de Virgílio... Nenhuma palavra deverá ser acrescentada nem tirada. Compreendo claramente que só este pode ser teu desejo e que só assim se poderá cumpri-lo.

– Isso mesmo, amigo Lúcio.

– Para esse gênero de trabalho, o que se carece não são as capacidades de um poeta e sim as de um gramático traquejado, e creio que posso gabar-me de que não existem muitos mais qualificados para isso do que eu... Mas, Virgílio, que convém fazer com relação aos versos que tu e nós costumávamos chamar de pedras provisórias?

As pedras provisórias! Pois é, estas existiam ainda, esses versos encaixados apenas interinamente, e que mais tarde teriam de ser trocados por outros definitivos... Ai, não mais seriam trocados! Não fazia bem ter de pensar nisso, e a fala voltou a tornar-se fatigante:

– Deixa-os como estão, Lúcio.

A Lúcio, a solução não parecia boa; como se percebia, ele estava um tanto melindrado, quanto a si mesmo e quanto à *Eneida*, e sua missão se lhe havia amargurado até certo ponto:

– Está bem, Virgílio, está bem... Ora, no fundo, nem precisamos conversar sobre esse problema, porque mais cedo ou mais tarde tu mesmo te encarregarás da substituição daqueles versos.

– Eu?

– Claro, quem senão tu? Tu o farás, naturalmente...

– Nunca... – Fora a voz do escravo antes que a do poeta quem proferira essa exclamação.

– Nunca? – repetiu Plócio, encolerizado. – Será que tencionas apenas assustar-nos com esse tipo de palavrório? Ou queres realmente provocar ainda a ira dos deuses contra ti?!

– Os deuses...

– Sim, os deuses; eles não tolerarão que prossigas blasfemando...

E Plócio, com os braços dobrados à maneira de um remador, brandia os peludos punhos.

Os deuses não queriam que ele, o poeta, concluísse os versos, não queriam que emendasse as incoerências dos versos, pois toda obra humana deve originar-se no crepúsculo e na cegueira e portanto conservar-se na incoerência; eis a decisão dos deuses. E, sem embargo, a esta altura sabia ele que nessa incoerência há não somente maldição mas também bênção, não só a insuficiência do homem mas também sua proximidade do divino, não só a imaturidade da alma humana mas também sua grandeza, não só a cegueira da obra do homem, nascida da cegueira, mas também sua força de intuição, sem cuja cega visão nada absolutamente teria sido criado, já que as obras – e em todas elas encontra-se o germe para isso – convertem a quem as crie em criador, ultrapassando longe a si mesmas e ao que as executou: pois a incoerência total do acontecer começa, apenas, quando o homem atua no universo – nem no acontecer do deus nem no do animal há incoerência – e unicamente na incoerência revela-se a fecunda grandiosidade da condição humana, cujo alcance vai muito além dela mesma; entre a mudez do animal e a do deus acha-se a palavra humana, a aguardar que ela própria emudeça no êxtase, irradiada pelo olho, cuja cegueira se transformou em enlevada visão; cegueira extasiada, a não-frustração,

– Ó Plócio, os deuses... Recebi deles graça e ira, deram-me o bem e o mal... Fico-lhes grato por ambos .

– É apenas justo e legítimo... sempre é assim .

– Fico grato por ambos... A vida tem sido rica... Fico grato também pela *Eneida*, até mesmo por sua incoerência...Que ela se conserve então incoerente como está... mas, justamente por isso, Plócio, urge pôr em ordem o testamento… pela glória dos deuses...

– Não adianta argumentar com um camponês... Realmente não queres adiar a elaboração?

– Ele deve ser feito já, Plócio...Será que tu, ó Lúcio, poderás tomar nota de tudo, assim como eu o indiquei?

– Não se trata de uma incumbência difícil, meu Virgílio... Seria, porém, mais correto se tu ditasses teus desejos; recuso apenas anotar qualquer coisa que significaria uma recompensa ao trabalho de publicação...

– Está bem, Lúcio, quanto a mim, podes combinar isso posteriormente com o César...

– Queres então iniciar o ditado em seguida?

– Ditar, sim... Hei de ditar... – Seria ainda possível cumprir essa tarefa? – Hei de ditar, mas me dá um gole d'água, para que a tosse não volte a acometer-me e perturbar-me... E tu, Lúcio, podes entrementes apor a data ao documento... o dia de hoje...

Plócio alcançou-lhe a taça: – Bebe, Virgílio... e poupa tua voz, fala baixinho.

Fresquinha, a água descia pela garganta, e quando a taça estava vazia até às últimas fezes, houve mais uma vez a sensação de alívio e a voz obedeceu à vontade:

– Apuseste a data, Lúcio?

– Claro... Em Brundísio, no nono dia antes das calendas de outubro no setecentésimo trigésimo sétimo ano após a fundação da cidade de Roma... está certo, Virgílio?

– Sem dúvida, esta é a data...

O murmúrio prosseguia, o murmúrio da fonte que saía da parede, o murmúrio do rio irresistível, que, na verdade, tornara-se tão largo que já não se podia atingir a beira oposta, que nem sequer era possível avistá-la. No entanto, não era em absoluto necessário estender a mão em direção a ela, pois, já deste lado, aqui em cima da colcha da cama, ao alcance da mão, havia um brilho de ouro do sarmento de loureiro! Fora colocado ali pelo Augusto, pelos deuses, pelo destino, pelo próprio Júpiter; douradas resplandeciam as folhas.

– Estou pronto, Virgílio… E a voz obedecia à vontade:

– Eu, Públio Virgílio Marão, que atualmente me encontro no qüinquagésimo primeiro ano de minha vida, gozando de perfeita... espere um pouco... não escrevas "de perfeita" e sim "de perfeitamente suficiente"... ou seja, de perfeitamente suficiente saúde física e mental... repito, pois, gozando de perfeitamente suficiente saúde física e mental, sinto-me induzido a completar as minhas anteriores disposições testamentárias, que

foram depositadas no arquivo de Caio Júlio César Octaviano Augusto, acrescentando o que se segue... Tomaste nota de tudo, Lúcio?

– Claro...

E a voz obedecia à vontade:

– Já que o desejo do Augusto, que me cumulou de favores, lamentavelmente me impediu... não, risca o "lamentavelmente", e se ainda não o escreveste, tanto melhor… pois então, já que o desejo do Augusto, que me cumulou de favores, impediu-me de queimar meus poemas, determino: primeiro, que se deve considerar a *Eneida* como dedicada ao Augusto; mas, segundo, que todos os meus manuscritos se tornem posse comum de meus amigos Plócio Tuca e Lúcio Vário Rufo, estipulando-se que após a morte de um dos dois o sobrevivente seja automaticamente proprietário único. Confio aos dois citados amigos a revisão meticulosa da minha herança poética, que portanto pertencerá a eles; somente os textos cuidadosamente examinados terão validez; e, sobretudo, nada deverá ser acrescido nem eliminado; e desses textos, que serão os únicos válidos, terão de ser feitas as cópias para os livreiros, no caso de haver procura. Antes de mais nada, cumpre entregar ao César Augusto sem demora uma cópia limpa, correta. Disso cuidarão com máximo empenho Plócio Tuca e Lúcio Vário Rufo… Escreveste tudo, Lúcio?

– Escrevi, sim, meu Virgílio... e rigorosamente assim, teus desejos serão executados, se algum dia chegar realmente a necessidade de fazê-lo.

E a voz obedecia ainda à vontade:

– De acordo com a permissão do Augusto, estou autorizado a libertar meus escravos; isso deverá acontecer imediatamente após o meu trespasse, e cada qual desses escravos terá de receber um legado de cem sestércios por todo ano que tiver passado a meu serviço. Determino além disso que quanto antes se destine a importância de vinte mil... não, escreve: de trinta mil sestércios à distribuição de alimentos entre o povo de Brundísio. Todas as demais disposições relativas a meus bens materiais encontram-se no primeiro testamento, que mencionei inicialmente; este continua, portanto, em vigor, sem nenhuma restrição, excetuando-se a diminuição da massa causada pelos legados novos, acima especificados, o que, segundo espero, meus herdeiros principais, a saber o César Augusto, bem como meu irmão Próculo, e junto com eles, além de Plócio Tuca e Lúcio Vário, ainda Caio Cílnio Mecenas, não julgarão um ato pouco amistoso... Acho que é tudo... Certamente bastará... É suficiente, não é?

A voz já não obedecia à vontade. As últimas palavras já tiveram de ser tiradas de um enorme vácuo, e agora nada sobrava a não ser esse vácuo, um vácuo malignamente exaurido, ilimitado, imensamente vasto, e cuja grandeza tanto como seus rincões não podiam ser abrangidos pela vista, um vácuo de medo sem medo, vácuo de olvido, cheio apenas de uma vigilância de olvido singularmente incômoda, um vácuo por cuja cavidade a febre errava sibilando. Mas, perpassando-a invisível e furtivamente, havia ainda algo não dito, algo que sem falta teria de ser pronunciado, algo que tinha no entanto relação com todos os acontecimentos precedentes, de modo que carecia ser encontrado, pois, de outro modo não bastaria o que fora feito. Aquilo não era menos importante do que os próprios versos, que antes deviam ser destruídos e que agora cumpria conservar.

– Onde... onde está a mala?! Melancolicamente, Plócio levantou os olhos:

– Virgílio... nas mãos do Augusto... bem guardada… não te preocupes...

Mas, neste momento, aproximou-se o Lúcio com o documento, que deveria ser assinado, apesar de estar incompleto. Ou faltaria apenas a assinatura? Seria esse o algo que precisava ser descoberto?

– Me dá...

A assinatura estava aposta, mas o texto não era legível; as letras dançavam, entrecruzando-se, evidentemente devido à insuficiência das anotações.

– É necessário, Lúcio, que acrescentes ainda alguma coisa... que a acrescentes... Os cantos não deverão ser fragmentados...

– Sim, amigo Virgílio.

E, aguardando, Lúcio voltou a sentar-se em posição de receber o ditado.

– Os cantos... não deverão ser fragmentados e... proíbo que se adite ou omita uma só palavra...

Isso já foi incluído .

– Escreve... escreve-o .

Estava desamparado, e eram suas últimas energias; o vácuo não queria ceder mais nada, nenhum som, nenhuma reminescência, nem sequer o murmúrio gris da água. Unicamente os dedos levavam uma vida própria; vagavam pelo cobertor, entrelaçavam-se uma e outra vez, soltavam-se, só para se entrelaçarem novamente. Os cantos não deveriam ser rasgados, nada

deveria ser rasgado; isso fora muito importante, mas não era o essencial, ainda não era aquilo que se mantinha escondido nas trevas. Oh, nem sequer o vácuo deveria ser fragmentado, antes de ele entregar o que escondia em seu seio, e os dedos sabiam disso, pois vagavam perscrutando o vácuo; comprimiam-no entre si, para que ele cedesse o oculto, e enquanto, cada vez mais desesperados, apertavam-se uns contra os outros, produziu-se o acontecimento: entre os dedos, nas profundezas do vácuo, mal e mal perceptível, como se todas as brumas do firmamento se houvessem afastado, algo cintilava debilmente ali, desfalecendo como o suspiro de um astro evanescente, e todavia já se desprendiam dos lábios, qual suspiro de alívio, procuradas e até que afinal milagrosamente achadas, as palavras:

– O anel pertence ao Lisânias.

– Teu anel de sinete?

Dera-se satisfação às coisas da terra; agora reinavam esplendor e silenciosa leveza:

– Assim seja... ao Lisânias...

– ...que nem sequer existe – disse alguém baixinho; talvez fosse o Plócio.

– À criança...

IV

Éter - O retorno

Murmuraria ainda algo? Seria ainda o bondoso resmungo de Plócio, protetor, bom e forte? O Plócio, oh, que isso perdure, oh, que continue o murmúrio, sossegado e sossegador, brotando da inesgotável profundeza das esferas interior e exterior, agora que a labuta estava concluída, agora que o realizado era suficiente, que nada mais precisava suceder; oh, que isso perdure perenemente! E de fato, perdurava; murmurava e prosseguia murmurando; rolava suavemente, sem cessar, rolava suavemente até ele, onda após onda de murmúrios, pequenina cada qual delas, mas imensamente estendidos os círculos de sua totalidade; aquilo estava simplesmente presente ali, não havia necessidade de escutar para percebê-lo, não se carecia de nenhum esforço por retê-lo; sim, esse murmurante acontecer não queria em absoluto ser retido, pois pretendia avançar, entremesclado no fluxo das fontes, no fluxo das águas, fundido com ele na incolor e poderosa energia da tranqüilizadora corrente, portador ele mesmo, corrente ele mesmo, brandamente banhando a quilha e os costados do barco, deslizante espuma. Ignoto era o objetivo, ignoto o porto de partida; de nenhum molhe haviam zarpado, vindo de distâncias infinitas, e buscando o infinito, ocorria a viagem, porém firme e rigorosa em sua direção, guiada por mão segura; e se houvesse sido lícito voltar-se, inevitavelmente se teria avistado o piloto na popa, o amparo na carência de rumo, o prático que conhecia a saída do porto. Mas, não menos dedicado ao amparo e à amizade, permanecera ali também o Plócio, já que, degradado e promovido, assumira a faina servil no banco dos remadores, emudecido o murmúrio de sua boca, emudecido e cedido ao universo, quase imperceptível o arfar de sua respiração na facilidade com que tudo acontecia sem esforço nem dor; assim remava ele, C0m os braços dobrados, em silêncio, sobre a muda superfície d'água, com seu murmúrio incolor, e ao fazê-lo, não mostrava nem de longe aquela veemência que, no fundo, devia-se esperar dele; antes pelo contrário, os remos mal se erguiam, mal se abaixavam, para cortarem, sem ruído o líquido elemento: mais adiante, na proa, estava sentado Lisânias, ou talvez estivesse de pé, um garoto, que deveria cantar, para acompanhar a jornada; Plócio, porém, para o qual valia, como para todas as criaturas mortais, a proibição de voltar-se e que portanto não podia enxergar nem o menino nem a meta da viagem, Plócio não se virava. não se importava com o menino, mantinha sua mirada invariavelmente fixa, lançando-a muito além do passageiro e não a

afastando do piloto na popa, cujas indicações devia observar, e por cima deste, contemplava a imensidão do ocorrido, da qual procediam. A costa ficava atrás, e isso se parecia com uma fácil despedida das existências e das moradas humanas, que ali se encontravam, despedida no imutável, mas agora já alterado, despedida da multiplicidade de tudo quanto fosse familiar, das costumeiras imagens e fisionomias que lá existiam, e não por último do sepulcro que se esvaía no gris da bruma, mas também de Lúcio, que mui assiduamente continuava escrevendo e, na verdade, acercara-se, junto com sua mesa, tanto da beira do abismo da realidade que a queda das altas bordas da ribanceira rochosa parecia angustiantemente inevitável; e também era despedida de muitos outros, que ainda perambulavam por ali e às vezes, como, por exemplo, Horácio e Propércio, acenavam amistosamente de longe; imagens familiares, a recuar suavemente, sem nenhum pesar, ainda que, por enquanto, ainda estivessem dispostas a acompanhá-lo, e as águas pelas quais o bote deslizava estavam povoadas de bom número de embarcações; verdade é que havia só muito poucas que iam na direção oposta, voltando ao porto de saída, ao porto imemorial, porém inúmeras que vinham de lá, frota após frota, tantas que o imenso mar devia ampliar-se até alcançar uma segunda imensidão, a fim de oferecer a todas o espaço indispensável para a viagem, tão ilimitado que mal existia uma divisa entre os elementos líquido e gasoso e os navios pareciam pairar na própria luz, tão vasto que o mar semeado de barcos, que o comboio de naves que se encaminhavam a seu inescrutável destino comum já eram em si algo como um destino: o comboio assemelhava-se a um rebanho, e um leve rumor, qual nuvem invisível, circundava-o; ali estava representado todo tipo de embarcações, navios mercantes e vasos de guerra, entre eles também a suntuosa galera do Augusto, com sua pompa dourada e suas purpúreas velas; viam-se numerosos cúteres de pescadores e outros barcos costeiros, mas, sobretudo, um sem-número de minúsculos caíques, que surgiam de toda a parte, como se a água os tivesse parido. Tudo isso participava da interminável jornada, mas, por mais assombroso que pareça, todos andavam na mesma velocidade, quer se tratasse dos pequenos botes impelidos por um só par de remos, quer da nave do Augusto, propulsada pela massa de remadores distribuídos em diversos andares; passavam voando, como se todos estivessem desprovidos de peso, como se no fundo nem sequer devessem imergir na água, como se pudessem adejar por cima dela, e suas velas estavam tesas ao máximo, como sob a pressão de indistinguíveis

tempestades, que provinham do vácuo, pois reinava perfeita calmaria e, aquele leve rumor ressoava no nenhures. O mar movia-se, macio, cinzento, crepuscular, com ondas planas, tranqüilas, quase tabulares, e nessa lisura plúmbea e no entanto tênue como um sopro, diluía-se o murmúrio, diluía-se, inaudível ante essa penumbrosa força, que sustentava, leve como um sopro, o comboio das embarcações no seu espelho; anacarada e todavia incolor, a concha do céu abria-se acima disso; Plócio remava, e permaneciam atrás os ruídos da vida, que uma aragem trouxera das distantes, submersas praias; atrás permanecia no jamais atingível o canto das montanhas, atrás, no sempre fugaz, permanecia seu som de flauta, permanecia o próprio eco dos sons que haviam vibrado no peito dele; o audível reduzira-se ao jamais vivido, jamais vivido tornava-se o murmúrio, o murmurante passado universal, e – esse brilho delicado de ouro entretecido no céu! – o canto do garoto não chegou a ser cantado. Como se o silêncio ainda tivesse sido por demais barulhento, fizera-se uma nova, uma segunda quietude, quietude superior num plano superior, de ondas planas, brandas, lisamente tabulares, qual reflexo do espelho das águas, sobre o qual ela repousava; e depois que este já se transformara em algo novo, algo calmamente líquido, no qual os navios apressados já não traçavam sulcos, e constituía-se tão pouco de gotas que nenhuma se grudava aos remos levantados, tal metamorfose convertia-se logo em comunhão de espelho e contra-espelho de quietude e contra-quietude, convertia-se num estado intermediário comum, cheio de nova simultaneidade, de velocidade igual e até de audibilidade concomitante, fazendo com que o visível, o audível, o palpável, embora remanesci dos na invisibilidade, na inaudibilidade, na impalpabilidade de um infinito há muito abandonado, perdido, mesmo assim se mantivessem intatos, e posto que recaídos no inominável, contudo não perdessem nem seu nome nem sua essência... Aquilo permanecia atrás, e eles, no entanto, conservavam-se presentes, já que o barco os ultrapassava; mantinham-se visíveis, graças a tal superação, convertidos por ela numa permanência modificada, e nada se excetuava, pois aquilo que dessa maneira foi superado era o próprio universo, o universo na múltipla plenitude de seus conteúdos materiais e humanos: os navios, que, semelhantes a um rebanho, tinham saído, segundo parecia, para escoltá-lo e saudá-lo, mas a essa altura provavelmente haviam concluído sua missão, foram ultrapassados um a um, não numa espécie de competição, não numa corrida apostada; não, isso acontecia sem alteração

da velocidade, sem afrouxamento dos que ficavam atrás como que voluntariamente e sem aceleração do próprio barco dele, sem nenhum esforço; e ainda que o vigor do remador Plócio talvez tivesse contribuído um pouco para esse resultado, também este descansava agora, tomando fôlego e inativando os utensílios, inclinado para a frente no banco, autorizado a sossegar, porque os acessórios terrestres já não eram necessários para aqueles que por ali viajavam, e os remos, quer levantados para fora da água quer roçando-a de leve, tinham sumido em seguida, iniciando assim a diluição com que embarcação após embarcação e também a do Augusto eram retiradas da existência e caíam no esquecimento… caíam na imensidão que ficava atrás; o Augusto, porém, de pé sob o purpúreo baldaquim, na mão o curto látego de patrão, deixou-o cair, quando teve que reconhecer a inutilidade de qualquer empenho pela aceleração ou pela mera continuação da jornada; seu poder se lhe escapava, escapava-lhe junto com o nome, com todos os nomes que até então usara e dos quais agora devia desfazer-se, inclusive o de Octaviano; porém não se escapava a si mesmo, e na fugaz mirada que ainda lhe era dado enviar ao poeta, nessa despedida até nunca mais se verem, ate nunca mais retornarem, nessa despedida cansada do formoso e envelhecido semblante encerrava-se também para ele a permanência eterna, a permanência alterada, não perdida na perda, de modo que de repente, sereno de olvido o rosto, sereno de olvido o vulto, sereno de olvido o nome terreno, ele se afundou muito depressa – ai, tão depressa! – nas regiões do irrevogável; e no entanto, numa nova, numa superior calma, num plano mais elevado, obteve uma nova possibilidade de invocação, uma nova visibilidade. Pois a transformação que ali se produzira era a da exterioridade na interioridade, era a unificação dos rostos exterior e interior, era precisamente essa permuta desde sempre anelada, jamais conseguida e todavia agora chegada à madureza: de chofre, tão depressa como se dera sua queda no infinito, aquele que antes se chamara Augusto era agora visto de dentro, numa perspectiva interior, tal como em outra ocasião somente será concedida a quem sonhar, a quem se tiver desviado num sonho, nos momentos em que se esquecer da sua própria condição terrenal e – reconhecendo através do sonho – reconhecer-se na imagem de si mesmo, vendo revelado o derradeiro, inalienável, cristalino núcleo de suas qualidades como simples forma, como cristalino jogo de linhas e até como cifra vazia no último ser do sonho; tal perspectiva interior crescera neste instante acima de si própria

e se apoderara também do que ali desaparecia, do amigo. .. Oh, imperdível é quem se aviste de dentro, na sua mais desnuda unidade! O transformação do fim no começo, retransformação do símbolo na imagem primordial, ó amizade! E, embora pouca coisa jamais houvesse sido tão familiar como o rosto daquele ao qual, pela amizade, se pudera tratar de Octaviano, o mesmo acontecia a esta hora também com relação a todos os demais vultos, que ali navegavam em barcos etéreos, ultrapassados um após outro; seus semblantes sumiram na eternidade, sem sumirem, e o que quer que lá andasse, momentaneamente avistado e num repente já desaparecido, o que quer que houvesse sido ou ainda fosse seu nome... quem era aquela gente? Seria esse aí realmente o Tibulo, o melancólico, amoroso Albio Tibulo, na sua marcha juventude? Seria esse ali o Lucrécio, grande e duro na sua poderosa demência? E aquele lá não seria o Salústio, com a virilidade de um cinqüentão, em constante, imutável maturidade, não seria ele mesmo, o dador de nomes, despojado de seu próprio nome? E não seria aquele vulto acolá o venerando Marco Terêncio Varrão, dobrado pela idade, encolhido, mas sempre vigoroso, com o sábio, levemente irônico sorriso no rosto de ancião, que se esvaía? .. Oh, fossem quem fossem os que lá se tinham reunido para a fácil despedida da amizade, uma caravana de amparo e conforto, todos eles, rosto por rosto, barbudos ou imberbes, jovens ou velhos, homens ou mulheres, a perderem suas feições anteriores mais rapidamente ou mais devagar, todos eles haviam assumido a derradeira metamorfose, já que estavam a ponto de cair, com o último resíduo de seu nome, na esfera do irrevogável e do olvidado; neles, a fisionomia humana convertera-se na inefável, na indizivelmente clara expressão da sua essência básica, despojada de qualquer relação, profundamente verdadeira no ilimitado, anônimo eu; já não necessitavam de mediador terreno nem de invocação terrena de seu nome, porque todos, sem exceção, eram vistos de dentro, visíveis de dentro, conhecidos de dentro, incorporados, junto com o olhar de amigo, no acontecer de um autoconhecimento que provém do mais profundo interior do eu, da profundeza do eu, mais além do que possa ser objeto dos sentidos, e já não enxerga nem a pessoa sensível nem a metáfora sensível, senão somente a cristalina imagem primordial, a cristalina unidade das suas qualidades essenciais, unidade tão puramente alicerçada no fundo de seu ser, tão livre de recordações e por isso tão definitivamente relembrada que todos aqueles vultos amigos eram transportados para um novo estado intermediário da memória, um novo estado intermediário da

perceptibilidade, cheio de sombras luminosas no mudo som de sua quietude. Haviam entrado na segunda imensidão.

Quietude na quietude... Em toda a parte, as fronteiras estavam abertas, mas, ainda que muita coisa tivesse ficado atrás e permanecia em domínios nunca mais encontráveis, nada se podia perder no equilíbrio da órbita universal; realmente, por mais que se deixasse atrás, não resultavam disso nem empobrecimento nem solidão, senão algo que quase significava enriquecimento, uma vez que o esquecido permanecia guardado. O espaço da não-recordação incorporava-se um número cada vez maior de regiões do espaço da recordação, cada vez mais intimamente uniam-se os dois espaços, para formarem um segundo espaço de recordação dentro do primeiro, uniam-se num espaço de superior diafania da recordação, de superior infinidade da recordação, constituindo tamanha duplicação do ser numa nova unidade que também a fina, plúmbea quietude das águas e aquela que estava desdobrada por cima dela, como seu reflexo delicadamente dourado, fundiam-se por sua vez em nova unidade – recordação dentro da recordação! – juntadas naquele silêncio que acolhe ao cantor, antes de ele tanger as cordas, e em tal silêncio, ainda não tocada a lira, ainda sem espera a espera, também se estabelecera uma nova comunhão entre o que se cantava e o que se escutava, entre o cantor e o ouvinte, uma vez que nesse momento ribombava poderosamente a formidável mudez do cântico das esferas, nascida da mudez, porém igualmente nascida de ambos, ressoando da mudez, porém igualmente ressoando em ambos, a dualidade de ambos, tornada una, tornada una com a quietude, com a espera, com a lira, a unificação através do cântico, o ente acolhido pelo ser das esferas; já não existiam quem esperasse nem o que fosse esperado, já não existia quem escutasse nem o que pudesse ser ouvido, não havia quem respirasse nem a respiração, nem o sedento nem a poção; já não existia nenhuma dualidade na nova unidade dual, o dividido em dois fundira-se num acontecer unitário, para sempre indivisível, na própria espera, na própria escuta, na própria respiração, na própria sede, e a imensa flutuação, encerrada na unidade, era espera, era escuta, respiração, sede, convertia-se nisso cada vez mais, convertia-se nisso de modo mais e mais insistente e peremptório, mais e mais irrefutável, tornava-se mandamento, tornava-se anúncio, até para Plócio, pois, como se este soubesse da anulação de toda e qualquer duração, como se soubesse não só da unidade de início e fim, mas também da condição dual à qual toda a unidade está sujeita e à qual ele mesmo

igualmente devia submeter-se, ele abriu mão da unidade de seu ser e transformou-se, pelo menos por certo tempo, em dualidade, já que numa das duas configurações se manteve sentado, calmo, repousando no banco de remador, ao passo que na outra se levantou e se aproximou no vacilante andar de marinheiro, a fim de trazer novamente, sem dúvida pela última vez, a taça, para que o sedento – oh, tinha ele mesmo sede? – voltasse a beber; e quando isso ocorria – que assombro! – o que se bebia já não era nenhuma poção, o que se saciava já não era nenhuma sede, não! era um ato de participação, um ato de tomar parte na totalidade do ser duplamente espelhado, era a integração no infinito fluxo das águas, era a sensação de estar penetrado pela perspectiva interior da invisibilidade, mas, ao mesmo tempo, era saber sem saber no ponto onde se fecha o circulo do conhecimento, que abrange o nada, era o próprio processo de junção, era a fusão das duas direções do ilimitado, lá onde o futuro confina com o passado e o passado com o futuro, de modo que então – oh, duplicação dentro de duplicação, reflexo dentro de reflexo, invisibilidade dentro de invisibilidade! – já não se carecia nenhum mediador e nenhum utensílio, nem da taça, a conter o líquido, nem da mão, a oferecê-la; mal se necessitava da boca, para aceitar a poção; nada disso era indispensável a essa altura, porque toda a ação, seja ela o ato de beber ou qualquer outro, e mais ainda, porque toda a vida fora afrouxada e desprendida pela força de um entretecimento, que anulava toda discordância e já não tolerava nenhuma divisão; eis que o marfim da taça se transformava em sólido corno pardo, para esvair-se como tal numa leve nuvem da mesma cor, e junto com a taça sumia também todo o passado, não sob a forma de uma simples prestidigitação apresentada por um sonho, mas sim como um sonho verdadeiro, ao qual estivesse concedido manter-se na não-frustração; e justamente por isso desaparecera também Plócio, que, arrastado pela duplicação diluidora das formas, justamente por isso trilhara o mesmo caminho dos demais companheiros, afundando-se com eles, até o último resquício do nome, na eternidade, no não recordado, e no entanto conservando-se no relembrado, subsistindo como aquele que fora, subsistindo como amigo. Assim ocorria, enquanto o líquido sem umidade, a bebida sem sabor, passava pelos lábios e através da garganta, sem molhar os lábios, a língua, a garganta; acontecia a despedida de Plócio, acontecia com a ajuda de sua amizade. E circundados pelos raios do olho universal, velados pelas lágrimas do cosmo, pelo úmido olvido do todo, purificados

pela verdade, o olhar a buscar o olhar do amigo, podiam ambos permanecer assim sem pranto, isentos de sofrimento, redimidos do pesar, tão suavemente que tudo se tornava fácil, um adeus fácil,... quietude na quietude.

Já não havia nada que reter; nada carecia ser retido; já não existia nenhuma incoerência, e ele que bebera a poção, ele, Públio Virgílio Marão, também ele já não necessitava do nome; era lícito desfazer-se dele, deixar que desvanecesse numa mera noção, num delicado, prodigiosamente pudico olvido; pois, solitária, embora sem isolamento, prosseguia a jornada através da segunda imensidão. Não mais o acometia ânsia alguma; já não havia urgência de nenhum encontro. Também a luz se tornava mais solitária, ainda mais pura e mais casta do que antes; convertera-se em crepúsculo, num estranho, milagroso crepúsculo de indefinida duração, indefinível a hora de seu início, incalculável o seu prolongamento, já que o sol descido até à imensurável borda das águas não queria mergulhar nelas, como se estivesse tomado por uma leve indecisão, e muito ao contrário, conservava-se suspenso no céu sem nuvens, muito imóvel, luzindo debilmente, como que enfeitiçado pela procurada imagem do Escorpião, cingido pelo trepidante brilho do conjunto das estrelas. O tempo perdera sua duração, e sobre a vazia quietude adejava a jornada num calmo deslizar; embora desprovida de qualquer velocidade, apenas tateando, sem certeza de seu destino, a viagem tinha todavia seu norte, que podia ser lido nas estrelas. O garoto estava de pé na proa, rodeado de penumbra, ainda que sua figura se delineasse nitidamente diante do firmamento, de um firmamento cuja clareza ultra-longínqua já se estendia além de todos os limites de clareza, e sem que se pudesse dizer se desse modo expressava orientação ou saudade, ele levantava o braço, apontando para a frente, enquanto o corpo acompanhava o gesto, acompanhava o movimento de extensão, que almejava a meta e todavia não a lograva alcançar. Podia isso ainda ser qualificado de viagem, esse ato de deslizar, que já não se servia nem de remos nem de velas? Não seria antes imobilidade, simulação de movimento numa ilusão provocada pelo movimento contrário da cúpula sideral? Viagem ou não-viagem, era o estado intermediário do saber, continuava sendo isso, e calmamente o piloto lá atrás perseverava em seu posto, sensível com a força inteira de sua presença; constantemente provinha dele toda a segurança, e não do vulto do garoto por demais fugaz, por demais instável; não, quem determinava o rumo era o piloto, só ele, ainda que na

realidade a direção dependesse do movimento dos astros. Cada vez mais profundamente se abaixava o sol, com suas chamas morrendo num escuro rubor de fogo; seu fulgor tornava-se ainda mais pálido, apesar da perspectiva sem nuvens nem brumas, tão pálido que a penumbrosa clareza mais e mais se fazia noturna e o espaço sideral cintilasse com maior intensidade. O ambiente ficava noturno, posto que por ora não fosse noite; mais noturno ficava o silencioso canto das esferas, mais noturnamente calmo, mais noturnamente rico, atravessado pelo mudo golpe do címbalo da luz dos astros, e quanto mais vigorosamente este ressoava, separando um após outro os véus sonoros, tanto mais visível se tornava o garoto, tanto mais nitidamente se desprendia das trevas, e ao mesmo tempo manifestava-se que essa visibilidade procedia de um clarão quieto vindo da mão que a criança estendia para indicar o rumo, e esse clarão, que se intensificava lentamente, convertia-se no centro dos acontecimentos: era o anel designado ao Lisânias, que o ostentava com evidente orgulho, o anel que irradiava esse fulgor, um manto luminoso em torno dos ombros de Lisânias, e sua luz, que inicialmente se parecera apenas com a cintilação de uma estrela no crepúsculo cinzento da manhã ou da tarde, à beira do apagar-se ou acender-se, assemelhava-se neste instante a um brilho orientador, que adejava à sua frente, um sorriso estelar, a mostrar o caminho, alçado pela mão do menino, para que luzisse, um sopro igual a uma benfazeja recordação, originária do mais íntimo imo do espaço terreno do olvido, espaço esse perpassado por um fluxo de largura, altura e profundidade, por um fluxo de tempo, por um fluxo de dor de fogo e gelo; assoprado pela luminosidade do anel, chegava aquilo, por sua vez perpassado pelo fluxo das reminiscências, trazido com a suavidade de um eco, ingênuo como um eco, inerente como um eco à benfazeja abertura, dolorosa tanto como folgazona. Pois, nada mais tinha nome; unicamente o garoto Lisânias ainda possuía o seu, e a recordação, que penetrava o presente desmemoriado num momento de felicidade fugaz, essa recordação no estado intermediário de sensibilidade dessensibilizada, esse derradeiro reflexo, prestes a ser esquecido, de uma antiga duplicação e meação, de cuja chamada de eco o garoto Lisânias ainda participava em virtude de seu nome, essa recordação se extinguia na chamada, uma vez que se incorporava, num plano superior, ao saber sem saber de uma da segunda imensidão; ela se extinguia lá onde se desfaz qualquer outro saber, extinguia-se na irradiação do anel, porém se conservava nessa irradiação, inundava o sorriso de Lisânias, sua voz, que já

não queria falar, sua mirada, que já se dirigia até ele, inundados, qual música sem tons, refluindo como perspectiva interior do menino, como saber sem saber da fusão de lonjura e proximidade, transbordando no clarão do crepúsculo, no clarão de um penumbroso fluxo, que, sem distância, sem vizinhança, envolvia numa unidade a qualquer dualidade, fazendo com que o espectador fosse ao mesmo tempo atravessado pelos raios que avistava. O crepúsculo, ó reino intermediário, fluindo e fluído no passado, fluxo e desvanecimento da alma! Entretanto, embora ainda não se fizesse noite realmente, já se escoara o próprio crepúsculo e o reino intermediário ficara abolido; sob os enxames de estrelas incandescidas na plenitude de seu brilho, repousava o globo solar escuro e frio no seu rubor, muito embaixo sobre o horizonte marinho douradamente plúmbeo, plumbeamente dourado; mas quase se podia pensar que já estivesse submerso e voltasse para cima, refletido em virtude de uma insólita refração de luz; pois, como que preso à esfera inferior, como que numa imagem espelhada de seu trajeto suboceânico, pôs-se a rolar devagar ao longo do horizonte, e atravessando uma constelação após outra, começou a dirigir-se ao ponto no Oriente, de onde se reergueria, para trazer a manhã; seria esse o sol que permanecia no seio da noite, seria seu reflexo ou ele mesmo, num movimento próprio ou espelhado, num encarceramento terrenal ou em liberdade etérea? Era impossível estabelecê-lo, e os círculos das esferas superior e inferior cruzavam-se no não-saber, definitivos e grandes dentro da magnificência do domo estelar, que girava: como se a jornada tendesse para o sol, como se este fosse a meta, como se o gesto nostálgico do garoto se endereçasse a ela, o piloto seguia à rota da esbraseada imagem, e a ponta do barco, numa rotação extremamente lenta, conservava-se sempre voltada para o astro, atraída por este numa rotação autêntica ou aparente, num movimento verdadeiro ou fictício, um do outro cada vez menos distinguível, já que, no decurso da ocorrência noturna ou não-noturna, o barco se alongara extraordinariamente, o que se percebia pela crescente distância do garoto na proa e também se notava pelo sumiço do piloto na popa, um alongamento da nave, tanto na frente como atrás, um crescimento que reivindicava parte da velocidade do avanço e a absorvia, transformando velocidade em aumento, num aumento que irresistivelmente abrangia tudo a tal ponto que, se apenas perdurasse, finalmente deveria deter por completo a jornada e até a própria noite; inclusive converteria em imutável aquilo que girando se alterava; a navegação se tomara infinitamente lenta, e quietude igual

reinava no anel das regiões superior e inferior, refletido no esplendor dos astros, desdobrado sobre a deslizante imobilidade, a serena mirada das esferas, que se espelha em si mesma, o olho cinzento das águas e o gris mais escuro do olho celeste acima delas, ambos mutuamente alargados, ambos ampliados em direção à noite de claridade, ampliados em direção à meia-luz, na qual já não existem nem duração nem devir nem nome nem acaso nem recordação nem destino. Fazia muito que jazer tinha deixado de ser jazer, e tampouco havia um estar sentado ou de pé; nada existia a não ser um mirar desprovido de corpo, à deriva de um impulso, embora este continuasse vinculado ao centro do barco, mas também já tão desligado e liberto dele que isso se parecia com o desatamento das derradeiras amarras, com a realização de um pressentimento desde muito esquecido, há muito tempo impossível de ser recordado, com o regresso, no hálito de uma reminiscência, a um adejo livre, intuído por ele; cada vez mais forte fazia-se então o desejo de participar disso, de transformar em realidade tal flutuação pressentida, de flutuar, ele mesmo, adentro dela, adentro do não-relembrado, que é ao mesmo tempo o intuído futuro, de chegar, adejando assim, ao clarão do anel, de adejar livremente rumo ao Lisânias, o único que ainda possuía nome, destino e memória; ai, ter o direito de voar em direção à figura cingida de raios, que talvez ainda fosse um menino campônio, mas talvez já se tivesse transformado num anjo, rodeado de asas setembrinamente frescas e etereamente movido por elas; ai, poder voar na direção, a fim de tocar essas asas e perscrutar mais uma vez o semblante novamente familiar, a profundeza desvelada do rosto à luz boa, amiga do círculo estelar, sentindo as profundezas, uma após outra; ai, cada vez mais intensa tornava-se a ânsia, tornava-se a saudade que buscava àquele que desse forma à saudade, à saudade do suave rumor da antiga corrente, do brando, cinzento murmúrio, na qual se conservara o outrora,... desejo doloroso, desolado, que encerra em si todo o temor à despedida e quer guardar a última face; saudade dolorosa, desolada, que rejeita o derradeiro saber, estremecendo na angústia da despedida; pois, por mais que a alma, na intuição do porvir, anele o definitivo e livre adejo, não lhe fica fácil abandonar o estado intermediário da jornada e entrar na segunda imensidão; pesadamente oprime-a a proibição de voltar-se para a familiar e vinculada imensidão do outrora, e mais pesadamente ainda a imposição de renunciar em definitivo ao que foi ambíguo, em prol do significado único, inerente ao futuro: por mais inequivocamente e por mais saudosamente que o garoto

apontasse ao que teria de ocorrer, isso permanecia contudo ambíguo; ambíguo ficava o esplendor que o circundava em reflexos e contra-reflexos, esbraseada a imagem do sol, cintilantes os astros, dourado, fosco o disco lunar, sem rumo certo a irradiação do anel, de modo que o passado e o futuro se entreteciam num só fulgor, a luz de mares e céus, com seu brilho escuro, múltipla e ambiguamente entretecida na imagem do gênio que mostrava o caminho, e ainda que esta se conservasse inalterada em si mesma, inalterada no gesto que indicava o futuro, fulgiam através dela toda a multiplicidade e toda a ambigüidade do passado; ela era inconstante devido às incessantes modificações da sua figura, às mudanças da fisionomia, que ora mostrava as feições do Cebes, ora as do Aleixo, e em alguns momentos, embora numa reminiscência ainda mais fugaz que as outras, até a imagem de Enéias; tudo aquilo ficava anônimo e sempre encoberto pelo semblante que pertencia ao próprio Lisânias, mas, justamente por isso, continha a tentação de procurar o outrora no porvir, justamente por isso, sentia-se a instigação à volta, posto que se pedisse o avanço; entretanto já não havia tal instigação e sim um novo saber, uma vez que o garoto pairava numa região intangível; certamente não era um sedutor, já quase cessara de ser um guia, limitava-se a indicar o norte, a mostrar o caminho por onde avançar, e sua mão orientadora não devia jamais ser tocada, para evitar que se abaixasse... A despedida! Deveras, tal despedida revelada, a consciência dela, descansava também no flutuante, introvertido sorriso do menino, e o ato de despedir-se era um saber comum a ambos, o saber da anulação do reino intermediário, o saber da segunda imensidão, na qual a viagem chega à imobilidade, o saber do piloto que se encontra mais atrás, do prático que está ali na popa, propiciando proteção, dando amparo, oferecendo repouso, e que doravante será o único guia, o derradeiro, definitivo guia servidor, pois, insensível à crescente distância e agindo através dela, só ele tem a força necessária para acolher a alma em suas mãos guardadoras, a fim de que ela, aninhada nelas, deitada nelas, encostada nelas, escorando-se nelas, em tal ninho do mandamento amoroso, torne-se capaz de participar sem medo desse saber, adejando na tensão entre segurança e saudade, adejando entre as imensidões, a alma preparada para o saber, ansiosa de saber, na espera sem espera. A flutuante, intuitiva saudade começava a cumprir-se, convertia-se em flutuante realização. Pairando, como o garoto na proa, tendia o saber, tendia a jornada ao descanso no adejo comum, e quanto mais isso durava, quanto mais se prolongava o

crescimento da noite e do barco noturno – incalculável a duração, incalculável qualquer medida, a claridade da noite impregnada de sombra, saturada de sombra! – tanto mais fugaz se tornava a volateante figura do garoto; fugaz e mais fugaz, desnuda e mais desnuda tornava-se ela, conchegada ao clarão estelar, conchegada à obumbração, despojada da vestimenta e mais do que apenas dela, desvestido até à mais completa diafania; assim adejavam, mutuamente abraçados, o menino e a noite, oh, tão diáfanos! Ainda não e todavia já,... seria este o adro da realidade? O adro de sua terra natal, acima da qual giram todos os sóis, todas as luas, todas as estrelas, enchendo-a de esplendor? Para lá apontava o garoto, mas o que mirava era a radiosa ausência de direção; para lá encaminhava-se o barco, mas estava quase parado, uma vez que seu crescimento evidentemente se aproximava do limite do infinito; era saber, saber noturno, ainda não o do dia, apenas saber de futuro saber, porém, por isso mesmo, saber plenamente válido; era a sensação de ser atravessado por um fluxo de saber, maior e mais brando do que qualquer corrente do éter e das águas, embora encoberto, igual a estas, na mesma imutabilidade pelo mesmo céu... Quietude, inalterável e no entanto disposta a entrar em nova paz num plano superior; saber, inalterável e no entanto prestes a organizar-se num novo saber, sim, até preparado para isso; como que levado por quietude e saber, como que levantado e liberado de seu peso, o que deslizava mal e mal era um bote, era apenas uma configuração infinitamente flutuante da noite, que apenas roçava as águas e estava a ponto de diluir-se no infinito; e ele mesmo infinito, ele mesmo preparado para o descanso, adejava adentro do reino inimaginável, desprovido de rumo, da crescente imensidão, voava em direção ao arco-íris noturno igualmente oscilante, que, como um portão flutuante do tempo em repouso, fica estendido, em sete cores, do Oriente ao Ocidente e mergulha no líquido sem tocá-lo. Lentamente, como a viagem retardada até à quase imobilização, lentamente, como o hesitante astro solar, que, quanto mais se aproximava, polegada por polegada, do ponto do seu renascer, mais se detinha, até quase ficar parado, bem devagar, de modo realmente imperceptível, dissolvia-se o barco, tornando-se invisível, alcançando a invisibilidade, e lá na frente, onde outrora houvera a ponta da nave, lá na frente, bem longe, à penumbrosa distância, o vulto de Lisânias acabava de desprender-se e de esvoar diante da embarcação; radioso, voava pelo ambiente noturno, voava com um gesto de guia, qual mão orientadora, qual norteamento fulgurante; era como se a noite, antes de seu destino de

perecer, ainda quisesse desdobrar-se em toda a sua pompa terrena; eis que o brilho das estrelas se intensificara ainda mais, e como numa derradeira saudação e num último séquito, elas se haviam reunido numa aglomeração maior do que nunca para um último espetáculo de beleza terrena, atravessadas pela Via Láctea, todas elas visíveis ao mesmo tempo na plenitude da abóbada, ainda que o olhar neste momento já não pudesse voltar-se, todas elas conhecidas, inefavelmente conhecidas, estrela após estrela, com seus rostos, com seus nomes, embora tivessem havia muito entrado no espaço do olvido, junto com aqueles nomes; beleza, posto que havia muito transcendessem qualquer beleza, um segundo espaço de recordações astrais dentro do primeiro, giravam ao redor do frio pólo celeste, vigiado pelo signo do Dragão, tão completas, tão ricas em signos que até as já sumidas tornavam a emergir num reflexo das águas: ao norte mantinha-se o tortuoso corpo do cintilante Escorpião, perseguido pelo Sagitário, que assestava contra ele; ao leste, porém, a Serpente estendida em todo o seu comprimento levantava a sua fulgente cabeça, e bem embaixo, ao oeste, mais disposto à despedida do que todas as demais constelações, repousava o corcel de Pégaso, cujo casco abre as fontes, repousava ali à beira da redoma, à beira da tremeluzente multiplicidade; diáfana até à última profundeza da redoma, a multiplicidade era a essa altura apenas cristalina essência fundamental, e estranhamente conhecida, estranhamente ignota, ela, igual a tudo quanto continha, era percebida a partir do mais íntimo âmago de seu ser, em próxima lonjura, em longínqua proximidade, e também achara o caminho que conduz à expectante consciência – multiplicada a espera na profusão de estrelas em suas abóbadas, o universo visto desde o seu imo, imperdível a sua consciência percebida, o semblante astral intangível, invisível, inevocável, inaudível – mas, na transparente irradiação da profundeza celestial, o volitante, diafanamente desnudo vulto do garoto, ele, a figura do Lisânias, que, mesmo assim, alterava-se prodigiosamente, ele, que se arremetia para a frente e todavia se detinha, imagem de gênio, imagem de astro, imagem de símbolo, ele se fez da mesma forma essência fundamental, fez-se, ele próprio, qualidade do cintilante universo, a cuja abóbada escancarada se dirigia seu vôo, acolhido pelo portão de sete cores do arco-íris e voando através dele. E enquanto isso acontecia, não, ainda antes que acontecesse, esbraseava-se a Serpente, esbraseava-se todo o leste do horizonte, esvaíam-se na brasa rubra as sete cores, desbotando até formarem uma faixa ebúrnea, que rapidamente se

apagava; pois, a esta altura, o globo solar tinha-se afastado de sua calma órbita, alçara-se devagar, suave e imperceptivelmente, e no entanto como que se despojando de qualquer peso, como que adejando para cima, livre de gravidade, atraído pelo incessante giro da cúpula sideral, carregado pelo gesto norteador da volitante figura do gênio, levantado pelo conjunto das ocorrências, no qual uma depende da outra, o movimento do movimento oposto, a imobilidade da contra-imobilidade, mutuamente ligadas, entretecidas, reciprocamente espelhadas pelo fundo qualitativo de toda a essência; era simultaneamente modificação e estabilidade, era a tal ponto alterável na sua contínua quietude, tão quieto na sua constante alteração, porém tão oscilante em ambas, tão vibrante na sua tranqüila mutação que aquilo se convertia na unidade do mudo canto das esferas, ressoando como suave golpe de pratos desde a ascensão do astro, ressoando como ebúrneo som de lira, provindo do gesto da imagem do gênio, que voava rumo ao chamejante disco, e os enxames de estrelas foram arrastados pelos mudos tons, atraídos ao sapiente levante no cosmo, que olhava e escutava. Nenhuma das estrelas desaparecia, apesar da aumentada claridade da manhã nascente, que ultrapassara a própria claridade delas; elas permaneciam presentes em sua totalidade, cristal astral na sua abóbada, rosto permanente das estrelas, de infinitamente nítida expressão, e o vulto do gênio, a voar através do ser cristalino, a voar rumo ao sol, desprendera-se definitivamente da estrutura flutuante, evanescente, que outrora tinha sido um barco; e envolvido no radioso manto de seu esplendor, iluminando-se numa derradeira metamorfose, numa última felicidade, predominando em tão intensificado fulgor e tornando-se cada vez mais imperioso, cada vez mais amável, com o mesmo rosto, porém com novo nome, o semblante anônimo, enlevado do menino unificava-se com o de Plócia Hiéria, fundindo-se a mulher com o menino, fundindo-se o menino com a mulher, ambos fundidos no flutuante, deslustrado gesto indicador, transferido pelo garoto a ela, que, com o anel no dedo, apontava para o leste. A fim de aguardá-la, aguardar a nova guia, a Serpente, fúlgida em todo o seu corpo, deslizara pelo firmamento em brasa, subindo mais um pedaço, incendiada pelo sol e dominando o Oriente, ao passo que no Ocidente, cedendo ao dia, o cavalo alado se afundava, empalidecido, e com ele o piloto, ao qual levava consigo, uma vez que seu austero serviço estava concluído, rota a cadeia; ele se afastava rumo ao sol, ao qual dirigira a jornada. O derradeira metamorfose! O vulto do gênio, originalmente enviado da primeira

imensidão, como consoladora recordação, transformara-se na segunda em esperança indicadora... Não devia também ele desaparecer agora definitivamente, uma vez que raiara o dia? Não teria também ele de regressar ao ignorado, ao saber superior, num plano mais alto, e por amor desse saber? Ele voava à sua frente, com brilho de marfim, cintilante seu corpo que se diluía no incorpóreo, ao vento das estrelas seu cabelo, labareda tenra e fria. A distância do vulto continuava crescendo; a mão indicadora já tocava o inatingível, já tocava a abóbada celeste; entretanto, o resultado não era desaparecimento, era, sim, permanência, era mágica continuidade, entretecida na luz convertida em dia, como se tal transformação da figura e também a anterior que acontecera ao garoto, quando este adejava diante dele, fossem uma e a mesma coisa, uma condição da outra, uma nascida da outra, uma desabrochada da outra: desabrochara o dia, estava presente e prosseguia florescendo em doce magia, repousando em sua própria luz, transformado em si mesmo, desde que os fogos do orto, entre os quais subira, haviam sido apagados, e com ele, por encanto, o visível foi obrigado a uma permanência docemente alterada; alterada ficara a luz suavemente dourada, por feitiço presa ao azul do céu, e com seu brilho sustentava a cristalina redoma do dia, o amável, delicado cristal do infinito, dissolvendo o semblante sideral, ao convertê-lo em algo delicadamente fosco, de modo que a multiplicidade das estrelas, ofuscada pelo esplendor do claro azul, já não irradiava luz alguma, e – opalas prateadas os astros, prata leitosa o silencioso disco lunar, sopro ebúrneo o aro tendido sobre o céu, como uma recordação da pompa da noite! – a esta altura também já se haviam dissolvido os raios que emanavam do anel na mão de Plócia, tornando-se igualmente foscos, com seu brilho esvaindo-se, qual delicado sopro ebúrneo, cuja fugacidade envolvia o adejo da mulher que se distanciava, empalidecida num hálito sua formosura, e todavia, fundidos ambos os hálitos, incrementada, a ponto de alcançar a mais definitiva diafania, brilho opalino no cerúleo madreperolado. Já terminara a jornada? Já era esse o fim? Já não se necessitava de nenhum veículo; ele adejava, caminhava por cima das ondas, e a seu torno havia a calma da manhã numa primavera sem estações; rodeava-o o hálito do repouso e do dia sossegado, assoprado até ao céu a partir do líquido espelho, devolvido pelo céu às águas douradas, unidas na respiração as regiões superior e inferior, sossego solar e sossego estelar e sossego marinho unidos, num só alento de renovação sem fim, e nela isso se transformava em paisagem, em paisagem primaveril, quando,

sob o azul da cúpula solar, içada por ela, por ela realizada e no entanto também realizando-a, sustentando-a, emergia das águas a praia, crescia das águas, edificava-se, realidade totalmente isenta de metáforas e símbolos, esperada sem espera, o verdadeiro fim da jornada. Então houve um sopro, a flutuação se tornou mais leve ainda, dando então a impressão de estar transportada em direção à beira pelo hálito. Ali, banhada em luz matutina mantinha-se Plócia, que descera de seu vôo indicador; ali se mantinha ela, a que o precedera, aguardando ao que a seguia em obediente adejo, e acima de suas cabeças cintilava, pertencendo a ela, pertencendo ao céu, uma estrela em opalina suavidade, cintilava a estrela banhada em luz matutina. Não houvesse esse esplendor sideral e não se tivesse multiplicado o brando fulgor dessa única estrela, espalhando-se por toda a cúpula, numa perseverança insistente apesar de toda a brandura, que com uma naturalidade singular se impunha na renascida e cada vez mais intensificada luminosidade dourada, deveras, essa quase que poderia ter sido uma manhã terrenal de primavera, vida calmamente redespertada em serena limpidez; quase terrena era a figura de Plócia; já não a cingia o manto de raios; e sua mão, despojada do anel, não irradiava luz alguma, mas conservara seu gesto indicador e apontava para o céu, como se tivesse deixado o anel no interior da estrela, cujo brilho a inundava, como se o clarão do anel se houvesse retirado à estrela, transformado e unido com a mirada astral numa vigília docemente eterna.

Árvores emolduravam o ancoradouro na beira; as sendas frondosas, salpicadas de sombras, suavemente subindo em direção ao interior da terra firme, convidavam-no a aproximar-se, e a água, tranqüila no seu perene espelho, banhava todavia a praia em ondulações leves, rápidas, orladas de branco, deixando atrás pequenos resíduos de espuma, que pareciam audíveis no silêncio do imperceptível, gentil murmúrio de fluxo e refluxo. O elemento líquido jazia atrás dele, o sólido estendia-se à sua frente, ilimitados ambos, mas também confundindo-se sem limites entre si, desembarque, porém ainda não o fim da viagem, uma vez que não existia nenhum antes, apenas um depois, e posto que ele sentisse sob os pés a firmeza do solo, isso não era nem caminhar nem estar parado, senão um estado intermediário do movimento, uma permanência no arrastamento, sustentado na situação confinante sem confins, retido no centro ilimitado do ser, que atrai tudo para si e tudo segura na unidade das esferas exterior e interior, o silêncio do núcleo. .. Seria este então o núcleo do ser assim

alcançado? Mui alta erguia-se ali uma árvore parecida com um olmo, parecida com um freixo, contudo cheia de desconhecidos frutos dourados, e quando em seguida a estrela brilhava através da rala ramagem, abarcando no fulgor de seus raios o olhar de Plócia refletido de cima, o eco de seu olhar, suas boas-vindas e sua saudação, eis que a muda compreensão entre os domínios altos e baixos, convertia-se em reconhecimento livre de recordações, mais instante do que qualquer saudação, e se tornava flutuante acordo entre quietude e movimento, indistinguível no interior tanto como no exterior, impossível dizer onde começava o sucesso, impossível dizer se os bosques eram trazidos até aí ou se um sopro o levava até eles, indistintamente fluente a divisa entre permanência e avanço: ele desembarcara e no entanto não terminara o desembarque; e esse processo de quase imoto deslizar por um chão que parecia demasiado leve para suportar um pé, porém pesado demais para a leveza de Plócia, esse deslizar rumo ao que deslizava em direção oposta não só arrastava a ele mas também a Plócia, ambos coagidos, ambos voluntariamente obedecendo; havia concordância no passo cauteloso, hesitante de Plócia, que caminhava no mesmo ritmo que ele; estava desnuda numa nudez graciosamente espontânea, envolta em naturalidade, desnuda como o seráfico garoto do qual se originara, e a formosura de sua nudez que não estava nua recebia o mudo canto das esferas, para ser acolhida por este, acolhida por seu som etéreo, acolhida pelo prolongamento do som, muda e eternamente. Nudez? Também ele estava nu; notou-o, sem, no fundo, notá-lo, tão pouco se envergonhava dessa nudez. e igualmente imperceptível era a de Plócia: não obstante os encantos dela, mal a via como mulher, mas, pelo contrário, contemplava-lhe o interior, avistava o mais íntimo fundo próprio dela; mal a via como corpo feminino e sim como a mais diáfana essência, já não mulher, já não donzela e sim o sorriso que anima a tudo o que é humano, via-a como um rosto humano aberto ao sorriso, e que foi liberto da vergonha, elevado acima de si a um amor extasiado e extasiante; estranhamente comovedor, estranhamente hibernal era aquele ato de apontar sorridente e amorosamente para a estrela, que ali pairava à luz virginalmente fria; singularmente fria e quase infantil pela claridade virginalmente isenta de sexo era essa saudade enviada às alturas da super-luminosidade da mais remota esfera. E no entanto o nostálgico gesto apontador já era ao mesmo tempo realização. Pois a transparente camada crepuscular – estendida entre as regiões superior e inferior, e que,

impenetrável a tudo o que é terrestre, veda à canção da saudade terrena o acesso às esferas infinitas, de modo que, em face de tal impenetrabilidade, converte-se em eco, eco da alma, mas apenas num imperfeito eco exterior do mudo semblante interno, e de modo mais imperfeito ainda, num eco do almejado canto das esferas – esta parede separadora do eco dissolve-se e desaparece, quando se produz o milagre do não-terrenal, quando se fundem exterior e interior, unindo o eu e o universo, e assim como então já não se necessita de nenhuma canção terrena, de nenhuma canção de nostalgia ou de amor, assim como talvez já não se careça de um ato que aponte para as alturas, uma vez que a saudade foi cumprida e ° canto das esferas ressoa simultaneamente no interior e no exterior, assim a mais íntima essência de Plócia fizera-se aqui qualidade do universo, fizera-se aquela vali dez que tudo abrange, que anula o acaso das coisas terrestres e de sua origem terrenal e todavia o sublima, eliminando a indecência do acaso e da sua forma, desvelando o que foi liberado do acaso e da vergonha, a tremenda dignidade da enlevada e originária inocência. O que atravessavam, adejando, era a inocência da derradeira simultaneidade, a inocência da última essencialidade, que é permanência simultânea em todas as metamorfoses de forma, a verdade em toda a transformação da essência; passavam através da inocência que não mede e não aprendeu ainda a medir, a doce e terrível inocência, doce e terrível no seu descomedimento, doce e terrível na quietude de sua simultaneidade... E doce e terrível de tanta verdade era a diáfana calma da manhã, imenso eco do rosto sideral, do rosto humano, do rosto animal, do rosto vegetal, todos sem medida. Aqui, no desmedido, imenso jardim, na sua amena terribilidade, na sua terrível amenidade, penetravam, agraciados com a inocente nudez, absolvidos da desnuda culpa; o bosque desdobrava-se umbroso, as flores cresciam mais altas do que árvores, e entre as flores, sem ultrapassarem-nas em altura, havia vegetais nanicos, parecidos com árvores; fossem quais fossem as plantas, carvalhos ou faias, papoulas ou canelas, narcisos, goivos ou lírios, gramíneas ou arbustos, não havia nenhuma que não alcançasse qualquer tamanho, e em sossegada simultaneidade, o desmesurado ajuntava-se ao desmesurado; a haste de capim elevava-se à altura de uma torre, rija e cingida de hera, ao lado do musgo que, percorrido por arroios, formava verdadeiras sebes, essência existente cada qual deles e no entanto entressachadas em risonha, obumbrada tranqüilidade. Pois, em todo esse sereno verdor, que rodeava os caminhantes com murmurante alento, frio

como a pedra, pendia a escuridão do mais íntimo solo de suas raízes, a escuridão do abismo das raízes, que enviara para cima o mundo vegetal e o embebia até à mais externa fibra, o reflexo daquele último rosto, no qual mais uma vez se espelham os rostos dos homens, os rostos dos animais, os rostos das plantas, mais uma vez e agora a partir dos domínios da terra, ligados à derradeira unidade de sua vida terrestre, reverberação do mais profundo semblante terreno e de seu repouso à sombra materna. Eis que o perambular, o avançar, o adejar convertia-se em quietude, convertia-se numa progressão em sossego, acolhida por uma esperança perfumada por loureiros, dentro do universo, que se abria num calmo sorriso. Ao redor descansavam também os bichos, descansavam terrenalmente, descansavam vegetalmente, desmedido seu descanso, desmedido seu aspecto, imensa sua estatura na grandeza tanto como na pequenez; impregnados de trevas, amiúde dormiam. E quando estavam acordados, seguiam com seus olhos a quem passava: assombravam-se os grandes olhos da rês, que sem nenhum temor se deitara perto do leão, e o olho do leão, sonolento e imperioso, velava sem ameaça; gigantescos anfíbios de pescoço comprido espiavam com amarelos olhos de dragão através das copas das faias; sapos com corpos de lobos piscavam entre nenúfares e acantos; pasmado, um pássaro anão com cabeça de águia balouçava sobre um galho de um alfeneiro branco em flor, observando tudo com muita atenção; e rigidamente, o inseto virava o corpo encouraçado sobre patas tubulares, compridas como braços, a fim de contemplá-los com os olhos desprovidos de pálpebras; sim, alguns de entre os animais até se erguiam, para acompanharem os passeantes. Unicamente a serpente afastava-se, deslizando com esverdeado brilho, em longas ondulações, adentro do verde dourado da grama e das folhas. Da sarsa selvagem pendiam uvas roxas; da mais dura casca de carvalho gotejava, qual resina, o mel; marmelos verdes-cinza, castanhas, ameixas jaldes como cera e maçãs douradas viam-se em profusão nos bosques, mas não havia necessidade de tocar as frutas, para saciar-se, era desnecessário inclinar-se sobre a água, para matar a sede; refrigério e saciedade vinham invisivelmente pelos ares, um sorriso enviado desde a inocência livre de vergonha, enviado pelo grande sorriso do jardim, a partir da sua profundeza desmedidamente imensa, sem nome, sem fala, sem rosto enviado, um sorriso sem rosto, a repousar em si mesmo. Um perfume de flores abobadava-se sobre os rios, estendia-se de bosque a bosque, impregnado de chuva assoalhada, e onde quer que vagassem, ao longo dos rios ou por

loiros, ondeantes campos ou sobre pontes invisíveis, onde quer que chegassem, brilhava acima das suas cabeças, cheia de tranqüilidade, a estrela da manhã, mensageira da bênção do sol nascente, suave portadora da luz, que, desprovida de luminosidade própria, permite imaginar infinita luz, reflexo nacarado do arco-íris, seu último eco na redoma do universo. Primaverilmente desmesurada, primaverilmente pacata, edificava-se uma serra com risonha dureza, e no sorridente sossego dos rochedos, espichavam-se ao céu as esbranquiçadas paredes dos desfiladeiros, apenas salpicadas de verde, o duro esqueleto da criação; mas, alto, acima da pétrea calva, verdejavam, qual límpido ouro, os prados dos cumes, encobertos pelo opalino, estrelado, diáfano azul, e ali revoluteavam águias, abutres e falcões, em calmo vôo, sem se abaterem sobre os cordeiros nas pastagens, sobre o bodinho mosqueado, que pasce à beira do bosque, lá onde as ladeiras banhadas em negra sombra convertem-se em vales ervosos; e acolá, onde fluem os regatos, murmurando entre cheirosos salgueiros, entre as ribeiras revestidas de verdor do trêmulo junco, acolá, onde os lisos açudes apanharam em seu espelho o firmamento, acolá descansava, imóvel na meiga flutuação, o povo dos peixes com seus olhos redondos, e muito fundo, na zona mais remota da claridade, oscilavam as sombras dos corpos; entretanto, as garças que bem alto nos ares voavam por cima, tampouco se arremessavam contra eles. Havia sol e havia sombra, mas não somente sol, não somente sombra; pois, mais do que apenas céu era o opalinamente ensombreado circulo de claridade da cúpula lá nas alturas, mais do que apenas terra era a umbrosa escuridão das ajardinadas pradarias lá embaixo; apesar de toda a imensidão das regiões de cima e de baixo, imensa a cúpula, imenso o jardim, ambos tinham limites, ambos estavam encerrados na verdadeira, na segunda imensidão, na imensidão da luz genuína e da discriminação realmente inequívoca, que já não forma a figura à base de luz e sombra, senão unicamente de sua mais íntima essência, e assim a torna conhecível, de modo que também ali escuridão e claridade se entremesclavam e nada se podia encontrar, nem em cima nem embaixo, que não fosse simultaneamente estrela e sombra; nem sequer o espírito do homem, transformado em estrela, lançava nenhuma sombra de linguagem. O espírito descansava. E estrela e sombra eram os que por ali perambulavam; suas almas iam de mãos dadas, liberadas da fala; em casto sossego livre de linguagem, surgia entendimento, e os animais que as seguiam participavam dele. Descansando, caminhavam elas e depois

descansavam de seu descanso, descanso no descanso, porque entardecia. Rodeadas de animais, repousavam e olhavam para cima em direção à cúpula, que girava rumo ao oeste; mirando a imota estrela, intuíam nela o invisível da segunda imensidão detrás da cúpula, até que o globo solar descesse novamente ao crepúsculo, e sua contemplação era como uma visão de beleza... Ê bem verdade que já ficava mais além da beleza, pois, apesar de toda a graça, de toda a leveza, de toda a profundidade, de toda a simetria, os raios que elas recebiam assim sem nenhum esforço não eram em absoluto o belo não-saber, não, eram saber, irradiado a partir dos mais internos e dos mais extremos limites de todo o ser, não apenas como símbolo, não apenas como símbolo do limite; não, eram a própria essência do ser, da qual elas se tornavam assim partícipes, com tanta facilidade que nada mais se afigurava estranho, que tudo parecia familiar, cada ponto impregnado de lonjura, cada lonjura convertida em proximidade, e aqui como ali tudo se tornava transcendência imediata, outorgada a elas em comum, criando-se a íntima compreensão de suas almas. Mas, quando o crepúsculo ficava ainda mais denso, descansando também este e distendendo sua quietude adentro da noite, e quando ele, o que repousava, recolhido sob o astro, cujo brilho opalino então voltara a luzir, não avistava em seguida outra coisa que não fosse esse brilho estelar, nem à companheira que repousava a seu lado nem aos animais, que, repousando, o circundavam, eis que o feitiço da ligação à estrela convertia-se ainda mais em visão interior do todo, convertia-se ainda mais em união consigo mesmo como também com céu, astro, sombra, animal e planta, convertia-se em dupla união com Plócia no conhecimento exterior e no de si mesmo, originados pela redobrada visão interior: e como alma, animal e planta se espelhavam mutuamente, totalidade em totalidade, fundo de essência em fundo de essência, e ele próprio ficava espelhado no fundo da escuridão de Plócia, isto fez com que se reconhecesse nela a criança e a mãe; ele reconhecia-se a si mesmo, abrigado no sorriso materno, reconhecia o pai e o filho não nascido, reconhecia o Lisânias dentro de Plócia, e ele mesmo era Lisânias, reconhecia o escravo dentro do Lisânias, e ele mesmo era o escravo; reconhecia o ancestre e o descendente primigênios no circulo do anel que da mão de Plócia se encaminhara ao céu, içando consigo a origem da luminosidade, e reconhecia nisso a fusão universal mais além do destino, a luzente fusão das camadas essenciais e dos membros essenciais, reconhecia o unitário ser do fundo da essência, que era o seu mais próprio

ser e no entanto não apenas o seu, mas também o da alma de Plócia, oh, a tal ponto dela que, embora brotado de outras raízes, desprendido de outro tronco, ascendido de outra animalidade, contudo tivera de chegar até ele, após ter passado por muitos planos de espelhos, por espelhos e mais espelhos, vindo como imagem espelhada de sua alma e novamente espelhando-se nela, o desdobrado equilíbrio de toda a essência. Penetrado pela sombra de espelhos e mais espelhos, espelhado em si mesmo, adormecia. Porém, continuando a reconhecer ainda no sono, sentia ele a indestrutível persistência da fusão e o modo como Plócia, espelhando, deslizava adentro do eu dele, adentro de todos os elementos que perfaziam esse eu, o processo de deslizar nas esferas sensível e não-sensível, deslizando uma totalidade em outra totalidade de sua vida, na óssea rochosidade do esqueleto, nas raízes presas na terra, no vegetal, no cerne, na parte animalesca da sua carne e pele; sentia como Plócia ficava parte de seu eu, da mais íntima visão de sua alma, e sentia-se repousar na mirada dela, ela o visionando, como ele a via, de dentro. Seu sono era cadeia de antepassados e cadeia de descendentes; a seqüência de seres que ele percorrera e aquela cujo sêmen levava em si haviam-se unido para formarem seu sono, haviam-se condensado em seu eu que dormia, tinham penetrado nele, penetrado junto com Plócia, à qual já não se apegava nenhum nome,... reflexo sem espaço de todo o devir, edificado nos recessos do sono, mas, ao espelhar, novamente se desdobrando no espaço, ali onde se convertia em despertar. Essa imagem abria-se, constituindo-se em dia claro, no qual ele entrava, acordando, rodeado pelas imagens de todas as essências, banhado pelo reflexo do sol, o astro acima de si, ainda que o desdobramento do equilíbrio se tivesse simplificado, porque faltava Plócia. Sem que se notasse sua perda, desaparecera ela, deixada atrás no segundo espaço da recordação, infinitamente esquecida, infinitamente inolvidada; nada se modificara, porque nada se perdera, nada se podia perder, e sem alterar a ele, Plócia tornara-se parte dele mesmo; sem ter permanecido, permanecia presente. Prosseguia ressoando o mudo canto das esferas. Somente o sorriso fora tirado do jardim, pelo qual ele doravante precisava caminhar sozinho; somente o sorriso sumira, pois só o sossego sorri e nada mais. E o que o fazia prosseguir vagando era certamente alguma inquietação ou pelo menos certa falta de sossego. Ou se devia tal intranqüilidade por acaso aos animais? Será que ela o contagiara? Cada vez mais numerosos, os bichos uniam-se a ele, a fim de acompanhá-lo em sua

caminhada; vinham de todos os lados, inaudível o passo de suas patas, de seus cascos, de suas plantas, de suas garras, um espezinhar sem nenhum som e no entanto rítmico, ou mais exatamente uma flutuante vigília comum, ligada a um passo de marcha espectralmente irrequieto, e que se ajuntava ao seu, obrigando também a ele a participar do imperceptível avanço animalesco; quanto mais isso se prolongava tanto mais animalesco se tornava o seu passeio, tanto mais forte ficava a metamorfose animalesca que o acometia, tanto mais imperiosamente se impunha ela, crescendo de baixo, a partir do solo, subindo pelos pés em movimento, subindo pelo corpo em marcha; mais e mais o invadia a animalidade e o simplificava, assemelhando-o ao animal ereto que ele se sentia devir,... animal de baixo para cima, animal de cima para baixo, uma fauce aberta de par em par, posto que esta não se fechasse para abocar, um portador de garras, posto que não dilacerasse caça alguma, um bicho penífero, de bico ganchoso, posto que jamais se pusesse a atacar; e levando em si o animal, vendo de dentro o animal, ouvia a linguagem muda dos bichos, ouvia-a junto com eles, ouvia na fala deles, ouvia em si a muda prolongação do canto das esferas, trazida pelo eco das mais profundas trevas da terra, um entendimento com a criatura ainda não encarnada, com o que precede a criação, que dormita um sono intranqüilo no fundo escuro de toda a animalidade e vibra através de seu silencioso linguajar: se isso antes fora uma percepção de peculiaridades, de característicos do lobo, da raposa, do gato, do papagaio, do cavalo, do tubarão, revelava-se neste momento o animal sem peculiaridade através de atributos ainda não nascidos, apenas em desenvolvimento, por ora não formados, e visto de dentro, desvendava-se num escancarado abismo o solo do sub animalesco, do infra-animalesco, patenteando-se à percepção, identificado como o lugar da mais íntima raiz de qualquer essencialidade criada; tudo quanto ali ao redor anelava a fala, sem palavras, com língua por demais pesada ou por demais leve, arreganhando os dentes em face do estado de não-criação, lutando por ser criado, tudo isso era a variedade de inúmeros animais e todavia o animal em si, era a multiplicidade deles, isolada, quais gotas de chuva, porém unida a ponto de constituir um todo, assim como o formam as gotas numa nuvem pejada de chuva, umidade que cai e, a partir do emaranhamento das raízes, volta a elevar-se à totalidade; e a esse todo animal na sua diafania invisível dedicava-se a percepção cônscia dele, que se sabia abrangido por ela, com a animalidade de seu corpo, que avançava de modo transparente.

Transparente era a luz, ainda mais transparente o perceptivo clarão atrás da cúpula celeste, o luminoso conhecer, significado da imota estrela lá nas alturas, que o irradiava como vigília diafanamente adejante, a tal ponto que os próprios animais pareciam contagiados por ela. Durante todo o dia perdurava o incessante vagar sem rumo pela vasta planície, e ao pôr-do-sol, intensificava-se ainda mais a inquietude; em toda a sua extensão, muito além de montes e vales, até ao infinito, o jardim começava a encher-se de irrequieto desassossego, e quando o globo solar, descendo, deitava-se em brasa sobre o horizonte muito baixo, o cair da noite tornou-se uma ocorrência desmesurada: a caminhada dos animais subitamente obteve um destino certo, unificou-se, tornou-se todoabrangente; eles vinham de todas as ladeiras, de todos os bosques, de todas as direções, e andavam ao longo dos rios, rumo às grandes águas; até os peixes nadavam rio abaixo, numa jornada sem medo, sem pressa, mas certamente obedecendo a uma ordem imperiosa; pois, logo atrás do cortejo dos bichos, cerravam-se as ribeiras; a terra era impulsionada pelas raízes das plantas, que cresciam irresistivelmente; tudo o que fosse vegetal erguia-se de chofre a alturas inimagináveis; qualquer ramaria entrelaçava-se num caos impenetrável, fumegando o solo na massa da vegetação primeva, na qual somente salamandras e batráquios conseguiam viver, e o matagal ficava demasiado denso até para os pássaros, de modo que apenas nas mais altas copas eles podiam construir seus ninhos; nenhum animal dos numerosos rebanhos extraviava-se nessa caminhada, nenhum morria; tão-somente desapareciam, desapareciam nos mares noturnos, desapareciam nas trevas do éter, enfileiravam-se na multidão dos peníferos e escamígeros que povoam os oceanos e os ares da noite e do dia. E ele, o que caminhara junto com eles, o animal ereto, desprovido de pálpebras, privado de sono, com olhos de peixe, com coração de peixe, ele quedava-se ali nos pântanos da praia, quedava-se ali, altamente erguido, coberto de sargaço, escamoso, anfíbio, entretecido de plantas, vegetal; mas o canto das esferas não lhe silenciava; ele prosseguia ouvindo-o; o canto continuava; pois, ainda era homem, nada perdera, intacto como antes vibrava nele a grande sensação do homem caminhante, e sempre brilhava à sua cabeça a estrela do Oriente. Assim aguardava ele a chegada da manhã, ele, monstro ereto e no entanto homem, a aguardar a manhã. Novamente surgia a manhã, e o sol acampava sobre as névoas úmidas; como um hálito brumoso, subiam estas da imensa área do verdor, que, à maneira de um só ser vegetal, pesadamente respirando,

estendia-se à altura de montes pelo que outrora tinha sido um jardim, enquanto acima dele o céu sem nuvens, irisando à luz gris da madrugada, trêmulo espelho da superfície verde, encoberta por ele, como esta a respirar pesadamente, aos poucos revestia-se de uma cerração mais e mais densa, para, transformado em nuvem, abaixar-se, e a opala do clarão astral esvaía-se em cinza. Ele via isso e esperava pela chuva. Mas não choveu, se bem que as aves voassem muito baixo, enxames de pássaros e outros bandos de bichos similares, que, com inaudíveis grasnidos, giravam em torno de sua cabeça imota e freqüentemente pousavam em seus ombros. Com os pés apertados por cardumes de peixes, avançava, pisando a água salobre, calcando o chão ao longo das beiras, à procura de algo que ele mesmo não seria capaz de precisar; certamente não seria Plócia, antes talvez o lugar na praia onde ela o recebera; mas era impossível encontrar algo; nada era reconhecível, nenhuma árvore ultrapassava a altura das demais na uniformidade da coberta verde, e em meio à caminhada, cuja duração não tinha medida temporal, estacou ele outra vez não longe da ribeira, seja porque o lugar onde se encontrava o cativasse inexplicavelmente, seja porque o houvesse acometido um enigmático, quase vegetativo cansaço; e ainda que seus braços se parecessem com asas, com as quais poderia ter sobrevoado os cumes verdes, não se movia. Era como um pressentimento de futura imobilidade. Qualquer coisa indizível voava ali em cima, qualquer coisa indizível nadava lá embaixo; algo monstruosamente semelhante a dragões voava com as aves, nadava com os peixes, desmedidamente multiplicado, desmesurado quanto à figura; mesclavam-se as regiões de cima e de baixo, já que sempre novos cardumes de peixes subiam das águas, para esvoaçarem, e sempre novos bandos de pássaros mergulhavam nelas, uns e outros transformados em vultos dragontinos, que constantemente se modificavam, trocando escamas e penugem. Mais e mais se perdia a diferença entre o que voava e o que nadava, porquanto sua essência provinha de ovos, e era como se eles mesmos almejassem retornar à indistinguibilidade de sua condição de rebanho, como se fosse seu próprio desejo converter-se em indistinta uniformidade, igual à uniformidade do vegetal, cuja gigantesca coberta verde já não tolerava nenhum broto individual; posto que por enquanto ainda voassem, posto que ainda nadassem ou, pelo contrário, já se agarrassem, à maneira de plantas, ao fundo do mar – cada qual ainda com sua própria configuração peculiar, tendo penas, escamas, carapaça, pele, tendo pés, garras, barbatanas ou bicos

–, havia em seus olhos ou não-olhos, nos seus rostos de répteis ou anfíbios, o olhar da serpente, e essa índole de ofídio, à qual desse modo tendiam e na qual se alojavam, era como a derradeira condição de criatura comum a todos, era, por assim dizer, sua última peculiaridade coletiva, vegetal-animal e primeva, sim, até mesmo anterior à criação, como o último fundo de qualidade, a partir do qual foram criados os seres para viverem, e que, só ele, lhes garante a permanência na vida e na criação. Mais e mais animais que voavam ou nadavam ajuntavam-se numa aglomeração impenetravelmente densa, mais e mais monstros entremesclavam-se nela, mais e mais monstruosa se tornava ela, mais e mais ameaçavam-na o incriado e o pré-criado, mais e mais aquilo enchia o céu e o mar até à extrema profundeza da diafania; pois, crescentemente se evidenciava que neste ponto tudo confluía, que justamente o lugar onde ele estacara atraía de todos os lados as manifestações das criaturas, como um poderoso centro. Eis que também aparecia o fundo do poço das águas, o mais profundo abismo de suas raízes, o poço dentro dos poços, e ali, na mais profunda profundeza do poço, jazia, enrolada ao redor do nada central, a própria serpente, nas cores do arco-íris e no entanto glacialmente diáfana, cerrando sobre si o circulo do tempo.

Era a força que transmutava, por ser ela mesma imutável. O poço ampliava-se, qual cratera, como se o anel da serpente devesse fazer-se todo-abrangedor, e tudo quanto se aproximasse dele ficava petrificado, imóvel, imóvel todo o nadar, imóvel todo o voar, imobilizados pelo rijo, verde olhar da serpente, enviado do nada, enviando o nada. Ainda haveria animais por aí? Não deviam eles, numa derradeira metamorfose, também perder sua última essencialidade, inexoravelmente apropriados pelo olho da serpente? Igualmente petrificado estava o céu, assim como se petrificara o teto de nuvens, no seu cinza uniforme, do qual nenhuma chuva queria cair, e o sol, como disforme, fosca, morta mancha luminosa, descrevia atrás desse teto sua rígida órbita. E ele, o homem que permanecera homem, apesar de tudo o que tivesse em comum com o incriado, ele, em meio à comunhão que os bichos saídos de ovos mantinham com as plantas brotadas de sementes, ele, inserido em tal comunhão, portando sobre si transparentes penas, barbatanas, folhas, algas, portando-as dentro de si, ele estava incluído na petrificada ocorrência, imoto também ele nessa sua espera sem espera, também ele criatura apática, perecedoura; mas seu olho humano nada perdera de sua capacidade de discernir, e ele sabia da existência do

semblante sideral atrás da nuvem. Ofuscada pela penumbra noturna, a mancha solar, clarão gris-avermelhado, alcançava neste momento o limite inferior do dia, e as estrelas, acendendo-se até o vigor da noite, conseguiam furar com sua cintilação o teto das brumas, hesitantemente ao início, depois com claridade cada vez mais intensa; lentamente completavam seu número e alcançavam todo seu brilho, na verdade não só em cima mas também embaixo, constituindo-se ali num segundo firmamento, o do reflexo, que reluzia tanto na negra profundeza das águas como na úmida e preta coberta do vegetal, convertendo-as num único espelho negro, numa única cúpula semeada de estrelas; nada mais separava a flutuação do vegetal da das águas, os mares, transbordando, haviam inundado o vegetal, o qual, por sua vez, estendera-se adentro dos mares, e entre as estrelas de cima e de baixo, adejavam, enrijecidos, os animais das regiões etéreas e líquidas. Eco das estrelas era a cúpula inferior... Não seria então a superior já o eco das plantas? Unidade em cima como embaixo, uma que outra sustentada pelo duplo céu, pelo duplo mar; ambas reuniam-se para constituírem uma só totalidade penetrada por plantas e estrelas, que abarcava o mundo e estava a tal ponto cerrada em si mesma que no seu espaço já não podia existir nenhuma individualização e não era lícito que houvesse alguma e cada qual se dissolvia: águia ou garça ou dragão alado, tubarão ou baleia ou réptil nadador, todos eles eram apenas uma coletividade, não passavam de uma só coberta de substância animalesca, uma só essência a encher o recinto, e esta se tornava cada vez mais transparente, uma névoa animal, que por fim se dissipava no invisível, no ultra-invisível, diluída no mundo sideral, absorvida pelo vegetal; a totalidade animal havia-se fundido com a noite; extinguira-se o alento animalesco do cosmo; já não latia coração algum, e estalava a serpente glacial, estalava a serpente do tempo. De golpe, não impedido por nenhum tempo, a noite transformava-se em pleno dia; subitamente, liberto dos tempos, o sol achava-se no zênite, rodeado pela opalina turba das estrelas, na qual não faltava nenhuma, nem sequer a lua esbranquiçada, e com multiplicada luminosidade resplendia, imoto, o astro do Oriente; eis o que acontecia lá em cima, ao passo que no espelho inferior não menos bruscamente se iniciava um derradeiro, monstruoso incremento da vegetação, como que uma resistência ao encadeamento que prendia à terra suas raízes e seus caules, como que uma tentativa de ultrapassar-se a si mesma e de rebentar o vegetal, a fim de obter, na esfera do super-desmedido, alguma individualização e alguma mobilidade peculiarmente

animalescas; pois, ao calor da repentina luz e talvez também impelido por toda a animalidade que acolhera em si, contudo sub animalesco no seu abúlico desenfreio, o verdor crescia a partir do emaranhamento de suas raízes infinitamente unificadas, vicejava acima de si próprio, primigênio o luxuriante humo do ser, cujo brotar e desabrochar, em contínua alteração e incessante renova, ainda segurado por hastes de caudas e domado por hastes de serpentes, mas já não sendo, havia muito, nem árvore nem erva nem flor, lançava-se rumo a regiões inatingíveis, convulso e liso, encaracolado e reto, com terrível, inimaginável ferocidade... E ele, ao qual era permitido contemplar esse espetáculo, que podia, que devia fazê-lo, movido também ele pela animalidade incorporada na planta, ele participava do crescimento do vegetal, ele mesmo convertia-se em vegetal, interior e exteriormente, impregnado da seiva da terra, que nele pulsava, radicoso, fibroso, lenhoso, cortiçoso, tubuloso, frondoso, e no entanto conservando-se humano, imutável o olho do homem: ainda que se perca uma qualidade após outra, ainda que uma essencialidade após outra fique superada e abandonada pela criação, o olho continuará sendo humano, enquanto mirar o que houver à sua frente, e através de quaisquer transformações, não olvidado em meio ao olvido, permanecer-lhe-á o ente depositado na segunda imensidão, e que prosseguirá agindo e agindo, imperdíveis os astros. Ele era planta vidente, entretanto não aspirava a nada, nem sequer ao reino animal. Decorriam horas, que já não eram horas; o dia não tinha fim; infindo, só infindo, nem devagar, nem depressa, processava-se o giro das órbitas astrais; infindo o avanço do sol, e sem fim o crescimento a seu redor, o todo-abrangente, eônico . crescimento vegetal, do qual ele mesmo participava vegetalmente: eônico era e tão infindo que imobilidade e moção se transformavam uma na outra e, isentas de tempo, uniam-se numa quietude indistinguivelmente fluida, eternamente confundidas a tal ponto que – tão repentinamente como raiara o dia – irrompia de chofre a noite, saindo do giro das constelações, saindo de sua imobilidade infinitamente movimentada, sob a forma de uma escuridão primordial, que se escondera atrás das mais extremas cúpulas siderais e agora, independentemente do curso das luzes, sim, sem apagar nenhuma delas, enchia de opaco negrume à abóbada do ser: irrompiam as mais intrínsecas trevas do mundo, essas trevas irrealizadas que são infinitamente mais do que mera perda de luz ou simples precisão de luz ou ausência dela, já que não podem jamais ser penetradas e iluminadas pela energia de nenhum sol, nem sequer em pleno meio-dia; assim se mantinha,

pois, o sol com todo o seu esplendor meridiano, inalterado e como que inalterável ainda nesta hora, sempre no zênite, cumulado pela plenitude dos astros, mas, junto com estes, ficava emoldurado pela mais profunda noturnidade noturna, configuração da noite, encaixado no escudo da noite, e junto com a multidão das estrelas, refletia-se a partir da negrura de cima no espelho da de baixo; ali, sua imagem duplicava-se, um sol inferior, um zênite inferior, apanhados pelo poço do centro, em cuja profundeza flutuante boiava seu clarão, novamente alçado pelas águas da criação, eco circundado de pretas marés, a diluir-se em fluida simultaneidade. Rosto de estrelas em cima, rosto de estrelas embaixo, e em face do duplo negrume da duplicada cúpula da noite desbotava o verdor das ondeantes plantas, convertendo-se num lívido brilho anfíbio, numa luz própria do vegetal, de modo que este alcançava uma visibilidade quase diáfana, chegando aos últimos estolhos das ramificações e dos emaranhamentos de seu crescer impetuosamente exuberante. Não menos luminosas, não menos visíveis tornavam-se as raízes embaixo da terra e das águas; com a multidão de hastes e galhos, com tudo o que tempestuosamente brotava do solo, formavam em seguida Um único tecido descorado, denso, selvagem, que se estendia por toda a parte da abóbada noturna, arrastando-se em todas as direções, lançando rebentos em todas, enredando-se em todas, e pelo fato de tentarem qualquer uma, ficavam sem direção alguma, quase como o próprio espaço infinito, um emaranhamento etéreo, suspenso em si mesmo e no entanto ainda ansioso de subir, determinado em seu rumo pelo clarão superior, pelo invisível jogo de linhas das estrelas, no qual se acha gravado, como um arquétipo, o invisível, radioso rosto do céu e ao qual todo o eco está sendo levado. Para cima e para baixo crescia então também o poço do centro; ampliava-se para cima e para baixo, alimentado por elementos líquidos, após ter-se tornado diáfano à luz inerente a ele, e que se acendia ao mesmo tempo; convertia-se em vegetal, quase deixando de ser cavidade e mais se parecendo com uma árvore transparente que se ramifique, o eco do sol na profundeza de suas raízes, cingida pela luzente inescrutabilidade do crescimento de plantas e estrelas; e mal reconhecível ficava se existia ainda uma divisa entre planta e estrela, se planta e estrela não começavam já a unir-se no arquétipo, entrecruzando-se o eco da estrela e o eco da planta, crescendo um no outro, fundido um no outro até àquelas espelhentas profundezas, onde os firmamentos superiores e inferiores se tocam sem limites e se articulam para formarem o orbe do mundo.

Visível-invisível era o acontecer dos firmamentos, visível e no entanto irreconhecível... Mas ele, o observador, também ele incluído no crescimento universal, ele, transido de vegetal, transido de animal, igualmente se estendia de firmamento a firmamento, estendia-se através das marés astrais do universo, e estando plantado em plena terra, com raízes animalescas, com caules animalescos, com folhagens animalescas, mantinha-se ao mesmo tempo na mais remota região das estrelas, de modo que a seus pés repousava, com suas raízes entrelaçadas nas sete estrelas, que o formavam, o signo da Serpente muito baixo ao oeste, ao passo que, configurado em seu coração, cintilava em duplo trítono a imagem da Lira, e ultrapassando-a, a imensas alturas, o vértice dele chegava às mais remotas extremidades da cúpula, até à estrela do Oriente, na verdade sem alcançá-la, porém avizinhando-se dela, do astro da promissão, cuja luz provinda do infinito lhe fora companheiro de jornada, para agora converter-se em proximidade imediata, próxima, cada vez mais próxima. Ele mesmo já sem rosto humano, somente copa vidente de árvore, olhava para cima, em direção à estrela, olhava para cima, fitando o semblante do céu, que reunira e transfigurara em si os traços de todas as criaturas – unidos os rostos do homem e do animal; mirava adentro do poço central transparentemente luminoso, portador do sol, dirigido ao sol, do poço que em sua ramaria, com oceânica flutuação, com oceânica trepidez, aprisionava o orbe do mundo para uma futura unidade, e seu próprio coração, aprisionado pelo tremor, encerrado nas ondas do oceano, estremecia também, flutuava também, havia muito já não sendo coração, mas tão-somente lira, transformado em lira, como se de suas cordas siderais devesse finalmente ressoar o prometido, ainda não aquele cântico, mas já o anúncio dele, a hora do cântico, a hora do nascimento e do renascer, a hora, esperada sem espera, da dupla direção, a hora do canto a ser proferido, quando se cerra o círculo, fazendo vibrar a unidade do cosmo num derradeiro alento universal: era preparo, poderoso preparo, poderoso em sua tensão; porém a lira não ressoava, não podia ressoar, não tinha o direito de ressoar, pois a unidade, na qual o ente se ajuntava neste momento, trepidando oceanicamente de firmamento a firmamento, era uma unidade do poder de crescimento vegetal, era unidade do inviolável mutismo vegetal, dominada pela inviolável mudez das estrelas, era inviolável silêncio universal, absolutamente silencioso, apesar da monstruosa força com a qual se produzia a unificação, quando, num derradeiro afã de crescimento, a

vegetação concentrava suas energias num último, extremo empenho de estender-se, à pálida luz de sua potência terrestre, fracamente sacudida pelo esforço, com o qual impelia as copas de sua diafania até à mais distante orla superior da cúpula das trevas, tão irresistível no ímpeto de crescer, tão universalmente avassalador, a tal ponto dominador de céus e astros que também estes, como que se defendendo contra esse assalto, como que rechaçando o vegetal, inflamavam-se numa última intensidade, numa última, chamejante iluminação extasiada do rosto celestial da meia-noite, dirigido ao sol e ordenado por ele; rosto esse, de cuja índole de criatura luzia mais pura do que nunca, mais pura, grande, suave, pia, transfigurada, diáfana a aparência humana, mas, mesmo assim, destinada à extinção, mesmo assim dominável, mesmo assim para sempre dominada, superada pela força sugadora dos abismos nos quais se afundam as lívidas, tenebrosas raízes; e esvanecia-se o semblante celeste, recoberto pelo etéreo matagal, esvaneciam-se os astros, um após outro, esvaneciam-se em seu próprio reflexo, que era levado até eles, acolhidos num enlace a consumar o duplo desaparecimento; contudo, inextinguível na extinção, não se perdia nenhuma luz de estrela, cada qual continuava subsistindo, imperecedoura embocava no triunfante esplendor peculiar do vegetal, uma luz após outra a precipitar-se na contraluz, para emprenharem-na, até que alcançassem desmedida e sempre crescente intensidade; mais e mais se condensavam, aumentando e aumentando, até que o próprio sol se atirasse em direção à sua imagem espelhada, sendo apanhado pelas transparentes labaredas da ramaria do poço dos mundos; também ele esvaía-se no reflexo, sumia com este na galhada do olmo central, faiscante ao alto, e que por um instante, pelo breve instante da queda, desdobrara-se na plenitude pomposa de sua extensão no firmamento, e de sua copa, firmamento por firmamento, pendiam frutas douradas pelo sol; em seguida, porém, tudo se dissipava, como num mudo suspiro, perecendo com suas estrelas e com as estrelas refletidas, com seu sol e o eco dele, desaparecido no pálido clarão universal do mundo vegetal, que, saturado de estrelas, enchia o céu. Fora alcançada a divisa do vegetal; a expansão do crescimento cobria todos os céus; a multidão de astros tinha sido incorporada; o poço central, que ali manara, propiciando vida, ficara seco e se dissolvera em fria luminosidade; estava ultrapassado o apogeu. E o mundo vegetal, exausto pelo imenso esforço de seu impulso, sem fôlego após a sua derradeira fulguração, exalava a si mesmo em mudos suspiros; qual pálida moita de luzes, pendia nas trevas,

visível através delas, posto que não "as iluminasse, mas, com o esgotamento de sua força expansiva, extenuava-se também seu brilho; grau por grau, sua claridade era cedida à escuridão, infinitamente evaporada e diluída na sua segunda imensidade, assim como o poço do cosmo e a ramada universal se haviam evaporado no infinito; e com enfraquecida, murcha visibilidade, definhava nas trevas o clarão vegetal, ressumando na escuridão. Tênebras primordiais dominavam o que ainda existia; o ser estava abandonado a elas e à sua mudez, confiado a elas; apagado fora seu alento vegetal e já não o atravessava nenhuma luz de plantas ou estrelas; imota, adejava a balança do tempo, sem sopro, quieta em seu equilíbrio, e no negrume, que nenhum hálito percorria, o interior e o exterior, ambos rodeados de mutismo primevo, suspendiam a respiração. Projetada na sombra do infinito, embora ainda não confundida com ela, palpitava a noite original, posto que por ora não se tratasse da noite definitiva; por demais perceptível desprovido prosseguia essa escuridão, para que não guardasse em si o seu próprio oposto, à maneira de tudo quanto os nossos sentidos providos prosseguiados podem captar, prosseguiados ainda que as marés do céu, ainda que as marés do coração já estivessem mortas para sempre, filtrava-se novamente através das trevas uma mancha luminosa, como se tivesse prosseguiados conservado em si o pálido clarão das plantas e das estrelas, unidas de modo muito essencial , pois planta e estrela têm seu substrato comum, primordialmente pétreo e prenhe de trevas –, e uma vez mais recuavam as tênebras, entregavam o espaço a uma indefinida claridade, que se assemelhava a um dia, sem ser dia, e no entanto era mais do que apenas dia; desdobrava-se ela sobre o ente, sem nenhum alento astral, sem nenhum alento vegetal, sem nenhum alento animal, dia cósmico, desprovido de alento. Em noturna negrura, sob a luz dos mundos, que não lançava sombra alguma, estendiam-se as águas imóveis, sem refletirem nenhum sol; noturnamente lívidas, altas como montanhas, as florestas das raízes, que não haviam recuperado seu verdor, encobriam, infindas, o imenso campo da terra e definhavam. Ele, porém, despojado de sua semelhança com animais, despojado de sua semelhança com plantas, estava feito de barro e terra e pedra, alto, como uma montanha, uma torre disforme, desfigurada, desprovida de quaisquer membros, torre de barro, gigante de pedra informemente poderoso, informemente elevado e todavia carente de dimensões, em confronto com o imenso escudo da terra, que, sob o escudo do céu – ósseos e córneos o escudo tanto como o contra-escudo –,

abobadava-se diante dele, a área imensa do escudo terreno, cuja rochosidade óssea seus pés calcavam; não, ele era impelido, era carregado por cima dela, ele, o petrificado, sem rosto; entretanto, intuitivamente enxergava à luz atrás do escudo da abóbada celeste, enxergava-a, já que a estrela da manhã, tocada por seu vértice, imergira na sua testa rochosa sob a forma de um olho, de um terceiro olho acima dos dois outros, que, cegos como pedras, estavam cravados na rocha; achava-se acima deles, como olho vidente, divino, dotado da faculdade de distinguir, e no entanto ainda um olho humano. Mais e mais ralas se tornavam as gigantescas matas, mais e mais lasso o caos da sua rama anfíbia, mais e mais flácidos os troncos ressequidos; encolhendo-se, voltavam ao solo, do qual outrora haviam brotado em impetuoso crescimento, já mortos, enquanto murchavam; e quando assim o diáfano vegetal mergulhara, murcho, inteiramente na terra, de modo que nada mais sobrava a não ser a mais desnuda pedra estendida até aos confins dos mundos, quando as raízes até às derradeiras fibras transparentes estavam devoradas pela pedra, novamente se fez escuridão no espaço do cosmo, voltou a converter-se em noite, noite universal, carente de alento, privada de alento, desprovida de alento, que já não era noturna e já era mais do que noturna, terrível, embora não atemorizante, monstruosa no poder da crescente plenitude das suas trevas. Isso se realizava sem duração nem tempo, sem alteração, posto que ainda não definitivo, ainda sendo algo que se pudesse avistar e sentir, mas já ultrapassando os limite_a visão e dos sentidos, mais além de noite e não-noite; e enquanto isso ocorria, percebia ele que se dissolvia tudo o que era sólido e durável, que o solo se afundava sob os seus pés, mergulhando na imensidão, mergulhando no olvido, na infinidade do olvido, na sua infinita flutuação recordada sem recordação, e que acasala a cópia com a imagem original, fundindo-as numa unidade, e flutuando retransforma em líquido as trevas terrenas,... espelho celeste e espelho marinho fundidos num único ser, terra que se torna luz! E como líquida luz, após uma imponderável pausa de eternidade, o que sumira foi devolvido pelo infinito à cúpula do céu, e a cúpula voltou a ser luz; mas a devolução não se converteu em lembrança; pedra e terra continuavam esquecidas, continuava esquecido o elemento que ele percorrera e do qual fora plasmado, e a informidade de sua figura gigantesca permanecia em sua transparência tão intangível como a luz, tão intangível como a líquida cúpula dos mundos que o rodeava, a mais diáfana sombra: ele constava, somente de um olho, do olho encravado em sua testa. Assim adejava entre

os espelhos líquidos, adejava no espaço entre as líquidas brumas luminosas das alturas e a líquida flutuação das profundezas, e a luz da eternidade oculta atrás da névoa espelhava-se nas águas, criando unidade, sustentando unidade. Suave era a maciez da cerração, suave a maciez do Buxo das águas, ambas ligadas pela brandura da luz, e. ele tinha a impressão de que era uma enorme mão aquela que o carregava, qual nuvem, através dessa penumbra duplamente suave, através dessa existência duplamente suave, maternal em sua maciez, paternal em sua quietude, aquela mão que o abraçava e levava adiante, mais e mais longe, eternamente. E neste instante, como para fundir numa unidade ainda mais íntima. a suave unidade das esferas superior e inferior, como para eliminar a derradeira separação dos líquidos de cima e de baixo, começou a cair a chuva. Inicialmente não passava de uma garoa; em seguida tornava-se cada vez mais densa, e finalmente chegou a ser uma única torrente d'água, que se abatia através do espaço, quase lenta em sua envolvente maciez, na sua brandura de trevas formidável como o infinito, tão envolvente, tão torrencialmente onipresente que já não era possível saber se as vagas se precipitavam para cima ou para baixo, a escuridão tornara-se total, total a unidade, na qual não há nem rumo nem princípio nem fim. Unidade! Interminável unidade, que nem sequer findava, quando a escuridão se consumara inteiramente e mais uma vez ressumava dela a luz; pois, isso aconteceu agora: em meio às trevas, o teto da cúpula celeste fora removido, como por um suave golpe, um suave sopro; subitamente se abrira, na plenitude de prodigiosa luminosidade; parecia-se com um só astro grande na redondez do céu, e no qual se espelhava o olho dele; encontrava-se ao mesmo tempo em cima e embaixo, céu interior e exterior, simultaneamente, limite íntimo e extremo, simultaneamente, encerrando o cristal da unidade, em cuja diafania se reunira toda a umidade. Eis que o esplendor cristalino se convertia em totalidade do universo, eis que a totalidade do celestial e do terrenal ficava encerrada na radiação do cristal, infinitamente imperdível na infinita refração e no infinito reflexo; pois, o fulgor original era a totalidade do ser, a luzir primevamente num único brilho existencial, e era início e fim e reinício, cristalino êxtase do semblante sideral. Mas, onde nesse universo estava seu próprio rosto? .. Já o acolhera o cristalino recipiente das esferas, ou achava-se ele num nada, distanciado de qualquer interior e exterior? ... Existia ele ainda de alguma forma, já que não mais adejava e mão nenhuma o segurava?… Ah, sim, ele existia, pois olhava, existia, pois aguardava;

mas seu. olhar, enlevado, projetara seus raios na irradiação, era ao mesmo tempo a substância cristalina, e sua espera, a esperançosa saudade da mão sustentadora, que devesse tanger as cordas da transparência integral e fizesse vibrar o coração do universo, o coração da espera e de quem esperava, essa espera sem espera era também a espera do próprio cristal, a consciência que este tinha de seu crescimento, o cristal que conscientemente deseja desenvolver-se até à mais completa quietude da respiração, a tal ponto desejo do cristal, a tal ponto pré-eco do futuro canto das esferas, a tal ponto pré-eco do éter que a luz irrompia uma vez mais na escuridão, num derradeiro incendimento do cosmo, num derradeiro incendimento da criação, mas, ao mesmo tempo, abria-se novamente à escuridão, ambas fundidas – em queda e contra-queda – numa unidade que já não era cristal, senão apenas a mais obscura irradiação, já não uma peculiaridade qualquer, nem sequer a do cristal, e sim a própria ausência de peculiaridades, o não delimitado abismo dos mundos, a matriz de todas as qualidades essenciais; descerrara-se o núcleo da estrela, o centro do anel: o nada procriador, descerrado ao olhar de quem não tem olhar... a vidente cegueira.

Eis que lhe foi permitido volver-se, eis que lhe veio a ordem de volver-se, eis que alguma força o fez volver-se.

Diante de seu olho que recomeçava a ver, mais uma vez se transformava infinitamente o nada, convertendo-se no que é e que foi; infinitamente voltou a ampliar-se, para formar. o círculo dos tempos, para que o círculo, após ter-se tomado infinito, novamente se cerrasse; infinita a redondez do céu, infinita a cúpula celeste, que outra vez se abobadava ali, infinito o imenso escudo do mundo, bordeado pelo arco de sete cores em infinita recordação. Mais uma vez surgiam luz e trevas, mais uma vez dia e noite, mais uma vez noites e dias, e mais uma vez o infinito se coordenava segundo a altura, a largura e a profundidade; as regiões do céu definiam-se de acordo com suas quatro direções ilimitadas; havia as de cima e as de baixo, nuvem e mar; e em meio ao mar erguia-se mais uma vez a terra, a ilha verde do mundo, coberta de plantas, coberta de pastagens, a mutação dentro do imutável. Nascia o sol a caminho da redondez, e noturnas, seguiam-no as estrelas, dilatando-se até ao Pólo Norte, em cujo centro sem astros trona a Justiça, a segurar a balança, iluminada pela fúlgida cruz setentrional. E à luz matinal, águias e gaivotas atravessavam as alturas do éter, adejavam ao redor da ilha, e os delfins emergiam, a fim de escutarem o

mudo canto das esferas. Do Ocidente vinha um cortejo de animais, que iam ao encontro do sol e dos astros, iam ter com eles, animais da selva e animais dos campos, unidos pacificamente, sem conflito, o leão e o touro, o cordeiro e a cabra com seu túmido úbere; todos eles rumavam em direção ao Oriente, à procura do pastor oriental, almejando o semblante humano. E este se tornava visível no centro do escudo dos mundos, na sua mais infinita profundeza; lá se tornava visível em meio às existências e moradas infinitamente humanas, visível pela última e todavia também pela primeira vez: a paz sem conflito, o semblante humano na paz sem conflito, visível na imagem do menino nos braços da mãe, unido com ela no triste sorriso do amor. Esta era a visão que se lhe descortinava; assim avistava ele o menino, assim avistava à mãe, e ambos lhe eram tão extremamente familiares que quase se sentia capaz de chamá-los pelo nome, na verdade sem saber esses nomes; mais familiar, porém, do que o rosto e o nome perdido era o sorriso, que ligava a criança e a mãe, e parecia que nele já se achasse contido todo o significado do infinito acontecer, como se nesse sorriso se anunciasse a lei plena de sentido,... a terrível e branda magnificência da sina humana, engendrada pelo Verbo e revelando, já no ato da procriação, o significado do Verbo, o conforto do Verbo, a graça do Verbo, a intercessão do Verbo, a força redentora do Verbo, a faculdade legisladora do Verbo, o renascimento do Verbo, expressada e exprimível uma vez mais nas imagens terrenas, certamente insuficientes, mas que são as únicas acessíveis às atividades e vivências humanas, a sina do homem anunciada, conservada, repetida para sempre nessas imagens. Em amoroso entendimento, o Verbo acolhia em si a saudade do coração e a do pensamento numa grande comunhão; convertia-se a si mesmo na não-frustração da sua necessidade, acolhendo a saudade do hóspede para que este se tornasse filho, após ter cumprido sua tarefa. Atraídos desse modo pela invocação do Verbo, os regatos e os rios começavam a murmurar; a rebentação, com suave bramido, golpeava a praia; levianos, azuis-ferrete, intumesciam os mares agitados pelos ínfimos fogos meridionais, e tudo se via ao mesmo tempo, numa profundidade simultânea, tornava-se perceptível num e no mesmo instante, pois, ao volver-se em direção à infinidade outrora deixada atrás, enxergava ele através dela a imensidão do aqui e do agora, olhava ao mesmo tempo para a frente e para trás, escutava para a frente e para trás, e o bramido d'antanho, submerso na invisibilidade olvidada, remontava ao presente, fazia-se flutuante simultaneidade, na qual repousa o eterno, imagem primordial de

todas as imagens. Então estremeceu ele, e grande foi seu calafrio, tão definitivo que quase parecia bondoso, já que se cerrara o anel dos tempos e o fim era início. Esvaíra-se a imagem, haviam sumido as imagens, porém, conservando-as invisivelmente, persistia o bramido.

Manante fonte do centro, luzindo invisivelmente na imensa ânsia de saber: o nada enchia o vácuo e tornava-se universo. O bramido persistia, ressoando da fusão da luz com a escuridão, ambas revoltas pelo som que se encetava; pois só agora, aquilo começava a ressonar, e o ressono era mais do que canto, mais do que a vibração de uma lira, mais do que qualquer som, mais do que qualquer voz, por ser tudo isso junto e simultaneamente, irrompendo do nada e do todo, irrompendo sob a forma de um entendimento mais elevado do que toda a inteligência, irrompendo como significado superior a toda a compreensão, irrompendo como o Verbo puro que era e que transcendia entendimentos e definições, quaisquer que fossem, definitivo e incipiente, formidável e imperioso, atemorizante e protetor, doce e estrondoso, a palavra da discriminação, a palavra do juramento, o Verbo puro; assim chegava, bramindo, assim passava por cima dele, incrementando-se, tornando-se cada vez mais forte, tornando-se tão avassalador que nada lhe podia resistir; o universo dissipava-se ante o Verbo, diluído e anulado no Verbo, porém contido e conservado no Verbo, aniquilado e recriado para todos os tempos, porque nada se perdera, porque o fim se ajuntava ao começo, renascido, voltando a procriar; o Verbo pairava por cima do universo, pairava por cima do nada, pairava mais além do exprimível e do não-exprimível, e ele, sobrepujado pelo bramido do Verbo e circundado pelo estrondo, ele adejava junto com o Verbo; mas, quanto mais este o envolvia, quanto mais ele penetrava nesse mar de ressono, que, por sua vez, o penetrava, tanto mais inatingível e grande, tanto mais ponderoso e esquivo se tornava o Verbo, um mar em adejo, um fogo em adejo, pesado como o mar, leve como o mar, e no entanto continuando a ser Verbo: ele não podia retê-lo, não tinha o direito de fazê-lo; inconcebível e inefável era para ele o Verbo, que se mantinha mais além da linguagem.

Apêndice - Fontes

Fontes

As fontes históricas sobre a vida e obra de Virgílio não são muito abundantes. É escusado dizer que esse material foi utilizado em A Morte de Virgílio. Na maior parte, trata-se de obras clássicas, bastante conhecidas, e por isso não há necessidade de uma bibliografia.

Parece-me, porém, interessante dar um exemplo das lendas que se formaram na Idade Média em torno da figura de Virgílio:

"PÚBLIO VIRGíLIO MARÃO descendia de família modesta, especialmente no que se refere a seu pai, que, segundo certos historiadores, foi oleiro; a maioria conta que ao começo ele era servente remunerado de um viajante de nome Mago, e, em virtude de sua aplicação, logo chegou a ser genro de seu amo. Quando o sogro o encarregou da administração de suas plantações e culturas tanto como dos seus rebanhos, o patrimônio cresceu devido à aquisição de bosques e à apicultura.

Ele (Virgílio) nasceu nos idos de outubro na aldeia de Andes, não longe de Mântua.

Sua mãe Maja sonhou durante a gravidez que subia num galho de loureiro e via como este, ao tocar a terra, criava raízes e crescia como uma árvore plenamente desenvolvida com diversas flores e frutas. Quando, na manhã seguinte, em companhia do marido, encaminhava-se a uma região vizinha, saiu da estrada e deu à luz. Narra-se que a criança, ao nascer, não lamuriava e tinha um rosto tão meigo que já a essa altura certamente se podia augurar-lhe um destino favorável. Sobreveio, no entanto, ainda outro presságio. Um rebento de álamo, que, segundo os costumes locais, fora plantado no mesmo local depois do parto, enraizou-se tão rapidamente que em breve alcançou a altura de álamos plantados muito antes. Por isso, foi denominado "árvore de Virgílio" e considerado santuário das futuras mães, que lá faziam e cumpriam votos.

Ele passou a primeira infância, até à idade de sete anos, em Cremona. E aos dezessete anos recebeu a toga viril. Isso aconteceu no mesmo dia em que faleceu o poeta Lucrécio.

Mas Virgílio foi de Cremona a Milão e dali, pouco depois, a Nápoles. Após ter estudado ali com todo o empenho as ciências grega e latina, dedicou em seguida sua maior atenção e toda a sua diligência aos estudos de medicina e matemática.

Quando nessas matérias superava a todos os outros, com relação ao saber e à experiência, dirigiu-se a Roma, e depois de ter conquistado a amizade do estribeiro do Augusto, logo curou lá numerosas e diversas

enfermidades que acometiam os cavalos. E, poucos dias após, aquele ordenou que se desse pão a Virgílio, como recompensa, como se este fosse um dos cavalariças.

Nesse meio-tempo, os habitantes de Crotona enviaram ao César como presente um potro de extraordinária beleza, que, na opinião de toda a gente, justificava quaisquer esperanças, quanto à sua força e enorme velocidade. Quando Virgílio o viu, disse ao estribeiro que o animal fora gerado por um garanhão doente e nunca seria nem vigoroso nem veloz. E verificou-se que também isso estava certo. Quando o estribeiro comunicou o fato ao Augusto, este mandou dobrar o salário de Virgílio.

Em outra ocasião, quando o Augusto recebera de presente uns cães espanhóis, Virgílio julgou-os corajosos e velozes. Quando o César soube disso, novamente mandou duplicar o salário de Virgílio.

O Augusto não sabia se era filho de Octávio ou de outrem, e cria que Virgílio o pudesse esclarecer a esse respeito, uma vez que reconhecera a qualidade dos cães e dos cavalos, como também a progênie deles. Chamou-o a uma peça remota da sua casa, onde estivessem a sós, e perguntou-lhe se sabia quem era e que possibilidades teria de tornar felizes os homens.

- Eu sei - disse Marão - que tu, ó César Augusto, tens quase o mesmo poder que os deuses imortais e poderás, se quiseres, propiciar a felicidade.

– Tenho a intenção – replicou o César – de fazer-te muito feliz, se responderes fielmente às minhas perguntas.

– Oxalá – disse Marão – possa eu responder fielmente a tuas perguntas!

– Todos acham – disse então o Augusto – que sou filho de outro homem.

Marão contestou, sorrindo: – Sem nenhuma dificuldade, hei de responder a tua pergunta, se deres ordem para que fale livre e impunemente, assim como penso.

O César jurou que não levaria a mal o que quer que fosse e, pelo contrário, não o deixaria afastar-se, antes de receber a explicação.

Então Marão se pôs a falar, com os olhos fixos nos do Augusto: – "É mais fácil reconhecer, através da matemática e da filosofia, as qualidades dos progenitores nas demais criaturas. Com relação ao homem, isso não é

possível. Mas, a respeito de ti, tenho uma suposição que muito se assemelha à verdade, de modo que talvez se possa saber quem foi teu pai.

O Augusto esperou atentamente o que lhe explicaria Virgílio.

E este continuou: – Ao que posso julgar, és filho de um moleiro.

O César pasmou–se e logo procurou saber como isso poderia ter ocorrido.

Virgílio interrompeu-o, dizendo: – Escuta como cheguei a essa conclusão. Quando anunciei e predisse certas coisas que somente os mais sábios e os mais experientes entre os homens podem saber, tu, Ó Senhor do Mundo, ordenaste sempre e sempre que me dessem pão como recompensa. Esse é o jeito dos moleiros e de seus filhos.

O César gostou da explicação.

– Mas, desta vez – tornou –, receberás finalmente presentes não de um moleiro e sim de um rei generoso.

Estimou-o muito.

Virgílio era de imponente estatura, tez escura e aparência rústica, porém de saúde inconstante, pois freqüentemente sofria de dores de cabeça e garganta; amiúde escarrava sangue. Comia parcamente e bebia apenas pouco vinho.

Afirmava-se a seu respeito que tinha paixão pelos meninos. Mas a gente boa acredita que ele amava os meninos assim como Sócrates amou a Alcibíades e Platão a seu garoto. Porém, entre todos, dedicou o mais caloroso amor a Cebes e a Alexandre. Este último aparece na Écloga Bucólica sob o nome de Aleixo. Ambos lhe foram dados por Asínio Polião, e ele não os deixou sem instrução: Aleixo tornou-se gramático e Cebes poeta.

Consta que amou a Plócia Hiéria. Porém Ascânio assevera que o próprio Virgílio costumava contar posteriormente a seus discípulos que Vário o incitara a manter relações íntimas com a mulher, mas pretendia ter-se negado obstinadamente a fazer isso.

Passa, aliás, por certo que ele se comportou na sua vida, nas suas opiniões e nas suas atitudes com tanta retidão que em Nápoles geralmente o apelidavam de "Parthenias". E sempre que estivesse em Roma, aonde ia só raras vezes, costumava ocultar-se daqueles que o seguiam, refugiando-se na casa mais próxima.

Quando o Augusto lhe oferecia os bens de um desterrado, insistia Virgílio em não aceitá-los. Tinha uma fortuna de aproximadamente dez

milhões de sestércios, graças à generosidade de seus amigos, e possuía uma casa em Roma, sobre o Esquilino, perto dos jardins de Mecenas. Mesmo assim, dava preferência à solidão da Campânia e da Sicília. Tudo quanto solicitou do Augusto sempre lhe foi concedido.

Entre os estudos que mencionamos anteriormente, prosseguiu dedicando à medicina e sobretudo à matemática seu maior interesse.

Esta lenda, cujas origens remontam sem dúvida a fontes medievais, como indica inequivocamente o latim monacal do texto, foi encontrada pelo autor numa edição alemã da Eneida do século XVII. As anotações relativas às particularidades da edição (tradutor, ano e lugar de publicação) extraviaram-se, quando o autor fugia da Alemanha nazista, e ele não conseguiu por enquanto identificá-la em bibliotecas norte-americanas[1]. O texto apresentado provém de uma folha que casualmente se conservou, e não pôde portanto ser conferido .

Mas, segundo as recordações do autor, deve ser absolutamente correto.

* *

A Morte de Virgílio contém, aproximadamente, cem passagens de poemas virgilianos. Em sua maioria, estão incorporados na narrativa como tal, mas algumas aparecem sob a forma de citações distintas. Dessas, sejam indicadas as mais importantes:

P. 152 Fácil é o caminho que desce ao Hades, e sempre encontras abertos... *Eneida* VI, 126/52

P. 171 Mas as mulheres ciconianas, que o vate rejeitara por amor à defunta, despedaçaram-no ... *Geórgica* IV, 520/27

P. 184 E espumam as ondas do mar, revoltas pelos golpes dos remos... *Eneida* VIII,689/90

Pp.207-209 Tudo a seu redor atraía o espírito e os olhares, grave de passado... *Eneida* VIII, 310/69

P.252 Estendidos à beira-mar, na areia seca, restauramos os corpos fatigados… *Eneida* 111,510/11

P. 266 Nunca mais cantarei canções, e já não sou vosso protetor. . . *Écloga* I

P.272 Novamente brota de jovens linhagens uma ordem sublime…. *Écloga* IV

P.276 Duas são as portas dos sonhos: se foi verdadeiro o sonho… *Eneida* VI,893/901

P.286 Hoje, de modo algum me escapas; aonde quer que dirigires teu chamado, aparecerei. .. *Écloga* III

P.296 Tudo quanto outrora cantava Apolo e ouvia Eurotas, cheio de felicidade. . . *Écloga* VI

P.309 Que seja agora o lobo quem fuja das ovelhas, que o duro carvalho. . . *Écloga* VIII

P.319 A praia de Accio, glorificada por jogos troianos... *Eneida* III, 280

P.321 Vê no centro do escudo a batalha de Accio, a multidão de navios… *Eneida* VIII,675/688

P.327

P.349 ... magnificência do Eão. . . *Écloga* IV

P.371 Ah, Lúcifer, que banha as vagas do oceano... *Eneida* VIII, 589/591

P.372 Até o luminoso globo da lua, até mesmo os fogos do sol… *Eneida* VI, 725/27

P.393 De ti, novo astro cingido de lentas luas, lá, onde a órbita de Erígona. . . *Geórgica* I, 32/35

P.393 No céu reina Zeus, o atroador, mas na terra és tu, ó Augusto, o deus visível… Citação de Horácio, *Carmina* III, 5

P.406 Vê o César ali e toda a estirpe juliana, a subir à alta abóbada do éter. . . *Eneida* VI, 789/800

P.425 Olha, a estrela está subindo, o astro de Enéias, o que pertence ao César. . . *Écloga* IX

[1] A fonte citada por Broch é uma contaminação de trechos da *Vita Suetonii* e do *Donatus auctus*. (N. do T.)

[2] A fonte citada por Broch é uma contaminação de trechos da *Vita Suetonii* e do *Donatus auctus*. (N. do T.)

Table of Contents

1. Capa
2. Contra-capa
3. Dados Editoriais
4. Entrada no Alumbramento

5. Dedicatória

6. Epígrafe

7. I Água - A chegada

8. II Fogo - A descida

9. III Terra - A expectativa

10. IV Éter - O retorno

11. Apêndice - Fontes

12. Fontes

Landmarks

1. Cover
2. Dedication
3. Foreword
4. Chapter
5. Chapter
6. Chapter
7. Chapter
8. Preface
9. Chapter
10. Chapter
11. Chapter

Table of Contents

Contra-capa
Dados Editoriais
Entrada no Alumbramento
Dedicatória
Epígrafe
I Água - A chegada
II Fogo - A descida
III Terra - A expectativa
IV Éter - O retorno
Apêndice - Fontes
Fontes